

MARGARETH WEIS & TRACY HICKMAN

Asa de Dragão



Tracy Hickman
2010

Ciclo da Porta da Morte

ASA DE DRAGÃO

Margareth Weis – Tracy Hickman

Título original:
Dragão Wing (Volume 1 The Death Gate Cycle)

© 1990 by Margaret Weis and Tracy Hickman
Published by arrangement with Bantam Books, a division of
Bantam Doubleday DELL Publishing Group, Inc., New York.
© Grupo Editorial Ceac, S A 1991

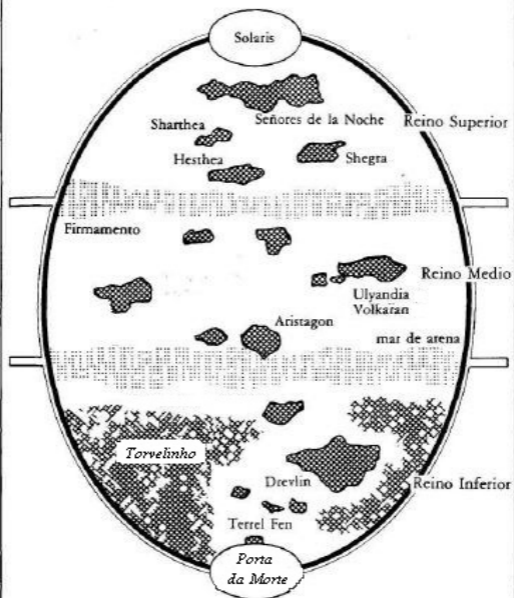
Dedico esta obra memória de minha mãe, Frances Irene Weis
Margaret Weis

A Dezra e Terry Phillips por tudo que compartilhamos
Tracy Hickman

“A única prisão
que pode encerrar à alma
somos nós mesmos.”

Henry Van Dyke

O mundo de Ariano



Reino Medio de Ariano



Islas Volkaran

conglomerado de Ulyndia

4.000 MenKarlas Rydai



5.000 MenKarlas Rydai

Ulyndia

PRÓLOGO



Fique tranquilo, Haplo. Entre e acomode-se. Sente-se. Entre nós não é necessário formalidades. Deixe-me encher sua taça. Bebamos o que em outros tempos chamávamos de a taça do estribo, um brinde pela longa viagem que você vai empreender. Gosta do vinho? Ah! Meus poderes são muitos e diversos, como sabe, mas começo a pensar que só o passar do tempo, e não a magia, pode produzir um bom vinho. Ao menos, isso é o que ensinam os livros antigos. Não duvido que nossos antepassados estavam certos a respeito disso, por muito equivocados que estivessem em outras coisas. Sinto falta de algo nesta bebida: um calor, um sabor antigo que só o tempo proporciona. É muito áspera, muito agressiva; duas qualidades que combinam com os homens, Haplo, mas não com o vinho.

— Então, está preparado para a viagem? Tem alguma necessidade ou desejo que possa satisfazer? Diga e o terá. Não há nada? Ah! Realmente o invejo. Meus pensamentos estarão contigo em todo instante, acordado ou dormindo. Outro brinde. A você, Haplo, meu emissário a um mundo tão crédulo! E assim deve continuar: crédulo e sem receios. Sei que já falamos sobre isso, mas vou insistir uma vez mais. O perigo é grande. Se nossos antigos inimigos tiverem o menor indício de que escapamos da sua prisão, moverão terra, mar, sol e céu — como já fizeram no passado — para frustrar nossos planos. Farçam sua presença como esse cão fareja os ratos, mas não permita nunca que cheirem o menor rastro de sua existência.

— Deixe-me encher sua taça para mais um brinde. Este, pelos sartan. Hesita em beber? Vamos, insisto. Sua raiva é sua força. Use-a: ela lhe dará energia. Assim...

— Pelos sartan. Eles nos fizeram o que somos. Qual sua idade, Haplo? Não tem ideia? Já sei: o tempo não tem sentido no Labirinto. Deixe-me pensar... A primeira vez que te vi, parecia rondar os vinte e cinco anos. Uma longa vida para os habitantes do Labirinto; uma longa vida, que quase tinha chegado a seu final.

— Se bem recorde esse momento, faz cinco anos. Disponha-me a entrar de novo no Labirinto quando você emergiu dele. Sangrando, quase incapaz de caminhar, agonizante. Mas me olhou com uma expressão que nunca esquecerei: uma expressão de triunfo. Tinha escapado, tinha vencido. Apreciei aquele ar triunfal em seus olhos, seu sorriso exultante. Logo, caiu a meus pés. Foi essa expressão o que me atraía a você,

querido rapaz. Eu senti o mesmo quando escapei desse inferno há tanto tempo... Eu fui o primeiro que saiu dele com vida.

— Há séculos, os sartan quiseram conter a nossa ambição dividindo o mundo que nos pertencia por direito e nos jogando em sua prisão. Como bem sabe, o caminho para sair do Labirinto é comprido e tortuoso. Levou séculos resolver o quebra-cabeças de nossa terra. Os livros antigos dizem que os sartan imaginaram esse castigo com a esperança de que o tempo e o sofrimento moderassem nossa desmedida ambição e nossa natureza cruel e egoísta.

— Deve se recordar sempre do seu plano, Haplo. Isso lhe dará a força necessária para cumprir o que te pedi. Os sartan chegaram a convencer-se de que, quando emergíssemos do Labirinto, estaríamos dispostos a ocupar nosso lugar em qualquer dos quatro reinos que escolhêssemos. Mas algo saiu errado. Possivelmente descobrirá o que aconteceu quando penetrar na Porta da Morte. Pelo que pude decifrar dos livros antigos, parece que os sartan deveriam ter controlado o Labirinto e mantido em ordem sua magia mas, com alguma intenção malévola ou por alguma outra causa, esqueceram sua responsabilidade como zeladores de nossa prisão. Então, a prisão ganhou vida própria; uma vida que só conhecia uma coisa, a sobrevivência. Assim, o Labirinto chegou a nos considerar, seus prisioneiros, como uma ameaça. Depois de que os sartan nos abandonaram a nossa própria sorte, o Labirinto, movido pelo medo e o ódio que nos tinha, tornou-se letal.

— Quando por fim consegui escapar, descobri o Elo, essa bela terra que os sartan tinham destinado para que nos instalássemos. E encontrei os livros. Incapaz de interpretá-los à princípio, esforcei-me em estudá-los e logo descobri seus segredos. Li sobre as “esperanças” dos sartan a nosso respeito e pus-me a rir. Foi a primeira e única vez na vida que ri. Você me compreende, Haplo. Sabe que no Labirinto não há alegria. Mas voltarei a rir quando se cumprirem meus planos, quando os quatro mundos separados — os mundos do Fogo, da Água, da Pedra e do Ar — voltem a ser um. Sim, nesse dia rirei muito. É hora de ir. Você teve muita paciência com as divagações de seu amo. Outro brinde. A você, Haplo.

— Assim como eu fui o primeiro a sair do Labirinto e penetrar no Elo, que você seja o primeiro a cruzar a Porta da Morte e percorrer os mundos mais à frente. O Reino do Ar. Estude-o a fundo, Haplo. Observe a sua gente. Investigue seus pontos fortes e suas debilidades. Faça tudo que puder para semear o caos no reino, mas seja sempre discreto. Mantenha ocultos os seus poderes. Acima de tudo, não faça nada que atraia a atenção dos sartan porque, se nos descobrirem antes que tenha terminado meu plano, estaremos perdidos.

— Antes a morte que nos trair. Sei que tem a disciplina e o valor necessários para tomar essa decisão, Haplo, mas o mais importante é que dose os recursos e a astúcia suficientes para fazer desnecessária tal decisão. Por isso o escolhi para esta missão.

— Encomendo-te, além disso, outra tarefa. Traga-me desse mundo alguém que me sirva como discípulo. Alguém que depois retornará para ensinar a palavra, minha palavra, ao povo. Não me importa sua raça, elfo, humano ou anão, mas assegure-se que seja inteligente, ambicioso... e dócil. Em um texto antigo encontrei uma analogia muito adequada. Você, Haplo, será a voz que grita no deserto.

— E, agora, um último brinde. Fiquemos de pé para beber. Pela Porta da Morte. “Prepare o caminho.”

CAPÍTULO 1



PRISÃO DO YRENI, DANDRAK, REINO MÉDIO

Pelo terreno desigual de coralita avançava bamboleando e saltando uma carroça de tosa construção cujas rodas de aros de ferro tropeçavam com todos os buracos e saliências do que deveria ser um meio-fio. Um tiero^[11] cujo fôlego formava nuvenzinhas de vapor no ar gelado puxava o carro. Era preciso um homem para guiar à teimosa e imprevisível ave enquanto outros quatro, colocados de ambos os lados do veículo, o empurravam e puxavam. Uma pequena multidão, procedente das casas de campo dispersas, reuniu-se em frente a prisão de Yreni com a intenção de escoltar a carroça com sua carga vergonhosa até as muralhas da cidade do Kelith, onde uma multidão muito mais numerosa aguardava sua chegada.

O dia chegava ao seu fim. A luminosidade do firmamento começava a desaparecer e os Senhores da Noite foram estendendo lentamente a sombra de suas capas sobre as estrelas vespertinas. A penumbra do anoitecer era adequada para aquela procissão.

Os camponeses, em sua maior parte, mantinham-se a distância do carro. E não o faziam por temor ao tiero, embora se conhecessem casos em que aquelas aves enormes se transformaram repentinamente e tinham lançado uma mal-intencionada bicada em qualquer um que se aproxima-se delas por seu lado cego, mas sim por medo do ocupante da carroça.

O prisioneiro tinha as mãos presas com correias de couro aos lados da carroça, e os tornozelos carregados de pesados grilhões. Vários arqueiros de olhos penetrantes andavam junto ao carro, com as flechas emplumadas prontas para serem disparadas no coração do criminoso se este fizesse o menor movimento suspeito. Entretanto, tais precauções não pareciam causar muito alívio àqueles que seguiam a marcha do carro. A multidão, com ar sombrio e vigilante, tinha o olhar fixo no homem e caminhava atrás do carro mantendo-se a uma respeitosa distância, que aumentava marcadamente quando o homem virava a cabeça. Aqueles camponeses da zona não teriam mostrado mais medo,

mais temor reverencial, se tivessem visto na carroça, preso, um demônio de Hereka.

O mero aspecto do detento era imponente o bastante para chamar a atenção e provocar calafrios. Tinha uma idade indefinida, pois era um desses homens que a vida envelheceu além dos ciclos. Seus cabelos eram negros, sem uma só mecha grisalha, e os usava alisados para trás da cabeça, larga e fugidia, e presos em uma trança na nuca. Um nariz aquilino como o bico de um falcão sobressaía entre suas sobrancelhas escuras e proeminentes. A barba, também negra, formava duas retorcidas tranças, curtas e finas, sob seu queixo robusto. Seus olhos negros, fundos atrás das maçãs do rosto, quase desapareciam sob a sombra das sobrancelhas. Quase, mas não totalmente, pois não parecia haver naquele mundo escuridão capaz de apagar a chama que ardia no fundo daqueles poços.

O prisioneiro era de estatura média; seu torso, nu até a cintura, estava cheio de cortes e contusões, pois resistira à captura como um verdadeiro diabo. Três dos homens mais ousados do oficial jaziam no leito naquele momento, e ali continuariam durante uma semana, pelo menos, recuperando-se de suas feridas. Magro e robusto, o detento mostrava movimentos ágeis, rápidos e silenciosos. As pessoas diriam, por seu aspecto, que era um homem nascido e criado para perambular na companhia da Noite.

Do alto do carro, o prisioneiro se divertia ao perceber como os camponeses se afastavam a cada vez que lhes dirigia. Começou a voltar a cabeça a cada momento para desconcerto dos arqueiros, que não deixavam de lhe apontar suas flechas, com os dedos crispados e nervosos em torno do arco, e dirigiam rápidos olhares ao seu chefe, um jovem oficial de expressão solene, à espera de suas instruções. Apesar do frio daquele entardecer outonal, o oficial suava profusamente e seu rosto se iluminou quando as muralhas de coralita de Kélith, por fim, apareceram à vista.

Kélith era pequena em comparação com as outras duas cidades da ilha do Dandrak. Suas casas e lojas, pouco cuidadas, cobriam apenas um *menka* quadrado. No centro do povoado se elevava uma velha fortaleza, construída com apreciados e poucos comuns blocos de granito, cujas torres mais altas refletiam ainda os últimos raios de sol. Ninguém em Kélith recordava quando nem quem tinha projetado e edificado aquele bastião, cuja história passada tinha ficado obscurecida, pelas guerras que aconteceram por sua posse.

As sentinelas abriram as portas da cidade e abriram caminho para a carroça. Por desgraça, o tiero se assustou ao escutar os grandes vivas que acolheram a entrada da carroça em Kélith e parou bruscamente. O condutor da teimosa ave ameaçou e açulou alternativamente o animal até que este começou a andar de novo e o carro avançou pela abertura da muralha para tomar uma rua de coralita que tinha o grandioso nome de Avenida dos Reis, apesar de ninguém lembrar de que algum rei tivesse posto o pé nela.

Uma grande multidão se juntou para ver o prisioneiro. O oficial gritou uma ordem com voz enérgica e os arqueiros fecharam filas em torno da carroça, apesar de os homens que protegiam a parte dianteira correrem grave risco de receber um bicada do tiero.

Incorajados por seu número, a multidão começou a lançar maldições e levantar os punhos. O prisioneiro os contemplou com desprezo, como se os achasse mais divertidos que ameaçadores, até que uma pedra de cantos afiados voou sobre as laterais da carroça e acertou sua face. O sorriso zombeteiro desapareceu de seu rosto, que se contraiu em uma careta de raiva. Fechou os punhos e saltou impulsivamente para um

grupo de rufiões que tinham encontrado coragem no fundo de uma jarra de vinho. As correias de couro que mantinham o homem preso ao carro se esticaram, os lados do veículo tremeram e estremeçeram, os grilhões de seus pés emitiram um discordante tinido. O oficial gritou uma ordem, elevando o tom de voz uma oitava devido ao medo, e os arqueiros se apressaram a levantar as armas, embora se produzisse certa confusão a respeito de seu objetivo: alguns apontaram no criminoso e outros em quem o tinha atacado.

A carroça, embora tosca, era sólida, e o homem que o ocupava, apesar de aplicar todas as suas forças, não conseguiu romper suas ataduras nem a madeira que as prendia. Abandonou seus esforços e, sob um véu de sangue, observou um dos rufiões cambaleantes.

— Você não se atreveria a fazer isso se eu não estivesse preso — disse.

— Sério? — replicou o jovem com ar zombeteiro e as bochechas vermelhas pelo efeito da bebida.

— Certamente que não — insistiu com frieza o prisioneiro. Seus olhos negros se cravaram no jovem e havia tal selvageria, um ar tão ameaçador em suas pupilas, como brasas vivas, que fizeram o jovem empalidecer e perder o fôlego. Seus acompanhantes, que o animavam com suas vozes tinham retrocedido a uma distância prudente.

O prisioneiro voltou a cabeça para observar um lado da rua, primeiro, e depois o outro. De novo, uma pedra o golpeou no braço e a ela seguiu uma chuva de tomates podres e um ovo fedido que não acertou o criminoso, mas foi se chocar em pleno rosto do oficial.

Os arqueiros, até então dispostos a matar o prisioneiro à primeira ocasião, transformaram-se de repente em seus protetores e voltaram suas armas para a multidão. Entretanto, eram só seis arqueiros contra uma centena de encolerizados seguidores e as coisas pareciam bastante difíceis, tanto para o criminoso como para os guardiães, quando um bater de asas e alguns gritos retumbantes vindos das alturas fizeram a maior parte da multidão fugir.

Dois dragões, conduzidos por cavaleiros armados e protegidos com armaduras, deram uma passada a baixa altura sobre a cabeça dos reunidos, fazendo que se refugiassem nas portas ou se pusessem a correr pelas ruelas. Uma chamada de seu chefe, que continuava voando em círculos no firmamento, os fez voltar à formação. O chefe desceu então, seguido de seus cavaleiros, e as pontas das asas dos dragões salvaram por apenas um palmo os edifícios de ambos os lados da rua. Por fim, com as asas perfeitamente recolhidas aos flancos e agitando suas longas caudas com gesto feroz, os dragões pousaram perto da carroça.

O capitão dos cavaleiros, um homem barrigudo de meia idade que apresentava uma ígnea barba ruiva, levou sua montaria para junto do carro.

O tiero, aterrorizado ante a visão e o aroma dos dragões, agitava-se, e uivava e não deixava de dar saltos de todo tipo, pondo em infinitas dificuldades seu condutor.

— Faça esse maldito animal se acalmar! — grunhiu o capitão.

O condutor do tiero conseguiu sujeitá-lo pela cabeça e fixou seu olhar nos olhos do animal. Enquanto mantivesse o olhar daquela maneira, o estúpido tiero — para o qual não existia nada que não estivesse a frente de seus olhos — se esquecesse da presença dos dragões e se tranquilizasse.

Ignorando o oficial que, gaguejando, agarrou-se ao arnês da cadeira como o

faria um menino perdido ao encontrar sua mãe, o capitão do esquadrão de dragões contemplou com ar severo o prisioneiro ensanguentado e coberto de verduras.

— Parece que cheguei bem a tempo de salvar sua vida miserável, Hugh a Mão.

— Não me fez nenhum favor, Gareth — respondeu o detento com voz lúgubre. Elevou suas mãos algemadas e acrescentou. — Solte minhas mãos e enfrentarei todos vocês, e eles também! — Com um gesto, apontou para as cabeças que ainda apareciam entre as sombras para presenciar a cena.

O capitão dos dragões emitiu um grunhido.

— Tenho certeza que você gostaria. Uma morte assim seria muito mais agradável que a te espera, com o pescoço cortado. Muito mais agradável... muito para alguém como você, Hugh a Mão. Por mim, acabaria contigo com uma navalhada pelas costas, a traição e na escuridão!

O sorriso zombeteiro de Hugh ficou realçado pelo ligeiro bigode negro e se fez claramente visível face à luz mortíça do entardecer.

— Você conhece bem a técnica de meu ofício, Gareth.

— Só sei que você é um assassino e que sua mão trouxe a morte ao meu senhor — replicou o cavaleiro. — Se acabei de salvar sua cabeça, só foi para ter a satisfação de colocá-la com minhas próprias mãos no túmulo de meu senhor. Em tempo, o verdugo se chama Nick Três Golpes, porque até hoje nunca consegui nunca separar a cabeça do pescoço dos condenados no primeiro golpe.

Hugh contemplou o capitão e murmurou em voz baixa:

— Repito uma vez mais que eu não matei seu senhor.

— Ora! O melhor senhor que servi, assassinado por um punhado de barls? [\[2\]](#) Quanto o elfo pagou, Hugh? Quantos barls custará agora devolver a vida de meu senhor?

O cavaleiro piscou para conter as lágrimas e, puxando as rédeas, fez o dragão voltar a cabeça. Aquilo sua montaria logo atrás das asas, e o obrigou a elevar-se do chão e sobrevoar em círculos a carroça. Os olhos de serpente da criatura observavam quem espreitava nas sombras, desafiando-os a ficar em seu caminho. O condutor do tiero piscou por sua vez, com os olhos cheios de lágrimas. O tiero retomou sua preguiçosa marcha e o carro continuou estalando pelo meio-fio.

Era já noite quando o carro e sua escolta de dragões alcançou a cidadela e a residência do senhor do K'elith. O dono do lugar jazia com grande pompa no centro do pátio. Punhados de cristais de carvão empapados de azeites aromáticos rodeavam o corpo. Sobre o peito repousava seu escudo. Uma de suas mãos, fria e rígida, agarrava o punho da espada; a outra sustentava uma rosa que sua esposa enferma tinha depositado nela. Ela não se encontrava junto ao corpo, estava na cidadela, sob os potentes efeitos de uma poção para dormir, pois temiam que ela se jogasse sobre o féretro em chamas e, embora tal imolação fosse habitual na ilha do Dandrak, neste caso não podia ser permitida já que a esposa de Rogar do K'elith acabara de dar à luz o primogênito e herdeiro. Perto do morto estava seu dragão favorito, sacudindo com orgulho sua crina espinhosa. Ao lado do animal, com o rosto cheio de lágrimas, achava-se o palafreireiro chefe com uma enorme faca de açougueiro na mão. Não era pelo morto que ele chorava. Enquanto as chamas consumiam o corpo deste, aquele dragão que ele tinha criado desde que era um ovo seria sacrificado para que seu espírito servisse a seu amo depois da

morte.

Tudo estava preparado. Em cada mão ardia uma tocha. A corte reunida no pátio só aguardava uma coisa antes de atear fogo à pira funerária: que a cabeça do assassino fosse posta a seus pés.

Embora as defesas da cidadela não estivessem reforçadas, estabeleceu-se um cordão de cavaleiros para manter os curiosos afastados do castelo. Os cavaleiros se colocaram de lado para permitir a entrada do carro e voltaram a fechar filas depois que este passou. Entre os reunidos no pátio se ergueu um clamor quando o carro apareceu, estalando sob o arco da entrada. Os cavaleiros da escolta desmontaram e seus escudeiros se apressaram a conduzir os dragões para os estábulos. O dragão do morto lançou um alarido de boas-vindas — ou possivelmente de despedida — a seus congêneres.

O tiero foi solto e conduzido a outra parte. O condutor do animal e os quatro homens que tinham acompanhado a marcha do carro foram convidados à cozinha, onde lhes deram de comer e lhes ofereceram uma boa quantidade da melhor cerveja do amo. Maese Gareth, com a espada preparada e o olhar atento ao menor movimento do prisioneiro, subiu ao carro, tirou a adaga que levava presa ao flanco e cortou as correias amarradas às laterais do veículo.

— Capturamos o elfo, Hugh — murmurou Gareth enquanto cortava as amarras. — O pegamos vivo. Estava em sua nave dragão, voltando a Tribos, quando nossos dragões o capturaram. Nós o interrogamos e, antes de morrer, confessou que tinha pagado pelo serviço.

— Já tive mostras de como interrogam às pessoas — replicou Hugh. Quando teve uma mão livre, dobrou várias vezes o braço para relaxar a rigidez dos músculos. Enquanto lhe soltava a outra mão, Gareth o contemplou com cautela. — Esse desgraçado teria jurado que era humano, se tivesse perguntado!

— A adaga maldita que tiramos das costas de meu senhor era sua, essa de cabo de osso com estranhas inscrições! Eu a reconheci!

— Está certo, você a encontrou! — Ambas as correias estavam soltas. Com um movimento rápido e inesperado, as mãos fortes de Hugh se fecharam sobre a armadura de cota de malha que cobria os ombros do cavaleiro. Os dedos do assassino se cravaram com força, afundando dolorosamente os aros da cota de malha na carne de seu adversário. — E nós dois sabemos muito bem por que a encontrou! — resmungou.

Gareth aspirou profundamente e lançou a adaga para frente. A folha tinha percorrido três quartas partes de seu caminho até o peito de Hugh quando, com um esforço de vontade, o cavaleiro deteve seu ato reflexo de defesa.

— Para trás! — Rugiu para vários de seus homens que, vendo seu capitão em dificuldades, haviam desembainhado a espada e se dispunham a ir em seu auxílio. — Solte-me, Hugh — murmurou com os dentes apertados, sua pele tinha um tom plúmbeo e o suor molhava seu lábio superior. — O truque falhou. Não encontrará uma morte fácil em minhas mãos.

Hugh encolheu os ombros e, com um sorriso irônico, soltou o cavaleiro. Gareth agarrou a mão direita do assassino, a pôs à costas com gesto enérgico e, fazendo o mesmo com a esquerda, amarrou-as fortemente com os restos das correias de couro.

— Paguei bem — sussurrou o cavaleiro. — Não te devo nada!

— E o que foi feito dela, sua filha, cuja morte vingui...?

Com um empurrão, Gareth obrigou Hugh a virar-se e lançou lhe um golpe ao

rosto com o punho envolto na cota de malha. O impacto alcançou o assassino na mandíbula e o fez sair do carro, depois de romper as tábuas deste. Hugh se encontrou entre a imundície do pátio, estendido de costas no chão. Gareth saltou do carro e, escarranchado sobre o prisioneiro, olhou-o friamente.

— Você morrerá com a cabeça no talho, maldito assassino. Levem-no — ordenou a dois de seus homens, ao mesmo tempo em que golpeava Hugh nos rins com a ponta de sua bota. Contemplou com complacência como se retorcia de dor e acrescentou com gesto. — E amordacem-no.

CAPÍTULO 2



CIDADELA DE KE'LITH, REINO MÉDIO

Aqui está o assassino, Magicka — anunciou Gareth, apontando para o prisioneiro preso e amordaçado.

— Ele causou-lhe algum problema? — perguntou um homem bem formado, de uns quarenta ciclos de idade, que olhava para Hugh com ar pesaroso, como se lhe fosse impossível aceitar que um ser humano pudesse albergar tanta maldade.

— Nenhum que não tenha conseguido resolver, Magicka — respondeu o cavaleiro, intimidado ante a presença do mago da casa.

O mago assentiu e, consciente de estar ante um vasto auditório, ergueu-se quanto pôde e cruzou cerimoniosamente as mãos sobre sua casaca de veludo marrom; por sua condição de mago de terra, esta era a cor esotérica que lhe correspondia. Em vez do manto de mago real, título que ambicionava a muito tempo, segundo os rumores, mas que o defunto Rogar se negou a lhe conceder por alguma razão ignorada.

Os presentes no enlameado pátio da fortaleza viram como o prisioneiro era conduzido ante a pessoa que, na ausência do amo, era agora a máxima autoridade do castelo feudal, e se apertaram em torno dele para escutá-lo. A luz das tochas piscava e oscilava sob a fresca brisa noturna. O dragão do suserano morto captou a tensão e confusão do ambiente e, tomando-os erroneamente pelos preparativos para uma batalha, emitiu um sonoro trombeteio exigindo que o deixassem lançar-se sobre o inimigo. O chefe de quadras lhe deu uns tapinhas para tranquilizá-lo. Muito em breve, a criatura seria enviada a combater um inimigo que nem o homem nem o dragão de longa vida podiam evitar ao fim.

— Tirem-lhe a mordaça — ordenou o mago.

Gareth pigarreou, tossiu e dirigiu um olhar de soslaio à Hugh. Depois, inclinando-se para o feiticeiro, murmurou em voz baixa:

— Não ouvirá mais que uma fileira de mentiras. Este assassino dirá qualquer coisa para...

— Já disse para tirá-la — disse Magicka em um tom imperioso que não deixava lugar a dúvidas entre os presentes a respeito de quem era agora o dono da cidadela de Kêlith.

Gareth obedeceu à contra gosto e arrancou a mordaca da boca de Hugh com tal energia que forçou ao prisioneiro a voltar o rosto para um lado e lhe deixou uma feia marca em uma das bochechas.

— Todo homem, por pior que tenha sido seu delito, tem direito a confessar sua culpa e limpar assim sua alma. Qual seu nome? — perguntou o mago com voz enérgica.

O assassino, com o olhar fixo por cima da cabeça do feitiçeiro, absteve-se de responder. Gareth contemplou ao prisioneiro com ar de reprovação.

— É conhecido como Hugh a Mão, Magicka.

— Qual é seu sobrenome?

Hugh cuspiu sangue.

— Vamos, vamos! — Insistiu o feitiçeiro, franzindo o cenho. — Hugh a Mão não pode ser seu verdadeiro nome. Sua voz, suas maneiras... Sem dúvida, é um nobre! Algum descendente ilegítimo, certamente. Entretanto, temos que conhecer o nome de seus antepassados para lhes encomendar seu desprezível espírito. Não quer falar? — O feitiçeiro ergueu a mão e, tomando Hugh pelo queixo, virou-lhe o rosto para a luz das tochas. — Tem uma estrutura óssea poderosa, um nariz aristocrático e olhos extraordinariamente belos, embora me parece ver um matiz camponês nas profundas rugas do rosto e na sensualidade dos lábios. Em resumo, é indubitável que por suas veias corre sangue nobre. Pena que seja tão negro. Vamos, homem, revele sua verdadeira identidade e confesse o assassinato de Rogar. Tal confissão limpará sua alma.

Na boca torcida do prisioneiro apareceu um sorriso e em seus olhos negros e fundos brilhou uma chama fraca.

— Onde está meu pai, logo seguirá o filho — replicou. — E você sabe melhor que nenhum dos presentes que eu não matei seu senhor.

Gareth elevou o punho com intenção de castigá-lo por suas ousadas palavras, mas um rápido olhar ao rosto do feitiçeiro o fez titubear. Magicka abandonou por um instante sua expressão carrancuda e seu rosto ficou liso como um prato de mingau. Não obstante, aos perspicazes olhos do capitão de dragões não passou despercebida a leve agitação que cruzou as feições do feitiçeiro ante a acusação de Hugh.

— Insolente! — respondeu o mago friamente. — É muito ousado para ser um homem que enfrenta uma morte terrível, mas não demoraremos para ouvi-lo pedir clemência aos gritos.

— Será melhor que me faça calar, e que o faça logo — disse Hugh, passando a língua por seus lábios cortados. — Do contrário, o povo poderia recordar que você agora é o guardião do novo amo, não é certo, Magicka? E isso significa que exercerá o governo do feudo até que o moço tenha... quantos ciclos? Dezoito? Pode ser inclusive que governe mais tempo, se conseguir tecer uma boa rede em torno dele. Tampouco duvido que será um grande consolo para a viúva enferma. Que manto vestirá esta noite? A púrpura do mago real? Por certo... não parece estranho que minha adaga desaparecesse assim, como por arte de magia?

O feitiçeiro levantou os braços e gritou:

— Que o solo trema de fúria ante a blasfêmia deste homem!

E o pátio começou a agitar-se e a tremer. As torres de granito balançaram. Os

presentes lançaram gritos de pânico, apertando-se uns contra outros. Alguns caíram de joelhos entre gemidos e, com as mãos afundadas na capa de barro e lixo, suplicaram ao mago que contivesse sua cólera.

Magicka voltou seu pronunciado nariz para o capitão da esquadra de dragões. Um muro de Gareth nas costas de Hugh, descarregado quase a contra gosto ao que parecia, fez o assassino lançar um gemido de dor. Em troca, o olhar de Hugh não vacilou nem deu amostras de debilidade, mas sim permaneceu cravado no mago, cujo semblante estava pálido de fúria.

— Fui paciente com você — disse Magicka, respirando profundamente, — mas não posso suportar esta vergonha. Peço desculpas, capitão Gareth — acrescentou aos gritos para se fazer ouvir acima do retumbar da terra em movimento e do vozerio das pessoas. — Tinha razão. Este homem dirá mentiras, com a intenção de salvar sua vida miserável.

Gareth assentiu com um grunhido, mas não disse nada. Magicka elevou as mãos em gesto apaziguador e, pouco a pouco, o chão parou de estremecer. Os presentes no pátio exalaram profundos suspiros de alívio e voltaram a ficar em pé. O capitão dirigiu um rápido olhar a Hugh e topou com o olhar intenso e penetrante deste. Gareth franziu o cenho e, com ar lúgubre e pensativo, desviou os olhos para o feiticeiro.

Magicka, que estava dirigindo-se à multidão, não viu seu olhar.

— Lamento muito, muitíssimo, que este homem deva abandonar a vida com tais manchas negras em sua alma — dizia o feiticeiro em um tom de voz piedoso. — Entretanto, ele assim escolheu. Todos os presentes são testemunhas de que teve chance de confessar.

Ouviram-se alguns murmúrios de assentimento.

— Tragam o talho.

Os murmúrios mudaram de tom, tornando-se mais sonoros e ansiosos.

Os espectadores se moveram em busca de uma boa visão. Dois corpulentos sentinelas, os mais fortes que tinham podido encontrar, apareceram por uma pequena porta que conduzia às masmorras da cidadela. Entre os dois traziam um bloco enorme de uma pedra que não era coralita^[3], delicado como um trabalho de encaixe e empregada na construção de toda a cidade exceto da própria fortaleza. Magicka, a quem correspondia conhecer o tipo, a natureza e os poderes de todas as rochas, viu que o bloco era de mármore. A pedra não procedia da ilha nem do continente vizinho de Ulyandia, pois nesses lugares não havia jazidas dessa rocha. Portanto, aquele mármore tinha que proceder do próximo e mais extenso continente de Aristagon, o que significava que tinha sido extraído de terras inimigas.

Ou então se tratava de uma peça de mármore muito antiga, importada legitimamente durante um dos escassos períodos de paz entre os humanos e os elfos do Império de Tribos (possibilidade que o feiticeiro descartava), ou Nick Três Golpes, o verdugo, a tinha conseguido por contrabando (o mais provável, na opinião de Magicka).

No fundo, não tinha muita importância. Entre os amigos, familiares e seguidores de Rogar havia numerosos nacionalistas radicais, mas o mago não acreditava que nenhum deles se objetasse a que um pedaço de escória como Hugh a Mão fosse decapitado sobre uma rocha inimiga. Contudo, tratava-se de um clã muito obcecado e o feiticeiro agradeceu que o mármore estivesse tão coberto de sangue seco que dificilmente

alguém poderia reconhecer a pedra. Nenhum dos parentes poria em questão sua origem.

A pedra de mármore media seis palmos por lado e em um deles tinha um sulco esculpido quase do tamanho de um pescoço humano normal. Os sentinelas transportaram o talho pelo pátio, ofegando devido ao peso, e o colocaram diante de Magicka. O verdugo, Nick Três Golpes, apareceu pela porta das masmorras e uma onda de expectativa agitou à multidão.

Nick era um verdadeiro gigante e ninguém em Dandrak conhecia sua verdadeira identidade, nem seu rosto. Quando realizava uma execução, vestia uma túnica negra e cobria a cabeça com um capuz para que, em sua vida normal, ninguém pudesse reconhecê-lo e fugir. Por desgraça, a consequência de seu ardiloso disfarce era que as pessoas tendiam a suspeitar de qualquer homem que medisse mais de dois metros e a evitar sua companhia sem fazer discriminações.

Entretanto, quando se tratava de justificar alguém, Nick era o verdugo mais popular e solicitado de Dandrak. Fora um incompetente incrível ou o homem com dotes cênicos mais brilhantes de sua época, o certo era que Três Golpes possuía uma grande habilidade para entreter o público. Nenhuma de suas vítimas morria rapidamente, mas suportava entre gritos uma terrível agonia enquanto o verdugo descarregava um golpe atrás de outro com uma espada tão obtusa como seus dedos.

Todos os olhares foram do encapuzado Nick a seu manietado prisioneiro, o qual — é preciso reconhecer — tinha impressionado à maioria dos presente com sua frieza. Não obstante, todos os reunidos no pátio naquela noite tinham admirado e respeitado a seu suserano morto e seria um grande prazer para eles ver seu assassino sofrer uma morte horrível. Por isso, as pessoas perceberam com satisfação que, à vista do verdugo e da arma ensanguentada que brandia na mão, o rosto de Hugh adquiria uma expressão tranquila como a de uma máscara e que, apesar de conter-se e reprimir um calafrio, lhe acelerava a respiração.

Gareth agarrou Hugh pelos braços e, afastando-o do feitiçeiro, conduziu o prisioneiro pelos passos que o separavam do talho.

— O que você disse de Magicka...

Gareth murmurou estas palavras em um sussurro, mas, notando talvez o olhar do mago fixo em sua nuca, deixou a frase inacabada e se contentou a interrogar o assassino com o olhar.

Hugh lhe devolveu este com olhos que pareciam dois poços negros na noite iluminada pelas tochas.

— Vigie-o — respondeu.

Gareth assentiu. Tinha os olhos injetados de sangue, e a barba sem fazer. Não tinha dormido desde a morte de seu senhor, fazia duas noites. passou os dedos pelos lábios orlados de suor e, em seguida, levou a mão ao cinto. Hugh percebeu um brilho de fogo refletindo-se em uma folha de fio bicudo.

— Não posso salvá-lo — murmurou Gareth —, pois fariam nós dois em pedaços, mas posso pôr fim a sua vida com rapidez. Certamente me custará o cargo de capitão — voltou a cabeça e lançou um sombrio olhar ao feitiçeiro — mas, a julgar pelo que ouvi, é provável que já tenha perdido. Tem razão, Hugh. Devo isso a ela.

Com um novo empurrão, colocou Hugh em frente ao bloco de mármore. Com gesto solene, o verdugo se despojou de sua capa negra (não gostava de vê-la salpicada de sangue) e entregou-a a um menino que rondava por ali. Entusiasmado, o menino

mostrou a língua para um companheiro com menos sorte que também se aproximou com a esperança de ter tal honra.

Empunhando a espada, Nick lançou dois ou três golpes de prática para esquentar os músculos e logo, com um gesto da cabeça, indicou que já estava pronto.

Gareth obrigou Hugh a ajoelhar-se em frente o talho. Depois se retirou, mas não muito, apenas um par de passos. Seus dedos se fecharam com nervosismo em torno da adaga oculta nas dobras da capa. Em sua cabeça ia tomando forma a desculpa que daria: “Quando a espada fendia seu pescoço, Hugh gritou que foi você, Magicka, quem matou meu senhor. Ouvi-o claramente e, conforme dizem, as palavras de um moribundo revelam sempre a verdade. É obvio, eu sei que esse assassino mentia, mas tive medo de que os camponeses, sempre tão supersticiosos, lhe dessem ouvidos. Achei mais conveniente acabar imediatamente com sua miserável existência”. Magicka não acreditaria; perceberia a verdade. Ah! De qualquer modo, não restava grande coisa pela qual viver.

O verdugo agarrou Hugh pelo cabelo com a intenção de colocar a cabeça do prisioneiro sobre o bloco de mármore. Entretanto, percebendo talvez na multidão certa inquietação que nem o espetáculo de uma iminente execução conseguia diminuir, Magicka ergueu uma mão para deter a cerimônia.

— Alto! — exclamou.

Com a túnica ondeando em torno dele sob o impulso do vento fresco que se levantou, o feiticeiro deu alguns passos para o bloco de mármore.

— Hugh a Mão! — proclamou então com voz potente e severa —, ofereço-lhe uma última oportunidade. Agora que está a beira do reino da Morte, nos diga: tem algo a confessar?

Hugh levantou a cabeça. Talvez o medo ao iminente instante supremo tinha acabado por dobrá-lo.

— Sim, tenho uma coisa a confessar.

— Me alegro de ver que nos entendemos — disse Magicka com voz satisfeita. Um sorriso de triunfo em seu rosto fino e atraente não passou despercebido ao observador Gareth. — O que lamenta no momento de abandonar esta vida, meu filho?

Nos lábios inchados de Hugh se formou uma careta. Endireitando os ombros, olhou para Magicka e proclamou friamente:

— Lamento nunca ter matado um membro da sua estirpe, feiticeiro.

Uma exclamação de horrorizada complacência se elevou entre a multidão. Nick Três Golpes lançou uma risada sob o capuz. Quanto mais se prolongasse a execução, melhor o feiticeiro o recompensaria.

Magicka ensaiou um sorriso de fria piedade.

— Que sua alma apodreça junto a seu corpo — declarou.

Depois de dirigir a Nick um olhar que era um claro convite ao verdugo para que começasse a se divertir, o mago se retirou da cena para que o sangue não lhe manchasse a vestimenta.

O verdugo mostrou no alto um lenço negro e começou a vendar os olhos de sua vítima.

— Não! — Rugiu a Mão. — Quero levar esse rosto comigo!

— Termine de uma vez! — gritou o feiticeiro, cuspidando enquanto falava.

Nick agarrou de novo o cabelo de Hugh, mas este se soltou com um tranco. O

prisioneiro colocou voluntariamente a cabeça sobre o mármore tingido de sangue; seus olhos, muito abertos e acusadores, olhavam para Magicka sem piscar. O verdugo baixou a mão, tomou o cabelo curto de sua vítima e o afastou para um lado. Três Golpes gostava de ter uma boa porção de pescoço em que trabalhar.

Nick levantou a espada. Hugh exalou um suspiro, apertou os dentes e manteve os olhos fixos no mago. Gareth, atento a cena, viu que Magicka vacilava, engolia em seco e dirigia rápidos olhares para um lado e outro, como se procurasse uma escapatória.

— O horror ante a maldade deste homem é excessivo! — Exclamou o feiticeiro.
— Vamos depressa! Não posso suportar isso!

Gareth empunhou a adaga. Os músculos do braço de Nick se incharam, preparando-se para descarregar o golpe. As mulheres tamparam os olhos e olharam escondidas atrás dos dedos, os homens esticaram o pescoço para ver entre as cabeças de outros e os meninos foram elevados rapidamente para que pudessem contemplar o espetáculo.

E, nesse instante, procedente das portas da cidadela, escutou-se o fragor de armas.

CAPÍTULO 3



CIDADELA DE KE'LITH, DANDRAK, REINO MÉDIO

Uma silhueta gigantesca, mais negra que os Senhores da Noite, apareceu sobre as torres da fortaleza. A penumbra impedia de ver com clareza, mas era audível o bater de asas enormes. As sentinelas da porta continuaram batendo as espadas contra os escudos, dando o alarme, o que fez com que todos os reunidos no pátio se esquecessem da iminente execução e voltassem a atenção para a ameaça que chegava do alto. Os cavaleiros desembainharam suas espadas e gritaram pelas montarias. Em Dandrak eram habituais as incursões dos corsários de Tribos e, de fato, esperava-se uma delas como represália pela captura e posterior morte do nobre elfo que, supostamente, tinha contratado Hugh a Mão.

— O que está acontecendo? — gritou Gareth, tentando em vão ver do que se tratava, indeciso entre continuar em seu posto ao lado do prisioneiro ou correr para defender as portas que estavam sob sua responsabilidade.

— Prossigam com a execução! — rugiu Magicka.

Mas Nick Três Golpes necessitava da atenção do público e acabava de perdê-la. A metade dos espectadores havia virado a cabeça para a porta e a outra metade corria para ela. O verdugo baixou a espada com um gesto de orgulho ferido e aguardou, em um silêncio doído e digno, para ver qual era a causa daquele alvoroço.

— É um dragão real, estúpidos! Um dos nossos, não uma nave élfica! — Gritou Gareth. — Vocês dois, vigiem o prisioneiro! — ordenou o capitão, correndo para as portas da cidadela para controlar o pânico crescente.

O dragão de combate sobrevoou o castelo a baixa altura. Um punhado de grossos cabos, resplandcentes à luz das tochas, agitava-se no ar. Do lombo do dragão saltaram vários homens que deslizaram pelas cordas até descer no meio do pátio. Todos apresentavam a insígnia de prata da Guarda Real que reluzia em seus trajes e entre a multidão se elevaram murmúrios agourentos.

Os soldados se desdobraram rapidamente, limparam uma ampla zona no centro

do pátio e se colocaram em formação em torno dela. Com o escudo na mão esquerda e a lança na mão direita, permaneceram firmes em posição de relaxada atenção, voltados para o exterior da zona limpa, evitando os olhares dos presentes e ignorando suas perguntas.

Apareceu então um cavaleiro solitário montado em um dragão. Depois de sobrevoar a porta da fortaleza, o pequeno dragão de voo rápido permaneceu suspenso sobre o círculo aberto para ele, planando com as asas muito abertas enquanto estudava a zona em que iria pousar. Já era facilmente reconhecível o elegante uniforme de seu cavaleiro, que emitia brilhos vermelhos e dourados à luz das tochas. Os espectadores contiveram o fôlego e olharam uns para os outros com ar desconcertado.

Quando o dragão pousou no pátio, suas narinas trepidavam e ofegava visivelmente, expandindo e contraindo os flancos. De sua boca cheia de presas caíam fios de saliva. Seu cavaleiro saltou da cadeira e olhou rapidamente em torno de si. O homem vestia uma capa curta tecida de linho de e ouro e o casaco vermelho dos mensageiros do rei, e os reunidos aguardaram com grande expectativa para ouvir as notícias que devia proclamar.

Quase todos esperavam uma declaração de guerra contra os elfos de Tribos; alguns cavaleiros esperavam seus escudeiros para estar prontos a tomar as armas imediatamente. Por isso foi uma grande surpresa para quem estava no pátio ver que o mensageiro elevava uma mão, vestida em uma luva do couro mais suave e flexível, e apontava para o bloco de mármore.

— É Hugh a Mão esse que pretendem executar? — perguntou em uma voz tão suave e flexível como suas luvas.

O mago cruzou o pátio a grandes passadas e os soldados da Guarda Real lhe permitiram acessar o círculo espaçoso.

— E se for? — replicou Magicka, cauteloso.

— Se for Hugh a Mão, ordeno em nome do rei que me entregue o prisioneiro... vivo — disse o mensageiro. Magicka lhe dirigiu um olhar sombrio e carregado de ódio. Os cavaleiros de Kelith se voltaram para o feitiçeiro, esperando suas ordens.

Até tempos muito recentes, os volkaranos não tinham conhecido nenhum rei. Nos primeiros dias do mundo, as Volkaran tinham sido uma colônia penitenciária estabelecida pelos habitantes do continente de Ulyandia. A famosa prisão de Yreni guardava ladrões e assassinos; exilados, prostitutas e os demais elementos perniciosos da sociedade eram desterrados nas ilhas próximas de Providência, Exílio de Pitrin e as três Djern. A vida nestas ilhas exteriores era dura e, com o passar dos séculos, produziu um povo de igual dureza. Cada ilha era regida por vários clãs, cujos senhores passavam o tempo repelindo assaltos as suas terras ou atacando seus vizinhos da Ulyandia.

Assim divididos, os humanos foram presa fácil das nações élficas de Tribos, mais ricas e fortes. Os elfos venceram rapidamente os fragmentados feudos humanos e, durante quase quarenta ciclos, governaram Ulyandia e as ilhas Volkaran. Seu férreo domínio sobre os humanos terminara a vinte ciclos, quando um caudilho do clã mais poderoso de Volkaran contraiu matrimônio com a matriarca do clã mais forte de Ulyandia. Unindo seus povos, Stephen de Exílio do Pitrin e Ana de Winsher formaram um exército que venceu os elfos e os lançou — literalmente, a alguns deles — para fora das ilhas.

Quando Ulyandia e Volkaran ficaram livres dos ocupantes, Stephen e Ana se

proclamaram monarcas, mataram seus rivais mais perigosos e, embora ultimamente houvesse rumores que diziam estavam conspirando um contra o outro, continuavam a ser a força mais poderosa e temida do reino. Em outra época, Magicka teria limitado a ignorar à ordem, executar o prisioneiro e acabar também com o mensageiro real, se se mostrasse muito insistente. Agora, de pé sob a sombra das asas do dragão de combate, negras como o breu, o feiticeiro não podia fazer outra coisa além de protestar.

— Hugh a Mão assassinou nosso senhor, Rogar de Kelith, e as próprias leis do rei ordenam que lhe tiremos a vida como castigo.

— Sua Majestade aprova e aplaude sua excelente e rápida administração de justiça nesta parte de seu reino — replicou o mensageiro com uma graciosa reverência, — e lamenta ter que interferir, mas existe uma precatória real para a detenção do homem conhecido como Hugh a Mão. É procurado para interrogatório a respeito de uma conspiração contra o Estado, assunto que tem prioridade sobre outra questão local. Todos sabem — acrescentou, olhando fixamente nos olhos de Magicka — que o assassino teve entendimentos com os elfos de Tribos.

É obvio, o feiticeiro sabia que Hugh não tinha nenhum trato com os elfos de Tribos e, naquele mesmo instante, percebeu que o mensageiro real também sabia. E pensou que, se o emissário real sabia disso, também conheceria outras coisas... entre elas como a morte de Rogar de Kelith realmente aconteceu. Preso em sua própria rede, Magicka se revolveu e balbuciou algumas palavras:

— Mostre-me o documento real.

Nada, ao que parecia, produziu maior prazer ao mensageiro do rei que apresentar o decreto real à consideração do mago. Levou a mão a um alforje de couro que estava pendurada na cadeira do dragão e extraiu um estojo que continha um pergaminho. Tirou o documento e o entregou ao feiticeiro, que fingiu estudá-lo. O decreto devia estar em ordem, pois do contrário teria sido impróprio de Stephen. Ali estava o nome, Hugh a Mão, e o selo do Olho Alado que constituía a divisa do monarca. Magicka mordeu o lábio até sangrar, mas não pôde fazer outra além de dirigir aos reunidos uma careta de desalento. Tinha tentado, lia-se em seu gesto, mas naquele assunto intervinham poderes superiores. Levando a mão ao coração, inclinou a cabeça em um gesto mudo e áspero de assentimento.

— Sua Majestade agradece — disse o mensageiro com um sorriso. — Você, capitão! — Apontou com um gesto para Gareth. Este se aproximou com um rosto cuidadosamente inexpressivo, apesar de ter seguido com muita atenção tanto o que se dizia como o que se calava, e se colocou atrás do feiticeiro. — Traga-me o prisioneiro. Ah! Também necessito de um dragão descansado para a viagem de volta. Assuntos do rei — acrescentou.

Ante estas palavras — “assuntos do rei” — devia ficar a disposição do emissário real tudo que este pedisse, de um castelo a uma garrafa de vinho, de um assado de javali até um regimento. Quem desobedecesse, o fazia a custa de extremo perigo. Gareth observou Magicka. O feiticeiro tremia de cólera, mas permaneceu mudo e se limitou a assentir brevemente com a cabeça. O capitão se afastou para cumprir a ordem.

O mensageiro recuperou habilmente o pergaminho, enrolou-o e voltou a guardá-lo no estojo. Depois, enquanto seu olhar percorria o pátio à espera da volta de Gareth com o prisioneiro, percebeu pela primeira vez o féretro. Imediatamente, seu

rosto adquiriu uma expressão de profundo pesar.

— Suas Majestades expressam sua extensiva condolência à viúva de Rogar. Se puderem ser de alguma ajuda, a dama pode estar segura de que só tem que recorrer a eles.

— Minha senhora fica muito agradecida — respondeu Magicka com acidez.

O mensageiro, depois de um novo sorriso, deu alguns tapinhas com as luvas sobre as coxas em gesto de impaciência. Gareth já vinha com o prisioneiro entre a Guarda Real, mas ainda não havia sinal do dragão descansado.

— É esse o dragão que pedi...?

— Tome, meu senhor, leve este — apressou-se a responder o palafreireiro chefe, oferecendo-lhe as rédeas do dragão de Rogar.

— Tem certeza? — perguntou o mensageiro real, olhando o féretro e voltando-se logo para o feiticeiro, pois, era óbvio, conhecia o costume de sacrificar o dragão, por mais valioso que fosse, em honra do defunto.

Magicka, gesticulando, replicou com um bufo:

— Por que não? Leve o assassino do meu senhor em seu dragão favorito! Afinal, são “assuntos do rei”!

— Sim, exato — disse o mensageiro. — Assuntos do rei!

De repente, o Guarda Real mudou de posição, virando para o exterior as pontas das lanças e juntando os escudos para formar um círculo de aço em torno do mensageiro e de quem estava com ele.

— Talvez prefira tratar com Sua Majestade alguns aspectos dos assuntos reais. Nosso amável monarca não verá inconveniente em dispor medidas para o governo da província em sua ausência, Magicka.

A sombra das asas do dragão de combate que sobrevoava a cena cruzou o pátio.

— Não, não! — apressou-se a protestar o mago. — O rei Stephen não tem súdito mais fiel que eu, disso pode estar seguro!

O mensageiro fez uma reverência e respondeu a Magicka com um sorriso sedutor. Os soldados que o rodeavam continuavam atentos e alertas.

Gareth penetrou no círculo de aço, suando sob o elmo de couro. Sabia o que tinha estado bem perto de lhe ser ordenado que enfrentasse a Guarda Real e ainda tinha um nó no estômago.

— Aqui está o homem — disse com rudeza, empurrando Hugh para o mensageiro.

O emissário real dirigiu um rápido olhar ao prisioneiro e viu as marcas dos açoites nas costas, as contusões e cortes no rosto, os lábios inchados. Hugh, cujos olhos escuros e fundos pareciam ter se desvanecido por completo sob as sombras das sobrancelhas, contemplou o mensageiro com uma curiosidade carregada de indiferença. Em seu olhar não havia nenhuma esperança, apenas uma faísca irônica ante a perspectiva de novas torturas.

— Solte-lhe os braços e tire esses grilhões.

— Mas, meu senhor, este homem é perigoso!

— Preso ele não pode montar e não tenho tempo a perder. Não se preocupe — acrescentou o mensageiro, movendo a mão com gesto despreocupado. — A não ser que lhe cresçam asas, não acredito que escape saltando do lombo de um dragão voador.

Gareth tirou a adaga e cortou as cordas que prendiam Hugh. O palafreireiro

mor chamou seus ajudantes, penetrou resolutamente no círculo de aço, desatou a cadeira do dragão esgotado do mensageiro e a colocou no lombo do dragão de Rogar. Depois de dar umas palmadas no pescoço do animal, entregou as rédeas ao emissário real, com um gesto satisfeito. O ancião não voltaria a ver o dragão, pois nada do que caía nas mãos do rei Stephen voltava a sair delas, mas era muito melhor perdê-lo que ver-se obrigado a afundar uma faca na garganta de uma criatura que o amava e confiava nele, e depois contemplar a vida se esvaindo, desperdiçada em honra de um homem morto.

O mensageiro montou na cadeira e, estendeu a mão para ajudar Hugh a subir. O assassino pareceu compreender pela primeira vez que acabava de ser libertado, que não tinha a cabeça no talho e que aquela espada terrível não ia roubar-lhe a vida. Com movimentos tensos e dolorosos, elevou a mão, agarrou a do mensageiro e deixou que o homem o puxasse para o lombo do dragão.

— Tragam uma capa ou ele congelará — ordenou o mensageiro. Das muitas capas que lhe ofereceram, escolheu uma de grossa pele e a jogou para Hugh. O prisioneiro jogou o casaco em torno dos ombros e se agarrou com força na borda da cadeira de montar. O mensageiro deu uma breve ordem e o dragão, com um ensurdecedor rugido, estendeu as asas e levantou voo.

O comandante da Guarda Real lançou um assobio que furava os tímpanos. O dragão de combate desceu até que as cordas que se penduravam de seu lombo ficaram ao alcance dos soldados, que se apressaram a subir por elas e ocupar suas posições no enorme lombo do animal. O dragão bateu as asas e, em poucos instantes, a sombra desapareceu do céu e este ficou vazio, recuperando a cinza penumbra da noite.

Abaixo, no pátio da cidadela, os homens se contemplaram em silêncio, com rostos sombrios. As mulheres, vendo seus maridos e percebendo a atmosfera de tensão, apressaram-se a recolher os meninos, puxando e até batendo nos que choramingavam.

Magicka, muito pálido, penetrou na cidadela.

Gareth aguardou que o feiticeiro desaparecesse e logo ordenou a seus soldados que colocassem fogo no féretro. Homens e mulheres, reunidos em torno do crepitar das chamas, começaram a cantar encomendando a alma do defunto a seus antepassados. O capitão dos cavaleiros entoou uma canção pelo suspirante a quem tinha amado e servido com fidelidade durante trinta anos. Quando terminou, continuou observando como as chamas, agitadas e ferozes, consumiam o corpo.

— De modo que se nunca matou um feiticeiro, Hugh, meu amigo, talvez tenha chance ainda. Se voltar a vê-lo... Assuntos do rei! — Grunhiu Gareth. — E se não conseguir encontrá-lo... Bem, já sou um velho sem nenhuma razão para viver.

Seu olhar se dirigiu para os aposentos do feiticeiro, em cuja janela podia ver-se uma silhueta envolta em uma túnica. Recordando que tinha deveres a atender, o capitão se dirigiu à porta para se certificar de que estava convenientemente guardada durante a noite.

Esquecido de todos, como um artista privado de sua apresentação, Nick Três Golpes permaneceu sentado sobre o bloco de mármore, desconsolado.

CAPÍTULO 4



EM ALGUM LUGAR DAS ILHAS VOLKARAN, REINO MÉDIO

O emissário real manteve as rédeas sob controle. Se tivesse dado rédea solta, o pequeno dragão teria deixado o dragão de combate, muito maior, para trás rapidamente. Entretanto, o mensageiro não se atrevia a voar sem escolta, pois os corsários elfos costumavam espreitar entre as nuvens, aguardando a passagem de algum cavaleiro humano solitário. Assim, a marcha era lenta mas, por fim, as tochas de Ke'lith desapareceram às suas costas. Logo, os abruptos picos de Witheril ocultaram a fumaça que se elevava da pira funerária do malogrado senhor da província.

Assim, o mensageiro obrigou sua montaria a voar junto à cauda da quimera, ou dragão de combate, cuja silhueta era como uma esbelta cunha negra que sulcava a penumbra da noite. A Guarda Real, presa a seus arneses, eram uma série de vultos negros no lombo da quimera.

Os dragões sobrevoaram a pequena população do Hynox, visível só porque suas moradias, baixas e quadradas, estavam edificadas em terreno descoberto. Depois, deixaram para trás a borda de Dandrak e entraram no ar profundo. O mensageiro olhou para cima e para baixo, para um lado e outro, como se não voasse com frequência, coisa estranha em um suposto mensageiro do rei. Acreditou reconhecer duas das três ilhas Caprichosas. Hanastai e Bindistai eram claramente visíveis pois, no ar profundo, a escuridão não era completa... A noite não era tão fechada como dizia a lenda que tinha sido no velho mundo, antes da Separação.

Os astrónomos elfos tinham escrito que existiam três Senhores da Noite e, embora os supersticiosos acreditassem que eram gigantes que estendiam oportunamente suas capas ondeantes sobre o Ariano para dar descanso a seu povo, os eruditos sabiam que os Senhores da Noite eram, na verdade, longínquas ilhas de coralita que flutuavam sobre o reino, deslocando-se em uma órbita que as levava, a cada doze horas, a interpor-se entre Ariano e o sol.

Além destas ilhas se achava o Reino Superior, onde se supunha que viviam os

misteriarcas, poderosos bruxos humanos que se retiraram para lá em um exílio voluntário. Abaixo do Reino Superior estava o Firmamento, a zona das estrelas diurnas. Ninguém sabia com exatidão o que era este Firmamento. Muitos — e não só os supersticiosos — acreditavam que se tratava de uma faixa de diamantes e outras pedras preciosas que flutuavam no ar. Esta crença era a origem das lendas sobre a fabulosa riqueza dos misteriarcas, pois se supunha que estes a tinham atravessado para chegar ao Reino Superior. Tanto os elfos como os humanos tinham realizado numerosas tentativas de voar até o Firmamento e descobrir seus segredos, mas quem tinha se atrevido a empreender a viagem não retornara jamais. Dizia-se que o frio era tão intenso lá em cima que o sangue congelava nas veias.

Durante o voo, o mensageiro do rei voltou a cabeça para trás em várias ocasiões para observar seu companheiro de montaria, já que sentia curiosidade por estudar as reações de um homem que acabava de ser arrebatado do cadafalso. Entretanto, se esperava ver alguma expressão de alívio, alegria ou triunfo em seu rosto, teve uma decepção considerável. Sombrio e impassível, o assassino não deixava transparecer seus sentimentos sob a máscara de seu rosto. Era o rosto de quem podia presenciar a morte de um homem com a mesma frieza que outro contemplaria alguém comendo ou bebendo. Ao observá-lo, Hugh tinha a cabeça virada em outra direção e estudava com atenção a rota que seguiam em seu voo, conforme percebeu o mensageiro com certa inquietação. Hugh, captando talvez seus pensamentos, elevou a cabeça e cravou seu olhar no do cavaleiro.

Este não descobriu nada com sua inspeção. Hugh, ao contrário, pareceu deduzir muitas coisas de seu estudo do emissário real. Seus olhos entrecerrados davam a impressão de furar a pele e transpassar os ossos e serem capazes, a qualquer momento, de revelar todos os segredos que o mensageiro guardasse em seu cérebro; sem dúvida, assim teria acontecido se o jovem emissário não tivesse afastado a vista para concentrá-la na crina espinhosa do dragão. O cavaleiro não voltou a olhar para Hugh em toda a viagem.

Devia ser coincidência, mas quando o mensageiro percebeu o interesse de Hugh por sua rota de voo, um manto de névoa começou imediatamente a se estender e obscurecer a terra. A comitiva voava velozmente e a grande altura, e a seus pés não havia muito que ver sob as sombras que estendiam os Senhores da Noite. Entretanto, a coralita emite uma leve luminosidade azulada que faz com que os arvoresdos se destaquem em negro sobre o ligeiro resplendor quase prateado que o chão apresenta. Os pontos sobressalentes do terreno eram fáccis de localizar. Os castelos e fortalezas de coralita que não tinham sido cobertos com uma argamassa de granito triturado resplandeciam levemente. Do ar, era fácil identificar os povoados, com suas ruas de coralita como cintas reluzentes.

Durante a guerra, quando as naves voadoras dos elfos rondavam pelos céus, as pessoas cobriam as ruas com palha e juncos. Agora, entretanto, as ilhas Volkaran não sofriam conflitos armados. A maioria dos humanos que as povoavam tinha o fervente convencimento de que se devia a sua bravura no combate, o medo que tinham provocado entre os senhores dos elfos.

Ao pensar nisso, o mensageiro sacudiu a cabeça de desgosto ante sua ignorância. Só alguns humanos do reino, entre eles o rei Stephen e a rainha Ana, conheciam a verdade.

Os elfos de Aristagon tinham se desinteressado por Ulyandia e Vólkaran porque estavam ocupados com outro problema mais importante: uma rebelião entre seu próprio povo.

Quando a rebelião fosse esmagada com mão firme e desumana, os elfos voltariam a concentrar-se no reino dos humanos, aquelas feras bárbaras que tinham atizado o fogo inicial da revolta. Stephen sabia que, da próxima vez, os elfos não se contentariam com a conquista e a ocupação. Da próxima vez se livrariam de uma vez por todas da contaminação humana de seu mundo. Por isso, com rapidez e em silêncio, o rei estava dispendo suas peças no grande tabuleiro, preparando-se para o encarniçado enfrentamento final.

O homem que viajava atrás do emissário real ignorava, mas ia ser uma dessas peças.

Quando apareceu a névoa, o assassino encolheu os ombros interiormente e desistiu imediatamente a tentar determinar para onde se dirigiam. Ele também tinha sido capitão de uma nave e conhecia a maioria das rotas aéreas entre as ilhas e mais à frente. Segundo seus cálculos, tinham percorrido um rydai negativo [\[4\]](#) em direção ao Kurinandistai, aproximadamente. Depois, ao aparecer a névoa, não tinha podido ver nada mais.

Hugh sabia que a névoa não tinha surgido por acaso, o que apenas confirmava algo que já tinha começado a suspeitar: Aquele jovem “mensageiro” não era apenas um laçao do rei. Hugh relaxou e deixou que a névoa invadisse sua mente. De nada adiantava fazer conjecturas sobre o futuro. Não era provável que fosse melhor que o presente, embora dificilmente pudesse ser pior. Hugh fazia todo o possível para preparar-se para o que pudesse surgir; inclusive levava ao cinto sua adaga de manga de osso com inscrições mágicas, que Gareth tinha lhe deslizado na mão no último momento. Encolhendo seus ombros nus e machucados sob a grossa capa de pele, Hugh se concentrou unicamente no mais urgente: proteger-se do frio.

Contudo, sentiu certo prazer ao perceber que o mensageiro se mostrava incomodado com a presença da bruma, pois o obrigava a diminuir a velocidade e a descer continuamente para as zonas limpas que se abriam e fechavam abaixo do dragão, para verificar onde estavam. Em certo momento, pareceu ter se perdido e puxou as rédeas do dragão. Em resposta à ordem de seu cavaleiro, a criatura bateu as asas para manter-se suspensa no ar. Hugh notou a tensão do emissário real e percebeu os olhares rápidos e furtivos que dirigia a diversos pontos do chão. Pelas palavras que lhe ouviu murmurar, o prisioneiro acreditou entender que tinham se afastado muito em uma direção. Mudando de rumo, o mensageiro fez o dragão virar a cabeça e reiniciar o voo entre a névoa. O mensageiro real lançou logo um olhar carrancudo a Hugh, como se o culpasse pelo engano.

Hugh tinha aprendido muito cedo, por pura questão de sobrevivência, a estar alerta a tudo que acontecia a seu redor. Agora, passado dos quarenta ciclos, tal cautela era involuntária, como um sexto sentido. Era capaz de perceber imediatamente uma mudança na direção e intensidade do vento, um aumento ou queda de temperatura. Embora não dispusesse de aparelhos para medir o tempo, podia calcular com um par de minutos de margem o que tinha ocorrido desde determinado momento até outro. Tinha um ouvido muito agudo e uma vista ainda mais penetrante, e possuía um sentido da

orientação infalível. Eram poucos os lugares das ilhas Volkaran e do continente da Ulyandia que não tinha percorrido. Suas aventuras na juventude o tinham levado a remotos (e desagradáveis) rincões do grande mundo de Ariano. Nada dado a alardes, que considerava uma perda de tempo — só quem é incapaz de corrigir seus defeitos sente a necessidade de convencer o mundo que não tem nenhum, — Hugh sempre imaginara que, onde quer que o levassem, adivinharia em um abrir e fechar de olhos em que lugar do Ariano se encontrava.

Mas quando o dragão, sob as suaves ordens de seu cavaleiro, desceu e pousou em chão firme, Hugh lançou um olhar a seu redor e teve que reconhecer que, pela primeira vez em sua vida, estava desorientado. Jamais até então tinha visto o lugar onde se achavam.

O mensageiro do rei desmontou, tirou uma pedra luminosa do alforje e a sustentou na palma da mão. Uma vez exposta ao ar, a gema mágica começou a emitir uma luz radiante. As pedras luminosas também emitem calor e é preciso colocá-las em algum recipiente. O mensageiro se dirigiu sem vacilar para uma esquina do arruinado muro de coralita que rodeava o ponto de aterrissagem. Ali se agachou e depositou a gema em uma tosca lanterna de ferro.

Hugh não viu outros objetos naquele pátio deserto. A lanterna devia ter sido colocada ali prevendo a chegada do mensageiro, ou ele mesmo a tinha deixado ali antes de partir para Ke'lith. Hugh suspeitou que se tratava deste último, sobretudo porque não havia rastro de ninguém mais nas imediações. Até mesmo a quimera havia ficado para trás. Era lógico supor, que o mensageiro tinha iniciado sua viagem dali com a evidente intenção de retornar. Hugh deslizou do lombo do dragão para o chão, pensando que o fato podia ter muita, pouca ou nenhuma importância.

O mensageiro levantou a lanterna de ferro. Retornou até o dragão, acariciou seu pescoço orgulhosamente arqueado e murmurou algumas palavras apaziguadoras e reconfortantes que fizeram a besta se deitar no solo recolhendo as asas sob o corpo e enroscando a cauda em torno das patas. O dragão recostou a cabeça sobre o peito, fechou os olhos e emitiu um suspiro de satisfação. Despertar um dragão é uma tarefa terrivelmente difícil e perigosa pois às vezes, durante o sono, os feitiços de submissão e obediência a que estão submetidos se rompem por acidente e a pessoa pode se encontrar com uma criatura confusa, irada e vociferante. Um cavaleiro de dragões experiente não permite nunca que seu animal durma, exceto quando sabe que há algum mago competente nas imediações. Um novo dado que Hugh apreciou com interesse.

Aproximando-se dele, o mensageiro real elevou a lanterna e olhou-o com ar irônico, convidando-o a fazer alguma pergunta ou comentário. Hugh não viu necessidade de esbanjar saliva fazendo perguntas para as quais sabia que não haveria resposta e, em consequência, devolveu-lhe o olhar em silêncio.

O mensageiro, desconcertado, começou a dizer algo, mudou de ideia e exalou brandamente o ar que tinha aspirado para falar. Depois deu meia volta com brutalidade ao mesmo tempo em que fazia um gesto a Hugh para que o seguisse, e a Mão empreendeu a marcha atrás de seu guia. O emissário real o conduziu a um lugar que Hugh não demorou para reconhecer, graças a suas remotas e escuras lembranças da infância, como um monastério kir.

Era um edifício antigo, abandonado há muito tempo. As lajes do pátio estavam rachadas e, em muitos lugares, tinham desaparecido. A coralita tinha crescido sobre

grande parte dos elementos arquitetônicos exteriores que continuavam em pé, eretos com a pouco abundante pedra granítica que os kir preferiam a coralita, mais comum. Um vento gelado ululava através das habitações abandonadas, onde nenhuma luz ardia nem tinha ardido, provavelmente, fazia séculos. Sob as botas de Hugh rangiam os ramos de árvores caídas e crepitavam folhas secas.

Hugh a Mão, que tinha sido educado pela ordem severa e inflexível dos monges kir, conhecia a localização de todos os monastérios nas ilhas Volkaran e não se lembrava de ter ouvido falar de nenhum monastério que tivesse sido abandonado, de modo que o mistério de onde estava e por que tinha sido conduzido ali se tornou ainda mais obscuro.

O mensageiro parou em frente uma porta de barro cozido próximo de um torreão elevado e introduziu uma chave na fechadura. Hugh olhou para cima mas não percebeu nenhuma luz nas janelas. A porta se abriu em silêncio, sinal de que alguém costumava ir àquele lugar, já que as dobradiças enferrujadas estavam perfeitamente lubrificadas. Seu guia deslizou para o interior do torreão indicando com a mão que o seguisse. Quando ambos cruzaram a soleira do frio edifício, o mensageiro fechou a porta e guardou a chave no bolso da túnica.

— Por aqui — disse, embora não fossem necessárias muitas indicações já que só havia um caminho possível, e era para cima. Uma escada em caracol subia pelo interior do torreão. Hugh contou três níveis, assinalados por outras portas de tijolo cru. Hugh empurrou cada uma delas às escondidas enquanto subia, comprovando que todas estavam fechadas.

Ao chegar ao quarto nível, a chave de ferro reapareceu nas mãos do emissário frente a uma nova porta de tijolo cru. Diante deles se abriu um corredor comprido e estreito, mais escuro que os Senhores da Noite. O som das botas do guia ressoaram nas lajes. Hugh, acostumado a caminhar em silêncio com seus flexíveis sapatos de couro de sola macia, não fez mais ruído do que faria se fosse a sombra de seu acompanhante.

Hugh contou seis portas — três à esquerda e três à direita — antes que o mensageiro se detivesse ante a sétima. Uma vez mais, tirou a chave de entre suas roupas. A fechadura chiou e a porta se abriu sem esforço.

— Entre — disse o guia, colocando-se a um lado.

Hugh obedeceu. Não sentiu medo ao ouvir que a porta se fechava atrás dele. Entretanto, não escutou o ruído da chave dando volta ao fecho. A única luz da sala vinha do leve resplendor que era emitido pela coralita do exterior, mas a débil iluminação era suficiente para seus olhos penetrantes. Permaneceu imóvel um instante, inspecionando o lugar com atenção e percebeu que não estava sozinho.

Hugh não sentia medo. Sob a capa de pele, seus dedos seguravam com força o punho da adaga, mas esta era uma precaução comum em tal situação. Hugh era um homem de negócios e soube reconhecer imediatamente o cenário para uma conversa comercial.

A outra pessoa presente na sala era amante da escuridão. Permanecia em silêncio e se escondia nas sombras. Hugh não conseguia vê-la nem ouvi-la, mas todos os reflexos que o tinham ajudado a sobreviver ao longo de quarenta ásperos e amargos ciclos lhe diziam que havia alguém mais na sala. Hugh farejou o ar.

— Você é um animal, por acaso, para farejar-me assim? — perguntou uma voz masculina, grave e ressonante. — Foi assim como soube que estava esperando?

— Sim, sou um animal — replicou Hugh, lacônico.

— E se eu tivesse atacado?

A figura se deslocou até colocar-se em frente a janela e Hugh viu recortar-se sua silhueta contra o brilho fraco da coralita. Hugh observou que seu interlocutor era um homem alto envolto em uma capa cuja borda arrastar pelo chão. A cabeça e o rosto da figura estavam cobertos por uma cota de malha que só deixava seus olhos à mostra. Entretanto, Hugh soube que suas suspeitas tinham sido acertadas. Agora estava certo de com quem estava falando. Mostrou a adaga e respondeu:

— Teria enterrado quatro dedos de aço no seu coração, Majestade.

— Visto cota de malha — replicou Stephen, rei das ilhas Volkaran e das terras de Ulyandia. Parecia não estar surpreso por Hugh o ter reconhecido.

Nos finos lábios do assassino se formou um ligeiro sorriso.

— A cota de malha não protege sua axila, Majestade. Levante o cotovelo. — Avançando um passo, Hugh levou seus dedos longos e finos à abertura entre a couraça e a peça que protegia o braço. — Uma estocada com a adaga, aqui...

Stephen não piscou ao notar o contato.

— Tenho que comentar isto com o armeiro.

— Faça o que quiser, Majestade — disse Hugh, sacudindo a cabeça, — mas se um homem está disposto a matá-lo, considere-se morto. E se esta é a razão que me trouxe aqui, só posso oferecer um conselho: decida se quer que seu corpo seja enterrado ou incinerado.

— Fala o perito — murmurou Stephen, e Hugh captou o tom de ironia embora não pudesse ver o sorriso no rosto coberto de seu interlocutor.

— Suponho que Sua Majestade queria um perito, já que teve tanto trabalho.

O rei virou o rosto para a janela. Rondava os cinquenta ciclos mas era forte, de constituição robusta e capaz de suportar incríveis penalidades. Havia rumores de que dormia com a armadura para endurecer ainda mais seu corpo. Certamente, tendo em conta a fama de que gozava sua esposa, tal precaução não parecia supérflua.

— Sim, um autêntico perito. O melhor do reino, conforme me disseram.

Depois disto, Stephen guardou silêncio. Hugh também era perito em interpretar o que os homens diziam com os gestos, não com palavras, e embora o rei talvez acreditasse mascarar bastante bem suas emoções, Hugh observou que os dedos de sua mão esquerda se fechavam sobre si mesmos e escutou o tinido metálico da cota de malha que traía o tremor que atacava o monarca.

Assim costumavam reagir os homens enquanto tomavam a decisão de assassinar alguém.

— Também sei que tem um estranho senso do orgulho, Hugh a Mão — acrescentou o rei, rompendo de improviso seu prolongado silêncio. — Você é anunciado como uma mão justiceira, como um instrumento de castigo merecido. Elimina aqueles que supostamente ofenderam a outros, aqueles que estão acima da lei, àqueles que minha lei, supostamente, não pode tocar.

Sua voz tinha um tom irritado, desafiador. Era evidente que Stephen estava incomodado, mas Hugh sabia que os clãs guerreiros de Volkaran e de Ulyandia só se mantinham unidos graças a uma argamassa de medo e cobiça, e não lhe pareceu que valesse a pena discutir o assunto com um rei que, sem dúvida, conhecia-o perfeitamente.

— Por que faz isso? — Insistiu Stephen. — É alguma espécie de código de

honra?

— Honra? Sua Majestade fala como um senhor dos elfos! Em Therpes, a honra não serviria para pagar comida em nenhuma espelunca.

— Ah! É pelo dinheiro, então?

— O dinheiro... Por um prato de assado, pode-se ter um assassino que apunhale a sua vítima pelas costas. Isto basta aos que só querem ver seu inimigo morto. Ao contrário, os que sofreram alguma ofensa, os que padeceram nas mãos de outro... Estes querem que o causador de seus males sofra também. Querem que seu inimigo saiba, antes de morrer, quem provocou sua destruição. Querem que experimente a dor e o terror que causou a sua vítima... e estão dispostos a pagar um alto preço por esta satisfação.

— Contaram-me que você chega a correr alguns riscos extraordinários, que desafia suas vítimas a um combate limpo.

— Se o cliente pedir...

— E se estiver disposto a pagar, não é?

Hugh encolheu os ombros. A resposta era tão óbvia que não necessitava comentários. Aquela conversa não tinha sentido, não levava a lugar algum. Hugh conhecia sua própria fama e seu valor. Não precisava ouvi-la de outros, mas estava acostumado a isso. Fazia parte do negócio. Como qualquer outro cliente, Stephen estava procurando as palavras adequadas para lhe propor um trabalho e Hugh observou com surpresa que, em tal situação, um rei não reagia de maneira diferente do mais humilde de seus súditos.

Stephen havia se virado de costas e contemplava a paisagem pela janela, apoiando no batente um punho crispado. Hugh aguardou pacientemente, em silêncio.

— Não o entendo. Que razão pode ter quem o contrata para oferecer a seu inimigo a possibilidade de lutar por sua vida?

— Possivelmente porque assim obtém uma dupla vingança, pois nesse caso não é minha mão que abate o inimigo, Majestade, e sim os antepassados de minha vítima, que o abandonaram.

— E você? Acredita nisso?

Stephen se virou para olhá-lo e Hugh captou o reflexo da luz da lua sobre a cota de malha que cobria a cabeça e os ombros do monarca.

Hugh franziu o cenho. Levou a mão às mechas da barba, que lhe caía do queixo em duas tranças. Ninguém jamais lhe tinha feito aquela pergunta, o que demonstrava — ao menos, assim pareceu — que os reis eram diferentes de seus súditos. Pelo menos, aquele era. Hugh avançou até a janela e parou junto a Stephen. Um pequeno pátio a seus pés atraíu o olhar do assassino. Coberto de corallita, o chão do pátio emitia um brilho mortiço e espectral na escuridão e Hugh observou, sob a tênue luz azulada, a figura de um homem imóvel em seu centro. A figura usava um capuz negro e empunhava uma espada de fio aguçado. A seus pés tinha um bloco de pedra. Hugh sorriu, ao mesmo tempo em que torcia os extremos de sua barba.

— Eu só acredito em uma coisa, Majestade: em minha astúcia e em minha habilidade. Vejo que não tenho opção. Ou aceito o trabalho que me proporá, ou do contrário... Não é assim?

— Não. Poderá escolher. Quando eu tiver exposto o que você chama de “trabalho”, poderá optar entre aceitar ou se negar a fazê-lo.

— E nesse caso, minha cabeça pode se despedir da companhia dos ombros.

— Esse homem que vê abaixo é o carrasco real. É muito experiente em seu trabalho. Será uma morte limpa e rápida, muito melhor que a lhe esperava. É o mínimo que devo por seu tempo. — Stephen se virou para olhar nos olhos de Hugh. Seus olhos, sob a sombra da cota de malha, eram escuros e vazios; não brilhava neles nenhuma luz interior, nem refletiam a do exterior. — Tenho que tomar precauções. Não posso esperar que aceite meu pedido sem saber do que se trata, mas expressá-lo significa me pôr a sua mercê. Não posso me permitir que continue com vida, sabendo o que logo vou confiar-lhe.

— Se recusar, você acabará comigo de noite, aproveitando as sombras, sem testemunhas. Se aceitar, serei preso na mesma rede em que Sua Majestade se debate agora.

— O que esperava? Afinal, você não é mais que um assassino — replicou Stephen com frieza.

— E você, Majestade, não é mais que um homem que quer contratar um assassino.

Com uma pomposa reverência carregada de ironia, Hugh deu meia volta sobre seus calcanhais.

— Onde pensa que vai? — perguntou Stephen.

— Se Sua Majestade me perdoar, estou atrasado para uma entrevista. Faz uma hora que deveria estar no inferno.

Hugh se dirigiu à porta.

— Maldição! Acabo de oferecer sua vida! — exclamou o rei.

Ao responder, Hugh não se incomodou sequer em virar-se:

— Um preço muito baixo. Minha vida nada vale, e não lhe ponho preço. E se acha que, em troca dela, aceitarei um trabalho tão perigoso que foi necessário colocar-me entre a espada e a parede para me obrigar a aceitar. Prefiro enfrentar a morte que me estava reservada, a aceitar as condições de Sua Majestade.

Hugh abriu a porta da sala. A frente dele, fechando o caminho, estava o mensageiro do rei. A seus pés tinha a lanterna de ferro cuja pedra difundia sua luz para cima, banhando um rosto de beleza delicada e etérea.

Hugh pensou: “Um mensageiro? Tanto quanto eu sou um sartan!”.

— Dez mil barls — disse o jovem.

Hugh levou a mão às tranças da barba e as retorceu, pensativo.

Lançou um olhar de soslaio ao rei Stephen, que tinha se aproximado por trás.

— Apague essa luz, Triano — ordenou o rei. — Considera isto realmente necessário?

— Majestade — Triano falou com voz respeitosa e paciente, mas no tom de um amigo que dá conselhos a outro, não como um servo que responde a seu amo, — este homem é o melhor. Não podemos confiar este assunto a ninguém mais. Efetuamos consideráveis esforços para trazê-lo e não podemos nos permitir perdê-lo. Se Sua Majestade recordar, eu avisei que...

— Sim, eu me lembro — respondeu Stephen. Depois, guardou silêncio, furioso. Sem dúvida, nada lhe teria agradado mais que ordenar ao “mensageiro” que conduzisse aquele assassino ao cadafalso. Era provável que, ao chegar o momento, o próprio rei quisesse brandir a espada do carrasco. O mensageiro cobriu a luz com uma

tela de ferro, deixando a sala às escuras.

— Está bem! — grunhiu o rei.

— Dez mil barls? — disse Hugh, incrédulo.

— Sim — respondeu Triano. — Quando tiver terminado o trabalho.

— A metade agora e a metade quando tiver terminado.

— Agora, sua vida! Os barls, depois! — resmungou Stephen entre dentes.

Hugh deu mais um passo para a porta.

— Está bem! A metade, agora! — A voz de Stephen era um murmúrio quase incoerente.

Hugh se virou para o rei, fez um gesto de assentimento e formulou uma pergunta:

— Quem é a vítima?

Stephen exalou um profundo suspiro. Hugh escutou um gemido afogado na garganta do monarca, um som vagamente parecido com os estertores de um agonizante.

— Meu filho — declarou o rei.

CAPÍTULO 5



MONASTÉRIO DOS KIR, ILHAS VOLKARAN, REINO MÉDIO

A revelação não surpreendeu Hugh. Tinha que ser alguém próximo a Sua Majestade, para que este tratasse o assunto com tanto sigilo. Hugh sabia que Stephen temia um herdeiro, mas desconhecia qualquer outro detalhe. A julgar pela idade do rei, o príncipe devia ter dezoito ou vinte ciclos. Uma idade suficiente para haver se metido em sérios problemas.

— O príncipe está aqui, no monastério. — Stephen fez uma pausa e tentou umedecer sua língua ressecada. Depois acrescentou: — Nós lhe dissemos que sua vida corre perigo e que você é um nobre disfarçado que encarregamos de escoltá-lo a um lugar secreto e seguro. — A voz do monarca se quebrou. Tenso, pigarreou e continuou falando. — O príncipe não se oporá à decisão, pois sabe muito bem que existe um complô ameaçador...

— Disso não há dúvida — comentou Hugh.

O rei ficou ainda mais tenso. Sua cota de malha chiou e a espada tilintou na bainha.

— Conte-lhe, Majestade! — Sussurrou o mensageiro, apressando-se a interpor seu corpo entre o monarca e o assassino. — Quanto a você, lembre-se de a quem se dirige! — repreendeu-o.

Hugh o ignorou.

— Para onde tenho que levar o príncipe, Majestade? O que devo fazer com ele?

— Eu explicarei os detalhes — respondeu Triano.

Stephen já não suportava aquilo por mais tempo e começava a perder a compostura. Dirigiu-se para a porta e, ao fazê-lo, virou um pouco o corpo para não roçar com o assassino. Provavelmente, o gesto foi inconsciente, mas a afronta não passou despercebida à Hugh, que sorriu teticamente na escuridão e murmurou em resposta:

— Majestade, há um serviço que ofereço a todos os meus clientes...

Stephen parou, a mão no trinco da porta.

— Sim? Qual é? — perguntou sem virar a cabeça.

— Revelar à vítima quem mandou matá-lo e por que. Devo informar isso ao seu filho, Majestade?

A cota de malha voltou a ranger, revelando que o corpo do monarca estremecia. Apesar disso, Stephen manteve a cabeça e os ombros erguidos.

— Quando chegar o momento — sentenciou, — meu filho saberá.

Tenso, ereto, o rei entrou para o passadiço. Hugh escutou seus passos perdendo-se na distância. O mensageiro se aproximou dele e guardou silêncio até que ouviu fechar uma porta ao longe.

— Não havia necessidade de dizer isso — disse então, sem elevar a voz. — Feriu-o profundamente.

— Quem é este “mensageiro” que administra os recursos do tesouro real e se preocupa com os sentimentos do rei? — replicou Hugh.

— Tem razão. — O jovem emissário se virou para a janela e Hugh o viu sorrir.

— Não sou nenhum mensageiro. Sou o mago do rei.

O assassino franziu o cenho.

— É muito jovem para ser mago, não?

— Tenho mais idade do que aparento — respondeu Triano com jovialidade. — As guerras e o governo de um reino envelhecem os homens. A magia, não. E agora, se quiser me acompanhar, tenho roupas e provisões para sua viagem, além da informação que precisa. Por aqui...

O mago se afastou para abrir caminho a Hugh. O gesto de Triano era cortês, mas Hugh percebeu que seu acompanhante obstruía habilmente com seu corpo o passadiço pelo qual Stephen tinha desaparecido. Avançou na direção que lhe indicava.

Triano fez uma pausa para recolher a lanterna da pedra luminosa, elevou a tela e avançou junto a Hugh, muito perto de seu cotovelo.

— É óbvio, você deverá parecer um nobre e agir como tal. Para isso preparamos um vestuário adequado. Uma das razões de termos escolhido você é que procede de berço nobre, embora não tenha sido reconhecido. Possui um ar aristocrático inato. O príncipe é muito inteligente e um caipira com roupas caras não o enganaria.

Não tinham caminhado mais de dez passos quando o mago indicou a Hugh que parasse em frente de uma das muitas portas que se abriam para o corredor. Com a mesma chave que tinha utilizado nas ocasiões anteriores, Triano abriu mais uma porta. Hugh entrou e juntos percorreram um corredor transversal ao primeiro e que não estava em tão bem conservado. As paredes começavam a desmoronar e tanto Hugh como o mago avançaram com toda cautela, pois as rachaduras no solo deixavam o caminho traiçoeiro. Dobraram à esquerda para entrar em outro passadiço e um novo giro à esquerda os introduziu em um terceiro nível. Cada um dos sucessivos corredores era mais curto que o anterior. Hugh compreendeu que estavam internando-se cada vez mais nas vísceras do grande monastério. Em seguida, iniciaram uma série de voltas, como se andassem aleatoriamente. Triano não deixou de falar um só instante em todo o percurso.

— Era aconselhável recolher toda a informação possível a seu respeito. Sabemos que nasceu na cama errada depois de uma aventura de seu pai com uma criada, e que seu nobre pai (cujo nome, por certo, fui incapaz de descobrir) jogou sua mãe na rua. Ela

morreu durante o ataque dos elfos a Festfol e você foi recolhido e criado pelos monges kir. — Triano estremeceu. — Não deve ter sido uma vida fácil — acrescentou em um murmúrio, enquanto lançava um olhar aos muros gelados que os rodeavam.

Hugh não viu necessidade de fazer comentários e guardou silêncio. Se o mago achava que com aquela conversa e seguindo aquela rota complicada ia distraí-lo ou confundi-lo, não estava conseguindo. Normalmente, todos os monastérios kir eram construídos segundo os mesmos planos: um pátio interior quadrado, com as celas dos monges sobre dois dos lados. O terceiro albergava os criados dos monges ou os órfãos, como Hugh, recolhidos pela ordem. Também estavam ali as cozinhas, as salas de estudo e a enfermaria.

O menino estendido na esteira de palha sobre o chão de pedra se agitou e virou a cabeça. Na sala, escura e sem calefação, fazia um frio terrível, mas a pele do menino ardia com um calor não natural e, seus movimentos eram convulsivos, tinha lançado para um lado a fina manta com a qual cobria seus braços nus. Outro menino, alguns anos mais velho que o doente, o qual parecia ter uns nove ciclos, entrou na câmara e contemplou seu amigo com ar pesaroso. O menino trazia nas mãos uma terrina de água que colocou com cuidado no chão enquanto se ajoelhava ao lado do doente. Depois, inundando os dedos na água, umedeceu seus lábios ressecados, rachados pela febre.

Isto pareceu aliviar os sofrimentos do menino. Parou de se agitar e virou os olhos frágeis para seu amigo. Um pequeno sorriso iluminou seu rostinho pálido e macilento. O menino ajoelhado ao seu lado respondeu com outro sorriso, rasgou um pedaço de tecido de suas roupas andrajosas e a molhou na água. Depois de escorrê-la com cuidado para não desperdiçar nenhuma gota, aplicou a compressa na frente febril do pequeno.

— Tudo sairá bem... — começou a dizer, quando uma sombra negra se abateu sobre os dois e uma mão fria e ossuda o agarrou pelo punho.

— Hugh! O que está fazendo?

A voz soava tão fria, rançosa e escura como a sala.

— Eu... estava ajudando o Rolf, irmão. Ele está com febre e Grande Maude disse que, se não baixar, ele morrerá...

— Morrer? — A voz fez estremeecer a câmara de pedra. — É obvio que morrerá! É um privilégio morrer sendo um menino inocente e escapar do mal que é a herança da humanidade. O mal que devemos tirar de nossos corpos fracos a base de disciplina. — A mão obrigou Hugh a prostrar-se de joelhos. — Reze, Hugh. Reze para ser perdoado do pecado de contrariar a vontade dos antepassados tentando curar um doente. Reze para que a morte...

O menino doente emitiu um soluço e contemplou com temor o monge. Hugh se soltou da mão que o forçava a continuar de joelhos.

— Sim que rezarei pela morte — gritou, ficando em pé. — Pela sua morte, irmão!

O monge descarregou seu cajado sobre a cabeça de Hugh e este cambaleou. O segundo golpe o derrubou ao chão. Depois, choveram golpes até que o monge se cansou de lhe bater. Por fim, o irmão abandonou a enfermaria. A terrina de água tinha se quebrado durante a surra. Cheio de golpes e contusões, Hugh procurou na escuridão

até encontrar o pano. Estava úmido de água ou de seu próprio sangue, não tinha como saber. Em todo caso, notou-o frio e reconfortante quando o colocou com ternura na testa de seu pequeno amigo.

Levantando o corpinho magro em seus braços, Hugh estreitou o doente contra seu peito embalando-o levemente, consolando-o, até que o pequeno parou de tremer e de se agitar, e seu corpo ficou frio e quieto...

— Quando tinha dezesseis ciclos — continuou Triano, — escapou dos kir. O monge com o qual falei me disse que, antes de partir, invadiu as salas de arquivos e investigou a identidade de seu pai. Encontrou-o?

— Sim — respondeu Hugh, pensando que aquele Triano se esforçara muito, em averiguar coisas a respeito dele. O mago tinha ido visitar os kir e, ao que parecia, os interrogara em profundidade. Isso significava que... Sim, é obvio. Aquilo era muito interessante: quem ia aprender mais do outro durante aquele passeio pelos passadizos?

— Era um nobre? — perguntou Triano com suavidade.

— Assim se dizia. Na realidade era um... como disse a pouco? “Um caipira com roupas caras”.

— Você fala no passado. Ele morreu?

— Sim. Eu mesmo o matei.

Triano parou e olhou para ele com os olhos arregalados.

— Você me deixa gelado! Fazer uma declaração dessas com tanta preocupação...

— E por que diabos deveria me preocupar? — Hugh continuou caminhando e Triano teve que correr para manter-se a seu lado. — Quando o porco soube quem eu era, me atacou com a espada. Enfrentei-o com as mãos nuas e a arma terminou cravada em seu ventre. Jurei que fora um acidente e o oficial acreditou. Afinal, eu era quase um menino e meu “nobre” pai tinha fama de luxurioso: moças, garotos... Não revelei a ninguém quem era, mas os fiz pensar que o morto tinha me raptado. Os kir se ocuparam de me dar educação e ainda hoje sou capaz de falar como um nobre, se quiser. O oficial se convenceu de que era o filho de algum aristocrata, sequestrado para saciar a lascívia de meu pai. Suponho que o homem tinha mais interesse em silenciar a morte do velho licencioso que em iniciar uma inimizade entre clãs.

— Mas não foi um acidente, não é?

Uma pedra se moveu sob o pé de Triano, que levou instintivamente a mão para Hugh. Este sustentou o mago e o ajudou a recuperar o equilíbrio. Agora, o caminho descia para as profundezas do monastério.

— Não, não foi um acidente. Arranquei-lhe sem esforço a espada da mão, pois estava bêbado. Disse-lhe o nome de minha mãe e o lugar onde estava enterrada, e a seguir cravei a arma nas suas tripas. Morreu muito depressa. Depois aprendi.

Triano estava pálido e silencioso. Levantou a pedra luminosa em sua base de ferro e estudou o rosto carrancudo de Hugh, sulcado por profundas rugas.

— O príncipe não deve sofrer — indicou o mago.

— Bem, voltamos a esse assunto — disse Hugh com um sorriso. — Uma pena, estávamos tendo um bate-papo muito agradável. O que esperava descobrir? Que não sou tão mau como minha reputação diz? Ou talvez o contrário, que sou ainda pior?

Triano se esforçava visivelmente para não perder o controle. Com a mão em torno do braço do Hugh, inclinou-se para ele e lhe falou em voz baixa, embora os únicos ouvintes que o assassino conseguiu ver eram alguns morcegos.

— Deve fazê-lo de maneira limpa e rápida. De surpresa. Sem infundir temor. Enquanto dorme, talvez. Há venenos que...

Hugh afastou a mão do mago e respondeu:

— Conheço bem meu ofício. Farei as coisas como diz, se é isso que deseja. Você é o cliente. Ou, melhor, suponho que fala por ele.

— Sim, isso é o que desejamos.

Tranquilizado a respeito, Triano suspirou e continuou avançando um curto trecho até parar em frente a uma nova porta fechada. Em vez de abri-la, deixou a lanterna no chão e, com um gesto da mão, indicou a Hugh que observasse o interior. O assassino se abaixou e olhou pelo buraco da fechadura e escrutinou o quarto.

Hugh raramente se emocionava, nunca exteriorizava seus sentimentos... Entretanto, nesta ocasião, seu olhar aborrecido e desinteressado adquiriu um brilho de surpresa e comoção ao contemplar, pelo buraco da fechadura, sua futura vítima. Não via o jovem intrigante que tinha imaginado; enroscado em um manto, profundamente adormecido, havia um menino de rosto pensativo que não devia ter mais de dez ciclos.

Hugh se levantou lentamente. O mago levantou a lanterna e estudou o rosto do assassino. Sua expressão era sombria e carrancuda e Triano suspirou de novo, com uma aparência de preocupação no rosto. Depois de levar um dedo aos lábios, o mago conduziu Hugh a uma sala duas portas além da anterior. Abriu a porta com a chave, empurrou Hugh para o interior e fechou-a de novo sem fazer ruído.

— Ah! — Exclamou Triano sem elevar a voz, — há algum problema, não é?

Hugh lançou um olhar rápido e completo ao quarto em que estavam e voltou a olhar para o mago ansioso.

— Sim. Com prazer daria umas tragadas em um cachimbo. O meu foi tomado na prisão. Você não teria um?

CAPÍTULO 6



MONASTÉRIO KIR, ILHAS VOLKARAN, REINO MÉDIO

Mas acaba de fechar o rosto e parecia zangado. Achei que...

— ... que, talvez, tivesse escrúpulos em assassinar um pobre menino?

“É um privilégio morrer como um menino inocente e escapar do mal que é a herança da humanidade.” As palavras voltaram à lembrança. Aquele quarto frio e escuro, as paredes de pedra rachadas, o faziam evocar aquela época de sua vida. Hugh voltou trancar a lembrança no mais profundo de sua mente, lamentando que tivesse reaparecido. No quarto ardia um fogo reconfortante. Pegou uma brasa com as pinças e a colocou no cachimbo que o mago tinha extraído de um saco jogado no chão. Ao que parecia, Stephen tinha pensado em tudo.

Depois de algumas tragadas, o esterego ^[5] emitiu seu brilho incandescente e as velhas lembranças se desvaneceram como por magia.

— A expressão era por mim mesmo, porque cometi um erro. Não tinha calculado corretamente... E um erro assim pode custar caro. Entretanto, você tem razão: eu gostaria de saber o que um menino dessa idade pode ter feito para merecer uma morte tão precoce.

— Pode-se dizer que... que o fato de ter nascido — respondeu Triano, parecia ter falado sem refletir, pois imediatamente lançou um rápido olhar furtivo a Hugh para ver se o tinha escutado.

A Hugh escapavam poucos detalhes. Com o tição aceso, fez uma pausa e contemplou o mago com ar zombeteiro e curioso. Triano ruborizou e acrescentou:

— Pagamos o suficiente para que você não faça perguntas. Por falar nisso, aqui está seu dinheiro.

Introduziu a mão em uma bolsa pendurada em sua cintura e tirou um punhado de moedas. Contou cinquenta peças da cem bars e as estendeu.

— Confio que a antecipação do rei seja suficiente — murmurou.

Hugh lançou o tição à chaminé.

—Só se puder fazer uso dela.

Enquanto dava algumas tragadas para manter o cachimbo aceso, Hugh aceitou as moedas e as inspecionou com cuidado. Eram autênticas, certamente. Na face aparecia cunhado um barril de água; uma efígie de Stephen (não muito fiel, na realidade) adornava a coroa. Em um reino onde a maioria das coisas eram adquiridas por troca ou mediante o roubo (o próprio rei era um notório pirata cujas abordagens às navas dos elfos o tinham ajudado a chegar ao trono), a moeda do “barl duplo”, como era denominada, era a única a circular. Seu valor podia ser trocado diretamente pelo mais precioso líquido: a água.

No Reino Médio, a água era rara. A chuva era incomum e, quando caía, era absorvida e retida imediatamente pela corallita porosa. Pelas ilhas de corallita não corriam rios, embora diversas espécies de vegetais eram capazes de acumular água. O cultivo das árvores de cristal e das plantas copa era um meio caro e trabalhoso de obter o precioso líquido mas constituía, junto com o que era roubado dos elfos, a principal fonte do Reino Médio para os humanos.^[6] Aquela pagamento representava uma fortuna para Hugh. Com ele, não teria que voltar a trabalhar, se quisesse. E tudo isso apenas para matar um menino.

Aquilo não fazia sentido. Hugh sopesou as moedas na mão e ficou olhando para o mago.

— Está bem, creio que tenha direito, ou seja, parte da história — concordou Triano a contra gosto. — É obvio que está à par da situação atual entre Volkaran e Ulyandia, não?

Sobre uma mesinha havia uma jarra, uma terrina grande e uma bacia. O assassino deixou o dinheiro sobre a mesa, levantou a jarra de água e, vertendo parte de seu conteúdo na terrina, provou-a com ar crítico.

— Isto vem do Reino Inferior — disse. — Não é ruim.

— É água para beber e para se limpar. Você tem que parecer um nobre — replicou Triano com irritação. — Tanto no aspecto como no cheiro. Por certo, pretende me fazer acreditar que não sabe nada de política?

Hugh tirou a capa dos ombros, inclinou-se sobre a bacia e afundou o rosto na água. Depois, molhou os ombros e o peito e começou a esfregar a pele com um pedaço de sabão. A ardência da espuma ao contato com as feridas das costas fez com que fizesse uma pequena careta de dor.

— Se passasse dois dias na prisão de Yreni, como eu, você também sentiria. Quanto à política, não tem nada a ver com meu ofício, exceto me proporcionar um par de clientes esporadicamente. Nem sequer estava certo de que Stephen tinha um filho...

— Pois ele tem — disse o mago, com frieza. — E também tem uma esposa. Não é nenhum segredo que foi um matrimônio de conveniência, para evitar que as duas poderosas nações se enfrentassem e ficássemos todos a mercê dos elfos. Entretanto, a rainha gostaria de ter consolidado em suas mãos todo o poder. A coroa de Volkaran não pode ser transmitida a uma mulher e o único meio para a rainha Ana chegar ao comando é através de seu filho. Descobrimos seu plano recentemente e, nesta ocasião, o rei salvou sua vida por um fio, mas receamos que da próxima vez não tenha tanta sorte.

— E por isso querem se livrar do menino. Sim, suponho que isto resolva o problema, mas deixa ao rei sem herdeiro.

Com o cachimbo preso entre os dentes, Hugh tirou as calças e jogou água em abundância sobre seu corpo nu. Triano se virou por recato, ou enojado talvez à vista das numerosas contusões e cicatrizes de lutas, algumas ainda recentes, que marcavam a pele do assassino.

— Stephen não é nenhum estúpido. Esse problema está em vias de ser resolvido. Quando declararmos guerra a Aristagon, as nações se unirão, inclusive a da rainha. Durante a luta, Stephen se divorciará de Ana e tomará por esposa uma mulher de Volkaran. Por sorte, Sua Majestade tem ainda uma idade em que pode gerar filhos, muitos filhos. A guerra obrigará às nações aliadas a permanecerem unidas apesar do divórcio. Quando a paz voltar (se tal coisa acontecer algum dia) Ulyandia estará muito fraca, muito dependente de Stephen, para romper seus vínculos.

— Muito hábil — reconheceu Hugh. Jogando a toalha para um lado, tomou dois goles daquela água do Reino Inferior, fria e adocicada, e depois se aliviou em um urinol situado em um canto. Uma vez refrescado, começou a estudar os diversos artigos de vestuário perfeitamente dobrados e dispostos sobre uma cama de armar. — E como farei para levar os elfos à guerra? Eles têm seus próprios problemas.

— Pensei que não sabia nada de política... — murmurou Triano, cáustico. — A causa da guerra será a... a morte do príncipe.

— Ah! — Hugh vestiu a roupa interior e os calções de lã grossa. — Tudo limpo e sem marcas. Por isso teve que confirmar o assunto em lugar de se ocupar dele você mesmo, com alguns mapas do castelo!

— Exato.

A voz de Triano falhou e pareceu a ponto de sufocar-se. Hugh parou enquanto vestia a camisa e dirigiu um olhar penetrante ao mago, que, entretanto, continuou lhe dando as costas. Hugh cerrou os olhos, deixou o cachimbo de lado e continuou se vestindo, mas mais devagar, prestando atenção ao menor matiz nas palavras e no tom de voz de seu interlocutor.

— O corpo do menino deve ser encontrado por nossa gente em Aristagon. Não será difícil. Quando a notícia de que os elfos raptaram o príncipe se espalhar, grupos armados serão enviados em sua busca. Vou lhe dar uma lista de lugares adequados. O rei e eu sabemos que possui uma nave dragão...

— Desenhada e construída pelos elfos. Perfeito, não? — Respondeu Hugh. — Tinham o plano todo pronto, não é? Até o ponto de me culpar pela morte de Rogar.

Hugh vestiu uma casaca de veludo negro com galões de ouro. Sobre a cama havia uma espada. Hugh a empunhou e examinou com olho crítico. Desembainhou a folha e provou com um gesto de mão rápido e ágil. Satisfeito, devolveu-a à bainha e ajustou o cinto ao corpo. Depois, guardou a adaga no interior da bota.

— E não só de me atribuir essa morte — acrescentou, — mas também de cometê-la, não é?

— Não! — Triano se virou por fim para olhá-lo de frente. — Foi o mago da fortaleza que assassinou seu senhor, como você, acredito, adivinhou em seguida. Nós estávamos observando a situação e, simplesmente, aproveitamos. Apropriamos-nos de sua adaga e a pusemos no lugar da arma do crime. Depois, fizemos chegar a esse cavaleiro seu amigo a informação de que você se achava nas imediações.

— Assim me deixa pôr a cabeça nessa pedra empapada de sangue, me deixa ver o maníaco levantando sua espada trincada sobre mim, e em seguida me salva e acredita

que pode me comprar por puro medo.

— Com qualquer outro, teria sido assim. No seu caso tinha minhas dúvidas, como você deve ter percebido, e já as tinha expressado ao rei Stephen.

— De modo que levo o menino a Aristagon, mato-o e deixo o corpo para que seu pobre pai o encontre, que então agita o punho e jura vingá-lo dos elfos, e toda a humanidade parte para a guerra. Não ocorreu a ninguém que os elfos não são tão estúpidos? Neste momento, não estão interessados numa guerra conosco. A rebelião entre eles é um assunto sério.

— Parece saber mais dos elfos que de sua própria gente! Para alguns, isto seria chocante...

— Certamente, para quem ignora que tenho que contratar construtores elfos para reparar minha nave que sua magia deve ser renovada por feiticeiros elfos.

— De modo que negocia com o inimigo...

— Em meu ofício, todo mundo é inimigo — respondeu Hugh dando de ombros.

Triano umedeceu os lábios. Era evidente que a conversa o desagradava, mas isto era o que acontecia, refletiu Hugh, quando se bebia com os reis.

— Em várias ocasiões, os elfos capturaram algum homem e nos provocaram deixando os corpos onde pudéssemos descobri-los com facilidade — disse Triano em voz baixa. — Deve dispor as coisas para que pareça...

— Já sei como dispor as coisas. — Hugh pousou a mão no ombro do mago e teve a satisfação de notar que o jovem feiticeiro se encolhia ao contato. — Conheço meu ofício.

Baixou a mão, recolheu as moedas, voltou a estudá-las e deixou cair um par em um pequeno bolso interior da casaca. Guardou cuidadosamente as demais em sua sacola e colocou esta em um alforje.

— Falando de negócios — disse então, — como entraremos em contato para que eu receba o restante do pagamento e que garantia tenho de vou receber o dinheiro, e não uma flecha no peito, quando retornar?

— Tem nossa palavra, a palavra de um rei. Quanto à flecha... — agora era Triano quem parecia satisfeito, — suponho que saberá cuidar de si mesmo.

— Certamente — assentiu Hugh. — Lembrarei das suas palavras.

— É uma ameaça? — perguntou Triano.

— É uma promessa — replicou Hugh com frieza. — E agora, é melhor nos apressarmos. Será preciso viajar de noite.

— O dragão o levará até onde sua nave está ancorada...

— ... para que diga onde a guardo? — Hugh arqueou as sobrancelhas. — Não.

— Tem nossa palavra de que...

Hugh sorriu.

— A palavra de um homem que me contrata para matar seu filho!

O jovem mago avermelhou de raiva.

— Não o julgue! Você não pode entender... — Triano mordeu a língua, obrigando-se a calar.

— Entender, o que? — Hugh lhe dirigiu um olhar penetrante, agudo.

— Nada. Você mesmo disse que não se interessava por política. — Triano engoliu em seco. — Pense o que quiser de nós. Pouco importa.

Hugh observou-o com ar cético e chegou à conclusão de que não ia conseguir mais informação.

— Diga-me onde estamos e saberei chegar até a nave — propôs.

— Impossível. Esta fortaleza é secreta. Nos esforçamos durante muitos anos para transformá-la em um refúgio seguro para Sua Majestade.

— Ah! Mas tem minha palavra de que... — zombou Hugh. — Parece que estamos em um beco sem saída.

Triano avermelhou de novo e mordeu o lábio com tal força que, quando por fim, voltou a falar, Hugh viu marcas brancas na carne.

— O que me diz disso? Você me indica uma direção geral... o nome de uma ilha, digamos, e eu dou instruções ao dragão de que os conduza, a você e ao príncipe, a uma cidade dessa ilha e que os deixe ali. É o máximo que posso oferecer.

Hugh meditou na proposta e, finalmente, concordou com a cabeça. Depois de dar uns golpes para tirar a cinza, guardou o cachimbo — de boca larga e curva — no alforje e inspecionou o resto do seu conteúdo. Sua satisfação ante o que viu nela foi evidente, pois voltou a fechá-la sem um comentário.

— O príncipe leva sua própria comida e roupas, suficiente para... — Triano titubeou, mas se obrigou a terminar a frase — ... para um mês.

— O assunto não deveria se estender tanto — declarou Hugh enquanto cobria os ombros com a capa de pele. — A não ser que essa cidade esteja muito longe do lugar que devemos ir. Posso alugar alguns dragões...

— O príncipe não deve ser visto! São poucos que o conhecem fora da corte, mas se por acaso alguém o reconhecesse...

— Fique tranquilo. Sei o que faço — replicou Hugh com voz calma, mas em seus olhos negros brilhava uma advertência que o mago acreditou conveniente atender.

Hugh carregou o alforje e se dirigiu para a porta. Pela extremidade do olho captou um movimento que atraíu sua atenção. Fora, no pátio, o carrasco real fez uma reverência em resposta a alguma ordem inaudível e se retirou. No pátio ficou apenas o bloco de pedra. O talho brilhava com uma luz branca estranhamente tentadora em sua frieza, sua pureza e sua promessa de morte. Hugh fez uma pausa. Era como se, por um instante, notasse a linha invisível do destino enroscando-se em torno de seu pescoço. Um fio que o prendia e o arrastava, prendendo-o na mesma teia imensa em que Triano e o rei já se debatiam.

Um golpe da espada, limpo e rápido, o libertaria. Um golpe, em troca de dez mil barls. Retorcendo-a trança da barba, Hugh se virou para Triano.

— Que prova devo enviar?

— Prova? — Triano piscou, sem compreender a que seu interlocutor se referia.

— Para indicar que o trabalho está terminado. Uma orelha? Um dedo? O que?

— Nossos benditos antepassados não permitam!

O jovem mago ficou mortalmente pálido. Cambaleou de um lado para outro e teve que se apoiar em uma parede para manter-se em pé. Por isso não chegou a perceber que nos lábios de Hugh aparecia um sorriso e que o assassino inclinava ligeiramente a cabeça como se acabasse de receber a resposta a uma pergunta muito importante.

— Por favor... perdoe esta demonstração de fraqueza — murmurou Triano, passando uma mão trêmula pela face banhada em suor. — Estou várias noites sem dormir e... e tive que ir e voltar para Ke'lith depressa, mais de um rydai em cada direção,

nos lombos do dragão. É obvio que queremos uma prova! O príncipe leva... — Triano vacilou e, de repente, pareceu encontrar novas forças para continuar. — O príncipe usa um amuleto, uma pluma de falcão presente de um misteriarca do Reino Superior após seu nascimento. Devido a suas propriedades mágicas, não se pode separar o amuleto de seu dono a menos que o príncipe... — a voz de Triano vacilou de novo — ... a menos que esteja morto. — Exalou um profundo e trêmulo suspiro e acrescentou: — Mandem esse amuleto e saberemos que...

O feitiçeiro não terminou a frase.

— Que tipo de propriedades mágicas? — quis saber Hugh.

Mas Triano, pálido e desconcertado, permaneceu calado e sacudiu a cabeça. Hugh não pôde determinar se o mago se negava a responder ou se era fisicamente incapaz de articular uma palavra. De qualquer modo, era evidente que Triano não ia revelar muito mais sobre o príncipe e seu amuleto.

Provavelmente, não importava. Era habitual dar de presente objetos mágicos daquele tipo aos bebês para protegê-los de enfermidades, das mordidas de ratos, ou simplesmente de cair no fogo da chaminé. A maioria dos amuletos, vendidos por ambulantes, possuía as mesmas capacidades mágicas que a laje que Hugh estava pisando naquele momento. É obvio, era muito provável que o amuleto de um príncipe fosse autêntico, mas Hugh não conhecia nenhum amuleto — nem sequer os dotados de verdadeiro poder — que pudesse proteger seu portador de, por exemplo, ter o pescoço cortado. Segundo as lendas, houve uma época em que certos feitiçeiros possuíam esta capacidade, mas isso fora a muito tempo. Tal conhecimento se perdera desde que os bruxos antigos abandonaram o Reino Médio para se instalar nas longínquas ilhas flutuantes do Reino Superior. Seria possível que um deles tivesse descido para entregar a pluma ao bebê?

Triano devia tomá-lo por um verdadeiro louco, pensou Hugh.

— Controle-se, mago — disse — ou o menino desconfiará.

Triano assentiu e bebeu com avidez a água que o assassino lhe serviu. Fechando os olhos, o mago exalou vários suspiros, concentrou-se e, em alguns instantes, conseguiu voltar a sorrir com expressão tranquila e normal enquanto suas bochechas cinzentas recuperavam a cor.

— Já estou preparado — indicou por fim, saindo para o corredor e iniciando a marcha para a câmara onde dormia o príncipe.

O mago introduziu a chave na fechadura, abriu a porta em silêncio e se afastou da entrada.

— Adeus — disse a Hugh enquanto guardava a chave no bolso de sua casaca.

— Não vai entrar comigo para me apresentar, para explicar o que está acontecendo?

Triano moveu a cabeça e murmurou uma negativa. Hugh percebeu que o mago se esforçava para manter o olhar à frente e que evitava dirigi-lo para o interior do quarto.

— Agora está em suas mãos — Hugh ouviu-o murmurar. — Vou deixar a luz.

O feitiçeiro deu meia volta e literalmente fugiu pelo passadiço. Logo se perdendo nas sombras. O ouvido agudo de Hugh captou o estalo de uma fechadura, seguido de uma corrente de ar fresco que cessou rapidamente. O mago se fora.

Hugh deu de ombros, acariciou as duas moedas do bolso com os dedos de uma

mão e fechou a outra em torno do punho da espada em um gesto que o tranquilizou. Depois, sustentando no alto a lanterna, penetrou no quarto e iluminou o garoto.

Hugh não gostava de crianças, nem sabia nada a respeito delas. Não guardava nenhuma lembrança de sua infância, o que não era de estranhar pois tinha sido muito breve. Os monges kir não encontravam nenhuma utilidade na inocência infantil, feliz e despreocupada. Desde muito pequenos, os meninos a seus cuidados eram expostos às cruéis realidades da vida. Em um mundo onde não existiam deuses, os kir veneravam a única certeza da vida: a morte. A vida chegava à humanidade por azar, de maneira fortuita. Não havia opção nem remédio para ela e demonstrar alegria a tão duvidoso dom era considerado um pecado. A morte, ao contrário, era a promessa, a feliz libertação.

Como parte essencial de suas crenças, os kir executavam as tarefas que as maiorias dos humanos consideravam mais ofensivas ou perigosas, e eram conhecidos por isso como os Irmãos da Morte.

Os monges não tinham piedade para com os vivos. Eram incumbidos dos mortos. Não praticavam as artes curativas, mas quando os corpos das vítimas de uma peste eram jogados nas ruas, eram eles que se encarregavam de recolhê-los, de realizar os rituais sagrados e de incinerá-los. Os pobres a quem os kir fechavam as portas enquanto estavam vivos eram admitidos uma vez mortos. Os suicidas, malditos pelos antepassados e considerados como uma desonra por seus familiares, eram acolhidos pelos kir e seus corpos, tratados com respeito. Os cadáveres de assassinos, prostitutas e ladrões... todos eram recebidos pelos kir. Após uma batalha, eram eles que cuidavam dos que tinham sacrificado sua vida pela causa que estivesse em jogo naquele momento.

Os únicos seres vivos a quem os monges kir estendiam sua caridade eram os filhos homens dos falecidos, os órfãos precisavam de proteção. Os kir lhes proporcionavam teto e educação. Onde eles iam — sempre algum cenário de miséria e sofrimento — levavam consigo os meninos, que utilizavam como criados enquanto ensinavam os fatos da vida, louvando as piedosas vantagens da morte. Educando esses meninos segundo seus costumes e suas crenças lúgubres, os monges podiam manter o número de membros de sua ordem. Alguns meninos, como Hugh, conseguiam escapar, mas nem sequer ele tinha conseguido fugir da sombra dos capuzes negros sob cuja tutela tinha crescido.

Assim, quando Hugh contemplou o rosto adormecido do menino, não sentiu pena nem indignação. Matar o menino era só mais um trabalho, embora pudesse ser mais difícil e perigoso que a maioria. Hugh sabia que o mago tinha mentido; agora, só restava descobrir a razão.

Deixou cair o alforje no chão e utilizou a ponta da bota para despertar o príncipe.

— Menino, acorde.

O menino deu um pulo, abriu os olhos com um brilho de cólera e permaneceu sentado, em atitude reflexiva, até estar completamente acordado.

— O que é isto? — Perguntou, olhando para o desconhecido através de um matagal de cachos dourados. — Quem é você?

— Meu nome é Hugh, maese Hugh de Ke'lith, Alteza — respondeu, recordando a tempo que devia agir como nobre e mencionando o primeiro lugar que lhe veio à mente. — Você corre perigo e seu pai me contratou para levá-lo a um lugar seguro.

Levante-se. O tempo corre. Devemos empreender a marcha enquanto ainda é noite.

Ao observar o rosto impassível do homem, com suas maçãs do rosto altas, o nariz aquilino e as tranças negras penduradas do queixo, o menino se deitou novamente.

— Vá embora! Não gostei de você! Onde está Triano? Quero Triano!

— Eu não sou bonito como o mago, mas seu pai não me contratou pelo meu aspecto. Se você se assustou ao me ver, imagine o que pensarão seus inimigos.

Hugh disse estas frases em tom de brincadeira, só por dizer. Estava disposto a agarrar o menino, por mais que esperneasse e gritasse, e levá-lo à força. Por isso se surpreendeu ao observar que o pequeno meditava nas suas palavras com uma expressão séria e de profunda inteligência.

— O que diz tem sentido, maese Hugh — disse o moço, ficando em pé. — Vou acompanhá-lo. Recolha minhas coisas — acrescentou, apontando com sua mão pequena um fardo colocado junto a ele sobre a cama.

Hugh teve que morder a língua para não dizer ao garoto que arrumasse tudo ele mesmo, mas conseguiu se conter.

— Sim, Alteza — disse humildemente, com uma reverência. Estudou o moço com atenção. O príncipe era pequeno para sua idade e tinha olhos grandes de cor azul clara, lábios doces e cheios e a face, branca como porcelana, de quem passou a vida protegido debaixo de um teto. A luz iluminava uma pluma de falcão pendurada em uma corrente de prata que rodeava seu pescoço.

— Já que vamos ser companheiros de viagem, me chame por meu nome — propôs o menino vacilante.

— E qual é sua graça, Alteza? — perguntou Hugh, carregando o fardo. O menino olhou para ele e Hugh se apressou a acrescentar: — Passei muitos anos fora do país, Alteza.

— Bane — disse o pequeno. — Sou o príncipe Bane.

Hugh ficou imóvel, gelado. Bane! Aquela era a palavra que os monges kir usavam para designar a má sorte, a causa da ruína dos homens. O assassino não era supersticioso, mas por que alguém tinha que pôr um nome de tão mau agouro em um menino? Hugh notou o fio invisível da teia do destino enroscando-se ao seu pescoço. Evocou a imagem do talho de mármore, aquela pedra fria, pacífica e serena. Incomodado consigo mesmo, sacudiu a cabeça. A sensação paralisante se desvaneceu e a imagem de sua própria morte desapareceu. Hugh carregou ao ombro o fardo do príncipe e seus próprios alforjes.

Para sua surpresa, o príncipe lhe rodeou o pescoço com os braços.

— Fico feliz que seja meu guardião — declarou, com sua suave bochecha contra a de Hugh.

Hugh ficou rígido, imóvel. Bane se afastou por fim.

— Já estou preparado — anunciou com excitação. — Viajaremos de dragão? Esta noite foi a primeira vez que montei um. Suponho que você deve montá-los continuamente.

— Sim — conseguiu dizer Hugh. — Tenho um dragão no pátio. Se Sua Alteza me seguir... — Carregado com os dois sacos, tomou na mão a lanterna.

— Conheço o caminho — respondeu o príncipe, abandonando o quarto.

Hugh o seguiu, e sentiu o contato da mão do menino, suave e quente contra sua pele.

CAPÍTULO 7



MONASTÉRIO KIR, ILHAS VOLKARAN, REINO MÉDIO

Três pessoas estavam reunidas em uma sala localizada nos pisos superiores do monastério. O local tinha sido a cela de um dos monges e, portanto, era frio, austero, pequeno e sem janelas. O trio — dois homens e uma mulher — se achava no centro do pequeno quarto. Um dos homens tinha um braço em torno dos ombros da mulher e esta o enlaçava pela cintura; os dois pareciam sustentar-se mutuamente, como se fossem cair se não se apoiassem um no outro. O terceiro membro se encontrava muito perto do casal.

— Estão se preparando para partir.

O mago tinha a cabeça inclinada, embora não fosse seu ouvido físico que captava o bater das asas do dragão através dos grossos muros do monastério.

— Ele está partindo! — começou a gemer a mulher, dando um passo a frente. — Quero vê-lo! Meu filho! Só mais uma vez!

— Não, Ana! — A voz de Triano era severa, sua mão agarrou a da mulher e a apertou com força. — Foram necessários longos meses para romper o feitiço. Desta maneira é mais simples! Você precisa ser forte!

— Espero que tenhamos agido bem! — soluçou a mulher, voltando o rosto contra o ombro de seu marido.

— Você deveria acompanhá-los, Triano — disse Stephen com voz áspera, embora a mão com que acariciava o cabelo de sua esposa fosse suave e carinhosa. — Ainda temos tempo.

— Não, Majestade. estudamos este assunto longamente. Nossos planos estão bem feitos. Agora, devemos executá-lo se rogar que os antepassados estejam conosco e que tudo saia como esperamos.

— Avisou esse... Hugh?

— Um sujeito duro como esse não acreditaria. Não serviria de nada e poderia ter causado muito dano. Esse homem é o melhor. É frio e desumano. Devemos confiar

em sua habilidade e em seu modo de ser.

— E se fracassar?

— Nesse caso, Majestade — respondeu Triano com um leve suspiro, — deveremos nos preparar para enfrentar o fim.

CAPÍTULO 8



HET, DREVLIN, REINO INFERIOR

Quase no mesmo instante em que Hugh colocava sua cabeça sobre o talho no pátio do Ke'lith, outra execução — a do tristemente famoso Limbeck Bolttightener — acontecia a milhares de menkas [171](#) abaixo de Volkaran, na ilha de Drevlin. Em princípio, qualquer um teria pensado que ambas as execuções não tinham outra coisa em comum além da coincidência no tempo. Entretanto, os fios invisíveis tecidos pela aranha imortal do destino se enroscaram em torno da alma daqueles dois réus estranhamente diferentes e, de forma lenta e inexorável, propiciariam seu encontro.

Na noite em que foi assassinado Rogar de Ke'lith, Limbeck Bolttightener se achava em sua acolhedora e desordenada moradia em Het, a cidade mais antiga de Drevlin, preparando um discurso.

Limbeck era um geg, como estes chamavam a si mesmos. Em outros idiomas do Ariano, assim como no mundo antigo anterior à Separação, Limbeck e seus compatriotas recebiam o nome de anões. Limbeck tinha respeitáveis seis palmos (sem sapatos). Uma barba abundante e despenteada adornava seu rosto, alegre e franco. Começava a ter um pouco de barriga, algo inabitual em um geg jovem adulto, mas que se devia ao fato de passar grande parte de seu tempo sentado. Seus olhos eram brilhantes, inquisitivos e terrivelmente míopes.

Limbeck vivia em uma pequena caverna entre centenas de outras cavidades que formavam uma espécie de favo em um grande monte de coralita situada nos subúrbios de Het. A caverna de Limbeck tinha certas diferenças com as de seus vizinhos, o que parecia muito apropriado já que o próprio Limbeck era, sem dúvida, um geg incomum. Sua caverna era mais alta que as demais (o teto estava quase ao dobro da altura de um geg). Uma plataforma especial, construída com pranchas de madeira nodosa, permitia-lhe acessar o teto da casa e desfrutar de outra das raridades da caverna: as janelas.

A maioria dos gegs não precisava de janelas, pois as tormentas que açoitavam a ilha as tornavam pouco práticas e, em geral, os gegs se preocupavam mais com o que

acontecia dentro das cavernas que com o exterior. Contudo, alguns dos edifícios originais da cidade — construídos a tanto tempo atrás pelos venerados e reverenciados ditores — contavam com elas. Seus pequenos painéis de grosso cristal cheio de bolhas, colocados nos ocos abertos nas sólidas paredes, estavam perfeitamente adaptados à exposição permanente ao vento, a chuva e ao granizo. Limbeck tinha requisitado alguns desses painéis de um edifício abandonado do centro da cidade e os tinha transportado para a sua caverna. Com algumas voltas de uma furadeira que tinha pedido emprestado, tinha criado duas aberturas perfeitas para as janelas ao nível do chão e outras quatro perto do teto.

Com isto, Limbeck tinha estabelecido a principal diferença entre ele e maioria de seus congêneres. Estes só olhavam para dentro, enquanto que ele gostava de contemplar o exterior, mesmo que fosse apenas para ver a chuva torrencial cair, o granizo e os relâmpagos ou, nos breves períodos em que as tormentas paravam, ver os deslumbrantes mecanismos internos da Máquina Viva.

Outro detalhe da casa de Limbeck a tornava decididamente inconfundível. Na porta de entrada, que se abria para o interior do montículo e para suas ruas interconectadas, havia uma placa com as letras UAPP pintadas em vermelho.

Em todos os outros aspectos, a casa era uma típica moradia geg. O mobiliário, funcional e confeccionado com os poucos materiais ao alcance dos anões, carecia de qualquer frivolidade decorativa. Nada do que podia ser visto ali permanecia quieto. Os muros, chão e teto da confortável caverna estremeciam e tremiam seguindo as batidas, o martelar, o zumbido, as crepitações e o estrépito da Máquina Viva, o objeto dominante... a força dominante em Drevlin.

Limbeck, líder supremo da UAPP, não se importava com o barulho. O estrondo o tranquilizava, pois o ouvia amortecido, desde que estava no ventre de sua mãe. Os gegas reverenciavam o barulho, assim como veneravam a Máquina Viva, pois sabiam que se o barulho parasse, seu mundo ruiria. Entre eles, a morte era conhecida como o Perpétuo Silêncio.

Envolto pelo reconfortante chiar e retumbar, Limbeck se esforçava em dar forma a seu discurso. As palavras vinham com fluidez à sua cabeça, mas era muito difícil transportá-las para o papel. O que soava grandioso, solene e nobre quando surgia de seus lábios, parecia corriqueiro e pretensioso uma vez escrito. Ao menos, assim parecia a Limbeck. Jarre sempre insistia que ele era muito crítico consigo mesmo e que seus escritos eram tão interessantes quanto sua oratória. Entretanto, quando a ouvia dizer isso, Limbeck respondia depositando um beijo em sua bochecha e insistindo que sua opinião não era objetiva.

Limbeck repetiu em voz alta o que havia escrito para ouvir como soavam suas palavras. Como era muito míope e era difícil concentrar-se quando usava os óculos, Limbeck os tirava invariavelmente quando estava escrevendo. Com o rosto quase colado ao papel enquanto deslizava a pena linha por linha, o anão acabava com mais tinta no nariz e na barba do que no papel.

— Portanto, nossa intenção como União de Adoradores do Progresso e Prosperidade é proporcionar a nosso povo uma vida melhor, não no futuro que talvez não chegue jamais.

Limbeck, levado pelo seu entusiasmo, descarregou o punho sobre a mesa e derramou um pouco de tinta do recipiente que utilizava como tinteiro. Um fio de

líquido azul deslizou para o papel, ameaçando borrar o discurso. Limbeck cortou o caminho da tinta passando o cotovelo pela mesa e sua túnica desgastada absorveu o líquido avidamente. Como o tecido tinha perdido a muito tempo o colorido que um dia possuirá, a mancha na manga representou uma alegre melhoria.

— Durante séculos, nossos líderes insistiram que fossemos enviados a este reino de tormentas e caos porque não fomos considerados merecedores de compartilhar as terras superiores com os elfos. Disseram que como somos de carne e osso, não podíamos viver na terra dos imortais. Quando formos merecedores, dizem nossos líderes, os welfos virão e julgarão nossos atos e nos elevarão aos céus. Enquanto esse dia não chegar, acrescentam, nossa obrigação é servir à Máquina Viva e aguardar a chegada do grande momento. Mas eu afirmo... afirmo que esse dia nunca chegará!

Neste ponto, Limbeck ergueu seu punho cerrado e manchado de tinta acima da cabeça. Depois, acrescentou:

— Afirmo que eles mentem, que nossos líderes vivem no engano! É óbvio que o supervisor chefe e os membros de sua corte falem de aguardar o dia do Julgamento para que as mudanças aconteçam. Afinal, eles não precisam melhorar suas condições de vida. O supervisor e os seus recebem o pagamento divino, mas repartem isso igualmente conosco, por acaso? Não! Ao contrário, nos fazem pagar, e um preço muito alto, pelo produto que nós mesmos obtivemos com nosso suor e trabalho!

Limbeck decidiu fazer uma pausa naquele ponto para os aplausos e marcou o parágrafo com uma estrela.

— É hora de elevar-se e...

Interrompeu-se em meio a frase, acreditando ter ouvido um som estranho. Para os welfos que apareciam a cada mês em busca de seu carregamento de água, era um mistério como alguém podia ouvir outra coisa além do barulho da Máquina Viva e o ulular e rugir das tormentas que varriam Drevlin dia a dia. Entretanto, os geggs, acostumados aos ruídos ensurdecedores, prestavam a estes a mesma atenção que um senhor dos elfos de Tribos ao murmúrio de uma corrente de ar entre as folhas de uma árvore. Um gegg podia dormir como um tronco em meio a uma furiosa tormenta e, despertar sobressaltado pelo rumor de um camundongo perambulando pela despensa.

O que tinha chamado a atenção de Limbeck era o som de um grito longínquo; sobressaltado pela inesperada interrupção, lançou um olhar ao aparelho de medir o tempo — invento dele — que tinha colocado em um oco da parede. Do artefato, uma complexa combinação de engrenagens, rodas e puas, soltava a cada hora um feijão que era recolhido em um recipiente colocado abaixo. A cada manhã, Limbeck esvaziava o recipiente dos feijões por um buraco na parte superior do aparelho e iniciava a medição da nova jornada.

Levantando-se de um salto, Limbeck aproximou seus olhos míopes do recipiente, contou apressadamente os feijões e emitiu um grunhido. Era tarde. Tomando um casaco, dirigiu-se à porta quando, de repente, veio-lhe à cabeça uma nova frase do discurso e decidiu atrasar a marcha alguns instantes para anotá-la. Sentou-se de novo e não voltou a se lembrar da entrevista. Feliz e melado de tinta se perdeu uma vez mais em sua retórica.

— Nós, a União de Adoradores para o Progresso e a Prosperidade, propomos três medidas: primeira, que todos os peritos se reúnam e compartilhem seus conhecimentos sobre a Máquina Viva e aprendam seu funcionamento para que nos

transformemos em seus donos e deixemos de ser seus escravos. (Sinal para aplausos.) Segunda, que os adoradores deixem de esperar o dia do Julgamento e comecem a trabalhar a partir de agora para melhorar a qualidade de suas vidas atuais. (Outro sinal.) Terceira, que os adoradores exijam do supervisor uma participação justa nos ganhos obtidos dos welfos. (Dois sinais.)

Ao chegar a este ponto, Limbeck suspirou. Sabia, por experiências anteriores, que esta última medida seria a mais popular entre os jovens gegas reclamavam de trabalhar longas horas por um pagamento exíguo. Mas também sabia que, das três, era a de menor importância.

— Se eles tivessem visto o mesmo que eu! — lamentou-se Limbeck. — Se soubessem o que eu sei! Se pudesse revelar-lhes.

De novo, o som de um grito longínquo interrompeu seus pensamentos. Erguendo a cabeça, sorriu com orgulho. O discurso de Jarre estava tendo seu efeito habitual. “Ela não precisa de mim”, refletiu Limbeck, não com tristeza mas com a alegria de um professor que se orgulha ao ver florescer um aluno promissor. Jarre estava se saindo muito bem sem ele. “Será melhor que continue escrevendo e termine de uma vez”, acrescentou para si mesmo.

Durante a hora seguinte, empapado de tinta e de inspiração, Limbeck permaneceu tão absorto em sua tarefa que não voltou a ouvir as vozes e, portanto, não percebeu que mudavam de tom e passavam de gritos de aprovação a rugidos de cólera. Quando, por fim, outro som diferente do monótono retumbar e chiar da Máquina Viva atraiu sua atenção, foi o bater de uma porta. O sobressalto foi tremendo, pois o golpe soou apenas a cinco palmos de seu assento.

Distinguiu apenas uma silhueta escura e imprecisa que pensou que fosse Jarre.

— É você querida? — perguntou.

Jarre ofegava como se tivesse feito um tremendo esforço. Limbeck apalpou os bolsos em busca dos óculos, não os encontrou e mediu a mesa com uma mão.

— Ouvi os aplausos. Seu discurso de hoje foi esplêndido ao que parece. Lamento não ter assistido como prometi, mas estava ocupado... — apontou o papel com uma mão salpicada de tinta.

Jarre se apoiou nele. Os gegas são pequenos em estatura mas de constituição robusta, com mãos grandes e fortes e uma propensão a apresentar mandíbulas quadradas e ombros também quadrados que lhes proporcionam um aspecto geral de grande robustez. Homens e mulheres gegas possuem a mesma corpulência, pois todos servem à Máquina Viva até a idade de contrair matrimônio — em torno dos quarenta ciclos, — momento em que se exige de ambos os sexos que deixem seu posto de trabalho e fiquem em suas casas para conceber e criar a próxima geração de adoradores da Máquina Viva. Jarre, que tinha servido por doze ciclos, era mais forte que a maior parte das mulheres jovens. Limbeck, que nunca tinha servido à máquina, era bastante adocentado. Em consequência, quando Jarre se apoiou nele, esteve a ponto de derrubá-lo da cadeira.

— O que aconteceu, querida? — perguntou Limbeck enquanto a escrutinava com seus olhos míopes, consciente pela primeira vez de que algo estava acontecendo. — O discurso não foi bem?

— Sim, foi muito bem. Muito bem! — respondeu Jarre, afundando as mãos na túnica esfarrapada e manchada de tinta de Limbeck e tentando obrigá-lo a ficar em pé.

— Vamos! Precisamos tirar você daqui!

— Agora? — Protestou Limbeck com uma piscada. — Mas meu discurso...

— Sim, é uma boa ideia. Não podemos deixá-lo aqui como prova... — Afastando-se de Limbeck, Jarre se apressou a recolher as folhas de papel que eram um produto de refugio da Máquina Viva (ninguém sabia por que) e começou guardá-las sob a parte dianteira de seu vestido. — Depressa, não temos muito tempo! — Lançou um olhar rápido em volta e acrescentou: — Há mais alguma coisa que devemos levar?

— Prova...? — Perguntou Limbeck, desconcertado, enquanto procurava os óculos. — Prova do que?

— Da União de Adoradores — respondeu Jarre com impaciência. Inclinou a cabeça, escutou com atenção e correu com expressão temerosa a uma das janelas.

— Mas, minha querida, esta é a sede da União! — Limbeck começou a protestar, mas ela o fez se calar com um gesto.

— Escute! Ouviu isso? Eles estão vindo. — Estendeu a mão, recolheu os óculos de Limbeck e com um gesto rápido colocou-os no nariz dele, onde pararam em precário equilíbrio. — Já vejo suas lanternas. São os guardas. Não, pela frente, não! Pela porta dos fundos, por onde entrei!

Jarre começou a empurrá-lo para que se apressasse, mas Limbeck parou e, quando um geg se planta onde está, é quase impossível movê-lo.

— Não irei a parte alguma, querida, até que me conte o que aconteceu — declarou, enquanto ajustava os óculos com um gesto calmo.

Jarre retorceu as mãos, mas conhecia bem o geg que amava. Limbeck tinha um caráter teimoso que nem sequer a Máquina Viva poderia ter derrotado. A mulher tinha aprendido em ocasiões anteriores a vencer sua teimosia atuando com grande rapidez, sem lhe dar tempo de pensar, mas percebeu que esse estratagema não funcionaria desta vez.

— Ah! Está bem — assentiu exasperada, enquanto voltava constantemente a vista para a porta dianteira. — Havia uma grande multidão no comício. Muito maior do que esperávamos...

— Isso é estupen...

— Não me interrompa. Não temos tempo. Todos escutavam minhas palavras e... ah, Limbeck, foi tão maravilhoso! — apesar do medo e da impaciência, o olhar de Jarre brilhou. — Foi como aplicar um fósforo em um punhado de pólvora. O público se inflamou até explodir!

— Explodir? — Limbeck começou a sentir-se inquieto. — Minha querida, não queremos produzir nenhuma explosão.

— É você que não queria — respondeu ela com desdém. — Mas agora é muito tarde. O fogo já está aceso e temos que conduzi-lo, não tentar extingui-lo de novo. — Apertou os punhos e jogou para frente seu queixo quadrado. — Atacamos a Máquina Viva esta noite!

— Não!

Limbeck olhou-a, horrorizado. A notícia produziu tal comoção que, imediatamente, caiu sentado de novo na cadeira.

— Sim, e acredito que lhe causamos um dano irreparável. — Jarre sacudiu o cabelo escuro e encaracolado, que usava bastante curto. — Os guardas e alguns dos ofinistas nos perseguiram, mas todos os nossos escaparam. Os guardas não demorarão

para vir à sede da União em sua busca, querido, e por isso vim para te afastar do perigo. Escute! — Chegou a seus ouvidos o som de golpes na porta e vozes roucas que exigiam aos gritos que abrissem a porta. — Já estão aqui! Depressa! É provável que ignorem a existência da porta dos fundos...

— Eles vem me prender? — perguntou Limbeck, meditabundo.

Jarre não gostou da expressão de seu rosto. Franziu o cenho e o puxou, fazendo com que ele ficasse em pé outra vez.

— Sim. Vamooooo já...

— Vão me levar a julgamento? — continuou Limbeck com voz calma. — Muito provavelmente, perante o próprio supervisor chefe...

— O que está pensando, Limbeck? — Jarre não precisava perguntar, sabia muito bem o que ele pretendia. — Causar danos à Máquina Viva é castigado com a morte!

Limbeck ignorou o comentário, como se aquela fosse uma questão sem importância. As vozes ficaram mais fortes e persistentes. Uma delas pediu um machado.

— Minha querida — declarou Limbeck, — finalmente terei o público que estou buscando durante toda a minha vida! Esta é nossa chance de ouro! Pense bem: assim poderei apresentar nossa causa ao supervisor chefe e ao Conselho dos Turnos! Estarão presentes centenas de gegs. Os cantores de notícias e o misor-receptor...

O fio do machado apareceu através da porta de madeira. Jarre empalideceu.

— Oh, Limbeck! Não há tempo para se fazer de mártir! Por favor, vamos de uma vez!

O machado se liberou, desapareceu e caiu com um novo golpe sobre a porta maltratada.

— Não, vá você, querida — replicou Limbeck, beijando-a na face. — Eu fico. Já me decidi.

— Então, eu fico também! — declarou Jarre com ferocidade, apertando a mão de Limbeck entre as suas.

O machado descarregou sobre a porta outro golpe, que fez voar lascas por todo o quarto.

— Não, não! — Limbeck sacudiu a cabeça. — Você deve continuar o trabalho em minha ausência. Quando minhas palavras e meu exemplo inflamarem os adoradores, você deve estar ali para conduzir a revolução.

— Oh, Limbeck! — Jarre titubeou, — tem certeza?

— Sim, querida.

— Então, farei o que me diz. Mas nós o resgataremos. — Correu para a saída, mas não pôde evitar de parar ali para lançar um último olhar para trás. — Cuidado — suplicou.

— Tomarei, querida. Agora, vá! — O geg fez um gesto festivo com a mão. Jarre lhe mandou um beijo e desapareceu pela saída dos fundos no mesmo instante em que os guardas irrompiam pela porta principal.

— Procuramos Limbeck Boltightener — disse um dos guardas, cuja expressão solene perdia força pelo fato de não parar de tirar pequenas lascas da barba.

— Já o encontrou — respondeu Limbeck majestosamente. Estendeu os braços à frente, juntou os punhos e acrescentou: — Como caudilho de meu povo, com gosto sofrerei qualquer tortura ou indignidade. Levem-me, pois, a sua masmorra pestilenta,

infestada de ratos e coberta de sangue!

— Pestilenta? — O guarda pareceu enfurecer-se. — Saiba que limpamos nosso cárcere com regularidade. Quanto aos ratos, não se vê um deles a mais de vinte anos, não é, Fred? — Perguntou a um colega que irrompia naquele instante pela porta. — Desde que trouxemos o gato. E já limpamos o sangue de ontem à noite, quando Durkin Torneiro chegou com o lábio cortado depois de uma briga com sua esposa. Você não tem nenhum motivo para insultar meu cárcere! — acrescentou carrancudo o guarda.

— Eu... sinto muito — balbuciou Limbeck, desconcertado. — Não tinha ideia...

— Bem, acompanhe-nos — replicou seu interlocutor. — Por que junta as mãos assim diante de meu rosto?

— Não vai me algemar, a me prender os pés e as mãos?

— Como você caminharia, então? Não espera que o levemos! — O guarda fez um gesto de desdém. — Que espetáculo daríamos, carregando-o pelas ruas... E você não é precisamente um peso leve. Baixe as mãos. As únicas algemas que tínhamos deixaram de ser usadas uns trinta anos atrás. Somente as empregamos quando algum jovem se comporta mau; às vezes, um pai as pede emprestadas para atemorizar um menino revoltado.

Limbeck, a quem tantas vezes tinham ameaçado com os grilhões em sua turbulenta infância, ficou aniquilado. “Outra fantasia infantil que se desfaz”, pensou com tristeza ao mesmo tempo em que se deixava conduzir à prosaica prisão patrulhada pelos gatos. O martírio não começava nada bem.

CAPÍTULO 9



DE HET A WOMBE, DREVLIN, REINO INFERIOR

Limbeck aguardava ansioso pela viagem até Wombe, a capital, a bordo do trem. Até aquele momento, jamais tinha entrado nele. Ninguém de seu turno tinha feito isso e entre a multidão corriam muitos boatos de que um delinquente comum gozava de privilégios que eram negados aos cidadãos normais.

Um pouco ofendido por ouvir ser chamado de delinquente comum, Limbeck subiu os degraus e penetrou no que parecia uma caixa de latão reluzente, dotada de janelas e apoiada em numerosas rodas que corriam por trilhos metálicos. Tirou os óculos do bolso, ajustou as frágeis pernas de arame atrás das orelhas e contemplou à multidão. Localizou Jarre, embora ela estivesse com a cabeça e o rosto ocultos sob a sombra de uma volumosa capa. Era muito arriscado tentar estabelecer um diálogo por gestos, mas Limbeck considerou que nada aconteceria se levasse seus grossos dedos aos lábios e lhe enviasse um beijo.

Chamou sua atenção um casal que permanecia afastado dos outros no outro extremo da plataforma e se surpreendeu ao perceber que se tratava de seus pais. A princípio comoveu-o pensar que tinham ido se despedir. Entretanto, uma olhar ao rosto sorridente de seu pai, semioculto sob um enorme cachecol que usava em torno do pescoço para que ninguém o reconhecesse, fez Limbeck perceber que não estavam ali por se importarem com ele, mas provavelmente, para ter certeza de que viam pela última vez o filho que só havia lhes causado aborrecimentos. Com um suspiro, Limbeck se acomodou no assento de madeira.

O condutor do veículo, conhecido popularmente como o maquinista, lançou um olhar a Limbeck e ao guarda que o acompanhava, os dois passageiros ocupavam o único compartimento. Aquela parada incomum na estação de Het o fizera acumular um considerável atraso e não queria perder mais tempo. Ao ver que Limbeck começava a ficar em pé — o anão acreditou ver entre a multidão seu antigo professor, — o maquinista jogou por cima dos ombros as duas tranças da barba, cuidadosamente repartida no queixo e puxou duas das numerosas alavancas metálicas que tinha a sua

frente. Várias mordaças de metal que saíam do teto do compartimento se elevaram e se fecharam em torno de um cabo suspenso acima do veículo. Produziu-se uma faísca azulada, um apito soou agudo e potente e, entre chiados e zumbidos elétricos, a locomotiva arrancou com uma sacudida.

A caixa de metal balançou e cabeceou para frente e para trás. As mordaças que se agarravam o cabo acima dos viajantes lançavam alarmantes faíscas, mas o maquinista não pareceu se preocupar. Agarrou outra das alavancas, empurrou-a até afundá-la na parede e o veículo adquiriu mais velocidade. Limbeck pensou que nunca em sua vida tinha experimentado uma sensação tão maravilhosa.

A locomotiva tinha sido criada a muito tempo atrás pelos dittores para ser usada na Máquina Viva. Uma vez que os dittores desapareceram misteriosamente, a própria máquina se encarregou de seu funcionamento e manteve com vida aquele meio de transporte assim como mantivera operativa a si mesma. A vida dos gegs estava destinada a servi-las.

Todos os gegs pertenciam a algum turno, quer dizer, formavam parte de um clã que tinha vivido na mesma cidade e tinha adorado à mesma parte da Máquina Viva desde quando os dittores levaram os anões para aquele mundo. Cada geg realizava a mesma tarefa que seu pai tinha desempenhado, e o pai do avô antes dele.

Os gegs realizaram seu trabalho com consciência. Eram competentes, hábeis e peritos, mas carentes de imaginação. Cada um sabia servir à Máquina Viva no posto que lhe tinha sido atribuído e não mostrava o menor interesse pelas outras partes da máquina. Mais ainda, ninguém questionava as razões para fazer o que fazia. Por que tenho que girar a roda? Por que não devo permitir que a flecha negra do apito aponte para a zona vermelha? Por que tenho que girar a manivela? Eram perguntas não passavam pela cabeça do geg comum. Mas Limbeck não era um geg comum.

Aprofundar-se nos “como” e nos “por quês” da grande Máquina Viva era uma blasfêmia e atraía a cólera dos ofinistas, que constituíam a casta sacerdotal de Drevlin. A máxima ambição da maioria dos gegs era executar seu ato de adoração segundo os ensinamentos dos professores de seu turno, e realizá-lo satisfatoriamente. Isto proporcionaria, a eles ou a seus filhos, um lugar nos reinos superiores. Mas Limbeck não se dava por satisfeito com isso.

Quando passou a novidade de mover-se a uma velocidade tão tremenda, a viagem na locomotiva começou a ficar deprimente. A chuva batia contra as janelas. Alguns relâmpagos naturais — não os raios azulados que saíam da Máquina Viva — desciam das nuvens turbulentas e não afetavam as faíscas azuis do veículo, fazendo a caixa metálica saltar e vibrar. No teto do compartimento se ouviu o granizo batendo. Deslocando-se ao redor, abaixo, acima e através de enormes seções da Máquina Viva, a locomotiva parecia estar exibindo pretensiosamente — ao menos, aos olhos de Limbeck — o grau de escravidão dos gegs.

As chamas de alguns fornos gigantescos iluminavam a penumbra opressiva e permanente. Sob seu esplendor, Limbeck observou seus congêneres — apenas sombras escuras e chapadas recortadas contra o fogo deslumbrante — atendendo as necessidades da Máquina Viva. A visão despertou nele uma raiva que, percebeu compungido, tinha esquecido e quase tinha deixado extinguir-se em seu interior enquanto se deixava absorver pela organização da UAPP.

Alegrou-se por voltar a experimentá-la, aceitou a energia que lhe proporcionava,

e começou a meditar sobre como transportar aquele sentimento à sua alegação quando um comentário de seu acompanhante interrompeu momentaneamente seus pensamentos.

— O que disse? — perguntou.

— Disse que ela é muito bonita, não é? — repetiu o guarda, contemplando a Máquina Viva com admiração e respeito.

“Isto já é demais”, pensou Limbeck completamente indignado. “Quando me conduzirem ao supervisor chefe, contarei a todos a verdade...”

— Fora! — Gritou o professor, com a barba arrepiada de raiva. — Vá embora daqui, Limbeck Boltightener, e que eu nunca volte a ver seus olhos míopes nesta escola de novo!

— Não entendo por que se irritou assim — replicou o jovem Limbeck enquanto ficava em pé.

— Fora! — gritou o geg.

— Era uma pergunta perfeitamente lógica.

A visão de seu instrutor inclinando-se para ele e brandindo uma chave de boca na mão fez o aluno empreender uma rápida e indecorosa retirada para fora da sala de aula. Limbeck, do décimo quarto grêmio, abandonou a escola da Máquina Viva com tanta pressa que não teve tempo de colocar os óculos e, por isso, quando chegou à rangente roda vermelha, errou o caminho. As saídas estavam assinaladas, é obvio, mas Limbeck era tão curto de vista que não viu a placa. Abriu a porta que, acreditava, saía no corredor que conduzia à praça do mercado, recebeu o vento em pleno rosto como uma bofetada e percebeu que aquela porta se abria na realidade para o Exterior.

O jovem geg nunca tinha estado no Exterior. Devido às temíveis tormentas que varriam a terra a cada duas horas, ninguém abandonava o refúgio da cidade e a reconfortante presença da Máquina Viva. Repletos de túneis, passadiços cobertos e atalhos subterrâneos, os povos e cidades de Drevlin estavam construídos de tal modo que os gegs podiam percorrê-los durante meses sem molhar o rosto com uma só gota de chuva. Quem tinha que viajar pela superfície utilizava a locomotiva ou os gegavadores. Poucos gegs saíam ao Exterior caminhando.

Limbeck titubeou na soleira da porta, escrutinando com seus olhos míopes a paisagem banhada pela chuva e varrida pelo vento. Embora este soprasse com força, naquele momento se produzia uma pausa entre duas tormentas e se filtrava entre as nuvens perpétuas uma débil luz cinzenta que, em Drevlin, era o mais parecido a um dia claro e radiante sob os raios de Solarus. A luz dava um aspecto encantador à paisagem da ilha, habitualmente sombria, e piscava sobre as numerosas alavancas, rodas e mecanismos da Máquina Viva, que giravam, rodavam e se moviam para cima e para baixo incansavelmente, enquanto as nuvens de vapor se elevavam até unir-se a suas irmãs no céu. O resplendor mortício fazia que a superfície de Drevlin, melancólica e apagada, cheia de gretas e montões de escória e fossas e sarjetas, parecesse quase atraente, sobretudo, quando a única coisa que o espectador conseguia ver era uma espécie de suave e impreciso contorno de lama.

Limbeck percebeu imediatamente que errara o caminho. Sabia que devia voltar, mas o único lugar onde podia ir era para sua casa e estava certo de que então, já teria chegado aos ouvidos de seus pais a notícia de que tinha sido expulso da escola da Máquina Viva. Expor-se aos terrores do Exterior era muito mais atraente que enfrentar

a cólera de seu pai, de modo que, sem pensar mais, transpassou a soleira e fechou a porta a suas costas.

Aprender a caminhar pela lama foi uma experiência única. Ao dar o terceiro passo, escorregou e caiu pesadamente. Quando se levantou, descobriu que uma de suas botas estava atolada e precisou de todas as suas forças para tirá-la. Esquadrinhou o terreno em penumbra e chegou à conclusão de que os montões de escória talvez lhe proporcionassem um apoio mais firme. Avançou chapinhando entre a lama até alcançar por fim as pilhas de coralita deixadas no passado pelas potentes pás escavadoras da Máquina Viva. Ao escalar a superfície dura e compacta da coralita, percebeu satisfeito que tinha acertado: era muito mais fácil caminhar sobre ela que pelo lamaçal.

Também imaginou que a vista devia ser espetacular e pensou que era preciso contemplá-la. Tirou os óculos do bolso, colocou-o sobre o nariz e olhou a seu redor.

Nas planícies de Drevlin se elevavam as chaminés, as antenas produtoras de raios e as enormes rodas em movimento da Máquina Viva, muitas estruturas se elevavam a tal altura que suas extremidades se perdiam entre as nuvens. Limbeck observou com temor e respeito a Máquina Viva. Quando a pessoa servia só a uma parte daquela gigantesca criação, tendia a concentrar-se unicamente nessa parte e perdia de vista o conjunto. Limbeck lembrou do velho ditado: os dentes não podem ver a roda. “Por quê?”, perguntou-se (por coincidência, era a mesma pergunta que tinha provocado sua expulsão da escola). “Por que a Máquina Viva está aqui? Por que os dictores a construíram e a deixaram aqui? Por que os welfos imortais vêm e vão todo mês, sem cumprir jamais com a promessa de nos levar aos reinos superiores? Por quê? Por quê?”

As perguntas martelaram a cabeça de Limbeck até que os ressonantes porquês, as rajadas de vento ou a própria visão da reluzente da Máquina Viva, ou as três coisas, começaram a aturdi-lo. Piscando, tirou os óculos e esfregou os olhos. No horizonte as nuvens se fechavam, mas o geg calculou que ainda restava algum tempo até que caísse a próxima tormenta. Se voltasse agora para casa, uma tormenta muito diferente cairia sobre ele, de modo que decidiu continuar explorando.

Com medo de quebrar seus queridos óculos em alguma queda, Limbeck guardou-os cuidadosamente no bolso da camisa e começou caminhar pelo montão de escória. Os geps — pequenos, robustos e ágeis — caminham com grande segurança. Perambulam por estreitos passadiços construídos a centenas de metros de altura sem que se mova um pelo da barba. Quando desejam mudar de um nível para o outro, simplesmente agarram os dentes de uma das enormes engrenagens e sobem com elas, pendurados pelas mãos, até a altura desejada. Apesar da sua vista ruim, Limbeck descobriu rapidamente o melhor modo de atravessar as pilhas de coralita quebrada e fragmentada.

Já estava se movendo com desenvoltura e avançando bastante depressa, quando pisou em um torrão solto que o fez escorregar. Depois disso, se concentrou em onde punha os pés e, sem dúvida, foi por isso que esqueceu de vigiar a proximidade das nuvens. Só se lembrou da tormenta quando uma rajada de vento quase o derrubou e algumas gotas de chuva atingiram seus olhos.

Apressou-se a colocar os óculos, parar e olhar ao redor. Sem perceber, tinha caminhado um trecho considerável. As nuvens se fechavam sobre ele, a proteção da Máquina Viva estava a certa distância e voltar sobre a coralita quebrada ia tomar um bom tempo. As tormentas de Drevlin eram ferozes e perigosas. Limbeck viu buracos

enegrecidos onde os relâmpagos tinham caído. Se um raio não o atingisse, sem dúvida o gigantesco pedrisco que o acompanhava o atingiria e o geg já começava a pensar que não teria que se preocupar em enfrentar seu pai quando ao se virar viu algo enorme no horizonte, que estava se tornando negro rapidamente.

De onde estava não podia distinguir o que era aquilo (seus óculos estavam nublados pela água), mas esperava que pudesse oferecer refúgio durante a tormenta. Sem tirar os óculos, pois sabia que precisava deles para localizar o objeto, Limbeck avançou cambaleante pelos montões de escória.

Tinha começado a chover e logo percebeu que enxergava melhor sem os óculos, de modo que os tirou. O objeto não era agora mais que uma silhueta imprecisa a sua frente, mas a silhueta aumentava cada vez mais, sinal de que estava se aproximando. Sem os óculos, Limbeck continuou sem saber do que se tratava até que estava em frente a ele.

— Uma nave welfa! — exclamou.

Embora nunca tivesse visto uma, reconheceu a nave imediatamente pelas descrições que tinha escutado. Construída com pele de dragão esticada sobre madeira e dotada de enormes asas que a mantinham suspensa no ar, a nave tinha um aspecto e tamanho monstruosos. O poder mágico dos welfos a fazia flutuar para viajar pelos céus até o Reino Inferior onde os gegs viviam.

Mas aquela nave não voava nem flutuava. Estava apoiada no chão e Limbeck, contemplando-a com seus olhos míopes através da chuva torrencial, teria jurado que estava quebrada — se isso fosse possível em uma nave dos welfos imortais. — Várias peças de madeira estilhaçada sobressaíam formando estranhos ângulos e a pele de dragão estava rasgada, mostrando grandes buracos.

O estalo de um relâmpago muito perto dele, e o trovão posterior, recordaram-lhe do perigo que corria, assim se apressou a saltar por um dos buracos abertos no flanco da nave.

Sentiu um aroma pestilento que lhe provocou náuseas.

“Uf!” levou a mão ao nariz. “Parece aquela vez em que um rato morreu na chaminé. O que será que causa este fedor.”

A tormenta desabou e a escuridão no interior da nave era quase absoluta. Entretanto, os relâmpagos eram quase contínuos e proporcionavam breves clarões de luz antes que a nave ficasse inundada de novo em trevas.

A luz não foi de muita ajuda para Limbeck. Tampouco os óculos, quando se lembrou de usá-los, o interior da nave era estranho e não encontrou nada conhecido. Foi incapaz de distinguir a parte superior ou inferior ou ainda de dizer o que era o chão e o que era uma parede. Havia vários objetos espalhados a seu redor, mas o geg não soube o que eram nem para que serviam e se mostrou resistente a tocá-los. No fundo, tinha medo de que, se perturbasse algo da estranha nave, esta se elevasse de repente e desaparecesse com ele. E, embora a ideia de tal aventura fosse emocionante, Limbeck sabia que seu pai que já ficara furioso em outras ocasiões, sem dúvida enlouqueceria se descobrisse que seu filho tinha incomodado os welfos de algum modo.

Limbeck decidiu ficar perto da saída, tampando o nariz com os dedos, até que a tormenta passasse e pudesse retornar a Het. Entretanto, os “porquês”, os “como” e os “quando” que continuamente lhe criavam problemas na escola começaram a lhe dar voltas na cabeça.

— O que serão esses vultos — murmurou, observando vários contornos

imprecisos de aspecto fascinante espalhados pelo chão alguns palmos a frente dele.

Aproximou-se com cautela. Não pareciam perigosos. De fato, tinha aspecto de...

— Livros! — Exclamou com assombro. — Iguais aos que o velho escrivão me ensinou a ler. — Antes que Limbeck percebesse o que estava fazendo, o “porquê?” empurrou-o para frente.

Estava muito perto dos objetos e descobriu, com crescente expectativa, que realmente eram livros. Então, seu pé tocou em algo macio e úmido. Inclinou-se, com ânsias devido ao fedor, e aguardou que um novo raio iluminasse o obstáculo.

Horrorizado, observou que se tratava de um cadáver ensanguentado e decomposto...

— acorde! — disse o guarda, dando uma cotovelada no flanco de Limbeck. — A próxima parada é Wombe.

CAPÍTULO 10



WOMBE, DREVLIN, REINO INFERIOR

Em Drevlin, um ladrão comum teria sido levado ante o supervisor local para ser julgado. Pequenos malfetores, bêbados brigões e bagunceiros esporádicos eram considerados sob a jurisdição do líder do próprio turno do acusado. Entretanto, um atentado contra a Máquina Viva era considerado alta traição e o acusado deveria ser apresentado ao supervisor chefe.

O supervisor chefe era o líder do turno mais importante de Drevlin; ao menos, era assim que se viam seus membros e como consideravam que os outros clãs gegs deviam vê-los. Era seu turno o responsável pela Palma, o altar sagrado onde, uma vez ao mês, os welfos desciam dos céus em suas poderosas naves dragão aladas e aceitavam a homenagem dos gegs, transformada na forma de água sagrada. Em troca, os welfos repartiam “bênçãos” antes de partir.

Wombe, a capital, era muito moderna em comparação com outras cidades de Drevlin. Poucos dos edifícios originais construídos pelos dictores permaneciam em pé. A Máquina Viva os tinha destruído para crescer sobre seus restos, destruindo com isso muitas das casas dos gegs. Sem se intimidar, os gegs se limitaram a mudar para as seções da Máquina Viva que tinham sido abandonadas. Viver na Máquina Viva era considerado muito elegante. O próprio supervisor chefe tinha uma casa no lugar onde havia sido um tanque de armazenamento.

O supervisor chefe celebrava as sessões no interior de um edifício conhecido como a Factria. Esta, uma das maiores construções de Drevlin, era feita de ferro e aço ondulado e, segundo a lenda, era o lugar de nascimento da Máquina Viva. A Factria estava abandonada há muito tempo e demolida em parte, pois a Máquina Viva, como um parasita, alimentou-se do que a tinha feito nascer. Contudo, aqui e ali, silencioso e fantasmagórico sob a luz espectral dos refletores, via-se o esqueleto de uma grua como uma garra.

A Factria era um lugar sagrado para os gegs. Não só era o lugar de nascimento da Máquina Viva, mas também era ali que se encontrava o ícone mais venerado dos

gegs: a estátua de um dicator. A estátua, que representava a figura de um homem com túnica e capuz, era mais alta que os gegs e muito mais magra. O rosto tinha sido esculpido de tal forma que ficava escurecido pelo capuz. Via-se um esboço de nariz e o contorno dos lábios e das maçãs proeminentes do rosto; o resto se perdia no metal. O dicator sustentava um enorme globo ocularque olhava à frente em uma das mãos. O outro braço, em uma postura forçada, aparecia dobrado pelo cotovelo.

Em um piso elevado junto à estátua do dicator havia uma cadeira alta cheia de almofadas, construída obviamente para pessoas de dimensões muito diferentes de um geg, pois o assento ficava quase à altura da cabeça de um geg, o respaldo era quase tão alto como o dicator e toda ela era muito estreita. A cadeira era o trono cerimonial do supervisor chefe, que acomodava nela seu gordo corpanzil nas ocasiões de grande pompa. O corpo do supervisor sobressaía pelos lados do assento e seus pés ficavam pendurados no ar a boa altura do chão, mas estes pequenos detalhes não desmereciam absolutamente sua dignidade.

A multidão que tinha ido ver o julgamento estava sentada com as pernas cruzadas sobre o chão de cimento, encarapitados nas velhas vigas da Máquina Viva ou nas galerias que davam para o piso principal. Nesse dia, uma multidão considerável se agrupou na Factria para presenciar o julgamento daquele geg que tinha fama de problemático e a que era considerado líder de um grupo rebelde que, finalmente, tinha chegado ao extremo de danificar à Máquina Viva. Estavam presentes a maioria dos turnos de cada setor e também os gegs de mais de quarenta ciclos que tinham deixado de trabalhar na Máquina Viva e se encontravam em suas casas, criando seus filhos. A Factria estava abarrotada e os que não podiam ver ou escutar diretamente eram informados do que acontecia mediante o misor-receptor, um meio de comunicação sagrado e misterioso desenvolvido pelos dictores.

Um toque de apito, repetido por três vezes, conseguiu impor um relativo silêncio. É obvio, só os gegs se calaram; a Máquina Viva não se alterou. Os presentes foram inundados de golpes, marteladas, apitos e rangidos metálicos, esporádicos estampidos de trovão e rajadas sibilantes de vento do Exterior. Acostumados a tais ruídos, os gegs consideraram que o silêncio era suficiente e que a cerimônia de Justiça podia iniciar.

Dois gegs com a cara raspada, a pele de um pintada de negro e do outro de branco, apareceram por trás da estátua do dicator, onde tinham esperado que soasse o sinal. Entre eles seguravam uma grande placa de metal. Depois de percorrer a multidão com um olhar severo para comprovar que tudo estava em ordem, os dois gegs começaram a sacudir energicamente o metal, criando o efeito de um trovão.

Os trovões reais não impressionavam os gegs, que os escutavam todos os dias de sua vida. O trovão artificial que se estendeu pela Factria pelo misor-receptor souo misterioso e sobrenatural e provocou reações de temor e murmúrios de admiração na multidão. Quando desapareceram as últimas vibrações da prancha metálica, o supervisor chefe apareceu.

Este, um geg de uns sessenta ciclos, pertencia ao clã mais rico e poderoso de Drevlin, os Estivadores. Sua família tinha exercido o cargo de supervisor chefe durante várias gerações, face as tentativas dos Gruistas por tomar-lhe o posto, Darral Estivador tinha dedicado seus ciclos de serviço à Máquina Viva antes de assumir os deveres de seu cargo depois da morte de seu pai. Darral era um geg ardiloso, nada estúpido, e, se tinha

enriquecido seu próprio clã as custas dos outros, nada fizera além de continuar uma tradição longamente arraigada em Drevlin.

O supervisor chefe Darral vestia a indumentária de trabalho normal dos gegs: calções largos que caíam sobre botas grossas e pesadas e um avental de peito alto que se ajustava em sua robusta caixa torácica. Esta roupa simples era completada por uma incongruente coroa de ferro forjado, presente da Máquina Viva, que constituía o orgulho do supervisor chefe (mesmo lhe produzindo uma intensa dor de cabeça depois de quinze minutos de uso).

Sobre os ombros usava uma capa confeccionada com grandes plumas de pássaro de feio aspecto — plumas de tiero, — um presente dos welfos que simbolizava o desejo dos gegs de voar até o céu. Além da capa de plumas, que só usava nos julgamentos, o supervisor chefe tinha o rosto pintado de cinza, uma mescla simbólica das caras branca e negra dos guardiões geg, que se colocaram em ambos os lados dele, com isso pretendia demonstrar que Darral era neutro em todas as coisas.

O supervisor segurava na mão uma longa vara da qual pendia uma cauda longa, terminada em forquilha. A um sinal de Darral, um dos guardiões pegou a ponta dessa cauda e a introduziu com gesto reverente na base da estátua, enquanto murmurava palavras de louvor ao dictor. Uma bola de vidro fixada no extremo da vara emitiu um barulho alarmante por um momento e depois começou a brilhar fracamente com uma luz branco-azulada.

Os gegs fizeram comentários elogiosos e muitos pais chamaram a atenção de seus filhos para outras luzes similares que pendiam do teto, como morcegos, e iluminavam a escuridão varrida pelas tormentas onde os gegs estavam.

Quando os murmúrios diminuíram de novo, houve uma pequena espera até que aconteceu uma série de estampidos especialmente violentos da Máquina Viva. Em seguida, o supervisor chefe iniciou seu breve discurso.

Virando-se para a estátua do dictor, ergueu a vara luminosa.

— Invoco os dictores para que nos guiem com sua sabedoria ao iniciar o julgamento no dia de hoje.

Não é preciso dizer que os dictores não responderam à chamada do supervisor chefe. Nada surpreso ante o silêncio — os gegs teriam levado um tremendo sobressalto se alguém tivesse respondido à invocação — o supervisor chefe, Darral Estivador, determinou que era seu dever, por ausência, presidir o julgamento.

E assim o fez, encarapitando-se na cadeira com a ajuda dos dois guardiões e de um tamborete.

Uma vez colocado no incomodo assento, o supervisor chefe indicou com um gesto que trouxessem a sua presença o prisioneiro, com a secreta esperança (pelo bem de seu torturado traseiro e de sua cabeça, já dolorida) que fosse um julgamento rápido.

Um jovem geg de uns vinte e cinco ciclos, que usava grossos fragmentos de vidro pendurados do nariz e um grande punhado de papéis na mão, adiantou-se respeitosa para o estrado que ocupava o supervisor. Darral, com os olhos entrecerrados e carregados de desconfiança, contemplou os fragmentos de vidro que cobriam os olhos do jovem geg. Esteve a ponto de perguntar o que era aquilo, mas imediatamente recordou que um supervisor chefe devia saber de tudo. Irritado, descarregou sua frustração sobre os guardiões.

— Onde está o prisioneiro? — rugiu. — Por que esse atraso?

— Perdoe-me, supervisor chefe, o prisioneiro sou eu — disse Limbeck, ruborizando de vergonha.

— Você? — O supervisor chefe franziu o cenho. — Onde está sua Voz?

— Se o supervisor permitir, eu serei minha própria Voz, Senhor — replicou Limbeck com humildade.

— Tudo isto é muito irregular, não é mesmo? — Darral perguntou aos guardiões, que pareceram perplexos ao ouvir que se dirigia a eles daquele modo; sua única resposta foi encolher os ombros oferecendo, com o rosto pintado, um aspecto de incrível estupidez. O supervisor bufou e procurou ajuda em outra direção.

— Onde está a Voz da Acusação?

— Tenho a honra de ser a Voz Acusadora, Senhor — respondeu uma geg de média idade cuja voz era claramente audível sobre o distante retumbar da Máquina Viva.

— Isso... isso já foi feito alguma vez? — O supervisor, por falta de palavras, apontou para Limbeck.

— É irregular, senhor — replicou a geg, adiantando-se e cravando em Limbeck um olhar de desaprovação, — mas terá que valer. Para ser sincera, não encontraríamos ninguém disposto a defender o prisioneiro.

— É mesmo? — O supervisor chefe se animou. Sentia-se imensamente contente. O julgamento prometia ser muito curto. — Então, prossigamos.

A geg fez uma reverência e retornou a sua cadeira, atrás de uma mesa construída com uma lata oxidada. A Voz da Acusação estava vestida com uma saia larga e um avental apertado na cintura.^[8] Usava o cabelo, de cor cinza aço, preso em um coque sobre a nuca e sujeito com várias forquilhas largas, de aspecto formidável. Era uma mulher de costas retas, pescoço reto e lábios apertados que, para grande desconforto de Limbeck, lembrava sua mãe.

Enquanto ocupava seu assento atrás de outra lata que lhe servia de mesa, Limbeck se sentiu transbordante de confiança e percebeu de repente que estava deixando um rastro de barro por todo o chão.

A Voz da Acusação chamou a atenção do supervisor chefe para o varão geg sentado junto a ela.

— O ofinista chefe representará a Igreja neste assunto, senhor — anunciou.

O ofinista chefe usava uma camisa branca bastante gasta com o pescoço engomado e as mangas muito largas, calções amarrados com cintas sem brilho abaixo dos joelhos, meias altas e sapatos em lugar de botas. Ficou em pé e saudou com ar digno.

O supervisor chefe afundou a cabeça nos ombros e se mexeu na cadeira, incomodado. Não era frequente que a Igreja participasse de um julgamento, e menos ainda que fizesse parte da Acusação. Darral deveria ter sabido que seu cunhado santarrão estaria metido naquilo, já que atacar a Máquina Viva era um crime hediondo. O supervisor chefe via com suspeita e preocupação à Igreja em geral e seu cunhado, em particular. Sabia que este se considerava mais capaz que ele para dirigir adequadamente à nação. Muito bem!, disse Darral: não ia lhe dar a oportunidade de dizer o mesmo respeito daquele julgamento. Dirigiu um olhar frio a Limbeck e, ato contínuo, um benevolente sorriso à Acusação.

— Apresente suas alegações.

A Voz Acusadora afirmou que, fazia alguns anos, a União de Adoradores para o Progresso e a Prosperidade (pronunciou o nome em um tom de voz grave e desaprovador) transformara-se em uma moléstia em várias cidades pequenas entre os turnos do norte e do este.

— Seu líder, Limbeck Boltightener, é um agitador conhecido. Na infância foi fonte de preocupações, desgostos e pesares para seus pais. Por exemplo, com a ajuda de um ancião ofinista, o jovem Limbeck aprendeu a ler e a escrever.

O supervisor chefe aproveitou a ocasião para dirigir um olhar de recriminação ao ofinista chefe.

— O ensinaram a ler! Um ofinista! — exclamou, alterado. Unicamente os ofinistas aprendiam a ler e escrever, para poder transmitir ao povo a Palavra dos Dicores, contida no Manual de Instruções. Considerava-se que nenhum outro geg tinha tempo para se incomodar com tal tolice. Ouviram-se murmúrios na sala. Os pais mostravam o exemplo de Limbeck àqueles de seus filhos que estivessem tentados a seguir seu espinhoso caminho.

O ofinista chefe ruborizou, com aspecto de se sentir profundamente mortificado ante aquele pecado cometido por um colega. Darral, com um sorriso apesar da dor de cabeça, moveu o traseiro dolorido na cadeira. Embora a nova postura não fosse mais cômoda, sentiu-se melhor ante a certeza de que vencia por um a zero a competição com seu cunhado.

Limbeck olhou a seu redor com um sorriso de ligeiro prazer, como se lhe divertisse reviver os dias de sua infância.

— Sua maldade seguinte quebrou o coração de seus pais — continuou a Voz Acusadora com severidade. — Estava matriculado na Escola de aprendiz de Boltightener e num dia nefasto, na classe, o acusado Limbeck... — fez uma pausa apontando-o com mão tremula — ... se levantou e exigiu saber por quê!

O pé esquerdo de Darral tinha dormido. Estava concentrado em lhe devolver um pouco de sensibilidade movendo os dedos quando escutou exclamar o tremendo por quê! da Voz Acusadora e voltou a atenção para o julgamento com um sobressalto e certo sentimento de culpa.

— Por que, o que? — perguntou o supervisor chefe.

A Acusadora, acreditando que já havia dito o suficiente, ficou desconcertada como se não soubesse o que mais acrescentar. O ofinista chefe ficou em pé com uma careta depreciativa que não demorou a empatar o marcador entre a Igreja e o Estado.

— Simplesmente por que, senhor. É uma palavra que em questiona todas as nossas crenças mais profundas. Uma palavra radical e perigosa que, se levada muito longe, poderia conduzir a um colapso do governo, à decadência da sociedade e, muito provavelmente, ao fim da vida como a conhecemos.

— Ah, esse por quê! — assentiu o supervisor chefe com ar de suficiência, ao mesmo tempo em que dirigia um olhar soturno a Limbeck e o amaldiçoava por ter proporcionado ao ofinista chefe a oportunidade de marcar um ponto.

— O acusado foi expulso da escola e, em seguida, transtornou à cidade de Het desaparecendo por um dia inteiro. Foi preciso mandar patrulhas de busca, com grandes custos. Pode-se imaginar a angústia de seus pais — continuou a Voz com emoção. — Ao não encontrá-lo, concluíram que tinha caído no interior da Máquina Viva. Naquele momento, alguém disse que a Máquina Viva, zangada com o por que, tinha decidido

ocupar-se dele. E justo quando todos acreditavam que estava morto e preparavam o funeral, o acusado teve a ousadia de reaparecer com vida.

Limbeck sorriu com ar de desculpas e pareceu ruborizar. O supervisor, depois de um suspiro indignado, voltou sua atenção à Acusação

— Declarou que estivera no exterior — disse a Voz com um sussurro de pavor que o misor-ceptor captou fielmente.

Os gegs reunidos ficaram boquiabertos.

— Não tinha intenção de me afastar tanto — protestou Limbeck sem muita convicção. — Me perdi.

— Silêncio! — rugiu o supervisor, e imediatamente se arrependeu de ter gritado. A dor de cabeça aumentou. Voltou a vara luminosa para Limbeck, quase cegando-o. — Você terá sua chance de falar, jovem. Até então, guarde silêncio ou o expulsarei da sala, entendido?

— Sim, senhor — respondeu Limbeck com docilidade, e se sentou.

— Algo mais? — perguntou o supervisor chefe à Acusadora, mal-humorado. Não sentia o pé esquerdo e o direito começava a apresentar uma estranha dormência.

— Pouco depois de sua volta, o acusado formou a organização mencionada anteriormente, conhecida como UAPP. Esta autodenominada União defende, entre outras coisas, a distribuição livre e igualitária dos pagamentos dos welfos, que todos os adoradores se reúnam e compartilhem seus conhecimentos sobre a Máquina Viva para descobrir com isso os “como” e os “porque”...

— Blasfêmia! — gritou tremulo o ofinista chefe com voz oca.

—...E que todos os gegs deixem de esperar o dia do Julgamento e trabalhem para melhorar suas condições de vida..

— Senhor! — O ofinista chefe ficou em pé de um salto. — Solicito que os menores abandonem a sala! É terrível que mentes jovens e impressionáveis sejam submetidas a conceitos tão profanos e perigosos.

— Não são perigosos! — protestou Limbeck.

— Silêncio! — O supervisor franziu o cenho e meditou na petição. Não lhe agradava conceder outro ponto ao seu cunhado, mas aquilo lhe oferecia a desculpa perfeita para escapar da cadeira. — Faremos uma pausa. Os menores de dezoito ciclos não poderão voltar à sala. Vamos comer e dentro de uma hora reabriremos a seção.

Com ajuda dos guardiães, que tiveram que arrancá-lo literalmente, o supervisor chefe desalojou seu grosso corpo do assento. Tirou da cabeça a coroa de ferro, devolveu a vida a seu torturado traseiro com algumas massagens, deu uma série de fortes pisões até que voltou a sentir o pé e exalou um suspiro de alívio.

CAPÍTULO 11



WOMBE, DREVLIN, REINO INFERIOR

A sessão foi reiniciada, e nela faltavam os menores e os pais que se viram forçados a voltar para casa para cuidar deles. O supervisor chefe, com resignada expressão de mártir, colocou a coroa e se encarapitou outra vez na sua cadeira de tortura. Trouxeram o prisioneiro e a Voz da Acusação terminou sua exposição.

— Estas ideias perigosas, tão sedutoras para mentes impressionáveis, influíram finalmente em um reduzido grupo de jovens tão rebeldes e descontentes como o acusado. O supervisor local e os ofinistas, cientes de que os jovens são rebeldes por natureza e esperando que só se tratasse de uma fase que estivessem passando...

— Como o sarampo? — apontou o supervisor chefe. A intervenção provocou a desejada gargalhada da multidão, embora os assistentes pareciam algo remissos a rir na presença do carrancudo ofinista chefe, e a risada terminou em um brusco estalo de tosses nervosas.

— Hum... sim, senhor — assentiu a Voz, lamentando a interrupção. O ofinista chefe sorriu com o ar paciente de quem tolera a presença de um estúpido. O supervisor, cego pelo súbito impulso de torcer o pescoço do ofinista chefe, perdeu uma parte considerável do discurso da Voz Acusadora.

—... e incitou a uma revolta durante a qual a Máquina Viva sofreu danos de pouca consideração, no setor E-362. Por sorte, a Máquina Viva pôde reparar a si mesma quase imediatamente, de modo que não houve prejuízos irreparáveis. Ao menos, para nosso adorado ídolo! — A Voz Acusadora aumentou de tom até transformar-se em um grito. — Mas, é incalculável o dano que poderia ter causado a quem ousou executar esse ato. Por isso peço que o acusado Limbeck Bolttightener, seja eliminado desta sociedade para que não possa mais conduzir nossos jovens por este caminho, que só pode levá-los a perdição e a destruição!

A Voz Acusadora, terminada sua exposição, retirou-se para trás de sua lata. Um aplauso ensurdecedor ressoou na Factria. Entretanto, aqui e ali, escutaram-se vaias, o que provocou uma careta carrancuda no rosto do supervisor chefe, ao mesmo tempo em

que seu cunhado ofinista ficava em pé de um salto.

— Senhor, esta atitude rebelde só deve demonstrar que o veneno se estende! Mas podemos erradicá-lo. — O ofinista chefe apontou para Limbeck. — Eliminar a origem! Temo que, se não o fizermos, o dia do Julgamento que muitos de nós acreditam ter por fim ao alcance da mão será prorrogado, talvez indefinidamente. Na realidade, senhor, insisto que proíba o acusado de falar nesta assembleia!

— Eu não considero quatro vaías como uma rebelião — replicou Darral com dureza, lançando um olhar feroz ao ofinista chefe. — O Acusado, poderá falar em sua defesa, mas tome cuidado: não tolerarei blasfêmias neste tribunal.

Limbeck se levantou lentamente. Fez uma pausa como se meditasse no que se dispunha a fazer e, depois de profundas deliberações, deixou o maço de papéis sobre a lata e tirou os óculos.

— Senhor — começou a dizer com profundo respeito, — só peço que me permita relatar o que me aconteceu no dia em que me perdi. Foi um fato muito importante que, espero, servirá para explicar porque decidi agir como tenho agido. Jamais revelei isto a alguém — acrescentou com voz solene. — Nem a meus pais, nem sequer à pessoa que mais quero no mundo.

— Demorará muito? — quis saber o survisor, pousando as mãos nos braços da cadeira e tratando de encontrar certo alívio de sua incômoda posição apoiando-a em um lado.

— Não, senhor — respondeu Limbeck com ar grave.

— Então, em frente.

— Obrigado. Aconteceu no dia em que me expulsaram da escola. Tive que procurar um lugar tranquilo para pensar. Vejam, eu não considerava que meu “por que” tivesse sido blasfemo ou perigoso. Não sinto ódio pela Máquina Viva. Ao contrário, eu a reverencio e respeito, de verdade. Ela me fascina. É tão magnífica, tão grande, tão poderosa! — Limbeck elevou os braços com o rosto iluminado pelo sagrado resplendor. — Obtém sua energia das tormentas e o faz com incrível eficácia. Pode extrair ferro bruto de Terrel Fen, transformar esse mineral em aço e fabricar com o aço as peças necessárias para permitir sua contínua expansão. E sabe reparar-se a si mesma se sofrer algum dano.

“A Máquina Viva aceita nossa ajuda. Nós somos suas mãos, seus pés, seus olhos. Nós acudimos onde ela não pode e a ajudamos quando tem algum problema. Se um de seus canos de ferro entope em Terrel Fen, nos encarregamos de liberá-lo. Nós apertamos os botões, giramos as rodas, manipulamos as alavancas, e tudo funciona como deve. Ou, ao menos, assim parece. Mas não posso evitar perguntar o por que — acrescentou Limbeck em um sussurro.

O ofinista chefe franziu o cenho e se levantou, mas o survisor Darral, satisfeito de ter a oportunidade de ganhar outro ponto da Igreja, olhou para seu cunhado com ar severo.

— Concedi permissão para este jovem falar. Creio que nosso povo seja forte o bastante para ouvir o que o acusado tem a dizer sem que sua fé seja abalada. Não acha? Ou acaso a Igreja foi negligente no cumprimento de seus deveres?

O ofinista chefe mordeu os lábios, voltou a sentar-se e lançou um olhar furioso ao survisor, que sorriu satisfeito.

— O acusado pode continuar.

— Obrigado, senhor. Vejam, eu sempre me perguntei por que a Máquina Viva tem algumas partes mortas. Em vários setores, seus mecanismos permanecem parados, oxidando-se ou cobrindo-se progressivamente com novos depósitos de coralita. Há partes que não se movem há séculos. Entretanto, os dittores as construíram por alguma razão. Qual era sua função e por que não a estão realizando? Pensando nisso, me ocorreu que se descobríssemos por que funcionam as partes da Máquina Viva, e se estudássemos seu funcionamento, poderíamos compreender sua natureza e seu verdadeiro propósito.

“Esta é uma das razões pelas quais opino que todos os turnos deveriam juntar-se e unir seus conhecimentos...”

— Aonde nos leva tudo isto? — perguntou o supervisor chefe com irritação. A dor de cabeça começava a lhe produzir náuseas.

— Agora veja — respondeu Limbeck, ao mesmo tempo em que tirava os óculos com gesto nervoso. — Me pus a pensar nestas coisas e a me perguntar como poderia obter que as pessoas as entendessem, de modo que não prestei muita atenção aonde me levavam meus passos até que, quando olhei ao meu redor, descobri que tinha me afastado bastante dos limites da cidade de Het. Asseguro-lhes que não foi nada premeditado!

“Naquele instante não caía nenhuma tormenta e decidi dar uma breve olhada para esquecer meus problemas. O avanço era muito difícil e creio que me concentrei muito onde punha os pés, já que de repente uma tormenta me surpreendeu. Procurei então um lugar onde me refugiar e vi um objeto de grande tamanho no chão, de modo que corri para ele.

“Pode imaginar minha surpresa, senhor — acrescentou Limbeck, com a vista voltada para o supervisor chefe e piscando atrás das grossas lentes dos seus óculos, — quando descobri que se tratava de uma nave dragão dos welfos.

Suas palavras, repetidas pelo misor-ceptor, ressoaram na Fáctria. Os gegs se remexeram em seus assentos e trocaram murmúrios e comentários.

— Uma nave? Impossível! Os welfos nunca aterrissam em Drevlin! — O ofinista chefe tinha um ar piedoso, cheio e satisfeito de si mesmo. Darral, o supervisor, sentiu-se inquieto, mas compreendeu, à vista da reação da multidão, que tinha deixado que o assunto fosse muito longe para parar agora.

— Não tinham aterrissado — explicou Limbeck. — A nave caiu...”

Suas palavras causaram sensação entre os presentes. O ofinista chefe se levantou de um salto. Os gegs trocaram comentários com vozes excitadas; muitos deles gritavam: “Façam-no se calar!”, mas outros replicavam: “Calem-se vocês! Deixem-no continuar!”. O supervisor fez um sinal aos guardiões, que agitaram a ensurdecidora prancha metálica até que a ordem voltou a sala.

— Exijo que encerre esta paródia de julgamento! — exclamou aos gritos o ofinista chefe.

Darral esteve a ponto de aceitar a proposta. Se encerrasse o julgamento naquele instante, conseguiria três coisas: livrar-se daquele geg louco, pôr fim à dor de cabeça e recuperar a circulação sanguínea em suas extremidades inferiores. Entretanto, por azar, seus partidários considerariam tal decisão como uma concessão a Igreja e, por outro lado, seu cunhado não lhe permitiria esquecer nunca o assunto. Não, pensou; era melhor deixar que o tal Limbeck continuasse falando e terminasse de fazer sua exposição. Sem

dúvida não demoraria para proporcionar corda suficiente para pendurá-lo.

— Já tomei uma decisão — replicou, com uma voz terrível enquanto dirigia um olhar furioso ao ofinista chefe e à multidão. — E continue de pé. — Voltou o olhar severo para Limbeck e disse: — Continue.

— Reconheço que não tenho certeza de que a nave caiu — explicou Limbeck, — mas deduzi isso, pois estava caída entre as rochas, quase destroçada. O único lugar onde podia me refugiar era no interior da nave, de modo que penetrei nela por uma grande abertura de sua pele rasgada.

— Se o que conta for verdade, teve sorte de não ser fulminado pelos welfos — o ofinista chefe o interrompeu.

— Os tripulantes não estavam em condição de fulminar ninguém — replicou Limbeck. — Esses welfos que você chama de imortais... estavam mortos!

Vozes indignadas, exclamações de horror e de alarme, junto a aplausos amortecidos, tomaram a Factria. O ofinista chefe se deixou cair no assento, aflito. A Voz Acusadora se abanou com seu lenço e pediu água. O supervisor, dando um salto, sentou-se muito ereto e ficou encaixado firmemente na cadeira. Incapaz de ficar em pé para restaurar a ordem, não pôde fazer outra coisa além de menear, amaldiçoar e brandir a vara, quase cegando os guardiães que tentavam libertá-lo.

— Escutem! — gritou Limbeck em um tom de voz que já lhe tinha permitido acalmar à multidão em outras ocasiões. Nenhum orador da UAPP, inclusive Jarre, poderia ser tão convincente e carismático como Limbeck quando estava inspirado. Aquele discurso era a razão pela qual tinha permitido que o levassem preso e talvez fosse a última chance de transmitir sua mensagem ao povo, por isso estava disposto a aproveitá-la ao máximo.

Assim, subiu de um salto na mesa, desordenando os papéis com seus pés, e agitou as mãos para atrair a atenção da multidão.

— Esses welfos dos mundos superiores não são deuses, como sempre nos fizeram acreditar! Não são imortais, mas são de carne, osso e sangue, como nós! Sei porque vi seus corpos decompostos, sua carne putrefata. Encontrei seus cadáveres na nave acidentada.

“E também vi seu mundo! Vi seu “glorioso paraíso”. Na nave traziam livros e folheei vários deles. E, realmente, é o paraíso! Os welfos vivem em um mundo de abundância e riqueza. Um mundo de beleza que não podemos nem imaginar. Um mundo de comodidades que se sustenta graças a nosso suor e ao nosso trabalho. E deixem que lhes diga algo mais: eles não têm intenção nenhuma de “nos levar um dia para esse reino”, como os ofinistas vivem repetindo, “se nos fizermos mercedores disso”? Por que teriam que fazê-lo, se nos têm aqui embaixo para utilizar como escravos voluntários? Vivemos na miséria, servindo à Máquina Viva, para que os welfos obtenham a água que precisam para sobreviver. Enfrentamos à tormenta todos os dias de nossa miserável vida, para que eles vivam no luxo a custa de nosso suor e nossas lágrimas!

“Por isso proponho — gritou Limbeck, impondo sua voz sobre o crescente tumulto — que aprendamos o que for possível a respeito da Máquina Viva, que tomemos o controle dela e que obriguemos os welfos, que não são deuses e sim mortais como nós, a reconhecer nossos direitos!

Na sala explodiu o caos. Os gegs gritavam, uivavam, empurravam e socavam

uns aos outros. Consternado ante o monstro que tinha soltado sem saber o supervisor chefe (libertado por fim da cadeira) esperneou energicamente e golpeou o piso de cimento com a ponta da vara luminosa com tal energia que arrancou a cauda bifurcada conectada à estátua e a luz se apagou.

— Esvaziem a sala! Esvaziem a sala!

Os guardas realizaram uma carga, mas levou certo tempo até que a Factria ficasse vazia. Durante um momento permaneceram em grupos nos corredores mas, para sorte do supervisor chefe, o apito anunciou uma mudança de turno e os reunidos se dispersaram, uns para ir cumprir seu serviço na Máquina Viva e outros para voltar para suas casas.

O supervisor chefe, seu parente ofinista, a Voz Acusadora, Limbeck e os dois guardiões de rostos pintados ficaram a sós na sala.

— Você é um homem perigoso — disse o supervisor a Limbeck. — Essas mentiras...

— Não são mentiras! Conte a verdade! Juro que...

— Essas mentiras não deveriam ter sido ouvidas pelo povo, é obvio; entretanto, como comprovamos faz um momento quando as pronunciou, provocam inquietação e alvoroço. Condenou a si mesmo, Limbeck. Seu destino está agora nas mãos do ditor. Prendam o prisioneiro e o façam ficar em silêncio! — ordenou aos guardiões, que imobilizaram o prisioneiro energicamente, embora a contra gosto, como se o contato pudesse poluí-los.

O ofinista chefe se recuperou o suficiente da surpresa para adotar de novo seu ar contido e santarrão, uma expressão em que mesclava a justa indignação e a firme certeza de que o pecado ia ser castigado.

O supervisor chefe, apoiando-se sem muita segurança sobre pernas que começavam a recuperar a circulação, deu alguns passos até a estátua do ditor, com uma intensa dor de cabeça. Atrás dele Limbeck avançou, conduzido pelos guardiões. Como sempre, apesar do perigo que corria, deixou-se levar por sua insaciável curiosidade, mais interessado pela estátua em si que pelo veredicto que o ditor pudesse pronunciar. O ofinista e a Voz se aproximaram para observar. O supervisor chefe, depois de muitas reverências, vênias e orações murmuradas que o ofinista repetia com ardor, estendeu o braço, apertou a mão esquerda do ditor e se afastou dela.

De repente, o globo ocular que o ditor sustentava na mão direita piscou e ganhou vida. Um ligeiro resplendor e algumas imagens em movimento começaram a passar rapidamente através do globo. O supervisor chefe dirigiu um olhar triunfal a seu cunhado e à Voz. Limbeck estava absolutamente fascinado.

— O ditor nos fala! — exclamou o ofinista chefe, caindo de joelhos.

— Uma lanterna mágica! — Murmurou Limbeck, excitado, contemplando o globo. — Mas não é magia de verdade, não é como a magia dos welfos. É uma magia mecânica! Uma vez encontrei um artefato desses em outra seção da Máquina Viva e o desmontei. As imagens que parecem mover-se são pequenos quadros que giram em torno de uma luz a tal velocidade que engana a visão...

— Silêncio, herege! — Trovejou o supervisor. — A sentença foi pronunciada. Os ditores ordenam que o entreguemos em suas mãos.

— Não acredito que tenham dito algo parecido com isso, senhor — protestou Limbeck. — Na realidade, não estou certo do que pretendem dizer. Pergunto-me por

que...

— Por que! Por que! Terá muito tempo para se perguntar por que enquanto estiver caindo no coração da tormenta! — exclamou Darral.

Limbeck estava observando a lanterna mágica que repetia as mesmas imagens uma e outra vez e não escutou com clareza o que o supervisor chefe acabava de dizer.

— O coração da tormenta, senhor? — As lentes grossas deixavam seus olhos maiores e lhe davam um ar de inseto que o supervisor achava especialmente desagradável.

— Sim, esta foi a sentença dos dictores. — O supervisor moveu a mão da estátua e o globo ocular piscou e apagou.

— O que? Com essas imagens? Certamente que não, senhor! — Protestou Limbeck. — Não estou certo do que são, mas se me desse a oportunidade de estudá-las...

— Amanhã pela manhã — o supervisor o interrompeu — será obrigado a percorrer os Degraus de Terrel Fen. Que os dictores tenham piedade de sua alma!

Coxeando, esfregando o traseiro insensível com uma mão e levando a outra mão a cabeça dolorida, Darral Estivador deu meia volta e abandonou a Factria.

CAPÍTULO 12



WOMBE, DREVLIN, REINO INFERIOR

Você tem visita — anunciou o carcereiro do outro lado dos barrotes.

— O que? — Limbeck se sentou na cama de armar.

— Você tem visita. Sua irmã. Vamos.

As chaves tilintaram. Houve um estalo na fechadura e a porta se abriu bruscamente. Limbeck, surpreso e muito confuso, levantou-se da cama e seguiu o carcereiro até a sala de visitas. Pelo que sabia, não tinha nenhuma irmã. Claro que ficara vários anos ausente de sua casa e que não sabia grande coisa de como cresciam os meninos, mas tinha a vaga impressão de que um bebê demorava um tempo considerável para nascer, e depois em aprender a caminhar e crescer o suficiente para visitar um irmão na prisão.

Estava realizando os cálculos necessários para determinar isso quando chegou à sala de visitas, onde uma moça se lançou sobre ele com tal força que quase o derrubou.

— Meu querido irmão! — exclamou, passando os braços em torno do pescoço e beijando-o com mais afeto do que normalmente se exhibe entre irmãos.

— Têm até o toque da próxima mudança de turno — disse o carcereiro em tom aborrecido antes de fechar a porta e a fechadura.

— Jarre? — murmurou Limbeck, piscando em direção a ela, pois tinha deixado os óculos na cela.

— É claro! — respondeu Jarre, abraçando-o com força. — Quem acreditava que podia ser, senão eu?

— Não... não tinha certeza — balbuciou Limbeck. Tinha uma alegria tremenda de ver Jarre, mas não podia evitar uma leve decepção ante a perda de uma irmã. Era como se a família pudesse representar um consolo em uma situação como aquela. — Como chegou aqui?

— Odwin tem um cunhado que cuida de uma das viagens da locomotiva e me deixou subir. Não ficou furioso — continuou, afrouxando seu abraço — ao ver com seus próprios olhos a escravidão de nosso povo?

— Sim, certamente — respondeu Limbeck. Não se surpreendeu em descobrir que Jarre tinha experimentado as mesmas sensações e os mesmos pensamentos que tinham ocupado sua cabeça durante a viagem até Drevlin. Aquilo acontecia frequentemente entre eles.

Jarre se afastou e desenrolou lentamente o grosso cachecol que lhe envolvia a cabeça. Limbeck não estava seguro (sem óculos, o rosto do Jarre era apenas uma mancha imprecisa) mas teve a sensação de que olhava para ele com expressão preocupada. Certamente, seria porque o haviam condenado a morte, mas Limbeck não acreditava, pois Jarre estava acostumada a falar daqueles assuntos sem se alterar. Tratava-se de algo diferente, mais profundo.

— Como está a União? — perguntou.

Jarre suspirou. Agora sim vamos a algum lugar, pensou Limbeck.

— Oh, Limbeck! — Exclamou ela, entre irritada e pesarosa, — por que teve que contar essas histórias ridículas no julgamento?

— Histórias? — As sobrancelhas de Limbeck se levantaram até as raízes de seus cabelos. — Que histórias?

— Você sabe... Sobre os welfos mortos e os livros com imagens do céu...

— Então, os cantores de notícias cantaram isso? — Limbeck exclamou com prazer.

— Cantar? — Jarre apertou as mãos. — Eles as gritaram em cada mudança de turno! Não ouvimos outra coisa além disso...

— Por que chamou assim? — Então, de repente, Limbeck compreendeu. — Você não acredita, não é? O que contei no tribunal é verdade, Jarre! Juro por...

— Não jure por ninguém — Jarre falou com frieza. — Nós não acreditamos em deuses, lembra?

— Juro pelo amor que sinto por você — declarou Limbeck. — Tudo o que disse é verdade. Todas essas coisas aconteceram realmente. Foi assim que descobri que os welfos não são deuses, que são mortais como nós, foi o que me inspirou a fundar nossa União. É a lembrança disso que me dá a coragem para enfrentar o que me espera — acrescentou com uma serena dignidade que comoveu o coração de Jarre.

Soluçando, lançou-se de novo em seus braços. Limbeck deu suaves tapinhas em suas costas e lhe perguntou docemente:

— Prejudiquei muito à causa?

— Não... — murmurou Jarre com voz afogada, sem levantar o rosto da túnica, agora empapada de lágrimas. — Na realidade... hum... Veja, querido, fizemos... hum... contamos sobre as torturas e sofrimentos que padeceu nas mãos do poder brutal e imperialista...

— Mas não me torturaram. Foram realmente amáveis comigo, querida.

— Oh, Limbeck! — exclamou Jarre, afastando-se dele com gesto de exasperação. — Você não tem remédio!

— Sinto muito.

— Agora, escute — continuou ela rapidamente, enquanto secava as lágrimas. — Não temos muito tempo. No momento, o mais importante para nós é sua execução. Não pense em estragar essa cena. Não pense — repetiu, levantando o indicador em gesto de advertência — em voltar a falar de welfos mortos e coisas assim.

Limbeck emitiu um suspiro.

— Não o farei — prometeu.

— Agora você é um mártir, não se esqueça. E, pelo bem da causa, deve representar seu papel. — Jarre estudou a robusta figura de Limbeck com um olhar de desaprovação. — Mas me parece que você até engordou.

— É que a comida do cárcere é verdadeiramente...

— Nesse momento, você não deveria pensar em si mesmo — repreendeu-o Jarre. — Só resta esta noite e suponho que não poderá adquirir um aspecto sofrido nesse tempo, mas faça tudo o que puder. Você seria capaz de aparecer ensanguentado?

— Não acredito — respondeu Limbeck consciente de suas limitações.

— Bom, teremos que fazer o que pudermos — suspirou Jarre. — Faça o que fizer, tente ao menos parecer martirizado.

— Não estou seguro de como.

— Ah! Você sabe: mostre-se valente, digno, desafiante e clemente.

— Tudo ao mesmo tempo?

— Perdoar seus carrascos é muito importante. Pode até dizer algo quando o amarrarem ao pássaro raio.

— Perdoar os carrascos — murmurou Limbeck, confiando o detalhe a sua memória.

— E deveria lançar um grito final de desafio quando o empurrarem ao vazio. Algo como, “Viva a UAPP! Não nos vencerão!”. E anuncie sua volta, é claro.

— Desafio. Viva a UAPP. Minha volta. — Limbeck olhou para Jarre com seus olhos miópes. — Retornar? Vou fazer isso?

— É claro! Eu disse que o tiraríamos desta, e falava sério. Não pensou que deixaríamos que o executassem, não é?

— Bom, eu...

— Você é um bobo — murmurou Jarre, revolvendo-lhe os cabelos com um gesto festivo. — Bom, você sabe como funciona esse pássaro mecânico...

Souo o apito e seu uivo ressoou pela cidade.

— Acabou o tempo! — gritou o carcereiro, apertando seu rosto gordo contra os barrotes da porta da sala de visitas. Ouviu-se o tinido da chave ao ser introduzida na fechadura.

Jarre, com uma careta de aborrecimento no rosto, aproximou-se da porta e olhou para o homem do outro lado dos barrotes.

— Nos dê mais alguns minutos.

O carcereiro franziu o cenho. Jarre lhe mostrou seu punho, de aspecto formidável, e acrescentou, ameaçadora:

— Lembre-se que, no final, terá que abrir...

O homem murmurou algo ininteligível e se afastou.

— Bem, onde estávamos? — disse Jarre, dando as costas à porta. — Ah, sim! Este artefato que chamam de “pássaro”. Conforme diz Lof Letri...

— O que ele sabe do assunto? — perguntou Limbeck, ciumento.

— Lof pertence ao turno dos Letricistas — replicou Jarre em tom orgulhoso, — eles dirigem os pássaros encarregados de recolher eletricidade para a Máquina Viva. Segundo ele, vão prendê-lo em um que se parece com duas asas gigantes feitas com madeira e plumas de tiero, presas a um cabo. Vão prendê-lo ao artefato e o soltarão no vazio sobre os Degraus de Terrel Fen. Você flutuará em plena tormenta e receberá o

impacto do granizo, da chuva intensa e da neve...

— E os raios? — perguntou Limbeck com nervosismo.

— Não há raios — respondeu Jarre, tranquilizadora.

— Mas eles são chamados de “pássaros raio”...

— É apenas um nome.

— Mas, carregado com meu peso, não cairá em vez de voar?

— É obvio! Quer parar de me interromper?

— Sim — respondeu Limbeck fracamente.

— O artefato quebrará o cabo e começará a cair. Ao fim, acabará caindo em uma das ilhas de Terrel Fen...

— Tem certeza? — Limbeck empalideceu.

— Sim, mas não se preocupe. Segundo Lof, é quase certo que a armação principal resistirá ao impacto. É muito forte. A Máquina Viva produz as lâminas de madeira.

— Por que faz isso? — Murmurou Limbeck. — Por que a Máquina Viva produz lâminas de madeira?

— E como vou saber? — gritou Jarre. — De qualquer forma, o que importa isso agora? Preste atenção, Limbeck.

Agarrou as tranças da barba dele com ambas as mãos, e puxou-as até que saltaram lágrimas dos olhos de Limbeck. A experiência tinha lhe ensinado que aquele era um bom método para apagar aquelas especulações da mente dele.

— Como disse, você cairá em uma das ilhas de Terrel Fen. Essas ilhas estão sendo escavadas pela Máquina Viva em busca de minerais. Quando as garras escavadoras descerem para carregar o mineral bruto, você deve fazer um sinal em uma delas. Os nossos estarão à espera e, quando a pá voltar, veremos sua marca e saberemos em que ilha está.

— É um plano magnífico, querida! — Limbeck dedicou-lhe um sorriso de admiração.

— Obrigado. — Jarre ruborizou de prazer. — Você apenas tem que se afastar das garras escavadoras para que não o alcancem enquanto trabalham.

— Sim, estarei atento a isso.

— Na próxima vez que as escavadoras descerem, vamos nos assegurar de que baixem um manipulador. — Ao perceber que Limbeck parecia desconcertado, Jarre lhe explicou pacientemente: — Você sabe, uma dessas garras com uma bolha em que os geys descem às ilhas para liberar as pás que ficaram presas.

— É assim que fazem? — assombrou-se Limbeck.

— Ah, seria bom que você tivesse servido à Máquina Viva alguma vez! — disse Jarre, puxando sua barba com um gesto de irritação. — Oh, querido, sinto muito! Não queria fazer isso... — Cobriu-o de beijos e lhe esfregou as bochechas para aliviar a dor. — Não vai te acontecer nada, lembre-se. Quando o trouxermos de volta, fingiremos que foi declarado inocente. Será evidente que os dittores estão de seu lado e que, portanto, apoiam nossa causa. Os geys se unirão a nós aos montes depois disso! E por fim chegará o dia da revolução!

Os olhos de Jarre brilhavam e Limbeck se deixou levar por seu entusiasmo.

— Sim! Estupendo!

O carcereiro introduziu o nariz entre os barrotes e pigarreou.

— Está bem, estou saindo! — Jarre envolveu de novo a cabeça com o cachecol. Beijou Limbeck uma última vez, deixando um rastro de penugem em sua boca. O carcereiro abriu a porta.

— Lembre-se — sussurrou Jarre em tom misterioso, — martirizado.

— Sim, martirizado — assentiu Limbeck.

— E pare com as histórias sobre deuses mortos!

Cochichou isso por último enquanto o carcereiro lhe apressava para que saísse.

— Não são histórias... — começou a replicar, mas se interrompeu com um suspiro. Jarre já tinha desaparecido.

CAPÍTULO 13



WOMBE, DREVLIN, REINO INFERIOR

Os gegas, um povo muito pacífico e bonachão, não tinham liderado uma só guerra em toda sua história (até onde podiam recordar). Tirar a vida de outro geg era algo insólito, impensável, inimaginável. Somente a Máquina Viva tinha direito de matar um geg, e isso acontecia quase sempre por acidente. E, embora os gegas tivessem estabelecido em seus códigos legais a execução como castigo para certos crimes terríveis, eram incapazes de matar um de seus semelhantes com suas próprias mãos. Assim, deixavam que os dictores se encarregassem disso, já que não estavam presentes para protestar. Se os dictores decidissem que o condenado deveria viver, garantiriam que assim fosse. Caso contrário, não voltariam a ser vistos em Drevlin.

Os gegas utilizavam um método para se desfazer dos indesejáveis que denominavam “baixar aos Degraus de Terrel Fen”. Terrel Fen era uma série de ilhotas que flutuavam abaixo de Drevlin, girando e caindo em uma espiral perpétua até desaparecer um dia nas nuvens turbulentas da Escuridão Completa. Dizia-se que em tempos antigos, logo depois da Separação, era possível descer a pé às Terrel Fen, pois as ilhas estavam tão próximas de Drevlin que um geg podia saltar de uma a outra. Provavelmente, este era o castigo que os antigos gegas impunham aos delinquentes.

Entretanto, com o passar dos séculos, as ilhotas se aproximaram mais e mais do Torvelinho; assim, agora só era possível — durante as pausas entre tormentas — distinguir o impreciso contorno da ilha mais próxima, deslocando-se muito abaixo. Conforme tinha afirmado um dos sobreviventes mais famosos, um geg deveria ter as asas para sobreviver à queda por tempo suficiente para que os dictores emitissem uma sentença contra ele. Naturalmente, este comentário fez os gegas se preocuparem em proporcionar asas ao condenado, o que conduziu ao desenvolvimento do “pássaro” que Jarre havia descrito.

Sua denominação oficial era “Plumas da Justiça” e era confeccionado com pranchas de madeira perfeitamente serradas e ajustadas.

A armação de madeira, de seis palmos de largura, tinha uma envergadura de uns

vinte palmos e era coberta com uma malha (produto também da Máquina Viva), que era decorado com plumas de tiero presas com uma substância pegajosa a base de farinha e água. Normalmente, um forte cabo preso ao eletroacumulador permitia que o artefato chegasse ao coração da tormenta e colhesse os raios. Entretanto, como é lógico, mal poderia planar se tivesse que suportar o peso de um geg robusto.

Aproveitando uma pausa entre as tormentas, Limbeck foi conduzido até a borda de Drevlin e amarrado no Plumas da Justiça. Com as mãos firmemente presas à armação de madeira, seus pés ficaram pendurados dos lados da cauda. Seis ofinistas levantaram o artefato e, a uma ordem do supervisor chefe, correram para a borda da ilha para lançá-lo.

Os únicos gegs presentes na execução eram o supervisor, o ofinista chefe e seis ofinistas ajudantes, necessários para mandar o Plumas da Justiça para o ar. Muito tempo atrás, todos os gegs que não estivessem de serviço na Máquina Viva assistiam às execuções, até o lançamento do tristemente famoso Dirk Parafuso. Dirk, bêbado, dormiu durante o trabalho e não percebeu que o ponteiro do mostrador conectado a caldeira se agitava furiosamente. A explosão que aconteceu feriu vários gegs e, ainda causou graves danos à Máquina Viva, que se fechou durante um dia e meio para reparos.

Dirk, face à gravidade de suas queimaduras, salvou a vida e foi sentenciado a descer os Degraus. Um grande número de gegs foram presenciar a execução. Os que estavam atrás, queixando de que não enxergavam, começaram a empurrar para abrir caminho até a frente, com o trágico resultado de que muitos gegs que estavam na beira da ilha iniciaram imprevistas “descidas”. Após esse acontecimento, uma ordem do supervisor chefe proibiu a presença de público nas execuções.

Nesta ocasião, o público não perdeu grande coisa. Limbeck estava tão fascinado com os preparativos que se esqueceu por completo de parecer martirizado e não deixou de incomodar os ofinistas com uma enxurrada interminável de perguntas.

— Do que é feito este material? — perguntou referindo-se à substância pegajosa. — Como a armação é montada? Que tamanho têm as lâminas da malha que o cobrem? Saem assim desse tamanho? Mesmo? Por que a Máquina Viva produz tecido?

Finalmente, em defesa dos inocentes, o ofinista chefe ordenou que Limbeck fosse amordaçado. Assim fizeram sem cerimônias, sob as ordens de um apurado supervisor chefe, que não aproveitava absolutamente nada da execução devido a penetrante dor de cabeça produzida pela coroa.

Seis robustos ofinistas prenderam a seção central do artefato e a levantaram por cima de suas cabeças. A um sinal do ofinista chefe, iniciaram uma descidacambaleante por uma rampa, em direção ao borda da ilha. De repente, inesperadamente, uma rajada de vento pegou o artefato, arrancou-o de suas mãos e o levantou no ar. O Plumas da Justiça cabeceou e se inclinou, deu três voltas e se caiu ao chão.

— O que estão fazendo? — Gritou o supervisor chefe. — O que estão fazendo, malditos sejam? — perguntou a seu cunhado. Este, com ar insatisfeito, correu descobrir.

Os ofinistas desamarraram Limbeck do artefato destroçado e o conduziram de volta à plataforma de saída, enjoado e cuspidando plumas da boca. Mandaram trazer outro Plumas da Justiça, enquanto o supervisor chefe se impacientava com o atraso, e amarravam de novo o condenado. Os seis carregadores receberam uma severa arenga de seu superior sobre a necessidade de segurar com força a armação, e voltaram a partir.

O vento levantou as asas no momento certo e Limbeck sulcou o céu com elegância. O cabo se rompeu com um estalo. Os ofinistas, seu superior e o supervisor chefe permaneceram na beira da ilha, observando como o artefato emplumado deslizava lentamente para o vazio e se perdia, planando, com a mesma lentidão.

Limbeck deve ter conseguido de algum modo tirar a mordaca, pois Darral Estivador poderia jurar que escutou um último “por que...?” desaparecendo no coração do Torvelinho. Tirou a coroa de ferro da cabeça, reprimindo o impulso de lançá-la pela beira da ilha, e com um profundo suspiro de alívio retornou para sua casa no tanque de armazenamento.

Limbeck se viu flutuando nas correntes de ar que o impulsionavam em suaves círculos e voltou a cabeça para contemplar a ilha de Drevlin pelo lado de baixo. Limbeck aproveitou a sensação de voar, girando ociosamente debaixo da superfície da ilha e contemplando as formações de coralita que, daquela perspectiva, pareciam únicas e muito diferentes de quando observadas de cima. Não estava usando os óculos (guardava-os em um bolso dos calções, envoltos em um lenço), mas uma corrente ascendente o tinha levado até muito perto da parte inferior da ilha e isso lhe proporcionou uma excelente vista.

O interior estava sulcado por milhões e milhões de buracos. Alguns eram enormes, e Limbeck poderia penetrar voando em vários deles se soubesse e pudesse pilotar as asas. Ficou surpreso ao observar que desses buracos saíam milhares de bolhas que arrebentavam quase imediatamente ao entrar em contato com o ar e percebeu que tinha tropeçado com uma descoberta notável.

“A coralita deve produzir algum gás mais leve que o ar e isso mantém a flutuação da ilha.” Sua mente evocou a imagem que tinha visto no Globo. “Por que, então, umas ilhas flutuam acima das outras? Por que a ilha onde os welfos vivem, por exemplo, está mais alta que a nossa? Sua ilha deve pesar menos, logicamente. Sim, mas por quê? Ah, já sei!” Limbeck não percebeu, mas tinha começado a descer a grande velocidade em uma espiral que teria lhe causado vertigem. “Depósitos minerais. Isto explicaria a diferença de peso. Em nossa ilha deve haver mais depósitos de minerais — ferro e outros — que na ilha dos welfos. Provavelmente, por isso os dittores montaram a Máquina Viva aqui embaixo. De qualquer forma, isso não explica por que a construíram.”

Limbeck decidiu tomar nota desta última observação e descobriu, irritado, que tinha as mãos presas em algum lugar. Quando voltou os olhos para ver o que acontecia, se lembrou da interessante — embora desesperada — situação em que se encontrava. A seu redor, o céu estava escurecendo depressa. Já não via nada de Drevlin. O vento era mais forte e tinha adquirido um claro movimento circular; o voo era muito mais agitado e errático. O ar o sacudia de um lado para outro, para cima e para baixo, e lhe fazia girar. Começou a chover e Limbeck fez outra observação. Embora não fosse tão transcendente como a primeira, esta tinha muito mais impacto.

A massa que prendia as plumas à malha se dissolvia com a água. Limbeck observou com crescente alarme como, uma a uma e em seguida aos punhados, as plumas de tiero começavam a desprender-se. O primeiro impulso de Limbeck foi soltar as mãos, embora não tivesse uma ideia muito precisa do que faria quando conseguisse.

Deu um violento puxão com o punho direito e o movimento teve o efeito — um efeito realmente alarmante — de fazer o artefato voador ficar virado no ar. Depois de passado o primeiro momento de pânico paralisante e de se sentir bastante seguro de que não ia vomitar, Limbeck percebeu que sua situação tinha melhorado. A malha, desprovida agora de quase todas as plumas, inchou acima dele, diminuindo a velocidade de descida e, embora o vento ainda o sacudisse bastante, a trajetória era mais estável e menos errática.

Na mente fértil de Limbeck começavam a tomar forma as leis da aerodinâmica quando viu a sua frente, aparecendo atrás das nuvens de tormenta a seus pés, um vulto escuro. Forçando a vista, certificou-se de que o vulto era uma das ilhas de Terrel Fen. Enquanto descia entre as nuvens lhe tinha parecido que caía muito devagar e se assustou ao comprovar que a ilha parecia se aproximar dele a uma velocidade alarmante. Naquele instante, Limbeck descobriu simultaneamente duas importantes leis: uma, a teoria da relatividade; a outra, a lei da gravidade.

Por fim, ambas as leis foram apagadas de sua mente pelo impacto.

CAPÍTULO 14



EM ALGUM LUGAR DO CONGLOMERADO DE ULYNDIA, REINO MÉDIO

Na manhã em que Limbeck se precipitava para Terrel Fen, Hugh e o príncipe voavam em plena noite no lombo de um dragão sobre algum lugar do conglomerado de Ulyndia. O voo era frio e desagradável. Triano tinha dado a direção ao dragão e Hugh não tinha outra coisa a fazer além de permanecer na cadeira e pensar. Nem sequer podia saber que rota seguiam, pois uma névoa mágica os acompanhava.

De vez em quando, o dragão descia abaixo das nuvens para se orientar e Hugh aproveitava esses instantes para, estudando a paisagem de coralita que corria sob seus pés com seu brilho tênue, tentar fazer alguma ideia de onde se achava ou de onde tinha estado. A única dúvida de Hugh era se seria vítima de alguma traição e teria que gastar a metade do dinheiro da bolsa para descobrir o esconderijo do rei Stephen, caso tivesse que protestar pessoalmente pelo tratamento recebido. Entretanto, no momento era inútil se preocupar com isso e logo deixou de pensar no assunto.

— Estou com fome... — começou a dizer Bane, cuja aguda voz infantil fendeu o silêncio noturno.

— Feche o bico! — replicou Hugh com brutalidade.

Escutou um rápido ofego e, ao virar-se, viu que o menino tinha os olhos arregalados e brilhantes, estava a ponto de chorar. Provavelmente, ninguém nunca tinha lhe falado naquele tom em toda sua vida.

— No ar noturno, qualquer som se ouve muito longe, Alteza — acrescentou Hugh com suavidade. — Se alguém estiver nos seguindo, é melhor não facilitarmos seu serviço.

— Estão nos seguindo? — Bane estava pálido, mas calmo e Hugh teve que reconhecer que o menino era valente.

— Creio que sim, Alteza. Mas não se preocupe.

O príncipe apertou os lábios. Com acanhamento, passou os braços em torno da cintura de Hugh.

— Não se incomoda, não é? — sussurrou.

Quando os bracinhos se apertaram em torno dele, Hugh sentiu um corpo quente encostado ao seu. A cabeça do menino se apoiou ligeiramente em suas costas.

— Não tenho medo — acrescentou Bane com voz decidida. — Só que me sinto melhor com você por perto.

Uma sensação estranha tomou o assassino. Hugh se sentiu de repente vazio, sinistro e terrivelmente mau. Apertou os dentes, combatendo o impulso de se afastar do abraço do menino, e se concentrou no perigo imediato que os espreitava.

Tinha certeza de que alguém os seguia. E, fosse quem fosse, era muito hábil. Virou-se sobre a cadeira e escrutinou o céu com a esperança de que seu perseguidor, com receio de perdê-los de vista, cometesse um erro e se deixasse ver. Entretanto, não viu nada. Nem sequer poderia explicar por que estava tão certo de que tinham companhia. Era uma cocêira na nuca, uma reação instintiva a um som, um cheiro, um relance visto pela extremidade do olho. Tomou a advertência com calma e um pensamento: quem os seguia, e por quê?

Triano. Havia essa possibilidade, é claro, mas Hugh a descartou. O mago conhecia seu destino melhor que eles, embora talvez os seguisse para ter certeza que Hugh não tentava confundir o dragão e escapar com ele. Mas tal coisa seria uma tremenda tolice. Hugh não era feiticeiro e não se atreveria a se intrometer com um encantamento, em especial com um relacionado a um dragão. Enfeitiçados, os dragões eram obedientes e amigáveis. Quebrado o encantamento, os animais recuperavam sua inteligência e vontade própria, com isso se tornavam totalmente caprichosos e imprevisíveis. Podiam continuar servindo, mas também podiam resolver jantar seu cavaleiro.

E, se não era Triano, quem poderia ser?

Algun partidário da rainha, sem dúvida. Hugh amaldiçoou o mago e o rei em silêncio. Aquele par de estúpidos incompetentes tinham permitido que seus planos fossem descobertos e agora, sem dúvida, Hugh teria que enfrentar algum nobre que tentaria resgatar o menino. Hugh teria que se livrar desse problema, o que significava fazer uma armadilha, cortar uma garganta e esconder um corpo. O mais provável era que o menino acabaria vendo o homem e o reconheceria como um amigo. Isso despertaria suas suspeitas e Hugh teria que convencê-lo de que o amigo era um inimigo e de que seu inimigo era seu verdadeiro amigo. Ia ser complicado, e tudo por uma indiscrição de Triano e seu rei, afligido pelo remorso!

Bom, pensou com ânimo sombrio, cobraria por isso.

Sem nenhuma indicação de Hugh, o dragão começou a descer em espiral e intuiu que tinham chegado ao seu destino. A nuvem mágica desapareceu e Hugh viu um bosque em sombras contra o resplendor azulado da coralita, seguido de uma grande zona limpa e das formas de perfis retos e definidos que não se encontravam na natureza e que eram obra da mão do homem.

Era uma pequena aldeia, abrigada em um vale de coralita e rodeada de bosques. Hugh conhecia muitos lugares como aquele, cujos habitantes utilizavam as árvores e as montanhas para se ocultar das incursões dos elfos.

Em compensação, pagavam o preço de estar afastados das principais rotas aéreas mas, quando se tratava de escolher entre uma boa vida e assegurar a sobrevivência, havia quem decidia pela pobreza.

Hugh conhecia o valor de uma vida humana e, ao compará-lo com os prazeres e

comodidades, considerava estúpido quem renunciava a eles.

O dragão sobrevoou em círculo a aldeia adormecida. Hugh avistou uma clareira no bosque e guiou o animal até que ele pousasse com suavidade. Enquanto descarregava a bagagem do lombo do dragão, perguntou-se onde seu perseguidor teria descido. Mas não perdeu muito tempo pensando no assunto, pois já tinha preparado sua cilada. Só necessitava de uma isca.

O dragão os deixou logo que terminaram de descarregar as sacolas. Alçando voo, desapareceu sobre as copas das árvores. Calmamente, Hugh colocou a bagagem nas costas. Fez um gesto ao príncipe para que o seguisse e começou a dirigir-se para o bosque quando notou que Bane lhe puxava a manga.

— O que aconteceu, Alteza?

— Já podemos falar em voz alta? — disse o menino, com os olhos muito abertos.

Hugh assentiu.

— Posso levar minhas coisas — afirmou Bane. — Sou mais forte do que pareço. Meu pai diz que quando crescer serei alto e forte como ele.

Seria verdade que Stephen havia dito isso a um menino de que sabia que nunca chegaria a crescer? Se tivesse aquele maldito a sua frente, Hugh teria torcido o seu pescoço com prazer.

Sem uma palavra, entregou sua mochila ao príncipe. Chegaram aos limites do bosque e se internaram nas densas sombras sob as árvores.

Logo ficaram fora do alcance de qualquer olho ou ouvido, e seus pés avançaram sem o menor ruído pelo grosso tapete de cristais finos como areia.

Hugh sentiu outro puxão na manga.

— Maese Hugh — disse Bane, apontando algo — quem é ele?

Sobressaltado, Hugh olhou de um lado para outro.

— Não há ninguém aqui além de nós, Alteza.

— Há sim — insistiu o menino. — Não está vendo? É um monge kir.

Hugh parou e olhou fixamente para o menino.

— É normal que não o veja — acrescentou Bane, movendo a mochila para posicionar melhor em seus ombros pouco desenvolvidos. — Estou acostumado a ver muitas coisas que s outras pessoas não podem ver, mas nunca tinha visto ninguém acompanhado de um monge kir. Por que ele o acompanha?

— Deixe que eu levo isso, Alteza. — Hugh tomou a mochila do príncipe e pôs-se a andar de novo, empurrando o menino com mão firme para que andasse.

Maldito Triano! Pensou. O maldito mago lhe escondera algo. O menino devia ter ouvido alguma conversa que agora tinha lhe provocado a imaginação. Era possível até que tivesse adivinhado a verdade. Bem, no momento não podia fazer nada a respeito. Simplesmente, aquilo complicava seu trabalho... e, portanto, aumentava o preço na mesma proporção.

Passaram o resto da noite no abrigo de um coletor de água.^[9] Começava a clarear; no céu já se percebia o leve resplendor que anunciava o amanhecer. Os Senhores da Noite emitiam um intenso brilho encarnado. Agora poderia determinar a direção em que se moviam e orientar-se um pouco, pelo menos. Antes de abandonar o monastério tinha inspecionado o conteúdo de sua mochila e se assegurado de que continha todo o

instrumental de navegação necessário, pois o seu tinha sido confiscado na prisão de Yreni. Tirou do alforje um livrinho encadernado em couro e uma vara de prata com uma esfera de quartzo na parte superior. No outro extremo, a vara tinha um prego comprido que Hugh afundou no chão.

Todos os sextantes como aquele eram criações dos elfos, os humanos não possuíam nenhum artefato mágico. A vara era nova e Hugh supôs que seria um troféu de guerra. Deu um toque no objeto com a ponta de um dedo e a esfera se elevou no ar para surpresa e prazer de Bane, que observava a cena com olhos fascinados.

— O que isso faz? — perguntou.

— Olhe através dele — sugeriu Hugh. Com certa hesitação, o príncipe colocou os olhos na altura da esfera.

— Só vejo um punhado de números — disse decepcionado.

— É o que deve ver.

Hugh tomou nota mental da primeira cifra, fez girar um anel situado no extremo inferior da vara, anotou a segunda cifra e, por fim, uma terceira. Depois, começou a passar as páginas do livrinho.

— O que está procurando? — Bane abaixou-se, olhando por cima do ombro de Hugh.

— Esses números que viu são as posições dos Senhores da Noite, das cinco Damas da Noite de Solarus; indicam as posições relativas entre eles. Procuo as cifras neste livro, ajusto-as ao momento do ano, ele me diz onde se encontram as ilhas neste preciso instante, e assim posso descobrir onde estamos, com uma margem de poucos menkas.

— Que escrita mais estranha! — Bane inclinou a cabeça para observá-la. — Que letras são estas?

— É a escrita dos elfos. Foram seus navegantes que fizeram todos esses cálculos e criaram o aparelho mágico que realiza as medições.

O príncipe franziu o cenho.

— Por que você não usou algo semelhante enquanto voávamos no lombo do dragão?

— Porque os dragões sabem instintivamente para onde se dirigem. Ninguém sabe como o fazem, mas utilizam todos os seus sentidos para se guiar: visão, audição, olfato, tato... e possivelmente alguns outros que nós nem sequer imaginamos. A magia dos elfos, ao contrário, nunca funcionou com os dragões e por isso tiveram que construir naves dragão e inventar aparelhos como este para saber onde se encontravam. Esta é a razão de os elfos nos considerarem bárbaros — acrescentou Hugh com um sorriso.

— Muito bem, onde estamos? Você já sabe?

— Sei — respondeu Hugh. — E agora, Alteza, é hora de dormir um pouco.

Eles se encontravam em Exílio de Pitrin, provavelmente a 123 menkas a contracurso ¹⁰¹ de Winsher. Hugh se sentiu mais tranquilo quando soube onde estava. Tinha sido muito inquietante não poder distinguir, por assim dizer, os pés da cabeça. Agora sabia e podia descansar. Somente amanheceria dali a três horas.

Esfregando os olhos, bocejando e esticando-se como quem viajou muito e tem os ossos moidos, Hugh conduziu o príncipe ao interior do abrigo; andava com os

ombros caídos e arrastando os pés. Com ar cansado, deu um empurrão na porta para fechá-la. A prancha não se fechou totalmente, mas o assassino estava, ao que parecia, muito cansado para perceber.

Bane tirou uma manta da mochila, estendeu-a e se deitou. Hugh fez o mesmo e fechou os olhos. Quando ouviu que a respiração do menino adotava uma cadência lenta e constante, levantou-se com um movimento rápido e felino e deslizou com rapidez pelo interior do cômodo sem fazer o menor ruído.

O príncipe já estava profundamente adormecido. Hugh o observou com atenção, mas o menino não parecia estar fingindo e dormia encolhido sobre a manta. O ar frio da madrugada podia gelá-lo e Hugh, tirando outra manta de sua mochila, jogou-a por cima de Bane. Depois, continuou avançando até o outro extremo do abrigo, junto à porta.

Tirou as botas e as deixou no chão, colocando-as cuidadosamente de lado, uma em cima da outra. Aproximou abaixado da mochila e o colocou-a junto às botas. Puxando a capa, fez uma bola e colocou-a junto da mochila. Por último, estendeu uma manta sobre a mochila e a capa, deixando à vista as pontas das botas. Se alguém olhasse pela fresta da porta, veria os pés de um homem envolto em uma manta e profundamente adormecido.

Satisfeito, Hugh tirou a adaga da bota e se agachou em um canto na sombra da estufa. Com os olhos fixos na porta aguardou.

Transcorreu meia hora. Quem os seguia estava dando muito tempo para que dormissem, enquanto Hugh continuava sua paciente vigília. Não devia demorar muito, pois tinha amanhecido e o sol brilhava no céu.

O desconhecido devia temer que despertassem e retomassem a marcha. O assassino observou a fina linha de luz cinzenta que penetrava pela porta, parcialmente fechada. Quando a linha se alargou, a mão de Hugh se fechou com mais força em torno do punho da arma.

Lenta e silenciosamente, a porta se abriu e apareceu por ela uma cabeça. O indivíduo estudou com atenção a figura de Hugh adormecida sob a manta e depois observou com a mesma atenção o garoto. Hugh conteve o fôlego. Aparentemente satisfeito, o homem entrou no abrigo.

Hugh tinha calculado que o homem estaria armado e atacaria imediatamente o boneco que ocupava seu lugar; por isso ficou confuso ao ver que o homem não empunhava nenhuma arma e que passava direto para aproximar-se com passos silenciosos do menino. “Assim”, pensou, “trata-se de um resgate.”

Levantou-se de um salto, passou um braço em torno do pescoço do desconhecido e lhe pôs a adaga na garganta.

— Quem é você e quem o enviou? Diga-me a verdade e prometo uma morte rápida!

O corpo que Hugh acabava de prender relaxou e percebeu, com assombro, que o indivíduo tinha desmaiado.

CAPÍTULO 15



EXÍLIO DE PITRIN, ILHAS VOLKARAN, REINO MÉDIO

Esse não é o tipo de homem que eu enviaria para resgatar meu filho das mãos de um assassino — murmurou Hugh, estendendo no chão do abrigo o desconhecido. — Embora seja possível que a rainha tivesse problemas para encontrar cavaleiros ousados nestes tempos. A menos que esteja fingindo...

O homem tinha uma idade indeterminável e um rosto macilento, carregado de ansiedade. Uma calva brilhava e de suas têmporas saíam mechas de cabelos grisalhos que formavam uma orla em torno dela, mas sua pele era fina e as rugas nos cantos dos lábios eram produto da preocupação, não da idade. Alto e magricela, parecia ter sido montado por alguém que ficou sem as peças adequadas e se foi obrigado a substituí-las pelas primeiras que encontrara. As mãos e os pés eram muito grandes; a cabeça, de traços delicados e sensíveis, parecia muito pequena.

Ajoelhando-se junto ao homem, Hugh agarrou-lhe um dedo e o dobrou para trás até que a unha quase lhe tocasse o punho. A dor seria insuportável e qualquer pessoa que fingisse estar inconsciente se trairia inexoravelmente, mas o homem nem sequer se moveu.

Hugh lhe deu um sonoro bofetão na bochecha para despertá-lo e se dispunha a acrescentar outro quando ouviu o príncipe a seu lado.

— É esse o homem que nos seguia? — Bane, olhou com curiosidade para o homem. — Mas é Alfred! — exclamou. Agarrou as lapelas da capa do homem, ergueu-lhe a cabeça e o sacudiu. — Alfred! Acorde! Acorde!

A cabeça do homem golpeou o chão com um ruído surdo. O príncipe o sacudiu de novo. A cabeça voltou a bater no chão e Hugh, relaxando, afastou-se um pouco e observou a cena.

— Ai, ai, ai! — gemeu Alfred cada vez que sua cabeça tocava o chão. Abriu os olhos, dirigiu um olhar impreciso ao príncipe e fez um débil esforço para afastar de sua capa as pequenas mãos do menino.

— Por favor... Alteza. Já estou acordado... Oh! Obrigado, Alteza, mas não é

necessá...

— Alfred! — O príncipe jogou os braços ao pescoço dele e o abraçou com tal força que esteve a ponto de asfíxiá-lo. — Pensávamos que fosse um assassino! Você vai viajar conosco?

Alfred se sentou e dedicou um olhar nervoso a Hugh (e, em particular, a sua adaga).

— Talvez não seja possível acompanhá-los, Alt...

— Quem é você? — interrompeu-o Hugh.

O homem esfregou a cabeça e respondeu humildemente:

— Senhor, meu nome é...

— Ele é Alfred! — cortou-o Bane, como se isso o explicasse tudo. Ao perceber que não era assim pela expressão de Hugh, o menino acrescentou: — É o responsável por todos os meus criados e escolhe meus tutores, e se assegura de que a água do banho não esteja muito quente...

— Meu nome é Alfred Montbank, senhor — disse o homem.

— É o criado de Bane?

— O termo correto é *chambelan*, senhor — corrigiu Alfred, ruborizando. — E esse a que te refere de maneira tão desrespeitosa é seu príncipe, lembre-se disso.

— Oh! Não se preocupe com isso, Alfred — tranquilizou-o Bane, agachando-se. Seus dedos brincaram com o amuleto que usava em torno do pescoço. — Eu disse a maese Hugh que podia ignorar o tratamento, já que viajamos juntos. É muito mais fácil que ficar dizendo “Alteza” todo o tempo.

— Era você que vinha nos seguindo — acusou Hugh.

— Tenho o dever de estar sempre com Sua Alteza, senhor.

Hugh franziu suas sobrancelhas negras.

— É evidente que alguém não acreditou que devia ser assim.

— Deixaram-me para trás por engano. — Alfred baixou os olhos e cravou o olhar no chão do abrigo. — Sua Majestade, o rei, saiu com tanta pressa que, sem dúvida, esqueceu de mim.

— E por isso o seguiu... a ele e ao garoto.

— Sim, senhor. Por pouco chego tarde demais. Tive que recolher algumas coisas que sabia que o príncipe ia precisar e que Triano tinha esquecido. Depois tive que selar pessoalmente meu dragão e, por último, tive uma discussão com os guardiães do palácio, que não queriam me deixar sair. Quando cruzei as portas, o rei e Triano, com o príncipe, tinham desaparecido. Por um momento, não soube o que fazer, mas o dragão parecia ter certa ideia de onde ir e...

— Deve ter seguido seus companheiros de estábulo. Continue.

— Nós os encontramos. Quer dizer, o dragão os encontrou. Mas não quis me apresentar de improviso e me manteve a certa distância. Por fim, pousamos naquele lugar horrível...

— O monastério kir.

— Sim, eu...

— Poderia voltar ali se quisesse?

Hugh fez a pergunta despreocupadamente, como se estivesse apenas curioso, e Alfred respondeu sem imaginar que sua vida estava em jogo.

— Vol... Sim, senhor, acredito que poderia. Tenho bom conhecimento do

território, em especial da zona que rodeia o castelo. Por que pergunta? — acrescentou, olhando nos olhos de Hugh.

Hugh acabava de guardar de novo a adaga na bota.

— Porque esse lugar com o que tropeçou por acaso é o esconderijo secreto de Stephen. Os sentinelas vão lhe dizer que você o seguiu e o rei saberá que o encontrou; seu desaparecimento combina com isso. Eu não apostaria uma gota de água em suas chances de envelhecer se voltar para a corte.

— Sartan piedoso! — Alfred tinha o rosto pálido; era como se usasse uma máscara. — Não sabia! Juro, nobre senhor! — ergueu a mão e agarrou a de Hugh com um gesto suplicante. — Esquecerei o caminho, prometo...

— Não quero que esqueça. Quem sabe algum dia essa informação possa ser útil.

— Sim, senhor... — disse Alfred, hesitante.

— Este é maese Hugh — Bane terminou as apresentações. — Há um monge negro que caminha com ele, Alfred.

Hugh olhou para o menino em silêncio. A expressão de seu rosto era uma máscara de pedra, não mostrou nada além de uma ligeira vibração em seus olhos negros.

Alfred, ruborizado, ergueu a mão e acariciou os cabelos dourados de Bane.

— O que lhe ensinei, Alteza? — Murmurou o *chambelan*, acariciando-o com suavidade. — Contar os segredos das pessoas não é educado. — Dirigiu um olhar de desculpas a Hugh e murmurou: — Deve perdoá-lo, maese Hugh. Sua Alteza possui o dom da clarividência, mas ainda não aprendeu a utilizá-lo corretamente.

Hugh soltou um suspiro, ficou em pé e começou a guardar sua manta.

— Por favor, permita-me.

Alfred se levantou de um salto, com intenção de lhe tirar a manta das mãos. Um dos enormes pés do *chambelan* obedeceu, mas o outro pareceu acreditar que tinha recebido uma ordem diferente e girou em direção oposta. Alfred tropeçou, cambaleou e teria caído de cabeça sobre Hugh se este não o tivesse agarrado pelo braço e sustentado em pé.

— Obrigado, senhor. Acho que sou muito desajeitado. Bom, aqui está. Posso fazer isso.

Alfred começou a lutar com a manta, que de repente parecia ter adquirido vida própria. Os cantos lhe escapavam dos dedos. Dobrava uma ponta e a outra se desdobrava. Rugas e vincos apareciam nos lugares mais impensáveis. Durante a luta, foi difícil dizer quem ganharia.

— O que Sua Alteza diz é verdade, senhor — continuou Alfred enquanto continuava com seu furioso conflito com o pedaço de tecido. — O passado, e em especial as pessoas que influenciaram nossas vidas, aderem-se a nós. Sua Alteza tem o dom de visualizá-los.

Hugh avançou um passo, imobilizou a manta e a tomou de Alfred, que voltou a sentar-se exausto, secando o suor de sua testa.

— Isso quer dizer o garoto também poderia ler o futuro nos sedimentos do vinho — murmurou Hugh em voz baixa, para que o príncipe não pudesse ouvi-lo. — De onde tirou essa capacidade? Só os bruxos geram bruxos. Talvez Stephen não seja seu pai...

Hugh tinha lançado este dardo verbal ao acaso, sem esperanças de acertar em nenhum lugar. Em vez disso, a flecha encontrou um alvo e se cravou profundamente

nele a julgar pelas aparências. O rosto de Alfred adquiriu um tom esverdeado, o branco de seus olhos destacou-se claramente em torno da íris cinza e seus lábios se moveram sem pronunciar som algum. Aniquilado e mudo, o *chambelan* contemplou Hugh.

Aquilo começava a fazer sentido, Hugh pensou. Ao menos, explicava o estranho nome do menino. Dirigiu um olhar a Bane, que estava revirando a mochila de Alfred.

— Trouxe os doces? Sim! — Com gesto triunfal, tirou os caramelos. — Sabia que não esqueceria.

— Recolha as coisas, Alteza — ordenou Hugh, colocando a capa sobre os ombros e carregando sua mochila.

— Eu me encarrego disso, Alteza — interveio Alfred aliviado, contente de ter algo com que ocupar a cabeça e as mãos e poder evitar o olhar de Hugh. Dos três passos que deu no abrigo, só errou um; isso bastou para que caísse de joelhos, posição que, de qualquer modo, teria que adotar. Com grande coragem e determinação, dispôs-se a lutar de novo com a manta do príncipe.

— Alfred — disse Hugh, — enquanto nos seguia você pôde ver as terras que sobrevoamos. Sabe onde estamos agora?

— Sim, maese Hugh. — O *chambelan*, suado sob o ar gelado, não se atreveu a levantar a vista para evitar que a manta o pegasse desprevenido. — Acredito que esta aldeia se chama Watershed.

— Watershed — repetiu Hugh. — Não se afaste, Alteza — acrescentou ao ver que o príncipe se dispunha a cruzar a porta. Bane se virou para ele.

— Só vou dar uma olhada lá fora. Não me afastarei e tomarei cuidado.

O *chambelan* tinha desistido de tentar dobrar a manta e, finalmente, introduziu-a na mochila pela força. Quando o moço desapareceu, Alfred se virou para Hugh.

— O senhor permitirá que eu os acompanhe? Juro que não causarei nenhum problema.

Hugh olhou-o atentamente.

— Você compreende que nunca poderá voltar ao palácio, não é?

— Sim, senhor. Queimei minhas naveas, como diz o ditado.

— Não só as queimei. Cortou também as amarras e as deixou à deriva.

Alfred passou uma mão trêmula pela calva e baixou o olhar.

— Vou levá-lo conosco para que cuide do garoto. Creio que compreende que tampouco ele poderá voltar para o palácio. Sou muito bom em seguir pistas e seria meu dever detê-lo antes que cometesse alguma tolice, como tentar escapar com ele.

— Sim, senhor. Compreendo muito bem. — Alfred voltou a olhar nos olhos de Hugh. — Sabe, maese Hugh, eu conheço a razão para o rei o ter contratado.

Hugh olhou para fora. Bane se dedicava a lançar pedras contra um tronco. Seus braços eram magricelas e seu estilo de lançar muito ruim. A maioria dos projéteis não alcançava o tronco, mas o garoto continuava insistindo com paciência e otimismo.

— Conhece os planos contra a vida do príncipe? — perguntou Hugh sem demonstrar interesse, debaixo da capa, sua mão se movia até o punho da espada.

— Conheço a razão — repetiu Alfred. — Por isso estou aqui. Não me intrometerei, senhor, prometo.

Hugh estava desconcertado. Precisamente quando pensava que a meada estava desenrolada, prendia-se ainda mais. Aquele homem afirmava conhecer a razão... e o dizia como se conhecesse a razão verdadeira! O assassino pensou: “Este homem conhece a

verdade sobre o menino, seja ela qual for. Terá vindo ajudar ou atrapalhar? Ajudar?" Tal possibilidade quase o fez rir. Aquele *chambelan* não era capaz nem de se vestir sem ajuda mas, por outro lado, Hugh tinha que reconhecer que tinha realizado um excelente trabalho ao segui-los, assunto nada fácil em uma noite fechada que contribuía para tornar mais escura a densa névoa mágica. E, no monastério kir, tinha se ocultado dos seis sentidos de um bruxo não só sua presença, mas também a de seu dragão.

Não havia dúvida de que aquele Alfred era um criado, pois era evidente que o príncipe o conhecia e o tratava como tal, mas a quem servia? Hugh ignorava e estava disposto a descobrir. Até então, tanto se fosse o parvo que parecia como se fosse um ardiloso mentiroso, Alfred lhe seria útil, sobretudo para cuidar de Sua Alteza.

— Está bem, vamos nos colocar em marcha. Daremos a volta na aldeia e tomaremos a estrada a uns oito quilômetros das casas. Não é provável que alguém aqui conheça o príncipe, mas assim evitaremos perguntas. O príncipe tem algum capuz? Se o tiver, faça com que o use e que não o tire. — Contemplou com desagrado a refinada indumentária de Alfred, sua casaca de cetim, seus calções até os joelhos, suas cintas e laços e suas meias de seda. — Você parece um cortesão a uma légua de distância, mas no momento não podemos fazer nada a respeito. O mais provável é que o tomem por um artista ambulante. Na primeira ocasião que se apresentar, negociaremos com algum camponês outras roupas para você.

— Sim, mae-se Hugh — murmurou Alfred.

Hugh saiu do abrigo.

— Vamos, Alteza — anunciou.

Bane se apressou a voltar dando saltos de alegria e agarrou a mão de Hugh.

— Já estou pronto. Vamos parar para tomar o café da manhã em alguma estalagem? Minha mãe me disse que podíamos. Até agora, nunca me tinham permitido comer em um desses lugares...

Foi interrompido por um golpe e um gemido afogado a suas costas: Alfred tinha tropeçado na porta. Hugh largou a mão do príncipe. O contato com seus dedos era quase doloroso.

— Temo que não, Alteza. Quero me afastar da aldeia enquanto ainda é cedo, antes que os vizinhos se levantem e comecem a trabalhar.

Bane fez uma careta de decepção.

— Não seria prudente, Alteza — assentiu Alfred, aparecendo pela porta. Um grande galo começava a formar-se em sua testa reluzente. — Em especial se alguém trama... hum... lhe causar mal.

Enquanto pronunciava estas palavras, Alfred olhou para Hugh e este voltou a interrogar-se sobre o *chambelan*.

— Suponho que tem razão — disse o príncipe com um suspiro, habituado às servidões da fama.

— Mas faremos uma comida campestre sob uma árvore — acrescentou o *chambelan*.

— E comeremos sentados no chão? — Bane se alegrou, mas logo ficou sério de novo. — Ah, me esqueci! Minha mãe não permite que eu sente no chão. Diz que posso pegar um resfriado ou sujar a roupa.

— Não acredito que ela se importe dessa vez — afirmou Alfred com seriedade.

— Se você tiver certeza... — O príncipe inclinou a cabeça e cravou os olhos em

Alfred.

— É claro.

— Hurra!

Bane se adiantou correndo, saltando alegremente encosta abaixo. Alfred correu atrás dele, levando a mochila do príncipe. “Iria mais depressa”, pensou Hugh, “se conseguisse convencer seus pés a se deslocarem na mesma direção que o resto do corpo.”

Hugh ocupou a retaguarda do grupo com a mão na espada, mantendo seus dois companheiros de viagem sob atenta vigilância. Se Alfred fizesse o menor gesto de inclinar-se para cochichar algo no ouvido de Bane, esse cochicho seria seu último suspiro.

Cobriram um quilômetro e meio. Alfred parecia completamente ocupado na tarefa de manter-se sobre seus pés e Hugh, acompanhando o ritmo fácil e tranquilo do caminho, deixou que seu olho interior se encarregasse de manter a vigilância. Livre, sua mente divagou e o assassino se encontrou contemplando, superposto ao corpo do príncipe, a figura de outro menino que avançava por uma estrada, embora este não desse mostras de alegria. O menino caminhava com um gesto de desafio; todo seu corpo tinha marcas dos castigos recebidos por essa atitude. A seu lado caminhavam alguns monges kir.

— Vamos, rapaz. O senhor abade quer vê-lo.

Fazia frio no monastério kir. Do outro lado da muralha, o mundo suave e sufocava sob o calor estival. Dentro, o frio da morte rondava os sombrios passadiços e se apropriava das sombras.

O rapaz, que estava às portas da idade adulta, deixou sua tarefa e seguiu o monge pelos corredores silenciosos. Os elfos tinham feito uma incursão em uma aldeia próxima. Havia muitos mortos e a maioria dos irmãos tinham ido queimar os corpos e render homenagens àqueles que tinham escapado da prisão da carne.

Hugh deveria ter ido com eles. A tarefa encomendada a ele e a outros rapazes era procurar o carcristal e construir as piras. Os irmãos tiravam os corpos, arrumavam suas posturas, fechavam-lhes os olhos e os colocavam sobre os ramos empapados em petróleo. Os monges não dirigiam uma só palavra aos vivos. Reservavam suas vozes para os mortos e o murmúrio de seu cântico ressoava pelas ruas. Aquele cântico se transformou em uma música que qualquer habitante de Ulyandia e de Volkaran temia escutar.

Parte dos monges entoava a letra:

... ao nascimento de cada nova criança,
morremos em nossos corações,
negra verdade nos é revelada,
a morte sempre retorna...

Outros monges entoavam uma e outra vez uma só palavra: “com”. Inserindo o “com” depois da palavra “retorna”, completavam assim um ciclo da lúgubre canção.

Hugh tinha acompanhado os monges desde que tinha seis ciclos de idade, mas desta vez tinham ordenado que ficasse no monastério e completasse suas tarefas matutinas. O menino obedeceu sem fazer perguntas; agir de outro modo teria sido um

convite a receber uma surra, administrada sem malícia e de modo impessoal pelo bem de sua alma. Frequentemente tinha rezado em silêncio para que o deixassem no monastério quando outros saíam para uma de suas lúgubres missões, mas desta vez tinha rezado para que o levassem com eles.

As portas se fecharam com um sinistro trovão, o vazio envolveu seu coração como um manto. Hugh levava uma semana planejando a fuga. Não tinha falado disso com ninguém, pois o único amigo que fizera durante sua estada no monastério havia morrido e Hugh tinha cuidado de não fazer amizade com ninguém mais. Apesar disso, sentia a inquietante impressão de ter gravadas na face suas intenções secretas, sentia que todos que olhavam para ele o faziam com muito mais interesse do que tinham demonstrado anteriormente.

Nesta ocasião tinham ordenado que ficasse enquanto outros irmãos executavam sua missão. E agora o chamavam a presença do senhor abade, um homem que só tinha visto nas cerimônias, que nunca tinha lhe dirigido a palavra e que nunca até então o tinha chamado a sua presença.

Quando entrou na câmara de pedra que fugia da luz do sol como se esta fosse algo frívolo e passageiro, Hugh aguardou, com a paciência que lhe tinha sido inculcada a golpes na infância, a que o homem sentado atrás da mesa esperasse não só sua presença, mas também sua própria existência. Enquanto esperava, o medo e o nervosismo que estava vivendo durante a semana gelaram, secaram e se dissiparam. Era como se a fria atmosfera do cômodo tivesse excluído de seu coração qualquer emoção ou sentimento humanos. De repente, ali plantado naquela sala, soube que nunca mais sentiria amor, pena ou compaixão. A partir daquele instante, nunca mais conheceria o medo.

O abade elevou a cabeça e seus olhos escuros escrutinaram a alma de Hugh.

— Nós o acolhemos quando tinha seis ciclos de idade e vejo nos registros que já se passaram dez ciclos. — O abade não se dirigiu a ele por seu nome. Sem dúvida, nem sequer o conhecia. — Você já tem dezesseis ciclos. É hora de iniciar a preparação para tomar os votos e ingressar na irmandade.

Tomado de surpresa e muito orgulhoso para mentir, Hugh não respondeu nada. Seu silêncio, entretanto, foi muito eloquente.

— Você sempre foi rebelde, mas é um bom trabalhador e nunca se queixa. Aceita o castigo sem protestos e posso perceber claramente que adotou nossos preceitos. Por que, então, quer nos deixar?

Hugh, que tinha se perguntado a mesma coisa frequentemente durante as noites escuras, tinha a resposta preparada.

— Não quero servir nenhum homem.

O rosto do abade, severo e ameaçador como os muros de pedra que o rodeavam, não mostrou surpresa nem cólera.

— Você é um de nós, goste ou não — disse. — Onde quer que vá, mesmo que não esteja a serviço de nossa irmandade, estará servindo a nossa vocação. A morte sempre será sua dona.

Hugh foi despedido da presença do abade. A dor da surra que seguiu à entrevista não deixou marcas na couraça de gelo da sua alma. Nessa noite, Hugh executou seus planos. Penetrando na câmara onde os monges guardavam seus registros, encontrou um livro com as informações sobre os órfãos que os monges tinham

adotado. À luz de uma vela que tinha furtado, Hugh procurou seu nome até encontrá-lo.

Hugh Blackborn.

Mãe: Lucy, sobrenome desconhecido.

Pai: segundo as últimas palavras da mãe antes de morrer, o pai do menino é o nobre sir Perceval Blackborn, da mansão Blackborn Hall, em Djern: Hereva.”

Uma anotação posterior, datada uma semana mais tarde, acrescentava:

“Sir Perceval se nega a reconhecer o menino e comida a “fazer o que quisermos com o bastardo”.

Hugh arrancou a folha do livro encadernado em couro, devolveu o volume ao seu lugar, apagou a vela e fugiu na escuridão da noite. Olhando para os muros cujas lúgubres sombras tinham apagado há muito tempo qualquer indício de calor ou de felicidade que tivesse conhecido na infância, Hugh refutou em silêncio as palavras do abade.

— Eu serei o dono da morte.

CAPÍTULO 16



DEGRAUS DE TERREL FEN, REINO INFERIOR

Limbeck recuperou a consciência e descobriu que sua situação tinha melhorado, passando de desesperadora a perigosa. É obvio que, dado seu estado de confusão, levou um tempo considerável para lembrar qual era exatamente a dita situação. Depois de meditar profundamente a respeito, chegou à conclusão de que não estava pendurado pelos braços dos barrotes da cama. Moveu-se energicamente e sentiu uma intensa dor na cabeça que o fez gemer. Olhou ao seu redor na penumbra da tormenta e viu que tinha caído em uma vala gigantesca, escavada sem dúvida pelas garras da Máquina Viva.

Uma observação mais precisa lhe revelou que não tinha caído na vala, mas que estava suspenso sobre ela. As enormes asas do artefato estavam encaixadas em ambos os lados e o tinham deixado pendurando no vazio. O geg deduziu, pela dor, que as asas deviam lhe ter infligido um bom golpe na cabeça durante a aterrissagem.

Limbeck começava a se perguntar como iria se libertar daquela incômoda e pouco graciosa posição quando lhe chegou a resposta, muito desagradável, na forma de um rangido seco. O peso do geg estava causando a ruptura da armação de madeira. Limbeck desceu um palmo para a vala e logo as asas se imobilizaram, sustentando-o. O estômago se comprimiu pois, devido à escuridão e ao fato de não estar usando os óculos, não tinha ideia da profundidade que a vala podia ter. Freneticamente, procurou algum meio de se salvar. No alto caía uma tormenta e a água deslizava pelas paredes da vala tornando-as escorregadias ao extremo.

E, naquele momento, ouviu um novo rangido e as asas afundaram outro palmo.

O geg soltou um gemido, fechou com força os olhos e estremeceu dos pés a cabeça. De novo, as asas se detiveram e o sustentaram, embora não muito bem. Limbeck notava que deslizava lentamente para o fundo. Só tinha uma chance: se conseguisse libertar uma mão, talvez pudesse agarrar-se a um dos buracos de coralita que perfuravam as paredes da vala. Deu um puxão com a mão direita...

... e as asas se partiram.

Limbeck teve apenas o tempo de experimentar uma assustadora sensação de

pânico antes de aterrissar pesada e dolorosamente no fundo da vala, enquanto as asas choviam em pedaços a seu redor. Primeiro, pôs-se a tremer, depois decidindo que assim não melhorava sua situação, desembaraçou-se dos restos do artefato e olhou para cima. A vala não tinha mais de onze ou doze palmos de profundidade e percebeu que poderia escalar as paredes com facilidade. Por ser composta de coralita, a água que caía nela era absorvida pela rocha com rapidez. Limbeck ficou satisfeito, pois a vala lhe oferecia proteção da tormenta. Ali não corria perigo.

Estava a salvo até que as garras da Máquina Viva baixassem de novo para continuar cavando.

Limbeck acabava de se instalar sob um enorme pedaço de tecido esmigalhado das asas para proteger-se da chuva, quando lhe veio à cabeça o terrível pensamento das garras escavadoras. De um salto, ficou em pé e olhou para cima, mas não viu nada além de um impreciso negrume que, provavelmente, era uma massa de nuvens de tormenta, acompanhada do difuso brilho de alguns relâmpagos. Como nunca tinha trabalhado na Máquina Viva, o geg não tinha ideia se as escavadoras funcionavam durante as tormentas. Não via nenhuma razão para que não o fizessem mas, tampouco via nenhum motivo para o contrário. E isso não lhe servia de muito.

Voltou a sentar-se, cuidando primeiro de tirar várias lascas afiadas e de fazê-las desaparecer pelos buracos de coralita. A vala lhe oferecia proteção da tormenta. E, com toda probabilidade, as garras da escavadora, que eram objetos enormes, pesados e difíceis de dirigir, mover-se-iam com a lentidão suficiente para lhe permitir sair da vala.

E assim aconteceu.

Limbeck estava a pouco mais de trinta tocks no fundo, sem que a tormenta desse mostras de diminuir, e começava a se lamentar por não ter guardado um par de pãezinhos nos calções, quando escutou um golpe pesado e a vala sofreu uma tremenda vibração.

“As garras escavadoras”, pensou Limbeck, e começou a escalar a parede da fossa. A subida não era difícil. A coralita oferecia numerosos apoios para mãos e pés e o geg chegou em cima em um instante. De nada serviria ficar de óculos naquelas circunstâncias, pois a chuva teria embaçado as lentes. A garra, cujo metal brilhava sob os clarões quase contínuos dos relâmpagos, estava apenas a alguns palmos dele.

Erguendo a vista, viu outras garras que desciam do céu por compridos cabos procedentes da Máquina Viva. O espetáculo era assombroso e o geg parou para contemplá-lo, boquiaberto e insensível à dor de cabeça.

Construídas de metal reluzente e adornadas com desenhos gravados que lembravam as patas de uma enorme ave de rapina, as escavadoras afundavam seus afiados esporões na coralita. Fechando-se sobre a rocha quebrada, as garras a arrancavam do chão como as garras de um ave arrebatam a sua presa. Uma vez na ilha de Drevlin, as escavadoras depositavam a rocha recolhida de Terrel Fen em grandes contêineres onde os gegs separavam a coralita e recuperavam a apreciada pedra cinza da qual se alimentava a Máquina Viva e sem a qual, segundo a lenda, esta não podia sobreviver.

Fascinado, Limbeck observou como as escavadoras golpeavam o chão ao seu redor e, depois de afundar na coralita escavando a rocha, elevavam-se carregadas. O geg estava tão interessado no processo, totalmente novo para ele, que se esqueceu por completo o que tinha combinado com Jarre até que quase fosse muito tarde. As garras já

estavam cheias de coralita e a ponto de se elevar do chão quando Limbeck lembrou que devia fazer uma marca em uma delas para que Jarre e seus amigos soubessem onde ele estava.

Alguns fragmentos de coralita, caídos de uma das escavadoras, serviriam como material de escrita. Agarrou um pedaço e avançou sob a intensa chuva em direção a uma das garras, que acabava de tocar o chão e começava a enterrar-se na coralita. Quando chegou junto a ela, Limbeck se sentiu intimidado ao pensar no que se propunha a fazer. A escavadora era enorme, jamais tinha imaginado algo tão grande e poderoso. Entre suas garras caberiam comodamente cinquenta gegs. A garra vibrava, mordida e se cravava na superfície da coralita lançando afiadas lascas de rochas em todas direções. Era impossível aproximar-se dela, mas Limbeck não tinha opção.

Tinha que chegar até ela. Tinha dado um passo, com o fragmento de coralita em uma mão e toda sua valentia na outra, quando um relâmpago caiu sobre a escavadora. Uma labareda azul envolveu a superfície metálica e o trovão que estalou simultaneamente lançou Limbeck ao chão. Confuso e apavorado, o geg pensava em desistir e refugiar-se de novo na vala (onde temia que passaria o resto de uma vida breve e desgraçada), quando a escavadora parou com uma vibração. Todas as garras em torno de Limbeck ficaram paralisadas: algumas no chão, outras suspensas no ar a meio caminho de volta, e outras com os esporões abertos, esperando para terminar de descer.

Talvez o raio as tivesse quebrado, ou talvez fosse o momento da mudança de turnos. Possivelmente algo tinha quebrado em Drevlin. Limbeck não sabia. Se acreditasse nos deuses, teria agradecido a eles. Em vez disso, avançou pelas rochas, empunhando ainda o fragmento de coralita, e se aproximou com cautela da escavadora mais próxima.

Observou que havia muitas marcas na parte das garras que afundavam na coralita e compreendeu que deveria deixar a marca na parte superior do braço escavador, uma parte que não entrava em contato com o chão. Isto significava que teria que escolher uma garra que já estivesse enterrada. E isto significava que existiam grandes possibilidades de que a máquina voltasse a funcionar, se erguesse do chão e derramasse toneladas de rochas sobre a cabeça do geg.

Com cautela, Limbeck tocou o flanco da pá escavadora com o fragmento de coralita. A mão tremia de tal maneira que produziu um tínido como o de uma campainha. A pedra não deixou marcas no metal. Limbeck apertou os dentes e, com a força do desespero, repetiu o gesto com mais energia. O chiado da coralita sobre o flanco metálico da garra lhe furou os ouvidos e pensou que lhe explodiria a cabeça, mas teve a satisfação de observar um largo risco vertical na superfície lisa e perfeita do braço da escavadora.

Entretanto, ainda era possível que tomassem aquele único risco por um fato fortuito. Limbeck fez outro risco na garra, perpendicular à primeira na extremidade inferior. A garra estremeceu com uma vibração. Limbeck deixou cair a pedra e se afastou assustado. As escavadoras começavam a funcionar outra vez. O geg parou por um instante para contemplar com orgulho sua obra.

Uma das garras que se elevava no céu turbulento tinha uma letra L marcada.

Correndo sob a chuva, Limbeck retornou à vala. Não parecia provável que nenhuma das garras descesse sobre ele, ao menos naquele momento. Desceu as paredes e, já no fundo, acomodou-se o melhor que pôde. Cobrindo-a cabeça com o tecido,

tentou não pensar em comida.

CAPÍTULO 17



DEGRAUS DE TERREL FEN, REINO INFERIOR

As pás escavadoras se elevaram com sua carga para as nuvens de tormenta, a caminho dos depósitos de Drevlin. Limbeck, ao vê-las subir, perguntou-se quanto demorariam para descarregar a coralita e voltar em busca de mais. Quanto demoraria para alguém descobrir sua marca? Alguém a veria? E, se vissem, seria algum simpatizante de sua causa, ou um ofinista? Se um ofinista a encontrasse, qual seria sua reação? Se fosse um amigo, quanto demoraria para avisar o manipulador? Chegaria a tempo de salvá-lo da morte pelo frio ou pela inanição?

Estes pensamentos lúgubres eram incomuns em Limbeck, que geralmente não se atormentava com preocupações, pois tinha um caráter alegre e otimista. Inclina-se sempre a ver o melhor das pessoas. Não sentia nenhuma mágoa pelo fato de o terem preso ao Plumas da Justiça e por ter sido lançado para uma morte certa. O supervisor chefe e o ofinista chefe tinham feito o que consideravam melhor para o povo. Não era culpa deles acreditarem naqueles que afirmavam ser deuses. Não era estranho que o supervisor e seus seguidores não tivessem acreditado na história que lhes contara, nem a própria Jarre a tinha aceito.

Talvez tenha sido pensar em Jarre que o deixou triste e desanimado. Confidencialmente, tinha acreditado que ao menos ela, acreditaria na sua descoberta de que os welfos não eram deuses. Limbeck, encolhido e tiritando no fundo da vala, ainda não podia aceitar o fato de que não era assim. Aquela certeza quase tinha estragado toda a execução. Agora que a emoção inicial tinha passado e não tinha outra coisa que fazer a não ser esperar que tudo saísse bem e tentar não pensar que havia um incrível número de coisas que podiam sair erradas, Limbeck começou a refletir seriamente no que aconteceria quando (não se) fosse resgatado.

— Como podem me aceitar como líder, se acreditarem que estou mentindo? — Perguntou a um regato de água que corria pela parede da vala. — Por que querem que eu volte? Jarre e eu sempre dissemos que a virtude mais importante é a verdade, que a busca da verdade devia ser nosso objetivo supremo. Agora, Jarre acredita que estou

mentindo e, apesar disso, é evidente que espera que eu continue como líder da União.

“E quando retornar, o que acontecerá? — Limbeck viu claramente, com mais nitidez do que jamais tinha visto qualquer coisa em anos. — Eles me seguirão. Sim, todos me seguirão. Oh, sim! Continuarei como líder da União... Afinal, os ditores me julgaram e me deixaram viver. Mas todos saberão que é um erro. Mais ainda: eu mesmo saberei que é um erro! Os ditores não têm nada com isto. A astúcia de Jarre que me devolverá a Drevlin, ela saberá e eu também. Mentir! Será isso que faremos!

O geg estava cada vez mais transtornado.

— Sim, claro — continuou, — teremos muitos novos simpatizantes, mas virão a nós pelas razões erradas. Uma revolução pode ser apoiada em uma mentira? Não! — Limbeck apertou com força seu punho robusto e molhado. — É como edificar uma casa sobre barro. Ceddo ou tarde, afundará sob seus pés. Talvez eu deva ficar aqui embaixo! Isso! Não vou voltar!

“Mas isso não demonstraria nada — refletiu. — Simplesmente, pensarão que os ditores me condenaram e isto não ajudaria a causa. Já sei! Vou escrever uma nota e a enviarei no manipulador em vez de subir. Vejo algumas plumas de tiero por aqui. Usarei uma para escrever. Como tinta usarei limo. — levantou-se de um salto e murmurou: — “Ao escolher ficar aqui embaixo e talvez morrer onde me encontro...” Sim, vejamos. “... espero demonstrar que disse a verdade sobre os welfos. Não posso ser líder de quem não acredita em mim, de quem perdeu a fé em mim.” Isso, assim está bem.

Limbeck tentou parecer animado, mas percebeu que a complacência pelo discurso desaparecia com rapidez. Tinha fome e estava molhado, com frio e assustado. A tormenta estava parando e descia sobre ele um silêncio espantoso, terrível; um silêncio que lhe recordava o grande silêncio, o Perpétuo Nada Ouvir. Lembrou que estava ante o Perpétuo Nada Ouvir e compreendeu que a morte sobre a qual falava com tanta facilidade podia ser extremamente penosa.

Depois, como se a morte não fosse suficiente, imaginou Jarre recebendo a nota, lendo-a com os lábios apertados e aquela ruga que sempre lhe aparecia sobre o nariz quando estava triste. Limbeck nem sequer necessitaria dos óculos para ler a nota que lhe enviaria então. Quase podia ouvir sua resposta:

“Limbeck, pare de ser tolo e suba imediatamente!”

— Oh, Jarre! — Murmurou com tristeza para si mesmo. — Se ao menos você tivesse acreditado em mim... Os outros não me importam, mas você...

Um impacto que sacudiu o chão fez vibrar seus ossos e trincar os dentes, tirando-o de seu desespero e jogando-o no chão simultaneamente.

Estendido de costas, desconcertado e olhando para o alto da vala, o geg se perguntou se as escavadoras já teriam retornado. Tão rápido? Não tinha tido tempo de escrever a nota!

Levantou-se, ainda aturdido, e contemplou a penumbra. A tormenta tinha amainado. Continuava caindo uma chuva fina e havia névoa, mas os trovões, os relâmpagos e o granizo tinham parado de cair. Não viu as garras descendo, mas o certo é que não podia distinguir muita coisa a frente do nariz. Procurou os óculos no bolso, colocou-os e voltou a observar o céu.

Cerrando os olhos, acreditou observar uma série de globos que se materializavam entre as nuvens. Mas, se fossem as escavadoras, encontravam-se a uma

boa altura ainda e, a menos que alguma tivesse descido prematuramente ou caído — o que parecia improvável já que a Máquina Viva poucas vezes permitia que acidentes deste tipo acontecessem — as pás mecânicas não podiam ter sido a causa daquele ruído surdo. Qual seria, então?

Limbeck escalou rapidamente as paredes da vala. Sentia-se mais animado. Agora tinha um “quê” ou um “por que” para investigar!

Ao chegar a beira da vala saiu com cautela para observar. A princípio não viu nada, mas porque não olhava na direção certa. Quando virou a cabeça, reprimiu uma exclamação, maravilhado.

Uma luz brilhante, que irradiava mais cores do que Limbeck jamais havia imaginado existirem em seu mundo cinza e metálico, surgia de um buraco gigantesco a não mais de vinte passos dele. Sem pensar que a luz podia ser perigosa, ou que qualquer que fosse o objeto ou ser que tinha causado o tremendo golpe pudesse ser perigoso, ou que as pás escavadoras pudessem estar descendo lenta e inexoravelmente, Limbeck subiu sobre o borda da vala e correu para a luz o mais depressa que suas pernas, curtas e grossas, permitiam.

Vários obstáculos lhe impediam o caminho. A superfície da pequena ilha estava salpicada de fossas produzidas pelas garras escavadoras e Limbeck teve que evitá-las, assim como os montões de coralita solta caídos das pás quando estas transportavam a rocha para cima. Abrir caminho entre tantos obstáculos tomou certo tempo, além de muita energia. Quando por fim alcançou a luz, estava ofegante, tanto pelo esforço físico, a que não estava acostumado, como pela expectativa que sentia. Porque, ao se aproximar, Limbeck percebeu que as cores formavam claramente desenhos e formas.

Distraído pelas belas imagens que observava na luz, Limbeck andou quase às cegas sobre o chão rochoso e só escapou de cair de cabeça na fossa ao tropeçar em uma ponta de coralita e cair de cara junto a borda do buraco. Trêmulo, levou a mão ao bolso para descobrir se tinha quebrado os óculos. Não os encontrou em seu lugar. Ao fim de um terrível momento de pânico, lembrou que já os usava. Avançando de rastros, observou com admiração o fundo da fossa.

A princípio, só distinguiu uma luminosidade forte, multicolorida e em perpétua mudança. Depois, as cores se aglutinaram em diversas formas e combinações. As imagens eram fascinantes e Limbeck as contemplou com cauteloso assombro. Enquanto observava aquele carrossel de luzes em constante mudança, a parte de sua mente que sempre interrompia seus pensamentos maravilhosos e transcendentais com questões mundanas como “Tome cuidado para não tropeçar nessa porta!”, “A frigideira está quente!” ou “Por que não foi antes que partíssemos?”, disse agora em tom premente: “As garras escavadoras estão descendo!”.

Limbeck, concentrou-se nas imagens.

Compreendeu que estava vendo um mundo. Não o seu, e sim um mundo diferente. Era um lugar de uma beleza incrível que lhe lembrou algumas das imagens que tinha visto nos livros dos welfos, embora não fosse o mesmo. O céu não era cinza, mas de um azul luminoso, claro e imenso, salpicado apenas por algumas nuvens brancas. A vegetação abundava por toda parte, e não só nos vasos de barro. Viu esplêndidas construções de linhas fantásticas, viu amplos passeios e avenidas e viu pessoas que poderiam ser gags, só que eram altos e magros, e com os braços e as pernas mais esbeltas...

Realmente tinha visto? Limbeck piscou e observou a luz. Estava começando a desfazer-se em pedaços! As imagens se desfiguravam. Limbeck desejava que aquelas pessoas reaparecessem. Certamente, nunca tinha visto ninguém — nem sequer os welfos — que se parcesse com o que tinha acreditado ver na fração de segundo antes da luz se apagar com um piscar, voltar a aparecer imediatamente e passar a outra imagem.

Limbeck, com os olhos ardendo e doloridos, mas desejosos de tirar algum sentido da imagens, arrastou-se sobre a borda da fossa até localizar a fonte de luz. Esta irradiava de um objeto no fundo.

— Foi isso o que causou o impacto — murmurou Limbeck, protegendo os olhos com a mão e observando o objeto com interesse. — Caiu do céu, assim como eu. Será uma parte da Máquina Viva? Se for, por que terá caído? Por que me mostra essas imagens?

Por que? Por que? Por que? Limbeck não suportava não saber as respostas. Sem pensar no perigo, saltou pela borda da fossa e deslizou pelo barranco. Quanto mais se aproximava do objeto, melhor podia vê-lo. A luz que surgia dele se difundia para cima e, de sua nova posição, era menos brilhante.

A princípio, o geg ficou decepcionado.

— Mas é apenas um pedaço de coralita! — exclamou, levantando alguns fragmentos de rocha que se desprenderu. — Embora, certamente, é a maior peça de coralita que já vi. É maior que minha casa... E, entretanto, jamais ouvi falar de um pedaço de coralita que caísse do céu.

Desceu deslizando um pouco mais, deslocando pequenos calhaus de rocha que escorregaram debaixo dele e caíram pela encosta da cratera. Limbeck conteve o fôlego. Satisfeito, assombrado e assustado, acalmou imediatamente a advertência mental que lhe estava gritando: “As garras escavadoras! As garras!”

A coralita era só uma casca, um envoltório externo. Rachara, provavelmente na queda, e Limbeck podia observar o interior.

A princípio acreditou que era parte da Máquina Viva, mas logo pensou que não era assim. Era feito de metal, como a Máquina Viva, mas o corpo metálico era liso e impoluto. O metal do objeto estava coberto de símbolos estranhos, e a luz surgia das gretas abertas nele. E essas gretas eram também — ou assim parecia — o que o impediam de ver a imagem completa.

— Se abrisse um pouco mais as gretas, talvez pudesse ver melhor. Isto é realmente emocionante!

Deixou-se cair até o fundo da cratera e correu para o objeto. Media umas quatro vezes sua estatura e era grande como uma casa — como bem tinha calculado no primeiro momento. Ergueu resolutamente a mão e bateu rapidamente sobre o metal com as pontas dos dedos. Não estava quente ao tato, coisa que Limbeck temia devido à luz resplandecente que surgia de seu interior. O metal estava frio e o geg pôde apoiar a mão nele e seguir com os dedos os símbolos gravados em sua superfície.

Acima dele soou um rangido estranho, enquanto aquela parte de seu cérebro continuava gritando algo a respeito de pás escavadoras que desciam, mas Limbeck ordenou àquela voz interna que se calasse e parasse de incomodá-lo. Colocou a mão em uma das frestas e percebeu que estas corriam ao redor dos símbolos, mas não cortavam nenhum deles. Limbeck começou a dar puxões em ambas as partes da greta para ver se podia abri-la um pouco mais.

Entretanto, suas mãos pareciam receosas de executar a tarefa atribuída e Limbeck entendeu a razão de repente, tinha-o assaltado a desagradável lembrança da nave welfa acidentada.

“Corpos putrefatos. Mas me conduziram à verdade.”

A ideia passou por sua mente com a rapidez de um batimento de coração e, obrigando-se a não pensar nisso, deu um enérgico puxão nas bordas da fresta de metal.

A abertura se alargou e toda a estrutura metálica começou a estremecer com uma vibração. Limbeck retirou as mãos e retrocedeu de um salto, mas ao que parecia, o objeto só estava se assentando melhor na cratera, pois o movimento não demorou para cessar. Com cautela, Limbeck se aproximou de novo e desta vez escutou algo.

Era uma espécie de gemido. Aplicou o ouvido à fresta e escutou com atenção, desejando que os rangidos das pás escavadoras que desciam dos céus parassem e lhe permitissem ouvir melhor. Voltou a captar o gemido, mais forte desta vez, e não teve a menor dúvida de que havia algo vivo no interior da casca metálica e que estava ferido.

Todos os gegs, inclusive os mais fracos, possuem uma força tremenda. Limbeck colocou as mãos em ambos os lados da greta e empurrou com todas as suas forças. Embora o metal lhe cravasse na carne, as pranchas se abriram sob a pressão e, depois de um breve esforço, o geg pode penetrar pela abertura.

Ali dentro o fulgor era cegante e Limbeck se desesperou por não poder ver algo. Finalmente, localizou a fonte do resplendor, irradiando do centro do que o geg, por associação com o passado, tinha considerado uma nave. Os gemidos procediam de algum lugar a sua direita e Limbeck, utilizando as mãos como viseira, conseguiu evitar a maior parte da potente luz e escrutinar a nave em busca do autor daqueles gemidos.

De repente, o coração deu um salto.

— Um welfo! — Foi seu primeiro pensamento. — E está vivo!

Cheio de excitação, se abaixou junto à figura e observou uma grande mancha de sangue sob a cabeça, mas nenhum outro sinal de feridas no resto do corpo. Também percebeu, com certa decepção, que não se tratava de um welfo. Limbeck só tinha visto um humano uma vez, e tinha sido nas gravuras dos livros da nave welfa. A criatura que agora tinha a sua frente era parecido com os humanos, embora não fosse totalmente como eles. Não obstante, uma coisa era certa: Aquele ser, de grande estatura e corpo magro e musculoso, era sem dúvida um dos deuses.

Naquele instante, ficou alarmado pelos avisos de seu cérebro que se tornaram tão insistentes que, a contra gosto, viu-se obrigado a lhes dar atenção.

Lançou um olhar pela abertura da nave e se viu contemplando a boca aberta de uma pá escavadora que descia diretamente sobre sua cabeça a grande velocidade. Se fosse rápido teria apenas o tempo de escapar da nave antes que a garra caísse sobre ela.

O ser soltou um novo gemido.

— Tenho que tirá-lo daqui! — disse Limbeck.

Os gegs são uma raça de bom coração e não há dúvida de que Limbeck agiu movido por motivos altruístas ao pôr em perigo sua própria vida para salvar o deus, mas é preciso reconhecer que o moveu também o pensamento de que, se voltasse com um deus falso, Jarre se veria obrigada a acreditar na sua história.

Agarrou o deus pelos punhos e começou a arrastá-lo pelo chão da nave acidentada, coberta de escombros, quando notou — com um calafrio—que as mãos do ferido o agarravam também. Sobressaltado, olhou para o deus. Os olhos dele estavam

arrabalados e o observavam. Seus lábios se moveram.

— O que? — Com o estrondo das escavadoras, Limbeck não podia ouvi-lo. — Não há tempo! — acrescentou, erguendo a cabeça.

O deus dirigiu a vista para cima. Em seu rosto havia uma careta de dor e Limbeck percebeu que estava fazendo um esforço supremo por conservar a consciência. Pareceu reconhecer o perigo, mas isso só fez deixá-lo mais frenético e apertou com força os punhos de Limbeck. As marcas durariam semanas.

— Meu... cão! — murmurou.

Limbeck observou o deus. Tinha ouvido bem? Olhou rapidamente pela nave acidentada e de repente viu, aos pés do deus, um animal preso sob algumas pranchas de metal retorcido. Limbeck o contemplou piscando rapidamente, surpreso por não tê-lo visto antes. O cão gania e se contorcia entre os ferros que o prendiam. Não podia libertar-se, mas não parecia estar ferido e era evidente que todos os seus esforços estavam concentrados em aproximar-se de seu amo, pois não deu a menor atenção a Limbeck.

O geg levantou a vista. A garra baixava com uma rapidez que pareceu a Limbeck grande demais, tendo em conta a lentidão com que tinham descido na primeira vez. Em seguida, voltou os olhos de novo para o deus e para o cão.

— Sinto muito — disse com ar impotente. — Não há tempo!

O deus, com os olhos fixos no cão, tentou saltar-se das mãos do geg, mas o esforço consumiu suas últimas energias pois, de repente, seus braços ficaram flácidos e a cabeça caiu para trás. O cão, vendo seu amo, choramingou com mais força e aumentou os esforços para se libertar.

— Sinto muito — repetiu Limbeck dirigindo-se ao animal, que continuou não lhe dando atenção. O geg trincou os dentes, ouvindo cada vez mais perto o som da garra, e arrastou o corpo do deus pelo chão cheio de escombros. Os esforços do cão se tornaram frenéticos e seus gemidos se transformaram em uivos, mas Limbeck compreendeu que eram porque via seu amo ser levado e não podia segui-lo.

Com um nó na garganta de pena do animal preso e de medo por si mesmo, Limbeck puxou, arrastou e empurrou o corpo do deus até alcançar por fim a abertura na cobertura metálica. Com enorme esforço, conseguiu passar o ferido por ela e, depois de depositar o corpo exânime no fundo da cratera, jogou-se no chão junto a ele no instante em que a pá escavadora golpeava a nave de metal.

Houve uma explosão ensurdecedora. O choque levantou Limbeck do chão, deixando-o sem fôlego. Uma chuva de fragmentos de corallita caiu sobre ele e pedaços afiados cravaram-se dolorosamente em sua pele. Quando a chuva parou, tudo ficou em silêncio.

Aturdido, Limbeck levantou a cabeça muito devagar. A garra estava pendurada imóvel sobre a cratera, danificada sem dúvida pela explosão. Olhou ao seu redor para observar o que tinha acontecido com a nave esperando encontrar uma massa de restos retorcidos.

Entretanto, não viu absolutamente nada. A explosão a tinha destruído. Não, aquilo não era verdade, pois não se via nenhum fragmento metálico na cratera. Não restara nada da nave. Esta não só tinha sido destruída, mas também tinha se volatilizado como se nunca tivesse existido.

Mesmo assim, Limbeck ainda tinha o deus para mostrar a Jarre que não tinha

perdido a razão. O deus se agitou e abriu os olhos. Com um gemido de dor, moveu a cabeça para olhar a seu redor.

— Cão! — murmurou com voz débil. — Ei, cão, venha cá!

Limbeck olhou para a coralita feita em pedacinhos pela explosão e sacudiu a cabeça, sentindo-se inexplicavelmente culpado apesar de saber que não tinha a menor chance de resgatar o animal se quisesse salvar a vida de seu amo.

— Cão! — insistiu o deus com uma voz que parecia tomada pelo pânico.

O geg sentiu uma nova pontada de dor no coração e ergueu a mão com a intenção de tentar tranquilizar o deus, pois temia que acabasse se ferindo mais.

— Ah, cão! — Murmurou de novo o deus com um profundo suspiro de alívio e com o olhar fixo no lugar em que a nave tinha estado. — Aí está você! Venha! Venha aqui! Foi uma grande viagem, não é rapaz?

Limbeck olhou naquela direção, e ali estava o cão! Arrastando-se entre os fragmentos de rocha, mancando e apoiado somente em três patas, o animal avançou para seu amo. Com um alegre brilho nos olhos e a boca aberta no que Limbeck poderia jurar que era um sorriso de satisfação, o cão lambeu a mão de seu amo ferido. O deus voltou a cair na inconsciência. O cão, com um ganido e uma sacudida, deixou-se cair a seu lado, apoiou a cabeça sobre as patas e cravou seus olhos inteligentes em Limbeck.

CAPÍTULO 18



DEGRAUS DE TERREL FEN, REINO INFERIOR

Cheguei até aqui. O que faço agora?

Limbeck passou a mão pela face suada e limpou com os dedos os aros dos óculos, que lhe escorregavam pelo nariz. O deus estava bastante ferido, ao menos, assim pareceu a Limbeck, que não tinha certeza das características físicas dos deuses. A profunda ferida na cabeça teria sido muito grave em um geg e Limbeck não podia fazer outra coisa além de considerá-la igualmente grave em um deus.

— O manipulador!

Limbeck ficou em pé de um salto e, depois de um último olhar ao deus inconsciente e seu surpreendente cão, subiu engatinhando a encosta da cratera. Ao chegar ao alto, viu todas as garras dedicadas a seu trabalho. O ruído era quase ensurdecedor; rangidos, chiados e batidas, tudo muito reconfortante para um geg. Dirigiu um rápido olhar para o alto para ver se não estavam baixando outras garras, saiu da cratera e voltou correndo para a vala.

Era lógico pensar que o geg da União que encontrasse o L no braço da escavadora enviaria o manipulador ao mesmo ponto ou o mais perto possível deste. Naturalmente, era mais que possível que ninguém tivesse visto a marca, ou que não pudessem ter preparado o manipulador a tempo, ou inumeráveis outros contratempos. Enquanto corria, cambaleando e tropeçando sobre os montões de coralita, Limbeck tentou se preparar para aceitar sem se decepcionar que talvez não houvesse nenhum manipulador.

Mas ali estava.

A onda de alívio que percorreu Limbeck quando viu o aparelho pousado no chão, ao lado da vala, quase o sufocou. Os joelhos fraquejaram, sentiu-se enjoado e teve que sentar um momento para se recompor.

Seu primeiro pensamento foi correr, pois as garras estavam a ponto de partirem outra vez. Cambaleando, retrocedeu correndo para a cratera. As pernas lhe informaram em termos nada amistosos que estavam a ponto de rebelar-se contra aquele exercício

físico tão inabitual. Parou por um momento para aliviar a dor e disse a si mesmo que, apesar de tudo, provavelmente não era preciso que se apressasse. Sem dúvida, seus amigos não subiriam o manipulador até ter certeza de que ele estivesse dentro.

A dor das pernas desapareceu, mas pareceu levar consigo todas as forças que lhe restavam. Parecia-lhe que os braços pesavam seis vezes mais do que o normal e, além disso, tinha a clara impressão de estar arrastando as pernas, em vez de se sustentar sobre elas. Fatigado, tropeçando e caindo, cobriu de novo a distância até a cratera. Deslizou pela encosta quase contra sua vontade, convencido de que o deus teria morrido durante sua ausência.

Entretanto, observou que ainda respirava. O cão, sentado o mais próximo possível do corpo de seu amo, tinha a cabeça apoiada no peito do deus e seus olhos vigiavam seu rosto pálido e manchado de sangue.

A ideia de arrastar o corpo pesado do deus pela encosta da cratera e o campo de coralita, cheio de montículos e valas, desencorajou Limbeck e deixou seu ânimo tão exausto como suas pernas.

— Não vou conseguir — murmurou, deixando-se cair ao lado do deus. — Não acredito nem... que possa retornar... sozinho.

Os olhos estavam embaçados. Estava encolhido de frio e suado. Um novo elemento veio juntar-se a seu atordoamento físico e mental: o rumor de um trovão anunciava a proximidade de outra tormenta. Limbeck não se importou. Desde que não tivesse que ficar em pé outra vez...

“Mas este deus provará que você tinha razão!”, exortou-lhe aquela vozinha irritante. “Finalmente terá condição de convencer os geggs de que foram enganados e utilizados como escravos. Este poderia ser o amanhecer de um novo dia para seu povo! Poderia ser o início da revolução!”

A revolução! Limbeck levantou a cabeça. As lentes embaçadas o impediam de ver qualquer coisa, mas não importava. Não estava vendo a paisagem. Voltava a encontrar-se em Drevlin, aclamado pelos geggs. E algo ainda mais belo: estavam seguindo seus conselhos.

Estavam perguntando “por quê?”!

Limbeck nunca conseguiu lembrar com clareza o que aconteceu a partir de então. Ficou a vaga imagem de ter rasgado a camisa para improvisar uma atadura e envolver com ela a cabeça do deus. Lembra-se de ter olhado de soslaio para o cão, sem saber como ele reagiria se alguém se aproximasse de seu amo, e que o cão lhe lambia a mão e o olhava com seus olhos aquosos e permanecia a um lado, observando com nervosismo como o geg agarrava o corpo exânime do deus e começava a puxá-lo, subindo a encosta da cratera. A partir daí, as únicas lembranças de Limbeck eram a dor de seus músculos e a respiração ofegante enquanto se arrastavam por alguns palmos, ele e o corpo, e caíam ao chão, e voltavam a avançar e a cair, sem desistir jamais.

As garras escavadoras voltaram a perder-se no céu, embora o geg não percebesse. A tormenta caiu, o que aumentou seu terror pois sabia que não tinham nenhuma chance de sobreviver a toda sua fúria em terreno aberto. Viu-se obrigado a tirar óculos e entre sua miopia, a chuva torrencial e a crescente escuridão, não conseguiu localizar o manipulador. Só o que podia fazer era continuar avançando na direção que esperava que fosse a correta.

Por mais de uma vez, Limbeck pensou que o deus tinha morrido, pois o corpo

gelado pela chuva mostrava uma pele cinzenta e lábios arroxeados. A água tinha limpado o sangue e o geg examinou a ferida da cabeça, profunda e de feio aspecto, da qual ainda saía um fio vermelho de sangue. Contudo, o deus ainda respirava.

“Talvez seja realmente imortal”, pensou Limbeck em seu atordoamento.

Achou que tinha se perdido, pois, segundo seus cálculos, deviam ter percorrido a metade daquela ilha inóspita pelo menos. Não tinha visto o manipulador ou talvez o aparelho, cansado de esperar, tinha sido içado outra vez. A tormenta aumentava e a seu redor caíam os relâmpagos, abrindo buracos na coralita e ensurdecendo Limbeck com seus estrondos. O vento o mantinha esmagado contra o chão e o geg não tinha forças para tentar ficar em pé. dispunha-se a arrastar-se até a primeira vala para escapar da tormenta — ou para morrer, se tivesse essa sorte — quando percebeu confuso que a vala que tinha a sua frente era a sua. Ali estavam os restos destroçados da armação das asas. E, junto à vala, estava o manipulador!

A esperança deu forças ao geg. Levantou-se e, batido pelo vento, conseguiu apesar de tudo arrastar o deus pelos últimos passos. Deixando o corpo no chão, abriu a portinhola da bolha de cristal e observou o interior com curiosidade.

O manipulador era um aparelho destinado a facilitar o descida dos gegs para auxiliar as pás escavadoras, caso fosse necessário. As vezes, algumas delas ficavam presas na coralita, ou quebravam ou apresentavam algum defeito. Quando isso ocorria, um geg descia no manipulador até uma das ilhas para efetuar os reparos necessários.

O manipulador tinha o aspecto que evocava seu nome: o de uma gigantesca mão metálica seccionada à altura do punho. Um cabo preso ao punho permitia içar e baixar o artefato. A mão estava dobrada formando um oco, com todos os dedos juntos, e sustentava em seu interior uma grande bolha de cristal onde os gegs encarregados dos reparos viajavam. Uma porta com dobradiças servia de entrada e saída da bolha, e uma buzina de metal unida a um tubo que corria junto ao cabo permitia ao ocupante comunicar-se com seus colegas de cima.

No interior da bolha cabiam confortavelmente dois gegs de proporções normais. O deus, muito mais alto que um geg, representava um problema. Limbeck arrastou o deus até a bolha e o empurrou para dentro, mas as pernas ficaram penduradas para fora. Por fim, conseguiu alojá-las na bolha, dobrando-as até que os joelhos lhe tocavam o queixo e cruzando seus braços sobre o peito. Esgotado, Limbeck se introduziu como pôde no artefato e, em seguida, o cão saltou para dentro. Os três ficariam ainda mais apertados, mas Limbeck não estava disposto a abandonar o animal outra vez. Não acreditava que pudesse suportar o sobressalto de vê-lo aparecer pela segunda vez de entre os mortos.

O cão se enroscou contra o corpo de seu amo. Limbeck ergueu a mão entre os braços flácidos do deus, lutando contra a rajada de vento em um esforço inútil por fechar a porta. O vento mudou para atacar de outra direção e, de repente, a porta se fechou sozinha, jogando Limbeck contra a parede da bolha. Assim permaneceu durante um longo instante, entre gemendo e ofegante.

Limbeck percebeu que a mão tremia e balançava na tormenta. Imaginou que o cristal se quebrava, que o cabo se soltava, e de repente só teve um desejo: acabar de uma vez com aquele bamboleio. Custou-lhe um ato supremo de vontade mover os músculos, mas conseguiu erguer a mão e agarrar o microfone.

— Vamos! — exclamou ofegante.

Não houve resposta e compreendeu que sua voz possivelmente era inaudível.

Enchendo os pulmões, Limbeck fechou os olhos e concentrou as escassas forças que lhe restavam.

— Vamos! — gritou com tal força que o cão se levantou de um salto, alarmado, e o deus se agitou e emitiu um grunhido.

— Kplf guf? — chegou-lhe uma voz, cujas palavras retumbaram pelo tubo como um punhado de calhaus.

— Vamos! — gritou de novo com exasperação, desespero e absoluto pânico.

O manipulador inclinou-se bruscamente e o teria lançado ao chão, se estivesse em pé. Por sorte, já estava encaixado contra o flanco da bolha para dar espaço ao deus. Lentamente, com um alarmante rangido e balançando de um lado para outro sob o vento impetuoso, o aparelho começou a subir pelos ares.

Tentando não pensar no que aconteceria se o cabo se partisse, Limbeck se apoiou no cristal da bolha, fechou os olhos e torceu para não enjoar.

Por azar, ao fechar os olhos lhe veio a vertigem. Sentiu como se tudo desse voltas e estivesse a ponto de cair em uma profunda vala escura.

— Não pode ser — Limbeck disse para si mesmo. — Não posso desistir. Preciso que mostrar a verdade ao meu povo.

O geg abriu os olhos e, para não olhar para o exterior, concentrou-se em estudar o deus. Seu aspecto era mais o de um geg que o de uma geg, e era o único padrão no qual Limbeck podia se apoiar. A face do deus era angulosa: o queixo quadrado e dividido, estava coberto por um cavanhaque curto; os lábios, firmes e tensos, fechados com força, não relaxavam em nenhum momento e pareciam guardar segredos que levariam para a tumba. As rugas em torno dos seus olhos pareciam indicar que o deus, embora não fosse um velho, tampouco era moço. O cabelo contribuía para lhe dar esta impressão de idade. Usava-o curto — muito curto — e, apesar de estar salpicado de sangue e empapado pela chuva, Limbeck viu algumas mechas grisalhas nas têmporas, sobre a frente e na nuca. Seu corpo parecia feito só de ossos, músculos e tendões. Era muito magro para os padrões geg.

— Provavelmente, por isso usa tanta roupa — murmurou Limbeck para si mesmo, esforçando-se para não olhar pelas laterais da bolha, onde os relâmpagos tornavam a noite turbulenta mais brilhante que o dia mais luminoso que os gegs conheciam em seu mundo sem sol.

O deus usava uma grossa túnica de couro sobre uma camisa de pescoço fechado, ajustado com uma cinta. Em torno do pescoço usava um lenço de tecido com as pontas presas abaixo do queixo e presas sob a túnica. As mangas da camisa, largas e amplas, cobriam-lhe os punhos, fechados também com pequenas cintas. Vestia calças de couro macio com as pernas enfiadas por dentro de botas que iam até os joelhos, e que se fechavam pelas laterais com botões de um material que parecia osso ou o dente de algum animal. Em cima de tudo isto, luzia uma casaca larga sem pescoço, com mangas largas que lhe chegavam até o cotovelo. As cores da roupa eram apagadas: brancos e pardos, cinzas e negros sem brilho. Os tecidos estavam gastos, desfiados em alguns lugares. A túnica de couro, as calças e as botas se ajustavam aos contornos do corpo como uma segunda pele.

O mais peculiar eram os trapos que lhe cobriam as mãos. Surpreso por aquele detalhe que deveria ter percebido, mas que tinha lhe escapado até aquele instante,

Limbeck estudou com mais atenção as mãos do deus. Os farrapos de tecido estavam dispostos com grande cuidado. Partindo dos punhos, cobriam-lhe as costas e as palmas das mãos, e estavam entrelaçados em torno da base dos dedos.

— Por que isso? — perguntou-se Limbeck, erguendo a mão para averiguar.

O rosnado do cão foi tão ameaçador que o geg sentiu que lhe arrepiava o pêlo da nuca. O animal se levantou de um salto e observava o geg com um olhar que dizia claramente: “Se fosse você, deixaria meu amo em paz”.

— Está bem — balbuciou Limbeck, encolhendo-se contra o cristal da bolha.

O cão lhe lançou um olhar de aprovação. Voltou a acomodar-se e fechou os olhos, como se dissesse: “Agora que sei que ficará quieto, se me desculpar, vou tirar um cochilo”.

O animal tinha razão, Limbeck ia se comportar. Estava paralisado, temeroso de se mover, quase com medo de respirar.

Os gogs, com sua mentalidade prática, gostavam dos gatos. O gato era um animal útil que ganhava o sustento caçando ratos e que cuidava de si mesmo. A Máquina Viva também gostava dos gatos ou, ao menos, assim imaginavam, já que tinham sido seus criadores, os dictores, quem havia trazido os primeiros gatos dos reinos superiores para que vivessem com os gogs. Havia poucos cães em Drevlin. Seus proprietários eram, em geral, os gogs mais ricos, como o supervisor chefe e os membros de seu clã. Os cães não eram animais de companhia, mas guardas usados para proteger as riquezas. Os gogs eram incapazes de matar seus semelhantes, mas havia alguns que não se importavam em pegar o que pertencia ao seu semelhante.

Aquele cão era diferente dos existentes em Devlin, esses tinham certa semelhança com seus proprietários: atarracados, com caras chatas, redondas e com grandes narizes... e uma expressão de malvada estupidez. O cão que estava na bolha com Limbeck tinha a pele lisa e o corpo enxuto, focinho longo, cara de excepcional inteligência e olhos grandes, de um castanho claro. A pelagem era de um negro indefinido com manchas brancas nas pontas das orelhas, e sobrancelhas brancas. Eram estas últimas, pensou Limbeck, que davam ao cão um ar excepcionalmente expressivo por tratar-se de um animal.

Essas foram as observações de Limbeck sobre o deus e seu cão. Foram muito detalhadas, porque teve um bom tempo para estudá-los durante a subida do manipulador até a ilha de Drevlin.

E, enquanto durou a viagem, não pôde deixar de perguntar um só instante:
Por que?... por que?...

CAPÍTULO 19



LEK, DREVLIN,
REINO INFERIOR

Jarre aguardou com impaciência que a Máquina Viva puxasse lentamente o cabo do manipulador. De vez em quando, se algum outro geg se aproximava por acaso, cobria o rosto com um lenço e olhava com profundo e carrancudo interesse uma grande caixa redonda de cristal que encerrava uma flecha negra que em toda sua vida não fazia outra coisa além de oscilar, vacilante, entre um sem-fim de raiais negras junto às quais havia alguns símbolos estranhos e misteriosos. Só o que os gegs sabiam desta flecha negra — conhecida familiarmente como dedo bicudo — era que, se oscilasse para a zona onde as raiais negras ficavam vermelhas, todos deveriam correr para salvar a vida.

Nessa noite, o dedo bicudo se comportava bem e não dava nenhum sinal de que fosse desencadear um de seus terríveis jorros de vapor que queimaria todos os gegs que pegasse em seu caminho. Nessa noite tudo funcionava perfeitamente. As rodas giravam, as alavancas impulsionavam e as engrenagens se encaixavam. Os cabos subiam e desciam. As escavadoras depositavam a carga de rocha nos carrinhos de mão empurrados pelos gegs, que lançavam seu conteúdo na enorme boca da Máquina Viva, que mastigava a rocha, cuspiam o que não queria e digeriam o resto.

A maioria dos gegs que trabalhavam nessa noite eram membros da UAPP. Durante o dia, um membro do grupo tinha visto o L gravado por Limbeck no braço da escavadora. Por um extraordinário golpe de sorte, a garra pertencia à parte da Máquina Viva situada perto da capital da ilha, Wömbe. Jarre, deslocando-se na locomotiva (graças à ajuda de alguns membros da União), tinha chegado a tempo para receber seu amado e famoso líder.

Todas as escavadoras tinham subido exceto uma, que parecia ter se quebrado na ilha abaixo. Jarre abandonou seu suposto lugar de trabalho e se reuniu com os outros gegs, que observavam nervosamente o vazio — um enorme oco escavado no chão de coralita da ilha, através do qual podiam observar o céu abaixo de Drevlin. — De vez em quando, Jarre dirigia um olhar inquieto ao seu redor pois não pertencia àquela equipe de trabalho e, se a surpreendessem ali, teria que dar muitas explicações. Por sorte, outros gegs iam poucas vezes à zona reservada ao manipulador, e só se aproximavam dali se

surgissem problemas com alguma das garras.

Jarre observou com inquietação os carrinhos de mão que rodavam pelo nível superior ao que ocupavam.

— Não se preocupe — disse Lof. — Se alguém olhar para cá, acreditará que estamos ajudando a reparar alguma garra.

Lof era um geg jovem e de aparência agradável que sentia uma imensa admiração por Jarre e, para ser sincero, não tinha sentido grande pesar com o anúncio da execução de Limbeck. Lof segurou a mão de Jarre e tentava prolongar o contato, mas Jarre necessitava da mão e a retirou.

— Ali está! — Gritou ela, excitada, enquanto apontava para o fundo do buraco.
— Ali está!

— Refere-se a esse que acaba de receber a descarga de um raio?

— Não! — replicou Jarre. — Quer dizer, sim, mas não lhe caiu nenhum raio.

Todos os presentes puderam observar como o manipulador subia pela imensa abertura, sustentando entre os dedos a bolha de cristal. Jamais até aquele momento a Máquina Viva parecera tão lenta. Em várias ocasiões se perguntou se não estaria danificada e ergueu a vista para enorme grua elevadora, mas em todas percebeu que continuava funcionando normalmente.

Por fim, o manipulador penetrou no seio da Máquina Viva. A grua parou com um chiado e pranchas metálicas deslizaram de ambos os lados da vala com um ruído ensurdecedor, formando um piso firme abaixo do artefato.

— É ele! É Limbeck! — gritou Jarre ao distinguir uma forma imprecisa através do cristal, que ainda jorrava água.

— Eu não estou tão certo — respondeu Lof em dúvida, agarrado a um último resto de esperança. — Por acaso Limbeck tem um rabo?

Mas Jarre já não o escutava. Tinha começado a correr sobre as pranchas móveis antes que o buraco terminasse de fechar e outros gegs se apressaram atrás dela. Ao chegar à porta da bolha, começou a bater nela com impaciência.

— Não quer abrir! — exclamou, deixando-se levar pelo pânico. Lof soltou um suspiro, ergueu o braço e moveu a tranca da portinhola.

— Limbeck! — gritou Jarre ao mesmo tempo em que se precipitava no interior da bolha. Quase imediatamente, afastou-se do aparelho com uma rapidez inusitada. Do interior da bolha surgiu então um sonoro rosnado carregado de hostilidade.

Ao perceber a palidez que se apropriara de Jarre, outros gegs retrocederam até uma distância segura da bolha.

— O que é isso? — perguntou um.

— Um... um cão, acredito — balbuciou Jarre.

— Então, não é Limbeck? — interveio Lof, ansioso.

Uma voz débil se fez ouvir no interior da bolha.

— Sim, sou eu! Não se preocupem com o cão. Ele se assustou, isso é tudo. Está preocupado com seu dono. Vamos, me dêem uma mão. Estamos muito apertados aqui dentro.

Junto à porta surgiram pontas de dedos. Os gegs se olharam com ar apreensivo e, deram outro passo para trás.

Jarre fez uma pausa, nervosa, esperando a colaboração dos outros gegs. Estes, amedrontados, olharam novamente para a grua elevadora, para o triturador de rochas ou

para o chão... para qualquer lugar, exceto para a bolha que acabava de rosnar.

— Vamos, me ajudem a sair daqui! — insistiu Limbeck aos gritos.

Jarre, com os lábios apertados até ficar reduzidos a uma fina linha reta que não significava nada de bom, cobriu a distância que a separava da bolha e inspecionou a mão. Parecia a de Limbeck... tinha inclusive as manchas de tinta. Com certa cautela, agarrou os dedos e puxou-os. As esperanças de Lof desapareceram definitivamente quando Limbeck, suado e com o rosto avermelhado, saltou ao chão.

— Olá, querida — disse a Jarre enquanto apertava sua mão, sem perceber (com sua habitual desorientação) que ela tinha aproximado o rosto para receber um beijo. Limbeck se afastou alguns passos da bolha mas, imediatamente deu meia volta e pareceu querer entrar de novo nela.

— Venha, me ajude a tirá-lo daqui — gritou uma vez lá dentro, e sua voz ressoou com um estranho eco.

— A quem? Ao cão? — perguntou Jarre. — Não pode sair sozinho?

Limbeck se virou e lançou um olhar radiante aos gegs.

— Ao deus! — respondeu com ar triunfal. — trouxe um deus comigo!

Os gegs o observaram em silêncio entre assombrados e desconfiados.

Jarre foi a primeira a se recuperar rápido o suficiente para dizer algo.

— Limbeck — murmurou tom severo, — isso era mesmo necessário?

— Se era... Sim! Claro que sim! — respondeu, um pouco desconcertado. — Você não acreditava em mim. Vamos, me ajude a tirá-lo daqui. Está ferido.

— Ferido? — repetiu Lof, vendo surgir de novo um raio de esperança. — Como um deus pode estar ferido?

— Droga! — Exclamou Limbeck, e foi um “Droga!” tão potente que o pobre Lof ficou paralisado e se encontrou, completa e definitivamente, fora do caminho. — Foi isso mesmo que eu disse!

Com estas palavras, Limbeck desapareceu de novo no interior da bolha.

Teve algumas dificuldades com o cão, que tinha se plantado a frente de seu amo e rosnava. Limbeck estava bastante preocupado com sua presença. Durante a subida na bolha, o cão e ele tinham chegado a um entendimento, mas este acordo — que Limbeck permaneceria em seu canto e que o cão, em troca, não lhe saltaria à garganta — não parecia que bastasse para tranquilizar o animal e convencê-lo de que se afastasse. Com frases como “cãozinho bonito!” ou “bom menino!” não conseguiu nenhum resultado. Desesperado e temendo que seu deus estivesse morrendo, o geg tentou raciocinar com o animal.

— Escute — disse — não queremos lhe fazer mal. Queremos ajudá-lo! E o único modo de fazê-lo é tirando-o deste artefato e levando-o a um lugar seguro. Teremos muito cuidado com ele, prometo. — Os rosnados do cão diminuíram e o animal observou Limbeck com um ar que parecia de precavido interesse. — Você pode acompanhá-lo e, se acontecer algo que não goste, pode me saltar ao pescoço então.

O cão inclinou a cabeça, com as orelhas rígidas, escutando-o com atenção. Quando o geg terminou de falar, o animal o contemplou gravemente.

Vou lhe dar uma chance, mas lembre-se que ainda tenho dentes.

— Diz que está bem — explicou Limbeck, satisfeito.

— O que? — gritou Jarre quando o cão saltou agilmente da bolha e se postou no chão aos pés de Limbeck.

Os gegos recuaram imediatamente para ficar em segurança e se refugiaram atrás das peças da Máquina Viva que pareciam mais seguras para protegê-los das presas afiadas. Jarre foi a única a permanecer onde estava, disposta a não abandonar seu amado fosse qual fosse o perigo. Mas o cão não estava absolutamente interessado nos gegos trêmulos, tinha concentrada toda sua atenção em seu amo.

— Tome! — Disse Limbeck ofegando, puxando os pés do deus. — Você o pega por aí, Jarre. Eu sustentarei a cabeça dele. Assim, com cuidado. Com muito cuidado. Acredito que já o pegamos.

Depois de ter desafiado o cão, Jarre se sentia capaz de fazer qualquer coisa, inclusive arrastar um deus pelos pés. Dirigiu uma olhar seco a seus acovardados amigos, agarrou o deus pelas botas de couro e puxou-o. Limbeck guiou a saída do corpo através da portinhola e o sustentou pelos ombros. Depositaram o deus no chão.

— Oh, puxa! — murmurou Jarre, passando do medo à lástima. Tocou levemente a ferida da cabeça com a ponta dos dedos e as retirou cobertas de sangue. — Está muito ferido!

— Eu sei — respondeu Limbeck, agitado. — E tive que movê-lo sem muito cuidado para tirá-lo de sua nave antes que a garra escavadora o fizesse pedaços.

— A pele está gelada e os lábios arroxeados. Se fosse um geg, eu diria que está morrendo. Mas talvez os deuses tenham esta aparência.

— Não acredito. Não estava assim da primeira vez que o vi, logo depois que sua nave caiu. Oh, Jarre, não podemos deixar que morra!

O cão, ao escutar o tom de voz de Jarre e ver que tratava seu amo com carinho, deu-lhe uma lambida na mão e a olhou com os olhos pardos suplicantes.

A princípio, Jarre se assustou ao notar o contato, mas logo se tranquilizou.

— Vamos, vamos, não se preocupe. Tudo sairá bem — disse com voz doce para o animal, ao mesmo tempo em que lhe dava uns tapinhas tímidos na cabeça. O cão consentiu que o fizesse, abaixando as orelhas e meneando muito ligeiramente sua cauda peluda.

— Acha que é possível salvá-lo? — Limbeck perguntou com profunda preocupação.

— Claro que sim! Olhe como move as pálpebras. — Jarre se virou e deu ordens enérgicas: — Primeiro vamos levá-lo para um lugar quente e tranquilo onde possamos cuidar dele. É quase a hora da mudança de turno e não queremos que ninguém o veja...

— Não queremos...? — interrompeu-a Limbeck.

— Não! Até que ele se recupere e estejamos preparados para conhecer as respostas para nossas perguntas. Este vai ser um grande momento na história de nosso povo e é melhor que não o estraguemos precipitando as coisas. Você e Lof vão procurar uma maca...

— Uma maca? Como quer que o deus caiba nela? — replicou Lof, ressentido. — As pernas ficarão penduradas e arrastará os pés pelo chão.

— Tem razão. — Jarre não estava acostumada a tratar com alguém tal alto e magro. Deteve-se para pensar, enrugando a testa, quando de repente o poderoso som de um gongo a tirou de suas meditações e a fez olhar a seu redor, alarmada. — O que é isso? — perguntou.

— Vão abrir o chão de novo! — exclamou Lof.

— Que chão? — quis saber Limbeck.

— Este! — Lof apontou para as pranchas metálicas sob seus pés.

— Por que... Ah, já entendi...

Limbeck ergueu a vista para as garras escavadoras que tinham esvaziado seu carregamento e deviam descer de novo para recolher mais material.

— Temos que sair daqui! — disse Lof. Inclinando-se para Jarre, sussurrou-lhe ao ouvido: — Deixe o deus. Quando o chão se abrir, voltará para o lugar de onde veio. E o cão também.

Mas Jarre não lhe deu atenção, com o olhar voltado para os carrinhos de mão que transportavam material de um lugar a outro no nível superior.

— Lof! — exclamou com excitação, agarrando o jovem pela barba e puxando-a (costume que tinha adquirido com Limbeck e que era muito difícil reprimir). — Os carrinhos de mão! O deus caberá em um deles! Depressa! Depressa!

O chão começava a vibrar ameaçadoramente. Lof assentiu e pôs-se a correr com outros glegs em busca de um carrinho de mão vazio.

Jarre envolveu o deus com sua pequena capa e, ela e Limbeck, afastaram o corpo do centro da plataforma, arrastando-o para o mais perto possível da borda. Então, Lof e companhia já estavam de volta com o carrinho de mão, que tinham trazido pela rampa que conectava o nível inferior com o seguinte. O gongo soou de novo. O cão choramingou e ficou a ladrar. Das duas uma: ou o ruído lhe machucava os ouvidos, ou o animal pressentia o perigo e animava aos glegs a se apressarem. (Lof insistiu no primeiro. Limbeck apostava no segundo. Jarre ordenou a ambos que fechassem a boca e se apressassem.)

Juntos, os glegs conseguiram levantar o corpo e introduzi-lo no carrinho de mão. Jarre envolveu a cabeça ferida do deus com a capa de Lof — este pareceu decidido a protestar, mas o sonoro bofetão na bochecha que recebeu de uma Jarre nervosa e zangada foi muito convincente. — O gongo soou pela terceira vez. As escavadoras iniciaram a descida entre os estalos e chiados dos cabos, e o chão começou a abrir-se com um ruído surdo. Os glegs, quase perdendo o equilíbrio, alinharam-se atrás do carrinho de mão e lhe deram um forte empurrão. O carrinho de mão começou a rodar rampa acima enquanto os glegs se esforçavam atrás dele, suados, e o cão corria entre seus pés mordiscando seus calcanhares.

Os glegs são fortes, mas a vagoneta era de ferro e pesava muito, para não falar da carga que transportava. O veículo não fora construído para subir por uma rampa que era de uso exclusivo dos glegs, e mostrava uma tendência muito mais pronunciada a rodar para baixo que ir para cima.

Limbeck, dando-se conta disso, começou a divagar sobre conceitos como o peso, a inércia e a gravidade e, sem dúvida, teria acabado desenvolvendo alguma lei da física se sua vida não estivesse em iminente perigo. Abaixo deles, o chão se abria por completo e as garras escavadoras se precipitavam no vazio; durante um instante particularmente tenso, pareceu que os glegs não podiam aguentar mais e que o carrinho de mão ganharia, arrastando todos eles para o abismo.

— Vamos, mais uma vez! Todos de uma vez! — grunhiu Jarre. Seu corpo robusto escorava o carrinho de mão, com o rosto aceso pelo esforço. Limbeck, a seu lado, não era de grande ajuda pois sua debilidade natural se via agravada pela exaustiva experiência que acabara de sofrer. Apesar de tudo, fazia corajosamente o que podia. Lof fraquejava e parecia a ponto de se render.

— Lof! — Jarre ofegou. — Se começar a deslizar para baixo, ponha o pé sob a roda!

A ordem de sua líder foi um novo estímulo para Lof, que não via nenhuma razão para levar as coisas a tal extremo. Com forças renovadas, aplicou o ombro a vagoneta, apertou os dentes, fechou os olhos e deu um poderoso empurrão. O carrinho de mão alcançou o suporte superior da rampa e os geys se deixaram cair junto a ela, esgotados. O cão deu uma lambida no rosto de Lof, para grande desgosto deste. Limbeck escalou a rampa arrastando-se de quatro e, quando chegou lá em cima, caiu desmaiado.

— Era o que faltava! — murmurou Jarre, exasperada.

— Não penso carregar ele também! — protestou Lof irritado. O jovem geg começa a pensar que seu pai tinha razão quando lhe dizia que nunca se metesse em política.

Um malicioso puxão da barba e um sonoro tapa na bochecha conseguiram despertar Limbeck. Este começou a balbuciar algo a respeito de inclinações e planos, mas Jarre ordenou que se calasse e fizesse algo útil, como pegar o cão e colocá-lo no carrinho de mão com seu amo.

— E diga que fique quieto! — acrescentou Jarre.

Limbeck arregalou tanto os olhos que pareceram a ponto de lhe saltar das órbitas.

— Eu... Pegar esse...

Mas o cão, como se os entendesse, resolveu o problema saltando agilmente ao carrinho de mão, onde se enroscou aos pés de seu amo.

Jarre examinou o deus e informou que continuava vivo e que tinha um aspecto um pouco melhor, agora que estava aquecido. Os geys o cobriram com pequenos fragmentos de coralita, jogaram um saco sobre o cão e empurraram a vagoneta para a saída mais próxima.

Ninguém os deteve. Ninguém perguntou por que empurravam um carrinho de mão de mineral pelos túneis. Ninguém se interessou em saber para onde iam, nem o que pensavam fazer quando chegassem lá. Jarre, com um suspiro, meneou a cabeça e considerou essa falta de curiosidade uma triste característica do seu povo.

CAPÍTULO 20



LEK, DREVLIN, REINO INFERIOR

No Labirinto, as pessoas tem que aguçar os reflexos até torná-los tão afiados e penetrantes como uma espada, pois eles são armas para a sobrevivência e, frequentemente, são tão valiosos ou mais que o aço. Lutando por recuperar a consciência, Haplo instintivamente não revelou que estava consciente. Até que voltasse a ter o controle completo de si, permaneceria absolutamente quieto e insensível; reprimiu um gemido de dor e resistiu com firmeza ao impulso de abrir os olhos e ver onde estava.

“Finja-se de morto. Muitas vezes, o inimigo o deixará em paz assim.”

Escutou vozes que entravam e saíam de seu campo de audição. Agarrou-se mentalmente a elas, mas foi como agarrar um peixe com as mãos nuas; conseguia tocá-las, mas nunca apanhá-las totalmente. Eram vozes potentes, profundas, que podiam ser ouvidas com clareza por cima do barulho constante que parecia soar por toda parte; até mesmo dentro dele, pois notava que todo seu corpo vibrava. As vozes falavam a certa distância e pareciam discutir, mas o faziam sem violência. Haplo não se sentiu ameaçado e relaxou.

“Ao que parece, cai entre ilegais...”, pensou.

— ... o garoto ainda está vivo. Tem uma ferida muito feia na cabeça, mas vai se recuperar.

— E os outros dois? Creio que eram seus pais.

— Mortos. Fugitivos, pelo seu aspecto. Os snogs os apanharam sem dúvida. Creio que o menino lhes pareceu muito pequeno para se preocuparem com ele.

— Não. Os snogs não escolhem na hora de matar. Acho que não percebessem sua presença: o pequeno estava bem escondido entre os arbustos e, se não tivesse gemido, nós também não o teríamos descoberto. Desta vez, o gemido lhe salvou a vida, mas é um problema. Teremos que ensiná-lo. Para mim os pais sabiam que estavam em perigo, assim deram um bom golpe no pequeno para que não fizesse ruído, esconderam-no e depois afastaram dele os snogs que os seguiam.

— Teve sorte de que fossem snogs e não dragões. Os dragões o teriam farejado.

— Como ele se chama?

O pequeno notou mãos percorrendo seu corpo, que estava nu exceto uma tira de couro macio em torno da cintura. As mãos seguiram os traços de uma série de tatuagens que começavam no coração, desciam pelo peito e estômago até as pernas, mas não as solas dos pés, e pelos braços até as costas das mãos, mas não nos dedos nem na palma. As tatuagens subiam também pelo pescoço, deixando livres a cabeça e o rosto.

— Haplo — disse o homem, lendo as runas gravadas sobre o coração. — Nasceu na época em que a Sétima Porta caiu. Isso faz uns nove ciclos.

— Tem sorte de ter vivido tanto. Não posso imaginar fugitivos tentando escapar carregando um menino. É melhor saírmos logo daqui. Os dragões não demorarão para farejar o sangue. Vamos garoto, acorde! Em pé! Não podemos levá-lo nas costas. O que, está acordado? Muito bem. — O homem agarrou Haplo pelos ombros e o depositou junto aos corpos mutilados e desfigurados de seus pais. — Olhe bem e lembre-se. E lembre também: não foram os snogs que mataram seus pais. Foram aqueles que nos trancaram nesta prisão e nos deixaram aqui para que morrêssemos. Sabe quem são garoto?

Seus dedos se cravaram na carne de Haplo.

— Os sartan — respondeu com voz apagada.

— Mais alto.

— Os sartan! — gritou.

— Está bem, garoto. Não esqueça nunca. Nunca...

Haplo flutuou de novo até a superfície da consciência. O ruído surdo das batidas acompanhado de assobios e chiados, não o impedia de escutar algumas vozes, as mesmas que recordava vagamente ter ouvido antes, só que agora pareciam ouvir menos pessoas. Tratou de concentrar-se nas palavras, mas não conseguiu. As pontadas de dor na cabeça impediam qualquer faísca de pensamento racional. Tinha que pôr fim à dor.

Com cautela, Haplo abriu um pouco os olhos e olhou por entre as pestanas. A luz de uma única vela, colocada perto de sua cabeça, não bastava para iluminar os arredores. Não tinha ideia de onde estava, mas percebeu perfeitamente que não estava sozinho.

Pouco a pouco, levantou a mão esquerda e, quando a aproximou da cabeça, sentiu que estava envolta em tiras de tecido. Uma lembrança passou por sua mente, lançando um débil raio de luz nas trevas de dor que o envolviam.

Mais uma razão para se livrar daquela ferida que o debilitava.

Apertando os dentes e movendo-se com grande cuidado para não fazer o menor ruído, Haplo moveu a mão direita e puxou as ataduras que lhe cobriam a outra mão. Devido aos nós entre os dedos, não conseguiu soltá-las totalmente, mas as deixou frouxas o bastante para descobrir uma parte da pele.

A pele estava coberta de tatuagens. Os redemoinhos e espirais, as curvas e voltas, estavam gravados em diversos tons de vermelho e azul e tinham um ar e um desenho de aparência fantástica.

Entretanto, cada signo cabalístico tinha seu significado próprio e especial que, combinado com qualquer outro signo que tocasse, expandia-se em um significado novo

e superior.^[111] Alerta para paralisar seus movimentos ao menor indício de que alguém o observava, Haplo levantou o braço e apertou as costas da mão sobre a ferida na testa.

O círculo foi fechado. Uma sensação de calor passou de sua mão para a cabeça, correu desta para o braço e, deste, voltou para a mão. Agora viria o sono e, enquanto seu corpo repousava, a dor se aliviaria, a ferida se fecharia, as lesões internas seriam curadas e, ao despertar, teria recuperado a consciência e a memória de todo o acontecido. Com suas últimas forças, Haplo colocou a atadura de modo que lhe cobrisse a mão. O braço caiu de lado e golpeou um objeto duro abaixo dele. Um nariz frio lhe tocou a mão... um focinho suave lhe esfregou os dedos...

... lança na mão, Haplo enfrentava dois caodines. A única emoção que sentia era a cólera, uma fúria feroz e raivosa que afogava o medo. Podia ver seu objetivo. No horizonte distinguia a Última Porta. Para chegar a ela só tinha que cruzar uma grande pradaria aberta que lhe parecia deserta. Mas deveria saber que o Labirinto não lhe permitiria escapar. Dirigiria contra ele qualquer arma que tivesse. E o Labirinto era muito bem preparado. Sua malévola inteligência tinha combatido os patryn durante mil anos antes que alguns de seus inimigos conseguissem alcançar a habilidade necessária para vencê-lo. Haplo tinha vivido e lutado durante vinte e cinco portas^[112] para ser derrotado no último instante. Porque não tinha nenhuma chance de sair vencedor. O Labirinto tinha permitido que entrasse na pradaria deserta, onde não havia uma só árvore ou rocha com a qual pudesse proteger as costas, e tinha lançado contra ele os dois caodines.

Os caodines são inimigos mortais. Criados pela maligna magia do Labirinto, essas criaturas inteligentes parecidas com insetos gigantes são peritas no manejo de todo tipo de armas (aquelas dois empunhavam espadas largas de dois gumes). Altas como um homem, com o corpo protegido por uma dura couraça negra, os olhos saltados, quatro braços e duas poderosas patas traseiras, só existe um modo de acabar com elas... Sim, existe um modo de acabar com qualquer criatura do Labirinto. Mas, para matar um caodin, é preciso acertá-lo no coração, tirando-lhe a vida no mesmo instante. Porque se viver, mesmo que seja só um segundo, de uma gota de seu sangue sairá outro como ele e os dois, intactos e frescos, retomarão a luta.

Haplo enfrentava dois deles e só dispunha de uma lança com signos cabalísticos gravados e sua adaga de caça. Se suas armas errassem o alvo e ferissem um deles criaria um terceiro com sentido próprio, embora derivado dos outros dois oponentes, teria frente a ele quatro caodines. Se voltasse a errar, seriam oito. Não, assim não poderia vencer.

Os dois caodines avançaram, um pela direita de Haplo e o outro pela esquerda. Quando um atacasse, o outro o assaltaria por trás. A única chance do patryn seria matar um com a lança e virar-se para enfrentar o outro.

Com esta estratégia na cabeça, Haplo retrocedeu, obrigando-os a manter distância. Assim fizeram os caodines, brincando com ele, conscientes de que o tinham em seu poder, os caodines gostam de brincar com suas vítimas e raramente as matam rapidamente, para terem chance de se divertir um pouco com elas.

Furioso até perder a razão, sem se importar se viveria ou morreria, sem outro desejo além de acabar com aquelas criaturas e, através delas, com o Labirinto, Haplo

tirou forças de toda uma vida de medo e desespero, e utilizou a energia de sua raiva e sua frustração para impulsionar a lança. A arma saiu de sua mão e ele gritou atrás de sua esteira as invocações mágicas que a fariam voar rápida e reta até seu inimigo. Sua pontaria foi excelente: a lança atravessou a carapaça negra do inseto e este caiu para trás, morto antes de tocar o chão.

Um brilho doloroso percorreu Haplo. Com um gemido de dor, encolheu o corpo para um lado e se virou para enfrentar seu outro inimigo. Notava o sangue, quente sobre sua pele fria, que emanava da ferida. O caodin não pode usar a magia dos signos, mas sua larga experiência combatendo os patryn lhes ensinou onde um corpo tatuado é vulnerável aos ataques. O melhor ponto é a cabeça. O caodin, entretanto, poderia ter cravado sua espada nas costas de Haplo. Sem dúvida, o inseto não desejava matá-lo... ainda.

Haplo tinha ficado sem lança e enfrentava a espada de dois gumes com uma adaga de caça. Só podia fazer uma de duas coisas: arremeter sob a guarda do caodin e apunhalá-lo diretamente no coração, ou arriscar-se a outro lançamento. A adaga, que utilizava para esfolar, afiar e cortar, não tinha símbolos mágicos para voar. Se errasse, ficaria desarmado e, provavelmente, frente a dois inimigos. Entretanto, era preciso terminar logo aquela batalha. Estava perdendo sangue e não tinha escudo para aparar os golpes de espada do caodin.

Este, percebendo o dilema de Haplo, elevou sua imensa espada. Apontando para o braço esquerdo, o inseto tentou feri-lo. Haplo viu o golpe e se esquivou o melhor que pôde, virando-se para recebê-lo no ombro. A folha afundou profundamente e o osso rangeu debaixo dela. A dor deixou Haplo a beira do desmaio. Não sentia a mão esquerda, e muito menos podia utilizá-la.

O caodin retrocedeu, preparando-se para o próximo golpe. Haplo agarrou a adaga e tentou ver algo entre a bruma avermelhada que rapidamente nublava sua visão. A vida já não lhe importava. Só o ódio o movia. A última sensação que queria experimentar antes de morrer era a satisfação de saber que levava seu inimigo com ele.

O caodin elevou de novo a espada, preparando-se para descarregar outro golpe torturante em sua vítima impotente. Cheio de serena determinação, perdido em um estupor que não era fictício, Haplo esperou. Tinha uma nova estratégia. Com ela morreria, mas o mesmo aconteceria com seu inimigo. O caodin jogou o braço para trás e, naquele instante, uma silhueta negra surgiu de alguma parte nas costas de Haplo e se lançou sobre seu inimigo.

Desconcertado por aquele súbito e inesperado ataque, o caodin afastou o olhar de Haplo para ver o que o atacava e, ao fazê-lo, mudou o movimento da espada para enfrentar seu novo inimigo. Haplo escutou um uivo carregado de dor, um ganido, e acreditou ver vagamente um corpo peludo que caía ao chão. Entretanto, não prestou atenção ao que era. O caodin, ao baixar os braços para golpear seu novo inimigo, tinha deixado o peito descoberto e Haplo apontou sua adaga diretamente para o seu coração.

O caodin viu o perigo e tentou desviar-se, mas Haplo já estava muito perto. A espada da criatura feriu-o, escorregando sobre suas costelas. Haplo não notou sequer o golpe e afundou a adaga no peito do caodin com tal força que os dois perderam o equilíbrio e rolaram pelo chão.

Quando conseguiu se desembaraçar do corpo de seu inimigo, Haplo não tentou sequer ficar em pé. O caodin estava morto e, agora, também ele morreria e encontraria a

paz, como tantos antes dele. O Labirinto tinha vencido, mas ele tinha lutado até o momento final.

Ficou estendido no chão e deixou que a vida lhe escapasse do corpo. Poderia ter tentado curar as feridas, mas isso teria requerido esforço, movimento e mais dor. Não queria se mover. Não queria lutar com ninguém mais. Bocejou, sentindo-se sonolento. Estava se sentindo muito bem ali deitado, sabendo que muito em breve as lutas terminariam para sempre.

Um leve gemido lhe fez abrir os olhos, não por medo, mas de irritação por não lhe permitirem nem sequer morrer em paz. Virou ligeiramente a cabeça e viu um cão. Era isso a coisa negra e peluda que tinha atacado o caodín... De onde teria saído? Provavelmente, o animal estava na pradaria, caçando talvez, e tinha ido em sua ajuda.

O cão estava curvado sobre o ventre, com a cabeça entre as patas. Ao perceber que Haplo olhava para ele, emitiu um novo ganido e, rastejando tentou lambe-la mão do homem. Foi então quando Haplo percebeu que o cão estava ferido.

De um profundo corte no corpo do animal emanava sangue quente. Haplo lembrou vagamente ter ouvido seu uivo e os gemidos posteriores ao cair abatido. O cão olhava-o com expectativa, esperando — como fazem os cães — que aquele humano o ajudasse e fizesse desaparecer a terrível dor que estava sentindo.

— Sinto muito — murmurou Haplo, sonolento, — não posso ajudá-lo. Nem sequer posso fazer algo por mim mesmo...

O cão, ao som da voz do homem, meneou fracamente a cauda peluda e continuou olhando-o com uma fê cega.

— Vá morrer em outra parte!

Haplo fez um brusco gesto de aborrecimento. A dor lhe atravessou o corpo e lançou um grito de agonia. O cão respondeu com um breve latido e Haplo notou um focinho frio que lhe esfregava a mão. Ferido como estava, o animal lhe oferecia sua compaixão.

E então, ao voltar o olhar para ele entre irritado e reconfortado, Haplo observou que o cão ferido gravemente lutava por levantar-se. O animal, que se sustentava com muita dificuldade, olhou para a fileira de árvores que se elevavam atrás de ambos. Lambeu a mão de Haplo uma vez mais e logo empreendeu a marcha para os troncos, coxeando e quase sem forças. Tinha interpretado mal o gesto do Haplo e ia tentar encontrar ajuda. Ajuda para o homem.

O cão não chegou muito longe. Capengando, conseguiu dar dois ou três passos antes de cair. Depois de uma breve pausa para recuperar forças, voltou a tentar.

— Basta! — Sussurrou Haplo. — Venha! Não vale a pena!

O animal não entendeu. Virou a cabeça e olhou para Haplo como se lhe dissesse: “Tenha paciência. Não posso ir muito rápido mas não o deixarei sem ajuda”.

A compaixão, a pena e a abnegação não são atitudes que os patryn considerem virtudes, são considerados defeitos próprios de raças inferiores que dissimulam suas fraquezas exaltando-as. Haplo não se sentiu impressionado. Cruel, desafiador e inflamado de ódio, abriu caminho pelo Labirinto lutando sempre sozinho. Jamais tinha pedido ajuda, e jamais a tinha dado. E tinha sobrevivido onde muitos outros tinham caído. Até aquele momento.

— Você é um covarde — disse a si mesmo com um murmúrio. — Esse cão idiota tem a coragem para lutar pela vida, e você prefere se render. E um ainda pior:

morrerá em dívida. Morrerá com uma dívida na alma pois, goste ou não, esse cão salvou sua vida.

Não foram os sentimentos de ternura que levaram Haplo a erguer a mão direita para agarrar com ela sua mão esquerda inutilizada. O que o impulsionou foi o orgulho e a vergonha.

— Venha aqui! — ordenou ao cão. Este, muito fraco para sustentar-se sobre as patas, avançou se arrastando pelo chão, deixando atrás dele um rastro de sangue sobre a erva.

Trincando os dentes, entre gemidos e maldições de dor, Haplo apertou o signo cabalístico das costas da mão contra o flanco ferido do cão. Sem a tirar deste ponto, colocou a mão direita sobre a testa do animal. O círculo curativo foi fechado e Haplo viu, com o olhar turvo, como se fechava instantaneamente a ferida de seu salvador peludo...

— Se ele se recuperar, vamos levá-lo ao supervisor chefe para lhe mostrar que eu disse a verdade. Mostraremos, para ele e para nosso povo que os welfos não são deuses! Nosso povo compreenderá então que fomos utilizados e enganados durante todos estes anos.

— Isso, se ele se recuperar — murmurou uma voz feminina, mais suave. — Ele está gravemente ferido, Limbeck. Tem uma ferida profunda na cabeça e talvez esteja ferido em outras partes de seu corpo, embora o cão não me deixe me aproximar o suficiente para ter certeza. De qualquer modo, não importa muito que eu o examine, pois uma ferida tão grave na cabeça quase sempre conduz à morte. Lembra quando Hal Martelador tropeçou na passarela elevada e caiu de cabeça...?

— Eu sei, eu sei — replicou a outra voz com abatimento. — Oh, Jarre, ele não pode morrer agora! Quero que você veja o mundo dele. É um lugar lindo, como o que vi nos livros. Com um céu azul coberto de nuvens e um sol brilhante e resplandecente que ilumina tudo, e edifícios altos e maravilhosos, grandes como a Máquina Viva...

— Limbeck — a voz da mulher o interrompeu severa, — você também não bateu a cabeça?

— Não, querida. Eu vi mesmo esses livros. Assim como vi os deuses mortos. Agora trouxe uma prova, Jarre! Por que você se nega a acreditar?

— Oh, Limbeck, não sei mais em que acreditar! Antes tinha as coisas muito claras; tudo era branco ou preto, com perfis claros e precisos, e eu sabia exatamente o que queria para nosso povo: melhores condições de vida e uma participação igualitária nos pagamentos dos welfos. Isso era tudo. Minha ideia era causar um pouco de agitação, pressionar o supervisor chefe, e este se veria obrigado a ceder, finalmente. Agora, tudo está confuso e impreciso. Você está falando de uma revolução, Limbeck! De jogar por terra todas as crenças que acreditamos durante séculos! O que pensa colocar no seu lugar?

— Temos a verdade, Jarre.

Haplo sorriu. Fazia uma hora que estava acordado e ouvia tudo. Compreendia parte das palavras e, embora aqueles seres chamassem a si mesmos de “gegs”, percebeu que falavam um idioma derivado do falado no Mundo Antigo conhecido por “língua dos anões”. Entretanto, eram muitas as coisas que não entendia. Por exemplo, o que era

aquela Máquina Viva a que eles se referiam com reverente respeito? Para isso o tinham mandado para lá, pensou: para aprender. Para ficar de olhos e ouvidos bem abertos, a boca fechada e as mãos quietas.

Abaixando a mão, Haplo acariciou a cabeça do cão para tranquilizá-lo. A viagem através da Porta da Morte não tinha começado exatamente como previra. De algum modo, em alguma parte, seu amo e protetor tinha cometido graves erros de cálculo. Os signos mágicos estavam mal alinhados e Haplotinha percebido tarde demais, quando pouco podia fazer para evitar o choque e a conseguinte destruição da nave.

A constatação de que se encontrava preso naquele mundo não o preocupou excessivamente. Já tinha estivera preso no Labirinto e tinha conseguido escapar. Depois de semelhante experiência, em um mundo normal como aquele — como seu amo havia dito — seria “invencível”. No momento, tinha que se dedicar a cumprir sua tarefa. Quando tivesse completado o que tinha vindo fazer, encontraria algum modo de retornar.

— Acho que ouvi algo.

Jarre entrou no quarto acompanhada da suave luz de um candelabro. Haplo cerrou os olhos, piscando. O cão emitiu um rosnado e começou a levantar-se, mas voltou a se deitar a um gesto imperioso e furtivo de seu amo.

— Limbeck! — exclamou Jarre.

— Ele morreu! — O robusto geg irrompeu no quarto à toda.

— Não, não — respondeu ela. Inclinando-se sobre o lado da cama, apontou com uma mão trêmula a testa de Haplo e acrescentou: — Olhe! A ferida está curada! Completamente curada! Não... não há nem sequer uma cicatriz! Oh, Limbeck, talvez você esteja errado! Talvez este seja um deus de verdade!

— Não — respondeu Haplo. Levantando-se sobre um cotovelo, olhou resolutamente para os gegs surpresos. — Eu era um escravo. — Falou devagar e com voz grave, procurando as palavras na complicada língua dos anões. — Uma vez fui o que vocês são agora, mas meu povo triunfou sobre seus dominadores e vim para ajudá-los a fazer o mesmo.

CAPÍTULO 21



EXÍLIO DE PITRIN, REINO MÉDIO

A viagem através de Exílio de Pitrin foi mais simples do que Hugh tinha previsto. Bane manteve a marcha com valentia e, quando se sentiu cansado, fez o que pôde para não demonstrar. Alfred observava o príncipe com inquietação e, quando este começava a dar sinais de que os pés estivessem doendo, era o chambelan quem anunciava que era incapaz de dar mais um passo. Na realidade, Alfred sofria muito mais que seu pequeno protegido. Os pés do homenzinho pareciam possuir vontade própria e continuamente tomavam caminhos diferentes, tropeçavam em buracos inexistentes e se enredavam com pequenos ramos quase imperceptíveis.

Em consequência disso, o avanço não foi muito rápido; Hugh, entretanto, não os apressou. Não estavam longe de uma baía abrigada pelos bosques no extremo da ilha, onde sua nave estava amarrada e, entretanto, sentia pouca vontade de chegar até ela. Tal sensação o irritava, mas se negou a investigar a causa disso.

A caminhada foi agradável, ao menos para Bane e para Hugh. O ar era frio, mas o sol brilhava e seus raios evitavam que o frio fosse constante. Na estrada encontraram mais viajantes do que o normal, os quais aproveitavam aquele breve intervalo de bom tempo para empreender as viagens urgentes que deviam ser realizadas durante o inverno. O tempo também era bom para os assaltantes Hugh percebeu que todo mundo tinha, como dizia o refrão, um olho no caminho e outro no céu.

Viram três naves élficas, com máscaras de dragão na proa e dotadas de velas como asas, mas passaram muito longe, rumo a algum destino desconhecido, em direção kiracurso. Nesse mesmo dia, uma formação de cinquenta dragões passou também por cima de suas cabeças. Distinguiram os cavaleiros dos dragões em suas cadeiras de montar, com o brilhante sol invernal refletido no casco, na couraça e nas pontas das lanças e setas. O destacamento levava com ele uma feiticeira que voava no centro, rodeada de cavaleiros. A bruxa não carregava armas à vista, só sua magia e esta estava em sua mente. Os cavaleiros também passaram a kiracurso. Os elfos não eram os únicos que aproveitavam os dias limpos e sem vento.

Bane contemplou as naves élficas com assombro infantil, boquiaberto e com os olhos arregalados. Jamais tinha visto nenhuma, afirmou, e teve uma terrível decepção ao perceber que não se aproximavam. De fato, um escandalizado Alfred se viu forçado a impedir que Sua Alteza tirasse o capuz e o utilizasse como bandeira para acenar com ele. Os viajantes que percorriam o caminho não perceberam nada da inconsciente ousadia do menino. Hugh se distraiu observando com pouco interesse como os camponeses se dispersavam em busca de um refúgio até que Alfred conseguiu controlar o entusiasmo do príncipe.

Nessa noite, reunidos em torno da fogueira depois do jantar frugal, Bane foi sentar-se ao lado de Hugh, em vez de ocupar seu lugar habitual perto do chambelan. Agachou-se e se acomodou.

— Pode me falar dos elfos, maese Hugh?

— Como sabe que conheço alguma coisa sobre eles?

Hugh tirou da mochila o cachimbo e a bolsa de esterego. Apoiado em uma árvore e com os pés estirados para as chamas, tirou alguns cogumelos secos da bolsinha de couro e os introduziu na boca lisa e redonda.

Bane não fixou o olhar em Hugh, mas em um ponto à direita dele, acima de seu ombro. Seus olhos azuis ficaram desfocados. Hugh aproximou um pau das chamas e o utilizou para acender o cachimbo. Depois de puxar uma baforada, observou o moço com ociosa curiosidade.

— Vêjo uma grande batalha — anunciou Bane, como se estivesse sonâmbulo. — Vêjo elfos e homens que combatem e morrem. Vêjo derrota e desespero, e depois ouço vozes de homens cantando e vibrando de alegria.

Hugh permaneceu calado por tanto tempo que o cachimbo se apagou. Alfred, incomodado, mudou de posição e apoiou a mão sobre uma brasa. Reprimindo um grito de dor, sacudiu violentamente a mão queimada.

— Alteza — murmurou com voz suplicante, — já lhe disse...

— Não, não importa — interrompeu Hugh. Com gesto despreocupado, tirou a cinza do cachimbo, voltou a enchê-lo e o acendeu de novo. Depois, deu algumas baforadas lentas com a vista fixa no moço. — Você acaba de descrever a batalha dos Sete Campos.

— Você esteve lá.

Hugh deixou escapar para o ar uma fina coluna de fumaça.

— Estive. Assim como quase todos os homens da minha idade, incluindo seu pai, o rei. — Deu uma longa baforada e acrescentou: — Se for isto o que chama de clarividência, Alfred, já vi truques melhores em um botequim de terceira. O moço deve ter escutado a história dos lábios do pai uma centena de vezes.

A expressão de Bane sofreu uma mudança súbita e desconcertante. A felicidade se transformou em uma dor intensa, lacerante. Mordendo o lábio, baixou a cabeça e passou a mão pelos olhos.

Alfred dirigiu um olhar estranho, quase suplicante, a Hugh.

— Asseguro-lhe, maese Hugh, que o dom de Sua Alteza é totalmente real e não deve ser desprezado. Bane, maese Hugh não entende de magia, isso é tudo. Ele lamenta muito. E agora, por que você não pega um caramelo na mochila?

Bane se afastou de Hugh e se aproximou da mochila do chambelan para procurar a guloseima. Alfred baixou a voz para que só Hugh escutasse.

— É que... Saiba, senhor, o rei nunca falou muito com o menino. O rei Stephen nunca se sentiu muito... muito confortável na presença dele.

É claro, pensou Hugh, não deve ser agradável para Stephen olhar para a sua vergonha. Talvez o monarca visse no garoto o rosto de um homem que ele — e a rainha — conheciam muito bem.

As brasas do cachimbo se apagaram. Enquanto esvaziava as cinzas, Hugh encontrou um palito e, depois de aguçar sua ponta com a adaga, introduziu-o na boca do cachimbo para tentar desentupir o corpo. Olhou para o menino e o viu mexendo ainda na mochila.

— Você acha que o menino é realmente capaz de fazer o que diz? Consegue ver imagens no ar.

— Sim, claro que é capaz — assegurou-lhe Alfred com veemência. — O vi fazendo isso muitas vezes para ter dúvidas. E você também deve acreditar, senhor, pois do contrário...

Hugh parou o que estava fazendo e olhou para Alfred.

— Ou o que? Isso me soa como uma ameaça.

Alfred baixou os olhos e sua mão queimada arrancou com gesto nervoso as folhas de uma planta cálice.

— Eu... não pretendia tal coisa.

— Sim, claro que sim. — Hugh deu umas pancadinhas com o cachimbo em uma rocha. — Isto não está relacionado com essa pluma que ele tem no pescoço? Essa que lhe foi dada por um misteriarca..

Alfred ficou mortalmente pálido, tanto que Hugh quase temeu que fosse desmaiar outra vez. O chambelan engoliu várias vezes até que recuperou a voz.

— Eu não...

O ruído de um ramo se quebrando interrompeu-o. Bane retornava para perto do fogo. Hugh viu que Alfred dirigia ao garoto o olhar agradecido do náufrago a quem se lançou um cabo.

O príncipe, ocupado como caramelo, não percebeu. Deixou-se cair ao chão e, pegando um pau, revolveu o fogo.

— Quer ouvir a história da batalha de Sete Campos, Alteza? — perguntou Hugh sem erguer a voz.

O príncipe olhou para ele com olhos brilhantes.

— Aposto que você foi um herói, não é, maese Hugh?

— Peço que me desculpe, senhor — interveio Alfred humildemente, — mas não o vejo como um patriota. Como foi que se envolveu na batalha de liberação de nossa pátria?

Hugh ia responder quando o chambelan franziu o cenho e se levantou de um salto. Agachando-se em frente ao lugar onde estivera sentado, o homenzinho levantou um grande pedaço de coralita cujas bordas afiadas como navalhas cintilavam à luz da fogueira. Por sorte, os calções de couro que usava, adquiridos de um sapateiro, tinham-no protegido de sofrer um bom contratempo.

— Tem razão. Não me importo com a política. — Uma fina coluna de fumaça se elevou dos lábios de Hugh. — Digamos que estava ali a negócios...

Um homem entrou na estalagem e parou piscando sob a luz mortíça. Era a primeira hora da manhã e na sala comum não havia mais que uma mulher desalinhada esfregando o chão e um viajante sentado a uma mesa e oculto na sombra.

— Você é Hugh, a quem chamam a Mão? — perguntou o recém-chegado ao viajante.

— Sim.

— Quero contratá-lo.

O homem pôs uma bolsa diante de Hugh. Este a abriu e inspecionou o interior. Havia moedas, joias e até algumas colheres de prata. Fez uma pausa, extraiu o que sem dúvida era uma aliança de casamento de mulher e observou o homem minuciosamente.

— Reunimos isso entre várias pessoas, pois nenhum de nós é bastante rico para contratá-lo sozinho. Pusemos aí todos os objetos de valor que tínhamos.

— Quem é o alvo?

— Certo capitão a serviço dos nobres para treinar e conduzir os soldados de infantaria no combate. É um mentiroso e um covarde e enviou para morte certa mais de uma patrulha, enquanto ele ficava a salvo na retaguarda e recebia seu salário. Você o encontrará com Warren de Kurinandistai, partindo com o exército do rei Stephen. Ouvi dizer que se dirigem para um lugar chamado Sete Campos, no continente.

— E qual é o serviço especial que quer de mim? Você e... e todos esses. — Hugh apontou para a bolsa de dinheiro.

— Viúvas e parentes dos últimos sob o comando desse homem, senhor — disse o homem, com os olhos brilhantes. — Queremos que ele morra de tal modo que seja evidente que nenhuma mão inimiga o tocou, que ele saiba quem pagou por sua morte e que isto fique em seu corpo. — O homem entregou cerimoniosamente a Hugh um pequeno pergaminho.

— Maese Hugh? — disse Bane, impaciente. — Continue. Conte-me sobre os Sete Campos.

— Foi nos tempos em que os elfos nos governavam. Com o passar dos anos, os elfos relaxaram o controle sobre nossas terras. — Hugh contemplou a fumaça que subia enroscando-se até perder-se na escuridão. — Os elfos consideram os humanos pouco mais que animais, de modo que nos subestimam. Certamente, em muitas coisas têm razão, assim não podemos culpá-los por cometer o mesmo erro uma vez ou outra.

“O conglomerado de Ulyndia, na época de sua dominação, estava dividido em fragmentos e cada um destes era governado nominalmente por um senhor humano, embora na realidade um vice-rei elfo exercesse o controle. Os elfos não tinham que agir para impedir que os clãs humanos se unissem; os clãs colaboravam ativamente para isso.

— Muitas vezes me perguntei por que não exigiram que destruíssem nossas armas, como se fazia nos séculos passados — interveio Alfred.

Hugh sorriu, dando uma nova baforada.

— Por que iriam se preocupar? Era conveniente nos manter armados, pois utilizávamos as armas entre nós e economizávamos uma multidão de problemas. De fato, seu plano funcionou tão bem que terminaram se encerrando em seus refinados castelos sem se preocupar sequer em abrir uma janela e olhar para o que estava acontecendo a seu redor. Sei disso porque costumava escutar suas conversas.

— Fazia isso? — Bane, sentado, inclinou-se para frente com um brilho em seus olhos azuis. — Como? Como sabe tantas coisas sobre os elfos?

No cachimbo, a brasa emitiu seu fulgor avermelhado e foi se apagando até desaparecer. Hugh ignorou a pergunta.

— Quando Stephen e Ana conseguiram unificar os clãs, os elfos abriram por fim as janelas. E por elas entraram flechas e lanças, enquanto os humanos escalavam os muros empunhando espadas. A sublevação foi rápida e bem planejada. Quando a notícia chegou ao império de Tribos, a maioria dos vice-reis elfos tinha perdido a vida ou tinha fugido de sua mansão. Os elfos se vingaram. Reuniram sua frota, a maior jamais vista neste mundo, e zarparam para Ulyandia. Centenas de milhares de preparados guerreiros elfos, junto com seus feiticeiros, enfrentaram milhares de humanos (sem a ajuda de seus magos mais poderosos, pois nessa época os misteriarcas já tinham fugido). Nosso povo não teve a menor chance. Centenas foram mortos. Muitos outros foram feitos prisioneiros. O rei Stephen foi capturado com vida...

— Não por sua vontade! — exclamou Alfred, picado pelo tom irônico da voz de Hugh. O cachimbo brilhou e voltou a apagar-se. Hugh não disse nada e o silêncio impulsionou Alfred a continuar falando, quando não tivera o menor desejo de intervir.

— O príncipe elfo, Reesh'ahn, identificou Stephen e ordenou a seus homens que o capturassem ileso. Os nobres do rei caíram ao lado de seu monarca, defendendo-o. E até quando ficou sozinho, Stephen continuou lutando. Dizem que havia um círculo de mortos a seu redor, pois os elfos não se atreviam a desobedecer seu comandante e, entretanto, ninguém conseguia se aproximar o suficiente para imobilizá-lo antes que fosse morto. Por fim, lançaram-se em massa sobre ele, derrubaram-no e o desarmaram. Stephen lutou com valentia, tanto quanto os demais.

— Não sabia disso — respondeu Hugh. — Só sei que o exército se rendeu...

Desconcertado, Bane olhou para os dois homens.

— Deve estar enganado, mae Hugh! Foi nosso exército que ganhou a batalha dos Sete Campos!

— Nosso exército? — Hugh levantou a sobrancelha. — Não, não foi o exército. Foi uma mulher que derrotou os elfos, uma trovadora que chamavam Gralha Cantora porque dizem que tinha a pele negra como a asa de um corvo e a voz de uma cotovia quando canta suas melodias ao amanhecer. Seu senhor a tinha levado ao campo de batalha para que cantasse sua vitória, suponho, mas terminou entoando seu canto fúnebre. A mulher foi capturada e feita prisioneira como o resto dos humanos, e a conduziram com os outros por uma estrada que atravessava os Sete Campos, uma estrada semeada com os corpos dos mortos e regada com seu sangue. Os cativos formavam uma coluna abatida, pois sabiam o destino que os esperava: a escravidão. Invejando os mortos, avançavam com os ombros caídos e a cabeça baixa.

“E então a trovadora começou a cantar. Era uma velha canção, que todo mundo lembra de sua infância.

— Eu a conheço! — Exclamou Bane com animação. — Essa parte da história já ouvi.

— Cante-a, então — disse Alfred com um sorriso, contente por ver o príncipe animado.

— Chama-se Mão de Fogo.

A voz do pequeno soou aguda e ligeiramente desafinada, mas entusiasmada:

*A Mão que sustenta o Arco e a Ponte,
o Fogo que cerca o Caminho Inclinado,
toda Chama com Coração, coroa a Serra,
todos os Caminhos nobres são Ellsman.* {13}
*O Fogo no Coração guia a Vontade,
a Vontade da Chama, presa pela Mão,
a Mão que move a Canção de Ellsman,
a Canção do Fogo, o Coração e a Terra:
o Fogo nascido no Final do Caminho,
chama uma parte, uma chamada iluminada,
o caminho escuro, o objetivo o chama,
o Fogo conduz ao futuro.
O Arco e a Ponte são pensamentos e coração,
o Trajeto uma vida, a Serra uma parte.*

— Minha babá me ensinou quando eu era pequeno, mas não soube me dizer o que as palavras significavam. Você sabe, maese Hugh?

— Duvido que alguém saiba interpretá-las hoje em dia. A narrativa comove o coração. Gralha Cantora começou a cantá-la e os prisioneiros não demoraram para levantar as cabeças com orgulho, erguidos e marciais, e em fechar filas em formação, dispostos a caminhar com dignidade para a escravidão ou para a morte.

— Ouvi que esta canção é de origem élfica — murmurou Alfred. — E que é anterior à Separação.

— Quem sabe? — Hugh deu de ombros, desinteressado. — Só o que importa é que exerce efeito sobre os elfos. Desde que soaram suas primeiras notas, os elfos ficaram paralisados, com o olhar fixo à frente. Pareciam perdidos em sonho, embora movessem os olhos. Alguns afirmaram estar “vendo imagens”.

Bane ruborizou e sua mão se fechou com força em torno da pluma.

— Os prisioneiros, ao perceberem, continuaram cantando. A trovadora sabia a letra de todos os versos. A maioria dos prisioneiros se perdeu depois da primeira estrofe, mas continuaram entoando a música e intervindo com entusiasmo nos coros. Os elfos deixaram as armas cair. O príncipe Reesh'ahn caiu de joelhos e começou a chorar. E, a uma ordem de Stephen, os prisioneiros escaparam a toda a velocidade que seus pés permitiam.

— Disse muito em favor de Sua Majestade que não ordenou o extermínio de um inimigo indefeso — comentou Alfred.

— Porque o rei sabia — replicou Hugh com um sorriso zombeteiro, — que uma simples espada na garganta da trovadora poderia quebrar o feitiço. Nossos homens também estavam derrotados e só queriam sair daquela situação. Conforme me contaram, o rei pretendia reagrupar as tropas próximo de um dos castelos e atacar novamente. Entretanto, não foi necessário. Os espiões de Stephen informaram que, quando os elfos despertaram do feitiço, foi como se saíssem de um sonho e que só desejavam voltar a dormir. Abandonaram suas armas e seus mortos onde tinham caído, e retornaram para suas naves. Uma vez ali, libertaram seus escravos humanos e voltaram para sua terra.

— E este foi o início da revolução élfica.

— Assim parece. — Hugh deu uma parcimoniosa baforada em seu cachimbo. — O rei elfo declarou seu filho, o príncipe Reesh'ahn, como proscrito e desonrado e o sentenciou ao exílio. Agora, Reesh'ahn se dedica a provocar problemas por todo Aristagon. Fizeram várias tentativas de capturá-lo, mas ele sempre escapou entre os seus dedos.

— E dizem que com ele viaja a trovadora, a qual, segundo a lenda, ficou tão comovida com a dor do príncipe que decidiu segui-lo — acrescentou Alfred em voz baixa. — Juntos entoam esse cântico e, onde vão, encontram novos seguidores.

O chambelan se inclinou para trás, calculou mal a distância que o separava da árvore e deu um sonoro golpe da cabeça contra o tronco.

Bane deu uma risadinha, mas se apressou a tampar a boca com a mão.

— Sinto muito, Alfred — disse arrependido. — Não queria rir. Você se machucou?

— Não, Alteza — respondeu Alfred com um suspiro. — Obrigado por seu interesse. E agora, Alteza, é hora de dormir. Amanhã nos espera uma longa jornada.

— Sim, Alfred. — Bane correu para tirar a manta da mochila — Se concordar, esta noite dormirei aqui — acrescentou então e, dirigindo um tímido olhar para Hugh, estendendo a manta junto a ele.

Hugh ficou em pé bruscamente e se aproximou da fogueira. Batendo a boca do cachimbo contramão, esvaziou as cinzas.

— A rebelião... — Hugh fixou os olhos nas chamas, evitando olhar para o menino. — Já se passaram dez anos e o império de Tribos continua tão forte como sempre. E o príncipe vive como um lobo acossado nas covas das Remotas Kirikai.

— Pelo menos, essa rebelião impediu que nos esmagassem — afirmou Alfred, envolvendo-se em uma manta. — Tem certeza que não sentirá frio tão longe da fogueira, Alteza?

— Sim, sim — respondeu o príncipe com alegria. — Estarei ao lado de maese Hugh.

Sentou-se e abraçou os joelhos. Depois, olhou para Hugh com ar inquisitivo.

— O que você fez na batalha, maese Hugh...?

— Aonde vai, capitão? Tenho a impressão que a batalha é justamente às suas costas...

— O que?

O capitão se sobressaltou ao escutar uma voz quando acreditava estar sozinho. Desembainhou a espada, virou-se e olhou em volta.

Hugh, espada na mão, saiu de trás de uma árvore. A espada do assassino estava vermelha de sangue élfico e o próprio Hugh tinha recebido várias feridas no calor do combate, mas em nenhum instante tinha perdido de vista seu alvo.

Ao ver que se tratava de um humano e não de um elfo, o capitão relaxou e, com um sorriso, baixou sua espada, ainda limpa e brilhante.

— Meus homens estão lá atrás — afirmou, indicando a direção com o polegar. — Eles se encarregarão desses bastardos.

Hugh manteve fixo o olhar, com os olhos entrecerrados.

— Seus homens estão sendo esmagados.

O capitão encolheu os ombros e tratou de continuar seu caminho. Hugh o agarrou pelo braço que empunhava a espada, arrancou-lhe a arma da mão e o obrigou a virar-se para ele. Surpreso, o capitão resmungou e golpeou Hugh com o punho. Mas parou de se debater quando viu a ponta da adaga de Hugh na garganta.

— O que...? — grasnou, suado e ofegante. Seus olhos pareciam a ponto de sair das órbitas.

— Sou chamado de Hugh a Mão. E isto — acrescentou, mostrando a adaga — vem de Tom Puxe, de Henry Goodfellow, de Neds Carpenter, da viúva Tanner, da viúva Giles...

Hugh recitou os nomes. Uma flecha elfa cravou-se em uma árvore próxima com um ruído surdo. Hugh nem mesmo piscou. A adaga não se moveu do lugar.

O capitão emitiu um gemido, encolheu-se e gritou por auxílio, mas naquela trilha eram muitos os humanos que gritavam pedindo ajuda e ninguém respondeu. Seu grito de morte se confundiu com o de muitos outros.

Cumprida sua tarefa, Hugh partiu. Captou a suas costas algumas vozes que entoavam uma canção, mas não prestou muita atenção. Afastava-se imaginando o desconcerto dos monges kir, que encontrariam o cadáver do capitão longe do campo de batalha, com uma adaga no peito e uma nota na mão: “Nunca mais enviarei homens valentes para a morte...”

— Maese Hugh! — A pequena mão de Bane puxava sua manga. — O que fez na batalha?

— Fui enviado ali apenas para entregar uma mensagem.

CAPÍTULO 22



EXÍLIO DE PITRIN, REINO MÉDIO

No princípio da viagem, a estrada que Hugh seguia era larga e limpa e encontraram numerosos viajantes. Em compensação, quando se aproximaram da costa, a estrada estreitou e ficou repleta de buracos, coberta de fragmentos de rocha e de ramos caídos. As árvores hargast, ou “árvores de cristal”, como eram denominadas em certas ocasiões, cresciam silvestres naquela região e eram muito diferentes de suas “primas civilizadas”, que eram cultivadas com esmero nas plantações.

Não existe nada mais belo que uma horta de árvores hargast, com seus troncos reluzindo ao sol e seus ramos cristalinos, cuidadosamente podados, tilintando com seus sons musicais. Os camponeses trabalham entre eles, podando-os para evitar que alcancem seu espetacular tamanho natural, que impede de lhes tirar proveito. A árvore hargast tem a faculdade natural não só de armazenar água, mas também de produzi-la em quantidades limitadas. Quando as árvores são de pequeno tamanho, de nove ou dez palmos de altura, a água produzida não é utilizada para potencializar seu crescimento e pode ser conseguida introduzindo canos nos troncos. O hargast completamente desenvolvido, de mais de cento e cinquenta palmos de altura, utiliza a água para si mesmo e sua casca é muito dura para colocar as torneiras. Em estado silvestre, os ramos desta árvore alcançam tamanhos extraordinários. Duras e frágeis, quebram-se com facilidade e se rompem em fragmentos ao tocar o chão, de tal modo que este fica coberto de letais estilhaços de afiada casca cristalina. Atravessar um bosque de árvores hargast é perigoso e, em consequência, Hugh e seus companheiros encontraram cada vez menos viajantes na estrada.

O vento soprava com força, como acontece sempre perto da costa, pois as correntes de ar que se elevam da parte de baixo da ilha formam torvelinhos que varrem as escarpas. As fortes rajadas faziam o trio se encolher enquanto as árvores rangiam e estremeciam ao seu redor, e mais de uma vez ouviram o estalo de um ramo ao se desprender do tronco e cair ao chão, onde se fazia pedacinhos com estrépito. Alfred se mostrou cada vez mais nervoso, escrutinando o céu em busca de naves elfas e

inspeccionando o bosque com receio de que aparecesse algum guerreiro elfo, apesar de Hugh lhe assegurar, divertido, que os elfos não se incomodavam em fazer incursões por aquela zona de Exílio de Pitrin.

A região era agreste e desolada. Alguns escarpados de corallita se elevavam no ar. As grandes árvores hargast se apertavam à beira do caminho, ocultando o sol com seus galhos pardos, compridos e finos. A folhagem se mantinha na árvore durante o inverno e só caía na primavera, antes que crescessem os novos filamentos que absorveriam a umidade do ar. Era quase meio-dia quando Hugh, depois de prestar uma atenção incomum nos troncos de uma série de árvores hargast que beiravam o caminho, ordenou de repente um alto.

— Ei! — Gritou para Alfred e para o príncipe, que avançavam trabalhosamente a frente dele. — Por aqui.

Bane se virou para olhá-lo, perplexo. Alfred também se virou; ao menos, parte dele o fez. Sua metade superior girou em resposta à ordem de Hugh, mas a metade inferior continuou obedecendo as instruções que já tinha. Quando todo seu corpo ficou de acordo por fim, Alfred se encontrava estendido sobre o pó do caminho.

Hugh aguardou com paciência que o chambelan se levantasse.

— Deixaremos o caminho neste ponto — disse apontando o bosque com um gesto.

— Por aqui? — Alfred observou com receio o denso matagal de árvores hargast que se elevavam imóveis e cujos ramos roçavam com um sinistro tinido musical sob o impulso do vento.

— Eu cuidarei de você, Alfred — disse Bane ao chambelan, pegando sua mão e apertando com força. — Vamos, vamos, não está com medo, não é? Eu não estou assustado, está vendo?

— Obrigado, Alteza — respondeu Alfred, muito sério. — Já me sinto muito melhor. De qualquer modo, se me permitir a pergunta, maese Hugh, por que nos faz tomar esta direção?

— Minha nave voadora está escondida aqui perto.

— Uma nave elfa? — exclamou Bane, boquiaberto.

— Por aqui — voltou a indicar. — Precisamos nos apressar, antes que apareça alguém — acrescentou, enquanto voltava o olhar para um extremo e outro do caminho deserto.

— Oh, Alfred, vamos! Vamos! — O príncipe soltou a mão do chambelan.

— Sim, Alteza — respondeu Alfred, desconsolado, enquanto punha o pé na massa de filamentos putrefatos da primavera anterior que se acumulava na beira do caminho. Escutaram um ruído misterioso, algo saltou e estremeceu entre a vegetação e Alfred fez o mesmo.

— O que... o que foi isso? — perguntou apontando para a mata com um dedo trêmulo.

— Em frente! — grunhiu Hugh, e empurrou Alfred para que avançasse.

O chambelan escorregou. Mais por medo de cair de cabeça entre o desconhecido que por agilidade, conseguiu manter-se em pé entre a vegetação espessa. O príncipe pôs-se a andar atrás dele e manteve o pobre chambelan em um constante estado de pânico ao anunciar a presença de serpentes sob cada rocha e cada tronco caído. Hugh os observou até que a densa folhagem os deixou fora de sua vista... e a ele da sua. Então baixou a

mão ao chão, levantou uma rocha e puxou uma lasca que voltou a colocar no entalhe esculpido no tronco de uma das árvores.

Quando penetrou no bosque, não teve problemas para encontrar de novo os outros dois; um javali abrindo caminho na vegetação não teria feito mais barulho.

Avançando com seu habitual cuidado, Hugh se encontrou ao lado de seus companheiros sem que nenhum dos dois percebesse sua presença. Pigarreou de propósito, pensando que o chambelan poderia cair morto de medo se aparecesse sem se anunciar. Mesmo assim, Alfred quase saiu de sua pele ao ouvir o alarmante som, e esteve a ponto de derramar lágrimas de alívio ao ver que era Hugh.

— Onde... Por onde vamos, senhor?

— Continue em frente. Sairá em um caminho limpo dentro de uns trinta palmos.

— Trinta palmos! — balbuciou Alfred, apontando a mata espessa onde estavam enredados. — Demoraremos ao menos uma hora para avançar essa distância!

— Se algo não nos encontrar antes — brincou Bane com um brilho de animação em seus olhos.

— Muito engraçado, Alteza.

— Ainda estamos muito perto da estrada. Continuem caminhando — ordenou Hugh.

— Sim, senhor — murmurou o chambelan.

Chegaram ao caminho em menos de uma hora, mas o avanço foi árduo apesar de tudo. Embora escuras e sem vida no inverno, as sarças eram como as mãos dos não mortos que mostravam suas unhas afiadas rasgando as roupas e ferindo a carne. No coração do bosque, os três captaram perfeitamente o leve murmúrio cristalino causado pelo roçar do vento contra os ramos das árvores hargast. Soava como se alguém passasse o dedo molhado sobre uma prancha de cristal e produzisse um terrível gemido.

— Ninguém em seu juízo perfeito se meteria neste maldito lugar! — grunhiu Alfred, erguendo a vista para as árvores, com um calafrio.

— Exato — assentiu Hugh sem deixar de abrir caminho entre a vegetação.

Alfred avançava a frente do príncipe e afastava os ramos espinhosos para que Bane pudesse passar sem se ferir, mas as sarças eram tão densas que, frequentemente, isso era impossível. Bane suportou sem queixa os arranhões nas bochechas e nas mãos, lambendo as feridas para aliviar a dor.

“Com que valentia enfrentará a dor da morte?”

Hugh não quisera formular a pergunta e se obrigou a respondê-la. “A mesma que outros garotos que vi.” Afinal, é melhor morrer jovem, como dizem os monges kir. Por que se consideraria mais valiosa a vida de um menino que a de um homem maduro? Em boa lógica, deveria ser menos, pois um adulto contribui para a sociedade e um menino é um parasita. “É algo instintivo”, pensou Hugh. “Nossa necessidade animal de perpetuar a espécie. Só se trata de mais um trabalho. O fato de ser um menino não deve, não pode importar!”

As sarças cederam por fim, tão de repente que, como era lógico, pegaram Alfred de surpresa. Quando Hugh chegou até ele, o chambelan estava estendido de bruços em uma estreita clareira do bosque.

— Para onde? Por ali, não é? — Bane perguntou, dançando cheio de excitação ao redor de Alfred. O caminho só conduzia em uma direção e, deduzindo que devia

levar a nave, o príncipe pôs-se a correr por ele sem dar tempo a Hugh de responder.

Hugh abriu a boca para lhe ordenar que retornasse, mas a voltou a fechá-la bruscamente.

— Senhor, não deveríamos detê-lo? — perguntou Alfred, nervoso, enquanto Hugh esperava que ficasse em pé.

O vento gemia e uivava ao seu redor, impulsionando pequenos fragmentos de cortante coralita e de casca de hargast contra seus rostos. A seus pés as folhas formavam redemoinhos e sobre suas cabeças balançavam os ramos cristalinos das árvores. Hugh aguçou o olhar entre o fino pó e viu o moço correndo temerariamente pelo caminho.

— Nada lhe acontecerá. A nave não está longe e não pode errar o caminho.

— Mas... assassinos?

“O garoto está fugindo de seu único perigo real”, pensou Hugh em silêncio. “Que fuja.”

— Nestes bosques não há ninguém. Eu teria visto os rastros.

— Se não se importar, senhor, Sua Alteza é minha responsabilidade. — Alfred avançou um par de passos pelo caminho. — Devo acompanhá-lo...

— Vá em frente — Hugh concordou, movendo a mão.

Alfred sorriu e moveu a cabeça em um gesto de servil agradecimento. Logo, pôs-se a correr. Hugh quase esperava ver o chambelan cair na primeira mudança de rumo, mas Alfred conseguiu que seus pés o sustentassem e apontassem na mesma direção que seu nariz. Balançando seus longos braços e com as mãos batendo como asas nos flancos, o homenzinho se lançou pelo caminho atrás do príncipe.

Hugh se atrasou, andando mais devagar, como se esperasse que algo incerto e desconhecido acontecesse. Tinha experimentado às vezes aquela sensação como a proximidade de uma tormenta: uma tensão, uma comichão na pele. Entretanto, o ar não cheirava a chuva nem sentia o acre aroma do relâmpago. Os ventos sempre sopravam com força na costa...

O ruído de um rangido fendeu o ar com tal potência que o primeiro pensamento de Hugh foi que se tratava de uma explosão e, o segundo, que os elfos tinham descoberto a nave. O estrépito que seguiu e o grito de dor, revelaram a Hugh o que tinha acontecido na realidade.

E o sentiu uma triste sensação de alívio.

— Socorro, maece Hugh! Ajude-me! — A voz de Alfred, entrecortada pelo vento, era quase ininteligível. — Uma árvore! Uma árvore... caído... meu príncipe!

“Uma árvore, não”, pensou Hugh; “um ramo.” Um de bom tamanho, a julgar pelo ruído. Derrubado pelo vento, tinha caído na metade do caminho. Hugh tinha visto aquilo muitas vezes naquele bosque; em algumas ocasiões, ele mesmo tinha escapado por pouco algumas vezes.

Não se apressou. Era como se o monge negro que estava a seu lado o tivesse agarrado pelo braço e sussurrasse: “Não é necessário que se apressar”. As lascas de um ramo de hargast eram afiadas como pontas de flecha. Se Bane estava vivo, não seria por muito tempo. No bosque havia plantas que aliviarium sua dor, que adormeceriam o menino e que, embora Alfred nunca soubesse, acelerariam sua morte.

Hugh continuou avançando lentamente pelo caminho. Os gritos pedindo auxílio de Alfred tinham parado. Talvez tivesse percebido a sua inutilidade, ou possivelmente tinha encontrado o príncipe morto. Levariam o corpo a Aristagon e o deixariam ali,

como Stephen queria. Pareceria que os elfos tinham abusado do garoto antes de matá-lo, o que inflamaria ainda mais os humanos. O rei Stephen teria sua guerra, e que fizesse bom proveito.

Mas isto não era assunto dele. Levaria consigo o chambelan trapalhão para que o ajudasse e, ao mesmo tempo, para lhe surrupiar a trama que sem dúvida encobria e apoiava. Depois, com Alfred, Hugh entraria em contato com o rei de um lugar seguro e exigiria que lhe pagasse o dobro. Diria...

Ao dobrar uma curva do caminho, Hugh viu que Alfred não se errara ao dizer que uma árvore tinha caído. Um ramo enorme, maior que muitos troncos, quebrou-se sob a força do vento e, em sua queda, tinha partido pela metade o tronco de um velho hargast. A árvore devia estar podre, para ter se partido daquele modo. Ao aproximar-se, Hugh viu no que restava do tronco, que os insetos tinham sido os verdadeiros assassinos da árvore.

Mesmo caída no chão, o ramo tinha outros galhos que ultrapassavam Hugh em altura. Os ramos que tinham se chocado com o chão ficaram em pedacinhos e tinham lançado uma ampla onda de devastação através do bosque. Os restos cristalinos obstruíam totalmente o caminho, e o pó levantado pela queda ainda enchia o ar. Hugh olhou entre os ramos mas não conseguiu ver nada. Subiu sobre o tronco caído e, quando chegou ao outro lado, deteve-se para observar de novo.

O menino, que deveria estar morto, encontrava-se sentado no chão e esfregava a cabeça, desconcertado e perfeitamente vivo. Tinha as roupas sujas e rasgadas, mas elas já estavam assim quando tinha entrado no bosque. Hugh estudou ao menino com o olhar e viu que não havia fragmento algum de casca ou de filamentos em seus cabelos. Tinha sangue no peito e nos farrapos da camisa, mas o resto de seu corpo estava intacto. Hugh contemplou o tronco partido e voltou seu olhar para o caminho, fazendo alguns cálculos mentais. Bane estava sentado exatamente no ponto em que o ramo devia ter caído, e em torno do qual se amontoavam as lascas afiadas e mortais.

E entretanto, não estava morto.

— Alfred... — chamou Hugh.

E então viu o chambelan, agachado junto ao menino, de costas para o assassino, concentrado em algo que Hugh não conseguiu ver. Ao som da sua voz, o corpo do Alfred deu um salto e ele se levantou como se alguém o tivesse puxado com uma corda presa ao pescoço. Hugh viu por fim o que estava fazendo: enfaixando um corte na mão.

— Oh, senhor! Agradeço tanto que esteja aqui...

— O que aconteceu? — perguntou Hugh.

— O príncipe Bane teve uma sorte extraordinária, senhor. Nos livramos de uma tragédia terrível. Por muito pouco, o ramo não caiu em cima de Sua Alteza.

Hugh, que estava olhando fixamente para Bane, percebeu a expressão de estranheza do pequeno ao escutar seu chambelan. Alfred não se deu conta, pois tinha os olhos na mão ferida, que tinha tentado enfaixar (sem muito êxito, ao que parecia) com uma tira de tecido.

— Ouvi o garoto gritar — afirmou.

— De medo — explicou Alfred. — Eu comeci a correr...

— Está ferido? — Hugh voltou um olhar desconfiado para Bane e apontou o sangue no peito do príncipe e na parte dianteira de sua camisa.

Bane olhou para o peito.

— Não, eu...

— O sangue é meu, senhor — interrompeu Alfred. — Quando vinha correndo para ajudar Sua Alteza, cai e cortei a mão.

Alfred exibiu a ferida. Era um corte profundo, que gotejava sangue sobre os restos destrocados do ramo. Hugh observou o príncipe para estudar sua reação à declaração de Alfred e viu o cenho franzido do moço, que continuava olhando para o peito atentamente. Hugh tentou descobrir o que tinha chamado a atenção do príncipe, mas só viu a mancha de sangue.

Ou era aquilo? Hugh começou a inclinar-se para frente para examiná-la melhor quando Alfred, com um gemido, cambaleou e rolou pelo chão. Hugh cutucou o chambelan com a ponteira da bota, mas não obteve resposta. Uma vez mais, Alfred tinha desmaiado.

Ao levantar os olhos, encontrou Bane limpando o sangue de seu peito com a manga da camisa. Bem, houvesse ali o que houvesse, agora já não estava ali. Sem se preocupar com o inconsciente Alfred, Hugh se dirigiu ao príncipe.

— O que aconteceu realmente, Alteza?

Bane olhou para ele com olhos assustados.

— Não sei, maese Hugh. Lembro de um rangido e depois... — encolheu os ombros, — isso é tudo.

— O ramo caiu em cima de você?

— Não me lembro.

Bane se levantou, movendo-se com cuidado entre as lascas afiadas do cristal. Depois, limpando roupa, foi ajudar o chambelan.

Hugh arrastou o corpo exânime do chambelan para fora do caminho e o apoiou contra o tronco de uma árvore. Depois de alguns tapas nas bochechas, Alfred começou a voltar a si, piscando agitado.

— Eu... sinto muito, senhor — murmurou Alfred, tentando levantar-se e fracassando penosamente. — É a visão do sangue. Jamais pude...

— Então, não olhe — cortou Hugh, vendo que o horrorizado olhar de Alfred ia para a mão e voltava a perder-se enquanto lhe rodava a cabeça.

— Está bem, senhor... Não vou olhar. — O chambelan fechou com força as pálpebras. Ajoelhado a seu lado, Hugh lhe enfaixou a mão, aproveitando a oportunidade para examinar a ferida. Era um corte limpo e profundo.

— Com o que você se cortou?

— Com um pedaço de casca, acredito.

“Mentiroso!”, pensou Hugh. “Isso lhe teria produzido um corte irregular. A ferida é produto de uma faca afiada...” ouviu-se outro rangido, seguido de um estrondo.

— Sartan bendito! O que foi isso? — Alfred arregalou os olhos e começou a tremer de tal maneira que Hugh teve que lhe agarrar a mão e sustentá-la com força para terminar de ajustar a atadura.

— Nada — respondeu Hugh. Sentia-se completamente perplexo e não gostava da sensação, assim como não tinha gostado da sensação de alívio por não ter que matar o príncipe. Não gostava nada daquilo. A árvore tinha caído em cima de Bane, tão certo quanto a chuva caía do céu. O príncipe deveria estar morto.

Que diabos estava acontecendo?

Hugh deu um enérgico puxão na atadura. Quanto antes se livrasse do garoto, melhor. Qualquer sensação de desgosto que tivesse experimentado ante a perspectiva de matar um menino foi rapidamente sufocada.

— Ai! — Exclamou Alfred. — Obrigado, senhor — acrescentou humildemente.

— Vamos, em pé, não podemos nos atrasar mais. Vamos para a nave.
Em silêncio, sem trocar um olhar, os três retomaram o caminho.

CAPÍTULO 23



EXÍLIO DE PITRIN, REINO MÉDIO

É isso? — O príncipe agarrou o braço de Hugh e apontou a cabeça de dragão que se via flutuar sobre as folhas. O corpo principal da nave ainda estava oculto à vista pelas altas árvores hargast que a rodeavam.

— Sim, é isso — respondeu Hugh.

O menino olhou para cima, cheio de curiosidade e temor. Foi preciso um empurrão de Hugh para obrigá-lo a se colocar em marcha de novo.

Não era uma cabeça de dragão de verdade; só uma máscara esculpida e pintada, mas os artesãos elfos são muito hábeis e a máscara parecia mais real e muito mais feroz que a maioria dos dragões vivos que sulcavam os ares.

A cabeça tinha aproximadamente o mesmo tamanho de um dragão de verdade, pois a nave de Hugh era pequena, para um só tripulante, projetada para navegar entre as ilhas e continentes do Reino Médio. As máscaras das gigantescas naves que os elfos utilizavam nas batalhas ou para descer ao Torvelinho eram tão grandes que um homem de dez palmos podia caminhar pelo interior de suas bocas abertas sem ter que se abaixar.

A cabeça do dragão estava pintada de negro, com os olhos vermelhos chamejantes e as presas brancas a mostra em um gesto de ferocidade, e oscilava acima deles, olhando à frente com uma expressão malévola e um ar tão ameaçador que tanto para Alfred como Bane foi difícil deixar de observá-la enquanto se aproximavam. (Na terceira vez que Alfred tropeçou em um buraco e caiu de joelhos, Hugh ordenou que não tirasse os olhos do chão.)

O caminho que tinham seguido através do bosque os conduziu a uma fenda natural em um escarpado. Quando chegaram ao outro lado, saíram em um pequeno terreno baixo. Em seu interior apenas se ouvia o vento, pois as paredes do escarpado lhe cortavam o caminho. No centro flutuava a nave dragão. A cabeça e a cauda sobressaíam das paredes do escarpado e o corpo estava imobilizado através de numerosos cabos amarrados às árvores. Bane lançou uma exclamação de prazer e Alfred, elevando a vista à nave, deixou que escorregasse dos dedos, sem perceber, a mochila do príncipe.

Esbelto e garboso, o pescoço do dragão, com uma crina espinhosa que era ao mesmo tempo decorativa e funcional, dobrou-se para trás até tocar o casco da nave, que constituía o corpo do dragão. O sol da tarde brilhou em suas escamas negras e nos olhos acesos.

— Parece um dragão de verdade! — Suspirou Bane. — Só que mais poderoso.

— É o aspecto que deve ter, alteza — disse Alfred com uma insólita nota de severidade em sua voz. — Foi feito com o pele de um dragão e as asas são de um dragão morto pelos elfos.

— Asas? Onde estão as asas? — Bane estirou o pescoço até quase cair de costas.

— Estão presas ao corpo. Agora não as vê, mas aparecerão quando emprendermos o voo. — Hugh os apressou. — Vamos, quero zarpar esta noite e ainda existem muitas coisas a fazer.

— O que sustenta a nave então, se não são as asas? — perguntou Bane.

— A magia — respondeu Hugh com um grunhido. — E agora, andem!

O príncipe se lançou a frente e parou de repente para tentar agarrar com um salto uma das cordas. Não conseguiu e correu até situar-se sob a barriga da nave, onde ergueu a cabeça até se sentir enjoado.

— Então senhor, foi assim que conheceu tantas coisas dos elfos... — comentou Alfred em voz baixa.

Hugh lhe dirigiu um olhar de soslaio, mas o chambelan manteve uma expressão insossa, que só mostrava uma ligeira preocupação.

— Sim — respondeu o assassino. — A nave precisa renovar sua magia uma vez a cada ciclo, e sempre é preciso fazer algum reparo menor: uma asa rasgada ou um rasgo na pele que cobre a armação.

— Onde aprendeu a pilotar? Ouvi dizer que requer uma grande habilidade.

— Fui escravo em uma nave de transporte de água durante três anos.

— Sartan bendito! — Alfred se deteve para contemplá-lo.

Hugh lhe lançou um olhar irritado e o chambelan, continuou avançando.

— Três anos! Nunca ouvi que alguém tivesse sobrevivido tanto! E, apesar disso, ainda é capaz de fazer negócios com eles? Não deveria odiá-los?

— No que me beneficiaria odiá-los? Os elfos fizeram o que deviam, e eu também. Aprendi a pilotar suas naves e falo seu idioma com fluência. Não, Albert; tenho percebido que o ódio costuma custar mais do que um homem pode pagar.

— O que me diz do amor? — perguntou Alfred com suavidade.

Hugh não se incomodou sequer em responder.

— Por que uma nave? — O chambelan achou conveniente mudar de assunto. — Por que arriscar-se com ela? As pessoas de Volkaran a despedaçariam se a descobrissem. Um dragão de verdade não serviria?

— Os dragões se cansam. É preciso cuidar deles. Podem ser feridos, ficar doentes ou morrer. Além disso, sempre se corre o risco de que o feitiço se quebre e alguém o encontre mantendo o animal afastado, discutindo com ele ou tranquilizando seu ataque de histeria. Com esta nave, a magia dura um ciclo. Se sofrer danos, mando reparar. Com esta nave, tenho sempre o controle.

— E isso é o que conta, não é? — replicou Alfred, mas o fez em um murmúrio inaudível.

A precaução de Alfred era desnecessária pois Hugh tinha concentrado toda sua

atenção na nave. Passando por baixo dela, inspecionou detida e meticulosamente cada palmo da quilha, da cabeça até a cauda (de proa a popa). Bane o seguiu, fazendo uma pergunta atrás de outra.

— Para que serve esse cabo? Por que? O que a faz funcionar? Por que não nos apressamos e partimos já? O que está fazendo?

— Porque se descobrirmos alguma imperfeição lá em cima, Alteza — Hugh apontou para o céu, — não será preciso repará-lo.

— Por que?

— Porque estaremos mortos.

Bane guardou silêncio durante um par de segundos e logo começou outra vez:

— Como isso se chama? Não consigo ver as letras. Asa... Asa de...

— Asa de Dragão.

— Quanto mede?

— Setenta e cinco palmos.

Hugh inspecionou a pele de dragão que cobria o casco. As escamas negro-azuladas emitiam brilhos coloridos ao contato com os raios do sol. Depois de percorrer a quilha em todo o comprimento e largura, Hugh se convenceu de que não faltava nada.

Rodeou a nave até a parte frontal, com Bane colado aos seus calcanhares, estudou com atenção dois grandes painéis de cristal situados na zona correspondente ao peito de um dragão. Os painéis, projetados para parecer as placas peitorais da armadura de um dragão, eram na realidade duas janelas. Hugh franziu o cenho ao ver alguns arranhões em uma delas. Um ramo devia haver roçado ali em sua queda.

— O que há aí trás? — quis saber Bane ao ver o olhar concentrado de Hugh.

— A sala de comando. É onde fica o piloto.

— Poderei entrar? Você me ensinará a voar?

— Aprender a pilotar uma nave requer meses e meses de estudo, Alteza — interveio Alfred, vendo que Hugh estava muito ocupado para responder. — Não só isso, o piloto também precisa ter muita força física para manobrar as velas.

— Meses? — Bane parecia decepcionado. — Mas, o que é preciso aprender? Simplesmente, alguém sobe aí — fez um gesto com a mão — ... e a faz voar!

— É preciso saber como chegar ao lugar de destino — explicou o chambelan. — Em céu aberto, conforme me disseram, não há pontos de referência e às vezes é difícil distinguir onde fica acima e abaixo. Alguém deve saber utilizar os equipamentos de navegação de bordo, além de conhecer as rotas celestes e as aeropistas...

— Tudo isso não é difícil de aprender. Eu ensinarei — disse Hugh ao ver a expressão abatida do menino. O rosto do Bane se iluminou.

Enquanto retorcia o amuleto, pôs-se a correr atrás de Hugh, que já estava de novo percorrendo o casco para examinar as junções onde o metal e o osso se fundiam com a quilha de epsol.^[14] Não encontrou nenhuma rachadura. Teria ficado surpreso se encontrasse, pois era um piloto habilidoso e precavido. Tinha sido testemunha do que acontecia a quem não era e se descuidava de suas naves.

Hugh continuou até a popa. O casco se elevava em um arco gracioso, formando o castelo. Uma única asa de dragão — o leme da nave — pendia do final do casco. Vários cabos presos à extremidade do leme balançavam flacidamente ao vento. Agarrando-se à corda, Hugh balançou as pernas e se pendurou à parte inferior do leme.

Dali, à força de braços, subiu por um cabo.

— Deixe-me ir com você, por favor!

No chão, Bane saltava para agarrar a corda sacudindo os braços como se pudesse voar sem ajuda.

— Não, Alteza! — Exclamou um pálido Alfred, tomando o príncipe pelo ombro e prendendo-o com força contra si. — Na verdade, vamos subir em seguida. Agora, deixe que maese Hugh continue seu trabalho.

— Está bem — aceitou Bane. — Ouça, Alfred, por que não vamos procurar algumas vagens para levar

— Vagens, Alteza? — disse Alfred, um pouco desconcertado. — Que tipo de vagens?

— As que encontrarmos. Podemos comê-las no jantar. Sei que crescem em bosques como este; Drogle me disse.

O menino tinha os olhos muito abertos, expressão que costumava usar quando fazia alguma proposta; seus olhos azuis brilhavam ao sol do meio-dia. Seus dedos brincavam com o amuleto.

— Um serviçal não é companhia adequada para Sua Alteza — replicou Alfred, dirigindo um olhar aos cabos amarrados às árvores ao alcance da mão e que pareciam colocados ali quase de propósito para que um menino subisse por eles. — Está bem, Alteza, vamos juntos procurar vagens.

— Não se afastem — advertiu Hugh do alto.

— Não se preocupe, senhor — respondeu Alfred com voz oca.

Os dois entraram no bosque, o chambelan escorregando nos terrenos baixos e o moço penetrando resolutamente até perder-se entre o mato espesso.

— Vagens — murmurou Hugh.

Agradecendo que tivessem desaparecido, concentrou-se na nave. Agarrado ao corrimão da amurada, subiu à coberta superior. O piso de madeira aberto — uma prancha a cada quatro palmos — permitia caminhar, embora não fosse fácil fazê-lo. Hugh estava acostumado e avançou de prancha em prancha, tomando nota mental de impedir que o desastrado Alfred subisse ali. Debaixo das pranchas corria o que a olhos de um navegante amador pareceria um número entristecedor e desconcertante de cabos de controle. Deitado sobre o piso de madeira, examinou os cabos para verificar se estavam desfiados ou gastos.

Gastou muito tempo na inspeção. Fazê-la com pressa poderia causar o rompimento de algum cabo das asas com a conseqüente perda de controle. Bane e Alfred retornaram pouco depois de ter terminado o trabalho. A julgar pela conversa animada do menino, Hugh deduziu que a coleta de vagens tinha sido frutífera.

— Podemos subir? — gritou Bane.

Hugh empurrou com o pé um cilindro de corda preso à coberta. A corda se desdobrou junto ao flanco da nave, formando uma escala que ficou pendurada quase ao até o nível do chão. O príncipe subiu por ela animado. Alfred dirigiu um olhar aterrorizado à escala e anunciou sua intenção de ficar em baixo para guardar a bagagem.

— É maravilhoso! — exclamou Bane, saltando a amurada. Hugh o pegou bem a tempo de impedir que caísse entre as pranchas.

— Fique aqui e não se mova — ordenou Hugh, empurrando o moço contra a

amurada. Bane apareceu pela amurada e contemplou o casco.

— O que é essa peça larga de madeira ali embaixo...? Ah, já sei! São as asas, não é? — disse com voz aguda e excitada.

— É um mastro — explicou Hugh, inspecionando o pau com olho crítico. — A nave tem dois, unidos ao pau maior ali, no castelo de proa.

— São como as asas de um dragão? Batem no ar para cima e para baixo?

— Não, Alteza. Uma vez estendidas, parecem-se mais as asas de um morcego. É a magia que sustenta a nave. Fique aí um momento. Vou soltar o mastro e verá.

O mastro se desdobrou para fora, abrindo com ele a asa de dragão. Hugh puxou um cabo para impedir que se estendesse muito, pois isso colocaria em ação a magia e decolaria prematuramente. Soltou o mastro de bombordo e se certificou de que o mastro central, que se estendia ao longo da nave apoiado em sua armação, estivesse livre de travas para elevar-se como devia. Quando teve certeza que tudo funcionava a seu gosto, apareceu pela amurada.

— Alfred, vou baixar um cabo para os sacos. Amarre-os bem. Depois que fizer isso, solte as amarras. A nave se elevará um pouco, mas não se preocupe: não decolará até que as asas laterais estejam estendidas e a central fique completamente levantada. Quando todos os cabos estiverem livres, suba pela escala.

— Subir por ali! — Alfred contemplou horrorizado a escala de corda que balançava sob a brisa.

— A menos que saiba voar — sentenciou Hugh enquanto lançava o cabo pela amurada.

O chambelan o amarrou às mochilas e deu um puxão para indicar que podiam subir. Hugh as içou até a coberta. Entregou um saco a Bane, disse-lhe que o seguisse e se dirigiu a proa, saltando de prancha em prancha. Depois de abrir uma escotilha, baixou os degraus de uma robusta escada de madeira seguido de um jubiloso Bane.

Penetraram em um estreito corredor que, sob a coberta superior, ligava a sala de comando da nave com os camarotes, os compartimentos de carga e as dependências do piloto, situadas no castelo de popa. O passadiço estava escuro, em contraste com a luminosidade do exterior, e tanto o homem como o menino se detiveram para adaptar seus olhos à escuridão.

Hugh notou que uma mão agarrava com força a sua.

— Não posso acreditar que vá voar de verdade em uma nave como esta sabe, maese Hugh? — Acrescentou Bane com melancólica jovialidade, — uma vez que tenha voado em uma nave dragão, cumpriram-se todos os meus desejos nesta vida. Sinceramente, acredito que depois disto morreria contente.

Hugh sentiu uma dor opressiva no peito que quase o sufocou. Ficou sem respiração e, durante um longo instante, sem visão. E não era a escuridão do interior da nave o que o cegava. Era o medo, pensou; o medo de que o garoto tivesse descoberto suas intenções. Sacudindo a cabeça para afastar de seus olhos a sombra que tinha caído sobre eles, virou-se e olhou intensamente para o menino.

Mas Bane o contemplava com afetuosa inocência, não com malévola astúcia. Hugh sacudiu a mão para largar a do pequeno.

— Alfred e você dormirão nesse camarote — indicou. — Ponha a bagagem aí. — Acima de suas cabeças se ouviu um golpe surdo, seguido de um gemido afogado. — Alfred? Desça aqui e cuide do príncipe. Eu tenho muito trabalho a fazer.

— Sim, senhor — respondeu a voz tremula do chambelan, que deslizou (escorregou, na realidade) pela escada e aterrissou na cobertura inferior feito um saco.

Hugh deu meia volta bruscamente e se afastou para a sala de comando, afastando Alfred de seu caminho, sem dizer uma palavra.

— Sartan piedoso! — exclamou o chambelan, retirando-se para não ser derrubado. Contemplou Hugh enquanto se afastava e depois se virou para Bane. — Fez ou disse algo para incomodá-lo, Alteza?

— Certamente que não, Alfred — respondeu o moço enquanto agarrava a do chambelan. — Onde deixou as vagens?

— Posso entrar?

— Não. Fique na escotilha — ordenou Hugh.

Bane apareceu na sala de controle e seus olhos se arregalaram de assombro.

Depois, soltou uma risada.

— Parece que está preso em uma enorme teia de aranha! Para que são todos esses cabos? E por que vestiu essa coisa?

A peça que Hugh estava ajustando ao corpo parecia um peitilho de couro, do qual saíam numerosos cabos presos com ganchos. Os cabos, que se estendiam em diversas direções, passavam por um complexo sistema de polias penduradas do teto.

— Em toda minha vida não tinha visto tanta madeira! — A voz de Alfred flutuou na sala. — Nem sequer no palácio real. Só pela madeira, esta nave deve valer seu peso em barls. Por favor, Alteza, não entre aí. E nem pense em tocar nesses cabos!

— Posso ir olhar pelas janelas? Por favor, Alfred! Não vou incomodar.

— Não, Alteza — interveio Hugh. — Se um desses cabos se enroscar no seu pescoço, seria decapitado num instante.

— De onde está pode ver bastante bem. Muito bem, diria eu — acrescentou Alfred, com o rosto ligeiramente esverdeado. O solo ficava muito abaixo e só o que se via eram as copas das árvores e a parede de um penhasco de coralita.

Uma vez o arnês devidamente ajustado, Hugh se instalou em uma cadeira de madeira de respaldo alto cravada no piso no centro da sala de comando. A cadeira girava para os dois lados, facilitando as manobras do piloto. A sua frente, surgindo entre as pranchas do chão, havia uma longa alavanca de metal.

— Por que precisa vestir isso? — Bane quis saber, contemplando o arnês.

— Assim posso manipular os cabos com facilidade, impedir que se prendam e saber onde cada um termina.

Hugh tocou a alavanca com o pé. Uma série de alarmantes golpes percorreu a nave. Os cabos deslizaram pelas polias até ficarem tensos. Hugh puxou vários deles, presos ao peito. Sua ação provocou vários rangidos e ruídos surdos, um brusco bamboleio, e todos notaram que a nave se elevava ligeiramente sob seus pés.

— As asas estão se desdobrando e a magia começa a funcionar — disse Hugh.

Uma bola de cristal que utilizava como sextante, situada acima da cabeça do piloto, começou a emitir uma suave luz azulada. Em seu interior apareceram alguns símbolos. Hugh puxou os cabos com mais força e, de repente, as copas das árvores e a parede do escarpado começaram a desaparecer do campo de visão. A nave estava subindo.

Alfred ofegou e retrocedeu cambaleando, procurando apoio na parede para não perder o equilíbrio. Bane, saltando de alegria, bateu palmas. De repente, a escarpa e as árvores desapareceram e surgiu a imensidão do firmamento, azul e espaçoso.

— Oh! Mãe Hugh posso subir à cobertura? Quero ver para onde vamos.

— Não, Alteza... — começou a responder Alfred.

— Claro que sim — Hugh o interrompeu. — Olhe pela escada que usamos para descer. Segure firme no corrimão e o vento não o levará.

Bane saiu rapidamente e, após um momento, Hugh e Alfred escutaram seus passos acima deles.

— O vento! — Exclamou o chambelan. — Ele pode cair!

— Não lhe acontecerá nada. Os magos elfos estendem uma rede mágica em torno da nave. Não poderia saltar mesmo que quisesse. Enquanto as asas estiverem estendidas e a magia funcionar, está a salvo. — Hugh lançou um breve e divertido olhar para Alfred. — Mas talvez queira subir para vigiá-lo...

— Sim, senhor — respondeu o chambelan, engolindo em seco. — Eu... é melhor que faça o que diz.

Mas não se moveu. Agarrado a amurada como se sua vida dependesse disso e com o rosto paralisado e branco como as nuvens que passavam junto a eles, Alfred manteve o olhar fixo no céu azul.

— Alfred? — insistiu Hugh enquanto puxava um dos cabos. A nave se inclinou para a esquerda e de repente apareceu a vista a fugaz e vertiginosa visão da copa de uma árvore.

— Já vou, senhor. Agora mesmo — assegurou o chambelan, sem mover um músculo.

Na cobertura superior, Bane apareceu sobre a passarela, extasiado pela visão panorâmica. Distinguiu Exílio de Pitrin deslizando atrás da nave. Debaixo e a frente dele se abria um céu azul pintalgado de nuvens brancas. A pele coriácea das asas de dragão, estendidas de ambos os lados vibrava com o avanço da nave. A asa central se elevava vertical atrás de sua posição, balançando ligeiramente para frente e para trás.

O menino levou a mão ao amuleto e, sem perceber, começou a passar a pluma pelo queixo enquanto murmurava:

— A nave é controlada pelo o arnés. A magia sustenta a flutuação. As asas são iguais as de um morcego. A bola de cristal indica onde a nave está. — Ficou nas pontas dos pés e olhou para baixo, perguntando se dali poderia ver o Torvelinho. — Realmente, é simples — acrescentou enquanto brincava distraidamente com a pluma.

CAPÍTULO 24



EM CÉU ABERTO, REINO MÉDIO

A nave dragão cruzou a noite estrelada, planando com a magia elfa e as correntes de ar que se elevavam sobre a ilha flutuante de Djern Hereva. Enfiado no arnês de piloto e acomodado na reduzida sala de comando, Hugh acendeu o cachimbo e relaxou, deixando que a nave quase voasse sozinha. Um esporádico puxão dos cabos presos ao arnês fazia oscilar as asas para apanhar as correntes de ar e deslizar sem esforço pelo céu, de um redemoinho ao seguinte, avançando pro curso para Aristagon.

Hugh manteve uma vaga vigilância do céu em busca de outros transportes alados, fossem vivos ou mecânicos. A bordo da nave, era muito vulnerável ao ataque de seus congêneres humanos, pois os cavaleiros dos dragões o tomariam imediatamente por um espião elfo. Entretanto, Hugh não estava muito preocupado, pois conhecia as rotas aéreas que os cavaleiros de dragões seguiam em suas incursões contra Aristagon ou contra os comboios elfos. Para evitar riscos, tinha levado a nave muito acima, onde considerava improvável que alguém os incomodasse. E, se tropeçasse com alguma patrulha, poderia sempre se esquivar ocultando-se entre as nuvens.

A atmosfera estava calma, o voo era fácil e Hugh teve um momento para pensar. E foi então que decidiu não matar o príncipe. A necessidade de tomar uma decisão já lhe rondava a cabeça fazia algum tempo, mas tinha atrasado o momento de pensar nisso até aquele instante, em que se achava a sós e tudo a seu redor estava tranquilo e propício para reflexões. Hugh jamais havia deixado de cumprir um contrato e precisava convencer-se de que seu raciocínio era lógico e válido, e não influenciado pelos sentimentos.

Os sentimentos. Embora houvesse sentido interiormente alguma simpatia por ter sido um menino com uma infância semelhante a de Bane — uma infância fria, triste e sem amor, — o assassino era insensível à sua própria dor, e muito mais a dos outros. Deixaria o garoto viver simplesmente porque seria mais valioso vivo que morto.

Hugh não tinha pensado muito em seus planos. Necessitava de tempo para pensar, para tirar a verdade de Alfred, para desvendar os mistérios que envolviam o

príncipe. Hugh tinha um esconderijo em Aristagon, que utilizava quando precisava reparar a nave. Iria até lá e esperaria até ter todas as informações; depois, ou voltaria para enfrentar Stephen com estes conhecimentos e exigir mais dinheiro em troca de guardar silêncio, ou entraria em contato com a rainha para saber quanto estava disposta a pagar pela devolução de seu filho. Hugh pensou que, fosse qual fosse a decisão, faria uma fortuna.

Quando já tinha se acostumado à rotina de pilotar a nave, coisa que podia fazer com o corpo e uma parte de sua mente enquanto a outra seguia perdida em profundos pensamentos, o objeto destes colocou sua cabeça pela escotilha.

— Alfred enviou algo para jantar.

Os olhos do moço, vivazes e curiosos, estudaram os cabos presos ao arnês, sobre os quais Hugh apoiava comodamente os braços.

— Aproxime-se — convidou o piloto. — Mas tome cuidado com o que toca e onde pisa. E mantenha distância dos cabos.

Bane fez o que lhe dizia e, penetrando pela escotilha, pôs os pés na sala de comando com extremo cuidado. Tinha nas mãos um tígela de carne e verduras. O jantar já estava frio, pois Alfred a tinha preparado antes de deixar o Exílio de Pitrin e a tinha reservado para tomá-la quando houvesse ocasião. Entretanto, o aroma era delicioso para um homem acostumado, como um bom viajante, a viver de pão e queijo ou a padecer dos gordurosos cozidos de alguma estalagem.

— Traga isso aqui. — Com alguns tapinhas, Hugh esvaziou a cinza do cachimbo em um recipiente de louça. Depois, estendeu as mãos para pegar a tígela.

Bane arregalou os olhos assombrado.

— Não está pilotando a nave?

— Ele pode voar sozinha — afirmou Hugh, pegando a tígela e levando a boca a colher de osso.

— E não vamos cair? — insistiu Bane, olhando pelas janelas de cristal.

— A magia mantém a flutuação e, mesmo que não o fizesse, as asas poderiam nos sustentar neste ar calmo. Só tenho que garantir que continuem estendidas. Se as fechasse, começaríamos a cair.

Bane assentiu, pensativo, e voltou seus olhos azuis para Hugh.

— Quais são os cabos para fechá-la?

— Estes. — Apontou dois cabos grossos presos ao arnês à altura do peito, perto dos ombros. — Puxo-os assim, a frente do corpo, e isso faz que se fechem. Estes outros cabos me permitem dirigir a nave, levantando as asas ou abaixando-as. Este controla o mastro maior e este outro governa a cauda. Fazendo-a oscilar para um lado ou para outro posso controlar a direção de nosso avanço.

— Então, quanto tempo poderíamos manter a flutuação como estamos?

— Indefinidamente, suponho — respondeu. — Ou até que chegássemos a uma ilha. Então, as correntes de ar nos apanhariam e poderiam nos atrair para um escarpado ou para baixo da ilha, para batermos em seguida contra a coralita.

Bane assentiu, muito sério, mas acrescentou:

— Continuo achando que poderia pilotá-la.

Hugh se sentia bastante satisfeito consigo mesmo para ensaiar um sorriso condescendente.

— Não. Você não é suficientemente forte.

O garoto contemplou o arnês com cobiça.

— Experimente — convidou Hugh. — Venha, fique aqui, ao meu lado.

Bane obedeceu com movimentos cuidadosos, atento para não tropeçar em nenhum cabo. Uma vez a frente de Hugh, pôs a mão em uma das cordas que faziam subir ou descer a asa e puxou-a. A corda se moveu ligeiramente, o suficiente para fazer a asa vibrar um pouco, mas não aconteceu nada mais.

O príncipe, pouco acostumado a ver contrariados seus desejos, apertou os dentes e enrolou o cabo em torno de ambas as mãos, puxando-o com todas as suas forças. A armação de madeira ranguu e a asa se moveu um par de dedos. Com um sorriso, Bane fincou os pés na cobertura e puxou ainda mais forte. Uma rajada de vento ascendente inchou a asa. O cabo deslizou entre as mãos do príncipe e este o soltou um grito. Quando olhou para as palmas, estavam ensangentadas e cheias de arranhões.

— Ainda acha que pode pilotar? — perguntou Hugh com frieza.

Bane piscou, engolindo as lágrimas.

— Não, maese Hugh — murmurou desconsolado, ao mesmo tempo em que fechava as mãos com força em torno do amuleto como se procurasse algum tipo de consolo. Talvez o recebeu, pois o pequeno respirou fundo e ergueu seus olhos azuis até encontrar os de Hugh. — Obrigado por me deixar experimentar.

— Você foi bem, Alteza — disse Hugh. — Vi homens com o dobro de seu tamanho fazer muito pior.

— Sério? — As lágrimas desapareceram.

Agora, que Hugh era rico. Podia se permitir uma mentira.

— Sim. E agora, desça e veja se Alfred necessita de ajuda.

— Voltarei para recolher a tigela! — disse Bane antes de desaparecer pela escotilha. Hugh escutou sua voz excitada chamando Alfred para lhe contar que tinha pilotado a nave dragão.

Enquanto comia em silêncio, Hugh deixou vagar o olhar pelo céu. Decidiu que, uma vez que chegassem a terra em Aristagon, a primeira coisa que faria seria levar a pluma a Kev'am, a feiticeira elfa, para ver o que ela descobriria sobre o objeto. Era um dos mistérios menores que tinha que resolver.

Ou, pelo menos, isso era o que pensava.

Três dias se passaram. Voavam de noite, ocultando-se durante o dia em pequenas ilhas que ainda não apareciam nas cartas de navegação. Hugh anunciou que levariam uma semana para chegar a Aristagon.

Bane sentava-se com Hugh a cada noite, observando-o pilotar e fazendo perguntas. Hugh respondia ou não, segundo o humor que tivesse. Ocupado com seus planos e a pilotagem, não dava a Bane mais atenção do que a necessária. Naquele mundo, os afetos eram nefastos, pois só traziam dor e pena. O menino, simplesmente, era ouro em pano.

Alfred vigiava o príncipe com ansiedade, com nervosismo. Possivelmente fosse uma reação excessiva depois da queda da árvore, mas sua atitude não era de proteção. Hugh se recordava da ocasião em que um obus de fogo dos elfos tinha caído atrás das ameias de um castelo que tinham capturado em uma incursão. Enquanto rodava sobre as lajes, o negro recipiente metálico parecia inócuo, mas todo mundo sabia que a qualquer

momento podia explodir em chamas. Os homens observavam o obus exatamente como Alfred olhava para Bane.

Percebendo a tensão do chambelan, Hugh se perguntou — não pela primeira vez, — o que Alfred sabia e ele ignorava. Hugh aumentou também sua vigilância sobre o menino quando estavam em terra, com a suspeita de que podia tentar escapar, mas Bane obedecia com docilidade as ordens de Hugh de não deixar o acampamento a menos que Alfred o escoltasse, e só saía para procurar nos bosques as vagens que tanto parecia gostar.

Hugh nunca os acompanhava nessas expedições, que considerava estúpidas. Se tivesse que procurar comida, teria passado com o primeiro alimento que encontrasse, contanto que o mantivesse vivo. Alfred, ao contrário, insistia que Sua Alteza tivesse o que desejava e, cada dia, o desastrado chambelan se internava com decisão no bosque para batalhar com os ramos baixos, mato espesso e as sarças traiçoeiras. Hugh os esperava no acampamento, repousando em um estado de sonolência que lhe permitia ouvir o menor ruído.

Na quarta noite, Bane foi à sala de comando e ficou observando pelas janelas a esplêndida vista das nuvens e o imenso céu deserto a seus pés.

— Alfred diz que o jantar estará pronto em seguida.

Hugh deu uma baforada no cachimbo com um grunhido evasivo.

— O que é essa grande sombra ali fora? — perguntou Bane.

— Aristagon.

— Sêrio? Chegaremos logo?

— Não. Está mais longe do que parece. Mais dois dias.

— Mas onde vamos parar antes de chegar? Não vejo mais nenhuma ilha.

— Há algumas. O mais provável é que estejam ocultas pela névoa. São pequenas ilhotas que as naves pequenas como a nossa utilizam para as escalas curtas.

Bane ficou nas pontas dos pés para olhar debaixo da nave dragão.

— Ali, muito abaixo, existem umas grandes nuvens escuras que giram e giram. É o Torvelinho, não é? — Hugh não considerou necessário responder a uma pergunta tão óbvia. Bane continuou olhando, ainda mais concentrado. — Essas duas coisas ali embaixo parecem dragões, mas são muito maiores que todos os dragões que vi em minha vida.

Hugh se levantou da cadeira com cuidado para não enrolar os cabos e olhou para fora.

— São corsários elfos, ou naves de transporte de água.

— Elfos! — O príncipe pronunciou a palavra com voz tensa, ansiosa. Sua mão se elevou para acariciar a pluma que levava ao pescoço. Quando voltou a falar, o fez com fingida calma. — Não deveríamos escapar deles, então?

— Estão longe de nós. Provavelmente, nem nos vêem e, mesmo que vissem, pensariam que é uma de suas naves. Além disso, parece que têm outros assuntos com que ocupar-se...

O príncipe olhou de novo, mas só viu as duas naves e nada mais. Hugh adivinhou o que se estava pensando.

— São rebeldes que tentam de escapar de uma nave de guerra imperial.

Bane apenas olhou para ele.

— Acho que Alfred está me chamando. Deve ser hora de jantar.

Hugh continuou observando o confronto com interesse. A nave de guerra se pôs à altura dos rebeldes. Do dragão imperial surgiram alguns ganchos de ferro que caíram na cobertura da nave rebelde. Hugh recordou que devia sua liberação da escravidão dos transportes de água elfos a um ataque similar àquele, mas realizado pelos humanos.

Vários dos elfos rebeldes, pretendendo incrementar seu nível de magia e escapar à abordagem, estavam realizando a perigosa manobra conhecida como “o passeio da asa de dragão”. Hugh os viu correr velozmente, com firmes passadas, pelo mastro da asa. Nas mãos levavam amuletos que o feiticeiro da nave lhes tinha entregue e que deviam prender ao mastro.

A manobra era perigosa, temerária e desesperada. Àquela distância do centro da nave, a rede mágica não os alcançava e não podia protegê-los. Uma rajada de vento ou, como acontecia naquele instante, uma flecha inimiga podia derrubá-los e, fazendo-os escorregar da asa, jogá-los na voragem do Torvelinho.

A expressão “passeio da asa de dragão” se transformou entre os elfos em sinônimo de uma aventura arriscada que merecia a pena. O termo, para Hugh e para seu modo de vida, tinha um significado especial e colocara o nome à nave em sua honra.

Bane voltou com uma tigela.

— Onde estão os elfos? — perguntou, entregando o jantar a Hugh.

— Nós os deixamos para trás. Já estão fora da vista. — Hugh tomou um bocado, engasgou e o cuspiu. — Maldito seja! O que Alfred fez, esvaziou o pote de pimenta na panela?

— Já lhe disse que estava muito picante. Toma, trouxe um pouco de vinho.

O príncipe passou o odre de vinho para Hugh, que deu um longo gole, engoliu o líquido e deu outro gole. Depois de devolver o odre, afastou a tigela com um chute.

— Leve essa porcaria, Alfred que a coma.

Bane recolheu o jantar intacto, mas não abandonou a sala. Brincando uma vez mais com a pluma pendurada em seu pescoço, ficou olhando para Hugh com uma estranha e calma espera.

— O que aconteceu? — resmungou Hugh.

Mas naquele mesmo instante ele soube.

Não tinha notado o veneno, pois a pimenta o havia encoberto. Mas já começava a notar os primeiros efeitos: algumas contorções no ventre. Uma sensação ardente se estendeu por seu corpo e a língua pareceu inchar na boca. Os objetos que estavam a sua frente pareceram alargar, primeiro, e depois encolher. O menino ficou enorme quando se inclinou sobre ele com um sorriso doce, encantador, e a pluma pendurada na mão.

Uma sensação de raiva percorreu Hugh, embora não com a rapidez e a força do veneno. Enquanto caía para trás e a visão lhe nublava, Hugh viu a pluma e escutou a voz de assombro do menino como se chegasse de muito longe.

— Funcionou, pai! Ele está morrendo!

Hugh ergueu a mão para apanhar e estrangular seu assassino, mas o braço pesava muito e continuou pendurado a seu lado, flácido e inerte. E, em seguida, já não via junto dele o menino, e sim um monge negro com uma mão estendida.

— E agora, quem é o amo? — perguntou o monge.

CAPÍTULO 25



EM CÉU ABERTO, REINO MÉDIO

Hugh caiu sobre a coberta arrastando consigo os cabos presos ao arnês. A nave se inclinou bruscamente e lançou Bane contra um amparo. A tigela de comida caiu com estrépito das suas mãos. Do camarote inferior lhe chegou um estrondo seguido de um gemido de dor e de pânico.

O príncipe se levantou com muita dificuldade, apoiou-se no flanco da nave e olhou em torno de si, aturdido. A coberta se inclinou em um ângulo precário. Hugh permaneceu caído de costas, enrolado nos cabos. Bane jogou um rápido olhar ao exterior, viu que as faces do dragão apontavam diretamente para baixo e percebeu o que tinha acontecido. Hugh, na queda, tinha fechado as asas e a magia tinha deixado de atuar e agora caíam pelo ar, para mergulhar no Torvelinho.

Não tinha passado pela cabeça de Bane que tal coisa pudesse ocorrer. E, ao que parecia, tampouco a seu pai. Isto não era de surpreender já que um misteriarca humano da Sétima Casa, habitante de um reino muito acima dos conflitos e da agitação do resto do mundo, não podia ter conhecimento dos artefatos mecânicos. Provavelmente, Sinistrad jamais tinha visto uma nave dragão. E, afinal, Hugh tinha assegurado ao menino que a nave voaria sozinha.

Bane abriu caminho entre a confusão de cabos e, apoiado no corpo de Hugh, puxou as cordas com todas as suas forças. Não conseguiu movê-las. As asas não se desdobravam.

— Alfred! — Gritou o príncipe. — Alfred, venha rápido!

Ouviu outro golpe vindo de baixo, instantes depois, apareceu pela escotilha o rosto do chambelan, pálido como um cadáver.

— Maese Hugh! O que aconteceu? Estamos caindo! — Seus olhos descobriram o corpo do assassino. — Sartan bendito!

Com uma rapidez e uma agilidade incomuns em um homem tão atrapalhado e desajeitado, Alfred cruzou a escotilha, abriu caminho entre a desordem de cabos e se ajoelhou junto a Hugh.

— Ora, deixe-o em paz! Está morto! — gritou o príncipe. Agarrando Alfred pela camisa, obrigou-o a se levantar e olhar para a proa da nave. — Olhe para isso! Tem que detê-la! Tire o arnês e faça esta coisa voar como antes!

— Alteza — Alfred estava pálido, — não sei pilotar uma nave! Requer perícia e anos de prática! — O chambelan cerrou os olhos. — O que quer dizer com ele está morto?

Bane lançou um olhar desafiador, mas teve que baixá-lo ante o de Alfred. O chambelan não era nenhum bufão; de repente, seus olhos eram estranhamente prementes e intensos e seu olhar penetrante produzia no menino um profundo desconforto.

— Teve seu castigo — murmurou com ar áspero. — Era um assassino contratado pelo rei Stephen para acabar comigo. Eu o matei antes, isso é tudo.

— Você? — O olhar de Alfred se cravou na pluma. — Ou seu pai?

Bane expressou seu desconcerto. Abriu a boca e voltou a fechá-la com força. Levou a mão ao amuleto para escondê-lo e começou a balbuciar.

— Não é preciso mentir — insistiu Alfred com um suspiro. — Sei disso a muito tempo. Antes mesmo de seus pais, ou deveria dizer que seus pais adotivos, embora a adoção implique em uma opção e eles não tiveram nenhuma. Que tipo de veneno lhe deu, Bane?

— Por que se preocupa com ele? Vai nos deixar cair? — gritou o príncipe com voz muito aguda.

— Ele é o único que pode nos salvar! O que lhe deu? — Alfred exigiu saber, agarrando o braço do menino para lhe tirar a informação de qualquer maneira se fosse preciso.

Bane retrocedeu de um salto, escorregou e rodou pela coberta inclinada até que o amparo o deteve. Voltando-se, olhou pela janela e soltou uma exclamação de alegria.

— Bravo! As naves elfas! Vamos direto para elas! Não necessitamos desse assassino sujo, os elfos nos salvarão!

— Não! Espere! Bane, foram as vagens, não é?

O moço saiu correndo da sala de comando. Ouviu Alfred gritar que os elfos eram perigosos, mas não prestou atenção.

“Sou príncipe de Ulyandia”, disse a si mesmo enquanto subia a escada até a coberta superior. Uma vez ali, preso com força ao corrimão, cruzou as pernas em torno dos barrotes para se segurar melhor. “Não se atreverão a pôr as mãos em mim. Ainda tenho o encantamento. Triano acredita que o quebrou, mas só porque deixei que acreditasse nisso. Meu pai diz que não devemos correr nenhum risco, e por isso tivemos que matar o assassino para conseguir sua nave. Mas sei que ainda tenho comigo o encantamento! Agora terci uma nave elfa. Farei que me levem a meu pai e ele e eu o governaremos. Sim, governaremos a todos, tal como planejamos!”

— Ei! — gritou Bane. Retendendo-se ao corrimão com as pernas, soltou-se o suficiente para agitar os braços. — Ei! Alguém! Ajudem! Ajudem!

Os elfos estavam muito abaixo, muito longe para ouvir os gritos do menino. Além disso, tinham outras coisas mais importantes para fazer... como salvar a própria vida. Vindo do alto, Bane viu que a nave de guerra e o dragão de guerra imperial estavam travados e se perguntou o que estaria acontecendo. Estava muito longe para ver o sangue que banhava as cobertas, para escutar os gritos dos encarregados dos cabos que, presos em seus arneses, eram arrastados através dos cascos estilhaçados, para ouvir

a canção dos elfos rebeldes que tentavam levantar o ânimo de seus camaradas enquanto continuavam se defendendo.

As asas de dragão de cores brilhantes batiam o ar freneticamente ou pendiam, rasgadas, dos cabos soltos. Largos ganchos de ferro presos a cordas mantinham firmemente unidas as duas naves. Os guerreiros elfos se penduravam pelos cabos para abordar a nave rebelde ou saltavam pelos ares para aterrissar na coberta. Ao fundo, as nuvens negras do Torvelinho giravam e ferviam, com suas bordas brancas como espuma iluminadas de púrpura pelo incessante brilho dos relâmpagos.

Bane contemplou os elfos com ansio. Não sentia nenhum temor, só um embriagador regozijo causado pelo contato do vento no rosto, a novidade da situação e a excitação de ver os planos de seu pai começarem a se cumprir. A queda da nave dragão diminuiria. Alfred tinha conseguido abrir as asas o suficiente para que a nave não continuasse precipitando-se no Torvelinho, mas ainda continuava fora de controle e caindo em uma preguiçosa espiral.

De baixo veio a voz de Alfred. Suas palavras eram confusas e lhe pareceram ininteligíveis, mas algo no tom ou no ritmo despertou em sua mente a imprecisa lembrança do momento em que a árvore lhe tinha caído em cima. Bane não prestou muita atenção. Estavam se aproximando dos elfos. Distinguiu alguns rostos voltados para cima, olhando e apontando para ele. Começou a gritar de novo quando, de repente, as duas naves elfas se separaram e se despedaçaram em frente aos seus olhos.

Figuras magras caíram para o nada ao seu redor. Bane estava perto o bastante para escutar seus gritos, que se apagariam quando fossem engolidos pelo Torvelinho. Aqui e ali, pedaços das duas naves flutuavam no ar sustentadas graças a seus próprios encantamentos e o príncipe pôde ver os elfos agarrados a eles ou, nos fragmentos maiores que alguns ainda combatiam.

E Bane e sua pequena nave estavam mergulhando junto no centro do caos.

Os monges kir não riem. Não vêm graça na vida e gostam de dizer que, quando os humanos riem, o fazem à custa da desgraça alheia. A risada não é proibida em um monastério kir, ela simplesmente, não é praticada. A primeira vez que um menino entra nas casas dos monges negros, talvez solte alguma risada no primeiro par de dias, mas não depois disso.

O monge negro que levava Hugh pela mão não sorria, mas Hugh viu uma risada em seus olhos. Furioso, lutou e se debateu contra aquele oponente com mais ferocidade do que jamais tinha demonstrado ante qualquer outro inimigo. Este não era de carne e osso. Nenhuma arma deixava sua marca nele. Nenhuma estocada o detinha. Era eterno e o prendia.

— Você nos odiava — disse o monge negro, rindo dele em silêncio, — mas nos serviu. Serviu durante toda a sua vida.

— Eu não sirvo a ninguém! — gritou Hugh. As forças o abandonavam. Sentia-se cada vez mais fraco, mais cansado. Queria descansar. Só a vergonha e a raiva o impediam de desaparecer em um tranquilo esquecimento: vergonha, porque sabia que o monge dizia a verdade; raiva, por se deixar enganar durante tanto tempo...

Amargurado, frustrado, juntou as poucas forças que restavam em uma última tentativa de libertar-se. Foi um golpe fraco e que não teria feito aparecer lágrimas aos

olhos de um menino, mas o monge o soltou.

Confuso, sem apoio, Hugh caiu. Mas não sentiu pavor, pois teve a estranha sensação de que não estava caindo para baixo, e sim para cima. Não estava mergulhando na escuridão. Estava inundando-se de luz.

— Maese Hugh? — O rosto de Alfred, angustiado e temeroso, apareceu sobre ele. — Maese Hugh? Oh, louvado seja Sartan! Você se recuperou! Como se sente?

Com a ajuda de Alfred, Hugh se sentou. Lançou um rápido olhar em torno, procurando o monge. Não viu ninguém além do chambelan, nada além de uma confusão de cordas em seu arnês.

— O que aconteceu?

Hugh sacudiu a cabeça para clarear a mente. Não sentia nenhuma dor, só uma espécie de atordoamento. Parecia que seu cérebro não cabia no crânio, como se a língua fosse muito grande para a boca. Às vezes tinha despertado em alguma estalagem com aquela mesma sensação e um odre de vinho vazio a seu lado.

— O menino o drogou, mas já está passando o efeito. Sei que não se sente muito bem, maese Hugh, mas estamos com problemas. A nave está caindo...

— Drogado? — Hugh olhou para Alfred, tratando de concentrar a vista nele. — O que me deu não era nenhuma droga! Era veneno! Eu estava morrendo — acrescentou, cerrando os olhos.

— Não, não, maese Hugh. Sei que deve ter tido essa impressão, mas...

Hugh se inclinou para frente, agarrou Alfred pelo pescoço da camisa e o puxou para si, cravando o olhar nos olhos claros do chambelan como se quisesse chegar ao fundo de sua alma.

— Eu estava morto. — Hugh o agarrou ainda mais energicamente. — E você me trouxe de volta!

Alfred sustentou o olhar de Hugh com ar calmo e, com um sorriso algo triste, sacudiu a cabeça.

— Você está enganado. Era um narcótico. Eu não fiz nada.

Como era possível que aquele homenzinho inepto e simplório pudesse mentir sem que ele notasse? E outra coisa ainda mais importante: como era possível que Alfred lhe tivesse salvado a vida? Sua expressão era de ingenuidade e seus olhos o olhavam com pena e tristeza, nada mais. O chambelan parecia incapaz de ocultar algo. Se tivesse a frente qualquer outra pessoa, sem dúvida teria conseguido convencer.

Mas Hugh conhecia o veneno que tinha tomado. Ele mesmo o tinha administrado e tinha visto outros morrerem da mesma forma que ele. E nenhum se recuperou.

— Maese Hugh, a nave... — Insistiu Alfred. — Estamos caindo! As asas... fecharam. Tentei abri-las de novo, mas não consegui.

Agora que prestava atenção ao que o chambelan dizia, Hugh percebeu o curso da nave. Olhou para Alfred e relaxou a pressão de sua mão. Um mistério mais, pensou, mas não o esclareceria despencando no Torvelinho. Ficou em pé com muita dificuldade, levando as mãos à cabeça. A dor era insuportável e a deixava muito pesada. Teve a sensação de que, se retirasse as mãos, a cabeça se soltaria e cairia do pescoço.

Um olhar pela janela lhe mostrou que não corriam perigo imediato de continuar

caindo. Alfred tinha conseguido proporcionar à nave certo grau de estabilidade e Hugh podia recuperar o controle completo com bastante facilidade, apesar de alguns dos cabos estarem quebrados.

— Cair no Torvelinho é a menor de nossas preocupações.

— O que quer dizer, senhor? — Alfred correu para o seu lado e olhou.

Muito perto deles, tanto que os dois homens podiam ver claramente suas vestimentas rasgadas e ensanguentadas, três guerreiros elfos com ganchos de ferro de abordagem na mão estavam olhando para a nave.

— Vamos, lancem os ganchos de ferro! Eu os prenderei!

Era a voz de Bane, que se dirigia aos elfos da cobertura superior. Alfred soltou uma exclamação.

— Sua Alteza disse algo sobre pedir ajuda aos elfos...

— Ajuda! — Hugh torceu os lábios em um sorriso zombeteiro. Parecia que tinha voltado a vida só para morrer de novo.

Os ganchos de ferro serpentearam no ar e Hugh escutou seus golpes surdos ao se chocar com a cobertura e o rangido das pontas metálicas ao se arrastarem sobre a madeira. Alguns bruscos puxões lhe fizeram perder o equilíbrio, precário como suas forças. Os ganchos de ferro tinham encontrado a amurada. Hugh levou a mão ao flanco. A espada tinha desaparecido.

— Onde...?

Alfred tinha observado o gesto e já retrocedia pela cobertura inclinada, escorregando e engatinhando.

— Aqui, senhor. Tive que usá-la para cortar os nós.

Hugh empunhou a arma e esta quase lhe caiu da mão. Se Alfred tivesse lhe entregado uma bigorna, não teria parecido mais pesada que a espada em seu punho fraco e trêmulo. Os ganchos de ferro estavam detendo o avanço da nave, que ficou flutuando no ar junto à nave elfa desmantelada. Depois de um brusco puxão, a Asa de Dragão desviou ligeiramente para baixo. Os elfos estavam escalando as cordas e preparando-se para a abordagem. Hugh escutou Bane tagarelando animadamente em cima de sua cabeça.

Tomando a espada com esforço, Hugh deixou a sala de comando e avançou sem fazer ruído pelo corredor até situar-se sob a escotilha. Alfred o seguiu com suas passadas, pesadas e sonoras que puseram Hugh fora de si. Lançou um olhar assassino ao chambelan, ordenando que ficasse em silêncio. Depois, extraiu a adaga da bota e a ofereceu.

Alfred empalideceu, sacudiu a cabeça e levou as mãos à costas.

— Não — declarou com lábios trêmulos. — Não poderia! Não posso... pôr fim a uma vida!

Hugh olhou para o teto da sala, onde podiam ouvir pés calçados com botas que perambulavam pela cobertura.

— Nem sequer para salvar a sua? — murmurou.

— Não. Sinto muito...

— Se não lamentar agora, o fará muito em breve — murmurou Hugh enquanto começava a subir em silêncio pela escada.

CAPÍTULO 26



A CÉU ABERTO, DESCENDENDO

Bane observou os três elfos que subiam pelas cordas, agarrados a elas com suas pernas magras e musculosas. Abaixo deles só havia o vazio e, ao fundo, a escura e pavorosa tormenta perpétua do Torvelinho. Entretanto, os elfos eram peritos em abordagens e não pararam para olhar para baixo. Alcançaram a amurada da pequena nave dragão, passaram as pernas sobre a passarela e, com movimentos ágeis, aterrissaram de pé na coberta.

O príncipe nunca tinha visto um elfo e os estudou com a mesma curiosidade desinteressada que os assaltantes mostraram por ele. Os elfos tinham aproximadamente a mesma altura que os humanos, mas seus corpos magros os faziam parecer mais altos. Suas feições eram delicadas, mas duras e frias, como se fossem esculpidas em mármore. De fina musculatura, eram dotados de uma excelente coordenação de movimentos e caminhavam com graça e agilidade face à inclinação da nave. Sua pele era de cor marrom avermelhada e o cabelo e as sobranceiras brancas, com sombras que brilhavam ao sol. Vestiam coletes e saias curtas confeccionados com tecido decorado com belos motivos de aves, flores e animais. Frequentemente, os humanos zombavam da indumentária de cores brilhantes dos elfos (e a maioria descobria muito tarde — para seu pesar — que essa vestimenta era na realidade a armadura élfica; os feiúceiros elfos possuem a capacidade de potencializar com sua magia o fio de seda normal, tornando-o tão duro e resistente como o aço).

O elfo que parecia ser o líder do grupo indicou por gestos aos outros dois que revistassem a nave. Um deles correu pela popa e apareceu pela amurada observando as asas, provavelmente para avaliar os danos que a queda da nave tinha provocado. O outro correu para proa. Os elfos foram armados, mas não empunhavam suas armas. Afinal, encontravam-se em uma de suas naves.

Uma vez desdobrados seus homens, o comandante elfo se dignou por fim a perceber a presença do menino.

— O que faz um cachorrinho humano a bordo de uma nave do meu povo? —

O comandante apontou seu nariz aquilino para Bane. — E quem é o capitão desta embarcação?

Falava o idioma dos humanos com fluidez, mas acompanhado de um rictu nos lábios, como se as palavras tivessem sabor ruim. Sua voz era melodiosa e animada; seu tom, imperioso e altivo. Bane estava irritado, mas soube ocultá-lo.

— Sou o príncipe herdeiro de Volkaran e de Ulyandia. Meu pai é o rei Stephen.

Bane julgou que o melhor era começar daquele modo, ao menos até que tivesse convencido os elfos de que era alguém importante. Depois lhes contaria a verdade, revelaria-lhes a importância de sua pessoa... uma importância maior do que podiam imaginar.

O capitão elfo observou Bane descuidadamente, atento aos movimentos de seus homens.

— De modo que os nossos capturaram um príncipezinho humano, não é isso? Pergunto-me o que pensam que conseguir com você.

— Fui capturado por um homem mau — disse Bane, derramando rapidamente algumas lágrimas. — Queria me matar, mas vocês me resgataram. Serão heróis! Levem-me ao seu rei para que possa lhe expressar minha gratidão. Isto pode significar o princípio da paz entre nossos povos.

O elfo que se dedicara a inspecionar as asas retornou, disposto a oferecer seu relatório. Ao escutar as palavras do menino, olhou para seu capitão e ambos puseram-se a rir.

Bane ficou boquiaberto. Nunca ninguém rira dele daquela maneira! O que estava acontecendo? O encantamento deveria ter produzido seu efeito, pois tinha certeza que Triano não conseguira quebrar o feitiço. Então por que não afetava os elfos?

Naquele instante, viu os talismãs em torno do peçoço deles. Os talismãs tinham sido criados pelos feiticeiros elfos para proteger seu povo da magia de guerra dos humanos. Bane não entendia muito do tema, mas sabia reconhecer um talismã de defesa quando o via e compreendeu que, inadvertidamente, aqueles colares protegiam os elfos de seu encantamento.

Antes que pudesse reagir, o capitão o agarrou e o lançou pelos ares como um saco de lixo. O outro elfo, cuja força não correspondia ao seu corpo extremamente magro, agarrou-o no ar. O capitão deu uma ordem em tom indiferente e o soldado, segurando o menino o mais longe possível com o braço estendido à sua frente, deu alguns passos até a amurada da nave. Bane não falava elfo, mas entendeu a ordem do capitão.

Tinha ordenado que o jogasse pela amurada.

Bane tentou gritar, mas o medo lhe travou a garganta. Debateu-se com todas as suas forças, mas o elfo o segurava pelo cangote e parecia divertir-se muito com os esforços do menino para libertar-se. Bane possuía os poderes da magia, mas era inexperiente em seu uso pois não tinha sido educado na casa de seu pai. Sentia que a magia impregnava seu corpo, como a adrenalina, mas precisava do conhecimento para usá-la.

Mas havia alguém que podia guiá-lo.

— Pai! — gritou, fechando uma mão em torno do amuleto.

— Ele não pode ajudá-lo — zombou o elfo.

— Pai! — voltou a gritar Bane.

— Eu tinha razão — disse o capitão ao seu subordinado. — Há mais alguém a bordo da nave. O pai do cachorrinho. Vá procurá-lo — ordenou com um gesto ao terceiro elfo, retornou correndo a sua posição. Em seguida, o capitão murmurou com um grunhido: — Em frente, vamos nos livrar desse pequeno demônio.

O elfo que segurava Bane passou o corpo do príncipe por cima da amurada e o deixou cair.

Bane se precipitou para baixo. Aspirou profundamente para exalar o ar em um uivo de terror e, naquele instante, uma voz lhe ordenou bruscamente que ficasse em silêncio. A voz chegou ao menino como sempre, com palavras que soavam em sua mente, que só eram audíveis para ele.

“Você tem o poder para se salvar, Bane. Mas antes deve vencer o medo.”

Em sua queda rápida, vendo a seus pés os fragmentos flutuantes das naves elfas e, mais abaixo, as nuvens negras do Torvelinho, o medo tinha paralisado Bane.

— Não... não posso, pai — gemeu.

“Se não puder, morrerá, e isso será o melhor. Um filho covarde não me serve de nada.”

Durante toda sua curta vida, Bane tinha se esforçado para agradar o homem que lhe falava através do amuleto, o homem que era seu verdadeiro pai, e seu maior desejo era obter a aprovação do poderoso bruxo.

“Feche os olhos”, foi a ordem de Sinistrad.

Bane obedeceu.

“Agora, vamos utilizar a magia. Pense que é mais leve que o ar. Seu corpo não é de carne sólida, é gasoso, etéreo. Seus ossos são ocos como os de uma ave.”

O príncipe quis rir, mas algo em seu interior lhe disse que, se o fizesse, não conseguiria se dominar e cairia para a morte. Reprimiu o riso histérico, descontrolado, e tentou seguir as instruções de seu pai. Pareciam ridículas. Seus olhos se negavam a permanecer fechados e, com um desespero impulsionado pelo pânico, continuavam piscando em busca de algum resto do naufrágio que pudesse se agarrar até que fossem resgatá-lo. Mas o vento que açoitava seu rosto fazia saltar as lágrimas e a visão se tornava imprecisa. De sua garganta brotou um soluço.

“Bane!” A voz de Sinistrad estalou como um chicote na mente do menino.

Sufocando o soluço, Bane apertou resolutamente as pálpebras e tentou imaginar que era um pássaro.

A princípio isso lhe pareceu impossível, mas gerações de bruxos já desaparecidos, mais as faculdades e a inteligência inatas do menino, vieram em seu auxílio. O truque era esquecer a realidade, convencer à mente de que o corpo não pesava suas sessenta pedras, que não pesava nada, ou menos ainda que nada. Era uma habilidade que a maioria de jovens bruxos humanos só conseguia dominar depois de anos de estudo, mas Bane tinha que aprender em alguns instantes. As aves ensinam seus filhotes a voar jogando-os do ninho. Bane tinha que dominar a arte da magia do mesmo modo. A comoção e o terror puro obrigaram suas faculdades naturais a se encarregarem da situação e salvá-lo.

“Minha carne é feita de nuvens. Meu sangue é uma bruma tênue. Meus ossos são ocos e estão cheios de ar.”

Um formigamento se estendeu pelo corpo do príncipe. Parecia que a magia o transformava em uma nuvem, pois se sentia leve e etéreo. À medida que esta sensação

foi aumentando, também sua confiança na ilusão que estava tecendo em torno de si cresceu, e a confiança aumentou por sua vez o efeito da magia, tornando-o mais forte e potente. Abrindo os olhos, Bane comprovou com satisfação que não estava caindo. Mais leve que um floco de neve, sustentava-se no ar.

— Consegui! Consegui! — riu, satisfeito, batendo os braços como um pássaro.

“Concentre-se!”, ordenou Sinistrad. “Não estamos brincando! Se perder a concentração, perderá o poder!”

Bane se acalmou — nem tanto devido as palavras de seu pai mas principalmente pela súbita e aterradora sensação de que começava a recuperar seu peso — e concentrou seus pensamentos na tarefa de manter-se flutuando entre as nuvens.

— O que faço agora, pai? — perguntou, mais calmo.

“No momento, fique onde está. Os elfos o resgatarão.”

— Mas eles tentaram me matar!

“Sim, mas verão que você tem poder e vão querer levá-lo aos seus feiticeiros. Talvez passe algum tempo entre eles antes de voltar para mim. Poderia conseguir informações úteis.”

Bane olhou para cima para tentar ver o que acontecia na nave. As únicas partes visíveis de sua posição eram a quilha e as asas semiabertas. E a nave dragão continuava caindo.

O menino relaxou, flutuando no ar, e aguardou que chegasse a sua hora.

CAPÍTULO 27



A CÉU ABERTO, DESCENDENDO

Hugh e Alfred se agacharam próximo da escada. Ouviram os passos dos elfos que inspecionavam a nave e escutaram a conversa de Bane com o capitão elfo.

— Pequeno bastardo — murmurou Hugh.

Em seguida chegou a seus ouvidos o grito de Bane.

Alfred empalideceu.

— Se o quer, é melhor me ajudar a resgatá-lo — disse Hugh ao chambelan. — Fique perto de mim.

Subindo a escada, Hugh abriu de repente a escotilha. Adaga na mão, saltou para a coberta seguido imediatamente de Alfred. O primeiro que viu foi o elfo no momento em que jogava Bane pela amurada. Alfred soltou um grito de terror.

— Esqueça! — Gritou Hugh, procurando com um rápido olhar algo que pudesse utilizar como arma. — Cubra-me as costas... Por todos os antepassados, não... Não vá...

Alfred tinha os olhos virados e, com o rosto cinzento, cambaleava de um lado para outro. Hugh estendeu a mão, agarrou-o pelo ombro e o sacudiu energicamente, mas era muito tarde: o chambelan desabou e ficou estendido pateticamente na coberta.

— Maldição! — exclamou Hugh com um grito feroz.

Os elfos estavam cansados e doloridos depois do combate com os rebeldes. Não esperavam encontrar humanos a bordo de uma nave dragão e demoraram para reagir. Hugh ergueu a mão para um gancho no instante em que um dos guerreiros elfos tentava alcançá-lo primeiro. Hugh foi mais rápido. Erguendo o gancho, golpeou com toda força de que foi capaz e acertou o elfo em pleno rosto. O guerreiro caiu para trás e bateu a cabeça contra a escotilha. Provavelmente, ficaria fora de combate por um bom tempo. Hugh não se atreveu a acabar com ele pois ainda tinha enfrentar seus dois companheiros.

Os elfos não são muito hábeis com a espada. Preferem o arco e a flecha, que requerem habilidade e têmpera, à luta com o aço, que consideram uma mera exibição de

força bruta. Geralmente só utilizam as espadas curtas que levam ao flanco para a luta corpo a corpo e para acabar com os inimigos feridos com as flechas.

Conhecendo a aversão dos elfos pelo aço, Hugh brandiu sua espada de um lado para outro com ferocidade, obrigando seus adversários a se manterem fora de alcance. Retrocedeu, saltando de prancha em prancha, até encostar na amurada; os elfos o apossaram, mas sem se lançarem ao ataque ainda. O que lhes faltava de boa esgrima, compensavam com paciência e cautela. Hugh estava consumindo suas escassas energias ao sustentar com muita dificuldade a espada e os elfos perceberam que estava doente e fraco; com ataques falsos estavam-no esgotando. Podiam esperar que o cansaço o obrigasse a baixar a guarda.

O braço de Hugh doía e a cabeça ainda mais. Sabia que não poderia resistir muito tempo e que devia encontrar o modo de acabar rapidamente com seus inimigos. Seus olhos captaram um movimento.

— Alfred! — gritou. — Isso! Surpreenda-os por atrás!

Era um velho truque e nenhum guerreiro humano merecedor de tal nome teria caído nele. Com efeito, também o capitão elfo manteve os olhos fixos em Hugh, mas o outro guerreiro se intimidou e virou a cabeça. Atrás deles não encontrou nenhum humano ameaçador aproximando-se, e sim Alfred, sentado no chão e olhando ao seu redor com ar confuso.

Hugh se lançou contra o elfo como um raio, fez-lhe saltar a espada da mão com um golpe de seu aço e o derrubou ao chão de um murro no rosto. Este último movimento o deixou descoberto para o ataque do capitão, mas não havia como evitar. O capitão elfo saltou para frente para lançar uma estocada, mas seus pés escorregaram na cobertura inclinada; o golpe não alcançou o coração de Hugh, mas lhe rasgou os músculos do braço que empunhava a arma. Hugh girou sobre os calcanhares, golpeou o capitão na mandíbula com o punho da espada e o mandou de costas sobre a cobertura, onde ficou estendido enquanto a espada lhe voava da mão.

Hugh se deixou cair de joelhos, lutando por controlar o enjoo e as náuseas.

— Mãe Hugh! Está ferido! Deixe que o ajude...

Suas mãos lhe tocaram o braço, mas Hugh as rechaçou.

— Estou bem — replicou. Levantou-se cambaleando e lançou um olhar de ira ao chambelan, que ruborizou e baixou a cabeça.

— Eu... lamento ter falhado — gaguejou Alfred. — Não sei o que me aconteceu...

Hugh não o deixou terminar e apontou para os elfos.

— Jogue esta escória pela amurada antes que despertem.

Alfred ficou tão pálido que Hugh pensou que ia desmaiar de novo.

— Não posso fazer isso. Jogar um homem indefeso... para a morte...

— Eles jogaram o seu pirralho! — Hugh levantou a espada, apontando para o pescoço do elfo inconsciente. — Então, terá que acabar com eles aqui. Não posso me arriscar a que acordem.

Dispôs-se a cortar o pescoço fino, mas uma estranha aversão o deteve. Uma voz, cheia de uma escuridão imensa e aterradora, ressoou em sua mente.

Toda sua vida você nos serviu.

— Por favor, senhor! — Alfred agarrou seu braço. — Os restos de sua nave ainda estão presos à nossa — acrescentou, apontando o grande fragmento da

embarcação elfa ancorado ao flanco da Asa de Dragão pelos ganchos de abordagem. — Posso colocá-los ali. Ao menos terão uma chance de serem resgatados.

— Está bem. — Muito cansado e enjoado para discussões, Hugh aceitou com desgosto a proposta. — Faça o que quiser, mas livre-se deles. Aliás, por que se preocupa com esses elfos? Eles acabam de matar seu querido príncipe.

— Todas as vidas são sagradas — murmurou Alfred enquanto se inclinava para levantar pelos ombros o capitão elfo inconsciente. — Nós aprendemos isso. Muito tarde. Muito tarde.

Ao menos, isso foi o que Hugh acreditou escutar. O vento assobiava, sentia-se dolorido e doente e, em todo caso, quem se importava com o que o chambelan havia dito.

Alfred executou a tarefa com sua habitual falta de habilidade, tropeçando nas pranchas, deixando cair os corpos e, em certo momento, quase se enforcando ao se enroscar em um dos cabos das asas. Por fim, conseguiu arrastar os elfos até a amurada da nave e passá-los para o fragmento demonstrando uma força que Hugh custou a acreditar que um homem magricela como aquele pudesse ter.

Entretanto, eram muitas as coisas em Alfred que eram inexplicáveis. Hugh tinha muitas perguntas: Teria morrido realmente? Alfred o havia devolvido à vida? E, se assim fosse, como? Nem sequer os misteriarcas tinham conseguido reviver os mortos.

“Todas as vidas são sagradas... Muito tarde. Muito tarde.”

Hugh sacudiu a cabeça e lamentou imediatamente ter feito isso, pois acreditou que seus olhos fossem sair das órbitas.

Quando Alfred retornou ao seu lado, encontrou-o amarrando uma atadura improvisada em torno do braço.

— Maeae Hugh... — Alfred chamou-o com acanhamento.

Hugh não levantou os olhos da atadura. Com suavidade, o chambelan se encarregou do assunto, amarrando-a com perícia.

— Acredito que deveria ver uma coisa, senhor.

— Já sei. Continuamos caindo, mas ainda podemos sair desta. Estamos muito perto do Torvelinho.

— Não se trata disso. É o príncipe. Está a salvo!

— A salvo? — Hugh olhou-o, pensando que Alfred enlouquecera.

— É muito estranho, senhor. Embora nem tanto, suponho, levando em conta quem é ele e quem é seu pai.

Quem diabos é o pai dele? Quis perguntar Hugh. Mas não era o momento. Enjoado e exausto, atravessou a cobertura, cujos movimentos estavam cada vez mais irregulares à medida que se aproximavam da tormenta. Quando olhou para baixo não pôde reprimir um longo assobio de assombro.

— Seu pai é um misteriarca do Reino Superior — explicou Alfred. — Suponho que ensinou o menino a fazer isso.

— Comunicam-se através do amuleto — acrescentou Hugh, lembrando da última visão do menino com a mão fechada em torno da pluma, antes de perder os sentidos.

— Sim.

Hugh conseguiu ver o rosto do príncipe virado para cima, olhando-os com ar triunfal e visivelmente satisfeito consigo mesmo.

— Creio que tenho que resgatá-lo. Um pirralho que tentou me envenenar. Um pirralho que destruiu minha nave. Um pirralho que tentou nos entregar aos elfos!

— Lembre-se, senhor — replicou Alfred, olhando-o fixamente, — que aceitou matá-lo... por dinheiro.

Hugh olhou para Bane e percebeu que estava se aproximando do Torvelinho. Distinguiam-se já as nuvens de pó e escombros que flutuavam sobre ele e chegava a seus ouvidos o surdo retumbar do trovão. Um vento frio e úmido com cheiro de chuva fazia o leme de cauda dar furiosas guinadas. Naquele instante, Hugh deveria estar examinando os cabos quebrados e reparando-os para poder estender as asas e ganhar altura antes que a nave derivasse muito e os ventos da tormenta lhe impedissem de retomar o voo em posições menos perigosas. E o martelar na cabeça continuava provocando náuseas.

Dando meia volta, Hugh se afastou da amurada.

— Não o culpo — disse Alfred. — É um menino difícil...

— Difícil! — Hugh soltou uma gargalhada; logo emudeceu, com os olhos fechados, enquanto a cobertura se inclinava sob seus pés. Quando recuperou o domínio de si mesmo, exalou um profundo suspiro. — Tome esse gancho e prenda-o. Vou manobrar para nos aproximar dele, embora estejamos arriscando nossas vidas ao fazê-lo. É possível que o vento nos apanhe e nos puxe para o centro da tormenta.

— Sim, mae Hugh.

Alfred correu agarrar o gancho e, por uma vez, seus pés e seu corpo avançaram na mesma direção.

Hugh se deixou cair na sala de comando através da escotilha, contemplou a confusão de cabos e se perguntou por que estava fazendo aquilo. “Muito simples”, respondeu: “há um pai que pagará para que seu filho não volte e outro que pagará para tê-lo junto a si”.

Parecia um motivo lógico, reconheceu Hugh. Desde que, é obvio, não terminassem todos no Torvelinho. Através das janelas de cristal viu o menino flutuando entre as nuvens. A nave dragão estava caindo a seu encontro mas, a menos que conseguisse corrigir o rumo, passaria a certa distância dele.

Com o ânimo abatido, Hugh inspecionou os danos e forçou a sua dolorida mente a funcionar e identificar os diversos cabos que deslizavam e retorciam pelo chão como serpentes. Quando encontrou os que necessitava, desenrolou-os e os estendeu para que corresse livremente através das guias. Uma vez que os acertou, cortou com a espada os nós que os prendiam ao arnês e os enroscou nos braços. Hugh tinha visto muitos homens romperem ossos fazendo aquela manobra. Se perdesse o controle, a enorme asa se desdobraria de repente, esticaria os cabos e estes lhe arrancariam os braços como se fossem dois palitos.

Sentou-se com os pés firmes no chão e começou a soltar os cabos pouco a pouco. Um deles correu rapidamente e sem problemas através do buraco. A asa começou a levantar-se e a pôr em ação a magia. Entretanto, o cabo do braço direito permaneceu frouxo e imóvel, balançando na cobertura. Hugh secou o suor da testa com as costas da mão. A asa estava presa, travada.

Puxou o cabo com todas as suas forças, mas não adiantou e Hugh deduziu que um dos cabos exteriores presos ao cabo guia devia ter se partido. Resmungando um juramento, abandonou o cabo inutilizado e se concentrou em pilotar a nave com uma asa

só.

— Mais perto! — Gritou Alfred. — Um pouco mais para a esquerda... ou é a estribor? Nunca me recordo. Bombordo? É bombordo? Assim, muito bem. Quase o peguei... Agora! Segure-se bem, Alteza!

Hugh escutou a voz do príncipe em um excitado falatório e o som de suas pequenas botas sobre a coberta.

Depois lhe chegou a voz de Alfred, grave e admoestadora, e a resposta em tom choroso e defensivo de Bane.

Hugh voltou a puxar o cabo, notou que a asa se levantava e a nave dragão, auxiliada pela magia, começou a planar ganhando altura. Abaixo, as nuvens do Torvelinho continuaram seus vertiginosos giros como se lhes enfurecesse ver que sua presa escapava. Hugh conteve o fôlego e concentrou todas as suas energias em segurar firme a asa enquanto prosseguiram sua lenta ascensão.

Então foi como se uma mão gigantesca se levantasse para esmagá-los como a um mosquito. De repente, a nave começou a cair vertiginosamente, a tal velocidade que pareceu que seus corpos desciam com ela mas seus estômagos e tripas ficavam lá em cima. Hugh escutou um grito assustado e um forte golpe, e soube que alguém tinha rolado pela coberta. Esperou que tanto Alfred como o menino tivessem encontrado algo onde pudessem se agarrar pois, caso contrário, não poderia fazer nada por eles.

Continuou agarrado aos cabos tentando manter desdobrada a vela para frear a queda. Então chegou a seus ouvidos o sinistro som de algo que se rasgava e o detestável assobio que paralisa o coração de qualquer piloto de nave dragão: a asa se rasgara e através dela penetrava o vento. Hugh largou todo o cabo possível para abrir a vela ao máximo. Embora não pudesse usá-la para controlar o rumo, sua magia contribuiria ao menos para amortecer a queda quando tocassem a terra... se aterrissassem em algum lugar e se o Torvelinho não os fizesse em pedaços antes.

Ainda não tinham chegado ao Torvelinho e o vento já sacudia a nave de um lado para outro. Não conseguiu ficar em pé e teve que engatinhar pelas pranchas, agarrando-se aos cabos e usando-os para avançar até o corredor. Uma vez ali, arrastou-se escada acima e apontou a cabeça. Alfred e Bane estavam estendidos na coberta superior. O chambelan prendia o menino contra si.

— Desçam! — gritou Hugh para fazer-se ouvir entre o uivo do vento. — A vela se rasgou e estamos caindo no Torvelinho!

Alfred se arrastou pela coberta levando consigo o príncipe. Hugh sentiu um prazer malévolo ao observar que o menino parecia ter emudecido de terror. Ao chegar à escotilha, o chambelan introduziu o menino primeiro.

Hugh o agarrou sem olhar, arrastou-o para dentro e o deixou cair sobre as pranchas.

Bane soltou um grito de dor que interrompeu bruscamente quando a nave cabeceou e o lançou contra os amparos, onde ficou sem fôlego. O brusco movimento mandou Alfred de cabeça pela escotilha e fez Hugh perder o equilíbrio e rodar pela escada até o chão.

Levantou-se com muita dificuldade e voltou a subir os degraus (ou talvez fosse descer, pois a nave se movia tanto que Hugh já tinha perdido por completo o sentido da orientação). Procurou a tampa da escotilha. Uma rajada de chuva alcançou a nave com gotas que caíam com a força de setas elfas. O brilho de um relâmpago fendeu o ar tão

perto deles que o cheiro o fez franzir o nariz; o estrondo que o seguiu imediatamente quase o deixou surdo. Seus dedos agarraram por fim a tampa da escotilha, molhada e escorregadia, e conseguiram fechá-la. Esgotado, Hugh deslizou de novo pela escada e caiu ao chão.

— Você... está vivo — Bane o contemplou com totalmente desconcertado. Depois, sua expressão se transformou em um sorriso de alegria. Correndo para Hugh, o menino jogou os braços ao pescoço e o apertou contra si. — Ah, como estou contente! Tinha tanto medo! Você me salvou!

Hugh se soltou do abraço e afastou o príncipe a uma distancia prudente. Tanto a voz entrecortada pelas lágrimas como a inocência de seu rosto eram inquestionavelmente sinceras. Em seus olhos azuis não havia engano nem artifício. Hugh quase chegou a se convencer de que tinha sonhado tudo aquilo.

Quase, apenas quase.

Aquele Bane, de nome tão apropriado, tinha tentado envenená-lo. Hugh fechou a mão em torno do pescoço branco do príncipe. Seria muito simples. Um gesto. O pescoço, quebrado. O contrato, completo.

A nave continuou cabeccando e dando voltas na tormenta. O casco rangia e grunhia e parecia a ponto de romper-se em pedaços a qualquer momento. Ao seu redor explodiam os relâmpagos e ressoavam os trovões.

Você nos serviu durante toda a sua vida.

Hugh apertou com mais força. Bane olhou para ele com um tímido sorriso. Era como se o assassino estivesse reconfortando o príncipe com uma carícia.

Enfurecido, Hugh jogou o menino longe de si, mandando-o contra Alfred, que o recolheu com bons reflexos.

Hugh, cambaleando, deixou ambos para trás e se encaminhou para a sala de comando, mas antes de chegar se curvou e vomitou violentamente.

CAPÍTULO 28



DREVLIN, REINO INFERIOR

Bane foi o primeiro a recuperar a consciência. Abriu os olhos e olhou ao seu redor. Escutou o grave retumbar de um trovão e, por um instante, o pânico o atacou de novo. Depois, percebeu que a tormenta estava a grande distância. Olhou para fora e viu que o tempo estava calmo e que apenas uma chuva fina caía sobre a nave. O espantoso vaivém tinha cessado. Tudo estava tranquilo, nada se movia.

Hugh jazia no chão entre os cabos, com os olhos fechados, o braço e a cabeça ensanguentados e uma mão agarrada a um dos cabos como se seu último esforço tivesse sido uma tentativa final para salvar a nave. Alfred estava estendido de costas e não parecia ferido. Bane recordava pouco da descida aterradora através da tormenta, mas tinha a vaga impressão de que o chambelan desmaiara em algum momento da queda.

Também tinha entrado em pânico, mais até do que quando o elfo o tinha lançado pela amurada. Então, tudo acontecera tão rápido que quase não tivera tempo de sentir medo. A queda no Torvelinho, ao contrário, tinha parecido eterna e o pânico o tinha invadido mais e mais a cada segundo. Realmente, tinha chegado a pensar que ia morrer de medo. Então, a voz de seu pai lhe sussurrara palavras que o fizeram adormecer. O príncipe tentou sentar-se. Sentia-se estranho; não dolorido, mas estranho. Notava o corpo muito pesado, como se uma força tremenda o empurrasse contra o chão, embora não tivesse nada em cima. Atemorizado, Bane choramingou um pouco ante a sensação de estar sozinho. Aquela situação estranha não lhe agradava e se arrastou até Alfred para tentar despertá-lo. Nesse momento viu a espada de Hugh no chão, debaixo do corpo do assassino, e lhe ocorreu uma ideia.

— Poderia matar os dois agora — murmurou, agarrando com força o amuleto.
— Poderíamos nos livrar deles, pai.

“Não!” A réplica foi seca e cortante, e surpreendeu Bane.

— Por que?

“Porque você precisa deles para sair de onde está e chegar até a mim. Mas, antes disso, quero que execute uma tarefa. Vocês aterrissar na ilha de Drevlin, no Reino

Inferior. Nesta terra vive um povo conhecido como os gegs. Na realidade, fico feliz de que o azar o tenha conduzido até aí. Tinha pensado em ir até essa terra eu mesmo, quando tivesse uma nave.

“Nessa ilha existe uma grande máquina que me intriga muito. Foi construída muito tempo atrás pelos sartan, mas ninguém conseguiu descobrir com que propósito. Quero que a investigue enquanto estiver aí. Descubra o que puder sobre esses gegs. Embora duvide que tenham alguma utilidade para a conquista do mundo, convém saber tudo que seja possível dos povos que me proponho a conquistar. Talvez possam me servir de algo. Deve procurar a ocasião para se informar, meu filho.”

A voz desapareceu e Bane franziu o cenho. Queria que Sinistrad abandonasse aquele irritante costume de dizer: “Quando eu conquistar, quando eu governar...” O príncipe queria que ele empregasse o plural: “Quando nós...”

“É lógico”, pensou: “meu pai não me conhece ainda, e por isso não me incluiu em seus planos. Quando nos reunirmos, e me conhecer, se orgulhará de mim e se alegrará em compartilhar seu poder comigo. Me ensinará toda a sua magia. Faremos tudo juntos e não voltarei a estar sozinho.”

Hugh começou a gemer e remexer-se, por isso Bane se apressou a estender-se de novo na coberta e fechou os olhos.

Hugh se levantou dolorosamente, escorando o corpo com os braços. Seu primeiro pensamento foi de absoluto assombro ao descobrir que continuava vivo. O segundo foi que, embora tivesse pagado ao mago elfo o dobro do que lhe tinha pedido pelo feitiço para a nave, continuaria lhe parecendo barato. O terceiro pensamento foi para o cachimbo. Levou a mão sob a túnica de veludo cheia de manchas e o descobriu inteiro, a salvo.

Hugh observou seus companheiros. Alfred estava inconsciente. Hugh não tinha visto em sua vida ninguém que desmaiasse de puro medo. Um sujeito maravilhoso para ter perto em um momento de apuro. O menino também estava inconsciente, mas sua respiração era cadenciada e suas bochechas tinham boa cor. Não achou que estivesse ferido. O futuro de Hugh estava vivinho e abanando o rabo.

— Mas antes — murmurou Hugh, arrastando-se pela coberta até o menino, — é preciso nos desfazermos da voz do papai, principalmente se for quem Albert disse.

Com movimentos lentos e cuidadosos, atento para não despertar o menino, Hugh passou os dedos sob a corrente de prata da onde pendia o amuleto e começou a levantá-la do pescoço do menino.

A corrente escorreu entre seus dedos.

Hugh olhou-a desconcertado. A corrente não tinha escorregado pelos dedos, mas sim tinha passado através deles, literalmente. Tinha atravessado a carne e o osso com a mesma facilidade que se sua mão fora intangível como de um fantasma.

— É minha imaginação. O golpe na cabeça — murmurou, e agarrou a corrente, desta vez com força.

E não encontrou na mão outra coisa além de ar.

Percebeu então que Bane tinha aberto os olhos e olhava para ele, não com aborrecimento ou suspeita, mas com tristeza.

— Não pode ser tirada — explicou. — Já tentei. — O príncipe levantou o corpo. — O que aconteceu? Onde estamos?

— A salvo — respondeu Hugh, sentando-se também e tirando o cachimbo. Já

tinha consumido suas últimas provisões de esterego e também não teria como acendê-lo, de qualquer forma. Colocou o cachimbo entre os dedos e deu uma baforada com ele vazio.

— Você salvou nossas vidas — disse Bane. — Mesmo depois de ter tentado matá-lo. Sinto muito. Sinto realmente! — Seus diáfanos olhos azuis se elevaram para Hugh. — Eu estava com medo!

Hugh deu uma nova chupada e permaneceu calado.

— Sinto-me muito estranho — continuou o príncipe com despreocupação, uma vez esclarecido por fim aquele pequeno assunto pendente entre ambos. — Como se meu corpo pesasse muito.

— É a pressão daqui, o peso do ar. Você já se acostumará. Fique sentado e não se mova.

Bane obedeceu, inquieto, e fixou o olhar na espada de Hugh.

— Você é um guerreiro e pode se defender de forma honrada, mas eu sou fraco. Que outra coisa podia fazer? Afinal, você é um assassino, não é? Contrataram-nos para me matar, certo?

— E você não é filho de Stephen — replicou Hugh.

— Não, senhor, não é. — Era a voz do Alfred. O chambelan se ergueu, olhando a seu redor com ar confuso. — Onde estamos?

— Calculo que estamos no Reino Inferior. Com sorte caímos em Drevlin.

— Por que “com sorte”?

— Porque Drevlin é o único local habitado deste reino. Se conseguirmos chegar a alguma de suas cidades, os gegs nos ajudarão. Este Reino Inferior é varrido constantemente por terríveis tormentas — acrescentou como explicação. — Se uma delas nos surpreender em terreno aberto... — Hugh terminou a frase encolhendo os ombros.

Alfred empalideceu e dirigiu um olhar de preocupação ao exterior. Bane voltou a cabeça na mesma direção.

— Agora não há tormenta. Por que não aproveitamos para sair?

— Espere que seu corpo se acostume à mudança de pressão. Quando nos pusermos em marcha, teremos que nos mover depressa.

— Você acha que estamos em... Drevlin? — perguntou Alfred.

— A julgar por nossa posição quando caímos, diria que sim. A tormenta nos arrastou um pouco, mas Drevlin é a massa de terra maior aqui embaixo e seria difícil confundir-la. Se tivéssemos nos desviado muito de rumo não teríamos chegado a lugar nenhum.

— Você já esteve aqui antes — afirmou Bane, sentado com as costas muita retas e os olhos fixos em Hugh.

— Sim.

— Como é? — perguntou com avidez.

Hugh não respondeu em seguida, mas voltou os olhos para Alfred. Este tinha levantado a mão e a observava com perplexidade, como se estivesse seguro de que pertencia a outra pessoa.

— Vá lá fora e veja por si mesmo, Alteza — disse Hugh por fim.

— Mesmo? — Bane ficou em pé com esforço. — Posso sair?

— Veja se encontra algum sinal de um povoado geg. Neste continente há uma grande máquina. Se descobrir alguma parte dessa máquina, sem dúvida haverá gegs

vivendo nos arredores. Não se afaste da nave. Se uma tormenta o surpreendessem um bom lugar onde se refugiar, estará acabado.

— Isso é prudente isso, senhor? — interveio Alfred dirigindo um olhar nervoso ao menino, que já estava passando seu pequeno corpo por uma brecha aberta no casco.

— Ele não irá longe. Ficarà esgotado antes que perceba. E agora que Bane está ausente, me conte a verdade.

Alfred empalideceu uma vez mais. Incomodado, mudou de posição, baixou os olhos e olhou para suas mãos, desproporcionalmente grandes.

— Estava certo, senhor, quando disse que Bane não era filho de Stephen. Contarei o que sei, o que qualquer de nós conhece ao certo, embora acredite que Triano tenha elaborado algumas teorias para explicar o ocorrido. Devo particularizar que tais teorias não parecem abranger por completo todas as circunstâncias que... — Percebeu que Hugh torcia a boca e franzia o cenho impaciente. — Faz dez ciclos, Stephen e Ana tiveram um filho. Era um belo bebê, com o cabelo escuro do pai e os olhos e orelhas da mãe. Parece estranho que mencione as orelhas, mas mais adiante entenderá sua importância na história. Veja: Ana tem um corte na orelha esquerda, bem aqui, na ponta. É um traço peculiar de sua família. Segundo a lenda, quando os sartan ainda percorriam o mundo, um de sua estirpe foi salvo de ser ferido por uma flecha lançada contra ele graças a um antepassado da rainha que a desviou. A ponta da arma tirou um fragmento de orelha do homem e, depois disso, todos os seus descendentes nasceram marcados com esse corte como símbolo da honra familiar.

“E o filho deles tinha a marca. Eu mesmo a vi quando trouxeram o menino para a apresentação. — Alfred baixou a voz. — O bebê que ocupava o berço na manhã seguinte não a tinha.

— Isso significa que o recém-nascido foi trocado — comentou Hugh. — Sem dúvida, os pais perceberem.

— Com efeito. Todos percebemos. O bebê parecia da mesma idade que o príncipe, apenas um par de dias de vida, mas aquele menino era loiro e tinha os olhos azuis, mas não desse azul leitoso que logo se torna castanho. E suas orelhas tinham uma curva exterior perfeita. Interrogamos todos os moradores do palácio, mas ninguém soube dizer como a troca aconteceu. Os guardiães juraram que ninguém tinha entrado nos aposentos. Todos eram homens fiéis e Stephen não duvidou de sua palavra. A babá passou toda a noite no quarto com o menino e despertou para levá-lo a ama, que assegurou que tinha dado o peito ao menino de Ana. Devido a estes e outros indícios, Triano chegou à conclusão de que o menino tinha sido trocado mediante algum ato de magia.

— Outros indícios?

Alfred suspirou e seu olhar se desviou para o exterior. Bane estava de pé sobre uma rocha, esquadrinhando atentamente a distância. No horizonte começavam a aparecer nuvens negras repletas de relâmpagos. E o vento começava a aumentar.

— Um poderoso encantamento envolvia o bebê. Todos que olhavam para ele sentiam o imperioso dever de amá-lo. Não, “amá-lo” não é a palavra. — O chambelão procurou o termo adequado. — “Idolatrá-lo”, talvez, ou “perder o juízo por ele”. Vê-lo infeliz era uma ideia insuportável. Uma lágrima que caía de seus olhos nos deixava com o coração partido durante dias. Seria melhor perder a vida que nos afastar do

menino. — Alfred fez uma pausa e passou a mão pela calva. — Stephen e Ana conheciam o perigo de aceitar o menino como deles mas tanto eles como todos os outros foram totalmente impotentes para abandoná-lo. Por isso lhe colocaram o nome de Bane, que significa peçonha ou veneno na língua antiga.

— E qual era esse perigo?

— Um ano depois da substituição, no aniversário de nascimento do filho verdadeiro de Ana, apareceu entre nós um misteriarca do Reino Superior. A princípio nos sentimos muito honrados porque fazia muitos ciclos que não se produzia uma coisa igual: que um dos poderosos magos do Reino Superior se dignasse a abandonar seu glorioso reino para visitar seus inferiores. Entretanto, nosso orgulho e alegria se perderam nos lábios. Sinistrad é um mago perverso e se encarregou de que o conheçêssemos e o temêssemos. Disse que devíamos honrar o pequeno príncipe e que havia lhe trazido um presente. Quando Sinistrad ergueu o menino em seus braços, até o último de nós soube de quem ele era filho na realidade.

“Ninguém podia fazer nada a respeito, é obvio, pois não havia modo de enfrentar um feiticeiro da Sétima Casa. Triano, que é um dos magos mais sábios do reino, pertence apenas a Terceira Casa. Assim, tivemos que presenciar com sorrisos fingidos nos lábios como o misteriarca colocava esse amuleto em torno do pescoço de Bane. Sinistrad felicitou Stephen por seu herdeiro e partiu. A ênfase que pôs na palavra causou a todos um calafrio de horror, mas Stephen não pôde fazer outra coisa senão idolatrar o menino com mais intensidade que nunca, embora começasse a lhe repugnar sua presença.

Hugh coçou a barba e franziu o cenho.

— Mas, por que um feiticeiro do Mundo Superior ia desejar uma terra no Reino Médio? Eles nos abandonaram por sua própria vontade faz incontáveis ciclos, e seu reino tem mais riquezas do que podemos imaginar, conforme se diz.

— Já lhe disse que ignoramos. Triano tem várias teorias, a mais evidente das quais é um plano de conquista. Mas, se queriam nos subjugar, poderiam trazer um exército de misteriarcas e nos derrotar com facilidade. Não, como comentei, não faz sentido. Stephen sabia que Sinistrad estava em comunicação com seu filho. Bane é um espião muito ardiloso. Tem descoberto todos os segredos do reino e temos certeza de que os transmitiu integralmente a seu pai. Parecia que a vida ia transcorrer com normalidade apesar deste incidente, pois transcorreram dez ciclos e nossa força aumentou. Se os misteriarcas queriam se apropriar de nós, já poderiam tê-lo feito. Entretanto, ultimamente aconteceu algo que obrigou Stephen a encontrar em meio de enganá-los. — Alfred olhou novamente para o exterior e observou o moço ocupado ainda em encontrar uma cidade, embora parecesse visivelmente cansado e descansasse agora sentado na rocha, em vez de permanecer em pé. O chambelan fez um gesto a Hugh para que se aproximasse e lhe cochichou ao ouvido: — Ana espera outro filho!

— Ah! — Hugh assentiu, compreendendo de repente a importância do assunto. — E, agora que existe outro herdeiro a caminho, querem se livrar do primeiro, não é? O que aconteceu com o encantamento?

— Triano o quebrou. Custou-lhe dez ciclos de estudos, mas por fim conseguiu. Deste modo, Stephen se encontrou em condição de... — Alfred fez uma pausa e balbuciou, perturbado: — O rei pôde...

— ... contratar um assassino para matá-lo. Quanto tempo faz que sabe?

— Desde o começo. — Alfred ruborizou. — Por isso o segui.

— E teria tentado me impedir. Não estou certo?

Alfred franziu o cenho e sacudiu a cabeça, desconcertado.

— Não... não sei.

Uma semente escura caiu na mente de Hugh e se arraigou nela. E cresceu depressa, dando voltas em seu cérebro, dando flores e produzindo um fruto daninho. Por que tinha decidido não cumprir o contrato? Porque o menino era mais valioso vivo que morto? Muitos dos homens que se comprometera a matar também eram, e nunca tinha faltado com sua palavra. Nunca tinha quebrado um contrato, embora às vezes poderia ter tirado com isso dez vezes mais do que lhe pagavam para realizar o trabalho. Por que o fazia agora? Tinha até arriscado a vida para salvar o pequeno bastardo! Não tinha sido capaz de matá-lo nem sequer depois de o príncipe ter tentado acabar com ele!

E se o encantamento não estivesse quebrado? E se Bane ainda continuasse manipulando a todos, começando pelo rei Stephen? Hugh olhou fixamente para Alfred.

— E qual é a verdade a seu respeito, chambelan?

— Temo que a tem a sua frente, senhor — respondeu Alfred com ar humilde, ao mesmo tempo em que abria os braços. — Servi à família da rainha por toda a minha vida. Já estava com a família de Sua Majestade em seu castelo de Ulyandia quando Sua Majestade se tornou rainha, teve a amabilidade de me levar com ela.

Um lento sobressalto cobriu o rosto de Alfred. Seu olhar se cravou nas pranchas do chão e suas mãos deram uns puxões nervosos de suas roupas andrajosas com dedos trêmulos.

Hugh pensou que aquele homem tinha pouca aptidão para mentir, ao contrário do que acontecia com o príncipe. Entretanto, pareceu-lhe que, assim como Bane, Alfred era um exímio mentiroso.

O assassino não insistiu no tema e fechou os olhos. O seu ombro e se sentia entorpecido e enjoado, por causa do veneno e da pressão atmosférica. Pensando em tudo o que tinha acontecido, torceu os lábios em um amargo sorriso. O pior de tudo era que ele, um homem com as mãos manchadas pelo sangue de tantas vítimas, um homem que tinha acreditado com orgulho ser indomável, viu-se submetido por um menino.

O príncipe Bane colocou a cabeça pelo desmantelado flanco da nave.

— Acho que vi a grande máquina. Está muito longe, nessa direção. Agora não é possível vê-la porque as nuvens a ocultaram, mas lembro onde ficava. Vamos em seguida! Afinal, não é tão perigoso. Só um pouco de chuva e...

Um raio caiu das nuvens com uma explosão que abriu um buraco na coralita. O trovão seguinte fez o chão tremer e quase derrubou o menino.

— Ai está — comentou Hugh.

Outro relâmpago caiu com uma força descomunal. Bane cruzou a coberta depressa e se agachou junto a Alfred. A chuva caiu sobre o casco. O granizo tamborilava sobre a madeira com ensurdecedora ferocidade. Logo a água começou a filtrar pelas rachaduras da quilha destrocada. Bane arregalou os olhos e empalideceu, mas não gritou nem chorou. Quando viu que as mãos tremiam, apertou-as com força. Observando ao menino, Hugh viu a si mesmo muito tempo atrás, lutando com orgulho contra o medo, a única arma de seu arsenal.

E lhe ocorreu que possivelmente era aquilo, precisamente, o que Bane queria demonstrar.

O assassino acariciou o punho de sua espada. Só levaria alguns segundos para desembainhá-la e afundá-la no corpo do menino. Se algum encantamento ia impedi-lo, queria vê-lo em ação. Queria saber com certeza.

Embora possivelmente já o tivesse provado.

Hugh tirou a mão da espada. Levantou o cachimbo e encontrou o olhar de Bane. O príncipe tinha um sorriso doce e encantador nos lábios.

CAPÍTULO 29



WOMBE, DREVLIN, REINO INFERIOR

O supervisor chefe estava passando uma péssima temporada. Os deuses o estavam atormentando. Literalmente caídos do céu, os deuses choviam sobre sua cabeça indefesa. Nada funcionava como devia. Seu reino antes pacífico, que não conhecia o menor indício de agitação durante os últimos séculos, estava enlouquecendo rapidamente.

Enquanto avançava pesadamente pela coralita, seguido a contra gosto pela sua escolta e acompanhado de um escandalizado ofinista chefe, o supervisor pensou longamente nos deuses e concluiu que o tinham abandonado. Em primeiro lugar, em vez de livrar-se de Limbeck o Louco, os deuses tinham tido a audácia de devolvê-lo com vida. Não só isso, mas também haviam retornado com ele! Bem, pelo menos um deles tinha feito isso. Um deus que se chamava Haplo. E, embora tivessem chegado aos ouvidos do supervisor chefe informes confusos sobre o deus não se considerar como tal, Darral Estúvador não tinha dado a menor atenção a eles.

Para completar, aquele Haplo causava problemas por onde passava... Quer dizer, em quase toda parte, até agora a cidade de Wombe, capital dos gegs tinha sido evitada. Limbeck o Louco, e seus bárbaros da UAPP levavam o deus por todo o país, pronunciavam discursos dizendo às pessoas que tinham sido utilizados, maltratados, escravizados e que os ditores sabiam o que mais. Certamente, Limbeck o Louco, já propagava aquelas loucuras a algum tempo mas agora, com o deus a seu lado, os gegs começavam a lhe dar atenção.

A metade dos ofinistas se deixaram convencer por completo. O ofinista chefe, vendo que a Igreja se despedaçava ao seu redor, exigia que o supervisor chefe fizesse algo.

— E o que acha que devo fazer? — perguntou com voz azeda. — Prender esse Haplo, o ser que diz que não é um deus? Com isso só conseguiríamos convencer quem acredita nele que tinham razão desde o começo, e convencer quem não acredita que deveriam acreditar!

— Tolicel! — bufou o ofinista chefe, sem ter entendido uma palavra do que acabara de ouvir, mas certo de que não podia concordar.

— Tolice? Isso é tudo o que tem a dizer? No fundo, isto é culpa sua! — Exclamou o supervisor chefe, enfurecido. — Deixemos que os dittores se ocupem de Limbeck o Louco, você disse. Certamente que se ocuparam dele! Enviaram-no que volta para nos destruir!

O ofinista chefe se retirou com mostras de irritação, mas retornara apressado logo que a nave tinha sido avistada.

Caindo dos céus quando ninguém esperava, já que ainda não era a época da cerimônia mensal, a nave dragão pousou no Exterior, a pouca distância de uma zona periférica de Wombe conhecida como Estomak. O supervisor chefe a tinha visto cair da janela de seu dormitório e o coração lhe tinha dado um salto. Mais deuses! Exatamente o que precisava!

A princípio, Darral pensou que talvez fosse a única testemunha da descida e podia fingir que não tinha visto nada, mas não teve tanta sorte. Um punhado de gegs, inclusive o ofinista chefe, viu também a nave. Pior ainda, um de seus guardas de olho penetrante e cérebro vazio tinha assegurado que tinha observado algo vivo saindo dela. Como castigo, o guarda avançava agora aos tombos atrás de seu chefe, formando parte do destacamento de exploradores.

— Suponho que com isto aprenderá! — Darral continuou repreendendo o desventurado guarda. — É culpa sua que tenhamos sido obrigados a sair aqui fora. Se tivesse mantido a boca fechada! Mas não! Tinha que ver um deus com vida junto à nave! Não só isso, mas também tinha que contar aos gritos para a metade do reino!

— Só comuniquei ao ofinista chefe — protestou o guarda.

— É a mesma coisa — murmurou Darral.

— Está bem, mas me parece muito bom que nós agora também tenhamos nosso deus, supervisor chefe — insistiu o guarda. — Na minha opinião, não era justo que esses idiotas de Het tivessem um deus e nós nenhum. Acredito que isto os ensinará!

O ofinista chefe levantou uma sobrancelha. Esquecendo rancores, aproximou-se furtivamente do supervisor.

— Nisso ele tem razão — murmurou ao ouvido de Darral. — Se tivermos nosso próprio deus, poderemos utilizá-lo para rebater o deus de Limbeck.

Enquanto avançava aos tropicões sobre a coralita rachada e irregular, o supervisor chefe teve que reconhecer que, ao menos uma vez na vida, seu chunhado tinha exposto algo que soava medianamente inteligente. “Meu próprio deus”, meditou Darral Estivador enquanto chapinhava entre os atoleiros, a caminho da nave dragão. Tinha que existir um modo de tirar proveito de tudo aquilo.

Ao perceber que se aproximavam da nave acidentada, o supervisor chefe reduziu a marcha e ergueu a mão para advertir a quem o seguia que diminuísse o passo. Seu gesto foi desnecessário, pois os guardas se detiveram quinze palmos atrás de seu líder.

O supervisor olhou para seus homens com exasperação e esteve a ponto de chamá-los de covardes, mas pensou melhor e chegou à conclusão de que era preferível que seus homens mantivessem a distância. Ficaria melhor visto se ele tratasse sozinho com os deuses.

Darral dirigiu um olhar de soslaio ao ofinista chefe e disse:

— Acho que você deveria ficar aqui. Pode ser perigoso.

Já que Darral Estivador jamais se preocupara com seu bem-estar, o ofinista chefe tomou o súbito interesse de seu parente com suspeita justificada e rechaçou o conselho

rápida e inequivocamente.

— É justo e razoável que um membro da Igreja vá receber estes seres imortais — declarou. — De fato, sugiro que permita que seja eu quem fala.

A tormenta tinha amainado, mas outra já se formava (em Drevlin sempre havia outra se formando) e Darral não tinha tempo para discussões. Limitando-se a murmurar que o ofinista chefe poderia falar quanto quisesse puseram-se em marcha para o casco estilhaçado da nave naufragada, com um valor heroico que mais tarde seria celebrado em relatos e canções. (No fundo, a valentia exibida pelos gegs não deveria ser considerada tão heroica, pois o guarda tinha informado que a criatura que tinha visto sair da nave era pequena e de aspecto frágil. Seu verdadeiro valor seria provado em breve.)

Quando chegaram ao casco, o supervisor chefe ficou momentaneamente desorientado. Até aquele momento, jamais tinha falado com um deus. Na sagrada cerimônia mensal da entrega, os welfos apareciam em suas enormes naves aladas, aspiravam a água, lançavam sua recompensa e partiam. Não era uma maneira ruim de fazer as coisas, pensou pesaroso. Dispunha-se a abrir a boca para anunciar ao pequeno deus que ali estavam seus servos, quando apareceu um deus que era tudo menos pequeno e frágil.

Era um ser alto e moreno, com uma barba negra que lhe pendia do queixo em duas tranças e uma juba negra que se esparramava sobre seus ombros. Tinha traços duros e olhos frios e cortantes como a coralita sobre a qual o geg estava plantado. O deus empunhava uma arma de aço afiado e brilhante.

À vista daquela criatura formidável e aterradora, o ofinista chefe esqueceu por completo o protocolo eclesiástico, deu meia volta e fugiu correndo. A maior parte dos guardas, ao ver que a Igreja abandonava o campo, pensou que tinha chegado o dia do Julgamento e fugiu também. Apenas um único guarda ficou: o que tinha visto o deus e informado que era pequeno e frágil. Talvez pensou que não tinha nada a perder.

— Oh! Em boa hora me ocorreu vir! — murmurou Darral. Virando-se para o deus, fez uma reverência tão profunda que sua longa barba se arrastou pelo chão encharcado. — Venerável Senhor — começou a dizer com voz humilde, — seja bem-vindo a seu reino. Veio para o Julgamento?

O deus olhou para ele e em seguida, virou-se para outro deus (“Quantos mais haverá ali dentro?”, perguntou-se interiormente o supervisor) e disse algo em uma língua inteligível para o supervisor. O segundo deus (um deus calvo, fraco e de aspecto simpático, na opinião de Darral Estivador) moveu a cabeça de um lado a outro com rosto inexpressivo.

E ao supervisor chefe ocorreu que aqueles deuses não tinham entendido uma palavra do que havia dito. Naquele instante, Darral Estivador compreendeu que Limbeck o Louco, não estava totalmente errado. Aqueles seres não eram deuses. Os deuses o teriam compreendido. Aqueles eram mortais. E tinham chegado em uma nave dragão, o que significava que os welfos a bordo das naves dragão também eram, muito provavelmente, mortais. O supervisor chefe não teria se sentido mais consternado se a Máquina Viva tivesse parado de funcionar de repente, se todas as engrenagens tivessem parado de girar, se todas as alavancas tivessem parado de impulsionar, se todos os apitos tivessem deixado de soar. Limbeck o Louco tinha razão! Não haveria nenhum Julgamento! Jamais seriam levados até a Esperança dos Gegs. Darral observou com irritação os deuses e sua nave despedaçada e percebeu que eles nem sequer poderiam

partir de Drevlin.

O surdo rumor de um trovão avisou ao supervisor que ele e aqueles “deuses” não dispunham de tempo para ficar olhando uns para os outros. Desiludido, zangado e precisando de tempo para pensar, Darral voltou as costas aos “deuses” e se dispôs a voltar para a cidade.

— Espere! — Disse uma voz. — Onde você vai?

Sobressaltado, Darral virou-se. Tinha aparecido um terceiro deus. Este devia ser o que o guarda tinha visto, pois era pequeno e de aspecto frágil. Aquele deus era um menino! O supervisor não sabia se era sua imaginação, mas o deus menino acabara de falar com palavras inteligíveis?

— Saudações. Sou o príncipe Bane — declarou o menino em um geg excelente embora um pouco vacilante, como se alguém estivesse ditando cada palavra. Uma de suas mãos apertava com força um amuleto que estava pendurando sobre o peito. A outra mão estava estendida para frente com a palma à vista, no gesto ritual de amizade entre os gegs. — Meu pai é Sinistrad, misteriarca da Sétima Casa e governante do Reino Superior.

Darral Estivador estremeceu e exalou um suspiro. Jamais em sua vida tinha visto um ser tão belo como aquele. Reluzentes cabelos dourados, reluzentes olhos azuis... o menino brilhava como o metal da Máquina Viva.

‘Talvez tivesse se confundido e Limbeck o Louco, enganara-se afinal. Sem dúvida, aquele ser devia ser imortal! Do mais fundo do geg, enterrada sob séculos de Separação, holocausto e ruptura, surgiu na mente de Darral uma frase: “E um menino os conduzirá”.

— Saudações, príncipe Bane — respondeu, vacilando ao pronunciar aquele nome que, em seu idioma, não tinha nenhum significado. — Veio para celebrar o Julgamento?

O menino piscou, depois disse friamente:

— Sim, vim para o Julgamento. Onde está seu rei?

— Sou o supervisor chefe, Venerável, governante de meu povo. Seria uma grande honra que se dignasse a visitar nossa cidade.

O geg dirigiu um nervoso olhar à tormenta que se aproximava. Provavelmente, os deuses não eram afetados pelos raios que caíam dos céus, mas a Darral era embaraçoso dar a entender que aos supervisores chefes, sim. O menino pareceu entender os apuros do geg e ter piedade dele. Com um olhar a seus dois companheiros, a quem Darral tomou agora por servos ou guardiões do deus, o príncipe Bane indicou que estava pronto para a viagem e olhou a seu redor como se procurasse um veículo.

— Sinto muito, Venerável — murmurou o supervisor chefe, ruborizando e suando. — Temo que... teremos que caminhar.

— Ah! Está bem! — respondeu o deus, saltando alegremente a metade de um atoleiro.

CAPÍTULO 30



WOMBE, DREVLIN, REINO INFERIOR

Limbeck estava na sede central da UAPP, escrevendo o discurso que faria no comício dessa noite. Com os óculos em precário equilíbrio sobre o nariz, o geg rabiscava suas palavras no papel, salpicando tudo de tinta e completamente abstraído do caos que o rodeava. Haplo estava sentado perto dele com o cão a seus pés.

Silencioso, taciturno e discreto — de fato, quase distraído —, o patryn estava sentado em uma cadeira geg muito pequena para seu tamanho. Com as pernas estendidas a frente, contemplava ociosamente a organizada confusão e baixava de vez em quando a mão enfaixada para acariciar a cabeça do cão ou para dar uns tapinhas reconfortantes se algo assustava o animal.

A sede central da UAPP na cidade de Wombe era, literalmente, um buraco no muro. Em certo momento, a Máquina Viva tinha resolvido que precisava estender-se em determinada direção, tinha aberto um buraco na parede de uma casa geg e depois, por alguma razão desconhecida, tinha decidido que não queria ampliar-se naquela direção.

O buraco na parede tinha ficado ali e várias famílias geg que tinham ocupado o lugar se mudaram para outra parte, pois ninguém podia estar certo de que a Máquina Viva não voltaria a mudar de ideia.

Salvo alguns inconvenientes menores, como a perpétua corrente de ar, o lugar se mostrou ideal para a instalação da sede central da UAPP. Nunca houvera na capital de Drevlin uma sede da União até aquele momento, pois o supervisor chefe e a Igreja exerciam ali um domínio esmagador. Mas quando chegou a Wombe a notícia do retorno triunfal de Limbeck dentre os mortos, trazendo consigo um deus que afirmava não ser divino, os gegs quiseram conhecer mais a fundo à União e seu líder. Jarre viajou pessoalmente à cidade para fundar a sede da União ali, distribuir panfletos e procurar um edifício adequado que lhes servisse de centro de operações e de moradia. Entretanto, seu principal e secreto objetivo era descobrir se o supervisor chefe e/ou a Igreja iriam lhe causar problemas.

Jarre esperava que sim. Quase podia ouvir os cantores de notícias de todo

Drevlin gritando: “Guardas golpeiam os convertidos!”. Mas nada disso tinha acontecido, para desgosto de Jarre, e Limbeck e Haplo (e o cão) tinham sido recebidos por uma multidão ao entrar na cidade. Jarre tinha pontuado que se tratava sem dúvida de um obscuro e sutil ardid tramado pelo supervisor chefe para lhes criar uma armadilha, mas Limbeck tinha respondido que, simplesmente, demonstrava que Darral Estivador era justo e razoável.

Agora, uma multidão de gegs se amontoava a frente do buraco na parede, esticando o pescoço para dar uma breve olhada no famoso Limbeck e no seu deus. Os membros da UAPP entravam e saíam com ar de importância levando e trazendo mensagens, Jarre estava tão ocupada encarregando-se dos assuntos que já não tinha tempo para preparar discursos.

Jarre estava em seu elemento, dirigindo a UAPP com implacável eficácia. Sua capacidade de organização, seu conhecimento interno dos gegs e seu manejo de Limbeck tinham feito o mundo dos gegs explodir de cólera e de chamadas à revolução. Ela se encarregou de aqular, puxar e sacudir Limbeck até moldá-lo, impulsionou-o a pronunciar palavras brilhantes e o conteve quando era o momento de calar. O temor reverencial que sentia por Haplo não demorou a desaparecer e começou a tratá-lo igual fazia com Limbeck, indicando o que dizer e quanto tempo falar.

Haplo se submeteu a ela em tudo com uma docilidade relaxada e despreocupada. Jarre descobriu que era um homem de poucas palavras, mas essas palavras tinham o efeito de queimar o coração, onde deixavam uma marca que continuava queimando muito depois do ferro esfriar.

— Já preparou o discurso desta noite, Haplo?

Jarre, a quem Limbeck tinha ensinado por sua vez a ler e escrever, estava redigindo o rascunho de uma réplica a um ataque que a Igreja tinha vertido sobre eles. Um ataque tão ridículo que respondê-lo era dar mais crédito que merecia.

— Direi o de sempre, se isso lhe agradar, senhora — respondeu Haplo com a calma respeitabilidade que distinguia todos seus entendimentos com os gegs.

— Sim — respondeu Jarre, acariciando o queixo com a ponta da pena de escrever. — Acredito que será o mais conveniente. Já sabe que provavelmente reuniremos o maior público até o momento. Conforme dizem, alguns turnos falam até de deixar o trabalho, algo que não tem o menor precedente na história de Drevlin!

Limbeck se sobressaltou o suficiente com o tom de voz de Jarre para levantar seus olhos míopes do papel e voltá-los para ela. Na realidade, só conseguiu distinguir de Jarre uma imprecisa silhueta rechonchuda encimada por um vulto que era sua cabeça. Não podia ver-lhe os olhos, mas Limbeck a conhecia o suficiente para imaginá-los faiscantes de prazer.

— Querida, o que acha disso? — interveio, com a pena suspensa sobre o papel. Uma grande gota de tinta caiu exatamente na metade do texto sem que percebesse. — Creio que fará o supervisor chefe e aos ofinistas irem às nuvens...

— Assim espero! — declarou Jarre energicamente, para grande desgosto de Limbeck. Nervoso, colocou a manga no borrão de tinta.

— Tomara que envie seus guardas para acabar com o comício — continuou ela. — Com isso ganharíamos centenas de seguidores!

— Mas haveria problemas! — Limbeck estava horrorizado. — Alguém poderia sair ferido!

— Tudo pela causa!

Jarre encolheu os ombros e voltou para seu trabalho. Limbeck deixou cair outra gota de tinta.

— Mas minha causa foi sempre pacífica! Nunca quis que ninguém se machucasse!

Ficando em pé, Jarre dirigiu um breve e expressivo olhar para Haplo para lembrar a Limbeck que ele estava ouvindo. Limbeck ruborizou e mordeu o lábio, mas sacudiu a cabeça com um gesto teimoso e Jarre deu alguns passos até ele. Com um trapo, limpou uma mancha de tinta que se destacava na ponta de seu nariz.

— Meu querido — murmurou, não sem ternura, — você sempre me falou da necessidade de uma mudança. Como pensava que ela iria acontecer?

— De forma gradual — respondeu Limbeck. — De forma lenta e gradual, de modo que todos tivessem tempo para se habituar a ela e a considerar mais conveniente.

Um membro da União colocou a cabeça pelo buraco da parede, chamando a atenção de Jarre. Ela o olhou carrancuda e o geg pareceu um pouco intimidado, mas se manteve firme. Voltando as costas ao recém-chegado, Jarre alisou a testa enrugada de Limbeck com uma mão áspera e calosa pelo trabalho duro.

— Você quer que a mudança aconteça de maneira suave e agradável. Quer imaginar isso como algo que penetra aos poucos na mente das pessoas sem que elas percebam, até que uma manhã despertem e vejam que são mais felizes que antes. Não é isso, Limbeck? Claro que é! — respondeu Jarre a sua própria pergunta. — É muito maravilhoso e muito gentil de sua parte, e também muito infantil e muito estúpido.

Inclinou-se e depositou um beijo na cabeça de Limbeck para tirar o fel de suas palavras.

— É precisamente isso que eu adoro em você, querido — acrescentou. — Mas não prestou atenção ao que Haplo dizia, Limbeck? Por que não repete uma parte de seu discurso, Haplo?

O geg que tinha tentado chamar a atenção de Jarre virou a cabeça e gritou para a multidão:

— Haplo vai pronunciar um discurso!

Os seguidores reunidos na rua prorromperam em crescentes vivas e todos tentaram colocar a cabeça, os braços, as pernas e outras partes do corpo pelo buraco da parede. Este movimento, um tanto alarmante, fez que o cão se levantasse de um salto. Haplo o fez deitar-se de novo com alguns tapinhas tranquilizadores e, com ar complacente, começou sua arenga em voz muito alta para fazer-se ouvir por cima do ranger, chiar e bater da Máquina Viva.

— Vocês, gegs, conhecem sua história. Foram presos aqui pelos “dictores”. Em meu mundo os conhecemos pelo nome de “sartan”, e também nos deram o mesmo tratamento. Os dictores os escravizaram, eles os obrigaram a trabalhar na Máquina Viva. Vocês a consideram um ser vivo, mas eu lhes asseguro que é uma máquina! Nada mais que uma máquina! Uma máquina que continua funcionando graças ao cérebro, músculos e sangue de todos vocês!

“E onde estão os sartan? Onde estão esses pressupostos deuses que disseram ter trazido seu povo, amável e pacífico, para cá para protegê-los dos welfos? Nada disso! Eles os instalaram aqui porque sabiam que poderiam se aproveitar de vocês!

“Onde estão os dictores? Onde estão os sartan? Essa é a pergunta que devemos fazer! Ao que parece ninguém conhece a resposta. Estavam aqui e agora desapareceram,

e os deixaram a mercê dos sequazes dos sardan, os welfos que vocês aprenderam a considerar como deuses. Mas os welfos não são deuses, assim como eu tampouco sou... embora seja certo que vivam como tais! Claro! Vivem como deuses porque vocês são seus escravos! E assim é como os welfos os vêem!

“É hora de se rebelar, de romper as cadeias e ser donos do que lhes corresponde por direito! Tomem o que lhes foi negado durante séculos!

Os aplausos dos gegs presentes no buraco interromperam Haplo. Jarre, com olhos brilhantes, ficou em pé com as mãos juntas e moveu os lábios ao ritmo de suas palavras, que tinha aprendido de cor. Limbeck prestou atenção à arenga, mas com expressão abatida e preocupada.

Embora ele também tivesse ouvido frequentemente o discurso de Haplo, parecia estar escutando-o pela primeira vez. Palavras como “sangue”, “rebelião”, “expulsar” ou “apoderar-se” saltavam de sua boca como rosnados do cão que tinha a seus pés. Limbeck as ouvira com frequência, talvez até as tivesse pronunciado em alguma ocasião, mas sem considerá-las mais que palavras.

Agora, ao contrário, as via como paus, paus e pedras, via muitos gegs caídos pelas ruas, conduzidos a prisão ou obrigados a descer os Degraus de Terrel Fen.

— Eu não pretendia nada disto! — exclamou. — Nada disto!

Jarre, com os lábios muito apertados, deu alguns passos para a entrada do local e, com um gesto enérgico, puxou a manta que fazia as vezes de cortina. Entre a multidão se elevaram murmúrios de protesto por ficarem sem ver o que acontecia no lá dentro.

— Pretendendo ou não, Limbeck, isto já foi longe demais para ser detido! — resmungou então com voz áspera. Ao observar a expressão atormentada do rosto de seu amado, suavizou o tom e acrescentou: — Todos os partos causam dor, sangue e lágrimas, querido. O recém-nascido sempre grita e chora quando deve abandonar sua prisão tranquila e segura. Entretanto, se ficasse no útero, não cresceria nem jamais amadureceria. Seria um parasita alimentando-se de outro corpo. Isso é o que somos. Nós nos transformamos nisso, não vê? Não compreende?

— Não, minha querida — respondeu Limbeck. Sua mão tremula segurava a pluma, salpicando de tinta tudo o que tinha ao redor. Deixou-a sobre o papel onde estivera trabalhando e ficou em pé lentamente. — Acho que vou dar um passeio.

— Eu não faria isso — disse Jarre. — As pessoas...

Limbeck piscou.

— Oh! Sim, claro. Tem razão.

— Com tanta viagem e tanta excitação, você está esgotado. Vá deitar e tire uma sesta. Eu terminarei meu discurso. Aqui estão os óculos — disse Jarre com voz enérgica, pegando-os de cima da mesa e colocando-lhe no nariz dele. — Vá para a cama.

— Sim, querida — respondeu Limbeck, ajustando os óculos que Jarre, com bem intencionada ternura, tinha deixado inclinado. Olhar por eles daquele modo, com um cristal para cima e o outro para baixo, dava-lhe enjôo. — Pa... parece que é uma boa ideia. Realmente, sinto-me cansado — suspirou e abaixou a cabeça. — Muito cansado...

Quando já se dirigia às desmanteladas escadas, Limbeck notou sobressaltado uma língua úmida que lhe lambia os dedos. Era o cão de Haplo, que o olhava meneando a cauda. “Eu o compreendo”, parecia dizer o animal, cujas palavras eram bem claras na mente de Limbeck. “Sinto muito.”

— Cão!

Haplo chamou o animal com voz severa.

— Não, não importa — disse Limbeck, erguendo a mão para lhe dar uns tapinhas na cabeça do animal.

— Cão! Aqui!

A voz do Haplo tinha um tom quase zangado. O cão correu para o lado de seu amo e Limbeck se retirou escada acima.

— Ele é tão idealista! — suspirou Jarre enquanto via Limbeck se afastar com uma mescla de admiração e exasperação. — E nada prático. Não sei o que vou fazer.

— Mantenha-o por perto — disse Haplo enquanto acariciava o comprido focinho do animal para mostrar que tudo estava perdoado e esquecido. O cão se deitou no chão, virou-se de lado e fechou os olhos. — Limbeck proporciona a sua revolução um elevado tom moral. Vai precisar disso, quando o sangue começar a correr.

Jarre franziu o cenho preocupada.

— Você acha que chegaremos a isso?

— É inevitável — respondeu ele, dando de ombros. — Você mesma acaba de dizer isso a Limbeck.

— Eu sei. Como acaba de apontar, parece que é algo inevitável, que este é o final lógico do que iniciamos a tanto tempo. Entretanto, ultimamente me ocorreu — voltou os olhos para Haplo — que até sua chegada não tínhamos considerado seriamente o emprego da violência. Às vezes me pergunto se você não é realmente um deus.

— Por que isso? — perguntou Haplo com um sorriso.

— As suas palavras têm um estranho poder sobre nós. Eu as escuto sempre, mas não na cabeça, no coração. — Jarre levou a mão ao peito e o apertou como se doesse. — E me dá a impressão que, ao tê-las no coração, sou incapaz de meditar sobre elas racionalmente. Só desejo reagir, sair, fazer... agir de algum jeito. Fazer alguém pagar pelo que sofremos, o que suportamos!

Haplo se levantou da cadeira e, aproximando-se de Jarre, se ajoelhou em frente a ela para que seus olhos ficassem no mesmo nível que os da robusta anã.

— E por que não deveria fazê-lo? — disse com tanta suavidade que Jarre não escutou suas palavras entre os ruídos da Máquina Viva. Entretanto, Jarre compreendeu o que dizia e a dor de seu coração se fez ainda mais intensa. — Por que não os faria pagar? Quantas gerações do seu povo viveram e morreram aqui embaixo? E tudo para que? Para servir uma máquina que engole sua terra, que destrói suas casas, que toma suas vidas e não lhes dá nada em troca! Vocês foram utilizados e traídos! Têm o direito... o dever, de devolver o golpe.

— Sim!

Jarre estava extasiada, hipnotizada pelos olhos cristalinos de Haplo. Pouco a pouco, a mão que levou ao peito se fechou em um punho. Haplo, com seu sorriso, ficou em pé e se despediu.

— Acho que vou fazer uma sesta com seu amigo. Creio que nos espera uma noite muito longa.

— Haplo... — Jarre murmurou. — Você nos disse que vinha de algum lugar abaixo de nós, de um reino que... que ninguém sabe que existe.

O homem não respondeu, limitando-se a olhar para lá.

— Disse também que foram escravos — prosseguiu a geg, — mas o que não nos contou é como acabou na nossa ilha. Não será um... — Jarre vacilou e umedeceu os

lábios como se assim as palavras pudessem surgir mais facilmente — um fugitivo?

— Não, não sou um fugitivo — respondeu Haplo com um ligeiro de crisar dos lábios. — Veja, Jarre, nós ganhamos nossa luta. Deixamos de ser escravos. E eu fui enviado para ajudar a libertar outros.

O cão levantou a cabeça e olhou para Haplo com ar sonolento. Ao ver que seu amo partia, bocejou e se levantou, primeiro com as patas traseiras, estirando as dianteiras quase exageradamente. Com um novo bocejo, jogou o corpo para frente para estender as patas traseiras e logo, acompanhou Haplo escada acima.

Jarre o viu afastar-se, sacudiu a cabeça e se dispôs a sentar-se para terminar o discurso de Limbeck, quando um alvoroço do outro lado da cortina lhe recordou suas obrigações. Tinha que falar com alguns, repartir panfletos, inspecionar o salão, organizar desfiles...

A revolução não tinha nada de divertida.

Haplo subiu as escadas com cuidado. As pranchas de madeira nodosa dos degraus estavam quebradas e apodrecidas. Grandes rachaduras esperavam para engolir os incautos e fazê-los cair no vazio. Uma vez em seu quarto, tombou na cama, mas não conseguiu dormir. O cão saltou para o leito, deitou-se a seu lado e apoiou a cabeça no peito de seu amo, cravando seus olhos brilhantes no rosto do homem.

— Jarre é uma boa mulher — murmurou Haplo, — mas não servirá para os nossos propósitos. Pensa muito, como diria meu amo, e isso a torna perigosa. O que precisamos para fomentar o caos neste reino é um fanático. Limbeck seria perfeito para isso, mas deve manter esse papel de idealista. E eu preciso sair deste lugar para investigar os reinos superiores e fazer o que puder para preparar o caminho para a vinda de meu senhor. A nave foi destroçada e tenho que encontrar outra, mas como... onde?

Perdido em seus pensamentos, acariciou as orelhas do cão. O animal, percebendo a tensão do homem, permaneceu acordado e lhe deu seu limitado apoio. Pouco a pouco, Haplo relaxou. Estava seguro de que a oportunidade apareceria. Só tinha que ficar atento e aproveitá-la. O cão fechou os olhos com um suspiro satisfeito e dormiu. Depois de alguns momentos, Haplo o imitou.

CAPÍTULO 31



WOMBE, DREVLIN, REINO INFERIOR

Alfred?

— Sim?

— Entende o que eles falam?

Hugh apontou para Bane e o geg, que avançavam conversando. As suas costas surgiam as nuvens de tormenta e o vento começava a aumentar com um uivo fantasmagórico entre os fragmentos de coralita arrancados pelos raios. Diante do grupo já se enxergava a cidade que Bane tinha visto. Melhor dizendo, não uma cidade propriamente mas uma máquina. Ou, talvez, uma máquina que era uma cidade.

— Não, senhor — respondeu o chambelan, com o olhar fixo nas costas do menino e falando em um tom de voz mais elevado que o habitual. — Não conheço a língua deste povo. Não acredito que haja muitos de nossa raça, ou até entre os elfos, que a dominem.

— Você está enganado. Alguns elfos falam: os capitães das naves de transporte de água. Mas então, se você não fala (e suponho que Stephen também não), onde o príncipe a aprendeu?

— Não imagina? — replicou Alfred, olhando para o céu.

Hugh compreendeu que não estava se referindo às nuvens. Lá em cima, muito acima do Torvelinho, existia o Reino Superior onde moravam os misteriarcas em seu exílio auto-imposto, vivendo em um mundo cujas riquezas, conforme diziam as lendas, superavam os sonhos do homem mais ambicioso e cuja beleza superava a imaginação mais fantasiosa.

— Entender o idioma de uma raça ou cultura diferente é um dos feitiços mais simples. Não me surpreenderia se esse amuleto... Oh!

Os pés do Alfred decidiram se desviar do caminho e afundar em um fossa, e arrastaram com eles o resto do chambelan. O geg parou e virou a cabeça, alarmado com seu grito, mas Bane fez um comentário zombeteiro e os dois continuaram a avançar. Hugh ajudou Alfred a levantar-se e, segurando-o pelo braço, conduziu-o

apressadamente pelo terreno acidentado. As primeiras gotas de chuva começavam a cair e se chocavam com a coralita com um sonoro chapinho.

O chambelan lançou um olhar inquieto para Hugh e este captou seu pedido mudo de que guardasse silêncio. Naquele embaraçoso olhar, Hugh leu a resposta verdadeira a sua pergunta, uma resposta que pouco tinha que ver com a que Alfred tinha dado. Estava claro que o chambelan falava o idioma dos gegs: a ninguém ocorreria prestar atenção a uma conversa que não podia entender, e Alfred estava muito atento ao que Bane e seu acompanhante diziam. Mas o mais interessante de tudo para Hugh, era que Alfred ocultasse o fato ao príncipe.

Hugh aprovou sem reservas o fato dele espiar o príncipe, mas tal coisa deixava abertas outras perguntas inquietantes: onde e por que um chambelan tinha aprendido a falar o idioma dos gegs? Quem ou o que era Alfred?

A tormenta caiu com toda sua fúria mortífera e o grupo de gegs e humanos se lançou em uma louca corrida para a cidade de Wombe. A chuva formava diante deles uma muralha cinza que quase lhes impedia de ver para onde iam. Entretanto, por sorte, o ruído que produzia a máquina era tão potente que quase se podia ouvir apesar da tormenta e suas vibrações eram perceptíveis sob os pés. Graças a isso, souberam que corriam na direção certa.

Uma multidão de gegs os esperava junto a uma porta aberta e os fez passar para o interior da máquina. O ruído da tormenta cessou, mas o estrondo da máquina era ainda mais potente com seus chiados metálicos e seus golpes surdos vindos de todas as partes: de cima, de baixo, ao redor deles e à distância. Vários gegs com aspecto de guardiões armados, precedidos por outro geg vestido como um dos servos dos nobres elfos, aguardavam ali com certo nervosismo para recebê-los.

— O que aconteceu, Bane? — Gritou Hugh, para se fazer ouvir sobre o estrépito causado pela máquina. — Quem é esse sujeito e o que quer?

Bane virou o rosto para Hugh com um cândido sorriso, visivelmente satisfeito consigo mesmo e com aquele poder recém descoberto.

— É o rei desse povo!

— O que?

— O rei! Vai nos levar a uma espécie de sala de julgamentos.

— Não pode nos levar a algum lugar onde não haja barulho? — perguntou Hugh, que começava a sentir a cabeça doer.

Bane se virou para o rei para lhe formular a pergunta. Perplexo, Hugh viu que todos os gegs o olhavam com expressão horrorizada e sacudia a cabeça energicamente.

— Que diabos aconteceu?

O príncipe soltou uma risada.

— Acreditam que você perguntou por um lugar onde possa morrer!

Nesse momento, o rei geg apresentou Bane ao geg vestido com meias de seda, calções até os joelhos e uma puída casaca de veludo. O geg ajoelhou diante dele e, tomando a mão deste, apertou-a contra sua face.

— Quem eles acreditam que é, Alteza? — Hugh quis saber.

— Um deus — respondeu Bane alegremente. — Um deus que esperaram por muito tempo, ao que parece. Agora vou submetê-los a julgamento.

Os gegs conduziram seus deuses recém descobertos pelas ruas de Wombe, ruas que corriam por cima, para baixo e através da Máquina Viva. A Hugh quase nada deste

mundo o impressionava(nem sequer a morte o atemorizava muito), mas a grande máquina lhe inspirava um temor reverencial. A Máquina Viva cintilava, brilhava e soltava faíscas. Chiava, esmurrava e martelava. Bombeava e girava, e lançava jorros de vapor ardente. Criava arcos de relâmpagos azulados. Ia mais alto do que ele conseguia enxergar e afundava a mais profundidade que podia imaginar. Suas alavancas enormes se moviam, suas engrenagens enormes giravam, suas caldeiras enormes ferviam. Tinha braços, mãos, pernas e pés, todos de metal reluzente, conscientemente dedicados a deslocar-se para outro lugar diferente daquele que ocupavam. Tinha olhos que emitiam uma luz ofuscante e bocas que chiavam e ululavam.

E os gegs se deslocavam sobre a máquina, subiam por ela, desciam engatinhando pelas suas vísceras, controlavam-na, ajudavam-na e, em geral, atendiam-na com visível amor e devoção.

Bane também estava pasmo e olhava a seu redor boquiaberto e com os olhos arregalados, com uma expressão muito pouco digna de um deus.

— Isto é assombroso! — Exclamou. — Nunca tinha visto nada igual.

— É mesmo, Venerável? — Replicou o supervisor chefe, observando desconcertado o menino deus. — Mas como, se foram os deuses que a construíram?

— Oh!, sim, isto... — balbuciou Bane. — Quis dizer que nunca vi... nada parecido ao cuidado com que cuidam dela — acabou a frase apressadamente, soltando as palavras com uma sensação de alívio.

— Sim — afirmou o ofinista chefe com ar digno e o rosto radiante de orgulho. — Cuidamos dela com toda dedicação.

O príncipe mordeu a língua. Desejava perguntar o que fazia aquela máquina assombrosa, mas era evidente que o reinho esperava que soubesse de tudo (o que era compreensível que se esperasse de um deus). Bane também estava sozinho naquele assunto, pois seu pai já lhe tinha dado toda a informação que possuía sobre a grande máquina do Reino Inferior. A ideia de ser um deus não era tão simples como tinha parecido a princípio e o príncipe começou a lamentar por ter aceito tão depressa essa condição. E havia também o tal julgamento. A quem ia julgar, e por quê? Teria que mandar alguém para as masmorras? Certamente, precisava descobrir, mas como?

Aquele rei geg era muito desconfiado. Era respeitoso e solícito, mas Bane percebeu que, quando olhava para outra parte, o rei o estudava com um olhar agudo e penetrante. Em compensação, a sua direita, o príncipe tinha outro geg que lembrava um macaco amestrado que tinha visto uma vez na corte. Pelo que tinha chegado a seus ouvidos, Bane deduziu que o geg vestido de veludosalgo com a religião em que se encontrava envolvido tão profundamente. Aquele geg não parecia ser muito brilhante e o príncipe decidiu tirar as respostas dele.

— Perdoe-me, mas não guardei seu nome — disse ao ofinista chefe com um sorriso encantador.

— Wes Torneiro, Venerável — respondeu o geg, inclinando tudo o que permitia sua grossa cintura, até quase tropeçar em sua longa barba. — Tenho a honra de ser seu ofinista chefe.

“O que quer que seja isso”, murmurou Bane para si mesmo, mas dedicou um sorriso e um gesto de assentimento ao anão, insinuando que em todo Drevlin não haveria um geg mais indicado para o cargo.

Aproximando-se ainda mais do ofinista chefe, Bane pousou sua mão sobre a do

geg. Seu gesto fez o ofinista chefe inchar de orgulho e dirigir um olhar de suprema satisfação para seu cunhado, o supervisor chefe.

Darral não prestou muita atenção. A multidão amontoada nas ruas para vê-los estava se alvoroçando e ficou satisfeito ao ver que os guardas reagiam. No momento, pareciam ter tudo sob controle, mas percebeu que teria que vigiar de perto os acontecimentos. Só esperava que o menino deus não entendesse o que muitos gegs gritavam. Maldito fosse aquele Limbeck!

Para sorte de Darral, o menino deus estava completamente absorto em seus próprios problemas.

— Talvez você possa me ajudar, ofinista chefe — murmurou, ruborizando tímida e delicadamente.

— Seria uma honra, Venerável.

— Sabe, faz muito tempo que nós, seus deuses... bem... como vocês nos chamam?

— Dictores, Venerável. É assim que chamam a si mesmos, não é verdade?

— Hein? Ah, sim! Dictores. Pois bem, como ia dizendo, nós os dictores estivemos ausentes por muito tempo...

— Muitos séculos, Venerável — assentiu o ofinista chefe.

— Sim, muitos séculos, e observamos que aqui embaixo muitas coisas mudaram desde que partimos. — Bane exalou um profundo suspiro. — Portanto, decidimos que esse assunto de julgamento também deve mudar.

O ofinista chefe notou que começava a desinchar de sua vaidosa complacência e dirigiu um olhar inquieto para o supervisor chefe. Se, em sua condição de ofinista chefe, estragasse a cerimônia do Julgamento, essa seria sua última chance de estragar algo.

— Não estou muito certo ao que se refere, Venerável.

— Falo de modernizá-lo, de colocá-lo em dia — disse Bane.

O ofinista chefe ficou totalmente confuso. Como poderia mudar algo que nunca acontecera? Entretanto, o geg supôs que os deuses deviam ter decidido assim.

— Créio que tem razão...

— Não importa. Vejo que não se sente cômodo com a ideia — disse o príncipe, dando uns tapinhas no braço do ofinista. — Me ocorre uma coisa: você diz como quer que eu celebre a cerimônia e eu sigo suas instruções.

O rosto do ofinista chefe se iluminou de novo.

— Não sabe quão maravilhoso é este momento para mim, Venerável. sonhei tanto tempo com algo assim... E agora, por fim, poder celebrar o Julgamento como sempre imaginei... — Emocionado, secou as lágrimas das bochechas.

— Sim, sim — murmurou Bane, percebendo que o supervisor chefe os observava com os olhos cerrados e cada vez chegava mais perto deles. O rei geg só não havia cortado a conversa porque, sem dúvida, seria uma demonstração de má educação interromper um deus em meio a um diálogo confidencial. — Continue.

— Bom, sempre imaginei que todos os gegs (ou, ao menos, todos os que devem ajudar) reuniam-se na Factria vestidos com seus melhores trajes. E que você estava presente, sentado na Cadeira do Dictor, é óbvio.

— Certamente. E...

— E que eu também estava ali, diante da multidão, com o novo traje de ofinista chefe que farei especialmente para a ocasião. Branco, acredito, seria a cor mais adequada,

com laços negros nos joelhos; nada muito exagerado...

— Muito elegante. E, continuando...

— Creio que o supervisor chefe também estará ali conosco, não? Quer dizer, Venerável, a menos que lhe encontremos outra missão. Verá que vai ser problemático encontrar uma roupa adequada para ele. Talvez, com esta modernização a que se referiu, possamos prescindir dele.

— Pensarei nisso. — Bane agarrou com força o amuleto, esforçando-se por manter a paciência. — Continue explicando. Estamos frente a multidão e eu me levanto e... — O príncipe olhou para o ofinista chefe com expectativa.

— E então nos submete ao Julgamento, Venerável!

Por um instante, o menino deus imaginou satisfeito que afundava os dentes no braço coberto de veludo do geg. Reprimindo com muita dificuldade tal impulso, exalou um profundo suspiro.

— Muito bem. Eu o julgo. E depois, o que acontece? Já sei! Proclamamos um dia de festa!

— Na realidade, não acredito que haja tempo para isso, não é, Venerável? — apontou o geg, olhando para Bane com expressão de desconcerto.

— Talvez... talvez não — titubeou o príncipe. — Tinha esquecido de... quando todos estivermos... — Bane retirou sua mão e secou com ela o suor da testa. Certamente, dentro da máquina fazia muito calor. Calor e barulho. Doía-lhe a garganta de tanto gritar. — O que faremos, uma vez que os tenha julgado?

— Bom, isso depende de nos considerar dignos, Venerável.

— Digamos que os considere dignos — insistiu Bane, apertando os dentes. — Então, o que acontece?

— Então, ascenderemos todos, Venerável.

— Ascender? — O príncipe lançou um olhar às passarelas que corriam aqui e ali a grande altura sobre suas cabeças.

O ofinista chefe, interpretando mal o gesto, soltou um suspiro de felicidade e, com uma expressão beatífica no rosto, elevou as mãos

— Sim, Venerável! Ascenderemos diretamente para o céu!

Enquanto avançava atrás de Bane e seus devotos, Hugh dividiu sua atenção entre a vigilância ao príncipe e a observação do lugar em que estavam. Não demorou para abandonar seu desejo de memorizar o caminho que percorriam, reconhecendo interiormente que jamais conseguiria encontrar sem ajuda a saída da máquina. A notícia de sua chegada os tinha precedido, evidentemente. Milhares de gogs enchiam as salas e passadiços da máquina e contemplavam enquanto passavam, apontado para eles e gritando. Até os gogs que estavam de serviço viravam a cabeça, concedendo a Hugh e a seus companheiros — que não puderam dar o devido valor — a grande honra de esquecer de suas tarefas por alguns segundos. Não obstante, a reação dos gogs era confusa. Alguns gritavam vivas de entusiasmo, mas outros pareciam zangados.

Hugh estava mais interessado no príncipe Bane e no que estaria tramando em tão secreta conversa com o geg enfeitado. Enquanto se amaldiçoava em silêncio por não ter se importado a aprender uma só palavra do idioma dos gogs durante sua permanência em poder dos elfos, Hugh notou que lhe puxavam a manga e voltou sua atenção para Alfred.

— Senhor — disse ele, — entendeu o que essa gente grita?

— Para mim, é uma gritaria sem pés nem cabeça. Mas você entende a língua, não é verdade, Alfred?

O chambelan ruborizou.

— Lamento ter ocultado isso senhor, mas achei importante que certa pessoa não soubesse... — Dirigiu um olhar ao príncipe. — Quando me perguntou, antes da tormenta, havia a possibilidade de que ele pudesse ouvir minha resposta, de modo que não tive outro remédio...

Hugh fez um gesto com a mão, desculpando-o. Alfred tinha razão e tinha sido ele, Hugh, quem tinha errado ao perguntar. Deveria ter percebido o que Alfred pretendia e não ter aberto a boca. A única explicação era que Hugh nunca se sentira tão impotente em toda sua vida.

— Onde aprendeu a falar gegs?

— Sempre tive afeição pelo estudo dos gegs e do Reino Inferior, senhor — respondeu Alfred com a tranquilidade, entre tímida e orgulhosa, de um sincero entusiasta do tema. — Me atreveria a dizer que possuo uma das melhores coleções de livros escritos sobre sua cultura. Se estiver interessado, adoraria mostrar-lhe quando voltarmos...

— Se deixou esses livros no palácio, pode esquecer deles. A menos que queira pedir permissão ao rei Stephen para voltar e recolher suas coisas.

— Tem razão, senhor. Naturalmente. Que estupidez a minha! — Alfred deixou cair os ombros. — Todos os meus livros... creio que nunca mais voltarei a vê-los.

— O que você dizia dos gritos da multidão?

— Ah, sim! — O chambelan olhou para os gegs que lançavam vivas e esporádicas brincadeiras à comitiva. — Alguns fazem coro “Abaixo o deus do survisor!” e “Queremos o deus de Limbeck!”.

— Limbeck? O que significa isso?

— Acredito que é um nome geg, senhor. Significa “destilar” ou “extrair”. Se me permite uma sugestão, creio que... — O chambelan baixou automaticamente a voz e Hugh não conseguiu entender suas palavras devido ao ruído e à comoção.

— Fale mais alto. Aqui ninguém entende o que dizemos, não é?

— Suponho que não — assentiu Alfred, com uma expressão de ligeira surpresa.

— Não tinha pensado nisso. Dizia, senhor, que talvez haja outro humano como nós aqui embaixo.

— Ou um elfo. O que é mais provável, em todo caso, isso abre a possibilidade de que exista uma nave que poderíamos utilizar para sair daqui.

— Sim, senhor. Era isso que estava pensando.

— Temos que encontrar esse Limbeck e seu deus, ou o quem quer que seja.

— Não deve ser muito difícil, senhor. Sobretudo, se pedir ao nosso pequeno “deus”.

— Nosso pequeno “deus”, como você o chama, parece ter se metido em algum problema — comentou Hugh, voltando o olhar para o príncipe. — Olhe para ele

— Oh, não! — murmurou Alfred.

Bane havia virado a cabeça em busca de seus companheiros. Tinha as bochechas pálidas e os olhos azuis muito abertos. Mordendo os lábios, fez um breve e rápido movimento com a mão para que se aproximassem.

Um esquadrão completo de gegs armados avançava entre Bane e seus dois

companheiros. Hugh moveu a cabeça com um gesto de negativa. Bane insistiu com um olhar suplicante. Alfred lhe dedicou um sorriso e apontou para a multidão. Bane era um príncipe e sabia o que significava uma audiência. Com um suspiro, o pequeno se virou para um lado e outro, e começou a agitar sua mão sem energia nem entusiasmo.

— Eu temia algo assim — disse Alfred.

— O que acha que aconteceu?

— O príncipe disse algo sobre os gegs o tomarem por um deus que veio “julgá-los”. Se referiu a isso rapidamente, mas para os gegs é um assunto muito sério. Segundo suas lendas, essa grande máquina foi construída pelos dictores e os gegs receberam a ordem de cuidar dela até o Dia do Julgamento, nesse dia receberiam sua recompensa e seriam transportados para os reinos superiores. Essa é a razão da ilha Esperança dos Gegs receber esse nome.

— Dictores... Quem são esses dictores?

— Os sartan

— Espero que não possa fingir tal coisa, embora se seu pai ajudar...

— Não, senhor. Nem sequer um misteriarca da Sétima Casa, como seu pai, possui poderes mágicos comparáveis aos dos sartan. Afinal — acrescentou Alfred, abrindo os braços, — foram eles que construíram tudo isto.

Naquele momento, isso pouco importava a Hugh.

— Grande! Simplesmente estupendo! — exclamou. — E o que acha que farão quando descobrirem que somos impostores?

— Não saberia dizer. Geralmente os gegs são pacíficos e tolerantes; entretanto, não creio que já encontraram alguém que se fizesse passar por um de seus deuses. Além disso, parecem estar muito agitados por alguma causa. — Depois de dirigir um novo olhar à multidão, que dava crescentes mostra de hostilidade, sacudiu a cabeça. — Eu diria que chegamos em um momento bastante inoportuno.

CAPÍTULO 32



WOMBE, DREVLIN, REINO INFERIOR

Os gegs conduziram os “deuses” à Factria, o mesmo lugar onde Limbeck tinha sido submetido a julgamento. Tiveram algumas dificuldades para entrar, devido à massa de gegs que formava redemoinhos no exterior. Hugh não entendia uma palavra do que a multidão gritava mas, apesar disso, percebeu claramente que esta se achava dividida em duas facções que se enfrentavam aos gritos, junto a um grande grupo que parecia incapaz de decidir por uma delas. As duas facções pareciam muito radicais na defesa de suas opiniões, pois Hugh viu que brigas explodiam entre elas em várias ocasiões e lembrou do que Alfred acabava de dizer sobre os gegs serem pacíficos e tolerantes.

Chegamos em um momento bastante inoportuno. Não era nenhuma brincadeira. Parecia que estavam no meio de alguma revolução!

Os guardas mantiveram a multidão à distância e o príncipe e seus companheiros conseguiram passar entre seus corpos robustos até ganhar a relativa tranquilidade da Factria (relativa porque o barulho da Máquina Viva continuava incessante em segundo plano).

Uma vez lá dentro, o supervisor chefe fez uma reunião rápida com os guardas. O pequeno dirigente tinha uma expressão grave e Hugh observou que sacudia a cabeça em negativa várias vezes. Hugh não se importava em absoluto com os gegs, mas tinha vivido o suficiente para saber que ver-se apanhado em um país submetido a agitações políticas não era o mais favorável para quem desejasse uma vida longa e feliz.

— Desculpe-me — disse, aproximando-se do supervisor chefe. Este assentiu com a cabeça e lhe dedicou esse sorriso radiante e inexpressivo de quem não entende uma palavra do que lhe estão dizendo, mas trata de aparentar que sim para não parecer descortês. — Temos de falar um momento com o pequeno deus.

Agarrando Bane pelo ombro com mão firme, e sem se importar com seus gemidos e tentativas de se soltar, Hugh atravessou com o príncipe a imensa sala vazia até o lugar onde Alfred se encontrava contemplando a estátua de um homem encapuzado que sustentava na mão um objeto que lembrava um enorme globo ocular.

— Sabe o que esperam que eu faça? — Disse Bane a Alfred assim que chegou a seu lado. — Esperam que os transporte para o céu!

— Posso lembrá-lo que foi você mesmo quem se colocou nesta situação, Alteza, ao dizer que era um de seus deuses?

O menino baixou a cabeça. Chegando mais perto do chambelan e pegando sua mão. Com um leve tremor no lábio inferior, Bane respondeu em um sussurro:

— Sinto muito, Alfred. Tinha medo de que fizessem mal a você e a maese Hugh, e foi só o que me ocorreu fazer.

Mãos fortes e dedos ásperos se cravaram em seus ombros, obrigando Bane a se virar. Hugh se ajoelhou frente a ele e olhou diretamente em seus olhos, nos quais desejava ver uma chama de astúcia e malevolência. Entretanto, só encontrou o olhar de um menino assustado.

— Muito bem, Alteza, continue enganando-os enquanto puder. Pode nos ajudar a sair daqui. Mas queremos que fique muito claro que não nos engana mais. É melhor enxugar essas lágrimas e prestar atenção... e isto vale também para seu pai. — Enquanto dizia estas palavras, olhou para o amuleto. O moço tinha a mão fechada em torno do objeto com um gesto protetor. — A menos que possa levar esses anões para cima, será melhor que pense em algo logo. Não acredito que toda essa gente fique satisfeita ao saber que foram enganados.

— Maese Hugh, estão nos vendo.

Hugh ergueu a vista para o supervisor chefe, que observava a cena com interesse. Soltou o menino, deu-lhe uns tapinhas nos ombros e, sorrindo, murmurou-lhe entre dentes:

— Quais seus planos, Alteza?

Bane engoliu as lágrimas. Por sorte, não era preciso que falassem em voz baixa, pois o martelar da máquina encobria tudo, até os pensamentos.

— Decidi dizer que os julguei e os considerarei indignos. Que não ganharam o direito a subir.

Hugh olhou para Alfred e o chambelan moveu a cabeça em gesto de negativa.

— Isso seria muito perigoso, Alteza. Se disser uma coisa assim no estado de agitação que parece haver se instalado no reino, os gegs poderiam voltar-se contra nós.

O príncipe piscou com nervosismo e seu olhar foi de Alfred a Hugh, e de novo para o chambelan. Bane estava visivelmente assustado. Lançou-se de cabeça naquele assunto e agora estava afundando. Pior ainda, devia perceber que as duas únicas pessoas que podiam salvá-lo tinham boas razões para deixar que se afogasse.

— O que faremos, então?

Faremos! Nada teria agradado mais a Hugh que abandonar o príncipe naquele pedaço de rocha varrido pelas tormentas. Entretanto, soube que não poderia. Resultado do encantamento? Ou era, simplesmente, porque o menino lhe dava pena? Nada disso, assegurou a si mesmo, pensando ainda em utilizar o príncipe para ganhar uma fortuna.

— Ouvi dizer que existe outro deus aqui embaixo. O “deus de Limbeck” — disse Alfred.

— Como soube? — Bane quis saber, colérico. — Você disse que não entendia o idioma!

— Sim, eu entendo, Alteza. Falo um pouco de gegs...

— Então, mentiu para mim! — O menino olhou desconcertado para o

chambelan. — Como pode fazer isso, Alfred? Eu confiava em você!

— Acho que é melhor reconhecer que nenhum de nós confia no outro — respondeu o chambelan.

— Quem pode me culpar por isso? — Replicou Bane com ar de absoluta inocência. — Este homem queria me matar e, eu sei, Alfred, que você o ajudava.

— Isso não é verdade, Alteza, embora possa entender porque pense assim. Mas não era minha intenção acusar ninguém. Acredito conveniente chamar sua atenção para o fato de que, apesar de não confiarmos uns nos outros, a vida dos três depende agora de cada um de nós. Penso que...

— Você pensa demais! — Interrompeu Hugh. — O menino entendeu, não é, Bane? E você, esqueça esse papel de bebê perdido no bosque. Tanto Alfred como eu sabemos quem e o que é. Suponho que queira sair daqui, subir e fazer uma visita ao seu pai. Pois bem, a única maneira de escapar desta rocha é através de uma nave e eu sou o único piloto que tem. Alfred, por sua vez, tem certos conhecimentos sobre este povo e sua maneira de pensar; ao menos, afirma ter. E tem razão quando diz que temos que nos apoiar neste jogo, assim sugiro que você e seu papaizinho pensem nisso.

Bane olhou-o fixamente. Seus olhos tinham deixado de ser os de um menino descobrindo o mundo; eram os olhos de quem já conhece tudo. Hugh viu a si mesmo refletido naqueles olhos; viu uma infância gerada sem amor, viu um menino que tinha aberto todos os belos presentes da vida e tinha descoberto que os pacotes só tinham lixo.

“Igual a mim”, pensou Hugh, “não acredita mais no luminoso, no brilhante, no belo. Sabe o que há por baixo.”

— Você não está me tratando como um menino — disse Bane, com cautela.

— Por acaso você é? — respondeu Hugh com brutalidade.

— Não. — Bane agarrou com força o amuleto enquanto falava, e repetiu em voz mais alta: — Não, não sou! Vou colaborar. Prometo fazê-lo, desde que vocês não me traiam. Se o fizerem, qualquer um dos dois, farei com que lamentem.

Seus olhos azuis cintilaram com uma expressão de astúcia nada infantil.

— Isso basta. Eu lhes dou minha palavra. Alfred?

O chambelan olhou-os com desespero e suspirou.

— Tem que ser assim? Confiar uns nos outros só porque cada qual tem uma adaga nas costas do outro?

— Você mentiu sobre não falar a língua dos geggs. E não me contou a verdade sobre o menino até que quase fosse tarde demais. Em que mais mentiu, Alfred? — Hugh exigiu saber.

O chambelan ficou pálido. Moveu os lábios, mas não conseguiu responder. Por fim, conseguiu murmurar:

— Prometo.

— Está bem. Combinado. Agora, temos que nos informar sobre esse outro deus. Poderia ser nosso meio de sair deste lugar. O mais provável é que se trate de um elfo cuja nave foi apanhada pela tormenta e lançada aqui.

— Poderia dizer ao supervisor chefe que desejo um encontro com esse deus. — Bane captou e entendeu em seguida as possibilidades de tal pedido. — Direi que não posso julgar os geggs até que saiba qual é a opinião desse outro “deus” sobre o assunto. Quem sabe? Poderíamos levar vários dias para receber a resposta — acrescentou com um sorriso angelical. — De qualquer modo, um elfo nos ajudaria?

— Se estiver nas mesmas dificuldades que nós aqui embaixo fará isso. Nossa nave está destroçada. Provavelmente, a dele também. Mas poderíamos utilizar partes de uma para reparar a outra... Silêncio! Temos companhia.

O *survisor chefe* se aproximou deles, seguido de um *ofinista chefe* pomposo e presunçoso.

— Quando deseja começar o Julgamento, Venerável?

Bane se ergueu como se estivesse ofendido.

— Ouvi às pessoas gritando algo sobre haver outro deus nesta terra. Como não me informaram sobre isso?

— Porque é um deus que afirma não ser divino, Venerável — disse o *survisor*, lançando um olhar de recriminação ao *ofinista chefe*. — Diz que não existem deuses, apenas mortais que nos escravizaram.

Hugh se conteve pacientemente durante esta conversa, da qual não entendeu palavra. Alfred estava muito atento ao que falava o *geg* e Hugh observava atentamente a expressão do *chambelan*. Não lhe passou despercebida sua reação de desalento ao que ouvia. O assassino trincou os dentes, frustrado quase ao ponto de enlouquecer. A vida dos três dependia de um menino de dez ciclos que, naquele momento, parecia perfeitamente capaz de cair no choro.

Entretanto, o príncipe Bane não perdeu a compostura. Com rosto altivo, deu alguma resposta que, ao que parecia, aliviou a situação pois Hugh viu Alfred relaxar. O *chambelan* até fez um leve assentimento antes de se controlar, consciente de que não devia mostrar nenhuma reação.

O menino era valente e tinha uma cabeça muito ágil, reconheceu Hugh retorcendo-a barba. “E possivelmente estou subjugado pelo feitiço”, recordou a si mesmo.

— Leve-me a esse deus — disse Bane com um ar imperioso que, por um instante, fez com que se parecesse com o rei Stephen.

— Se deseja vê-los, Venerável, o deus e o *geg* que o trouxe aqui falarão em público esta noite, em um comício. Pode enfrentá-lo e aos seus assistentes.

— Muito bem — assentiu Bane. Não gostava da ideia, mas não sabia que outra resposta dar.

— Agora, Venerável, talvez queira descansar um pouco. Vejo que um de seus acompanhantes está ferido. — O *survisor* olhou para a manga da camisa de Hugh, rasgada e manchada de sangue. — Posso mandar chamar um curador.

Hugh viu o olhar, entendeu o que dizia e fez um gesto de negativa.

— Obrigado — disse Bane. — A ferida não é grave. Mas pode mandar que nos tragam comida e água.

O *survisor chefe* fez uma reverência.

— É tudo o que posso fazer por si, Venerável?

— Sim, obrigado. Isso basta — respondeu Bane, sem conseguir ocultar o tom de alívio em sua voz.

Os deuses foram conduzidos a cadeiras colocadas aos pés da estátua do *dictor*, provavelmente para que lhes proporcionasse inspiração. O *ofinista chefe* teria gostado muito de ficar e cumprimentar os Veneráveis, mas Darral agarrou seu cunhado pela manga de veludo da casaca e o arrastou para longe deles entre uma corrente de protestos.

— O que está fazendo? — exclamou o *ofinista chefe*, furioso. — Como se atreve

a insultar o Venerável com uma coisa assim? Dar a entender que não é um deus! E essa conversa de sermos escravos...

— Cale-se e me escute — replicou Darral Estivador energicamente. Já tinha deuses que bastassem. Um “Venerável” mais e vomitaria. — Ou esses sujeitos são deuses, ou não são. Se não forem e esse Limbeck tiver razão, o que acha que será de nós, que passamos a vida dizendo ao nosso povo que servíamos aos deuses?

O ofinista chefe olhou para seu cunhado. Pouco a pouco, seu rosto foi perdendo a cor. Engoliu em seco.

— Exato — assentiu Darral com firmeza, fazendo oscilar a barba. — Agora, suponha que são deuses. Você realmente deseja ser julgado e levado para o céu? Ou prefere continuar aqui embaixo, tal como estavam as coisas antes de que se armasse todo este alvoroço?

O ofinista chefe refletiu. Estava muito orgulhoso de ser ofinista chefe. Levava uma boa vida. Os gegs o respeitavam, faziam-lhe reverências e tiravam o chapéu quando cruzavam com ele pela rua. Não tinha que trabalhar na Máquina Viva, exceto quando decidia comparecer ali. Convidavam-no a todas as melhores festas. Pensando bem, que mais podia lhe oferecer o céu?

— Tem razão — se viu obrigado a reconhecer, embora fosse doloroso fazer isso. — O que faremos, então?

— Já estou cuidando disso — respondeu o supervisor chefe. — Deixe isso em minhas mãos.

Hugh observou os gegs que se afastavam cochichando.

— Daria cem barls para saber o que esses dois estão falando.

— Não gosto disso — assentiu Alfred. — Esse outro deus, seja quem for, está fomentando o caos e a rebelião nesta terra e me pergunto por quê. Os elfos não teriam nenhuma razão para perturbar as coisas no Reino Inferior, não acha?

— Não. Manter os gegs tranquilos e trabalhando duro só lhes traz vantagens. Em todo caso, creio que não podemos fazer outra coisa além de ir ao comício desta noite e ouvir o que esse deus tem a dizer.

— Sim — disse Alfred, distraído.

Hugh se virou para olhá-lo. Sua testa alta e arredondada estava úmida de suor e seus olhos tinham adquirido um brilho febril. Tinha a pele e os lábios cinzentos. De repente, Hugh percebeu que o chambelan não tinha tropeçado em nada fazia muito tempo.

— Você não tem bom aspecto. Sente-se bem?

— Eu... não me sinto muito bem, mase Hugh. Não é nada sério; uma mera reação depois da queda da nave. Vou me recuperar. Não se preocupe comigo, por favor. Príncipe Bane, entende a importância do encontro desta noite?

Bane lhe dirigiu um olhar reflexivo, concentrado.

— Sim, entendo. Farei o que puder para ajudar, embora não esteja seguro do que devo fazer.

O moço parecia sincero, mas Hugh ainda se lembrava do sorriso inocente enquanto o príncipe lhe dava o vinho envenenado. Bane estaria, realmente, sendo sincero? Ou simplesmente os estava movendo, a Alfred e a ele, de uma casinha para outra?

CAPÍTULO 33



WOMBE, DREVLIN, REINO INFERIOR

Um tumulto no exterior do buraco na parede atraiu a atenção de Jarre, que acabava de dar os toques finais ao discurso de Limbeck. Deixou o papel na mesa, chegou até a cortina que fazia as vezes de porta e apontou a cabeça. Viu com satisfação que a multidão reunida na rua tinha aumentado, mas os membros da UAPP que montavam guarda junto à entrada estavam discutindo acaloradamente com outro grupo de gegs que queriam entrar.

Com a aparição de Jarre, o clamor aumentou.

— O que está acontecendo? — perguntou ela.

Os gegs começaram a gritar todos de uma vez e Jarre demorou algum tempo para acalmá-los. Quando conseguiu ouvir o que tinham a dizer, deu algumas instruções e desapareceu de novo no interior da sede da União.

— O que foi isso? — perguntou Haplo da escada, com o cão a seu lado.

— Lamento que o alvoroço o tenha despertado — desculpou-se Jarre. — Não é nada, na realidade.

— Não estava dormindo. Do que se trata?

— O supervisor chefe se aproxima com seu próprio deus — respondeu Jarre. — Deveria ter esperado uma coisa assim de Darral Estivador. Pois bem, isso não dará certo, é tudo.

— Seu próprio deus? — Haplo desceu os degraus com passos rápidos e ligeiros como os de um gato. — Conte-me.

— Você não vai levar isso a sério, não é? Já sabe que os deuses não existem. Creio que Darral contou aos welfos que constituíamos uma ameaça e mandaram alguém aqui para tentar convencer o povo que “Sim, os welfos são deuses”.

— Esse deus... sabe se é um elf... um welfo?

— Não sei. A maioria de nosso povo nunca viu nenhum deles. Creio que ninguém sabe que aspecto têm. Só sei que, ao que parece, esse deus é um menino e que esteve proclamando que veio para nos julgar e que vai fazer isso no comício desta noite,

para demonstrar que estamos errados. Mas, naturalmente, você poderá se encarregar dele.

— Naturalmente — murmurou Haplo.

Jarre deu amostras de impaciência.

— Tenho que me assegurar que está tudo preparado na Sala de Juntos. — jogou um xale grande por cima dos ombros. Caminho da saída, fez uma pausa e olhou para trás. — Não conte nada a Limbeck: ficaria muito nervoso. Será melhor que o assunto o pegue completamente de surpresa, assim não terá tempo de pensar.

Correndo a cortina, abandonou a sede da União entre grandes vivas.

Sozinho, Haplo se deixou cair em uma cadeira. O cão, percebendo o estado de ânimo de seu amo, afundou o focinho na mão deste em um gesto reconfortante.

— O que acha, rapaz? Os sartan? — Murmurou Haplo, acariciando o cão sob os beiços com gesto ausente. — Eles são o mais parecido com um deus que estes anões podem encontrar em um universo sem deuses. O que faço se forem eles? Não posso desafiar esse “deus” e revelar meus poderes. Os sartan não devem saber que fugimos da prisão que criaram. Ainda não, até que meu amo esteja completamente preparado.

Caiu em seu silêncio carrancudo e meditabundo. A mão que acariciava o cão relaxou seus movimentos e logo ficou imóvel. O animal, ao perceber que já não era necessário, instalou-se aos pés do homem com o focinho sobre as patas. Seus olhos aquosos refletiram a preocupação do olhar de seu amo.

— Que ironia, não? — murmurou Haplo e, ao ouvir a voz, o animal ergueu as orelhas e elevou os olhos para ele, com uma de suas sobrancelhas brancas ligeiramente levantada. — Ter os poderes de um deus e não poder utilizá-los. — Retirando a bandagem que lhe cobria a mão, passou um dedo sobre as emaranhadas linhas azuis e vermelhas dos signos mágicos cujos fantásticos desenhos e espirais decoravam sua pele. — Poderia construir uma nave em um dia, sair voando daqui amanhã mesmo, se quisesse. Poderia mostrar a estes anões um poder como nunca imaginaram. Poderia me transformar em um deus para eles e conduzi-los à guerra contra os humanos e os “welfos”. — Haplo ensaiou um sorriso, mas seu rosto recuperou em seguida a seriedade. — Por que não? Que importância teria?

Foi tomado por um poderoso desejo de utilizar seu poder. Não só de empregar a magia, mas também de usá-la para conquistar, para controlar, para dirigir. Os gegs eram pacíficos, mas Haplo sabia que não era este o verdadeiro modo de ser dos anões. De algum modo, os sartan tinham conseguido despojá-los de seu caráter e reduzi-los à condição de estúpidos “gegs” servidores da máquina em que se transformaram. Não deveria ser difícil reavivar em seus corações o orgulho feroz, o valor lendário dos anões. As cinzas pareciam frias, mas sem dúvida, ainda devia arder uma chama em alguma parte.

— Poderia organizar um exército e construir naves... Mas não! O que estou dizendo? O que me deu? — Haplo voltou a cobrir a mão com um gesto irritado. O cão, encolhendo-se ante o tom de voz de seu amo, dirigiu-lhe um olhar de desculpas acreditando talvez que tivesse feito algo errado. — É meu verdadeiro caráter, minha natureza de patryn, e vai me conduzir ao desastre! Meu senhor me advertiu a respeito: devo me mover com calma. Os gegs não estão preparados, nem devo ser eu a guiá-los. Tem que ser um dos seus. Limbeck. Sim, tenho que encontrar o modo de avivar a chama que Limbeck representa.

“Quanto a esse menino deus, não posso fazer outra coisa além de esperar, ver o que acontece e confiar em mim mesmo. Se não for um sartan, melhor, não é, rapaz?”

Inclinando-se, Haplo deu uns tapinhas no flanco do animal. Este, satisfeito por seu amo ter recuperado o bom humor, fechou os olhos e exalou um profundo suspiro.

— E se for um sartan — murmurou para si mesmo, inclinando-se para trás em seu pequeno e incômodo assento e estirando as pernas, — que meu amo me impeça de arrancar o coração desse bastardo!

Quando Jarre retornou, Limbeck já estava acordado e repassava nervosamente seu discurso, e Haplo tinha tomado uma decisão.

— Bem — anunciou Jarre, radiante, enquanto tirava o xale de seus ombros largos, — tudo está preparado para esta noite. Querido, acredito que este vai ser o comício mais concorrido desde que...

— Precisamos falar com esse deus — Haplo a interrompeu com sua voz calma.

Jarre lançou-lhe um olhar de alarme, recordando-lhe que não devia mencionar aquele tema na presença de Limbeck.

— O deus? — Limbeck olhou por cima dos óculos que se equilibravam precariamente em seu nariz. — Que deus? O que aconteceu?

— Limbeck precisa saber — apaziguou Haplo. — É melhor saber tudo o que acontece com o inimigo.

— Inimigo? Que inimigo?

Limbeck, pálido mas sereno, pôs-se em pé.

— Não acredite que são o que afirmam ser, dictores... não é? — perguntou Jarre, olhando para Haplo com expressão carrancuda e os braços cruzados.

— Não, e é isso que devemos demonstrar. Você mesma disse que, sem dúvida, trata-se de um truque do supervisor chefe para desacreditar nosso movimento. Se conseguirmos capturar esse ser que se proclama deus e demonstrarmos publicamente que ele não é o que diz...

— ... então poderemos derrubar o supervisor chefe! — exclamou Jarre, batendo palmas com grande excitação. Haplo baixou a cabeça, fingindo acariciar o cão, para dissimular um sorriso. O animal elevou os olhos para seu amo com um ar melancólico e inquieto.

— Existe essa possibilidade, certamente, mas devemos avançar passo a passo — expôs Haplo depois de uma pausa, como se tivesse meditado profundamente sobre o assunto. — Antes de mais nada, é fundamental descobrir quem é esse deus e por que está aqui.

— De que estão falando? Quem está aqui? — Os óculos de Limbeck escorregaram pelo nariz. Colocou-os de novo em seu lugar e ergueu a voz. — Falem!

— Sinto muito, querido. Tudo aconteceu enquanto você dormia.

Jarre contou da chegada do deus do supervisor chefe e de que este tinha desfilado com o menino pelas ruas da cidade. Depois, contou o que dizia e fazia a gente de Drevlin e que alguns acreditavam que o menino era um deus e outros, que não era...

—... e vai haver problemas. É a isso que você se refere, não é? — Cortou-a Limbeck, terminando a frase. Depois, deixou-se cair em seu assento e contemplou Jarre com ar sombrio. — E se realmente forem os dictores? E se me enganei e por fim

apareceram para... para julgar nosso povo? Ficarão ofendidos e talvez voltem a nos abandonar! — Espremeu o discurso entre suas mãos e acrescentou: — Possivelmente meus atos causem um grande mal ao nosso povo!

Jarre abriu a boca com um gesto de exasperação mas Haplo, com um movimento de cabeça, indicou-lhe que guardasse silêncio. Depois, disse:

— Precisamente por isso é necessário que falemos com eles. Se forem os sar... os dictores — corrigiu, — poderemos explicar o que acontece e estou certo de que entenderão.

— Eu estava tão convencido... — exclamou Limbeck, entristecido.

— E continua tendo razão, querido! — Jarre se ajoelhou junto a ele e, tomando seu rosto entre as mãos, obrigou-o a virá-lo até que seus olhos se encontrassem. — Tenha fé em si mesmo! Esse “deus” é um impostor arranjado pelo supervisor chefe! Provaremos isso, e provaremos também que o supervisor e losofinistas se aliaram com quem nos escravizou! Esta pode ser nossa grande oportunidade, a ocasião perfeita para mudar nosso mundo!

Limbeck não respondeu. Afastou com suavidade as mãos de Jarre e as apertou entre as suas, agradecendo em silêncio seu apoio. Depois, levantou a cabeça e olhou fixamente para Haplo, com expressão preocupada.

— Você já foi muito longe para recuar agora, meu amigo — disse o patryn.— Sua gente confia em você, acredita em sua palavra. Não pode decepcioná-los.

— Mas, e se estiver errado?

— Não está — respondeu Haplo com convicção. — Mesmo se for um dictor, os dictores não são deuses e nunca foram. São humanos, como eu. São dotados de grandes poderes mágicos, mas continuam mortais. Caso o supervisor chefe afirme que o dictor é um deus, pergunte diretamente a ele. Se for um dictor verdadeiro, responderá com a verdade.

Os dictores sempre diziam a verdade. Tinham percorrido todo mundo declarando que não eram seres divinos, embora tomando sobre si as responsabilidades próprias dos deuses. Sua falsa modéstia encobria seu orgulho e sua ambição. Se aquele “deus” era um autêntico sartan, rechaçaria sua condição divina. Senão, Haplo saberia que estava mentindo e não lhe custaria muito desmascará-lo.

— Podemos entrar em contato com ele? — perguntou a Jarre.

— Ele e seus companheiros estão na Factria — respondeu ela, pensativa. — Não sei muito desse lugar, mas perguntarei a alguns do nosso grupo que o conhecem.

— Devemos nos apressar. Logo escurecerá e o comício está programado para dentro de duas horas. Deveríamos vê-los antes de começar.

Jarre já estava em pé e se encaminhava para a saída. Limbeck descansou a cabeça em uma mão com um suspiro. Os óculos lhe escorregaram do nariz e caíram no regaço, sem que ele percebesse.

Haplo admirou a energia e determinação da anã. Jarre conhecia suas limitações; ela era capaz de transformar uma visão em realidade, mas era Limbeck que tinha os olhos — por muito cegos que fossem — para captá-la. Agora devia ser ele, Haplo, a mostrar ao geg o que devia ver.

Jarre retornou com vários gegs de aspecto agressivo e ar impaciente.

— Existe uma entrada para a Factria, túneis que correm por baixo do chão e terminam junto à estátua do dictor.

Haplo apontou para Limbeck com um gesto de cabeça. Jarre captou sua intenção.

— Ouviu, querido? Podemos penetrar na Factria e falar com o presumido deus. Vamos lá?

Limbeck ergueu a cabeça. Sob a barba, seu rosto estava pálido mas com uma expressão de determinação.

— Sim — respondeu, levantando uma mão para que Jarre não o interrompesse.
— Percebi que não importa se tenho razão ou não. Só importa descobrir a verdade.

CAPÍTULO 34



WOMBE, DREVLIN, REINO INFERIOR

Dois guias geggs, Limbeck, Jarre, Haplo e, claro, o cão percorreram uma série de passadiços sinuosos e retorcidos que se entrecruzavam, bifurcavam-se e percorriam o subsolo sob a Máquina Viva. Os túneis eram construções antigas e esplêndidas, recobertos de lajes que, por suas formas regulares, pareciam produto da mão do homem ou das mãos metálicas da Máquina Viva. Aqui e ali, esculpidos nas lajes, descobriram curiosos símbolos. Limbeck estava absolutamente fascinado com eles e Jarre com muita dificuldade conseguiu convencê-lo de que deviam se apressar, recorrendo de novo aos puxões na barba.

Haplo poderia ter contado muitas coisas a respeito dos símbolos. Poderia ter explicado que na realidade eram runas, signos mágicos dos sartan, e que aquelas runas gravadas na pedra eram o que mantinha os túneis secos apesar do quase constante fluxo de água de chuva que gotejava através da coralita porosa. Eram aqueles signos que mantinham os túneis abertos séculos depois de seus construtores os terem abandonado.

O patryn estava tão interessado nos túneis como Limbeck. Cada vez se tornava mais evidente que os sartan tinham abandonado seu trabalho. Não só isso, mas também o tinham deixado inacabado... e tal coisa não era absolutamente própria daqueles humanos que tinham conseguido o poder e a consideração de semi-deuses. A grande máquina, cuja pulsação, golpes e martelar eram ouvidos a grande profundidade, funcionava (conforme tinha observado Haplo) sozinha, seguindo seus próprios impulsos e fazendo sua própria vontade.

E não fazia nada. Nada criativo que Haplo pudesse observar. Acompanhando Limbeck e os membros da UAPP, Haplo tinha viajado por Drevlin e tinha inspecionado a enorme máquina onde tinha estado. A máquina derrubava edifícios, escavava buracos, construía novos edifícios, preenchia buracos, rugia e soprava, e zumbia e jogava vapor, tudo isso com um imenso gasto de energia. Mas sem resultado algum.

Uma vez ao mês, conforme Haplo tinha ouvido, os “welfos” desciam com seus

trajes metálicos em suas naves voadoras e recolhiam a substância mais preciosa: a água. Os welfos passaram séculos fazendo isso e os gegs tinham terminado por se convencer que este era o propósito de sua amada e sagrada máquina: produzir água para os divinos welfos. Entretanto, Haplo tinha constatado que a água era apenas um subproduto da Máquina Viva, talvez até um produto de refugo. O propósito da fabulosa máquina era, sem dúvida, algo mais importante, algo muito mais grandioso que cuspir água para saciar a sede da nação elfa. Não obstante, qual pudesse ser esse propósito e por que os sartan partíram antes de alcançá-lo eram duas incógnitas que Haplo não podia nem começar a responder.

Não ia encontrar a resposta nos túneis. Talvez desse com ela mais adiante. Haplo, como todos os patryn, tinha aprendido que a impaciência — o menor deslize no controle das tensas rédeas com que alguém dominava a si mesmo — podia conduzir ao desastre. O Labirinto não tinha piedade dos descuidados. A paciência, uma paciência infinita, era um dos presentes que os patryn tinham recebido do Labirinto, embora chegasse empapado em seu próprio sangue.

Os gegs se mostravam excitados e ruidosos. Haplo avançou pelos túneis atrás deles, sem fazer mais ruído do que fazia sua sombra, recordada pela luz dos archotes dos gegs. O cão avançava trocando junto a ele, silencioso e vigilante como seu amo.

— Tem certeza que este é o caminho? — perguntou Jarre em mais de uma ocasião, quando dava a impressão de que estavam caminhando em círculos intermináveis.

Os guias gegs asseguraram que sim. Ao que parecia, vários ciclos atrás, o cérebro mecânico da Máquina Viva tinha decidido que devia abrir os túneis. E assim o tinha feito, furando o chão com seus punhos e pés de ferro. Os gegs trabalharam muito atrás dela, escorando os muros e proporcionando apoio à máquina. Então, tão repentinamente como tinha começado, a Máquina Viva tinha mudado de ideia e se lançou em outra direção totalmente diferente. Os dois gegs que agora os conduziam tinham feito parte daquele turno de sapadores e conheciam os túneis quase melhor que suas próprias casas.

Por azar, os túneis não estavam desertos, como Haplo tinha esperado. Os gegs os utilizavam para deslocar-se de um lugar a outro e, a caminho da Factria, os membros da União cruzaram com muitos deles. A presença de Haplo criou uma grande espera e os guias se sentiram obrigados a proclamar a todos quem ele era, e que o geg que o acompanhava era Limbeck. Assim, quase todos os gegs que não tinham outros assuntos mais urgentes decidiram seguir à comitiva.

Logo se reuniu uma multidão de gegs que avançava pelos túneis a caminho da Factria. “Adeus ao sigilo e à surpresa”, pensou Haplo, a quem restou o consolo de saber que poderia ter percorrido o túnel com um exército de gegs no lombos de dragões sem que ninguém na superfície percebesse, devido ao barulho da máquina.

— Chegamos — gritou um dos gegs com voz ensurdecedora, e apontou uma escada metálica vertical que subia por um oco até perder-se na escuridão. Haplo lançou um olhar ao lance seguinte do túnel, observou a existência de outras numerosas escadas similares colocadas a intervalos (era a primeira vez que encontravam um fenômeno semelhante) e deduziu que o geg tinha razão. Evidentemente, aquelas escadas conduziam a alguma parte. Confiou em que levassem a Factria.

Haplo indicou por gestos aos guias, a Jarre e a Limbeck que se aproximassem. Com um gesto da mão, Jarre manteve a distancia o resto da turba de gegs.

— O que há no alto da escada? Como entramos na Factria?

Os gegs explicaram que havia um buraco no chão, coberto com uma tampa de metal. Movendo a tampa, acessava-se à planta baixa da Factria.

— A Factria é um lugar enorme — disse Haplo. — Em que lugar dela sairemos? Em qual se encontra esse deus?

Suas perguntas provocaram uma longa discussão. Um geg tinha ouvido que o deus estava na sala do dactor, dois pisos acima da planta baixa. Segundo o outro geg, tinha sido conduzido à Sala de Juntos por ordem do supervisor chefe.

— O que é isso? — perguntou Haplo com voz paciente.

— É o lugar onde aconteceu meu julgamento — explicou Limbeck, e seu rosto se iluminou com a lembrança de seu momento de suprema importância. — Presidem o lugar a estátua de um dactor e a cadeira que ocupa o supervisor chefe durante o julgamento.

— Onde fica essa sala?

Os gegs calcularam que um par de escadas mais à frente e todo o grupo avançou nessa direção. Os dois guias continuaram discutindo até que Jarre, depois de lançar um olhar avergonhado para Haplo, ordenou-lhes em tom severo que fechassem a boca.

— Parece-lhes que é aqui — acrescentou a seguir, apoiando a mão nos degraus metálicos da escada vertical.

Haplo assentiu.

— Eu irei na frente — indicou, no tom de voz mais baixo que lhe permitisse ser ouvido sobre o estrondo da máquina. Os guias gegs protestaram. Era sua aventura: eles conduziam ao grupo e eles tinham que ser os primeiros a subir. — Ali em cima pode haver guardas do supervisor chefe — insinuou Haplo. — E esse presumido deus pode ser perigoso.

Os gegs olharam de um para o outro, voltaram os olhos para Haplo e se afastaram da escada. Não houve mais discussões.

— Mas eu quero vê-los! — protestou Limbeck, que começava a pensar que tinham chegado até ali para nada.

— Silêncio! — Reprendeu-o Haplo. — Já os verá. Só vou subir para... para dar uma olhada. Um reconhecimento. Voltarei para buscá-lo quando não houver riscos.

— Haplo tem razão, Limbeck, assim fique quieto — interveio Jarre. — Você terá sua oportunidade muito em breve. Seria um desastre se o supervisor nos detivesse antes do comício desta noite!

Insistindo na necessidade de guardar silêncio — ao ouvi-lo todos os gegs o olharam como se estivesse completamente louco, — Haplo se virou para a escada.

— O que faremos com o cão? — perguntou Jarre. — Não pode subir os degraus e você não pode levá-lo.

Haplo encolheu os ombros, despreocupado.

— Nada lhe acontecerá nada, não é cão? — inclinou-se e deu uns tapinhas na cabeça do animal. — Você, quieto aqui, de acordo? Quietos.

O cão, com a boca aberta e a língua de fora, deitou-se no chão e olhou ao seu redor com interesse e com as orelhas muito erguidas.

Haplo iniciou a subida, escalando os degraus lenta e cuidadosamente e dando tempo para seus olhos se acostumarem a crescente escuridão à medida que se afastava da luz das lanternas. A subida não foi muito longa e logo percebeu que a luz procedente do

fundo do buraco arrancava reflexos de uma superfície metálica acima dele.

Estendeu o braço para a prancha metálica, apoiou a mão nela e empurrou-a com cautela e suavidade. A prancha cedeu sem oferecer resistência e — percebeu aliviado — sem fazer ruído. Não que esperasse problemas, mas desejava observar aqueles “deuses” sem que eles o vissem. Pensando com tristeza que, nos velhos tempos, a ameaça — ou promessa — do perigo teria movido os anões a lançar-se escada acima em uma turba vociferante, Haplo amaldiçoou os sartan em silêncio, levantou discretamente a tampa e subiu.

Luminárias banhavam a Factria com uma luz muito mais intensa que a do dia. Haplo pôde observar o lugar com toda clareza e comprovou, satisfeito, que os guias tinham acertado em seus cálculos. Bem em sua linha de visão se elevava a estátua de uma figura alta, envolta em uma túnica encapuzada. Descansando nas imediações da estátua havia três silhuetas humanas: dois adultos e um menino. A primeira vista, esta foi a impressão que lhe causaram, mas Haplo lembrou-se que os sartan também tinham ascendência humana.

Inspecionou atentamente cada um dos três mas, mesmo assim, viu-se obrigado a reconhecer que não era capaz de distinguir, por seu aspecto, se aqueles humanos eram ou não sartan. Um dos adultos estava sentado à sombra da estátua. Vestido com roupas simples, parecia de meia idade e tinha um cabelo ralo, com grandes entradas que destacavam ainda mais sua testa arredondada e sobressalente, e seu rosto sulcado de rugas e carregado de inquietação. O homem se moveu, nervoso, e voltou um olhar preocupado para o menino. Ao fazê-lo, Haplo percebeu que seus movimentos, em especial os de mãos e pés, eram desajeitados.

Em agudo contraste com este, o outro adulto presente tinha tal aspecto que Haplo poderia tomá-lo por um sobrevivente do labirinto. Ágil e musculoso, o homem parecia a se manter em um involuntário estado de vigília apesar de estar deitado no chão, relaxado, fumando um cachimbo. Seu rosto, com cortes profundos e escuros e a barba negra e crespa, refletia uma alma forjada em ferro duro e frio.

O menino era um menino, nada mais, embora era de destacar sua considerável beleza. Um trio estranho. O que os teria juntado? O que os teria levado até ali?

Próximo da escada, um dos excitadíssimos gegs esqueceu a ordem de guardar silêncio e perguntou aos gritos — no que a ele deve ter parecido apenas um sussurro — se Haplo podia ver algo.

O homem da barba crespa reagiu imediatamente, ficou em pé de um salto e seus olhos percorreram as sombras enquanto fechava a mão em torno do punho de uma espada. Haplo escutou um ressonante bofetão abaixo dele e soube que Jarre tinha castigado convenientemente o infrator.

— O que aconteceu, Hugh? — perguntou o homem sentado à sombra da estátua. A voz era humana e tremia de nervosismo.

O homem chamado Hugh levou os dedos aos lábios e deu alguns passos em direção a Haplo; não baixou o olhar pois do contrário teria visto a prancha, mas continuou escrutinando as sombras.

— Acho que ouvi algo.

— Não sei como pode ouvir alguma coisa além do matraqueio desta maldita máquina — declarou o menino enquanto mastigava um pedaço de pão, virado para a estátua.

— Cuidado com a linguagem, Alteza — respondeu o homem nervoso. Este tinha ficado em pé e parecia disposto a unir-se a Hugh em sua busca, mas deu um tropeção e só se salvou de cair de bruços agarrando-se à estátua. — Vê algo, Hugh?

Os gogs, devido à ameaça de receber uma carícia de Jarre, conseguiram guardar completo silêncio. Haplo permaneceu imóvel, sem se atrever a respirar, olhando e escutando com atenção.

— Não — respondeu Hugh. — Volte a se sentar antes que se mate, Alfred.

— Deve ter sido a máquina — replicou Alfred com cara de querer convencer a si mesmo.

O menino, aborrecido, jogou o pedaço de pão ao chão e deu alguns passos até colocar-se diante da estátua do dactor. Uma vez ali, ergueu a mão para tocá-la.

— Não! — gritou Alfred alarmado.

O moço deu um salto e retirou a mão.

— Você me assustou! — exclamou em tom acusador.

— Sinto muito, Alteza. Por favor... afaste-se da estátua.

— Por quê? Vai me fazer mal?

— Não, Alteza. A estátua do dactor é... é sagrada para os gogs. Creio que não gostariam de nos ver tocamos nela.

— Ora! — Replicou o pequeno, olhando pela Factria. — Não há ninguém aqui. Além disso, parece que a estátua queria me dar a mão ou algo assim — sorriu. — Na posição que está, realmente parece que quer conversar comigo...

— Não! Alteza!

Mas o homenzinho atrapalhado chegou tarde para impedir que o menino erguesse o braço e encaixasse sua mão na palma mecânica do dactor. Para delícia do príncipe, o globo ocular piscou com uma luz brilhante.

— Olhe! — Bane afastou a mão desesperada de Alfred, que tentava retirar seu braço. — Solte-me Alfred! Estão aparecendo imagens! Quero olhar!

— Alteza, devo insistir! Agora estou seguro de que ouvi algo! Os gogs...

— Acho que podemos controla-los — interrompeu Hugh, aproximando-se para observar as imagens. — Deixe-o continuar, Alfred. Eu também quero ver o que aparece.

Aproveitando a distração do trio, Haplo emergiu furtivamente do buraco, levando também por um profundo interesse pela estátua.

— Olhem, é um mapa! — exclamou o menino, muito excitado.

Os três estavam concentrados no globo ocular. Haplo se aproximou em silêncio por trás e reconheceu as imagens que piscavam na superfície do olho como um mapa do Reino do Ar. Um mapa muito semelhante ao que seu amo tinha descoberto nas mansões dos sartan, no Elo. Na parte superior estavam as ilhas conhecidas como os Senhores da Noite. Abaixo delas ficava o firmamento e em suas proximidades flutuava a ilha do Reino Superior. Depois vinha o Reino Médio. Mais abaixo apareciam o Torvelinho e a terra dos gogs.

O mais surpreendente era que o mapa se movia. As ilhas se deslocavam em suas órbitas oblíquas, as nuvens da tormenta giravam em espiral e o sol ficava oculto periodicamente pelos Senhores da Noite.

Depois, de repente, as imagens mudaram. As ilhas deixaram de cruzar suas órbitas e se alinharam em fila, cada reino imediatamente abaixo do superior. Em

seguida, a imagem piscou, titubeou e parou.

O homem chamado Hugh não pareceu muito impressionado.

— Uma lanterna mágica. Já as tinha visto no reino dos elfos.

— Mas o que significa? — Perguntou o menino, olhando com fascinação para o globo. — Por que tudo gira e para de repente?

Haplo estava fazendo a mesma pergunta. Também já tinha visto uma lanterna mágica antes. Em sua nave tinha algo parecido, que projetava imagens do Elo, mas tinha sido desenhado por seu amo e era muito mais complicado. Haplo teve a impressão de que devia haver mais imagens do que aquelas que estavam vendo, pois tinham parado bruscamente e se percebia que faltava alguma coisa.

Escutou-se então um grave chiado e, de repente, as imagens se animaram de novo. Alfred, a quem Haplo tomou por uma espécie de criado, começou a estender a mão para a estátua, com o provável propósito de as deter.

— Por favor, não faça isso — disse Haplo com sua voz calma.

Hugh virou-se, desembainhou a espada e enfrentou o intruso com uma agilidade e habilidade que Haplo aplaudiu interiormente. O homem nervoso caiu ao chão e o menino, voltando-se, contemplou o patryn com olhos azuis que aparentavam astúcia e curiosidade.

Haplo permaneceu onde estava com as mãos erguidas, mostrando as palmas.

— Não estou armado — assegurou a Hugh. O patryn não tinha nenhum medo da espada do homem. Não havia naquele mundo nenhuma arma que pudesse feri-lo, protegido como estava pelas runas gravadas em seu corpo, mas devia evitar a luta, pois o mero ato de se proteger exporia, a olhos experientes, quem e o que era realmente. — Não lhes desejo nenhum mal. — Sorriu e encolheu os ombros, sempre com as mãos levantadas e visíveis. — Assim como o menino só quero ver as imagens.

De todos eles, foi o menino quem mais intrigou Haplo. O criado covarde, feito um farrapo no chão, não mereceu seu interesse. Podia despreocupar-se com o homem que parecia ser um guarda-costas, uma vez que comprovara sua força e agilidade. Em compensação, quando olhou para o menino, Haplo sentiu uma ardência nos signos mágicos e soube, graças a essa sensação, que estava sendo atingido por algum encantamento. Sua própria magia entrava em ação automaticamente para repeli-lo, mas Haplo percebeu com surpresa que o feitiço que o pequeno tentava lhe lançar não teria funcionado. Sua magia, fosse qual fosse a origem, tinha sido destruída.

— De onde você saiu? Quem é você? — Hugh exigiu saber.

— Meu nome é Haplo. Meus amigos, os gogs — apontou para o buraco de onde tinha saído; ao escutar uma comoção, supôs que o sempre curioso Limbeck tinha subido atrás dele — e eu soubemos de sua chegada e decidimos que devíamos nos encontrar e falar em privado, se fosse possível. Há guardas do supervisor chefe por aqui?

Hugh baixou um tanto a espada, embora seus olhos pardos continuassem atentos ao menor movimento de Haplo.

— Não, partiram. Mas provavelmente nos vigiam.

— Sem dúvida. Então, não temos muito tempo antes que apareça alguém.

Limbeck apareceu atrás de Haplo, ofegando depois de sua rápida ascensão pela escada. O geg olhou de esguelha para a espada de Hugh, mais por curiosidade que por medo.

— São dictores? — perguntou, passando o olhar de Haplo para o menino.

Haplo, que observava atentamente Limbeck, viu uma expressão de assombro que alisava seu rosto. Os olhos míopes do geg, diminuídos atrás dos óculos, abriram-se como pratos.

— Você é um deus, de verdade?

— Sim — respondeu o menino, no idioma dos gegs. — Sou um deus.

— Algum desses fala a língua dos humanos? — perguntou Hugh, indicando Limbeck, Jarre e os outros dois gegs, que apareciam com cautela pelo buraco.

Haplo disse que não com a cabeça.

— Então, posso dizer a verdade — confiou Hugh. — Esse menino é tão deus como você ou como eu. — A julgar pela expressão dos olhos pardos, Hugh tinha chegado à mesma conclusão a respeito de Haplo que este a respeito dele. Continuava precavido e alerta, mas as pousadas enchem e obrigam às vezes a dormir com estranhos companheiros de cama se não quiser passar a noite ao relento. — O Torvelinho apanhou nossa nave e a lançou contra Drevlin, não longe daqui. Os gegs nos encontraram e nos tomaram por deuses, de modo que os seguimos até aqui.

— Eu também — disse Haplo, assentindo. Dirigiu um olhar ao criado, que tinha aberto os olhos e olhava a seu redor com ar confuso. — Quem é esse?

— O chambelan do menino. Eu sou Hugh, a Mão. Esse é Alfred e o menino se chama Bane e é filho do rei Stephen de Ulyandia e Volkaran.

Haplo se virou para Limbeck e Jarre — que observava o trio com intensa desconfiança — e efetuou as apresentações. Alfred se levantou, cambaleando, e contemplou Haplo com uma curiosidade que aumentou ao ver suas mãos enfaixadas.

Haplo, percebendo o olhar de Alfred, puxou timidamente das ataduras.

— Está ferido, senhor? — Perguntou com ar respeitoso. — Perdoe a pergunta, mas percebi as bandagens. Tenho certa experiência em curas e...

— Não, obrigado. Não estou ferido. Trata-se de uma enfermidade da pele comum entre meu povo. Não é contagiosa nem me causa nenhuma dor, mas as pústulas que produz não são agradáveis de ver.

No rosto de Hugh apareceu uma careta de desagrado. Alfred empalideceu ligeiramente e se esforçou por expressar sua condolência com as palavras adequadas.

Haplo observou a reação geral com secreta satisfação e considerou que ninguém ia fazer-lhe mais perguntas a respeito de suas mãos.

Hugh embainhou a espada e se aproximou.

— Sua nave também caiu? — perguntou Haplo em voz baixa.

— Sim.

— E ficou destruída?

— Completamente.

— De onde veio?

— De baixo. Sou de uma das ilhas inferiores. Provavelmente, nunca ouviu falar delas. Não são muitos o que conhecem sua existência. Estava em um combate em minha terra quando a nave foi atingida e perdi o controle...

Hugh avançou alguns passos para a estátua. Profundamente absorto na conversa, ao que parecia, Haplo o imitou. Entretanto, teve tempo de lançar um olhar indiferente ao criado. A pele de Alfred tinha adquirido uma palidez mortal e seus olhos continuavam fixos nas mãos do patryn, como se o chambelan ansiasse desesperadamente atravessar as ataduras com o olhar.

— Então, você também está preso aqui, não é isso? — perguntou Hugh. Haplo assentiu.

— E quer...? — Hugh não terminou a frase. Estava seguro de qual ia ser a resposta, mas queria que fosse seu interlocutor quem a pronunciasse.

— ... quero sair! — Haplo completou suas palavras, categoricamente.

Desta vez foi Hugh quem assentiu. Os dois homens se entendiam à perfeição. Entre eles não existia confiança, mas esta não era necessária enquanto cada um deles pudesse utilizar o outro para conseguir um objetivo comum. Eram companheiros de cama que, ao parecia, não brigariam pelas mantas. Os dois continuaram sua conversa em um murmúrio, estudando o problema que deviam resolver.

Alfred continuava olhando para as mãos do desconhecido. Bane, com o cenho franzido, observava Haplo também. Os dedos do menino acariciavam o amuleto que pendurava de seu pescoço. Seus pensamentos se viram interrompidos pela pergunta de Limbeck.

— Então, você não é um deus? — Levado por um impulso irresistível, Limbeck tinha se aproximado de Bane.

— Não — respondeu afastando os olhos de Haplo. Quando se voltou para o geg, o príncipe adotou rápida e cuidadosamente sua áspera expressão. — Não sou, mas meus companheiros me aconselharam que dissesse o contrário ao seu rei, o supervisor, para que não nos fizessem mal.

— Fazer-lhes mal? — Limbeck parecia desconcertado. Tal ideia escapava a sua compreensão.

— Na realidade, sou um príncipe do Reino Superior — prosseguiu o menino. — Meu pai é um poderoso feiticeiro. Íamos vê-lo quando nossa nave se acidentou.

— Eu adoraria ver o Reino Superior! — Exclamou Limbeck. — Como é?

— Não sei. Nunca o visitei, sabe? Passei toda a minha vida no Reino Médio, com meu pai adotivo. É uma longa história.

— Eu também nunca estive no Reino Médio, mas vi figuras em um livro que descobri em uma nave welfa. Vou contar como o encontrei.

Limbeck começou a recitar sua história preferida: como tinha topado com a nave elfa. Bane, impaciente, voltou o olhar para Haplo e Hugh, que conferenciavam diante da estátua do ditor. Alfred continuava murmurando para si mesmo. Ninguém prestava a menor atenção a Jarre.

Ela não gostava do que via. Não gostava dos dois deuses altos e fortes que trocavam ideias e falavam em um idioma incompreensível para ela. Não gostava da maneira com que Limbeck olhava para o menino deus, nem da maneira que este olhava para os outros. Nem sequer gostava de como o outro deus alto e desajeitado tinha tropeçado e caído. Jarre teve a sensação de que aqueles deuses, como parentes pobres que chegassem de visita, fossem devorar toda a comida e, quando tivessem acabado com ela, partiriam deixando os gegs com a despensa vazia.

Jarre se aproximou furtivamente dos dois guias gegs, que aguardavam nervosos junto à boca do poço.

— Digam a todos que subam — disse no tom de voz mais baixo possível para um geg. — O supervisor chefe tentou nos enganar com falsos deuses. Vamos capturá-los e levá-los ao povo para demonstrar que o supervisor é um falsário!

Os guias observaram os deuses e trocaram um olhar. Aqueles deuses não

pareciam muito impressionantes. Eram altos, sim, mas não muito robustos. Só um deles tinha uma arma de aspecto intimidador. Se um montão de gegs se jogasse em cima, não teria como uá-la. Haplo tinha lamentado o desaparecimento do lendário valor dos gegs, mas a chama não se apagara por completo. Só tinha ficado enterrada sob séculos de submissão e de trabalhos forçados. Agora que se removiam as brasas, essa chama começava a piscar de novo aqui e ali.

O par de gegs desceu pela escada, presos por uma grande excitação. Jarre se inclinou para frente e observou como desciam os degraus. O rosto quadrado da anã, fracamente iluminado pelas luzes do fundo do poço, era imponente, quase etéreo, visto de baixo. Mais de um geg evocou de improviso uma imagem dos tempos antigos, quando as sacerdotisas dos clãs os convocavam à guerra.

Ruidosos, mas exibindo a mesma disciplina com que tinham aprendido a servir a grande máquina, os gegs subiram um após o outro pela escada. O estrondo incessante que enchia tudo impediu que alguém os ouvisse.

Esquecido na confusão, o cão de Haplo permaneceu deitado perto da escada. Com o focinho sobre as patas, olhou e escutou, e pareceu sopesar se seu amo tinha falado a sério, ao dizer para que ficasse ali, quieto.

CAPÍTULO 35



WOMBE, DREVLIN, REINO INFERIOR

Haplo escutou um ganido e notou que uma pata lhe tocava a perna. Afastando a atenção das imagens que apareciam no globo ocular do dictor, voltou a vista para seus pés.

— O que aconteceu rapaz? Pensei ter dito que... Oh! — O patryn percebeu a presença dos gegs que surgiam do buraco. Simultaneamente, Hugh escutou um ruído atrás de si e deu as costas a Haplo, voltando-se para a entrada principal da Factría.

— Temos companhia — resmungou Hugh. — O survisor chefe e seus guardiães.

— Por aqui também chegam visitas — replicou Haplo.

Hugh dirigiu um rápido olhar para o buraco e levou a mão à espada, mas Haplo o impediu.

— Não, nada de lutas. São muitos e, além disso, não pretendem nos fazer mal. Somos seu prêmio. Parece que estamos presos no meio dos distúrbios. É melhor cuidar do seu príncipe.

— É um investimento para mim... — começou a dizer Hugh.

— Os guardas! — exclamou Jarre ao descobrir a presença do survisor chefe. — Depressa! Agarrem os deuses antes de que nos impeçam!

— Então, é melhor que vá proteger seu investimento — sugeriu Haplo.

— O que aconteceu? — soltou Alfred ao ver que Hugh corria para o príncipe, com a espada na mão.

Os dois grupos de gegs trocavam gritos e insultos, agitavam os punhos e recolhiam armas improvisadas do chão da Factría.

— Temos problemas. Pegue o menino e veja com... — começou a dizer Hugh.

— Não! Maldito seja, não vá desmaiar...

Alfred virou os olhos. Hugh ergueu a mão para lhe dar uma sacudida, um bofetão ou algo parecido, mas era muito tarde. O corpo flácido do chambelan rodou desgracioso para os pés da estátua do dictor.

Os gegs se precipitaram para os deuses. O survisor chefe percebeu imediatamente

o perigo e ordenou a seus guardas que carregassem contra os gegs. Com gritos veementes, uns a favor da União e outros em defesa do sobrevivente, os dois grupos se chocaram. Pela primeira vez na história de Drevlin, aconteceu uma troca de golpes com derramamento de sangue. Haplo pegou seu cão nos braços, retirou-se para as sombras e observou a cena em silêncio, com um sorriso.

Jarre ficou perto do buraco, ajudando os gegs a sair e incitando-os a atacar. Quando de subido o último geg saiu dos túneis, olhou a seu redor e descobriu que a briga já tinha começado sem ela. Pior ainda, tinha perdido de vista, Limbeck, Haplo e os três estranhos seres. Encarapitou-se de um salto em uma caixa, olhou sobre as cabeças da massa de combatentes e viu o sobrevivente e o ofinista chefe perto da estátua do ditor. Horrorizada, percebeu que os dois dirigentes aproveitavam a confusão para levar em segredo não só os deuses, mas também o augusto líder da UAPP!

Furiosa, Jarre saltou da caixa e correu para eles, mas ficou presa no meio do tumulto. Aos empurrões, afastando a tapas os gegs que apareciam a sua frente, abriu caminho para a estátua com dificuldade. Quando chegou por fim a seu objetivo estava sufocada e ofegante, tinha as calças rasgadas e o cabelo caído sobre o rosto, e um olho fechado devido a um golpe.

Os deuses tinham desaparecido. Limbeck tinha desaparecido. O sobrevivente chefe tinha conseguido.

Com o punho fechado, Jarre se dispunha a atingir o primeiro guarda que se aproximasse dela quando escutou um gemido e, ao olhar para baixo, viu dois grandes pés apontando para o teto. Não eram pés de um geg. Eram os pés de um deus!

Jarre rodeou depressa a base até ficar à frente figura do ditor e percebeu com assombro que a base da estátua estava totalmente aberta. Um dos deuses do sobrevivente — o alto e desajeitado — tinha caído por aquela abertura e se achava nela, metade dentro e metade fora.

— Tive sorte! — exclamou Jarre. — Ao menos tenho este!

Voltou um olhar temeroso a suas costas, esperando encontrar os guardas do sobrevivente, mas ninguém tinha prestado atenção no fragor da luta. O sobrevivente devia estar concentrado em conduzir os deuses para fora de perigo e, sem dúvida, ninguém tinha sentido falta daquele, até o momento.

— Mas não demorarão a sentir a sua falta. Temos que tirá-lo daqui — murmurou Jarre. Ao chegar junto ao deus, viu que estava caído em uma escada que conduzia ao interior da estátua. Os degraus, que desciam sob o nível do chão, proporcionavam uma via de escape rápida e segura.

A anã vacilou. Estava violando a estátua, o objeto mais sagrado dos gegs. Não tinha ideia de por que aquela abertura tinha aparecido ali nem para onde conduzia, mas não importava. Só tinha intenção de utilizar o buraco como esconderijo temporário. Esperaria ali até que todo mundo partisse. Jarre passou por cima do deus inconsciente e desceu alguns degraus. Depois se virou, pegou o deus pelas axilas e o arrastou para o interior da estátua, ofegando e a ponto de escorregar.

Jarre não tinha nenhum plano concreto na cabeça. Só esperava que, quando o sobrevivente chefe voltasse em busca daquele deus e descobrisse a abertura na estátua, ela já tivesse conseguido levá-lo às escondidas até a sede central da UAPP.

Entretanto, quando puxou os pés do deus para introduzi-los no buraco, a abertura se fechou silenciosa e inesperadamente e Jarre se encontrou em completa

escuridão.

Ficou sem mover um músculo e tentou dizer a si mesma que não aconteceria nada, mas o pânico continuou a crescer em seu interior até parecer que ia explodir. A causa daquele pânico não era o medo da escuridão pois os gegs, que passavam quase toda sua vida no interior da Máquina Viva, estavam acostumados à ausência de luz. Jarre estremeceu. As mãos suavam, tinha a respiração acelerada, o coração pulsava descompassado, e não sabia por que. Então, de repente, descobriu.

Tudo estava em silêncio.

Não escutava a máquina, não chegavam a seus ouvidos os reconfortantes estampidos, assobios e batidas que tinham embalado seus sonhos desde que nasceu. Agora reinava mais um silêncio terrível, assustador. A vista é um sentido externo e separado do corpo, uma imagem na superfície do olho. O som, ao contrário, penetra nos ouvidos, na cabeça, e vive no interior do ser. Na ausência de outro som, o silêncio ressoa.

Abandonando o deus na escada, sobrepondo-se à dor e esquecendo o medo dos guardas, Jarre se lançou contra a porta fechada da estátua.

— Socorro! — gritou. — Me ajudem!

Alfred recuperou a consciência mas, ao levantar a cabeça, começou a escorregar involuntariamente escada abaixo e só se salvou da queda agarrando-se por puro reflexo aos degraus. Perplexo, envolto em uma escuridão total e com uma geg gritando como um apito de vapor junto a seu ouvido, o chambelan teve que perguntar várias vezes o que estava acontecendo. A geg continuou sem lhe dar atenção. Por fim, subiu engatinhando e às cegas os degraus por onde acabara de deslizar, estendeu uma mão em direção a quase histérica Jarre.

— Onde estamos?

Ela continuou dando golpes e gritando, sem lhe dar atenção.

— Onde estamos? — Alfred agarrou a geg (sem saber muito bem, na escuridão, onde a segurava) e começou a sacudi-la com energia. — Basta! Isto não resolvenadal! Diga-me onde estamos e talvez possa encontrar um modo de sairmos daqui!

Sem entender muito bem o que Alfred dizia, mas incomodada com seus modos bruscos, Jarre voltou a si e afastou o chambelan com um empurrão. Alfred escorregou e esteve a ponto de rodar escada abaixo, mas conseguiu evitar a queda.

— Agora escute! — Disse Alfred, separando cada palavra e pronunciando-as lentamente e com clareza. — Diga-me onde estamos e talvez possa ajudá-la a sair!

— Não sei como! — Com a respiração ainda alterada, tremendo dos pés a cabeça, Jarre fugiu de Alfred encolhendo-se todo o possível no canto oposto da escada. — Você é um estranho aqui. Como pode me ajudar?

— Me diga onde estamos! — Rogou Alfred. — Agora não posso lhe explicar mas, afinal, que mal há nisso?

— Bom... — murmurou Jarre, pensativa. — Estamos no interior da estátua.

— Ah! — exclamou Alfred.

— O que significa esse “ah!”?

— Significa que... hum... que já desconfiava disso.

— Pode fazer que se abra de novo?

Não, não podia. Nem ele nem ninguém. De dentro, era impossível. Entretanto, como sabia tal coisa, se nunca estivera ali antes? O que podia responder para a geg?

Alfred agradeceu que o lugar estivesse às escuras. Não poderia mentir e o fato de que não pudesse ver-lhe o rosto, nem ela ver o seu, tornava as coisas mais fáceis.

— Bom... não tenho certeza, mas duvido. Veja, hum... por certo, como você se chama?

— Isso não importa.

— Claro que sim. Estamos os dois aqui, juntos na escuridão, e é preciso que saibamos quem somos. Eu me chamo Alfred, e você?

— Jarre. Continue. Se você a abriu uma vez, por que não pode voltar a abri-la?

— Eu... eu não fiz nada — balbuciou Alfred. — Acredito que se abriu por acaso. Veja, tenho esse maldito costume de desmaiar quando me assusto. É uma reação que não posso controlar. Vi a luta, e que alguns dos seus corriam para nós e... e perdi os sentidos. — Até este ponto, tudo era verdade. O que veio a seguir, não. — Suponho que, ao cair, devo ter tropeçado em algo que fez a estátua se abrir.

E Alfred acrescentou para si mesmo: “Quando recuperei a consciência, ergui a vista para a estátua e, pela primeira vez em muito tempo, me senti seguro e a salvo e cheio de uma paz profunda e intensa. A suspeita que tinha despertado em minha mente, a responsabilidade, as decisões que me veri obrigado a tomar se tal suspeita se confirmar, afligiram-me. Desejei escapar e minha mão se moveu por vontade própria, sem que eu a guiasse, até tocar a túnica da estátua em determinado lugar, de determinada maneira.

“A base se abriu, mostrando um nicho, mas a enormidade de meu ato foi excessiva naquele instante e suponho que desmaiei outra vez. Então se aproximaria a geg e, procurando proteção da luta desencadeada na Fáctria, me arrastaria para dentro. A base deve ter se fechado automaticamente, e assim continuará. Só quem conhece a maneira de entrar sabe o modo de sair. Ninguém que descobrisse a entrada por acaso poderia retornar para contar. Ah! Tais curiosos não morreriam. A magia, a máquina, cuidariam deles e cuidariam muito bem. Mas seriam seus prisioneiros para o resto de suas vidas.”

Por sorte, pensou Alfred, ele conhecia o modo de entrar e também o de sair. Entretanto, como podia explicar isso a geg?

Veio-lhe à cabeça um pensamento terrível. Segundo a lei, deveria deixar Jarre ali dentro. Afinal, ela era culpada de ter entrado na estátua sagrada. Mas, por outro lado, refletiu Alfred, com uma vozinha acusadora na consciência, talvez Jarre se colocara em perigo por causa dele, tentando salvar-lhe a vida. Não podia abandoná-la. E decidiu que não o faria, dissesse o que dissesse a lei. Não obstante, no momento, tudo era muito confuso. Tomara que não estivesse se deixando levar por sua fraqueza!

— Não pare! — Jarre se agarrou a ele.

— Parar, o quê?

— Não pare de falar! É o silêncio! Não posso suportá-lo! Por que não se ouve nada aqui dentro?

— Foi construída assim de propósito — respondeu Alfred com um suspiro. — Foi desenhada para oferecer descanso e refúgio. — O chambelan tinha tomado uma decisão. Provavelmente não era a mais correta, mas eram poucas as decisões corretas que tinha tomado em sua vida, de modo que... — Vou tirá-la daqui, Jarre.

— Sabe como?

— Sim.

— Como sabe? — Jarre era terrivelmente desconfiada.

— Não posso lhe explicar. De fato, você vai ver muitas coisas que não entenderá e que não posso explicar. Nem sequer posso pedir que confie em mim porque, como é óbvio, não me conhece e não espero que acredite em mim. — Alfred fez uma pausa e meditou em suas próximas palavras. — Veja dessa maneira: você já tentou sair por aí e não pode. Agora, pode fazer duas coisas: ficar aqui, ou me acompanhar e deixar que a conduza para fora.

Alfred escutou que Jarre tomava ar para replicar, mas lhe adiantou.

— Há uma coisa mais que deveria pensar. Eu quero retornar para os meus tão desesperadamente como você deseja voltar para os seus. Esse menino que viu está aos meus cuidados e o homem sinistro que o acompanha necessita de mim, embora não saiba.

Alfred permaneceu um momento em silêncio pensando no outro homem, que se chamava Haplo, e percebeu que ali dentro o silêncio era muito intenso, mais do que recordava.

— Vou acompanhá-lo — disse Jarre. — O que disse parece razoável.

— Obrigado — respondeu Alfred com ar grave. — Agora, guarde silêncio um momento. A escada é perigosa no escuro.

Alfred apalpou a parede as suas costas. Era de pedra, como os túneis, e lisa ao tato. Passou a mão por sua superfície e, quase no ângulo onde se encontravam a parede e os degraus, seus dedos notaram algumas linhas, espirais e entalhes esculpidos na pedra, que formavam um desenho bem conhecido para o chambelan. Enquanto as pontas de seus dedos percorriam as bordas ásperas dos signos gravados, seguindo os traços de um desenho que sua mente reconhecia claramente, Alfred pronunciou a runa.

O signo mágico que estava tocando começou a brilhar com uma luz azul, suave e radiante. Jarre, ao ver aquilo, conteve o fôlego e retrocedeu até tocar com a parede. Alfred lhe deu alguns tapinhas suaves no braço para tranquilizá-la e repetiu a runa. Um signo esotérico esculpido junto ao primeiro e em contato com ele começou a irradiar o mesmo fulgor mágico. Logo, um atrás do outro, apareceram na escuridão uma série de runas que se estendiam ao longo da escada. Ao pé desta, marcavam uma curva que conduzia para a direita.

— Agora já podemos descer sem perigo — disse Alfred enquanto se levantava e sacudia de suas roupas o pó de incontáveis séculos. Com palavras e gestos deliberadamente enérgicos e um tom de voz indiferente, estendeu a mão para Jarre. — Se puder ajudá-la...

Jarre titubeou, engoliu em seco e prendeu com mais força o manto em torno dos ombros. Depois, apertando os lábios e com rosto carrancudo, apoiou seu mão calcjada na de Alfred. O fulgor azulado das runas se refletiu, brilhante, em seus olhos assustados.

Desceram a escada com rapidez, pois as runas lhes permitiam ver onde pisavam. Hugh não teria reconhecido o chambelan. Os movimentos de Alfred estavam agora cheios de segurança e seu porte era elegante enquanto avançava depressa com uma espera carregada de impaciência, mas também de nostalgia e melancolia.

Ao chegar ao final da escada, observaram que se abria para um passadiço curto e estreito, de onde saía um verdadeiro labirinto de corredores e túneis em inúmeras direções. As runas azuis os conduziram até um dos túneis, o terceiro à direita. Alfred seguiu os signos, sem vacilar, levando consigo uma Jarre assustada e aniquilada.

A princípio, a geg tinha duvidado das palavras do homem. Tinha passado toda sua vida entre as escavações e as galerias abertas pela Máquina Viva e, como seus compatriotas, tinha um olho penetrante para os menores detalhes e uma memória excelente. O que para um humano ou para um elfo não é mais que uma parede lisa, para um geg possui uma infinidade de características individuais — rachaduras, saliências, lascas de pintura — que, uma vez vista, não esquecem com facilidade. Em compensação, os gegs não conseguem se perder, nem na superfície nem nas profundezas. Pois bem, apesar disso, Jarre se perdeu quase imediatamente naqueles túneis. As paredes eram perfeitamente lisas e completamente vazias da vida que um geg costumava apreciar, até na pedra. E, embora os túneis se abrissem em todas as direções, não se via que fossemem curvas, sinuosidades ou curvas. Não havia a menor indicação de que algum dos túneis tivesse sido construído com algum objetivo. Os passadizos se estendiam retos e uniformes e pareciam que, para onde quer que se dirigissem, faziam-no pela rota mais curta possível, a mais direta. Jarre percebeu naquela disposição uma manifesta intencionalidade, um calculado propósito que a atemorizou por sua esterilidade. Em compensação, seu estranho acompanhante parecia estar seguro e a confiança que mostrava aliviava seu temor.

Os signos mágicos os guiaram por uma suave curva que os conduziu para a direita. Jarre não tinha ideia de a quanto tempo estavam caminhando, pois ali se perdia também a noção de tempo. As runas azuis os precediam e iluminavam seu caminho, acendendo seu suave fulgor quando se aproximavam. Jarre estava hipnotizada; era como se estivesse caminhando em sonho e fosse capaz de continuar fazendo isso eternamente, enquanto os signos mágicos continuassem guiando-a. A voz do homem contribuía para aquela impressão fantasmagórica pois, atendendo seu pedido, não parava de falar um só instante.

Então, de repente, chegaram a uma curva e Jarre viu que os signos subiam no ar formando um arco luminoso que brilhava na escuridão, convidando-os a cruzá-lo. Alfred fez uma pausa.

— O que é isso? — perguntou Jarre saindo de seu transe com uma piscada e apertando com mais força a mão dele. — Não quero entrar aí!

— Não temos outro remédio. Fique tranquila — murmurou Alfred, e em sua voz soou de novo aquela nota de saudade e melancolia. — Lamento que tenha se assustado. Não parei porque tenho medo. É só que... conheço o que há ali dentro, sabe? E... e me sinto muito triste, isso é tudo.

— Vamos — disse Jarre com veemência. Virou-se e deu um passo mas, quase imediatamente, as runas que lhes tinham mostrado o caminho até ali emitiram um brilhante brilho azul e pouco a pouco, começaram a se apagar. Logo, a escuridão os envolveu, com a única exceção dos signos azuis que desenhavam o arco.

— Estou pronto — anunciou Alfred, exalando um profundo suspiro. — Podemos entrar. Não tenha medo, Jarre — acrescentou, enquanto que lhe dava tapinhas na mão. — Não se assuste com nada do que verá. Nada pode fazer-lhe mal.

Mas Jarre estava assustada, embora não soubesse dizer por quê. O que a esperava atrás do arco estava oculto nas sombras, mas a sensação que tinha não era o medo de um dano físico nem o terror ao desconhecido. Era uma sensação de tristeza, como Alfred havia dito. Talvez fosse pelas palavras que Alfred tinha falado durante sua longa caminhada, embora Jarre estivesse tão desorientada e confusa que não conseguia lembrar

nada do que ele havia dito. Em todo caso, experimentava uma sensação de desespero, de pesar, de algo perdido e nem sequer procurado. A tristeza lhe provocou uma grande sensação de solidão, como se todas as coisas e todos os seres que tinha conhecido em sua vida tivessem desaparecido de repente. Seus olhos se encheram de lágrimas e pôs-se a chorar, e não teve a menor ideia de por quem chorava.

— Vamos, fique tranquila — repetiu Alfred. — Não é nada. Vamos entrar? Sente-se bem?

Jarre não pode responder nem parar de chorar, mas assentiu. Chorosa e agarrada com força a Alfred, cruzou o arco a seu lado. E então compreendeu, em parte, a razão de seu medo e de sua tristeza.

Estava em um mausoléu.

CAPÍTULO 36



WOMBE, DREVLIN, REINO INFERIOR

Isto é terrível! Simplesmente terrível! O que vai fazer? O que quer fazer?

O ofinista chefe estava ficando visivelmente histérico. Darral Estivador notou uma comichão nas mãos e teve que esforçar-se para resistir a tentação de dar-lhe um direito na mandíbula.

— Já houve derramamento de sangue suficiente — murmurou para si mesmo, segurando com força as mãos nas costas para evitar que por acaso algum de seus punhos decidisse agir por conta própria. Com muita dificuldade conseguiu sossegar a vizinha que lhe sussurrava: “Um pouco mais de sangue tampouco pioraria as coisas, não é?”

Sacudir seu cunhado, sem dúvida seria uma satisfação, mas não ia resolver os problemas.

— Controle-se! — Disse Darral em voz alta. — Não teve suficiente com o que já aconteceu?

— Jamais se derramou sangue em Drevlin! — gritou o ofinista em um tom insuportável. — E tudo por culpa do gênio perverso de Limbeck! Devemos expulsá-lo, fazê-lo descer os Degraus de Terrel Fen! Que os dictores se encarreguem de julgá-lo...

— Oh, já basta! Foi precisamente isso o que desencadeou todo este quebra-cabeças! Mandamos Limbeck para os dictores, e o que eles fizeram? Eles o devolveram, e enviaram com ele um deus! O que quer agora? Voltar a jogá-lo pelos Degraus? — Darral agitou os braços, furioso. — Possivelmente volte desta vez com todo um exército de deuses e destrua a todos nós!

— Mas esse deus de Limbeck não é um deus! — protestou o ofinista chefe.

— Em minha opinião, nenhum deles é — afirmou Darral Estivador.

— Nem sequer o menino?

A pergunta, feita em tom melancólico e pensativo por seu cunhado, expôs um problema para Darral. Quando estava na presença de Bane, sentia que sim, que realmente tinha topado com um deus. Mas no mesmo instante em que deixava de ver os

olhos azuis, o rosto formoso e as suaves curvas dos lábios do menino, era como se despertasse de um sonho. Não: o menino não era mais que um menino e ele, Darral Estivador, era um estúpido por ter pensado em algum momento o contrário.

— Não — respondeu. — Nem sequer o menino.

Os dois governantes de Drevlin estavam sozinhos na Factoria, sob a estátua do dictor, inspecionando com ar pensativo o campo de batalha.

Na realidade, não tinha sido uma grande batalha. Quase não podia ser descrita de escaramuça. Era certo que se derramara sangue, mas não de nenhum coração, mas sim de alguns golpes na cabeça e de alguns narizes quebrados. O ofinista chefe apresentava um galo e o supervisor machucara um polegar, que tinha inchado e estava adquirindo um colorido muito notável. Ninguém tinha sido morto, nem sequer ferido gravemente, pois o costume de muitos séculos de vida pacífica é difícil de romper. Entretanto, Darral Estivador, supervisor chefe de seu povo, era inteligente o bastante para perceber que aquilo era só o começo. Um veneno tinha penetrado no corpo coletivo dos gegs e, embora o corpo conseguisse sobreviver, nunca voltaria a estar são.

— Além disso — disse Darral, com suas sobrelhas imensas levantadas em um gesto irônico, — se eles não forem deuses, como proclama Limbeck, como podemos castigá-lo por dizer a verdade?

Inabitado a caminhar por tão profundas águas filosóficas, o ofinista chefe ignorou a pergunta e procurou um terreno mais firme sob seus pés.

— Não o castigaríamos por ter razão, mas sim por propagar suas ideias.

Darral teve que admitir que havia certa lógica nas palavras de seu cunhado. Admirou com amargura que tivesse ocorrido uma ideia tão magnífica ao seu parente e concluiu que devia ser devido ao golpe que tinha recebido na cabeça. Apertando o polegar machucado e desejando estar de volta em sua casa no tanque de armazenamento, com sua esposa revoando a seu redor e lhe levando uma reconfortante tigela de casa quente {15}

Darral brincou com a ideia, nascida do desespero, que corria furtivamente pelas escuras curvas de sua mente.

— Possivelmente desta vez, ao jogá-lo nos Degraus de Terrel Fen, poderíamos precisar da cometa — apontou o ofinista chefe. — Sempre achei que era uma vantagem injusta.

— Não! — replicou Darral. As ideias de seu cunhado o impulsionaram a tomar uma decisão. — Nunca mais enviaremos Limbeck nem ninguém mais para baixo. É evidente que lá embaixo não é seguro. Esse deus falso, que está com o Limbeck, diz que vem de baixo. Portanto — o supervisor chefe fez uma pausa durante um acesso de golpes e ruídos especialmente virulentos da Máquina Viva, — vamos mandá-lo para cima.

— Vamos?

Nesta ocasião, o galo na cabeça não foi em auxílio do ofinista, que estava absolutamente desconcertado.

— Vou entregar esses deuses aos welfos — declarou Darral Estivador com sinistra satisfação.

O supervisor chefe fez uma visita à Cuba-prisão para anunciar o castigo aos detidos. Um anúncio que, supôs, causaria terror em seus corações culpados.

Mas, se assim foi, os prisioneiros não deram nenhuma amostra disso. Hugh reagiu com um gesto de desdém, Bane com outro de aborrecimento e Haplo permaneceu impassível, enquanto que Limbeck estava tão abatido que, possivelmente, sequer ouviu as palavras do supervisor. E não obteve de seus prisioneiros mais que alguns olhares frios e fixos e, no caso de Bane, um bocejo e um sorriso sonolento, Darral partiu muito zangado.

— Creio que entenderam a que ele se referia — comentou Haplo. — Sobre entregá-los aos “welfos”?

— Elfos — corrigiu Hugh. — Uma vez por mês, os elfos descem em uma nave de transporte e recolhem a carga de água. Desta vez, nos recolherão com ela. Mas não devemos terminar prisioneiros dos elfos; sobretudo, se nos apanharem aqui embaixo, com seu prezado fornecimento de água. Esses malditos podem tornar nossa morte muito desagradável.

Os cativos estavam encerrados na prisão local, um conjunto de cubas de armazenamento abandonadas pela Máquina Viva e que, dotadas de portas e ferrolhos, se tornaram celas magníficas. Pelo geral, estas celas eram pouco utilizadas e acolhiam algum ladrão esporádico ou algum geg que se mostrou negligente no serviço à grande máquina. Não obstante, devido à agitação social do momento, as cubas estavam agora enchendo e transbordando de perturbadores da ordem. Uma das cubas teve que ser evacuada de seus moradores para receber os deuses. Os geps presos estavam agrupados em outra Cuba para impedir o contato com Limbeck, o Louco.

A Cuba tinha as paredes altas e sólidas. Várias aberturas com grades marcavam os flancos. Hugh e Haplo investigaram os barrotes e descobriram que ar fresco entrava por eles, impregnado da umidade da chuva, o que levou os dois homens à conclusão de que as janelas davam para poços de ventilação que, finalmente, abriam-se ao exterior.

— Então, sugere que resistamos? — Perguntou Haplo. — Creio que as naves elfas estarão bem tripuladas. Nós somos quatro, contando com o chambelan, e um

menino. E entre todos temos uma única espada; uma espada que neste momento se encontra nas mãos do guardião.

— O chambelan não será de nenhuma ajuda — grunhiu Hugh. Apoiando-se comodamente na parede de tijolo de sua prisão, tirou o cachimbo e o levou aos lábios. — Ao primeiro indicio de perigo, o sujeito cai desacordado. Já o viu durante a briga.

— Uma coisa muito estranha, não acha?

— Sim. Ele é um sujeito muito estranho — declarou Hugh.

Haplo recordou o olhar de Alfred tentando desesperadamente transpassar a atadura que cobria as mãos do patryn, quase como se soubesse o que havia por baixo.

— Pergunto-me onde ele está. Você o viu durante o tumulto?

Hugh moveu a cabeça em gesto de negativa.

— Só via gegs, e só me ocupei do menino. Mas estou certo de que o chambelan aparecerá. Ou, melhor, tropeçará conosco. Alfred não abandonará o príncipe. — Hugh apontou com o queixo para Bane, que estava falando com um abatido Limbeck.

Haplo seguiu o olhar de Hugh e estudou o geg.

— Ainda nos resta Limbeck e sua União. Com certeza lutarão para nos salvar, se não por nós, ao menos por seu líder.

— Acredita nisso realmente? — Hugh olhou-o em dúvida. — Sempre ouvi que os gegs têm o espírito combativo de um rebanho de cordeiros.

Hugh olhou de novo para Limbeck e sacudiu a cabeça.

O geg estava sentado em um canto, agachado, com os ombros caídos e os braços pendurados entre os joelhos. O príncipe estava falando mas o geg parecia completamente ausente.

— Limbeck sempre teve a cabeça nas nuvens — afirmou Haplo. — Não viu que caia contra o chão e se machucou na queda, mas ele é quem tem que guiar seu povo.

— Está muito informado dos detalhes desta revolta — observou Hugh. — Qualquer um perguntaria por que se interessa tanto.

— Limbeck me salvou a vida — respondeu Haplo enquanto acariciava as orelhas do cão, que estava estendido ao seu lado com a cabeça apoiada no regaço de seu amo. — Gosto deles, tanto dele como de seu povo. Como já disse, conheço algumas coisas do seu passado e me entristece ver no que se transformaram — seu rosto suave escureceu. — Cordeiros, acredito que foi assim que os chamou.

Hugh deu uma chupada em seu cachimbo vazio, pensativo e silencioso. A resposta parecia clara, mas Hugh custava aceitar que Haplo estivesse tão preocupado com um punhado de anões. O homem era retraído e discreto, tanto que todos tendiam a esquecer sua presença, a esquecer que estava ali. Mas isso, pensou Hugh, podia ser um grande erro. Os lagartos que se camuflam nas rochas o fazem para caçar melhor.

— Então, temos que infundir um pouco de determinação em nosso Limbeck — Hugh disse. — Se quisermos nos salvar dos elfos, precisaremos que os gegs nos ajudem.

— Deixe isso comigo — disse Haplo. — Para onde vocês iam, antes de ser pegos em tudo isto?

— Pretendia devolver esse menino ao seu pai. A seu pai verdadeiro, o misteriarca.

— Quanta amabilidade de sua parte — comentou Haplo.

— Hum... — grunhiu Hugh, torcendo os lábios em um estranho sorriso.

— Esses magos que vivem no Reino Superior... por que abandonaram o mundo inferior? Deviam desfrutar de um grande poder entre sua gente.

— A resposta depende de a quem pergunte. Os misteriarcas afirmam que se retiraram porque tinham progredido em cultura e sabedoria e o resto de nós, não. Nossos costumes bárbaros os desagradavam e não quiseram continuar educando seus filhos em um mundo mau.

— E o que vocês, os bárbaros dizem? — perguntou Haplo, sorrindo. O cão se pôs de costas, com as quatro patas para o ar e a língua pendurada da boca com ar de embevecido prazer.

Hugh deu uma nova chupada no cachimbo vazio e pronunciou sua resposta entre a boqui aberta e os dentes que a sustentavam.

— Nós dizemos que os misteriarcas se assustaram com o crescente poder dos elfos e fugiram. Certamente, deixaram-nos para trás. Sua partida foi a causa de nossa decadência. Se não fosse por uma revolta em suas próprias fileiras, os elfos ainda seriam nossos senhores.

— Assim, os misteriarcas não seriam bem recebidos se retornassem, não é?

— Claro que seriam bem recebidos! Se dependesse do povo, dariam as boas-vindas com o frio do aço! Mas nosso rei mantém relações amistosas com eles, ou ao menos ouvi dizer. E o povo se pergunta a razão.

Hugh dirigiu de novo o olhar para Bane. Haplo conhecia a história da troca pois o próprio príncipe a tinha contado, cheio de orgulho.

—Mas os misteriarcas poderiam retornar se um deles fosse o filho do rei humano.

Hugh não respondeu ao que era totalmente óbvio. Afastou o cachimbo dos lábios e o guardou no bolso. Cruzou os braços, apoiou o queixo no peito e fechou os olhos.

Haplo ficou em pé, esfreguando-se. Precisava andar, exercitar os músculos para aliviá-los. Perambulando pela cela, o patryn meditou sobre tudo o que tinha ouvido. Ao que parecia, restava muito pouco trabalho a fazer. Todo o reino estava amadurecido e a ponto de cair. Seu amo não teria nem que estender a mão para tomá-lo. A fruta apareceria podre no chão, a seus pés.

Sem dúvida, aquela era a demonstração mais evidente de que os sartan já não tinham no mundo. Ou não? A única interrogação era o menino. Bane tinha mostrado ter poderes mágicos, mas tal coisa era de esperar no filho de um misteriarca da Sétima Casa. Muito tempo atrás, antes da Separação, a magia daqueles feiticeiros tinha alcançado o nível inferior ao que possuíam os sartan e os patryn. Era provável que, depois, seus poderes tivessem aumentado.

Mas Bane também podia ser um jovem sartan, suficientemente preparado para não se revelar. Haplo olhou para o menino, que continuava em uma profunda conversa com o aflito Limbeck.

O patryn fez um gesto quase imperceptível com sua mão enfaixada. O cão, que raramente afastava os olhos de seu amo, trotou imediatamente até o geg e lambeu suas mãos. Limbeck ergueu a vista e dirigiu um débil sorriso ao cão, que, meneando a cauda, instalou-se comodamente ao lado do geg.

Haplo se dirigiu ao extremo oposto da Cuba e se dedicou a olhar por um dos condutos de ar, aparentemente absorto. Agora podia escutar com clareza tudo o que falavam.

— Não pode desistir! — Dizia o menino. — Agora, não! A luta acabou de começar!

— Mas eu não queria que houvesse nenhuma luta! — Protestou o pobre Limbeck. — Gogs atacando outros gogs! Em toda nossa história nunca aconteceu algo semelhante, e é tudo minha culpa!

— Vamos, pare de se lamentar! — insistiu Bane. Notando uma estranha sensação no estômago, olhou em torno de si e franziu o cenho. — Estou com fome. Não vão nos deixar sem comer, não é? Vou ficar satisfeito quando os welfos chegarem. Eu...

O moço se calou de repente, como se alguém lhe tivesse ordenado que fechasse a boca. Haplo olhou por cima do ombro e viu que Bane segurava em sua mão o amuleto e acariciava a bochecha com ele. Quando o príncipe voltou a falar, tinha outro tom na voz.

— Tenho uma ideia, Limbeck — murmurou, inclinando-se para frente até ficar muito perto do geg. — Quando partirmos, você pode vir conosco! Verá como vivem os elfos e os humanos lá em cima, enquanto os gogs permanecem aqui embaixo, escravizados. Depois poderá retornar e contar a sua gente o que viu. Ficarão furiosos. Até o seu rei terá que concordar com você. Meu pai e eu o ajudaremos a organizar um exército para atacar os elfos e os humanos...

— Um exército! Atacar! — Limbeck olhou para ele, horrorizado, e Bane percebeu que tinha ido muito longe.

— Não se preocupe com isso agora — disse, retirando a sugestão de uma guerra entre os reinos. — O mais importante, no momento, é que possa ver a verdade.

— A verdade... — repetiu Limbeck.

— Sim — afirmou Bane, percebendo que o geg, por fim, estava impressionado. — A verdade. Não é isso o que importa? Você e seu povo não podem continuar vivendo na mentira. Espere. Acabo de ter uma ideia. Fale-me sobre esse Julgamento.

Limbeck adotou um gesto pensativo e seu ar miserável foi desaparecendo. Era como se tivesse colocado os óculos. Tudo o que antes era impreciso, podia ser visto agora com clareza: as linhas eram nítidas e os contornos, marcados.

— Quando o Julgamento acontecer e formos declarados dignos, subiremos aos reinos superiores.

— Exato, Limbeck! — disse Bane, com ar admirado. — Este é o Julgamento! Tudo aconteceu assim como dizia a profecia. Descemos e o encontramos digno e agora vai subir aos reinos superiores!

“Muito ardiloso, moço”, pensou Haplo. “Muito ardiloso.” Bane já não tinha o amuleto entre os dedos. Já não era seu pai quem lhe ditava as palavras. Aquilo tinha sido ideia do próprio Bane. Aquele bastardo era um garoto notável, acrescentou Haplo para si mesmo. Notável... e perigoso.

— Mas nós pensávamos que o Julgamento ia ser pacífico.

— Onde ouviu isso? — Repliou Bane. — O diz a profecia?

Limbeck voltou sua atenção para o cão, deu-lhe alguns tapinhas na cabeça e tratou de evitar uma resposta até ter se acostumado com aquela nova visão.

— O que diz, Limbeck? — pressionou-o o príncipe.

O geg continuou acariciando o cão, que permanecia imóvel entre suas mãos.

— Uma nova visão — disse por fim, levantando a vista. — Já sei o que farei quando os welfos chegarem.

— O que? — perguntou Bane ansioso.

— Pronunciarei um discurso.

Nessa noite, depois que os carcereiros levaram o jantar, Hugh convocou uma reunião.

— Não queremos acabar prisioneiros dos elfos, não é? — Explicou o assassino. — Pois bem, temos que sair deste lugar e escapar. Podemos fazer isso... se os gegs nos ajudarem.

Limbeck não prestava atenção, pois estava preparando seu discurso.

— “Welfos e todos os membros da União...” Não, não gostei. “Distintos visitantes de outro reino...” Isso está melhor. Ah, eu gostaria de ter com o que escrever! — O geg perambulava para cima e para baixo, dando voltas ao discurso e puxando a barba distraidamente. O cão trotava atrás dele meneando a cauda.

Haplo balançou a cabeça.

— Aqui não há ajuda.

— Mas, Limbeck, seria uma grande batalha! — Protestou Bane. — Os gegs superam em número os elfos. Além disso, os pegaremos totalmente de surpresa. Eu não gosto dos elfos. Jogaram-me de sua nave e estive a ponto de morrer.

— “Distintos visitantes de outro reino...”

Haplo insistiu em sua colocação.

— Os gegs não têm instrução nem disciplina. Nem sequer têm armas e, mesmo que as tivessem, não poderíamos confiar neles. Seria como enviar um exército de meninos... de meninos normais — acrescentou, ao ver que Bane ia às nuvens. — Os gegs não estão preparados ainda.

Sem perceber, Haplo frisou esta última palavra, o que despertou o interesse de Hugh.

— Ainda? — repetiu.

— Quando meu pai e eu retornarmos — interveio Bane, — poremos ordem entre os gegs. Atacemos os elfos e venceremos. Depois tomaremos o controle de toda a água do mundo, e seremos mais ricos e poderosos do que é possível imaginar.

Ricos. Hugh coçou a barba. Um pensamento cruzou sua cabeça. Se a guerra acontecesse, qualquer humano com uma nave e a coragem para pilotá-la pelo Torvelinho poderia fazer uma fortuna com uma viagem. E para isso necessitaria de uma nave de transporte. Um cargueiro de água elfo tripulado. Seria uma lástima destruir aqueles elfos.

— E o que será então dos gegs? — perguntou Haplo.

— Oh! Vamos cuidar deles — respondeu Bane. — Terão que combater muito melhor do que vi até agora, mas...

— Combater? — Repetiu Hugh, interrompendo Bane em meio a frase. — Por que estamos falando de combater? — levou a mão ao bolso, pegou o cachimbo e prendeu-o entre os dentes.

CAPÍTULO 37



O LUGAR DE DESCANSO, REINO INFERIOR

A mão de Jarre escorregou, flácida, de entre os dedos de Alfred. A anã era incapaz de se mover, as forças pareciam ter abandonado seu corpo. Encolhendo-se, retrocedeu contra o arco e se sustentou nele procurando apoio. Alfred não pareceu perceber e continuou seu avanço, deixando ali a geg, trêmula e assustada, para que o esperasse.

A câmara em que penetrou era imensa; Jarre não se lembrava ter visto em sua vida um espaço aberto tão enorme. Um espaço não ocupado por nenhuma peça da Máquina Viva que girasse, martelasse ou retumbasse. Construídas com a mesma pedra lisa e sem marcas que os túncis, as paredes da câmara emitiam uma suave luz branca que começou a irradiar delas quando Alfred pôs o pé no interior do arco. Graças a essa luz, Jarre viu os ataúdes. Abertos nas paredes e coberto cada um com um cristal, eram centenas de ataúdes e continham corpos de homens e de mulheres. Jarre não podia ver com clareza os corpos, que eram pouco mais que silhuetas recortadas contra a luz. Entretanto, percebeu que pertenciam à mesma raça que Alfred e os outros deuses que tinham chegado a Drevlin. Os corpos eram altos e esbeltos e estavam deitados com os braços postos ao lado.

O chão da câmara era amplo e uniforme, e os ataúdes o rodeavam em fileiras que se estendiam até o teto abobadado, muito alto. A sala em si estava totalmente vazia. Alfred avançou devagar, olhando a seu redor com gestos aflitos, como quem retorna ao lar depois de uma longa ausência.

A luz da câmara ficou mais brilhante e Jarre distinguiu alguns símbolos no chão, parecidos em forma e desenho com as runas que tinham iluminado seu caminho até ali. Havia doze signos mágicos, cada um deles esculpido, separado de outros, sem tocar nem sobrepor nenhum deles. Alfred se moveu com cuidado entre os símbolos; sua figura magra e desajeitada se deslocou pela câmara vazia em uma dança solene, e as linhas e movimentos de seu corpo pareceram desenhar cada um dos símbolos mágicos sobre os quais ia passando.

Deu uma volta completa na sala, deslocando-se sobre o chão ao som de uma

música silenciosa. Deslizou por cada runa sem chegar a tocá-la, passando logo depois a próxima, honrando uma atrás da outra, até que chegou ao centro da câmara. Uma vez ali, ajoelhou-se, pôs as mãos no chão e começou a cantar.

Jarre não entendeu o que dizia, mas a canção a encheu de uma alegria que era agradável porque não contribuía absolutamente para aliviar a terrível tristeza. As runas do chão emitiram um brilho mais intenso, quase ofuscante, durante a canção de Alfred. Quando esta cessou, o resplendor começou a desaparecer e, ao fim de alguns momentos, apagou-se completamente.

Alfred, de pé no centro da sala, lançou um suspiro. Seu corpo, que tinha se movido com tanta graça durante a dança, voltou a curvar-se e seus ombros caíram de novo. Olhou para Jarre e lhe dirigiu um sorriso melancólico.

— Ainda está assustada? — Disse, apontando os ataúdes com um gesto débil. — Aqui ninguém pode lhe fazer mal. Tampouco eles desejaram fazer isso ao menos, não de propósito. — Suspirou de novo e, girando sobre si mesmo sem mudar de lugar, passou seu olhar pela câmara. — Entretanto, quanto mal fizemos sem querer, pretendendo fazer o melhor? Não fomos deuses, mas estávamos dotados do poder dos deuses. E, em compensação, carecíamos de sua sabedoria.

Aproximou-se lentamente e com a cabeça curvada, de uma fileira de ataúdes situados muito perto da entrada, próximos de Jarre. Alfred pousou a mão em um dos painéis de cristal e seus dedos o tocaram quase com uma carícia. Com um suspiro, apoiou a cabeça em outro ataúde da fileira superior. Jarre percebeu que este último nicho estava vazio. Todos ao redor continham corpos e a geg, concentrando neles sua atenção devido ao gesto de Alfred, observou que todos eles pareciam jovens. Mais jovens que ele, pensou Jarre, contemplando sua cabeça calva e sua testa alta e redonda, sulcada por rugas de ansiedade, preocupação e solicitude tão marcadas que o sorriso de seus lábios somente servia para ressaltá-las.

— Estes são meus amigos — disse. — Falei deles enquanto descíamos. — Acariciou com a mão o painel de cristal. — Eu disse que talvez não estivessem aqui, que possivelmente tivessem desaparecido, mas no fundo de meu coração sabia que não era certo o que estava dizendo. Tinha certeza que estariam aqui. Aqui continuarão para sempre. Porque estão mortos, Jarre, vê? Mortos antes de sua hora. E eu estou vivo muito tempo depois!

Fechou os olhos e cobriu o rosto com a mão. Um soluço transpassou o corpo magro e desgracioso que se apoiava nos ataúdes. Jarre não entendeu o que ele falava. Não tinha ouvido nada a respeito daqueles amigos e não podia nem queria pensar no que estava vendo. Mas Alfred estava aflito e sua pena lhe rompia o coração. Vendo aqueles jovens de belas feições, serenas e intactas e frias como o cristal atrás do qual jaziam, Jarre compreendeu que Alfred não chorava por um mas sim por muitos, entre eles por ele mesmo.

A geg se afastou com esforço do arco, avançou para Alfred e deslizou sua mão na dele. A solenidade, o desespero, a dor daquele lugar e daquele homem tinham afetado Jarre profundamente, embora só chegaria a perceber muito tempo depois. Avançada sua vida, em um momento de grande crise, em que pareceria que estava perdendo o mais valioso para ela, voltaria para sua lembrança tudo o que Alfred tinha contado: sua história pessoal, a de seu povo e a de seus fracassos.

— Alfred, sinto muito.

O homem olhou-a, a ponto de lhe saltar as lágrimas. Apertando sua mãozinha, murmurou algo que Jarre não entendeu, pois não o disse no idioma dos geggs nem em nenhum outro que se falava no mundo de Ariano fazia muito tempo.

— Por isso fracassamos — murmurou, pois, nessa língua antiga. — Pensamos nos muitos... e nos esquecemos do um. E por isso estou sozinho. Só e abandonado para fazer frente, talvez, a um perigo antiquíssimo. O homem das mãos enfaixadas — acrescentou, sacudindo a cabeça. — O homem das mãos enfaixadas...

Alfred abandonou o mausoléu sem olhar para trás. Esquecido já o medo, Jarre avançou com ele.

Hugh despertou para ouvir o som. levantou-se, tirou a adaga da bota e ficou pronto antes de haver despertado totalmente. Só demorou um instante para reconhecer onde estava: com uma piscada, limpou de seus olhos a bruma da sonolência e ajustou a visão ao resplendor mortiço das luzes que iluminavam a perpétua atividade da Máquina Viva.

Voltou a escutar o som e pensou que tinha vindo da direção correta: o ruído procedia do outro lado de uma das grades nas janelas laterais da Cuba prisão.

Hugh tinha o ouvido muito afiado e os reflexos muito rápidos disciplinou-se a dormir com um sonho muito leve e, devido a isso, não gostou nada de descobrir Haplo, completamente acordado, plantado junto ao conduto de ar com toda tranquilidade, como se estivesse ali por horas inteiras. O som podia ser ouvido com clareza agora. Alguém se aproximava, arrastando-se pelo chão e roçando as paredes. O cão, com a pelagem brilhante em torno do pescoço, voltou o focinho para a abertura e emitiu um leve ganido.

— Chiu! — fez Haplo; o animal emudeceu, deu alguns passos em um nervoso círculo e voltou a parar sob o conduto. Ao ver Hugh, Haplo fez um gesto com a mão, indicando-lhe que cobrisse um dos lados.

Hugh não hesitou em obedecer a ordem silenciosa. Teria sido uma estupidez discutir sobre liderança naquele momento, quando algo desconhecido se aproximava furtivamente amparado pela noite e os dois homens só tinham suas mãos nuas e uma adaga para enfrentá-lo. Enquanto ocupava sua posição, a Mão pensou que Haplo não só tinha ouvido e reagido ao som, mas tinha se movido com tal silêncio que Hugh, apesar de ter escutado o som, não tinha ouvido Haplo.

O som ficou cada vez mais audível, mais próximo. O cão ficou tenso e arreganhou os dentes. de repente, ouviu-se um golpe e um amortecido “Ai!”.

Hugh relaxou.

— É Alfred — disse.

— Como pôde nos encontrar? — murmurou Haplo.

Uma cara pálida apareceu do outro lado das grades.

— Maese Hugh?

— Esse homem possui uma ampla gama de qualidades inatas — apontou Hugh.

— Eu gostaria de conhecer quais são — replicou Haplo. — Como o tiramos daí? Quem está com você? — acrescentou, escrutinando as sombras ao outro lado dos barrotes.

— Uma das geggs. chama-se Jarre.

A geg colocou sua cabeça sob o braço de Alfred. Ao que parecia, o espaço onde ambos estavam era muito reduzido e Alfred se viu obrigado a se encolher até ficar virtualmente dobrado pela cintura para abrir lugar para seu acompanhante.

— Onde está Limbeck? — Jarre exigiu saber. — Ele está bem?

— Está por aí, dormido. As grades estão muito firmes deste lado, Alfred. Não há algum ponto solto onde vocês estão?

— Vou ver, maese Hugh, mas será difícil com esta escuridão. Talvez se utilizasse os pés para empurrar os barrotes...

— Boa ideia — assentiu Haplo, afastando-se da grade com o cão colado aos seus calcanhares.

— Já era hora desses pés servirem para algo — murmurou Hugh, retirando-se também para a parede da Cuba. — Embora vá fazer um barulho tremendo.

— Por sorte, a máquina também faz um escândalo muito grande. Fique quieto, cão.

— Quero ver o Limbeck!

— Dentro de um momento, Jarre — respondeu a voz apaziguadora de Alfred. — Agora, afaste-se por favor.

Hugh escutou um golpe surdo e viu que a grade estremeceu levemente. Dois golpes mais, um grito de Alfred e a grade saltou do flanco da Cuba e caiu ao chão.

Limbeck e Bane já estavam acordados e se aproximaram para contemplar com curiosidade seus visitantes noturnos. Jarre foi primeira em passar para o interior da Cuba cárcere, penetrando pela abertura com os pés na frente. Quando estes tocaram o chão, correu para Limbeck, passou-lhe os braços pelo pescoço e o apertou com força.

— Oh, querido! — Disse a geg com um sussurro enérgico. — Não pode imaginar onde estive! Não pode imaginar!

Limbeck, notando-a tremula entre seus braços, acariciou-lhe o cabelo com certa perplexidade e lhe deu afetuosos tapinhas nas costas.

— Mas isso não importa agora! — Continuou ela, voltando para o grave assunto que tinham nas mãos. — Os cantores de notícias dizem que o supervisor chefe vai entregá-los aos welfos. Não se preocupe. Vamos tirá-los daqui agora mesmo. O conduto de ar que Alfred encontrou chega até os subúrbios da cidade. Não estou muito segura de onde iremos quando tivermos fugido daqui, mas podemos sair de Wombe...

— Você está bem, Alfred? — perguntou Hugh enquanto ajudava o chambelan a sair do conduto.

— Sim, senhor. — Alfred passou pela abertura, apoiou o peso nas pernas e caiu ao chão feito um farrapo. — Quer dizer, talvez não — reificou, sentado no chão da Cuba com uma expressão dolorida no rosto. — Temo que tenha me ferido, senhor, mas não é nada grave. — Sustentando-se sobre um pé com a ajuda de Hugh, apoiou as costas na parede da Cuba. — Posso andar.

— Se não foi capaz de fazê-lo nem com as duas pernas boas...

— Não é nada, senhor. O joelho...

— Sabe Alfred? — Interrompeu-o Bane. — Vamos enfrentar os elfos!

— Como diz, Alteza?

— Não vamos ter que escapar, Jarre — explicou Limbeck. — Ao menos, eu não pretendo fazê-lo. Proponho-me a dirigir um discurso aos welfos e lhes solicitar ajuda e cooperação. Assim, os welfos me conduzirão aos reinos superiores e poderei ver a

verdade, Jarre. Poderei vê-la com meus próprios olhos!

— Dirigir um discurso aos welfos! — ofegou Jarre, a quem a assombrosa declaração tinha deixado sem fôlego.

— Sim, querida. E você tem que difundir a notícia entre nosso povo, pois vamos necessitar da sua colaboração. Haplo dirá o que deve fazer.

— Não pensa em... lutar com ninguém, não é?

— Não, querida — respondeu Limbeck enquanto coçava a barba. — Vamos cantar.

— Cantar! — Jarre olhou para o resto dos presentes com ar absolutamente desconcertado. — Eu... eu não sei muito a respeito dos welfos. Gostam da música?

— O que a anã está dizendo? — Hugh perguntou. — Alfred, temos que pôr esse plano em marcha! Venha aqui e traduza as minhas palavras. Tenho que lhes ensinar essa canção antes do amanhecer.

— Muito bem, senhor — disse Alfred. — Creio que está se referindo à canção da Batalha de Sete Campos.

— Sim. Diga a essa geg que não se preocupe com o significado das palavras. Terão que aprender a cantar em idioma humano. Faça com que a aprenda de cor, linha por linha e repita para ter certeza de que captou as palavras. A música não deve ser muito difícil, pois os meninos sempre a estão cantarolando.

— Eu ajudarei — ofereceu Bane. Haplo, agachado, acariciou o cão, observou a cena e escutou a conversa sem intervir.

— Jarre? É assim que você se chama, não? — Hugh se aproximou dos dois gegs enquanto Bane dançava a seu lado. Sob a luz vacilante, a expressão de Hugh era sombria e severa. Os olhos azuis de Bane brilhavam de excitação. — Pode reunir seu povo e fazer que aprenda esta canção e que vá à cerimônia? — Alfred se encarregou traduzir. — Seu rei disse que os welfos chegariam hoje ao meio-dia, de modo que não dispõe de muito tempo.

— Cantar! — murmurou Jarre com o olhar fixo em Limbeck. — Você realmente se propõe a ir, subir aos outros reinos?

Limbeck tirou os óculos, esfregou as lentes na manga da camisa e se voltou a colocá-lo.

— Sim, querida. Se os welfos não se importarem...

— “Se os welfos não se importarem...” — traduziu Alfred, lançando um olhar expressivo para Hugh.

— Não se preocupe com os welfos, Alfred — intervieo Haplo. — Limbeck vai pronunciar um discurso.

— Oh, Limbeck! — Jarre, muito pálida, mordeu o lábio inferior. — Está certo de que deve subir? Eu acho que não deveria nos deixar. O que fará a União sem você? Se nos deixar desta maneira... parecerá que o supervisor chefe saiu vencedor!

— Não tinha pensado nisso — murmurou Limbeck, franzindo o cenho. Tirou os óculos e começou a limpar as lentes. Depois, em vez de colocá-los guardou-os no bolso com ar ausente. Olhou para Jarre e piscou. — Não sei... Provavelmente você tem razão, querida.

Hugh cerrou os dentes com frustração. Não sabia o que estavam dizendo, mas percebeu que o geg titubeava em sua decisão e soube que aquilo podia lhe custar a nave e, provavelmente, a vida. Virou-se com impaciência para Alfred em busca de ajuda mas

o chambelan, mancando de um pé, parecia encolhido e afligido, como se estivesse muito triste. Hugh começava a reconhecer interiormente que deveria confiar em Haplo quando viu que este, com um gesto da mão, mandava ao cão para o casal de gegs.

Atravessando o chão da Cuba, o animal se aproximou de Limbeck e apoiou o focinho em sua mão. Limbeck se sobressaltou ante o contato inesperado com o focinho frio e retirou a mão. Entretanto, o cão não se afastou e cravou os olhos nele, enquanto meneava lentamente o rabo de um lado para outro. O olhar míope do geg passou do cão a seu amo, atraído por um impulso irresistível. Hugh dirigiu um rápido olhar para Haplo para intuir que mensagem lhe estava transmitindo, mas o rosto do homem estava tranqüilo, com seu habitual sorriso.

Limbeck acariciou o cão, com gesto ausente, enquanto seus olhos permaneciam fixos em Haplo. Por fim, exalou um profundo suspiro.

— Querido? — Jarre o tocou no braço.

— A verdade. É meu discurso. Tenho que pronunciar o discurso. Eu vou, Jarre, e conto com você e com nosso povo para que me ajudem. E, na minha volta, quando tiver visto a verdade, começaremos a revolução!

Jarre percebeu na voz de Limbeck o tom teimoso que já conhecia e compreendeu que era inútil discutir com ele. Além disso, nem sequer estava segura de querer fazê-lo. Uma parte dela estava excitada ante a perspectiva do que ele se propunha a fazer, pois aquilo era realmente o início da revolução. Mas, isto significava sua separação e Jarre não percebera até aquele momento do quanto amava aquele geg.

— Eu poderia te acompanhar — propôs.

— Não, querida — respondeu Limbeck, olhando-a com carinho — Partirmos juntos não serviria de nada. — Deu um passo em frente e levou as mãos para onde seus míopes olhos acreditaram que Jarre tinha seus ombros. Ela, acostumada ao gesto, aproximou-se um pouco para colocar-se onde Limbeck acreditava que estava. — Você deve preparar ao povo para minha volta.

— Farei isso!

O cão, assaltado por uma súbita coccira, sentou-se para coçar-se com uma das patas traseiras.

— Comece a lhe ensinar a canção, maese Hugh — propôs Alfred.

Traduzido pelo chambelan, Hugh deu as instruções pertinentes a Jarre, ensinou-lhe a canção e voltou a colocá-la no conduto de ar. Limbeck se aproximou da abertura e, antes de que Jarre partisse, estendeu a mão para pegar a dela.

— Obrigado, querida. Tenho certeza de que isto é o melhor.

— Sim, eu também tenho.

Para ocultar o nó que tinha na garganta, Jarre se inclinou e estampou um tímido beijo na bochecha de Limbeck. Agitando a mão, despediu-se de Alfred, que lhe respondeu com uma solene reverência; depois disto, a geg deu meia volta rapidamente e começou a subir pelo conduto de ar.

Hugh e Haplo levantaram a grade e a colocaram em seu lugar como melhor puderam, utilizando os punhos como martelos.

— Está muito ferido, Alfred? — perguntou Bane, lutando contra o sono e a vontade de voltar para a cama, para não perder algo importante.

— Não, Alteza. Agradeço seu interesse.

Bane assentiu com um bocejo.

— Acho que vou me deitar, Alfred. Não para dormir, que fique claro; só para descansar.

— Deixe-me arrumar as mantas, Alteza. — Alfred olhou rapidamente para Hugh e Haplo, que continuavam golpeando a grade. — Importa-se que lhe faça uma pergunta?

Bane bocejou até que lhe rangeram as mandíbulas. Com as pálpebras quase fechadas, deixou-se cair ao chão da Cuba e respondeu, sonolento:

— Claro que não.

— Alteza... — Alfred baixou a voz e manteve os olhos fixos na manta que, como de costume, se retorcia e enrugava com estupidez entre suas mãos sem conseguir arrumá-la, — quando olha para esse tal Haplo, o que vê?

— Vejo um homem. Não muito agradável, mas tampouco repulsivo como Hugh. Já que me pergunta isso, esse Haplo não é nada especial. Alfred! Já está criando confusão com essa manta, como sempre.

— Não, Alteza. Já termino. — O chambelan continuou maltratando a manta. — Voltando a minha pergunta, não era a isso que me referia.

Alfred fez uma pausa e umedeceu os lábios. Sabia que, sem dúvida, sua próxima pergunta daria o que pensar a Bane; contudo, também considerava que não tinha outra opção, dadas as circunstâncias. Tinha que descobrir a verdade.

— O que você vê com... com sua visão especial?

Bane abriu os olhos e depois os cerrou, com um brilho de astúcia e perspicácia. O brilho de inteligência desapareceu deles tão depressa, mascarado pela falsa careta de inocência, que Alfred teria acreditado ser produto de sua imaginação se não o tivesse visto em ocasiões anteriores.

— Por que pergunta isso, Alfred?

— Por pura curiosidade, Alteza. Só por isso.

O menino o observou com ar especulativo, calculando talvez quanta informação poderia conseguir do chambelan com adulações. Possivelmente estava calculando se tiraria mais dizendo a verdade, mentindo ou combinando ambas as coisas da maneira mais conveniente.

O príncipe dirigiu um olhar furtivo a Haplo, inclinou-se para Alfred e acrescentou em tom confidencial:

— Não vejo nada.

Alfred se agachou, com um gesto de preocupação em seu rosto contraído e arrasado, e olhou intensamente para Bane tentando determinar se o menino era sincero ou não.

— Sim — continuou Bane, tomando o olhar por outra pergunta. — Não vejo nada. E só conheço outra pessoa com a qual me aconteça o mesmo: você, Alfred. O que deduz disso?

O moço olhou-o com olhos luminosos, resplandcentes. De repente, a manta pareceu estender-se sozinha, Lisa e perfeita, sem a menor ruga.

— Já pode se deitar, Alteza. Parece que manhã nos espera outro dia emocionante.

— Eu lhe fiz uma pergunta, Alfred — insistiu o príncipe enquanto se deitava, obediente.

— Sim, Alteza. Deve ser uma coincidência. Nada mais.

— Creio que tem razão, Alfred.

Bane lhe dirigiu um doce sorriso e fechou os olhos. O sorriso se manteve em seus lábios; o menino devia estar rindo de alguma piada íntima.

Alfred massageou o joelho e chegou à conclusão de que, uma vez mais, tinha agido errado. Acabava de dar uma pista a Bane e antes, transgredindo todas as ordens expressas a respeito, tinha conduzido um ser de outra raça à câmara do mausoléu e lhe tinha permitido sair. De qualquer modo, pensou, aquilo ainda tinha alguma importância? Realmente importava?

Não pôde evitar um olhar a Haplo, que estava se preparando para passar a noite. Agora, Alfred sabia a verdade; entretanto, resistiu em aceitá-la. Disse a si mesmo que era uma coincidência. Bane não conhecia todas as pessoas do mundo. Podia haver muitas cuja vida passada fosse invisível a suas faculdades clarividentes.

O chambelan viu que Haplo se deitava, viu que dava uns tapinhas no cão e viu que o animal adotava uma posição protetora ao lado de seu amo.

“Tenho que me assegurar — pensou. — Tenho que acabar com as dúvidas e assim tranquilizar a minha mente. E poderei afastar os meus temores.”

Ou poderia se preparar para enfrentá-los.

Não, era melhor que parasse de pensar assim. Sob as ataduras só encontraria chagas, como o homem havia dito.

Alfred esperou. Limbeck e Hugh voltaram para suas camas e Hugh dirigiu um olhar para o chambelan. Este fingiu dormir. O príncipe parecia profundamente adormecido, mas não seria demais se assegurar disso. Limbeck permanecia acordado, com a vista fixa no teto da Cuba, assustado e preocupado, repassando mentalmente todas as suas resoluções. Hugh apoiou as costas na parede da Cuba e, tirando o cachimbo, sustentou-o entre os dentes e olhou para o vazio com ar sombrio.

O chambelan não dispunha de muito tempo. Apoiou-se sobre um cotovelo, com os ombros caídos e a mão junto ao corpo, e se virou para Limbeck. Levantando os dedos indicadores e polegares, desenhou então um signo no ar. Murmurando a runa, voltou a desenhar os traços. Limbeck baixou as pálpebras, abriu-as, voltaram-lhe a cair e, depois de algumas vibrações, ficaram definitivamente fechadas e imóveis. A respiração do geg ficou rítmica e pausada. Com movimentos ágeis e silenciosos, Alfred se virou ligeiramente até ficar de frente para Hugh e repetiu o signo mágico. A cabeça de Hugh caiu para frente. O cachimbo deslizou de seus lábios e escorregou até o regaço. Continuando, Alfred olhou para Bane e desenhou a runa uma vez mais; se o menino estivesse acordado ainda, com isto teria adormecido imediatamente.

Por fim, virado para Haplo, Alfred riscou o signo mágico e sussurrou as mesmas palavras, mas desta vez com mais concentração, com mais força.

É obvio, o cão era muito importante mas, se as suspeitas de Alfred a respeito do animal fossem acertadas, tudo sairia bem.

Obrigou-se a esperar pacientemente alguns momentos mais, para permitir que o encantamento colocasse todos eles em um sonho profundo. Ninguém se moveu. Tudo estava em silêncio.

Alfred ficou em pé lenta e cautelosamente. O feitiço era poderoso; podia correr pela Cuba gritando, batendo tambores e fazendo soar as cornetas, e nenhum deles pestanejado sequer. Apesar disso, seus próprios temores irracionais o continham, prendiam seus passos. Avançou com sigilo e agilidade, sem indício de claudicação, pois a dor do joelho tinha sido fingida. Mesmo assim, a julgar pela lentidão de seus

movimentos, a dor poderia ter sido autêntica e a ferida, realmente debilitadora. Notava os batimentos do coração no pescoço e tinha os olhos cheios de faíscas que lhe obscureciam a visão.

Obrigou-se a continuar. O cão estava adormecido, com os olhos fechados; do contrário, Alfred não teria podido se aproximar de seu amo. Sem se atrever a respirar, lutando contra espasmos no peito que o deixavam sem fôlego, o chambelan se ajoelhou junto à figura adormecida de Haplo. Ergueu uma mão tão tremula que não conseguiu guiá-la para onde devia ir e se deteve. Naquele instante, teria rezado uma prece se tivesse havido algum deus perto para ouvi-la. Mas só ele estava ali.

Afastou as ataduras que envolviam a mão de Haplo. Ali, tal como tinha suspeitado, estavam os símbolos mágicos.

Os olhos do Alfred se encheram de lágrimas que ardiam e o impediam de ver com clareza. Teve de recorrer a toda a sua força de vontade para voltar a cobrir a pele tatuada com a atadura para que Haplo não percebesse que tinha mexido nela. Sem ver por onde ia, Alfred retornou aos tropicões até sua manta e se deixou cair nela. Quando seu corpo tocou o chão, teve a impressão de que não se detinha, mas que continuava caindo e caindo em espiral por um escuro poço de horror.

CAPÍTULO 38



EM CÉU ABERTO, SOBRE O TORVELINHO

O capitão da nave elfa Carfa'shon^{16} era membro da família real. Não um membro muito importante, mas um membro assim mesmo, feito do qual se sentia extraordinariamente consciente e assim fazia sentir também a quem o rodeava. Contudo, havia uma pequena questão a respeito daquele sangue real que nunca era aconselhável revelar, e era sua desafortunada relação de parentesco com o príncipe Reesh'ahn, o líder da rebelião que tinha surgido entre os elfos.

Nos prósperos tempos de antigamente, o capitão estava acostumado a proclamar modestamente que era nada menos que quinto primo do elegante, jovem e bonito príncipe elfo. Agora, depois da desgraçada atuação de Reesh'ahn, o capitão Zankor'o assegurava às pessoas que era apenas um quinto primo do homem, e isso parecia pôr um par de primos a mais entre eles.

Seguindo o costume e tradição de toda a estirpe real elfa, tão rica como pobre, o capitão Zankor'o servia seu povo trabalhando dura e energeticamente durante toda a sua vida. E, seguindo deste modo a tradição da realeza, esperava continuar servindo aos elfos no momento de sua morte. Aos senhores e damas de sangue real não é permitido desaparecer no esquecimento eterno quando lhes chega a hora, mas suas almas são capturadas antes que possam se afastar batendo as asas para passar o tempo futuro nos eternos prados primaveris.

As almas da estirpe real são mantidas então em *estasis* pelos magos elfos, que empregam a energia das almas para levar realizar sua magia.

Graças a isso, é necessário que os magos acompanhem constantemente os membros da família real, dispostos em todo momento — de dia e de noite, na paz e em meio a uma feroz batalha — para se encarregar da alma em caso de morte.^{17} Os feiticeiros destinados a essa tarefa têm um título oficial, weesham, como são chamados entre a alta sociedade elfa. Em compensação, entre todos outros são conhecidos por geir, palavra cujo antigo significado era “abutre”.

O geir segue o elfo de sangue real da infância até a velhice, sem abandoná-lo nunca. Ao nascer, o menino recebe um geir e este o vê dar os primeiros passos, viaja com ele durante os anos de aprendizagem, vigia junto a sua cama todas as noites (inclusive a de bodas) e o assiste na hora da morte.

Os magos que aceitam esta tarefa — que, entre os elfos, adquiriu um caráter sagrado — são submetidos a uma meticulosa aprendizagem. São estimulados a desenvolver uma estreita relação pessoal com aquele sobre o qual estendem a sombra negra de suas asas. O geir não pode se casar, de modo que o tutelado se transforma no centro da sua vida, ocupando o lugar do marido, da esposa e do filho. Como os geir são mais velhos que seus tutelados (geralmente estão entre os vinte e trinta ciclos quando aceitam a responsabilidade), assumem o papel adicional de mentor e confidente. Entre a sombra e seu tutelado surgem muitas amizades profundas e duradouras. Em tais casos, frequentemente, os geir não sobrevivem muito tempo ao seu protegido, mas envia a alma à Catedral de Albedo e logo se esconde para morrer de tristeza.

Assim, os membros da família real vivem, desde seu nascimento, com a lembrança constante de sua mortalidade revoando em torno de seus ombros. E chegaram a se vangloriar dos geir. Os magos da túnica negra denotam a estirpe régia e simbolizam para os elfos que seus líderes lhes servem em vida, e também depois da morte. A presença do geir tem o efeito adicional de aumentar o poder real. É difícil negar ao rei elfo o que ele deseja, com a figura de túnica escura presente sempre a seu lado.

É compreensível que os membros da família real, em especial os mais jovens, sejam um pouco alvoroçados e temerários e vivam a vida com despreocupação. As festas reais costumam ser acontecimentos caóticos. O vinho corre com prodigalidade e a alegria tem um ponto de frenesi, de histeria. Uma donzela elfa resplandecente, belamente vestida, dança e bebe, e não se priva de nada que possa lhe dar prazer mas, para onde volte o olhar, tem ver a seu geir de pé, apoiado na parede, com os olhos sempre postos naquele ou aquela cuja vida — e, mais importante ainda, cuja morte — lhe foi confiada.

O capitão elfo da nave de transporte de água tinha seu correspondente geir e é preciso reconhecer que a bordo havia mais de um que desejava que a sombra do quinto primo do príncipe Reesh'ahn cumprisse logo a sua sagrada missão; a maioria de quem servia ao capitão expressava (em voz baixa) a opinião de que a alma do capitão seria muito mais valiosa para o reino dos elfos se estivesse separada de seu corpo.

Alto, magro e de aparência agradável, o capitão Zankor'o sentia uma grande consideração para consigo mesmo e absolutamente nenhuma para com aqueles que tinham a manifesta desgraça de não ser de alta fila, de não ser da estirpe real e, em resumo, de não ser ele.

— Capitão...

— Tenente?

— Estamos entrando no Torvelinho.

— Obrigado, tenente, mas não estou cego nem sou tão estúpido como talvez fosse seu último e falecido capitão. Vendo as nuvens de tormenta, fui capaz de deduzir quase imediatamente que estávamos em uma tormenta. Se quiser, pode passar a informação ao resto da tripulação, que possivelmente não percebeu.

O tenente ficou tenso e sua pele clara avermelhou até um delicado tom carmesim.

— Posso recordar ao capitão com todo respeito que tenho a obrigação

regulamentar de lhe informar de nossa entrada em céus perigosos?

— Pode recordar-me se quiser, mas eu não o faria, porque ao capitão parece que está você à beira da insubordinação — replicou Zankor'lo, levando os olhos a uma luneta e olhando pelas janelas da nave dragão. — Agora, vá para baixo e se encarregue dos escravos. Pelo menos, suponho que está preparado para esta tarefa, não é, tenente?

O capitão não chegou a pronunciar em voz alta esta última frase, mas ficava implícita em seu tom de voz. Tanto o tenente como outros tripulantes que se achavam na ponte escutaram com toda clareza suas palavras não expressadas.

— Muito bem, senhor — respondeu o tenente Bothar'in. O tom carmesim tinha desaparecido de suas bochechas, estavam brancas de cólera contida.

Nenhum dos outros membros da tripulação se atreveu a olhar o tenente nos olhos, pois era absolutamente inédito que se enviasse o segundo de bordo à coberta inferior durante um descida. Sempre era o próprio capitão quem se encarregava daquela arriscada manobra, já que o controle das asas era fundamental para a segurança da nave. Tratava-se de um posto perigoso durante uma descida (o anterior capitão tinha perdido a vida ali em baixo), mas um bom comandante punha a segurança da nave e da tripulação acima da sua e por isso, ao ver que era o tenente quem baixava à coberta inferior enquanto o capitão ficava no posto mais cômodo, na ponte, a tripulação elfa não pôde evitar a troca de alguns olhares sombrios.

A nave dragão mergulhou na tormenta. Os ventos começaram a sacudir o casco e em torno dele estalavam relâmpagos, acompanhados de trovões ensurdecedores. Na coberta dos galeotes, os escravos humanos, presos aos coletes que os uniam às asas por cabos, lutavam com todas suas forças para manter a nave equilibrada e continuar o voo através da tormenta. As asas tinham sido fechadas o máximo possível, reduzindo seu efeito mágico para possibilitar a descida. Entretanto, as asas não podiam ser totalmente fechadas pois, ao fazê-lo, a magia deixaria de atuar e a nave desabariria até se chocar com a superfície de Drevlin. Assim, era preciso manter um delicado equilíbrio durante a manobra, que era uma tarefa simples quando o tempo era bom mas que repleta de dificuldades no meio de uma furiosa tormenta.

— Onde está o capitão? — perguntou o contramestre.

— Eu me encarregarei da manobra aqui embaixo — respondeu o tenente.

O contramestre olhou para o rosto tenso e pálido do tenente, observou suas mandíbulas cerradas e seus lábios apertados e compreendeu a situação.

— Talvez não seja pertinente que diga isto, senhor, mas me alegro que esteja aqui você, em vez dele.

— Tem razão, contramestre, seu comentário não é pertinente — respondeu o tenente enquanto ocupava sua posição diante dos galeotes.

Prudentemente, o contramestre não disse mais nada, mas cruzou um olhar com o mago da nave, cuja tarefa consistia em manter a magia em funcionamento. O mago deu de ombros e o contramestre sacudiu a cabeça em gesto de negativa. Depois disso, os dois se dedicaram a suas respectivas tarefas, que eram complicadas o bastante para exigir toda sua atenção.

O capitão Zankor'lo permanecia firme na oscilante coberta, com as pernas abertas, contemplando através da luneta a massa de nuvens que formava redemoinhos debaixo da nave. O geir estava sentado a seu lado em uma cadeira de coberta; mudando de terror

e enjôo até a náusea, o mago se agarrava a tudo o que suas mãos alcançavam como se disso dependesse sua vida.

— Venha, weesham. Acredito que vi os Escolhos Flutuantes. Só foi um momento, no olho desse redemoinho de nuvens. Quer olhar? — acrescentou, oferecendo a luneta.

— Não o permitam as almas de nossos antepassados! — replicou o feiticheiro com um calafrio. Já era suficientemente terrível ter que viajar naquele frágil artefato de pele, madeira e magia, para ainda ter que olhar por onde se deslocavam. — O que foi isso?

O feiticheiro levantou a cabeça com gesto alarmado e em seu queixo fino, desprovido de barba, apareceu um tremor. Abaixo, na cobertura dos galeotes, acabava de soar um rangido perceptível. A nave cabeceou de repente e o capitão perdeu o equilíbrio.

— Maldito seja esse Bothar'in! — resmungou Zankor'o. — Vou abrir um processo por isso!

— Se ainda estiver vivo — lembrou o pálido feiticheiro com um ofego.

— Para o bem dele, será melhor que eu não esteja! — exclamou o capitão, levantando-se.

Entre a tripulação novos olhares se cruzaram e um jovem elfo imprudente chegou a abrir a boca para replicar, mas um companheiro lhe deu uma cotovelada nas costelas bem a tempo e o jovem tripulante engoliu suas palavras.

Durante um instante aterrador, a nave pareceu ficar fora de controle e a mercê do vento. Desabou vertiginosamente e esteve a ponto de cair pelo impulso de uma violenta rajada de ar. Uma corrente ascendente a elevou a seguir, para deixá-la cair de novo. O capitão gritou maldições e ordens contraditórias à cobertura inferior, mas não abandonou a segurança da ponte. O geir se encolheu em um canto e a expressão de seu rosto mostrava o arrependimento por não ter escolhido outra ocupação para sua vida.

Por fim, a nave se endireitou e alcançou o centro do Torvelinho, onde reinava a calma e o sol brilhava, e onde, por contraste, o redemoinho de nuvens que o cercava parecia muito mais negro e ameaçador. Lá embaixo, em Drevlin, os Escolhos Flutuantes pareciam brilhantes sob os raios do sol.

Construídos pelos dictores com o propósito de estar permanentemente parados no olho da eterna tormenta, os Escolhos Flutuantes eram o único lugar do continente onde os gegs podiam erguer a vista para contemplar o firmamento, e sentir o calor do sol. Não é de estranhar, pois, que aquele fosse um lugar sagrado para os gegs, e mais ainda pelo fato de que ali acontecia a descida mensal dos “welfos”.

Depois de um breve intervalo, durante o qual a respiração ficou mais relaxada e muitos rostos pálidos recuperaram a cor, o tenente se apresentou na ponte. O jovem imprudente teve a ousadia de entoar vivas que provocaram um olhar malévolo do capitão, e o jovem elfo compreendeu que ficaria pouco tempo como tripulante naquela nave.

— Bem, que estragos você causou lá embaixo, além de estar a ponto de quase matar a todos nós? — perguntou o capitão.

Um fio de sangue corria pelo rosto do tenente, tinha os cabelos louros salpicados de coágulos e manchas do líquido vermelho e suas bochechas mostravam um tom cinzento, com os olhos nublados pela dor.

— Um cabo se soltou, senhor, e a asa direita deslizou. Já aparelhamos provisoriamente um novo cabo e voltamos a ter o controle da nave.

O tenente Bothar'in não fez menção da queda contra a coberta, de seu esforço ombro a ombro junto a um escravo humano, ambos lutando desesperadamente para recuperar o domínio da asa e salvar as vidas de todos. Não era preciso explicar tais coisas. A tripulação era experientada e consciente da luta de vida ou morte que aconteceu sob seus pés. Talvez o capitão também, apesar de nunca ter comandado uma nave até aquela viagem, ou possivelmente o viu refletido no rosto dos tripulantes. Por isso não se lançou a uma diatribe contra o tenente e sua incompetência, mas sim se limitou a perguntar:

— Alguma das bestas morreu?

O tenente ficou sério.

— Um humano está gravemente ferido, senhor: o escravo ao qual se ligava o cabo rompido. Foi lançado contra o casco. O cabo se enroscou na cintura e quase o partiu em dois antes que pudéssemos libertá-lo.

— Mas não morreu, não é isso? — O capitão levantou uma sobrancelha perfeitamente depilada.

— Não, senhor. O mago de bordo está cuidando dele agora.

— Tólice! É uma perda de tempo. Juguem-no pela amurada. Há muitas mais bestas como essa no lugar de onde saiu.

— Sim, senhor — respondeu o tenente com o olhar fixo em algum ponto à esquerda do ombro do capitão.

Uma vez mais, os olhos amendoados dos tripulantes elfos trocaram olhares dissimulados. Para ser sincero, é preciso reconhecer que nenhum deles sentia o menor amor pelos escravos humanos. Contudo, aqueles humanos gozavam ao menos de um certo respeito, reconhecido a contra gosto, por não falar do fato de que a tripulação tinha decidido, perversamente, tomar partido sempre por aquele que sofresse os ataques do capitão. Todos os presentes na ponte, incluído o próprio capitão Zankor', sabiam que o tenente não tinha a menor intenção de cumprir a ordem.

A nave estava se aproximando do ponto de encontro com o Conduto Vital. O capitão Zankor'o não tinha tempo para fazer uma questão daquele assunto, nem podia fazer outra coisa, na realidade, a não ser descer e ocupar-se em pessoa de que a ordem fosse obedecida. Entretanto, tal coisa iria contra a sua dignidade de comandante e podia salpicar de sangue seu uniforme.

— Isso é tudo, tenente. Volte para suas obrigações — disse, depois, se virou com a luneta na mão para olhar pelas janelas, elevando o artefato para comprovar se já os tubos já estavam à vista. Não obstante, Zankor'o não esqueceu o incidente nem perdoou o tenente.

— Isto lhe custará a cabeça — murmurou a seu geir, que se limitou a assentir, fechou os olhos e pensou em ficar gravemente doente.

Por fim, o tubos da água foram avistados descendo do céu e a nave elfa se colocou em posição para guiá-la e escoltá-la. O conduto da água era muito antigo e tinha sido construído pelos sartan quando levaram os sobreviventes da Separação ao mundo de Ariano, que tinha abundância de água no Reino Inferior mas carecia dela nos reinos superiores. Os tubos eram de um metal que não se oxidava nunca. A liga continuava um mistério para os alquimistas elfos, que tinham passado séculos tentando reproduzi-la. Acionados mediante um enorme mecanismo, os tubos caíam por um poço que atravessava o continente de Aristagon. Uma vez ao mês, de forma automática, descia

pelo céu aberto até o continente de Drevlin.

Embora o conduto pudesse baixar sozinho, era precisa uma nave elfa para guiá-lo até os Escolhos Flutuantes, onde tinha que ser conectado a um enorme fornecedor. Quando ambas as bocas se eram presas, a Máquina Viva recebia um misterioso sinal e abria a passagem da água. Uma combinação de forças mágicas e mecânicas enviavam o líquido pelos tubos acima. E no alto, em Aristagon, os elfos conduziam a água a imensas cisternas de armazenamento.

Depois da Separação, elfos e humanos tinham convivido em paz em Aristagon e nas ilhas que o rodeavam. Sob a direção dos sartan, as duas raças compartilhavam o líquido vital igualmente. Entretanto, com o desaparecimento dos sartan, seu caro sonho de paz se despedaçou. Os humanos disseram que a guerra era culpa dos elfos, que tinham caído pouco a pouco sob o controle de uma poderosa facção de feiticeiros. Os elfos afirmaram que os responsáveis eram os humanos, manifestamente belicosos e bárbaros.

Os elfos, com suas vidas mais longas, sua população mais numerosa e seu conhecimento das artes mágicas, tinham demonstrado ser mais fortes e tinham expulso os humanos de Aristagon, o bebedouro do Reino Médio. Os humanos contra-atacaram com ajuda dos dragões, assaltando as cidades elfas para roubar a água ou abordando as naves elfas que transportavam o líquido precioso para as ilhas vizinhas sob o controle elfo.

Um transporte de água como o comandado pelo capitão Zankor'o levava a bordo oito enormes tonéis de estranha madeira de carvalho (obtida só os sartan sabiam onde), debruados com aros de aço. Quando a nave retornava às ilhas elfas, levava água nesses tonéis, mas em sua viagem de ida os recipientes foram cheios da sucata que os elfos davam aos gegs como pagamento. [118](#)

Os elfos tinham um desprezo absoluto pelos gegs. Se os humanos eram bestas, os gegs eram insetos.

CAPÍTULO 39



WOMBE, DREVLIN, REINO INFERIOR

Os sartan construíram a Máquina Viva, ninguém sabe como nem por que. Os magos elfos tinham feito um estudo minucioso da máquina, de onde chegaram a várias teorias, mas nenhuma resposta. A Máquina Viva tinha algo a ver com o mundo, mas o que? O bombeamento de água para os reinos superiores era importante, certamente, mas para os magos era evidente que esse trabalho poderia ser executado por uma máquina mágica muito menor e menos complicada (embora também menos maravilhosa).

De todas as construções dos sartan, os elevadores eram as mais impressionantes, misteriosas e inexplicáveis. Nove braços gigantesco, feitos de latão e aço, elevavam-se da coralita, alguns deles a vários metros de altura do chão. Sobre cada braço havia uma mão enorme com os dedos de ouro e dobradiças de latão em todas as articulações e no punho. As mãos eram visíveis para as naves elfas em sua descida e todas que podiam ser vistas coincidiam em punhos e dedos — e eram tão grandes que poderiam sustentar uma das enormes naves de transporte de água na palma dourada — eram móveis.

Para que tinham sido desenhadas aquelas mãos? Tinham completado sua função? Estavam cumprindo ainda? Esta última parecia improvável. Todas, menos uma, tinham adoecido até cair em uma esgotada rigidez, como um cadáver. A única mão que ainda possuía vida pertencia a um braço mais curto que os outros e se erguia em um enorme círculo que circundava uma extensa zona correspondente em tamanho, à circunferência do olho da tormenta. O braço curto estava situado perto do orifício de saída da água e tinha a mão estendida e plana, com os dedos juntos e a palma para cima, formando uma plataforma perfeita em que se podia ficar em pé quem assim quisesse. O interior do braço era oco, com um poço no centro. Um portão na base permitia o acesso, e centenas de degraus em espiral ao redor do buraco central permitiam subir até o alto aos dotados de bons pulmões e pernas resistentes.

Além das escadas, uma porta dourada e belamente esculpida conduzia ao poço central do braço. Entre os gegs corria uma lenda segundo a qual tudo o que entrasse pela porta seria aspirado até o topo com a força e velocidade da água que surgia do

geiser, e daí o nome que os gegs davam aos artefatos, “Levacima”, embora não houvesse lembrança de alguém que se atrevesse a abrir a porta dourada.

Ali, naquele braço, o sobrevivente chefe, o ofinista chefe e outros gegs considerados dignos de compartilhar a honra se reuniam a cada mês para dar as boas-vindas aos welfos e receber seu pagamento pelos serviços prestados. Todos os gegs da cidade de Wombe e os que iam em peregrinação de setores vizinhos de Drevlin se aventuravam sob a furiosa tormenta para se reunir em torno da base dos braços, observando o céu e esperando que caísse o pagamento, como o conheciam. Durante a cerimônia, alguns gegs sempre se feriam, pois nunca se sabia o que podia cair dos tonéis das naves welfas. (Em certa ocasião, um volumoso sofá de veludo com pés parecidos com garras tinha acabado com uma família inteira.) e apesar disso, todos os gegs concordavam que o risco compensava.

A cerimônia daquela manhã estava especialmente concorrida, pois os cantores de notícias e o misor-ceptor tinham divulgado que Limbeck e seus deuses falsos seriam entregues aos deuses verdadeiros, os welfos. O sobrevivente chefe, que esperava problemas, parecia bastante desconcertado ao observar que eles não aconteciam. A multidão, que tinha se apressado a coralita aproveitando uma pausa entre as tormentas, estava tranquila e em ordem. Muito tranquila, pensou o sobrevivente chefe enquanto avançava chapinhando entre os atoleiros.

A seu lado estava o ofinista chefe, cujo rosto era o retrato da indignação mais hipócrita. Atrás deles vinham os deuses falsos. Considerando sua situação, aceitavam as coisas bastante bem. Também eles guardavam silêncio; inclusive Limbeck, o agitador, que parecia, ao menos, calmo e sério. Sua atitude proporcionou ao sobrevivente chefe a satisfação de pensar que, por fim, o jovem rebelde tinha aprendido a lição.

Os braços logo puderam ser vistos entre as nuvens velozes, com seu aço e seu metal emitindo reflexos da luz solar que brilhava unicamente naquele lugar em todo Drevlin. Haplo observou-os com indisfarçado assombro.

— Em nome da criação, o que é isso?

Banc também os contemplava boquiaberto e com os olhos arregalados. Hugh explicou em breves palavras o que sabia dos braços; quer dizer, o que tinha ouvido os elfos comentarem sobre eles e que se reduzia a quase nada.

— Entendem agora por que é tão frustrante? — Disse Limbeck, despertando de suas preocupações e contemplando quase com aborrecimento os Levacima que cintilavam no horizonte. — Sei que se nós, os gegs, reuníssemos nossos conhecimentos e analisássemos a Máquina Viva, compreenderíamos o como e o porquê. Mas eles não querem fazer isso. Simplesmente não querem.

Irritado, deu um chute em um fragmento solto de coralita e o enviou rodando pelo chão.

O cão, animado, lançou-se a persegui-lo dando alegres saltos entre os atoleiros. Os guardas que rodeavam os prisioneiros olharam nervosos para o animal.

— O “porquê” é uma arma perigosa — comentou Haplo. — Desafia os usos, aos hábitos antigos e ao que se está acostumado; obriga às pessoas a pensar no que fazem, em vez de realizá-lo mecânica e estupidamente. Não é estranho que seu povo tenha medo.

— Acredito que o perigo não está tanto em perguntar o “porquê” mas em acreditar que encontrou a única resposta — interveio Alfred, quase como se falasse

consigno mesmo.

Haplo ouviu-o e pensou que era uma sentença bastante estranha vinda de um humano. Embora aquele Alfred era, com efeito, um humano muito estranho. O olhar do chambelan já não se voltava furtivamente para as mãos enfaixadas do patryn. Ao contrário, parecia evitá-las e também parecia evitar o contato com ele. Alfred parecia ter envelhecido durante a noite. As rugas de preocupação eram mais profundas e olheiras cobriam as bolsas de pele sob suas pálpebras. Era evidente que tinha dormido pouco ou nada, embora isso talvez não fosse incomum tratando-se de um homem que ia enfrentar uma batalha por sua vida nessa manhã.

Haplo tocou as ataduras, pensativo, para se certificar de que os reveladores signos mágicos tatuados em sua pele estavam cobertos. Enquanto o fazia, viu-se obrigado a perguntar por que razão o gesto lhe parecia, de repente, vazio e inútil.

— Não se preocupe, Limbeck — disse Bane em voz muito alta, esquecendo que estavam se afastando do estrondo da enorme máquina. — Quando encontrarmos meu pai, o misteriarca, ele terá todas as respostas!

Hugh não sabia o que o menino acabara de dizer, mas viu que Limbeck franzia o cenho e lançava um olhar de temor para os guardiães, e percebeu que estes observavam o príncipe e seus companheiros com suspeita. Sem dúvida, Bane havia dito algo inconveniente. Onde diabos estava Alfred? Ele devia cuidar do seu príncipe...

Virou-se, deu um golpe no braço do chambelan e, quando este elevou o olhar, apontou para o menino. Alfred piscou como se por um momento se perguntasse quem era, mas em seguida reagiu. Apertando o passo, escorregando e tropeçando, e movendo os pés em direções que poderiam ser consideradas humanamente impossíveis, Alfred chegou ao lado de Bane e, para distrair sua atenção, começou a responder às perguntas de Sua Alteza sobre as armas de fogo.

Por azar, a mente de Alfred continuava concentrada na terrível descoberta da noite anterior e não no que estava dizendo. Bane, por sua vez, estava concentrado em fazer certas descobertas e, graças às irrefletidas respostas do chambelan, estava se aproximando muito de seu objetivo.

Jarre e os membros da UAPP andavam atrás dos guardas, que estavam por sua vez atrás dos prisioneiros. Ocultos sob as capas, xales e longas barbas levavam tronadores, cornetas e uma variedade de buzinas e um ou outro gemedor de fole. ^{19} Em uma reunião da UAPP realizada apressadamente e em segredo, Jarre tinha ensinado a canção a seus correligionários. Sendo uma raça amante da música — os cantores de notícias tinham mantido os gegs informados durante séculos, — não tiveram problemas em aprendê-la rapidamente. Logo, retornaram para suas casas e a ensinaram para suas esposas, filhos e vizinhos de confiança, que também a aprenderam. Ninguém sabia muito bem por que cantavam aquilo. Jarre tinha sido bastante imprecisa a respeito, pois ela tampouco tinha certeza.

Corria o rumor de que era assim que welfos e humanos lutavam: cantavam e tocavam buzinas e outros instrumentos. Quando os welfos fossem derrotados (e podiam ser, já que não eram imortais) seriam obrigados a entregar mais tesouros aos gegs.

Jarre, quando soube que corria este rumor entre os membros da União, não o negou. Afinal, parecia com a verdade.

A caminho dos Levacima, seus correligionários pareciam tão ansiosos e

entusiasmados que Jarre estava convencida de que os guardas leriam seus planos nos olhos radiantes e nos sorrisos da comitiva — sem mencionar que os instrumentos emitiam os ruídos mais misteriosos. — No entender dos gegs, perturbar a cerimônia era em certo modo um ato de justiça, pois aqueles rituais mensais com os welfos eram um símbolo do tratamento de escravos que o povo geg recebia. Quem vivia em Drevlin — a maioria deles pertencentes ao mesmo turno que o supervisor chefe — eram os únicos que recebiam com regularidade o pagamento mensal e, embora o supervisor chefe insistisse que todos os gegs podiam reclamar o seu, tanto ele como o restante dos moradores de Drevlin sabiam que os gegs estavam presos a Máquina Viva e que só um punhado deles — e, em sua maior parte, ofinistas — podiam abandonar seu trabalho por tempo suficiente para sentir prazer com a visão dos welfos e conseguir uma parte da recompensa que estes entregavam em suas visitas.

Os gegs, muito exaltados, partiam para a batalha e em suas mãos carregavam armas. Jarre, avançando entre eles, recordou-lhes as instruções.

— Quando os humanos começarem a cantar, irromperemos pelas escadas cantando. Limbeck fará um discurso...

Soaram alguns aplausos.

— ... e, junto com os deuses falsos, entrará na nave...

— Queremos essa nave! — gritaram vários de seus correligionários.

— Não, não! — replicou Jarre com irritação. — O que querem é a recompensa. E desta vez vamos conseguir nosso pagamento. Inteiro.

O aplauso foi agora total.

— O supervisor chefe não levará desta vez nem uma toalha de mesa! Limbeck subirá na nave e viajará nela para os mundos superiores, onde descobrirá a verdade, e voltará para proclamá-la e libertar seu povo!

Nesta ocasião, não houve aplausos. Depois da promessa de tomar a recompensa dos welfos — em especial aos toalhas de mesa, pelas quais havia uma grande demanda ultimamente, — a ninguém importava mais a verdade. Jarre percebeu e se entristeceu, pois sabia que também causaria pena a Limbeck se ele soubesse.

Pensando em Limbeck, Jarre abriu caminho pouco a pouco entre a multidão até que se encontrou atrás dele. Cobrindo a cabeça com o xale para que ninguém a reconhecesse, manteve seus olhos e seus pensamentos fixos em Limbeck.

Jarre queria acompanhá-lo; ao menos, dizia a si mesma que desejava. Entretanto, não tinha protestado muito e tinha guardado completo silêncio quando Limbeck lhe havia dito que devia ficar em Drevlin e liderar o movimento em sua ausência.

Na realidade, Jarre estava assustada. Tinha espiado por uma fresta e visto um pequeno fragmento da verdade durante sua aventura pelos túneis. A verdade não era algo que alguém sáisse a procurar e encontrasse com facilidade. A verdade era ampla, vasta, profunda e sem fim, e só o que alguém podia esperar era ver uma pequena parte dela.

Mas Jarre tinha prometido. Não podia contrariar o que Limbeck pensava, quando aquilo significava tanto para ele. E seu povo também estava perdido na mentira. Sem dúvida, um pouco de verdade o beneficiaria.

Os gegs que avançavam junto a Jarre comentavam o que fariam com seu pagamento. Jarre permaneceu calada, com os olhos cravados em Limbeck; não estava muito segura de preferir que seus planos se cumprissem ou fossem frustrados.

O supervisor chefe chegou ao portão. Voltando-se para o ofinista chefe, aceitou cerimoniosamente uma grande chave, quase maior que sua mão, e a utilizou para abrir o ferrolho.

— Tragam os prisioneiros — ordenou, e os guardas conduziram o pequeno grupo para a porta.

— Cuidado com o cão! — resmungou o ofinista chefe, chutando o animal, que mordiscava seus sapatos com grande interesse.

Haplo chamou o cão para seu lado. O supervisor chefe, seu cunhado o ofinista, vários membros da guarda pessoal do supervisor e o grupo de prisioneiros penetraram no Levacima. No último momento, Limbeck parou na soleira e, virando-se, passou o olhar pela multidão. Ao reconhecer Jarre, contemplou-a longa e intensamente. A expressão de Limbeck era serena e decidida. Não usava os óculos, mas Jarre teve a sensação de que a estava vendo com toda clareza.

Engolindo as lágrimas, Jarre ergueu uma mão em um amoroso gesto de despedida. A outra mão, oculta sob a capa, agarrava sua arma: um pandeiro.

CAPÍTULO 40



LEVACIMA, DREVLIN, REINO INFERIOR

Capitão — informou o tenente depois de estudar o terreno a seus pés, — observa-se uma quantidade incomum de gegs nos esperando na Palma.

— Não são gegs, tenente — replicou o capitão, com o olho na luneta. — Por seu aspecto, eu diria que são humanos.

— Humanos! — O tenente continuou olhando para a Palma. Suas mãos desejavam veementemente arrancar a luneta do capitão para comprovar o que dizia.

— O que você deduz disso, tenente? — inquiriu o capitão.

— Eu diria que temos problemas, senhor. Servi muitos anos nesta rota, e meu pai antes de mim, e jamais ouvi falar que se encontrou algum humano no Reino Inferior. Eu sugeriria... — o tenente se interrompeu, mordendo-a língua.

— Sugeriria? — repetiu o capitão Zankor'o em um tom perigoso. — Você sugeriria a seu comandante? Vamos, tenente, o que sugeriria?

— Nada, senhor. Não é minha função.

— Não, não, tenente. Eu insisto — replicou Zankor'o, com um olhar para seu geir.

— Sugeriria que não atracássemos até descobrir o que acontece.

Era uma proposta perfeitamente lógica e razoável, como bem sabia o capitão, mas isso significava dialogar com os gegs e Zankor'o não conhecia uma só palavra do idioma geg. O tenente, ao contrário, falava. O capitão chegou imediatamente à conclusão de que estava vendo outro truque de seu subordinado para zombar dele, do capitão Zankor'o da família real, em frente aos olhos da tripulação! Bothar'in já o tinha feito em uma ocasião, com seu condenável e estúpido heroísmo.

Zankor'o decidiu que preferia ver sua alma na caixinha com incrustações de lápis lázuli e calcedônia que o geir levava consigo, a permitir que tal coisa acontecesse de novo.

— Não sabia que os humanos lhe causavam tanto medo, tenente — respondeu.

— Não posso ter a meu lado um homem assustado no que poderia ser uma situação

perigosa. Vá para seu camarote, tenente Bothar'in, e fique ali durante o resto da viagem. Eu cuidarei das bestas.

Um silêncio de perplexidade caiu sobre a ponte. Ninguém sabia onde olhar e, portanto, todos evitavam olhar para qualquer lugar. Uma acusação de covardia contra um oficial elfo significava a morte quando voltassem a Aristagon. Certamente, o tenente poderia falar em sua própria defesa, mas seu único recurso seria denunciar o capitão. E, como este era membro da família real, em quem os juízes acreditariam?

O rosto do tenente estava rígido; seus olhos amendoados não piscavam. Um tripulante abatido comentaria mais tarde que tinha visto mais vida em muitos cadáveres.

— Como quiser, senhor. — O tenente deu meia volta com marcialidade e abandonou a ponte.

— Se há algo que não vou tolerar, é a covardia! — exclamou o capitão Zankor'lo.
— Que todos fiquem cientes!

— Sim, senhor — foi a resposta seca e fria de alguns homens que tinham servido sob as ordens do tenente em várias batalhas contra os elfos rebeldes e contra os humanos, e que conheciam melhor que ninguém o valor de Bothar'in.

— Chamem o mago de bordo — ordenou o capitão, observando de novo pela luneta o pequeno grupo reunido na palma da mão gigantesca.

Chamaram o mago de bordo, que apareceu imediatamente. Um pouco aturdido, o feiticeiro estudou a expressão dos reunidos na ponte como se quisesse se descobrir que certo rumor que tinha ouvido era verdadeiro.

Ninguém olhou para ele. Ninguém se atrevia a fazê-lo. Não era preciso: todos estavam tensos e seus olhares fixos, o mago de bordo adivinhou a resposta.

— Vamos ter um encontro com humanos, mago. — O capitão disse com voz imperturbável, como se não acontecesse nada anormal. — Suponho que se distribuíram apitos para toda a tripulação.

— Sim, capitão.

— Todo mundo está familiarizado com seu uso?

— Acredito que sim, senhor. O último combate desta nave foi com um grupo de rebeldes elfos que nos abordou...

— Não pedi o histórico bélico da nave, não é, mago?

— Não, capitão.

O mago de bordo não se desculpou. Ao contrário da tripulação, ele não era obrigado a obedecer as ordens de um capitão de nave. Como só eles conheciam o emprego adequado de suas artes misteriosas, os feiticeiros eram responsáveis unicamente de manter a magia a bordo das naves. Um capitão insatisfeito com o trabalho de um mago podia apresentar acusações contra ele, mas o feiticeiro seria julgado pelo Conselho dos Ocultos, não pelo Tribunal Naval. E, em tal julgamento, não importaria se o capitão era membro da família real pois todos sabiam quem eram os verdadeiros governantes de Aristagon.

— A magia funciona? — Prosseguiu o capitão. — Está em plena operatividade?

— Os tripulantes só têm que levar o apito aos lábios. — O mago de bordo ficou muito ereto e olhou para o capitão com ar altivo. Nem sequer acrescentou o costumeiro “senhor”. Ele estava pondo em dúvida sua capacidade.

O geir, que também era mago, percebeu que Zankor'lo tinha se excedido em sua autoridade.

— E o fez tudo muito bem, mago de bordo — interveio com voz apaziguadora e lisonjeadora. — Certamente, comentarei elogiosamente seu trabalho quando voltarmos ao porto.

O mago de bordo respondeu com um sorriso de desprezo. Como se lhe importasse muito a opinião de um geir! Passar a vida correndo atrás de meninos malcriados com a esperança de apanhar uma alma... Isso era quase o mesmo que ser um criado e correr atrás de um cão mulherengo com a esperança de poder recolher seus excrementos!

— Irá nos acompanhar na ponte? — perguntou o capitão com cortesia seguindo a sugestão do geir.

O mago de bordo não tinha intenção de mover-se dali. Ali estava seu posto de combate e, embora nesta ocasião o capitão agisse com absoluta correção ao formular o convite, o feiticeiro decidiu tomá-lo como um insulto.

— É obvio — declarou em tom seco e frio. Aproximou-se das janelas, observou a Palma e o grupo de gegs e humanos e acrescentou: — Acredito que deveríamos estabelecer contato com os gegs e averiguar o que está acontecendo antes de atacar.

O mago sabia que esta tinha sido a sugestão do tenente? Sabia que tal comentário tinha precipitado a crise em que se encontravam? O capitão, com suas bochechas vermelhas, dirigiu-lhe um olhar furioso. O mago de bordo, virado de costas, não o viu. O capitão abriu a boca, mas ao perceber que seu geir movia a cabeça em advertência, voltou a fechá-la rapidamente.

— Esta bem! — Zankor'fo estava fazendo um evidente esforço por conter sua cólera. Ao escutar um ruído a suas costas, voltou-se e cravou um olhar furioso na tripulação, mas todos os homens pareciam concentrados em suas respectivas tarefas.

Com uma rígida reverência, o mago da nave ocupou uma posição na proa. A sua frente tinha uma buzina cônica fabricada com um dente de grenko. ^[20] No extremo mais largo, o dente tinha um emplastro de pele de tiero que amplificava pela magia a voz que se projetava em seu interior. O som surgia com grande potência pela boca aberta do dragão o que era muito impressionante até para aqueles que sabiam como funcionava. Para os gegs, constituía um verdadeiro milagre.

Inclinado junto ao cone, o mago gritou algo na língua tosca dos anões, que soava para ouvidos dos elfos como um matraqueio de pedras no fundo de um tonel. Enquanto o fazia, o capitão manteve uma postura rígida, com as feições pétreas, dando a entender com sua atitude que considerava todo aquilo um capricho sem sentido.

Chegou-lhes de baixo uma grande gritaria: os gegs respondiam a sua chamada. O mago elfo prestou atenção ao que diziam e respondeu. Depois, virou-se e olhou para o capitão.

— É muito desconcertante. Pelo que pude entender, parece que esses humanos chegaram a Drevlin e contaram aos gegs que nós, os “welfos”, não somos deuses e sim exploradores que escravizaram os anões. O rei geg pede que aceitemos os humanos como presente e, em troca, façamos algo para nos restaurar como divindades. Sugere — acrescentou o mago — que dobremos a quantidade habitual de “obséquios” que lhes trazemos.

O capitão elfo pareceu recuperar o bom humor.

— Prisioneiros humanos! — esfregou as mãos. — Mais ainda! Prisioneiros que

evidentemente tentaram sabotar nossos fornecimentos de água. Uma descoberta muito valiosa. Vlerá uma condecoração. Informe aos gegs que o acordo nos satisfaz.

— E a recompensa?

— Ora! Terão a quantidade de costume. O que esperam? Não trazemos mais.

— Poderíamos prometer que enviaremos outra nave — apontou o mago, franzindo o cenho. O capitão avermelhou de cólera.

— Se fizesse um trato semelhante, seria o bobo da Armada! Pôr em perigo uma nave para trazer mais lixo para esses vermes?

— Senhor, até hoje, jamais aconteceu nada semelhante. Parece que os humanos descobriram uma maneira de descer através do Torvelinho e tentam perturbar a sociedade geg para seu projeto. Se os humanos conseguissem tomar o controle de nossos fornecimentos de água...

O mago moveu a cabeça; as meras palavras pareciam incapazes de transmitir a gravidade da situação.

— Perturbar a sociedade geg! — Zankor'ô pôs-se a rir. — Euperturbarei sua sociedade! Vou descer e tomar o controle de sua estúpida sociedade. É o que deveríamos ter feito muito tempo atrás. Diga a esses vermes que vamos tirar os prisioneiros de suas mãos. Isso bastará.

O mago da nave franziu ainda mais o cenho, mas não podia fazer nada mais... ao menos no momento. Não podia autorizar o envio de uma nave com um novo carregamento nem se atrevia a formular uma promessa que não podia manter. Com isso só pioraria as coisas. Mas, podia informar o Conselho de tudo aquilo imediatamente e recomendar que se adotasse alguma decisão, tanto em relação à nave extra como a aquele capitão imbecil.

Falando pela buzina, o mago formulou a negativa em termos vagos e que pretendiam fazê-la passar por uma aceitação. Como a maioria dos elfos, considerava que os processos mentais dos gegs eram parecidos com o som de seu idioma: calhaus matraqueando em um barril.

A nave planou com as asas estendidas, majestosa e temível. A tripulação elfa, empunhando varas, ocupou a coberta e guiou os tubos até colocá-los com precisão sobre o geiser. Uma vez alcançado o objetivo, entrou em ação a magia. Armazenada em um conduto de luz azul que surgia do chão, a água brotava do orifício e era aspirada pelos tubos e transportada a milhares de menkas até os elfos que a esperavam acima, em Aristagon. Uma vez iniciado este processo, a nave elfa tinha completado seu objetivo principal. Quando os tanques de armazenamento estavam a plena capacidade, o fluxo mágico de líquido cessava e os tubos eram içados de novo. A nave podia então deixar cair seu carregamento e retornar ou, como neste caso, atracar e perder alguns minutos para impressionar os gegs.

CAPÍTULO 41



OS LEVACIMA, DREVLIN, REINO INFERIOR

O survisor chefe não gostava de nada daquilo. Não gostava de os prisioneiros estarem aceitando as coisas com tanta docilidade, não gostava das palavras que os welfos estavam deixando cair sobre eles em vez de mandar um pagamento maior, e tampouco gostava das esporádicas notas musicais que escapavam da multidão reunida sob a Palma.

Contemplando a nave, o survisor notou que nunca tinha visto uma que se movesse tão devagar. Escutou o estalar do cabo que prendia as asas gigantescas com o casco enorme da nave, acelerando assim sua descida, mas nem sequer então pareceu rápido o bastante para Darral Estivador, que mantinha a ardente esperança de que, uma vez que aqueles deuses e Limbeck o Louco, tivessem desaparecido, a vida retornaria à normalidade. Se conseguisse sair bem dos momentos que se aproximavam...

A nave ficou em posição, com as asas recolhidas de modo que a magia atuasse para mantê-la flutuando no ar, imóvel sobre a Palma. As adegas de carga se abriram e os gegs que esperavam abaixo receberam seu pagamento. Alguns gegs começaram a vociferar enquanto os objetos caíam, e os que tinham mais vista e sentido comercial se lançaram sobre as peças de valor.

Entretanto, a maioria dos gegs permaneceu onde estava, olhando para o alto do braço com tensa, nervosa espera.

— Depressa, depressa! — murmurou o survisor chefe.

A abertura da escotilha se prolongou interminavelmente. O ofinista chefe, ignorando todo o resto, contemplava a nave dragão com sua habitual e insuportável expressão de santidade farisaica. Darral sentiu a tentação de lhe fazer engolir aquela cara (junto com sua dentadura).

— Eles estão vindo — Tagarelou o ofinista chefe com excitação. — Eles estão vindo — virou-se e olhou para os prisioneiros com severidade. — Procurem tratar os welfos com respeito! Eles, ao menos, são deuses!

— Nós faremos isso, não se preocupe! — Respondeu Bane com um doce sorriso. — Vamos presentear-lhes com uma canção.

— Silêncio, Alteza, por favor! — repreendeu Alfred, pousando uma mão no ombro do príncipe. Acrescentou algo em idioma humano que o supervisor chefe não conseguiu entender e puxou o menino para trás, tirando-o do caminho.

O que era aquela tolice sobre uma canção?

O supervisor chefe não gostou daquilo, tampouco. Não gostou mesmo.

A comporta se abriu e a passarela deslizou da amurada até ficar presa com firmeza às pontas dos dedos da Palma. Logo apareceu o capitão elfo. Plantado no vão da comporta e contemplando os objetos dispersos a seus pés, o elfo parecia enorme com o traje de ferro profusamente decorado que cobria seu corpo magro do pescoço até os dedos dos pés. Seu rosto não era visível pois um elmo em forma de cabeça de dragão lhe cobria a testa. Pendurada ao ombro levava uma espada cerimonial em uma bainha incrustada de pedras preciosas que pendia de um cinto de seda bordada desgastado pelo uso.

Vendo que tudo parecia em ordem, o elfo avançou com passos pesados pela passarela. Ao caminhar, a bainha lhe roçava a coxa produzindo um tinido metálico. Chegou aos dedos da Palma, deteve-se e olhou em torno de si. O elmo lhe dava um ar severo e imperioso. O traje de ferro acrescentava um palmo mais da estatura ao elfo, já considerável, e lhe permitia impor-se aos gegs e também aos humanos. O elmo fora trabalhado com tal realismo e era tão atemorizador que até mesmo os gegs que já o tinham visto antes o contemplavam com respeito e espanto. O ofinista chefe se prostrou de joelhos.

Mas o supervisor chefe estava muito nervoso para mostrar-se impressionado.

— Não há tempo para essas coisas — resmungou, agarrando seu cunhado e obrigando-o a se levantar outra vez. — Guardas, tragam os deuses!

— Maldição! — murmurou Hugh.

— O que aconteceu? — Haplo se aproximou dele.

O capitão elfo tinha descido ruidosamente até os dedos, o ofinista chefe tinha caído de joelhos e o supervisor o estava levantando aos puxões. Limbeck, por sua vez, revolia nesse momento um punhado de papéis.

— O elfo. Vê o que usa em torno do pescoço? É um apito.

— É uma criação de seus feiticeiros. Supõe-se que, quando um elfo o sopra, o som que produz pode anular os efeitos mágicos da canção.

— O que significa que os elfos lutarão.

— Sim. — Hugh soltou uma nova maldição. — Sabia que os guerreiros os usavam, mas não pensei que os tripulantes de um transporte de água... e não temos nada com que lutar, exceto nossas mãos nuas e uma adaga.

Nada. E tudo. Haplo não necessitava de armas. Apenas tirando as ataduras das mãos, e utilizando unicamente a magia, poderia ter destruído todos os elfos a bordo da nave, ou enfeitá-los para que fizessem sua vontade ou prendê-los no torpor mediante um encantamento. Mas estava proibido de usar a magia. O primeiro signo mágico que riscasse no ar o identificaria como um patryn, o velho inimigo que fazia tanto tempo tinha estado muito perto de conquistar o mundo antigo.

“Antes a morte que nos trair. Tenha disciplina e o valor para tomar tal decisão, use a habilidade e a astúcia para tornar a magia desnecessária.”

O supervisor chefe estava ordenando aos guardas que se aproximassem dos deuses. Os guardas se dirigiram para Limbeck, que os afastou com firmeza e cortesia.

Avançando por iniciativa própria, manuseou seus papéis e exalou um profundo suspiro.

— “Distintos visitantes de outro reino, supervisor chefe, ofinista chefe, colegas da União. Tenho grande prazer...”

— Ao menos, morreremos lutando — disse Hugh. — E contra os elfos. É um consolo.

Haplo não tinha que morrer lutando, não tinha que morrer. Não tinha pensado que a situação acabasse tão frustrante.

O misor-ceptor, colocado para transmitir a todos as bênçãos dos welfos, difundia agora a toda potência o discurso de Limbeck.

— Façam que se cale! — gritou o supervisor chefe.

— “Salvem os grilhões!”... Não, não é isso. — Limbeck fez uma pausa. Tirou os óculos, colocou-os no nariz e repassou seus papéis — “Quebrem os grilhões!” — corrigiu suas palavras. Os guardas caíram sobre ele e o prenderam pelos braços.

— Comece a cantar! — Sussurrou Haplo. — Tenho uma ideia.

Hugh abriu a boca e entou com uma voz grave de barítono as primeiras notas da canção. Bane se uniu a ele e sua voz aguda se elevou acima da voz de Hugh em uma altura que furava os tímpanos, desafinado mas sem errar uma só palavra. A voz de Alfred os acompanhou tremula, quase inaudível; o chambelan estava pálido de medo como um osso calcinado e parecia a beira do colapso.

*A Mão que sustenta o Arco e a Ponte,
o Fogo que cerca o Caminho Inclinado,*

À primeira nota, os gegs próximos do braço metálico aplaudiram e, mostrando seus instrumentos, começaram a soprar, golpear, tilintar e cantar com todas as suas forças. Os guardas da Palma escutaram o cântico das pessoas e ficaram atordoados e nervosos. Ao escutar as notas da odiada canção, o capitão elfo agarrou o apito que usava ao pescoço, levantou a viseira do elmo e levou o instrumento aos lábios.

Haplo deu um suave tapinha na testa do cão e, com um gesto da mão, apontou o elfo.

— Vá pegar.

*toda Chama com Coração, coroa a Serra,
todos os Caminhos nobres são Ellsman.*

Rápido e silencioso como uma seta em pleno voo, o cão se lançou entre o grupo confuso que ocupava a Palma e saltou diretamente contra o elfo.

O traje de ferro deste era velho e arcaico, desenhado sobretudo para intimidar. Era uma reliquia dos velhos tempos em que tinham que vestir tal indumentária para se proteger da penosa doença conhecida como embolia, que afligia aqueles que subiam muito depressa dos Reino Inferiores. Quando o capitão elfo viu o cão, este já cruzava os ares para ele. Em um gesto instintivo, preparou-se para o impacto, mas seu corpo, preso na incômoda armadura, não conseguiu reagir com a devida rapidez. O cão aterrissou no seu peito e o capitão caiu para trás como uma árvore podre.

Haplo tinha se posto em movimento com o cão, seguido a pouca distância por

Hugh. Os lábios do patryn não entoavam nenhuma canção, mas Hugh cantava pelos dois com sua potente voz.

*O Fogo no Coração guia a Vontade,
a Vontade da Chama, presa pela Mão,*

— Servos, unam-se! — gritou Limbeck, soltando-se dos guardas. Concentrado no discurso, não prestou atenção ao caos que o rodeava. — Eu mesmo subirei aos reinos superiores para descobrir a verdade, a mais valiosa das recompensas...

“Recompensas...”, repetiu o misor-ceptor.

— Recompensa? — Os gegs próximos da Palma olharam uns para os outros. — Ele disse recompensa! Vão nos dar mais! Aqui! Aqui!

Os gegs, sem parar de cantar, avançaram para o portão da base do braço. Um grupo de guardas tinha recebido a ordem de proteger a entrada, mas se viu tomado pela multidão (mais tarde um dos homens desacordado tiraria o chapéu e um pandeiro que aparecera como colar). Os gegs se precipitaram escada acima, entoando sempre a canção

*a Mão que move a Canção de Ellsman,
a Canção do Fogo, o Coração e a Terra:*

Os primeiros gegs apareceram pela porta do alto do braço e irromperam na superfície dourada da Palma, cujo piso estava escorregadio devido ao cano que pulverizava a água ao elevar-se no ar. Os gegs patinaram e escorregaram e alguns estiveram perigosamente perto de cair no vazio. Reagindo com prontidão, os guardas tentaram sem êxito deter a invasão e fazê-los retroceder escada abaixo. Darral Estivador se viu em meio à turba que tocava seus instrumentos e contemplou, com muda cólera e indignação, como centenas de anos de paz e tranquilidade se perdiam em uma canção.

Antes que Alfred pudesse detê-lo, Bane pôs-se a correr atrás de Hugh e Haplo, muito excitado. Surpreso no meio do tumulto, Alfred tentou alcançar o príncipe. Limbeck tinham perdido os óculos no alvoroço. Conseguiu recuperá-los mas, sacudido em todas direções, não conseguiu colocá-los, olhou ao seu redor, incapaz de distinguir o camarada do adversário. Vendo os apuros do geg, Alfred o agarrou pelo ombro e o arrastou para a nave.

*o Fogo nascido no Final do Caminho,
chama uma parte, uma chamada iluminada,*

O capitão elfo, estendido de costas sobre os dedos da Palma, lutou sem êxito com o cão, cujos afiados dentes encontravam caminho entre o elmo e o peitilho. Ao chegar à passarela, Haplo observou com certa preocupação a presença de um feiticeiro elfo, inclinado sobre o comandante caído. Se o feiticeiro utilizasse sua magia, o patryn teria que responder com as mesmas armas. Em meio a tanta confusão, talvez pudesse fazê-lo sem que ninguém percebesse. Entretanto, o feiticeiro não parecia interessado na luta, mas permanecia junto ao capitão contemplando com atenção a luta com o cão. O feiticeiro tinha nas mãos uma pequena caixa com incrustações de pedras preciosas; uma expressão de impaciência lhe iluminava o rosto.

Sem perder de vista o estranho feiticeiro, Haplo ajoelhou por um instante junto ao elfo e, com cuidado para não levar uma dentada do cão, deslizou a mão sob o corpo recoberto de metal procurando a espada. Por fim, agarrou-a. O cinto a que estava presa cedeu e o patryn se encontrou com a arma em seu poder. Empunhando-a, titubeou por um instante. Haplo não desejava matar ninguém naquele mundo, e em especial um elfo, pois começava a ver como seu amo poderia utilizá-los no futuro. Virou-se para Hugh e lhe lançou a arma.

Com a espada em uma mão e a adaga na outra, Hugh cruzou a passarela correndo e penetrou pela comporta, sem deixar de cantar.

— Cão! Aqui! A mim! — ordenou Haplo.

O cão obedeceu imediatamente e saltou do peito do elfo couraçado, que continuou se debatendo impotente como uma tartaruga caída de barriga para cima. Enquanto esperava o cão, Haplo conseguiu agarrar Bane quando o menino passava correndo por ele. O príncipe estava muito excitado e cantava a canção a plenos pulmões.

— Me solte! Quero ver a luta!

— Onde diabos está seu guardião? Alfred!

Enquanto procurava o chambelan entre a multidão, Haplo segurou o menino com firmeza, que continuava protestando e lutando por escapar. Viu Alfred que conduzia Limbeck entre o caos que reinava na Palma. O geg, que com muita dificuldade se mantinha em pé, continuava com seu discurso.

— “E agora, distintos visitantes de outro reino, eu gostaria de lhes expor os três princípios da UAPP. O primeiro...”

A multidão se concentrou em torno de Alfred e Limbeck. Haplo soltou Bane, virou-se para o cão, apontou para o príncipe e ordenou ao animal:

— Cuide dele.

O cão, com um sorriso, sentou-se sobre as patas traseiras e fixou os olhos em Bane. Quando Haplo se afastou, Bane olhou para o animal.

— Bom menino — disse, e se deu virou com a intenção de cruzar a comporta.

O cão se levantou despreocupadamente, afundou os dentes na parte posterior dos calções de Sua Alteza e o reteve onde estava.

Haplo retrocedeu pela passarela até a Palma, resgatou Alfred e Limbeck do meio do tumulto e os empurrou para a nave. Atrás deles apareceram vários membros da União soprando seus instrumentos em uma gritaria que ensurdecia todos que tentavam detê-los. Haplo reconheceu Jarre entre eles e tentou chamar sua atenção, mas a geg estava sacudindo um guarda com um gemedor e não o viu.

Face à confusão, Haplo procurou manter o ouvido atento a qualquer ruído de luta a bordo da nave. Entretanto, não ouviu nada salvo os cânticos de Hugh; nem sequer o som dos apitos.

— Aqui, chambelan! O menino é sua responsabilidade.

Haplo liberou o príncipe da vigilância do cão e o jogou nos braços de um Alfred trêmulo. O patryn e o cão subiram correndo pela passarela e Haplo esperou que os outros o seguissem.

Ao passar do resplendor do sol que se refletia na superfície dourada da Palma à escuridão que reinava na nave, o patryn se viu obrigado a fazer uma pausa para que seus olhos se acostumassem a ela. Atrás dele escutou que Limbeck soltava uma exclamação, tropeçava e caía de joelhos; a súbita ausência de luz e a perda dos olhos se aliavam para

deixar o geg virtualmente cego.

A vista de Haplo não demorou para habituar-se à situação. Por fim, descobriu porque não ouvira o combate: Hugh fazia frente a um elfo que empunhava uma espada nua. Atrás do elfo se encontrava o resto da tripulação da nave, armados e à espera. Na retaguarda do grupo, a túnica de combate chapeada de um mago de bordo refletia a luz do sol com um brilho forte. Ninguém falava. Hugh tinha parado de cantar e observava o elfo com atenção, à espera de seu ataque.

— “O caminho difícil, o objeto brilhante...” — Bane entou as palavras com voz aguda.

O elfo voltou o olhar para o menino; a mão que sustentava a espada foi presa de um ligeiro tremor e ele passou a língua pelos lábios ressecados. Outros elfos, dispostos atrás do primeiro, pareciam esperar as ordens deste pois tinham o olhar fixo nele.

Haplo se virou.

— Cantem, malditos sejam! — exclamou. Alfred, sobressaltado pelo grito, elevou sua aguda voz de tenor. Limbeck ainda continuava remexendo seus papéis, procurando o ponto onde tinha deixado o discurso.

O patryn viu que Jarre cruzava a passarela seguida de alguns correligionários, estimulados pela perspectiva de conseguir um tesouro. Haplo lhe fez gestos frenéticos e Jarre, por fim, reparou nele.

— Afaste-os! — viu que lhe dizia por gestos, ao mesmo tempo que sua boca articulava a palavra. — Afaste-os!

Jarre deteve seus camaradas e estes, disciplinadamente, obedeceram a ordem de retirada. Os gegs esticaram o pescoço para ver o que acontecia, vigiando com atenção para que ninguém pegasse uma só conta de cristal antes deles.

o Fogo conduz ao futuro.

O cântico era agora mais potente, a voz de Alfred era mais firme e afinada, a de Bane, cada vez mais rouca, mas sem fraquejar um só instante. Seguro de que os gegs não atrapalhariam, Haplo lhes deu as costas para observar Hugh e o elfo. Os dois continuavam se observando com cautela, com as espadas em guarda e sem mudar de postura.

— Não lhes desejamos nenhum mal — declarou Hugh em élfico.

O elfo levantou uma de suas delicadas sobranceiras e voltou o olhar para sua tripulação armada, que superava seu adversário em proporção de vinte a um.

— Não venha com brincadeiras — respondeu.

Hugh parecia conhecer bastante os costumes dos elfos, pois continuou falando sem pausa, mostrando um domínio fluido do idioma.

— Naufragamos aqui e queremos escapar. Queremos ir para o Reino Superior...

O elfo mostrou um sorriso zombeteiro.

— Caro, humano. O Reino Superior é proibido. É rodeado por um círculo mágico de proteção.

— Para nós, não. Vão removê-lo para passarmos — insistiu Hugh. — Esse menino — acrescentou, apontando para Bane — é filho de um misteriarca e...

Limbeck encontrou o ponto.

— “Distintos visitantes de outro reino...”

Vindo de fora da nave, chegou-lhes um ruído de metal e uma voz:

— Os apitos! Usem os apitos, idiotas!

E dois deles soaram a seguir: o do capitão e o do feiticeiro que carregava a caixinha.

O cão lançou um ganido, ergueu as orelhas e arrepiou o pelo do pescoço. Haplo acariciou o animal para acalmá-lo, mas não conseguiu e o animal começou a uivar de dor. O som metálico e o assobio se ouviam mais próximos. Uma figura apareceu na escotilha e ocultou a luz do sol.

Alfred se afastou, levando Bane com ele, mas Limbeck continuava lendo o discurso e não viu o capitão. Um braço embainhado em metal afastou com violência o geg e o mandou contra um amparo. O elfo parou junto à escotilha e tirou o elmo. Seus olhos, injetados em sangue, olhavam com raiva para a tripulação.

O capitão afastou o apito dos lábios pelo tempo suficiente para gritar, enfurecido:

— Faça o que ordeno, tenente, maldito seja!

O feiticeiro, caixa na mão, apareceu ao lado de seu tutelado. O elfo plantado frente a Hugh levantou o apito com uma mão que parecia mover-se por vontade própria. Seu olhar foi do capitão para Hugh, e de novo para o primeiro. Outros tripulantes levantaram também seus respectivos apitos ou levaram os dedos a eles. Alguns ensaiaram um hesitante assobio.

Hugh não entendia o que estava acontecendo, mas desconfiou que a vitória dependia de uma nota, por assim dizer, e ficou cantando com sua voz rouca. Haplo se uniu a ele, o capitão tocou energeticamente seu apito, o cão lançou outro uivo de dor e todos, inclusive Limbeck, entoaram com força os dois últimos versos:

*O Arco e a Ponte são pensamentos e coração,
o Trajeto uma vida, a Serra uma parte.*

A mão do tenente se moveu e agarrou o apito. Haplo, aproximando-se de um guerreiro elfo próximo ao oficial, esticou os músculos disposto a saltar sobre ele para tentar lhe arrebatá-lo. Entretanto, o tenente não levou o apito à boca: com um enérgico puxão, rompeu a correia que prendia o instrumento mágico e o lançou sobre a coberta da nave. Entre os tripulantes se elevaram vivas irados e muitos, inclusive o mago de bordo, seguiram o exemplo do tenente.

O capitão, vermelho de raiva, exclamou escandalizado:

— Traidores! São todos traidores liderados por um covarde! Você é testemunha, weesham: estes porcos rebeldes se amotinaram e quando voltarmos...

— Não vamos voltar, capitão — replicou o tenente, ereto e tenso, com um olhar frio em seus olhos cinzas. — Parem de cantar! — acrescentou.

Hugh só tinha uma vaga ideia do que estava acontecendo; ao que parecia, tinham topado com uma espécie de questão particular entre os elfos. Não demorou para reconhecer que a situação podia ser vantajosa, de modo que efetuou um gesto com a mão. Todos se calaram, embora Alfred tivesse que ordenar por duas vezes a Bane que ficasse em silêncio e, por fim, teve que lhe tampar a boca com a mão.

— Eu disse que esse tenente era um covarde! — Repetiu o capitão, dirigindo-se à tripulação. — Não tem valor para lutar nem com estas bestas! Tire isto de cima de mim, geir! — O capitão elfo não podia se mover dentro da armadura. O geir levantou uma

mão e pronunciou uma palavra: imediatamente, a coberta de metal desapareceu. Lançando-se para frente, o capitão elfo levou a mão ao flanco e descobriu que sua espada tinha desaparecido, embora a localizasse quase imediatamente: Hugh apontava com ela para a sua garganta.

— Não, humano! — Gritou o tenente, avançando um passo para impedir que Hugh levasse a cabo seu propósito. — Este combate deve ser travado por mim. Por duas vezes, capitão, me chamou de covarde sem que eu pudesse defender minha honra. Agora não pode mais se proteger com sua patente!

— É muito valente para dizer isto, levando em conta que estou desarmado e você tem uma espada!

O tenente se virou para Hugh.

— Como pode ver, humano, esta é uma questão de honra. Soube que vocês, os humanos, compreendem esses assuntos. Peça que entregue a espada ao capitão. É óbvio, isto o deixa indefeso, mas não tinha muita chance de qualquer modo, sendo um contra tantos. Se eu viver, prometo ajudá-lo. Se cair, você se encontrará na mesma situação que agora.

Hugh pesou as alternativas e, dando de ombros, entregou a espada. Os dois elfos se prepararam para o combate, ficando em guarda. Os tripulantes concentraram sua atenção na batalha entre o capitão e o tenente. Hugh se aproximou em silenciosamente de um deles e Haplo teve certeza de que o humano não ficaria muito tempo desarmado.

O patryn tinha outros assuntos com que se ocupar. Não tinha deixado de vigiar o enfrentamento que se desenvolvia junto à nave e viu que as forças da União, depois de derrotar os guardas, estavam sedentas de sangue e ávidos de luta. Se os gegs abordassem a nave, os elfos pensariam que se tratava de um ataque, esqueceriam suas diferenças e responderiam unidos. Haplo já podia ver os gegs apontando para a nave e imaginando um substancioso saque.

As espadas se chocaram. O capitão e o tenente lançaram estocadas e as apararam. O mago elfo observava, segurando com força a caixa que mantinha contra o peito. Com movimentos rápidos mas tranquilos, esperando não atrair qualquer atenção, Haplo se deslocou até a escotilha. O cão o acompanhou trotando, colado a seus calcanhares.

Jarre estava na passarela, com as mãos fechadas em torno de um pandeiro rasgado e com os olhos fixos em Limbeck. O geg se levantou e, depois de ajustar óculos e localizar de novo a passagem, reatou o discurso.

— "... uma vida melhor para todos..."

Atrás de Jarre, os gegs continuavam tomando coragem, estimulando uns aos outros a assaltar a nave e a se apoderar do vaso de guerra. Haplo encontrou o mecanismo para baixar e elevar a passarela e se apressou a estudá-lo para entender seu funcionamento. Agora, o único problema era a mulher geg.

— Jarre! — Gritou-lhe, agitando a mão. — Desça da passarela! Vou içá-la! Temos que ir!

— Limbeck! — A voz de Jarre era inaudível, mas Haplo leu o movimento de seus lábios.

— Cuidarei dele e o devolverei são e salvo, prometo!

Era uma promessa fácil de fazer. Uma vez que o tivesse moldado convenientemente, Limbeck estaria preparado para conduzir os gegs e transformá-los em uma força de combate unida, em um exército disposto a entregar a vida pelo Senhor

do Elo.

Jarre deu um passo a frente. Haplo não queria que fizesse pois não confiava nela. Algo a tinha mudado. Alfred. Sim, ele a tinha mudado. A geg já não era a feroz revolucionária que conhecera antes que o chambelan aparecesse.

Aquele homem de aspecto fraco e inofensivo na realidade não era o que parecia.

Os gegs já haviam se decidido a entrar em ação e avançavam sem obstáculos para a nave. A suas costas, Haplo escutou em todo seu furor o duelo entre os dois elfos e preparou o mecanismo para levantar a passarela. Jarre cairia e se precipitaria para a morte. Pareceria um acidente e os gegs jogariam a culpa nos elfos. Pôs a mão na alavanca, disposto a colocá-la em ação, quando viu que o cão passava junto a ele e corria passarela abaixo.

— Cão! Volte aqui! — Mas o animal, ou não lhe obedeceu ou, entre os cânticos e o fragor das armas, não ouviu sua ordem.

Frustrado, Haplo soltou a alavanca e saltou à passarela atrás do cão. Este tinha apanhado com seus dentes a manga da blusa de Jarre e a puxava, obrigando a geg a descer para a Palma.

Jarre, desconcertada, olhou para o cão e, ao fazê-lo, viu a turba que avançava para a nave.

— Jarre! — Gritou Haplo. — Detenha-os! Os welfos os matarão! Matarão a todos, se atacarem!

A geg voltou o olhar para ele, e depois para Limbeck.

— Depende de você, Jarre! — Insistiu Haplo. — Agora, você é sua líder!

O cão tinha parado de puxar e olhava para ela com os olhos brilhando e movendo a cauda.

— Adeus, Limbeck — sussurrou Jarre. Inclinando-se, deu um feroz abraço no cão; depois se voltou e desceu pela passarela até os dedos da Palma. Colocando-se frente aos gegs, elevou os braços e todos pararam.

— Eles vão distribuir um pagamento extra. Todos devem ir para baixo para recebê-lo. Aqui acima não há nada.

— Lá embaixo? Vão distribuí-lo lá?

Os gegs se apressaram a dar meia volta e começaram a empurrar e empelotar-se, tentando alcançar a escada.

— Entre, cão! — ordenou Haplo.

O animal trotou pela coberta, com a língua pendurada de uma boca aberta em um irrepriável sorriso de triunfo.

— Orgulhoso de si mesmo, não é? — disse seu amo soltando a alavanca e recolhendo os cabos, içou a passarela o mais depressa que pôde. Escutou a voz de Jarre dando ordens e os gegs gritando vivas. A passarela encaixou em seu lugar e Haplo fechou a escotilha, deixando de ver e ouvir os gegs.

— Mestiço estúpido. Deveria te esfolar — murmurou Haplo, acariciando as orelhas sedosas do cão.

Elevando a voz acima do estrondo do aço, Limbeck continuou:

“E, por último, eu gostaria de dizer...”

CAPÍTULO 42



O LEVACIMA, DREVLIN, REINO INFERIOR

Haplo virou-se a tempo de ver como o tenente afundava a espada no peito do capitão elfo. O tenente soltou sua arma e o capitão caiu na coberta. A tripulação guardou silêncio, sem comemorar ou lamentar. O tenente, com rosto frio e impassível, afastou-se para dar lugar ao mago, que se ajoelhou junto ao elfo agonizante. Haplo imaginou que o mago, que em todo momento tinha estado tão próximo do capitão, devia ser um curador a seu serviço. Por isso, o patryn se surpreendeu ao ver que o feiticeiro não fazia o menor gesto para ajudar o ferido e se limitava a aproximar a caixa dos lábios do capitão.

— Pronuncie as palavras! — disse o geir com um sussurro.

O capitão tentou falar, mas sua boca cuspiu uma espuma de sangue.

O mago pareceu se zangar e, levantando a cabeça do elfo, forçou os olhos que se apagavam rapidamente a olhar para a caixa.

— Pronuncie as palavras! É seu dever para com seu povo!

Golpe a golpe, com evidente esforço, o moribundo sussurrou algumas palavras que eram ininteligíveis para Haplo. Depois, o capitão caiu para trás, sem vida. O feiticeiro fechou a caixa e, com um olhar recoso aos outros elfos, guardou-a zelosamente como se nela acabasse de guardar alguma jóia estranha e preciosa.

— Não se atrevam a me fazer mal! — Exclamou com um gemido. — Sou um weesham e a lei me protege! Uma maldição os perseguirá todos os dias de sua vida se me impedirem de cumprir minha sagrada missão!

— Não tenho intenção de fazer mal algum a você — replicou o tenente, com uma careta de desdém nos lábios. — Embora suponha que vocês saberão melhor que ninguém que utilidade pode ter para nosso povo a alma desse canalha. Em todo caso, morreu com honra embora não a tivesse em vida. Talvez isso valha algo.

Baixou o braço, tomou a espada do elfo morto e a entregou a Hugh, com o punho a frente.

— Obrigado, humano. E a você também — acrescentou, olhando para Haplo. — Percebi que os gegs representavam perigo. Talvez, quando tivermos tempo para isso,

possam me explicar o que está acontecendo em Drevlin. Agora, devemos nos preparar para zarpar. — O elfo se virou de novo para Hugh. — O que disse sobre o Reino Superior, era verdade?

— Sim. — Hugh tirou o cinto com a bainha do cadáver e guardou a espada nela.

— O menino — apontou com o polegar para Bane, que permanecia mudo olhando para o morto com ar curioso — é filho de um tal Sinistrad, um misteriarca.

— Como teve a seu cuidado um menino como ele?

O elfo observou Bane, pensativo. O príncipe, com o rosto quase translúcido de tão pálido, captou o olhar e, fixando seus nos olhos cinzas do elfo, lançou-lhe um sorriso doce e valente, acompanhado de uma séria e garbosa reverência. O tenente ficou encantado.

Hugh ficou sério.

— Isso não importa — respondeu. — Não é assunto seu. Tentávamos alcançar o Reino Superior quando nossa nave foi atacada por seu povo. Conseguimos nos livrar deles, mas minha nave ficou danificada e nos precipitamos no Torvelinho.

— Sua nave? Os humanos não têm naves dragão!

— O humano que se chama Hugh a Mão têm tudo o que deseja!

Entre os elfos se elevou um murmúrio, o primeiro som que faziam desde que o duelo se iniciara. O tenente assentiu.

— Compreendo. Isto explica muitas coisas.

O elfo extraiu um recorte de tecido do bolso do uniforme, utilizou-o para limpar o sangue da folha de sua espada e guardou a arma na bainha.

— Tem fama de ser um humano honrado... uma honra bastante peculiar, mas honra afinal. Se me desculparem, humanos, tenho deveres a cumprir em minha nova qualidade de capitão desta nave. O guarda-marina os conduzirá aos camarotes.

Haplo pensou que escravos assim teriam sido despedidos da presença de seu amo. O elfo tinha decidido fazê-los seus aliados, mas não sentia por eles a menor simpatia e, ao que parecia, muito pouco respeito. O tripulante elfo indicou que o seguissem.

Limbeck estava ajoelhado junto ao corpo do capitão.

— Então, eu tinha razão — murmurou ao notar a mão de Haplo em seu ombro, — não são deuses.

— Realmente, não são. Já te disse que não há deuses neste mundo.

Limbeck olhou a seu redor como se tivesse perdido alguma coisa e não tivesse a mais remota ideia de onde começar a procurá-la.

— Sabe? — Comentou ao fim de um momento, — quase lamento.

Enquanto abandonava a ponte atrás do guarda-marina, Haplo ouviu um dos elfos perguntar:

— O que faremos com o corpo, tenente? Jogamos pela amurada?

— Não — respondeu ele. — Era um oficial e seus restos serão tratados com respeito. Coloquem o corpo na adega. Pararemos no Reino Médio e o deixaremos ali com seu geir. E, a partir de agora, quando se dirigir a mim, me chame de capitão.

O elfo se apressava em impor respeito à tripulação, sabendo que devia remendar os cabos da disciplina que ele mesmo tinha desfiado. Haplo dedicou uma nota de louvor ao elfo e acompanhou os outros escadas abaixo.

O jovem guarda-marina os levou ao que, segundo Hugh, era o equivalente a uma masmorra na nave. O calabouço era inóspito e sombrio. Nos tabiques havia ganchos

onde, a noite, poderiam pendurar redes para dormir. Durante o dia, recolhiam-nas para abrir espaço. Pequenas janelas proporcionavam uma vista do exterior.

Depois de lhes informar que voltaria com água e comida quando a nave tivesse atravessado em segurança o Torvelinho, o tripulante fechou a porta e ouviram que passava o ferrolho.

— Estamos presos! — exclamou Bane.

Hugh se acomodou, agachando-se com as costas apoiadas na parede. Com ar mal-humorado, tirou o cachimbodo bolso e apertou-o entre os dentes.

— Se quer ver prisioneiros, vá olhar os humanos empregados como galeotes debaixo da coberta. O tenente nos encerrou precisamente por causa deles. Se libertássemos os escravos, poderíamos tomar a nave e ele sabe disso.

— Então, vamos libertá-los! — propôs Bane, com o rosto aceso de excitação. Hugh lhe dirigiu um olhar furioso.

— Acha que pode pilotar esta nave, Alteza? Talvez pensa fazê-lo como fez com a minha?

Bane avermelhou de cólera. Fechando a mão em torno do amuleto, o meninoengoliu a raiva e cruzou o recinto parando na janela com expressão irada.

— E você? Confia nele, no elfo? — perguntou Alfred com certo nervosismo.

— Não mais do que ele confia em nós. — Hugh deu uma mal-humorada tragada no cachimbo vazio.

— Então, esses elfos se “transformaram”, ou como quer que chame o que lhes acontece quando escutam esta canção? — quis saber Haplo.

— Transformar-se? Acredito que não. — Hugh moveu a cabeça. — Os elfos que experimentam o efeito desta canção perdem toda a consciência de onde se encontram. É como se fossem transportados para outro mundo. Esse tenente age por seu próprio impulso. O que o atrai é o chamariz das lendárias riquezas do Reino Superior e o fato de que nenhum elfo se jamais atreveu a viajar até ali.

— E não lhe passará pela cabeça que seria mais simples nos jogar pela amurada e ficar com o menino para ele?

— Sim, é possível, mas os elfos têm um sentido da honra “peculiar”. De algum modo, embora provavelmente nunca saberemos como, parece que fizemos um favor a esse elfo pondo o capitão em suas mãos. Sua tripulação foi testemunha disso e o novo capitão perderia reputação se nos eliminasse só para tornar as coisas mais fáceis.

— Então, a honra é importante para os elfos?

— Importante! — Exclamou Hugh. — Por ela eles venderiam suas almas... se seus abutres não as devorassem antes!

Um detalhe interessante, que Haplo anotou. Seu amo também tinha interesses no mercado de almas.

— Assim levamos uma tripulação de piratas elfos ao Reino Superior... — Alfred suspirou e começou a se mexer-se nervoso. — Deve estar cansado, Alteza. Deixe-me preparar uma dessas redes e...

Tropeçando com uma tábua, o chambelan caiu de bruços sobre a coberta.

— Não estou cansado! — Protestou Bane. — E não se preocupe com meu pai e esses elfos. Meu pai cuidará deles!

— Não precisa se levantar — sugeriu Hugh ao chambelan. — Vamos atravessar o Torvelinho e ninguém conseguirá se manter em pé quando chegar o momento. Que

todo mundo se sente e se agarre onde puder.

Era um bom conselho. Haplo viu chegar a grande velocidade as primeiras nuvens da tormenta. Os relâmpagos estalavam, ofuscantes, acompanhados do retumbar dos trovões. A nave começou a jogar e sacudir. O patryn relaxou em um canto e o cão se enroscou a seus pés, com o focinho sob a cauda. Alfred se encolheu miseravelmente contra a parede e puxou um Bane queixoso pelo traseiro das calças.

Só Limbeck permaneceu em pé, olhando extasiado pela janela.

— Sente-se, Limbeck. É perigoso — avisou Haplo.

— Não posso acreditar — murmurou o geg sem se virar. — Não há deuses... e estou voando para o céu.

CAPÍTULO 43



EM CÉU ABERTO, REINO MÉDIO

O tenente Bothar'in, agora capitão Bothar'el^[21], conduziu a nave dragão sã e salva ao outro lado do Torvelinho. Fugindo do encontro com outras naves elfas, fixou rumo para a cidade portuária de Suthnas, em Aristagon, um porto seguro que Hugh lhe recomendou e onde projetava fazer uma breve escala para abastecer-se de comida e água, se desembaraçar do geir, do corpo do antigo capitão e da caixa do weesham.

Hugh conhecia bem Suthnas, pois atracava ali quando sua nave precisava reforçar sua carga de magia ou reparar alguma avaria. Citou o nome ao capitão elfo porque ele, Hugh, tinha intenção de abandonar a nave ali.

O assassino tinha tomado uma decisão. Amaldiçoava o dia em que tinha topado com aquele “mensageiro do rei”. Amaldiçoava a hora em que tinha aceitado aquele trabalho. Nada tinha saído bem; tinha perdido sua nave dragão, por pouco tinha perdido a vida e quase do todo o respeito por si mesmo. Seu plano de capturar a nave elfa tinha funcionado, mas, como tudo que fazia ultimamente, não da maneira que tinha previsto. Imaginava que devia ter tomado o comando, não aquele elfo. Por que tinha se deixado enredar naquele duelo? Por que não tinha matado os dois?

Hugh era inteligente o bastante para compreender que, se tivesse lutado, muito provavelmente ele e os outros estariam mortos. Apesar disso, ignorou a lógica. Negou-se a reconhecer que tinha agido assim para salvar algumas vidas, para proteger Alfred, Limbeck... o príncipe.

“Não!”, pensou. “Fiz por mim mesmo: por ninguém mais. Não me importo com ninguém mais e vou provar. Vou abandoná-los; desembarcarei em Suthnas e deixarei que esses estúpidos continuem até o Reino Superior e se aventurem com um misteriarca. Que me esqueçam. Eu contarei as minhas perdas, jogarei as cartas, levantarei e abandonarei a partida.”

O porto de Suthnas era governado por elfos que se importavam mais com sua bolsa que com política e se transformou em guarida de contrabandistas de água, rebeldes, desertores e um punhado de renegados humanos. Os prisioneiros gozaram de

uma boa vista da cidade através da janela e a maioria deles, depois de vê-la, decidiu que estavam mais seguros presos em seu calabouço.

A cidade não era mais que um sórdido montão de botequins e estalagens edificadas perto dos moles, e as casas dos habitantes se agrupavam como um rebanho de ovelhas na ladeira de um escarpado de coralita. As casas eram velhas e desmanteladas e o ar estava impregnado de um aroma de couve fervida — um dos pratos favoritos dos elfos, — devido sem dúvida aos montões dela que apodreciam nas ruínas infestadas de dejetos. Não obstante, na cidade brilhava um sol radiante e o céu sobre ela era azul e luminoso, Suthnas era uma visão maravilhosa e imponente para Limbeck.

O geg nunca tinha visto uma cale banhada pelo sol nem um firmamento iluminado pelo brilho de um milhão de estrelas. Nunca tinha visto gente perambulando sem um propósito determinado, sem ir de um lugar a outro por algum assunto relacionado com a Máquina Viva. Nunca havia sentido uma brisa suave no rosto nem tinha sentido os aromas dos seres vivos, animais ou vegetais, ou sequer das coisas putrefatas ou moribundas. As casas que Hugh catalogava de barracos lhe pareciam palácios e, enquanto contemplava todo aquele esplendor, Limbeck refletiu que tudo que estava vendo tinha sido adquirido e pago com o suor e o sangue de seu povo. Isso entristeceu seu rosto e permaneceu calado e retraído. Haplo o observou com um sorriso.

Hugh perambulou pela adega e apareceu nas janelas, impaciente e consumindo-se por dentro. O capitão Bothar'o tinha lhe concedido permissão para ir, se assim quisesse.

— Todos deveriam ir — disse o capitão. — Vão agora enquanto ainda têm chance de fazê-lo.

— Mas íamos ao Reino Superior! Você nos prometeu! — Gritou Bane. — Prometeu! — repetiu, olhando para o elfo com expressão suplicante.

— É verdade — respondeu Bothar'o, com os olhos fixos no menino. Sacudiu a cabeça como se quisesse afastar um feitiço e se virou para Alfred. — E você?

— Eu fico com o príncipe, é claro.

O elfo olhou para Limbeck e este, que não tinha entendido o que falavam, voltou os olhos para Haplo. Quando ouviu a tradução, o geg declarou com firmeza:

— Eu vou ver o mundo, todos eles. Afinal, tudo isso existe graças a meu povo.

— Eu vou com ele — informou o patryn, sorrindo e apontando para Limbeck com um polegar envolto na atadura.

— Então — disse Bothar'o a Hugh, — você é o único que vai partir?

— É o que parece.

Entretanto, Hugh não partiu. Enquanto estavam atacadados, um dos tripulantes apareceu no calabouço.

— Ainda está a bordo, humano? O capitão já está de volta. Se tiver que baixar a terra, se apresse.

Hugh não se moveu.

— Seria bom se viesse conosco, maese Hugh — disse Bane. — Meu pai gostaria muito de conhecê-lo... e de agradecer.

O comentário foi decisivo: o príncipe o queria com ele. Partiria agora mesmo. Agora... mesmo.

— Então, humano? — Insistiu o tripulante. — Você vem?

Hugh procurou em um bolso e pegou sua última moeda, o pagamento por assassinar um menino. Com um grunhido, lançou a moeda ao elfo.

— Resolvi ficar e procurar fortuna. Vá comprar um pouco de tabaco.

Os elfos não permaneceram muito tempo em Suthnas. Uma vez que o geir chegasse a terras civilizadas, informaria sobre o motim e a Carfa'shon seria procurada por todas as naves da frota. Uma vez em céu aberto, o capitão Bothar'o obrigou os escravos humanos, aos tripulantes e a si mesmo a trabalhar quase até o esgotamento, até considerar que a nave estava a salvo de qualquer possível perseguidor.

Horas depois, quando os Senhores da Noite já tinham estendido suas capas sobre o sol, o capitão encontrou tempo para conversar com seus "hóspedes".

— Recebi notícias — foram suas primeiras palavras, dirigidas a Hugh. — Quero que saibam que poderia ter conseguido uma bela soma por todos vocês, mas tinha uma dívida para com você, Hugh. Agora a considero saldada, ao menos em parte.

— Onde está meu tabaco? — perguntou Hugh.

— Que notícias? — interveio Alfred.

O capitão fez cara de surpresa.

— Não sabem? Pensei que esta era a razão de não terem abandonado a nave — acrescentou enquanto lançava uma bolsa às mãos de Hugh. Este a pegou com destreza, abriu-a e cheirou o conteúdo. Tirou o cachimbo e começou a enchê-lo. — Há uma recompensa por sua cabeça, Hugh.

— Não é nenhuma novidade — grunhiu o assassino.

— Um total de duzentos mil barls.

Hugh levantou a cabeça e lançou um assobio.

— Viu, um bom beliscão! Isso está relacionado ao menino, não é?

Voltou o olhar para Bane. O príncipe tinha pedido papel e pluma aos elfos e não tinha feito outra coisa senão escrever desde sua subida a bordo. Ninguém o perturbava quando estava dedicado àquele novo passatempo, pois era mais inofensivo que deixá-lo ir recolher vagens.

— Sim. Você e esse homem — o elfo apontou para Alfred — foram acusados de sequestrar o príncipe de Völkaran. Há uma recompensa de cem mil barls por sua cabeça — informou ao horrorizado chambelan — e outra de duzentos mil por Hugh a Mão, e só será paga se um ou ambos forem entregues com vida.

— O que tem para mim? — Perguntou Bane, erguendo a cabeça. — Não há nenhuma recompensa por mim?

— Stephen não quer que você volte — grunhiu Hugh.

O príncipe pareceu meditar sobre isto e soltou uma risada.

— Sim, suponho que tem razão — respondeu, e voltou para sua escrita.

— Mas isso é impossível! — Exclamou Alfred. — Eu... eu sou o criado de Sua Alteza! Acompanho-o para protegê-lo...

— Exato — cortou Hugh — é precisamente o que Stephen não queria.

— Não entendo uma palavra de tudo isto — declarou o capitão Bothar'o. — Espero para o seu bem que não tenham mentido sobre o Reino Superior. Preciso de dinheiro para manter a nave e pagar a tripulação e acabo de deixar passar uma oportunidade muito favorável.

— É obvio que é verdade! — Protestou Bane, erguendo o lábio inferior em uma careta encantadora. — Sou filho de Sinistrad, misteriarca da Sétima Casa, e meu pai o recompensará com largueza!

— Será melhor que o faça! — replicou o capitão. Dirigiu um severo olhar aos

prisioneiros e saiu da adega. Bane o viu afastar-se, pôs-se a rir e pegou de novo a pluma.

— Não poderei retornar jamais às Volkaran! — Murmurou Alfred. — Sou um exilado.

— E pode se considerar morto a menos que encontremos um modo de sair desta — acrescentou Hugh enquanto acendia o cachimbo com uma brasa do pequeno caldeirão mágico^[22] que utilizavam para esquentar a comida e combater o frio da noite.

— Mas Stephen nos quer vivos...

— Só para ter o prazer de nos matar pessoalmente.

Bane olhou para ele com um sorriso matreiro e murmurou:

— Então, se tivesse abandonado a nave, alguém o teria reconhecido e entregue aos elfos. Ficou por minha causa, não é? Salvei sua vida.

Hugh não fez comentários. Preferiu fingir que não tinha ouvido, e caiu em um silêncio pensativo e abatido. Nem se deu conta de que o cachimbo tinha apagado.

Quando voltou a si um momento depois, observou que todos, exceto Alfred, tinham adormecido. O chambelan estava junto à janela, contemplando a penumbra cinza da noite. Hugh se levantou para esticar as pernas e se aproximou dele.

— O que pensa desse Haplo? — perguntou-lhe.

— Por que? — Respondeu Alfred com um salto, lançando um olhar atemorizado para o assassino. — Por que pergunta?

— Por nada. Fique tranquilo. Só queria saber sua opinião, isso é tudo.

— Nenhuma! Não penso nada dele! Se me desculpar, senhor — interrompeu Alfred adiantando-se a sua réplica, — estou muito cansado e preciso dormir um pouco.

O que significava aquilo? O chambelan voltou para sua manta e se deitou, mas Hugh, observando-o com atenção, percebeu que Alfred estava longe de dormir. Estava rígido e tenso, esfregando as mãos e riscando linhas invisíveis sobre a pele. Seu rosto poderia ter sido uma máscara de alguma obra intitulada Terror e aflição.

Hugh quase sentiu pena dele.

Quase. Os muros que Hugh tinha levantado em torno de si continuavam em pé, sólidos e intactos. Surgira uma pequena rachadura pela qual tinha penetrado um raio de luz, ofuscante e doloroso para olhos acostumados à escuridão, mas ele se apressou a lhe impedir o caminho, fechando a rachadura. O poder que o menino exercia sobre ele, fosse qual fosse, era consequência de um feitiço. Era algo que estava fora do controle do assassino, ao menos até que chegassem ao Reino Superior. Retirando-se para um canto da cela, Hugh relaxou e adormeceu.

A nave dragão elfa levou quase duas semanas na viagem até o Reino Superior, muito mais tempo do que o capitão Bothar'o tinha calculado. O que este não tinha imaginado era que sua tripulação e seus escravos se cansariam tanto e tão rápido. Os conjuros realizados pelo mago de bordo permitiam governar a nave face à reduzida pressão do ar, mas o feiticeiro não podia fazer nada para aliviar a própria rarefação do ar que os fazia sentir a todo instante como se estivessem sem fôlego.

A tripulação se mostrava nervosa, mal-humorada e preocupada. Voar por aquele céu imenso e vazio produzia pavor. Acima deles, o firmamento brilhava e piscava de dia e resplandecia com um tom pálido de noite. Até o mais crédulo bordo podia ver que o

misterioso firmamento não era composto de pedras preciosas flutuando nos céus.

— Pedacos de gelo — anunciou o capitão Bothar'o, observando pela luneta.

— Gelo? — Seu segundo de bordo pareceu quase aliviado. — Então, isso nos fecha o caminho, não é, capitão? Não podemos voar entre o gelo. Será melhor voltarmos.

— Não. — Bothar'o fechou a luneta com um estalo. Mais que as palavras de seu subordinado, parecia responder a si mesmo, a algum dilema que debatia em sua mente. — Chegamos muito longe e o Reino Superior está aí, em alguma parte. E vamos encontrá-lo.

“Ou morrer na tentativa”, acrescentou para si o segundo a bordo.

E continuaram navegando, cada vez mais para cima, cada vez mais perto do firmamento que pendia abrangendo o céu como um imenso e radiante colar. Não viram sinal de vida de nenhum tipo, e muito menos terra alguma onde viviam os mais dotados dos feiticeiros humanos.

A temperatura caiu. Viram-se obrigados a vestir todos os casacos que tinham e, mesmo assim, não conseguiam se manter aquecidos. Os tripulantes começaram a murmurar que seu novo capitão estava louco e que todos iriam morrer ali, de frio ou perdidos em céu aberto, sem forças para retornar.

Depois de passados mais alguns dias sem ver sinal de vida começaram a escassear as provisões e o frio se tornou quase insuportável, o capitão Bothar'o mandou comunicar a seus “convidados” que tinha mudado de ideia e que retornavam ao Reino Médio.

Encontrou os prisioneiros envoltos em todas as mantas que tinham a seu alcance, amontoados em torno do caldeirão mágico. O geg estava mortalmente doente, fosse pelo frio ou devido à mudança de pressão atmosférica. O capitão não sabia o que o mantinha vivo. (Alfred sabia, mas evitou que alguém perguntasse.)

Bothar'o se dispunha a anunciar sua decisão quando um grito o deteve.

— O que é isso? — O capitão correu de novo à ponte. — Encontramos?

O segundo oficial, com os olhos arregalados e fixos na porteira, balbuciou:

— Eu diria, senhor, que ele nos encontrou!

CAPÍTULO 44



CASTELO SINISTRO, REINO SUPERIOR

Iridal, apoiada no bastidor, contemplava a paisagem por trás da janela acristalada. A beleza da paisagem que se estendia a sua frente era incomparável. As paredes de opala do castelo refletiam sob a luz do sol, somando-se as cores brilhantes da cúpula mágica que constituía o céu do Reino Superior. Próximo das muralhas, os parques e bosques do castelo, primorosamente cuidados e modelados, eram atravessados por caminhos cujo piso de mármore triturado estava salpicado de pedras preciosas brilhantes. Tanta beleza podia parar um coração, mas fazia muito tempo que Iridal tinha deixado de apreciar a beleza em qualquer forma. Seu próprio nome, que significava “do arco íris”, era irônico pois tudo em seu mundo era cinza. Quanto a seu coração, parecia ter deixado de pulsar fazia muito tempo.

— Esposa...

A voz surgiu a suas costas e Iridal estremeceu. Acreditava estar sozinha na habitação. Não tinha ouvido o silencioso avanço das sapatilhas e o roçar das roupas de seda que anunciavam invariavelmente a presença de seu marido. Este não entrava em seus aposentos fazia muitos anos e ela notou que o calafrio causado por sua chegada lhe prendia o coração e o espremia com força. Temerosa, virou-se.

— O que quer? — Sua mão apertou com força a túnica em torno de si, como se o frágil tecido pudesse protegê-la. — Por que veio a meus aposentos?

Sinistrad contemplou o leito de cortinas ondulantes, dosséis com borlas e lençóis de seda, aspirando o leve aroma das folhas de lavanda pulverizadas sobre elas toda manhã e cuidadosamente retiradas a cada noite.

— Desde quando um marido é proibido de entrar no dormitório de sua esposa?

— Deixe-me em paz! — O frio de seu coração parecia ter se estendido para seus lábios, congelando-os.

— Não se preocupe, esposa. Faz dez anos que não me aproximo de você com o propósito que está temendo, e não tenho intenção de começar outra vez. Tais atos são tão repugnantes para mim como são para você; é como se fôssemos animais em um curral

escuro e pestilento. De qualquer modo, isto me leva ao tema que me trouxe aqui. Nosso filho está chegando finalmente.

— Nosso filho? — Repetiu Iridal. — Seu filho! Não tem nada comigo!

— Isso merece ser celebrado — replicou Sinistrad com um sorriso pálido e seco. — Fico feliz que tenha este ponto de vista, querida. Espero que se lembre disso quando o menino chegar, e que não se intrometa em nosso trabalho.

— O que poderia fazer para impedi-lo?

— A ironia não é seu forte, mulher. Lembre-se que conheço seus truques. Lágrimas, carícias, abraços quando achar que não estou vendo... Vou deixá-la avisada Iridal: estarei vendo. Meus olhos estão em todas as partes, até mesmo quando estou de costas. O menino é meu, você mesma disse. Não se esqueça disso.

— Lágrimas! Não tema minhas lágrimas, marido. Elas secaram faz muito tempo.

— Temer? Não tenho medo de nada, e menos ainda de você, esposa — replicou Sinistrad com um tom de diversão. — Mas confundir a mente do menino poderia ser um problema e não tenho tempo para me preocupar com as suas tolices.

— Por que não me fecha em uma masmorra? Já sou prisioneira em tudo, exceto no nome.

— Pensei mesmo em fazê-lo, mas o menino sentiria um interesse inapropriado por uma mãe a que estivesse proibido de ver. Não, será muito melhor se você aparecer e der alguns sorrisos, e lhe faça ver que é débil e fraca.

— Quer que lhe ensine a me desprezar!

— Não aspiro a tanto, querida. — Sinistrad encolheu os ombros. — Será muito melhor para meus planos que ele não forme nenhuma opinião sobre você. E, por sorte, contamos com algo para incentivá-la a se comportar comodeve: reféns. Três humanos e um geg são seus companheiros de viagem. Você deve se sentir muito importante, Iridal, sabendo que tantas vidas estão em suas mãos!

A mulher ficou muito pálida, os joelhos afrouxaram e se deixou cair em uma cadeira.

— Você tem sido muito baixo, Sinistrad, mas nunca cometeu um assassinato! Não acredito em sua ameaça!

— Permita-me corrigir suas palavras, esposa. Você nunca soube que eu tenha matado alguém, mas reconhecamos, você nunca soube nada sobre mim. Bem, tenha um bom dia, esposa. Mandarei avisá-la quando tiver que aparecer para receber nosso filho.

Com uma reverência, Sinistrad levou a mão ao coração no gesto ancestral de saudação e abandonou os aposentos de Iridal. Até naquele gesto havia um ar de zombaria e desdém.

Tomada por um tremor incontrollável, a mulher se encolheu na cadeira e voltou para a janela os olhos secos...

— Meu pai diz que você é um homem ruim.

A moça, Iridal, estava na janela na casa de seu pai. Muito perto dela, quase tocando-a mas sem chegar a fazê-lo em nenhum momento, havia um jovem misteriarca. Era o herói belo e perverso dos contos românticos da donzela Iridal: pele fina e pálida, olhos castanhos aquosos que sempre pareciam duas minas de segredos fascinantes, um sorriso que prometia compartilhar esses segredos se alguém conseguisse se aproximar o

suficiente dele. A tiara negra com orlas douradas que denotava sua qualidade de professor de disciplina da Sétima Casa — o posto mais alto que um feiticeiro podia alcançar — terminava em uma afiada ponta sobre seu nariz aquilino. A tiara, que se alargava dali entre os olhos, proporcionava-lhe um aspecto de sabedoria e acrescentava expressividade a um rosto que de outro modo teria carecido dela, pois o misteriarca não tinha sobrancelhas nem pestanas. Por uma falha de nascimento, todo seu corpo era imberbe.

— Seu pai tem razão, Iridal — respondeu Sinistrad sem elevar a voz. Erguendo a mão, tocou uma mecha do cabelo da moça. Era o gesto de intimidade mais atrevido que tinha feito desde que se conheceram. — Sou mal, não nego.

Em sua voz havia um tom de melancolia que comoveu o coração de Iridal assim como ao contato de seus dedos lhe comovia a pele.

Virada para ele, estendeu as mãos, tomou as suas e sorriu.

— Não, querido! Pode ser que o mundo diga isso, mas é porque não o conhece bem! Não o conhece como eu!

— Mas eu sou mau, Iridal. — A voz de Sinistrad era suave e sincera. — Estou dizendo a verdade agora porque não quero que me repreve por isso mais tarde. Se casar comigo, casa-se com as trevas.

O dedo enroscou a mecha em torno de si cada vez com mais força, obrigando à moça a aproximar-se. As palavras de Sinistrad e o tom grave com que as tinha pronunciado fizeram o coração de Iridal vacilar dolorosamente, mas a dor era doce e excitante. A escuridão que envolvia o homem (rumores tenebrosos, comentários sombrios sobre ele entre a comunidade de misteriarcas) também era emocionante. A vida de Iridal, seus dezesseis anos, tinha sido aborrecida e prosaica. Na companhia de um pai que se apoiou nela depois da morte de sua mãe, a tinha criado solitária. Seu pai não podia suportar que os ventos ásperos da vida soprassem com muita força sobre sua filha, e a tinha mantido protegida e presa, envolta em um sufocante casulo de amor.

A mariposa que tinha emergido daquela larva era brilhante e deslumbrante. Suas asas a conduziram diretamente à rede de Sinistrad.

— Se for mau — murmurou, fechando as mãos em torno do braço do homem, — é porque o mundo te fez ser assim ao não escutar seus planos e ao contrariar seu gênio em cada ocasião. Quando eu caminhar a seu lado, o conduzirei para a luz.

— Então, será minha esposa? Irá contra os desejos de seu pai?

— Tenho idade de tomar minhas próprias decisões. E, querido, escolhi você.

Sinistrad não disse nada mas, com aquele sorriso prometendo segredos nos lábios, beijou a mecha de cabelo enroscado com força em torno do dedo...

... Iridal jazia no leito, debilitada pelos trabalhos do parto. A parteira tinha terminado de banhar o menino e, envolto em um tecido, apresentou-o à mãe. O momento deveria ter sido de regozijo, mas a velha parteira, que havia trazido para o mundo à própria Iridal, pôs-se a chorar quando deixou o menino nos braços de sua mãe.

A porta da câmara se abriu. Iridal emitiu um lânguido gemido e apertou com tal força o menino que este pôs-se a chorar. A parteira ergueu a vista e, com mãos amorosas, arrumou os cachos banhados em suor da mulher. Um olhar de desafio

endureceu o rosto enrugado da criada.

— Deixe-nos — ordenou Sinistrad, dirigindo-se à parteira com o olhar fixo na esposa.

— Não abandonarei minha pequena!

Os olhos se voltaram para ela. A mulher permaneceu firme, embora a mão que acariciava os loiros cabelos de Iridal estremecesse. Tomando entre os seus os dedos da parteira, Iridal os beijou e, com um trêmulo sussurro, indicou-lhe que saísse.

— Não posso, menina! — A mulher pôs-se a chorar. — O que ele propõe é cruel! Cruel e antinatural!

— Vá! — Resmungou Sinistrad. — Saia, ou a reduzirei a cinzas aqui mesmo!

A parteira lhe dirigiu um olhar malévolos, mas se retirou do quarto. Sabia quem sofreria as consequências, se não o fizesse.

— Agora que terminamos com isto, essa mulher deve ir embora, esposa — declarou Sinistrad, aproximando-se do flanco da cama. — Não tolero desafios em minha própria casa.

— Por favor, marido, não! É a única companhia que tenho. — Os braços de Iridal agarravam seu filho. Elevou um olhar suplicante ao marido enquanto puxava o tecido com uma das mãos. — E vou precisar de ajuda com nosso filho. Olhe! — Jogou para trás o tecido e deixou à vista um rosto avermelhado e enrugado, olhos fechados com força e diminutos punhos apertados energicamente. — Não é lindo, marido? — Iridal tinha a desesperada, impossível esperança de que a visão de uma criatura de seu próprio sangue faria Sinistrad mudar de ideia.

— Convém aos meus planos — disse ele, erguendo as mãos.

— Não! — Iridal o puxou. — Meu filho, não! Por favor, não!

— Expliquei minhas intenções no dia em que me anunciou sua gravidez. Disse então que tinha me casado contigo com este único e exclusivo propósito, e que tinha deitado contigo por essa mesma razão, e não outra. Me dê o menino!

Iridal se encolheu sobre seu filho com a cabeça encurvada, cobrindo o corpinho com seus longos cabelos, como uma brilhante cortina. Negou-se a olhar para o marido, como se ao fazê-lo ele exercesse um poder sobre sua vontade. Fechando seus olhos, poderia fazer que desaparecesse. Entretanto, o estratagema não funcionou porque, ao fechar as pálpebras, viu Sinistrad como naquele dia terrível em que suas radiantes ilusões de amor se quebraram completa e irrevogavelmente; naquele dia em que tinha lhe dado a notícia de que levava um filho; naquele dia em que Sinistrad tinha revelado, com voz fria e desapaixonada, o que pretendia fazer com o bebê.

Iridal deveria ter sabido que tramava algo. Na verdade sabia, mas não quisera reconhecer. Na noite de bodas, sua vida tinha passado de sonhos coloridos a um vazio cinza. Seu marido fazia amor sem amor, desapaixonadamente. Era rápido, prático, sempre com os olhos abertos e olhando-a com fixidez, induzindo-a a algo que ela não conseguia entender. Noite após noite, Sinistrad foi a ela. Durante o dia, poucas vezes a via ou falava com ela. Iridal chegou a temer as visitas noturnas e em uma ocasião se atreveu a rechacá-lo, suplicando que a tratasse com amor. Nessa noite, ele a tinha tomado com violência e dor, e a mulher não se atreveu nunca mais a lhe dizer não. Talvez seu filho foi concebido nessa mesma noite. Um mês mais tarde, soube que estava grávida.

A partir desse dia, Sinistrad não voltou a pisar em seu quarto.

O menino chorava em seus braços. Mãos fortes agarraram Iridal pelos cabelos e a

obrigaram a levantar a cabeça. As mãos fortes arrancaram o bebê de seus braços. Suplicante, a mãe se arrastou da cama e avançou cambaleando atrás de seu marido enquanto este se afastava com o recém-nascido, mas estava muito fraca. Presa nos lençóis manchados de sangue, Iridal caiu ao chão. Uma mão agarrou a túnica do homem, impedindo-o de avançar.

— Meu filho! Não leve meu filho!

Sinistrad olhou-a com uma fria expressão de desagrado.

— No dia em que pedi que fosse minha esposa, contei-lhe o que eu era. Nunca menti. Você decidiu não acreditar, e isso é culpa sua. Você procurou por isso.

O homem baixou a mão, agarrou a túnica e puxou-a. O tecido deslizou entre os dedos fracos de Iridal, e Sinistrad abandonou o quarto.

Quando retornou, nessa mesma noite, trazia outro bebê: o verdadeiro herdeiro dos desventurados reis de Volkaran e Ulyandia. Sinistrad o entregou a sua esposa como se lhe desse um cachorrinho que tivesse encontrado abandonado no caminho.

— Quero meu filho! — protestou ela. — Não o de alguma outra desventurada como eu!

— Faça o que quiser com ele — disse Sinistrad. Seu plano tinha funcionado e quase se sentia de bom humor. — Dê-lhe de mamar, mate-o... Não me importa.

Iridal teve piedade do recém-nascido e, esperando que o amor que dedicava a ele fosse correspondido em seu próprio filho onde estivesse, cuidou dele com ternura. Mas o pequeno não pôde adaptar-se à atmosfera rarefeita. Morreu poucos dias depois, e algo dentro do Iridal morreu com ele.

Um mês mais tarde, foi ver Sinistrad em seu laboratório e lhe declarou tranquila e claramente que partia, que voltava para a casa do seu pai. Na realidade, sua ideia era viajar ao Reino Médio e resgatar seu filho.

— Não, querida, acredito que não fará isso — replicou Sinistrad sem erguer a vista do texto que estava estudando. — Nosso casamento afastou de mim a nuvem de dúvidas. Agora, outros confiam em mim. Para que nossos planos de escapar deste reino tenham êxito, necessitarei da ajuda de todos os membros de nossa comunidade. É preciso que façam minha vontade sem hesitações. Não posso me permitir o escândalo de uma separação.

Por fim, dirigiu o olhar para ela e Iridal soube que conhecia seus planos, que conhecia os segredos de seu coração.

— Não pode me deter! — gritou. — Os feitiços que faço são poderosos, pois sou perita em magia, tão perita quanto você, marido, que dedicou toda sua vida a sua arrogante ambição. Eu proclamarei sua maldade ao mundo! Então não o seguirão, mas se levantarão para destruí-lo!

— Tem razão, querida, não posso detê-la. Mas talvez queira discutir este assunto com seu pai...

Marcando com o dedo o ponto do livro onde estava lendo, Sinistrad levantou a cabeça e fez um gesto com uma mão. Uma caixa de ébano se elevou da mesa onde se encontrava, flutuou no ar e foi pousar junto ao livro do feiticheiro. Abrindo-a com uma mão, tirou do interior um relicário que pendia de um cordão de veludo negro e o entregou a Iridal.

— O que é isso? — perguntou ela, olhando o relicário com suspeita.

— Um presente, querida. De um marido amante a sua amada esposa. — Seu

sorriso era uma faca que lhe atravessava o coração. — Abra-o.

Iridal agarrou o relicário com dedos tão transidos e torpes que esteve a ponto de derrubá-lo. No interior havia um retrato de seu pai.

— Tome cuidado para não rasgá-lo ou deixá-lo cair — comentou Sinistrad despreocupadamente, enquanto retomava sua leitura.

Iridal observou, horrorizada, que o retrato lhe devolveia o olhar com um ar suplicante em seus olhos vivos...

Alguns sons vindos do exterior despertaram Iridal de suas melancólicas meditações. Levantando-se da cadeira, aproximou-se da janela com passos fracos e instáveis. O dragão de Sinistrad flutuava entre as nuvens, cortando a névoa com sua cauda até convertê-la em finos farrapos que se pulverizavam até desaparecer. “Igual aos sonhos”, pensou Iridal. O dragão tinha atendido o chamado de Sinistrad e agora dava voltas e voltas em torno do castelo, aguardando seu amo. A besta era enorme, com a pele chapeada e reluzente, o corpo magro e sinuoso, colhos acesos e chamejantes. Não possuía asas, mas podia voar sem elas mais depressa que seus primos alados do Reino Médio.

Nervosos e imprevisíveis, estes dragões chamados de azougue, eram os mais inteligentes de sua espécie, só podiam ser controlados pelos magos mais poderosos. E, mesmo assim, o dragão sabia que estava submetido a um feitiço e travava uma constante batalha mental com o mago que o tinha encantado, obrigando-o a manter-se em guarda a todo instante. Iridal contemplou à besta da janela. O dragão estava em perpétuo movimento; em um momento enroscava-se até se transformar em uma gigantesca espiral cuja cabeça se elevava por cima da torre mais alta do castelo; no momento seguinte, desenrolava-se com a velocidade do raio até rodear com seu corpo comprido a base do castelo, envolta na névoa. Houve um tempo em que Iridal temia o dragão pois, se conseguisse se libertar de suas travas mágicas, podia matar a todos. Agora, não se importava mais.

Quando viu Sinistrad aparecer, Iridal se afastou involuntariamente da janela para que ele não a visse caso olhasse para cima. Entretanto, seu marido não fez o menor gesto de elevá-la a vista, concentrado em assuntos mais importantes. A nave elfa tinha sido avistada e nela viajava seu filho. Sinistrad e outros membros do Conselho deviam se reunir para executar os planos e preparativos finais. Por isso tinha decidido usar o dragão.

Como misteriarca da Sétima Casa, Sinistrad poderia ter se transportado mentalmente à sala do Conselho, dissolvendo seu corpo e materializando-o quando a mente chegasse ao seu destino. Tinha sido desse modo que viajara ao Reino Médio. Não obstante, tal façanha requeria um grande esforço e só impressionava se houvesse alguém presente para ver o mago se materializando, supostamente do nada. Era muito mais provável que os elfos se atemorizassem ante a visão de um dragão gigante que ante a exibição das técnicas mais refinadas e delicadas de magia mental.

Sinistrad montou o dragão, que tinha dado o nome de Gorgona, e a besta subiu ao ar até desaparecer da vista de Iridal. O feitiçeiro não olhou para trás uma só vez. Por que iria fazer isso? Não tinha medo que sua esposa tentasse fugir. Agora não. No castelo não havia sentinelas, nem servos que a espiassem para informar seus movimentos ao seu

amo. Sinistrad não tinha necessidade deles, até poderia encontrá-los. Iridal era sua própria guardiã, presa no castelo por sua própria vergonha, cativa de seu próprio terror.

Sua mão se fechou em torno do relicário. O retrato no interior já não vivia. Seu pai havia morrido fazia alguns anos. Com a alma presa por Sinistrad, o corpo murchou. Apesar disso, cada vez que Iridal contemplava a imagem do rosto de seu pai, ainda podia ver pena em seus olhos.

O castelo estava vazio e silencioso, quase tanto como seu coração. Tinha que se vestir, pensou com tristeza enquanto despia a camisa de dormir que ultimamente usava quase o tempo todo, pois os sonhos eram sua única fuga.

Voltando as costas à janela, viu-se no espelho em frente. Vinte e seis anos, e parecia ter vivido uma centena... Seus cabelos, que um dia tinham sido da cor dos morangos banhados em mel dourado, eram agora brancos como as nuvens que passavam em frente a janela. Iridal pegou uma escova e iniciou uma desinteressada tentativa de desembaraçar o cabelo.

Seu filho estava chegando e devia causar uma boa impressão. Do contrário, Sinistrad se aborreceria.

CAPÍTULO 45



NOVA ESPERANÇA, REINO SUPERIOR

Veloz como o vento, o dragão conduziu Sinistrad a Nova Esperança, a capital do Reino Superior. O misteriarca gostava de utilizar o dragão para impressionar sua própria gente. Nenhum outro mago tinha conseguido exercer domínio sobre o muito inteligente e perigoso animal e não seria demais, naquele momento de crise, lembrá-los de novo por que o tinham escolhido como líder.

Quando chegou a Nova Esperança, Sinistrad se surpreendeu com o que já efeturara o encantamento: reluzentes cristais, torres muito altas, passeios ladeados por árvores... Quase não reconheceu a cidade. Dois colegas misteriarcas o esperavam à porta da sala do Conselho e pareciam muito orgulhosos de si mesmos, mas também tremendamente fatigados.

Ao desmontar, Sinistrad os deixou contemplar sua montaria; depois, soltou à besta e ordenou que não se afastasse e aguardasse sua chamada.

O dragão abriu a boca, armada de grandes presas, e soltou um grunhido com os olhos chamejantes de ódio. Sinistrad voltou as costas à besta.

— Sinistrad, um dia esse dragão vai quebrar o feitiço que o prende e nenhum de nós estará seguro. Capturá-lo foi um erro... — comentou um dos feiúceiros, um misteriarca de idade avançada, olhando de esguelha para o dragão de azougue.

— Tem pouca fé em meu poder? — replicou Sinistrad com voz suave.

O ancião não disse nada, mas olhou para seu companheiro. Ao perceber o troca de olhares, Sinistrad supôs, acertadamente, que os dois bruxos estavam falando dele antes que chegasse.

— O que aconteceu? — Exigiu saber. — Sejamos diretos entre nós. Sempre insisti nisso, não é?

— Sim, é certo. Sempre nos esfrega no nariz sua sinceridade! — resmungou o ancião.

— Vamos, Baltasar, você me conhece perfeitamente. Sabia como era quando votou em mim como líder. Sabia que sou desumano e que não permitiria que nada se

interpusesse em meu caminho. Alguns me chamaram de perverso então. Agora insistem nisso e é um qualificativo que não desminto. Entretanto, eu fui o único entre nós com visão. Fui eu quem urdiu o plano para salvar nosso povo, não é?

Os misteriarcas olharam para Sinistrad, trocaram um novo olhar e afastaram os olhos, um para a formosa cidade e o outro para o dragão de azougue que desaparecia no céu.

— Sim, é certo — respondeu um deles.

— Não tínhamos opção — acrescentou o outro.

— Não é um comentário muito lisonjeiro, mas posso passar sem adulações. E, falando nisso, devo dizer que fizeram um excelente trabalho. — Sinistrad inspecionou com olho crítico os capitéis, os passeios e as árvores. Erguendo a mão, tocou a porta do edifício em frente ao qual se encontravam. — Tanto, que não estava muito seguro de que isto não fazia também parte do feitiço. Quase tive medo de entrar!

Um dos misteriarcas ensaiou um triste sorriso ao seu tímido indício de humor. O outro, o ancião, franziu o cenho, deu meia volta e se afastou. Sinistrad recolheu a capa em torno de si e seguiu seus colegas. Subiram a escada de mármore e cruzaram os deslumbrantes corredores de cristal do Conselho de Feiticeiros.

Dentro da sala estavam reunidos cerca de cinquenta bruxos que conversavam entre si com vozes graves e solenes. Homens e mulheres vestiam túnicas similares a de Sinistrad em confecção e desenho, embora em uma ampla gama de cores, cada um dos quais indicava a dedicação particular do bruxo que a vestia: verde para a terra, azul marinho para a água, vermelho para o fogo (ou magia da mente), azul celeste para o ar. Uns poucos, entre eles Sinistrad, vestiam o negro que representava a disciplina; uma disciplina férrea, que não admitia nenhuma fraqueza. Quando penetrou na sala, os presentes, que estavam conversando com vozes contidas mas excitadas, guardaram silêncio. Todos fizeram uma reverência e se afastaram, formando um corredor pelo qual Sinistrad avançou.

Distribuindo olhares a um lado e outro, saudando os amigos e tomando nota da presença de seus inimigos, Sinistrad avançou sem pressa pelo grande salão. Construída em mármore, a sala do Conselho estava nua, vazia e sem adornos. Não havia tapeçarias que alegrassem suas paredes, nem estátuas que adornassem a entrada, nem janelas que permitissem a passagem da luz, nem magia que dissipasse a penumbra. As mansões dos misteriarcas no Reino Médio tinham tido fama em todo mundo de ser as criações humanas mais maravilhosas. Recordando a beleza de onde provinham, a austeridade e a aridez da sala do Conselho no Reino Superior produzia calafrios aos feiticeiros. Com as mãos guardadas nas mangas de suas túnicas, todos se mantinham separados das paredes e pareciam evitar que seus olhos se fixassem em outra coisa que em seus colegas e em seu líder, Sinistrad.

Este era o mais jovem dos reunidos. Todos os misteriarcas presentes recordavam quando tinha ingressado no Conselho, sendo um jovem bem dotado, com propensão a mostrar-se queixoso e servil. Seus pais estavam entre os primeiros exilados a sucumbir lá em cima, deixando-o órfão. Outros tiveram piedade do rapaz, embora não em excesso pois, afinal, havia muitos na mesma situação naquela época. Concentrados em seus próprios problemas, que eram enormes, ninguém tinha prestado muita atenção ao jovem bruxo.

Os feiticeiros humanos tinham sua própria versão da história, desfigurada —

como qualquer outra raça — por sua própria perspectiva. Depois da Separação, os sartan tinham conduzido as pessoas até ali, àquele reino sob a cúpula mágica (e não ao primeiro Aristagon, como teria explicado um elfo). Os humanos, e especialmente os bruxos, dedicaram-se em um esforço tremendo para tornar aquele reino não só habitável, mas também formoso. Achavam que os sartan demoravam muito a lhes ajudar, e estavam sempre ausentes devido a algum assunto “importante”.

Nas poucas vezes em que os sartan estavam presentes, ajudavam no trabalho utilizando sua magia de runas. Assim foram criados aqueles edifícios fabulosos, e assim a cúpula foi reforçada. A coralita produzia frutos e a água era abundante. Mas os feiticeiros humanos não se sentiram muito agradecidos, pois tinham inveja dos sartan e cobiciavam a magia das runas.

Chegou o dia em que os sartan anunciaram que o Reino Médio estava preparado para ser habitado. Humanos e elfos foram transferidos para Aristagon, enquanto que os sartan ficariam no Reino Superior. Como razão para a transferência, os sartan disseram que a terra sob a cúpula estava muito povoada, mas os feiticeiros humanos consideraram que os sartan os expulsavam porque estavam aprendendo muito sobre a magia das runas.

Passou o tempo e os elfos se tornaram fortes e se uniram sob a direção de seus poderosos bruxos, enquanto os humanos se transformavam em bárbaros piratas. Os feiticeiros humanos observaram a ascensão dos elfos com desdém por fora, e com temor por dentro.

— Se possuíssemos a magia das runas, poderíamos destruir esses elfos! — pensaram.

Assim, em vez de ajudar seu povo, começaram a concentrar sua magia na busca de um modo de retornar ao Reino Superior. Por fim o encontraram e um grande contingente dos bruxos mais poderosos, os misteriarcas, subiu ao Reino Superior para desafiar os sartan e recuperar a terra que tinham chegado a considerar legitimamente deles.

Os humanos deram a este episódio o nome da guerra da Ascensão, embora tenha tido pouco de guerra. Uma manhã, ao despertar, os misteriarcas descobriram que os sartan partiram, deixando abandonadas suas cidades e suas casas vazias. Mas quando os bruxos retornaram vitoriosos junto para seu povo, encontraram o Reino Médio perdido no caos e esmigalhado pela guerra. Assim, viram-se obrigados a lutar para sobreviver, sem poder utilizar a magia para transportar sua gente à terra prometida.

Por fim, depois de anos de sofrimentos, os misteriarcas conseguiram abandonar o Reino Médio e alcançar à terra que suas lendas diziam ser bela, fértil, segura e acolhedora. Ali, do mesmo modo, esperavam descobrir por fim os segredos das runas. Tudo parecia um sonho maravilhoso, mas logo se transformaria em um pesadelo.

As runas retiveram seus segredos e os misteriarcas descobriram com horror quanto da beleza e abundância da terra dependia daqueles signos mágicos. Obtinham colheitas, mas não suficientes para alimentar o povo. A fome açoitou a terra. A água se tornou mais e mais escassa, e cada família tinha que investir quantidades imensas de magia para produzi-la. Séculos de endogamia tinham enfraquecido os feiticeiros e a continuação de tal prática naquele reino fechado produziu terríveis doenças genéticas que não podiam ser curadas com magia. As crianças que as apresentavam morriam e, finalmente, escassearam os nascimentos. E o mais terrível de tudo foi a constatação, por

parte dos misteriarcas, que a magia da cúpula estava perdendo a força.

Teriam que abandonar aquele reino, mas como poderiam fazer isso sem reconhecer seu fracasso, sua fraqueza? Um deles teve uma ideia. Um deles lhes disse como podiam conseguir. Estavam desesperados, e deram ouvidos a sua proposta.

A medida que passou o tempo e Sinistrad progrediu em seus estudos mágicos, ultrapassando em poder a muitos dos anciões, deixou de mostrar-se servil e começou a fazer alarde de suas faculdades. Os anciões se aborreceram quando decidiu mudar seu nome para Sinistrad, mas não lhe deram importância naquele momento. No Reino Médio, um fanfarrão podia nomear-se de Bruto ou o Navalha ou qualquer outro apelido de rufião para impor um respeito que não tinha. O fato não tinha nada de extraordinário.

Assim como na mudança de nome, os misteriarcas tinham prestado pouca atenção em Sinistrad, embora houvesse alguns que elevaram sua voz, entre eles o pai de Iridal. Alguns tentaram demonstrar a seus colegas a arrogante ambição do jovem, sua crueldade, sua capacidade para manipular, mas as advertências não foram ouvidas. O pai de Iridal perdeu sua amada filha única nas mãos de Sinistrad, e perdeu a vida na mágica cativeiro do feiticeiro. A prisão em que se encontrava fora feita com tal habilidade que ninguém chegou a percebê-la. O velho bruxo perambulava pela terra, visitava seus amigos e executava suas tarefas. Se alguém comentava que parecia abatido e apático, todos atribuíam o fato à tristeza pelo casamento de sua filha. Ninguém sabia que a alma do velho estava prisioneira como um inseto em um recipiente de cristal.

Paciente, imperceptivelmente, o jovem feiticeiro foi urdindo sua rede sobre todos os feiticeiros sobreviventes do Reino Superior. Os filamentos eram virtualmente invisíveis, leves ao tato e apenas se notavam. Não tecia uma rede gigantesca que todos pudessem ver, mas enroscava com habilidade um fio em torno de um braço e travava um pé com outro, com tanta suavidade que suas vítimas não perceberam que estavam presos até o dia em se viram imobilizados.

Agora estavam presos, encurralados por seu próprio desespero. Sinistrad tinha razão: não havia outra opção. Tinham que confiar nele porque era o único preparado o bastante para projetar e executar uma estratégia para escapar de seu belo inferno.

Sinistrad chegou ao fundo da sala. Fez surgir do chão um pódio dourado, subiunele e se dirigiu a seus colegas.

— A nave elfa foi avistada. A bordo dela meu filho está chegando. Seguindo nossos planos, irei ao seu encontro e o conduzirei...

— Não permitimos que uma nave elfa entrasse na cúpula — protestou a voz de uma misteriarca. — Você falou de uma nave pequena, pilotada por seu filho e seu acompanhante.

— Fui obrigado a fazer uma mudança de planos — respondeu Sinistrad, torcendo os lábios em um sorriso fraco e desagradável. — A primeira nave foi atacada pelos elfos e caiu em Drevlin. Meu filho conseguiu se apropriar desse transporte elfo e submeteu seu capitão. Não há mais de trinta elfos a bordo e só um bruxo. Um bruxo muito fraco, é claro. Acho que podemos controlar a situação, não concordam?

— Sim, nos velhos tempos, qualquer um de nós poderia enfrentar os elfos, mas agora... — respondeu uma mulher, deixando a frase no ar enquanto sacudia a cabeça com um gesto de negatividade.

— Por isso utilizamos nossa magia para criar estas miragens. — Sinistrad fez um

gesto para o exterior do Conselho. — Sua mera visão os intimidará. Não nos darão nenhum problema.

— Por que não os encontra no Firmamento, pega seu filho e deixa que prossigam seu caminho? — sugeri o misteriarca ancião conhecido pelo nome de Baltasar.

— Porque precisamos da nave, velho decrepito e estúpido! — Resmungou Sinistrad, visivelmente irritado com a pergunta. — Com ela podemos transportar grande número dos nossos até o Reino Médio. Do contrário seríamos obrigados a esperar até poder encontrar naves ou encantar mais dragões.

— E o que vamos fazer com os elfos? — perguntou a mulher.

Todos olharam para Sinistrad. Conheciam a resposta tão bem como ele, mas queriam ouvi-la de seus lábios.

Sem a menor pausa, sem vacilações, o feiticeiro respondeu:

— Vamos matá-los.

O silêncio foi sonoro e eloquente. O ancião misteriarca sacudiu a cabeça.

— Não. Não posso participar de algo semelhante.

— Por que não, Baltasar? Você mesmo matou muitos elfos no Reino Médio.

— Estávamos em guerra então. Isto seria assassinato.

— A guerra é uma questão de “ou eles ou nós”. Pois bem, isto é uma guerra: é a vida deles ou a nossa!

Os misteriarcas que o rodeavam assentiram entre murmúrios, aparentemente concordando. Vários deles discutiram com o ancião, tentando convencê-lo a mudar de ideia.

— Sinistrad tem razão — diziam. — Isto é uma guerra! Entre nossas raças não pode existir outra coisa. Afinal — acrescentaram, — Sinistrad só pretende nos conduzir para casa.

— Tenho pena de vocês! — Insistiu Baltasar. — Tenho pena de todos vocês! — Se virou para Sinistrad e acrescentou: — Ele está os está guiando. Leva-os pela rédea como bezeros cevados. Quando chegar o momento, vai sacrificá-los para se alimentar de sua carne. Ora! Me deixem em paz! Prefiro morrer aqui em cima a ter de segui-lo ao Reino Médio.

O ancião feiticeiro se encaminhou para a porta.

“E isso é o que fará, idiota”, murmurou Sinistrad para si mesmo.

— Deixem-no sair — ordenou em voz alta quando alguns de seus colegas ameaçaram lançar-se atrás de Baltasar. — Exceto se houver mais alguém que prefira sair com ele...

O misteriarca varreu a sala com um olhar rápido e escrutinador, puxando os cabos de sua rede. Ninguém mais conseguiu libertar-se. Os que até então tinham se debatido para se soltar, achavam-se agora tão debilitados pelo medo que se sentiam dispostos e ansiosos por cumprir suas ordens.

— Muito bem. Trarei a nave elfa através da abóbada e conduzirei meu filho e seus companheiros ao meu castelo. — Sinistrad poderia ter contado que um dos acompanhantes do menino era um assassino experiente, um homem que podia derramar o sangue dos elfos com suas mãos, deixando os misteriarcas com as mãos limpas de sangue. Entretanto, o feiticeiro desejava endurecer seu povo, obrigá-lo a afundar mais e mais até que fizesse voluntária e incondicionalmente tudo que ele ordenasse. — Aqueles

que se apresentaram como voluntários para aprender a pilotar a nave elfa já sabem o que fazer. O resto deve se esforçar para manter o feitiço da cidade. Quando chegar o momento, darei o sinal e nos poremos em ação.

Contemplou os presentes, estudando um por um seus rostos pálidos e sombrios e ficou satisfeito.

— Nossos planos progridem bem. Melhor do que tínhamos previsto até. Com meu filho viajam vários indivíduos que podem ser úteis em aspectos que não tínhamos pensado. Um deles é um anão dos Reino Inferiores. Os elfos exploraram durante séculos os anões e é provável que possamos incitar esses geggs, como chamam a si mesmos, a lançar-se a guerra. O outro é um humano que afirma vir de um reino situado abaixo do Reino Inferior; um lugar que, até agora, nenhum de nós sabia que existisse. Esta notícia poderia ser de enorme valor para todos nós.

Produziram-se murmúrios de aprovação e assentimento.

— Meu filho traz informação sobre os reino humanos e sobre a revolução elfa, tudo isso será de grande utilidade quando começarmos a conquista. E, o mais importante, viu a grande máquina construída pelos sartan no Reino Inferior. Por fim teremos a oportunidade de descobrir o mistério da chamada Máquina Viva e empregá-la, também, em nosso proveito.

Sinistrad ergueu as mãos em uma bênção e acrescentou:

— Vão agora, meu povo. Vão todos e saibam que estão saindo para o mundo, logo todo Ariano será nosso!

Reunidos prorromperam em aplausos, em sua maior parte entusiasmados. Sinistrad desceu do pódio e este desapareceu, pois a magia devia ser cuidadosamente racionada e dedicada só ao essencial. Muitos o detiveram para felicitá-lo, fazer perguntas ou pedir elucidações sobre pequenos detalhes do plano de ação. Alguns perguntaram cortesmente por sua saúde, mas ninguém se interessou por sua esposa. Fazia dez anos que Iridal não assistia uma reunião do Conselho; quer dizer, desde o dia em que o Conselho de Bruxos tinha votado e aceitado o plano de Sinistrad de tomar seu filho e trocá-lo pelo príncipe humano. Na realidade, os membros do Conselho ficavam aliviados com o fato de Iridal não assistir as reuniões pois, apesar do tempo transcorrido, ainda seria difícil olhá-la nos olhos.

Sinistrad, consciente da necessidade de empreender viagem, sacudiu de cima os adutores que formavam redemoinhos a sua volta e saiu da sala do Conselho. Com uma ordem mental, chamou o dragão para perto da escada. Apesar de seu malévolo olhar de ódio, a besta suportou que o misteriarca montasse sobre seu lombo e o obrigasse a cumprir suas ordens. O dragão não tinha como desobedecer ao misteriarca, pois este o tinha enfeitado. Nisto, a besta era diferente dos magos apinhados na sombria soleira da sala do Conselho, pois eles se entregaram a Sinistrad por vontade própria.



O FIRMAMENTO

A nave dragão elfa pairava imóvel no ar frio e rarefeito. Uma vez alcançados os blocos de gelo flutuantes conhecidos como o Firmamento, parou, pois seus tripulantes não se atreviam a avançar. Pedacos de gelo dez vezes maiores que a nave se chocavam acima desta. Outros escolhos menores rodeavam os blocos de maior tamanho e o ar brilhava com milhares de gotas de água gelada. O reflexo do sol nos blocos de gelo era ofuscante. Todos se perguntavam que tamanho teria o Firmamento, até onde se estenderia. Ninguém, exceto os misteriarcas e os sardan, tinha ido tão alto e retornado para oferecer uma crônica de tal viagem. Os mapas se baseavam em conjecturas e, àquela altura, todos a bordo sabiam que não eram acertados. Ninguém sabia que os misteriarcas tinham atravessado o Firmamento para construir seu reino do outro lado.

— Uma barreira defensiva natural — comentou Hugh, olhando pela janela para contemplar com atenção o panorama de aterradora beleza. — Não é de estranhar que tenham mantido intactas suas riquezas durante tanto tempo.

— Como passaremos? — perguntou Bane, que tinha se posto nas pontas dos pés para espiar pela abertura.

— Não o faremos.

— Mas temos que passar! — A voz do menino foi um grito agudo. — Eu preciso chegar até meu pai!

— Garoto, se um só desses blocos nos tocar, mesmo que seja um pequeno, nossos corpos se transformarão em mais dessas estrelas que brilham no céu diurno. Será melhor que diga a seu pai que venha te buscar.

Bane adotou a expressão e desapareceu de suas bochechas o rubor da cólera.

— Obrigado pela sugestão, maese Hugh — disse fechando o punho em torno do amuleto — Farei isso. E me assegurarei de lhe contar tudo o que fez por mim, o que todos fizeram por mim. Todos. — Seu olhar percorreu a todos os expedicionários, desde Alfred até um Limbeck aniquilado pela beleza do que estava vendo, até o cão de Haplo. — Estou certo de que os recompensará... como merecem.

Cruzando o calabouço de extremo a extremo, Bane se deixou cair em um canto da

adega e, com os olhos fechados, começou aparentemente a comunicar-se com seu pai.

— Não gostei dessa pausa entre “recompensará” e “como merecem” — comentou Haplo. — O que impede esse feiticeiro de nos arrebatrar o menino e nos envolver em chamas?

— Nada, suponho — respondeu Hugh, — mas estou seguro de que quer algo, e não é só o menino. Senão, para que teria tanto trabalho?

— Sinto muito, mas não entendo.

— Alfred, venha aqui. Você nos contou que esse Sinistrad penetrou no castelo, trocou os bebês e partiu outra vez. Como conseguiu, se o guarda protegeia o lugar?

— Os misteriarcas possuem a faculdade de se transportar pelo ar. Triano explicou isso a Sua Majestade, o rei, mais ou menos assim: o feitiço se realiza enviando a mente a frente do corpo; uma vez que a mente está firmemente assentada em um lugar concreto, pode invocar o corpo para que se reúna a ela. O único requisito para quem realiza o feitiço é que deve ter visitado o lugar com antecedência, para que possa fazer uma imagem precisa do ponto a que se dirige. Os misteriarcas visitaram frequentemente o palácio real de Ulyandia, que é quase tão velho como o mundo.

— Mas Sinistrad não poderia, por exemplo, transportar-se ao Reino Inferior ou ao palácio dos elfos em Aristagon?

— Não, senhor, não poderia. Ao menos, mentalmente. Nenhum deles poderia fazê-lo. Os elfos sempre odiaram e temeram os misteriarcas e jamais os toleraram em seu reino. E tampouco poderiam transportar-se ao Reino Inferior porque nunca viajaram até ele. Deveriam recorrer a outro meio de transporte... Ah, entendi a que se referia!

— Droga! Primeiro, Sinistrad tentou trazer minha nave. Isso deu errado, mas agora tem esta. Se obtiver...

— Silêncio. Temos companhia — murmurou Haplo.

A porta do calabouço se abriu e o capitão Bothar'o entrou, flanqueado por dois membros da tripulação.

— Você — disse apontando para Hugh, — venha comigo.

Hugh deu de ombros e obedeceu, alegrando-se com a oportunidade de ver o que acontecia acima. A porta se fechou atrás deles, o sentinela passou o ferrolho e Hugh seguiu o elfo escada acima até a cobertura superior. Até estar na ponte não percebeu a presença do cão de Haplo trotando colado a seus calcanhares.

— De onde você saiu? — perguntou o capitão, olhando para o animal com irritação. O cão elevou para ele os olhos pardos resplandecentes, meneando a cauda e com a língua pendurada.

— Não sei. Deve ter me seguido, suponho.

— Oficial, tire esse animal da ponte. Devolva-o a seu dono e diga-lhe que o vigie ou o jogarei pela amurada.

— Sim, senhor.

O oficial se agachou para agarrar o cão, mas a atitude do animal mudou no mesmo instante. Baixou as orelhas e parou de menear a cauda para iniciar um lento e ameaçador movimento de lado a lado. Seus maxilares se abriram em uma careta feroz e um rosnado surgiu de seu peito.

“Se gosta dos seus dedos”, parecia dizer ao oficial, “é melhor se afastar”.

O oficial seguiu o conselho do cão. Colocando as mãos nas costas, olhou para

seu capitão, temeroso e dúbio.

— Cão... — chamou Hugh. O animal ergueu ligeiramente as orelhas e olhou para ele, sem perder de vista por um instante o oficial mas dando a entender a Hugh que o considerava um amigo.

— Aqui, cão — ordenou Hugh, estalando os dedos.

O cão virou a cabeça, como se lhe perguntasse se estava certo daquilo. Hugh estalou de novo os dedos e o cão, com um sorriso zombeteiro para o desventurado elfo, avançou até Hugh, que lhe deu uns tapinhas. O animal se deitou a seus pés.

— Não fará nada. Eu o vigio.

— Capitão, o dragão se aproxima — informou um vigia.

— Um dragão? — Hugh olhou para o elfo.

Como resposta, o capitão Bothar'o apontou em uma direção.

Hugh se aproximou da janela e olhou. Abrindo caminho pelo firmamento, o dragão era visível apenas como um rio de prata que fluía entre os blocos de gelo. Um rio de prata com dois olhos encarnados, chamejantes.

— Conhece essa espécie, humano?

— Sim. É um dragão de azougue — Hugh fez uma pausa até recordar a palavra elfa. — Silindistani.

— Não podemos superá-lo em velocidade — comentou Bothar'o. — Veja como é rápido! Teremos que combater.

— Creio que não — replicou Hugh. — Mas suponho que vamos conhecer o pai do menino.

Os elfos sentem um profundo desagrado e uma grande desconfiança dos dragões. A magia dos feiticeiros elfos não podia controlá-los e a consciência de que os humanos podiam era como a pontada constante de um molar cariado na boca dos elfos. Os tripulantes da nave estavam nervosos e incomodados com a presença do dragão de azougue que girava, retorcia e serpenteava com seu comprido corpo reluzente em torno da nave. Os elfos voltavam a cabeça constantemente para observar os movimentos da criatura, ou saltavam de alarme quando a testa do dragão surgia em um lugar que dois segundos antes estava vazio. Estas reações nervosas pareciam divertir o misteriarca, que se achava na ponte. Embora o feiticeiro fosse pura amabilidade, Hugh viu o brilho sob suas pálpebras sem pestanas e o leve sorriso que aparecia de vez em quando em seus lábios finos e exangues.

— Estou em dívida eterna, capitão Bothar'o — declarou Sinistrad. — Meu filho significa mais para mim que todos os tesouros do Reino Superior. — Olhando para o menino, que lhe agarrava sua mão e o olhava com evidente admiração, o sorriso do Sinistrad se alargou.

— Fico feliz de ter sido útil. Como explicou o menino, agora somos considerados foragidos por nossa própria gente. Temos que encontrar as forças rebeldes para nos unir a elas. Seu filho nos prometeu uma recompensa...

— Ah, sim! Você a receberão em abundância, asseguro-lhes. E têm que visitar nosso reino encantador e conhecer nosso povo. Temos tão poucos convidados, que chegamos a nos cansar uns dos outros. Não que incentivemos as visitas — acrescentou Sinistrad com delicadeza, — mas esta é uma ocasião especial.

Hugh olhou para Haplo, que tinha sido levado à ponte com os outros “convidados” depois da chegada de Sinistrad. Hugh gostaria muito de saber o que

Haplo pensava de tudo aquilo. Não podiam falar, é obvio, mas com apenas um erguer de sobranceira ou com uma piscada apressada, Hugh saberia que Haplo tampouco acreditava naquela conversa adocicada. Mas Haplo olhava para Sinistrad com tal fixidez que qualquer pessoa imaginaria que contava os poros do largo nariz do misteriarca.

— Não arriscarei minha nave voando através disso — respondeu o capitão Bothar'lo apontando para o Firmamento com um gesto de cabeça. — Nos dê o que trouxe — o olhar do elfo se fixou em várias joias refinadas que adornavam os dedos do misteriarca — e retornaremos para nosso reino.

Hugh poderia ter dito ao elfo que estava gastando saliva, pois Sinistrad não permitiria sob nenhuma circunstância que aquela nave escapasse de suas mãos cobertas de rubis e diamantes.

Não o fez.

— A viagem pode ser um pouco complicada, mas não é impossível e, certamente, tampouco perigosa. Eu serei seu guia e os guiarei por um caminho seguro através do Firmamento. — Olhou para a ponte e acrescentou: — Sem dúvida, não negará à tripulação a possibilidade de contemplar as maravilhas de nosso reino, não é?

A riqueza e o esplendor lendários do Reino Superior, transformados em realidade graças à visão das joias que o feiticeiro luzia com tão despreocupada graça, avivaram uma chama que consumiu o temor e a prudência dos tripulantes. Ao perceber isso Hugh sentiu pena do capitão elfo, que sabia que estava se enroscando em uma teia, mas não podia fazer nada para evitar. Se desse a ordem para abandonar o lugar e retornar para casa, seria ele sozinho quem voltaria... e da pior maneira, de barriga para baixo através de menkas e menkas de céu vazio.

— Está bem — assentiu Bothar'lo com displicência. Os vivos da tripulação se apagaram sob o olhar furioso do capitão.

— Posso montar no dragão, pai? — perguntou Bane.

— Claro, filho. — Sinistrad passou a mão pelo cabelo dourado do menino. — E agora, embora eu gostasse de ficar e conversar com todos vocês, em especial com meu novo amigo Limbeck... — Sinistrad dedicou uma reverência ao geg, que inclinou levemente a cabeça em resposta, — minha esposa aguarda com grande impaciência para ver o filho. Mulheres! Que deliciosas criaturas! — Virou-se para o capitão e acrescentou: — Nunca pilotei uma nave, mas creio que o maior problema que podem encontrar na travessia do Firmamento será a formação de gelo nas asas. Entretanto, estou certo de que este experiente e capaz colega — saudou com outra reverência o bruxo de bordo, que lhe devolveu a cortesia com respeito, e também com certa precaução, — saberá evitá-lo.

Sinistrad passou o braço em torno dos ombros do seu filho e se dispôs a partir, utilizando a magia para transportar o menino pela curta distância de volta ao dragão. Os corpos de pai e filho desapareceram quase por completo quando o misteriarca parou e cravou um olhar de aço nos olhos do capitão. — Siga o caminho do dragão — murmurou. — Exatamente.

Depois disto, desapareceu.

— Então, o que acha dele? — Perguntou Hugh a Haplo em um murmúrio enquanto ambos os homens, o cão, Alfred e Limbeck, eram conduzidos de volta ao calabouço.

— Do feiticeiro?

— De quem mais?

— Ah! É poderoso — afirmou Haplo, encolhendo de ombros. — Mas não tanto como esperava.

Hugh soltou um grunhido, pois tinha achado Sinistrad intimidador.

— E o que esperava encontrar, um sartan?

Haplo estudou Hugh intensamente e compreendeu que era uma brincadeira.

— Sim — respondeu com um sorriso.

CAPÍTULO 47



O FIRMAMENTO

A Carfa'shon avançou entre os blocos de gelo, deixando a sua passagem uma esteira de cristais brilhantes que formavam redemoinhos e cintilavam. O frio era intenso. O bruxo de bordo se viu obrigado a retirar o calor mágico das zonas de trabalho e de descanso da nave e utilizá-lo para manter cabos, asas e casco livres do gelo que caía sobre eles com um estalo continuado que, nas palavras de Limbeck, soava como um milhão de ervilhas secas.

Haplo, Limbeck, Alfred e Hugh se juntaram em torno do pequeno braseiro da adega para se aquecer. O cão se enroscou a seus pés, com o focinho sob a cauda de densa pelagem, e dormia profundamente. Nenhum dos quatro dizia uma palavra. Limbeck estava muito assombrado com as coisas que tinha contemplado e as que esperava presenciar. Quanto a Haplo, ninguém podia saber o que lhe passava pela cabeça.

Hugh estava pensando em suas opções: “O assassinato está descartado. Nenhum assassino que valha sua adaga aceitaria o trabalho de matar um feiticeiro, e muito menos um misteriarca. Esse Sinistrad é poderoso. O que digo, poderoso? Esse homem é o poder em pessoa! Vibra com ele como um pára-raios sob uma tormenta. Ah! Se pudesse descobrir o que quer de mim, depois de tão pouco tempo que tentou me matar... por que, de repente, sou tão valioso?”

— Por que me fez trazer o Hugh, pai?

O dragão abria caminho entre os blocos de gelo movendo-se com incomum lentidão, pois Sinistrad retinha sua marcha para que a nave elfa pudesse segui-los. Aquele avanço calmo irritava o dragão, que além disso, teria adorado devorar aquelas criaturas de aroma delicioso que viajavam a bordo. Mas a besta sabia que não devia desafiar Sinistrad. Os dois tinham lutado muitas batalhas mágicas antes e a Gorgona sempre tinha perdido todas, por isso sentia pelo feiticeiro uma mescla de ódio e de rancoroso respeito.

— Talvez precise dele, filho. Afinal ele é um piloto.

— Mas se temos um: o capitão elfo.

— Meu querido menino, você tem muito que aprender, de modo que começarei a ensinar agora mesmo. Não confie nunca nos elfos. Embora sua inteligência seja igual a dos humanos, têm vidas mais longas e tendem a superá-los em sabedoria. Nos tempos antigos, os elfos constituíam uma raça nobre e os humanos, como gostam de afirmar esses elfos com ar de zombeteira superioridade, eram pouco mais que animais em comparação com eles. Entretanto, os feiticeiros elfos não podiam deixar de invejar seus equivalentes humanos. De fato, tinham ciúmes de sua magia.

— Mas eu vi como o feiticeiro apanhava a alma do elfo moribundo — interrompeu Bane em um sussurro, recordando a cena com assombro e temor.

— Sim — respondeu Sinistrad em tom de zombaria. — Assim é como pensavam nos enfrentar.

— Não compreendo, pai.

— É importante que o faça, filho, e logo, pois vamos ter que cuidar do bruxo elfo de bordo. Deixe-me descrever em quatro frases a natureza da magia. Antes da Separação, a magia espiritual e a física, como todos os outros elementos do mundo, estavam fundidas e presentes em todos os povos. Depois da Separação, o mundo ficou dividido em seus elementos (ao menos, assim narra as lendas sobre os sartan) e o mesmo aconteceu com a magia.

“Cada raça procura, de maneira natural, empregar o poder da magia para compensar suas deficiências. Assim, os elfos, que tendem por natureza para o espiritual, necessitavam da magia para melhorar seus poderes físicos e estudaram a arte de proporcionar facultades mágicas aos objetos físicos que podiam lhes ser de utilidade.

— Como a nave dragão?

— Sim, como a nave dragão. Os humanos, por sua vez, tinham mais capacidade para controlar o mundo físico, de modo que trataram de alcançar novos poderes através do espiritual. Assim, nosso maior talento passou a ser a capacidade de nos comunicar com os animais, de obrigar o vento a seguir nossa vontade ou de forçar às pedras a sair do chão. E, graças a nossa preocupação pelo espiritual, desenvolvemos a facultade da magia mental, a capacidade de exercitar nossa mente para alterar e controlar as leis físicas.

— Foi assim que pude voar?

— Sim. E, se fosse um elfo, teria morrido pois eles não possuem tal poder. Os elfos dedicam toda sua capacidade mágica nos objetos físicos e estudaram em profundidade a arte da manipulação mental. Um mago elfo com as mãos presas não pode fazer nada. Um feiticeiro humano nas mesmas circunstâncias só precisa concentrar-se e imaginar que seus punhos estão afinando e assim acontece, de modo que pode libertar-se das cordas.

— Pai! — Bane apontou, olhando para trás, — a nave parou.

— É verdade. — Sinistrad exalou um suspiro de impaciência e puxou as rédeas do dragão. — Esse mago de bordo não deve ter passado da Segunda Casa, se não é capaz de manter as asas livres de gelo melhor do que faz.

— E por isso temos dois pilotos. — Bane voltou o corpo sobre a cadeira do dragão para observar melhor a nave. Os tripulantes elfos foram obrigados a tomar tochas para desprender o gelo que se formara.

— Não por muito tempo — acrescentou Sinistrad.

Se o misteriarca queria utilizar a nave, precisaria de um piloto. Uma vez estabelecido este fato, Hugh tirou o cachimbo e começou a enchê-lo com sua minguante provisão de tabaco, enquanto pensava: “E agora ele tem dois pilotos, o elfo e eu. Talvez deseje nos manter em brasas, fazer com que nos enfrentemos. O ganhador sobrevive, o perdedor morre. Ou talvez não. Provavelmente Sinistrad não confia no elfo. Muito interessante. Não estou certo se devo avisar o pobre Bothar’o”.

Hugh acendeu o cachimbo e observou seus companheiros com os olhos cerrados. Limbeck. Por que Limbeck? E Haplo. Onde ele se encaixava?

— Filho, esse geg que você trouxe... É o líder de seu povo?

— Bom, quase isso — respondeu Bane, movendo-se inquieto. — Não foi culpa minha. Eu tentei trazer o seu rei, o que chamam supervisor chefe, mas...

— Supervisor chefe... — repetiu o misteriarca.

— ... mas esse outro homem quis que fosse Limbeck que nos acompanhasse, e assim se fez — continuou o menino, encolhendo os ombros.

— Que outro homem? Alfred?

— Não. Alfred, não — disse Bane em tom depreciativo. — O outro, o mais calado. O dono do cão.

Sinistrad dirigiu sua mente para a ponte da nave. Com efeito, recordava a presença de outro humano, mas não conseguia evocar seu aspecto, via apenas uma espécie de bruma cinza, indefinida. Devia ser o homem procedente do reino recém descoberto.

— Você deveria ter lhe lançado seu feitiço e convencê-lo de que queria o que você queria. Não tentou?

— É óbvio, pai! — respondeu Bane, avermelhando de indignação.

— Então, o que aconteceu?

— O encantamento não funcionou. — Bane abaixou a cabeça.

— O que? Será possível que Triano conseguiu realmente romper o feitiço? Ou por acaso esse homem possui um amuleto que...?

— Não, não possui nada exceto um cão. Eu não gosto dele e não queria que viesse conosco, mas não pude impedi-lo. Quando o envolvi com o feitiço, este não funcionou como faz com a maioria das pessoas. Todos os outros o absorvem como uma esponja. Nesse Haplo, a magia ricocheteou sem produzir nenhum efeito.

— Impossível. Deve ter algum amuleto oculto, ou foi coisa de sua imaginação.

— Não, pai. Não foi nenhuma das duas coisas.

— Ora! O que você sabe? Não é mais que um menino. Esse Limbeck é o líder de uma espécie de rebelião entre seu povo, não é?

Bane, ainda com a cabeça abaixada e com um gesto carrancudo nos lábios, negou-se a responder.

Sinistrad obrigou o dragão a parar. A nave avançava pesadamente atrás deles, roçando com a ponta das asas os blocos de gelo que podiam romper o casco em pedaços. Voltando-se na cadeira de montar, o misteriarca agarrou com uma mão o queixo de seu filho e o obrigou a levantar a cabeça. A pressão dos dedos era dolorosa e os olhos de Bane se encheram de lágrimas.

— Você responderá com prontidão a todas as perguntas que eu fizer. Obedecerá minhas ordens sem replicar nem protestar. Vá me tratar com respeito a todo o momento. Não o culpo de que não o faça agora, pois viveu entre pessoas que não faziam nada para impor esse respeito, que não eram merecedoras dele. Mas isto mudou. Agora está com seu pai. Não se esqueça disso nunca.

— Não — murmurou Bane.

— Não, o que? — A pressão dos dedos aumentou.

— Não, pai! — respondeu Bane.

Satisfeito, Sinistrad soltou o menino e o recompensou com uma ligeira careta em seus lábios finos e exangues. Voltando a cabeça, ordenou ao dragão que retomasse a marcha.

Os dedos do feiticeiro deixaram marcas brancas nas bochechas do menino e manchas avermelhadas em suas mandíbulas. Bane, calado e pensativo, passou a mão por elas tentando aliviar a dor. Não tinha derramado nenhuma lágrima e se obrigou a engolir as que tinha na garganta enquanto secava com um acelerado piscar as que estavam nos olhos.

— Agora, responda a minha pergunta. Esse Limbeck é o líder de uma rebelião, sim ou não?

— Sim, pai.

— Então, pode nos ser útil. Ao menos, nos proporcionará informação sobre a máquina.

— Eu fiz desenhos dessa máquina, pai.

— Mesmo? — Sinistrad voltou o olhar para ele. — Bons esboços? Não, não os pegue agora. O vento poderia levá-los. Vou estudá-los quando chegarmos em casa.

Hugh tragava lentamente o cachimbo, sentindo-se mais relaxado. Fossem quais fossem os planos do misteriarca, Limbeck proporcionaria informação e acesso ao Reino Inferior. Mas e Haplo? Qual era seu papel? A menos que os tivesse acompanhado por acaso. Não. Hugh observou com atenção o homem, que aporrinhava o cão dormindo fazendo cócegas no focinho com os cabelos da cauda. O cão espirrou, despertou, procurou com ar irritado a mosca que o estava incomodando e, ao não encontrá-la, voltou a dormir. Hugh lembrou seu encarceramento em Drevlin e o profundo sobressalto que tinha sentido ao ver Haplo de pé junto aos barrotes. Não, Hugh não podia imaginar Haplo fazendo algo por acaso. Assim, estava ali com algum propósito. Mas qual?

Hugh voltou o olhar para Alfred. O chambelan tinha a vista fixa no vazio e sua expressão era a de quem vive um pesadelo. O que lhe tinha acontecido no Reino Inferior? E por que estava ali, exceto se o menino quisesse que seu criado o acompanhasse? Mas Hugh lembrava muito bem que não tinha sido Bane quem tinha colocado Alfred a bordo. O chambelan se juntou à viagem por iniciativa própria. E ainda continuava com eles.

— E o que me diz de Alfred? — Perguntou Sinistrad. — Por que o trouxe?

O misteriarca e seu filho estavam se aproximando do limite do Firmamento. Os blocos de gelo se tornavam menores e a distância entre eles aumentava progressivamente. A sua frente, deslumbrante na distância e brilhando entre o gelo

como uma esmeralda incrustada entre diamantes, estava o que Sinistrad identificou como o Reino Superior. A suas costas, na distância, elevou-se uma gritaria discordante na nave elfa.

— Descobriu o plano do rei Stephen para me assassinar — respondeu Bane, — e veio ao meu encontro para me proteger

— Sabe algo mais, além disso?

— Sabe que sou seu filho e conhece a existência do encantamento.

— Todos os estúpidos sabem sobre isso. Por isso foi tão eficaz: porque todo mundo é deliciosamente consciente de sua própria impotência frente a ele. Alfred sabe que você manipulou seus pais e o idiota do Triano para que acreditassem que ele foram os responsáveis pela sua expulsão? Trouxe-o por isso?

— Não. Alfred veio porque não pôde evitar. Tem que estar sempre a meu lado. Não é o bastante esperto para fazer outra coisa.

— Será bom tê-lo por perto quando você retornar. Poderá confirmar sua história.

— Retornar? Retornar para onde? — Replicou Bane, agarrando-se a seu pai. — Vou ficar com você pai!

— Por que não descansa, agora? Não demoraremos para chegar em casa e quero que cause boa impressão a meus amigos.

— E a minha mãe? — Bane se acomodou na cadeira.

— Sim, claro. Agora, fique em silêncio. Estamos nos aproximando da cúpula e devo me comunicar com os que esperam para nos receber.

Bane descansou a cabeça nas costas de seu pai. Não tinha contado toda a verdade a respeito de Alfred. Restava aquele estranho incidente no bosque, quando uma árvore tinha caído em cima dele. Alfred tinha acreditado que ainda estava inconsciente, mas não estava. Bane não estava certo do que tinha acontecido, mas ali em cima descobriria. Talvez algum dia perguntasse ao seu pai, mas ainda não. Ao menos, até descobrir o que significava aquele “quando retornar”. Até então, guardaria para si o estranho comportamento de Alfred.

Bane se chegou ainda mais perto de Sinistrad.

Hugh esvaziou o tabaco do cachimbo e, envolvendo-o cuidadosamente com o pano, guardou-o em seu lugar junto ao peito. Desde o começo soubera que cometia um erro subindo até ali, mas não pudera evitar, pois o menino o tinha submetido a um encantamento. Portanto, resolveu não pensar mais sobre suas alternativas.

Não tinha nenhuma.

CAPÍTULO 48



NOVA ESPERANÇA, REINO SUPERIOR

Guiada pelo misteriarca e o dragão, a Carfa'shon cruzou a cúpula mágica que envolvia o Reino Superior. Elfos e humanos, assim como o geg, puseram a cabeça pelas janelas para admirar o mundo maravilhoso que tinham a seus pés. Deslumbrados por tão extraordinária beleza e assombrados ante a magnificência do que estavam vendo, cada um dos espectadores recordou a si mesmo com inquietação quão poderosos eram os seres que tinham criado tais maravilhas. Instantes depois, deixaram para trás o mundo de gelo brilhante e frio para entrar em uma terra verde aquecida pelo sol, com o céu brilhante de matizes coloridos.

Os elfos guardaram as capas de peles com as quais tinham combatido o frio extremo. O gelo que cobria a nave começou a derreter, escorregando pelo casco para cair em forma de chuva na terra sob seus pés.

Todos os tripulantes que não estavam diretamente encarregados da navegação contemplaram aquele reino encantado com olhos arregalados. O primeiro pensamento de quase todos foi que ali devia haver água em abundância, pois o solo estava coberto de frondosa vegetação, e árvores de grande porte e verde folhagem cobriam uma paisagem de colinas suaves. Aqui e ali, altas torres se elevavam no céu e largas estradas formavam uma rede nos vales e desapareciam sobre as serras.

Sinistrad voava a frente deles. O dragão avançava como um cometa no céu banhado pelo sol, fazendo que a esbelta nave parecesse, em comparação, tosca e desajeitada. A nave elfa seguiu sua esteira e diante dela, no horizonte, apareceu um grupo de torres terminadas em agulhas. Sinistrad dirigiu o dragão para lá e, quando a nave chegou mais perto, todos os seus ocupantes viram que se tratava de uma cidade gigantesca.

Certa vez, em seus tempos de escravo, Hugh tinha visitado a capital elfa de Aristagon, da qual seus habitantes se sentiam justamente orgulhosos. A beleza de seus edifícios, construídos com coralita modelada em formas artísticas por renomados artesãos elfos, é lendária. Entretanto, as joias de Tribos não eram mais que meros

cristais de imitação, em comparação com a cidade prodigiosa que se estendia a frente deles, brilhante como um punhado de pérolas espalhado sobre veludo verde, e salpicado aqui e ali com alguma safira, rubi ou diamante.

Um silêncio de profundo assombro, quase de temor reverencial, envolveu a nave elfa. Ninguém falava, como se temessem perturbar um sonho delicioso. Hugh tinha aprendido com os monges kir que a beleza é efêmera e que, no final, todas as obras do homem ficam reduzidas a pó. Em toda sua vida não tinha visto ainda nada que pudesse convencê-lo do contrário, mas agora começava a pensar que talvez estivesse errado. As lágrimas corriam pela face de Limbeck, o que o obrigava a tirar os óculos constantemente para secá-los e poder ver algo. Alfred parecia ter esquecido a tortura interior que estava sofrendo, fosse qual fosse, e admirava a cidade com uma expressão amortecida que quase poderia qualificar de melancolia.

Quanto a Haplo, se estava impressionado não demonstrou, exceto evidenciando um leve interesse enquanto chegava nas janelas com os outros. Depois de observar o homem com atenção, Hugh chegou a conclusão que o rosto de Haplo jamais demonstrava nada: nem medo, nem alegria, nem preocupação, nem júbilo, nem cólera, e, apesar disso, se o observasse melhor, em sua expressão havia indícios, quase cicatrizes, de emoções que tinham ficado profundamente marcadas. Só a vontade do homem tinha dissimulado sua existência, quase as tinha apagado, embora não totalmente. Não era estranho que lhe fizesse desejar levar a mão à espada; Hugh pensou que preferia um inimigo declarado a seu lado, que Haplo como amigo.

Sentado aos pés de Haplo e mostrando mais interesse de que evidenciava seu amo, o cão virou de repente a cabeça e coçou o flanco com os dentes, disposto ao que parecia a pôr fim a uma coceira persistente.

A nave elfa entrou na cidade e avançou lentamente sobre os largos passeios repletos de flores que abriam caminho entre altos edifícios. Ninguém sabia o que podia aparecer daqueles edifícios. Polidos e esbeltos, pareciam criados com pérolas, essas gemas que às vezes se encontram entre a coralita e que são escassas e apreciadas como gotas de água. Os elfos contiveram a respiração e se olharam uns para os outros pela extremidade de seus olhos amendoados. Apenas uma pedra angular daquelas pérolas, proporcionaria mais riqueza do que possuía o próprio rei. Hugh esfregou as mãos e sentiu que recuperava o ânimo. Se saísse com vida dali, sua fortuna estava assegurada.

Ao descer um pouco mais, perceberam rostos que se elevavam à seu passagem e os observavam com ar curioso. As ruas estavam repletas e Hugh estimou que a população da cidade devia somar muitos milhares de habitantes. Sinistrad guiou a nave até um enorme parque central e indicou, gesticulando, que deviam ancorar ali. Um grupo de feiticeiros se reuniu no lugar e os contemplava com o mesmo ar curioso. Embora nenhum dos magos tivesse visto um artefato mecânico como a nave, não demoraram para agarrar os cabos que os elfos jogavam pela amurada e prendê-los a diversas árvores. O capitão Bothar'o fez a nave dragão fechar as asas quase completamente, de modo que bastava um mínimo de magia para mantê-la flutuando.

Hugh e seus companheiros foram conduzidos à ponte, onde chegaram no mesmo momento em que Sinistrad e Bane apareciam, parecendo surgir do ar. O misteriarca efetuou uma respeitosa saudação ao capitão.

— Espero que a viagem não tenha sido muito difícil e sua nave não tenha sofrido danos importantes com o gelo.

— Pouca coisa, obrigado — replicou o capitão Bothar'ò, respondendo com outra reverência. — Sem dúvida, poderemos reparar os danos que possam ter acontecido.

— Meu povo terá muito prazer em lhes prover do material necessário: madeira, corda...

— Agradeço, mas não será necessário. Estamos habituados a nos arrumar com o que temos.

Era evidente que a beleza daquele reino e toda sua riqueza não tinham cegado Bothar'ò. Estavam em terra estranha, entre uma raça inimiga. Hugh cada vez mais simpaticizava com aquele elfo: não era preciso lhe avisar do perigo que corria.

Sinistrad não pareceu se ofender. Com um *ricus* sorridente nos lábios, acrescentou que esperava que a tripulação desembarcasse e aceitasse desfrutar dos prazeres da cidade e propôs que alguns de seus homens subissem a bordo para cuidar dos escravos.

— Obrigado. Talvez eu mesmo e algum de meus oficiais aceitemos seu convite mais tarde. No momento, temos trabalho a fazer. E não quero lançar sobre seus ombros a responsabilidade de nossos escravos.

Houve a impressão que Sinistrad, se as tivesse, teria levantado as sobrancelhas. O certo foi que as rugas de sua testa se elevaram ligeiramente, mas não disse nada e se limitou a inclinar a cabeça em gesto de assentimento. Seu sorriso se fez mais marcado e sinistro. “Se quisesse, poderia me apropriar da nave em um abrir e fechar de olhos”, dizia aquele sorriso.

O capitão Bothar'ò fez outra reverência e também sorriu.

O olhar do misteriarca abrangeu Hugh, Limbeck e Alfred. Pareceu que se detinha um pouco mais em Haplo e em seus olhos se fez visível a ligeira ruga de sua expressão pensativa. Haplo respondeu à inspeção com seu ar tranquilo e impassível, e a ruga desapareceu.

— Espero, capitão, que não se oponha a que conduza seus passageiros a minha esposa e que fiquem como convidados em minha casa. Estamos muito reconhecidos por salvar a vida de nosso único filho.

O capitão Bothar'ò respondeu que estava certo de que os passageiros adorariam escapar da monotonia da vida de bordo. Hugh, lendo as entrelinhas, adivinhou que o elfo se alegrava em livrar-se deles. Abriu a escotilha e tornou por ela uma escada. Hugh foi o último a abandonar a nave. Enquanto esperava junto à escotilha, observando a lenta e desajeitada descida dos outros, sobressaltou-se ao sentir um toque em seu braço.

Ao voltar-se, encontrou os olhos do capitão elfo.

— Sim — disse Bothar'ò, — já sei o que esse Sinistrad quer e farei o que puder para me assegurar de que não vai conseguir. Se retornar com dinheiro, tiraremos você daqui. Vamos esperar todo o tempo que pudermos. — O elfo torceu a boca em uma careta. — Espero ser recompensado conforme o prometido... de um modo ou de outro.

Um grito e um golpe surdo precedentes de abaixo anunciaram que Alfred, como de costume, tinha sofrido um contratempo. Hugh não disse nada: não havia nada a dizer. Tudo ficara entendido. Começou a descer pela escada. Outros já estavam no chão, onde Haplo e Limbeck atendiam um Alfred inconsciente e encolhido. Plantado ao lado de Haplo, e lambendo o rosto do paciente, estava o cão. Enquanto descia, Hugh se perguntou como teriam obtido o animal ou seu amo semelhante façanha, pois jamais tinha ouvido falar de um animal de quatro patas capaz de descer uma escada de corda. Entretanto, quando perguntou aos outros, ninguém parecia ter visto.

Um grupo de vinte misteriarcas, dez homens e dez mulheres, reuniram-se para recebê-los. Sinistrad os apresentou como misteragogos, professores das artes mágicas e legisladores da cidade. Suas idades pareciam variar, embora não houvesse nenhum tão jovem como Sinistrad. Dois deles, homem e mulher, eram anciões de rostos acartonados com numerosas rugas que quase lhes ocultavam os olhos, arditos e inteligentes e com uma sabedoria adquirida ao longo de quem sabia quantos ciclos. Outros eram de idade média, com rostos firmes e lisos e cabelos compridos, com apenas alguns fios grisalhos nas têmporas. Tinham um aspecto agradável e cortês, dando as boas-vindas a sua formosa cidade e com a intenção de lhes oferecer tudo que estivesse a sua mão para fazer sua estadia memorável.

Memorável. Hugh teve a sensação de que, ao menos, isso aconteceria. Caminhando entre os feiticeiros e enquanto se efetuavam as apresentações, Hugh escrutinou olhos que nunca cruzavam com os seus, viu rostos que poderiam estar esculpidos na mesma substância nacarada que os rodeava, vazios de qualquer outra expressão além de uma cortês e digna recepção. A sensação de perigo e inquietação cresceu dentro dele e ficou clara graças a um curioso incidente.

— Pergunto-me, meus amigos — disse Sinistrad, — se gostaria de dar um passeio por nossa cidade e contemplar suas maravilhas. Minha casa está a certa distância e talvez não tenham outra oportunidade de ver grande coisa de Nova Esperança antes de sua partida.

Todos assentiram e, depois de assegurar-se de que Alfred não estava ferido — salvo um galo na cabeça — seguiram Sinistrad pelo parque. Grande número de feiticeiros se reuniu na erva ou se sentou à sombra das árvores para vê-los passar, mas nenhum deles disse uma palavra, nem aos visitantes nem entre si. O silêncio produzia calafrios e Hugh pensou que preferia mil vezes o estrépito da Máquina Viva.

Quando chegaram ao meio-fio, ele e seus companheiros avançaram entre os deslumbrantes edifícios cujos capitéis se elevavam para o céu. Pórticos em arco abriam caminho a átrios frescos e sombrios. As janelas em arco deixavam entrever as fabulosas riquezas dos interiores.

— Essas construções da esquerda pertencem ao colégio das artes mágicas, onde nossos jovens aprendem. Do outro lado estão as moradias de estudantes e professores. O edifício mais alto é a sede do governo, onde se reúnem os membros do Conselho, os que acabaram de conhecer. Ah! Devo avisar uma coisa... — Sinistrad, que vinha caminhando com uma mão apoiada amorosamente no ombro de seu filho, virou-se para olhar para seus acompanhantes. — O material que utilizamos em nossos edifícios é de origem mágica e portanto não é... Como poderia dizer para que entendessem? Digamos que não é deste mundo. Portanto, seria uma boa ideia que vocês, pertencendo ao mundo, não o tocassem. Bem, o que estava dizendo?

Limbeck, sempre curioso, tinha erguido a mão para acariciar a pedra fina, nacarada. Escutou-se um gemido e o geg lançou um grito de dor e retirou as pontas dos dedos, chamuscadas.

— Ele não entende seu idioma! — disse Alfred, com um olhar de recriminação ao feiticeiro.

— Pois sugiro que alguém traduza — replicou Sinistrad. — A próxima vez, pode lhe custar a vida.

Limbeck contemplou com temeroso assombro os edifícios, chupando as pontas

dos dedos feridos. Alfred comunicou a advertência ao geg em voz baixa e continuaram sua marcha pela rua. As calçadas estavam repletas de gente que ia e vinha e todos paravam para olhá-los com curiosidade e em silêncio.

Alfred e Limbeck seguiam o passo de Bane e Sinistrad. Hugh também, até que percebeu que Haplo ficava atrás, caminhando lentamente para ajudar seu cão, que de repente se pôs a coxear de uma pata. Hugh parou para esperá-los, respondendo a um pedido silencioso. Demoraram muito em alcançá-lo, pois o animal vinha com evidentes dificuldades, e os outros se adiantaram bastante. Haplo parou e ajoelhou junto ao animal, concentrado ao que parecia na lesão. Hugh chegou junto a ele.

— Bom, o que acontece com o cão?

— Nada, na verdade. Queria mostrar algo. Toque a parede aí atrás.

— Está louco? Quer que queime os dedos?

— Faça-o — insistiu Haplo com seu sorriso calmo. O cão também sorriu para Hugh como se compartilhasse um segredo maravilhoso. — Não acontecerá nada.

Sentindo-se como um menino que não pode resistir a uma provocação embora saiba que só vai encontrar problemas, Hugh ergueu cautelosamente o braço para a parede brilhante. Encolheu-se, esperando a dor, quando seus dedos tocaram a superfície, mas não sentiu nada. Absolutamente nada! Sua mão atravessou por completo a pedra. O edifício não era mais sólido que uma nuvem!

— O que...?

— Uma ilusão — disse Haplo, dando tapinhas no flanco do cão. — Vamos, o feiticeiro nos procura. Um espinho na pata! — Gritou para Sinistrad. — Já o extraí. O cão ficará bem em seguida.

Sinistrad os observou com ar de suspeita, perguntando-se talvez onde o cão poderia pisar em um espinho em plena cidade. Entretanto, continuou adiante embora parecesse que seus elogios às maravilhas de Nova Esperança fossem um pouco forçados.

Hugh, desconcertado, deu uma ligeira cotovelada em Haplo.

— Por que?

Haplo deu de ombros.

— E há algo mais — disse em voz baixa, resmungando as palavras pelo canto dos lábios de modo que, se Sinistrad olhasse, não pareceria que estavam falando. — Olhe bem para essa gente que nos rodeia. São tipos taciturnos, isso posso assegurar. Preste atenção neles. Olhe-os bem.

Hugh obedeceu.

— É certo que há algo estranho neles — reconheceu. — Me parecem... — Fez uma pausa.

— Familiares?

— Sim, familiares. Como se já os tivesse visto antes. Mas é impossível...

— Não, não é... está vendo as mesmas vinte pessoas, repetidamente.

Naquele instante, quase como se os tivesse ouvido, Sinistrad pôs um final brusco a excursão turística.

— É hora de irmos para minha humilde morada — anunciou. — Minha esposa estará esperando.

CAPÍTULO 49



CASTELO SINISTRO, REINO SUPERIOR

O dragão os conduziu à mansão de Sinistrad. A viagem não foi longa. O castelo parecia flutuar em uma nuvem e, quando a bruma se abria, dominava uma vista da cidade de Nova Esperança que era espetacular, grandiosa e, para Hugh, perturbadora. Os edifícios, as pessoas... não eram mais que um sonho. E, se era assim, o sonho de quem? E por que eram convidados — não, forçados — a compartilhá-lo?

A primeira coisa que Hugh fez ao entrar no castelo foi olhar às escondidas para os muros. Percebeu que Haplo fazia o mesmo e trocaram um olhar de entendimento. O castelo, ao menos, era sólido. Era real.

E a mulher que descia a escada... era também?

— Ah! Aqui está você, querida. Pensei que a encontraria na entrada, aguardando impaciente para receber nosso filho.

O vestibulo do castelo era enorme e seu traço dominante era uma soberba escada cujos degraus de mármore eram tão largos que um dragão de guerra com as asas completamente estendidas poderia ter subido por eles, sem que suas pontas tocassem as paredes. Os muros interiores eram da mesma opala nacarada e fina ao tato que as paredes do exterior e brilhavam mortiços sob a luz de um sol que luzia fracamente entre os farrapos de névoa que envolviam o castelo. Peças de mobiliário estranhas e valiosas — robustas arcas de madeira, cadeiras de respaldo alto ricamente esculpidas — adornavam o vestibulo. Velhas armaduras humanas de metais preciosos, com incrustações de prata e ouro, montavam guarda em silêncio. Um grosso e suave tapete de lã tecida cobria os degraus.

Quando Sinistrad chamou a atenção sobre sua presença, o grupo percebeu na metade da escada uma mulher, diminuída pelo enorme tamanho do cenário. Estava imóvel, contemplando seu filho. Bane se manteve muito perto de Sinistrad, com sua mão firmemente agarrada a do feiticeiro. A mulher levou uma mão ao colar que luzia na garganta e o apertou entre seus dedos. Com a outra mão, apoiou-se pesadamente no corrimão. Hugh percebeu que aquela mulher não se deteve na escada para realizar uma

grande entrada, para atrair todos os olhares; teve-se porque não podia dar um passo mais.

Hugh se perguntou, durante alguns segundos, que tipo de mulher era a mãe de Bane. Que mulher participaria de uma troca de bebês? Hugh tinha acreditado saber e não teria ficado surpreso ao ver alguém tão traiçoeiro e ambicioso como seu pai. Agora, vendo-a ali, percebeu que ela não era cúmplice da troca, mas uma vítima dela.

— Querida, cresceram-lhe raízes para que não se mova? — Sinistrad parecia aborrecido. — Por que não fala? Nossos convidados...

A mulher estava a ponto de desmaiar e, sem parar para pensar no que fazia, Hugh correu escada acima e tomou-a nos braços no instante em que desfalecia.

— Essa é minha mãe... — murmurou Bane.

— Sim, meu filho — respondeu Sinistrad. — Senhores, minha esposa, Iridal — acrescentou, apontando com gesto indiferente o corpo imóvel. — Devem desculpá-la, pois é um ser fraco, muito fraco. E agora, se quiserem me seguir, mostrarei seus aposentos. Estou certo de que desejarão descansar de sua fatigante viagem.

— O que ela tem... sua esposa? — perguntou Hugh enquanto cheirava a fragrância da lavanda.

— Leve-a a seu quarto — respondeu Sinistrad, dedicando um olhar de indiferença à mulher. — Fica no alto da escada, junto ao balcão. A segunda porta à esquerda.

— Devo chamar os criados para que cuidem dela?

— Não temos criados. Eu os acho... um incômodo. Iridal terá que cuidar de si mesma. Como todos vocês, temo dizer.

Sem se virar para olhar se seus hóspedes os seguiam, Sinistrad e Bane dobraram à direita e penetraram por uma porta que surgiu, ao que parecia sob ordem do misteriarca, no meio da parede. Mas os outros não avançaram em seguida atrás deles: Haplo contemplava ociosamente a sala, Alfred parecia indeciso entre seguir seu príncipe ou atender a pobre mulher que Hugh tinha nos braços, e Limbeck contemplava com olhos saltados e assustados a porta que tinha materializado em plena rocha e não parava de esfregar as orelhas, sentindo saudade talvez de apitos, batidas e estampidos que rompessem aquele silêncio opressivo.

— Sugiro que me sigam, cavalheiros, pois nunca encontrariam o caminho sem ajuda. Neste castelo só temos alguns aposentos fixos; o resto aparece ou desaparece quando necessitamos deles. Eu não gosto do esbanjamento, entendem?

Os outros, um pouco desconcertados com essas palavras, cruzaram a porta atrás dele, Limbeck se deteve até que Alfred o obrigou a avançar com um suave empurrão. Hugh se perguntou onde estaria o cão e, ao baixar a vista, encontrou-o junto a seus pés.

— Afaste-se! — exclamou Hugh, afastando o animal com a ponta da bota. O cão se esquivou e ficou quieto na escada observando-o com interesse, inclinando a cabeça e com as orelhas rígidas.

A mulher que sustentava nos braços se agitou levemente e emitiu um gemido. Vendo que não ia contar com a colaboração de seus companheiros, Hugh se virou e levou a mulher escada acima. A subida até o balcão era longa, mas a carga que levava era leve, muito leve.

Hugh transportou Iridal para suas dependências, que encontrou sem dificuldade graças à porta entreaberta e ao leve aroma da mesma fragrância doce que envolvia seu

corpo. Dentro havia um pequeno salão, seguido de um vestíbulo e, por último, um quarto. Ao cruzar os cômodos sucessivos, Hugh reparou com surpresa em que estavam quase vazios de mobiliário; escasseavam os objetos decorativos e os poucos que havia à vista estavam cobertos de pó. A atmosfera daquelas câmaras privadas era erma e gelada, muito diferente do quente luxo do vestíbulo principal.

Hugh depositou Iridal com suavidade sobre um leito coberto de lençóis da malha mais fina, rematadas em bordados. Jogou um cobertor de seda sobre o corpo magro da mulher e ficou olhando-a.

Era mais jovem do que tinha acreditado ao vê-la. Tinha o cabelo grisalho mas denso e tão fino como o fio de uma gaze. Em repouso, suas feições eram doces, moldadas com delicadeza e sem rugas. E sua pele era pálida, terrivelmente pálida.

Antes que Hugh pudesse segurar o cão, ele correu entre suas pernas e deu uma lambida na mão da mulher, que estava caída de um lado do leito. Iridal se moveu e despertou. Abriu os olhos com uma piscada, olhou para Hugh e suas feições se contraíram em uma careta de medo.

— Saia daqui! — Sussurraram seus lábios. — Tem que partir em seguida!

... O som dos cânticos saudava o sol na amanhã gelada. Era a canção dos monges de túnicas negras que desciam para o povoado, afugentando às outras aves carniceiras:

*A cada menino que nasce,
morremos em nossos corações,
negra verdade, a que aprendemos:
que a morte volta sempre.
Com... com... com...*

Hugh e outros meninos caminhavam atrás dele, tiritando de frio sob suas finas roupas, com os pés descalços e transidos avançando aos tropiões sobre o solo gelado. Todos esperavam ansiosamente o calor das terríveis fogueiras que logo arderiam no povoado.

Não havia um ser vivente à vista; só os mortos estendidos nas ruas, onde seus parentes tinham jogado os corpos infestados com a peste, para esconderem-se imediatamente ante a chegada dos kir. Em alguns lugares, entretanto, havia cestos de comida ou até mesmo uma jarra de água, ainda mais apreciada, como pagamento do pão pelos serviços prestados.

Os monges estavam acostumados aquilo e se concentraram em seu tétrico trabalho de recolher os corpos e transportá-los a grande zona aberta onde os órfãos a seu cuidado já estavam empilhando o carcristal. Outros moços, entre eles Hugh, percorriam a rua recolhendo as oferendas que mais tarde levariam ao monastério. Ao chegar em frente a uma porta, um som o fez parar no momento em que tirava um pedaço de pão de uma cesta. Hugh entrou na casa.

— Mamãe — dizia um menino, dando alguns passos para uma mulher que jazia na cama. — Estou com fome, mamãe. Por que não levanta? É hora de tomar o café da manhã.

— Esta manhã não posso me levantar, querido. — A voz da mãe, embora doce, pareceu ser estranha ao menino, pois este se assustou. — Não, não, querido. Não se

aproxime. Eu o proíbo. — Exalou um suspiro e Hugh percebeu que seus pulmões assobiavam. Tinha o rosto tão pálido como o dos cadáveres deixados pela rua, mas o menino compreendeu que em outro tempo tinha sido uma mulher formosa. — Deixe-me que vê-lo, Mikal. Prometa-me que será bonzinho quando... enquanto eu estiver doente? Prometa — insistiu fracamente.

— Sim, mãe, prometo.

— Agora, saia daqui! — Murmurou ela em voz baixa, com as mãos agarradas às mantas. — Tem que partir em seguida! Vá... vá buscar um pouco de água.

O menino deu meia volta e correu para Hugh, que ocupava a soleira da porta. Hugh viu que o corpo da mulher se convulsionava de agonia, ficava rígido e, por fim, perdia todas as forças. Seus olhos abertos olharam fixamente o teto.

— Tenho que conseguir água, água para mamãe — disse o menino, olhando para Hugh. O pobre menino, de costas para sua mãe, não tinha visto o acontecido.

— Vou ajudá-la a trazer — respondeu Hugh. — Você pode comer isto — acrescentou, entregando o pão ao menino, para que fosse se acostumando a vida que o esperava.

Tomando o pobre órfão pela mão, Hugh o afastou da casa. O menino levava sob o braço o pedaço de pão que sua mãe, provavelmente, estava assando no instante em que começou a notar os primeiros sintomas da enfermidade que em pouco tempo a consumiria. A suas costas, Hugh podia ouvir ainda o suave eco da ordem da mãe, mandando seu filho para longe para que não a visse morrer. “Saia daqui!”

Água. Hugh tomou uma jarra e serviu um copo. Iridal não olhou, mas manteve-se fixa no homem.

— Você! — Sua voz era suave e sussurrante. — Você é um... um dos que... vieram com meu filho, não é?

Hugh assentiu. A mulher se levantou, apoiando-se meio no leito e em um braço. Seu rosto estava pálido e em seus olhos havia um brilho febril.

— Vá! — Repetiu com voz trêmula e rouca. — Corre um perigo terrível aqui! Abandone esta casa em seguida!

Seus olhos. Hugh estava hipnotizado por aqueles olhos grandes e fundos que mostravam todas as cores do arco íris, como prismas brilhantes em torno de pupilas negras que se moviam e mudavam ao incidir nelas a luz.

— Ouviu? — perguntou Iridal.

Na realidade, Hugh não havia prestado atenção. Algo a respeito de um perigo, pareceu recordar.

— Tome, beba isto — respondeu, aproximando-lhe o copo.

Iridal, irada, afastou-o de um golpe; o copo caiu ao chão e derramou seu conteúdo sobre as lajes de pedra.

— Acha que quero ter suas vidas em minhas mãos?

— Fale-me desse perigo, então. Por que devemos ir ?

Mas a mulher se afundou de novo entre os almofadões e não respondeu. Ao se aproximar dela, Hugh observou que estava tremendo de medo.

— Que perigo? — insistiu, e se agachou para recolher os fragmentos de cristal, sem deixar de observá-la.

A mulher moveu a cabeça em um gesto frenético de negativa e seus olhos

percorreram o quarto.

— Não. Já falei o suficiente, possivelmente demais! Meu marido tem olhos em toda parte e seus ouvidos estão sempre atentos.

Os dedos de suas mãos se fecharam com força contra a palma.

Fazia muito tempo que Hugh não sentia a dor de outro. Fazia muito tempo que tinha deixado de sentir a sua própria dor. Lembranças e sensações que tinham ficado mortas e enterradas no mais profundo de seu ser ganharam vida, estenderam suas mãos ossudas e afundaram as unhas em sua alma. Sua mão deu uma brusca sacudida; um fragmento de cristal acabava de cravar-se em sua palma.

A dor o enfureceu.

— O que faço com isto?

Iridal fez um gesto fraco com a mão e os pedacinhos de cristal que Hugh sustentava nas suas desapareceram como se nunca tivessem existido.

— Lamento que tenha se ferido — murmurou ela em tom apagado, — mas isto é o que pode esperar se insistir em ficar.

Hugh afastou o olhar da mulher e, virando-se de costas, viu aparecer na janela abaixo dele, o dragão com sua pele chapeada visível através da névoa, o dragão que tinha rodeado o castelo com seu enorme corpo e permanecia ali murmurando para si o ódio que sentia pelo feiticeiro.

— Não podemos partir — disse. — O dragão está lá fora, montando guarda...

— Sempre há maneiras de evitar o dragão se realmente quiser escapar.

Hugh guardou silêncio, evitando dizer a verdade por medo do que pudesse ouvir em resposta. Mas tinha que saber.

— Não posso ir. Estou enfeitiçado; seu filho me submeteu a um encantamento.

Iridal se moveu penosamente e o olhou com olhos tristes.

— O feitiço só funciona porque você quer que o faça. Sua vontade o reforça. Se realmente tivesse desejado, teria quebrado o encanto muito tempo atrás. Isso foi o que o mago Triano descobriu. Você se preocupa com o menino, entende? E essa preocupação é uma prisão invisível. Eu sei... sei muito bem!

O cão, que tinha se deitado aos pés de Hugh com o focinho sobre as patas, sentou-se de repente em atitude de atenção e olhou a seu redor com ferocidade.

— Ele está vindo! — exclamou Iridal com voz deprimida. — Rápido, saia daqui. Já estive comigo por muito tempo.

Hugh, com expressão sombria e carregada de maus presságios, permaneceu imóvel.

— Oh, por favor, deixe-me! — Suplicou Iridal, estendendo as mãos. — Pelo meu bem! Eu serei castigada se não o fizer!

O cão já estava em pé e se dirigia para as habitações exteriores. Hugh, depois de lançar um último olhar à mulher assustada, considerou preferível fazer o que lhe dizia... ao menos naquele momento. Até que pudesse ruminar sobre o que lhe havia dito. Quando saía, encontrou Sinistrad à porta do salão. Hugh se adiantou a qualquer pergunta.

— Sua esposa está descansando.

— Obrigado. Estou certo de que a deixou bem acomodada.

Os olhos desprovidos de pestanas de Sinistrad repassaram os braços e o torso musculoso de Hugh e um sorriso carregado de malícia apareceu em seus lábios finos.

Hugh avermelhou de cólera. Iniciou o gesto de continuar sua marcha afastando o feitiçeiro, mas este se deslocou ligeiramente para lhe impedir a passagem.

— Está ferido — disse o misteriarca. Ergueu a mão, tomou a de Hugh pelo punho e voltou a palma para a luz.

— Não é nada. Um pedaço de cristal quebrado, nada mais.

— Hum! Não posso permitir que um convidado se machuque! Vejamos. — Sinistrad pousou os dedos longos, finos e vibrantes como as patas de uma aranha sobre a ferida na mão de Hugh, fechou os olhos e se concentrou. A ferida se fechou e a dor (da ferida) desapareceu.

Sorrindo, Sinistrad abriu os olhos e os cravou em Hugh.

— Não somos seus convidados — disse Hugh. — Somos seus prisioneiros.

— Isso, meu prezado senhor — replicou o misteriarca, — depende completamente de você.

Uma das poucas salas do castelo que tinham existência permanente era o estúdio do feitiçeiro. Sua localização, em relação as outras salas da mansão, mudava constantemente segundo o humor ou as necessidades de Sinistrad. Naquele dia se achava na parte superior do castelo e suas cortinas abertas permitiam a passagem dos últimos raios de Solaris antes que os Senhores da Noite apagassem a vela da luz diurna.

Estendidos sobre o grande escritório do feitiçeiro estavam os desenhos que seu filho tinha feito da Máquina Viva. Alguns eram diagramas de partes da enorme máquina que Bane tinha visto em pessoa. Outros tinham sido riscados com a ajuda de Limbeck e ilustravam as partes da Máquina Viva que funcionavam no resto da ilha de Drevlin. Os planos eram excelentes e notavelmente precisos já que Sinistrad tinha ensinado o menino a utilizar a magia para melhorar seu trabalho. Fazendo uma imagem mental, Bane só tinha que conectar essa imagem com o movimento da mão para traduzi-la no papel.

O feitiçeiro estava estudando os diagramas com grande atenção quando um latido abafado lhe fez levantar a cabeça.

— O que o cão faz aqui?

— Ele gosta de mim — respondeu Bane, passando os braços em torno do pescoço do cão e acariciando-o. Os dois estavam brincando pelo chão e, na brincadeira, escapara o ganido. — Sempre me segue. Gosta mais de mim que do dono, não é, garoto?

O cão sorriu, batendo a cauda contra o chão.

— Não esteja muito certo disso. — Sinistrad lançou um olhar penetrante ao animal. — Não confio nele. Acho que deveríamos nos livrar dele. Nos tempos antigos, os magos utilizavam animais como este para espionar, entrando em lugares onde eles não podiam penetrar.

— Mas Haplo não é um mago. É só um... um humano.

— Não acredito nisso também. Nenhum homem fica tão tranquilo e seguro a menos que ache que tem tudo sob controle. — Sinistrad dirigiu um olhar de soslaio ao seu filho. — Não gosto da exibição de fraqueza que venho descobrindo em você, Bane. Começa a me lembrar sua mãe.

O menino afastou lentamente os braços do pescoço do cão, levantou-se e foi para o lado de seu pai.

— Poderíamos nos livrar de Haplo. Assim eu poderia ficar com o cão e você não

teria que ficar nervoso.

— Uma ideia interessante, meu filho — respondeu Sinistrad, absorto nos diagramas. — Bom, tire esse animal daqui para que corra e brinque um pouco.

— Mas, papai, o cão não faz mal a ninguém. Se eu mandar, ficará quieto. Vê, já está deitado.

Sinistrad voltou os olhos e encontrou o olhar do cão. O animal tinha olhos de surpreendente inteligência. O misteriarca franziu o cenho.

— Não o quero aqui. Saiam, os dois. — Sinistrad elevou um dos desenhos, colocou-o junto a outro e contemplou ambos, pensativo. — Qual seria seu propósito original? Algo tão gigantesco, tão enorme... O que os sartan queriam? Sem dúvida, não era um simples meio de recolher água.

— Produz água para manter-se em funcionamento — afirmou Bane, encarapitando-se em um tamborete para ficar à altura de seu pai. — Necessita do vapor para impulsionar os motores que produzem a eletricidade que move a máquina. É provável que os sartan construísem esta parte — Bane apontou um dos desenhos — para armazenar água e enviá-la ao Reino Médio, mas é evidente que não era este a função principal da máquina. Veja, eu...

Bane captou o olhar de seu pai, e a frase morreu em seus lábios. Sinistrad não disse nada. Lentamente, o menino desceu do tamborete.

Sem uma palavra mais, o misteriarca se concentrou de novo nos desenhos.

Bane chegou a porta. O cão se levantou e o seguiu alegremente, pensando sem dúvida que era hora de brincar. Quando chegou à soleira, o moço parou e se virou.

— Eu sei.

— Sabe, o que? — Sinistrad elevou a vista, irritado.

— Sei por que inventaram a Máquina Viva. Sei qual era sua função. Sei como pode conseguir que a cumpra. E sei como podemos dominar o mundo inteiro. Descobri enquanto fazia os desenhos.

Sinistrad contemplou seu filho. Havia algo de sua mãe na doçura da boca e nas feições, mas os olhos ardilosos e calculistas que lhe sustentavam o olhar, impávidos, eram sem dúvida os seus.

O misteriarca apontou os diagramas com um gesto negligente.

— Mostre-me, filho de feiticeiro.

Bane voltou ao escritório e o fez. O cão, esquecido, deitou-se aos pés do feiticeiro.

CAPÍTULO 50



CASTELO SINISTRO, REINO SUPERIOR

O tinido de múltiplas campainhas invisíveis chamou os convidados de Sinistrad para jantar. A sala de jantar do castelo — sem dúvida recém criada — era larga, escura, gelada e carente de janelas. Uma grande mesa de carvalho coberta de pó presidia o cômodo desolado, rodeado de cadeiras cobertas com tecidos como fantasmagóricos sentinelas. O lar estava frio e sem lenha. A sala tinha aparecido em frente aos convidados e estes entraram, a maioria a contra gosto, à espera do anfitrião.

Haplo se aproximou da mesa, coberta com dois dedos de pó e sujeira.

— Você não imagina como estou impaciente por provar a comida — declarou.

Sobre suas cabeças se acenderam algumas luzes, e candelabros até então ocultos ganharam brilhante vida. O tecido que cobria as cadeiras foi recolhido por umas mãos invisíveis. O pó desapareceu. A mesa vazia ficou de repente repleta de comida: carne assada, verduras ao vapor, pães. Apareceram copos cheios de vinho e água. Uma música soou brandamente de algum canto invisível.

Limbeck, boquiaberto, retrocedeu alguns passos e esteve a ponto de cair no fogo que agora rugia na chaminé. Alfred esteve a ponto de sair de sua própria pele e Hugh não pôde reprimir um salto, se afastando da mesa e observando-a com suspeita. Haplo, com um tranquilo sorriso, tomou um búa^[23] e o mordeu. “Um bom truque de ilusionismo”, pensou, secando o suco do queixo. Enganaria todo mundo até que, passada uma hora, comessem a se perguntar por que continuavam famintos.

— Sentem-se, por favor — indicou Sinistrad com uma mão. Com a outra, sustentava a de Iridal. Bane avançou ao lado de seu pai. — Aqui não é preciso se importar com formalidades. Querida... — Conduziu sua esposa até o extremo da mesa e a ajudou a sentar-se com uma reverência. — Para recompensar a *sir* Hugh por seus esforços em atendê-la um momento atrás, esposa querida, ficará a sua direita.

Iridal ruborizou e não levantou a vista do prato. Hugh se sentou onde lhe tinham indicado e não pareceu insatisfeito.

— O resto de vocês pode se sentar onde quiser, menos Limbeck. Meu prezado

senhor, peço desculpas. — Passando a falar no idioma dos anões, o feiticeiro realizou uma elegante reverência. — É uma desconsideração de minha parte ter esquecido que não fala o idioma dos humanos. Meu filho me contou sua valente luta para libertar seu povoda opressão. Rogo que tome assento a meu lado e me fale sobre si. Não se preocupe com os outros convidados; minha esposa os atenderá.

Sinistrad ocupou seu lugar na cabeceira da mesa. Lisonjeado e ruborizado, Limbeck subiu com seu corpo robusto em uma cadeira à direita de Sinistrad. Bane se colocou a sua frente e à esquerda de seu pai. Alfred correu para assegurar o assento ao lado do príncipe. Haplo escolheu colocar-se no extremo oposto da grande mesa, perto de Iridal e de Hugh. O cão se deitou no chão junto a Bane.

Taciturno e reservado como sempre, Haplo podia parecer absorto em sua comida e, ao mesmo tempo, escutar perfeitamente todas as conversas.

— Espero que desculpe minha indisposição desta tarde — disse Iridal. Embora se dirigisse a Hugh, seus olhos não deixavam de se desviar, como se fosse obrigada a isso, para seu marido, sentado em frente a ela no outro extremo da mesa. — Sou propensa a tais acessos, que me afligem frequentemente.

Sinistrad, que a observava, fez um leve gesto de assentimento. Iridal se virou para Hugh e olhou-o nos olhos pela primeira vez desde que o homem tinha ocupado a cadeira junto a ela. Ensaiou um sorriso e acrescentou:

— Espero que não acredite em tudo que possa ter dito. A enfermidade... me faz desviar.

— O que me disse não eram desvarios, senhora — replicou Hugh. — Falava sério. E não estava doente. Estava assustada até a medula!

Ao comparecer ao jantar, Iridal tinha as bochechas rosadas, mas a cor desapareceu delas ante os olhos de Hugh. Voltando o olhar para o marido, a mulher engoliu em seco e levou a mão à taça de vinho.

— Deve esquecer o que eu disse senhor! Se aprecia sua vida, não volte a mencionar isso!

— Minha vida, neste momento, tem muito pouco valor. — A mão de Hugh agarrou a dela por baixo da mesa e a segurou com força. — Exceto se pude ser útil para salvar sua vida, Iridal.

— Prove um pouco de pão — interveio Haplo, passando um pedaço para Hugh. — É delicioso. Sinistrad recomenda.

O misteriarca estava, de fato, observando-os atentamente. Hugh soltou a contra gosto a mão de Iridal, pegou o pedaço de pão e o deixou no prato, sem prová-lo. Iridal brincou com a comida e fingiu dar um bocadinho.

— Então, por meu bem, não volte a mencionar minhas palavras, sobretudo se não pensar em considerá-las.

— Não poderia partir, sabendo que a deixo para trás e em perigo.

— Estúpido! — Iridal se endireitou e o calor acendeu seu rosto. — O que você poderia fazer, um humano que carece do dom, contra nós? Eu sou dez vezes mais poderosa que você, dez vezes mais capaz de me defender, se fosse necessário! Lembre-se disso!

— Perdoe-me. — O rosto de Hugh tinha avermelhado. — Pensei que estava em dificuldades e...

— Meus assuntos são particulares e não lhe interessam em nada, senhor.

— Não voltarei a incomodá-la, senhora. Pode estar segura!

Iridal não respondeu e manteve a vista na comida em seu prato. Hugh deu conta da sua, impassível, e não acrescentou nada mais.

Em vista do silêncio que reinava agora naquele extremo da mesa, Haplo prestou atenção ao que se dizia no outro lado.

O cão, sob a cadeira de Bane, mantinha as orelhas rígidas e olhava de um lado a outro avidamente, como se esperasse que lhe caísse alguma sobra.

— Mas, Limbeck, viu muito pouco do Reino Médio — estava dizendo Sinistrad.

— O suficiente.

Limbeck olhou-o com uma piscada grave atrás de seus óculos de grossos cristais. O geg tinha mudado visivelmente durante as últimas semanas. As coisas que tinha presenciado, os pensamentos que tinha discorrido, tinham esculpido como a martelo seu idealismo sonhador. Tinha visto a vida que tinha sido negada ao seu povo durante tantos séculos, tinha contemplado a existência que os gegs proporcionavam, e de que nada compartilhavam. Os primeiros golpes do martelo doeram, mas depois, veio a raiva.

— Vi o suficiente — repetiu. Esmagado pela magia, a beleza e suas próprias emoções, não lhe ocorria outra coisa que dizer.

— Certamente que sim — replicou o feiticeiro. — Sinto profunda pena de seu povo; todos aqui, no Reino Superior, compartilham essa pena e sua justa raiva. Considero que temos uma parte de culpa. Não porque os tenhamos explorado, pois como pode ver pelo que o rodeia, não temos necessidade de explorar ninguém, mas mesmo assim sinto que estamos em dívida com seu povo, de algum modo. — Tomou com delicadeza um gole de vinho. — Abandonamos o mundo porque estávamos fartos de guerra, fartos de ver gente sofrendo e morrendo em nome da cobiça e do ódio. Falamos contra a guerra e fizemos tudo que pudemos para evitá-la, mas éramos poucos, realmente poucos...

Na voz do homem havia lágrimas autênticas. Haplo poderia haver dito que estava desperdiçando uma grande atuação, ao menos naquele extremo da mesa. Iridal fazia muito tempo que tinha abandonado qualquer intenção de fingir que comia. Tinha permanecido em silêncio, com a vista no prato, até que se fez evidente que seu marido estava absorto na conversa com o geg. Então levantou os olhos, mas não dirigiu o olhar a seu marido nem ao homem que estava sentado a seu lado. Olhou para seu filho e viu Bane possivelmente pela primeira vez desde sua chegada. Os olhos se encheram de lágrimas. Rapidamente, baixou a cabeça e, elevando uma mão para afastar uma mecha solta de cabelo, enxugou as lágrimas dissimuladamente.

A mão de Hugh, sobre a mesa, contraiu-se de raiva e dor.

Como o amor conseguira penetrar, como uma faca de fio dourado, em um coração tão duro como aquele? Haplo não sabia nem se importava. Só sabia que era um fato inconveniente. O patryn precisava de um homem de ação, já que estava proibido de agir diretamente, e seria terrível se Hugh matasse em um gesto cavalheiresco, nobre e estúpido.

Haplo começou a coçar a mão direita, puxando a atadura e deslocando-a um pouco. Quando o signo mágico ficou descoberto, ergueu a mão como se fosse pegar mais pão e as levou para — no mesmo movimento — pressionar com força a costas contra a jarra do vinho. Quando teve o pão na mão, devolveu este ao prato e passou a

mão esquerda sobre as ataduras até que os símbolos mágicos ficaram ocultos de novo.

— Iridal, não posso suportar vê-la sofrer assim... — Hugh começou a dizer.

— Por que se preocupa comigo?

— Eu mesmo não entendo! Eu...

— Mais vinho? — perguntou Haplo, com a jarra na mão. Hugh lançou-lhe um olhar iracundo, irritado, e decidiu ignorar seu companheiro.

Haplo serviu uma taça e a empurrou para Hugh. A base da taça bateu nos dedos do homem e o vinho, um vinho de verdade, salpicou-lhe a mão e a manga da camisa.

— Que diabos...? — Hugh se virou para o patryn, furioso.

Haplo levantou uma sobrancelha e fez um gesto dissimulado para o outro extremo da mesa. Atraídos pela comição, todos, inclusive Sinistrad, tornaram a olhá-los. Iridal permanecia ereta e altiva, com o rosto pálido e frio como as paredes de mármore. Hugh elevou a taça e tomou um longo gole. Por sua expressão sombria, poderia beber o sangue do feiticeiro.

O patryn sorriu; sua intervenção não poderia ter sido mais oportuna. Com um pedaço de pão nos dedos, fez um gesto a Sinistrad.

— Perdão. O que dizia?

Franzindo o cenho, Sinistrad continuou:

— Dizia a Limbeck que deveríamos ter percebido o que acontecia com seu povo no Reino Inferior e ter ido ajudá-los, mas ignorávamos que passassem dificuldades. Acreditamos nas histórias que os sartan nos tinham deixado. Não sabíamos, então, que mentiam...

Um súbito estrépito sobressaltou a todos. Alfred tinha deixado cair a colher no prato.

— A que se refere? Que histórias? — perguntou Limbeck.

— Depois da Separação, segundo os sartan, seu povo foi conduzido ao Reino Inferior para sua própria segurança, por ser de estatura inferior a humanos e elfos. Na realidade, agora é evidente que os sartan os queriam como mão de obra.

— Isso não é verdade!

Era a voz de Alfred, que não tinha pronunciado uma palavra em todo o jantar.

Todos, inclusive Iridal, olharam-no com surpresa. Sinistrad se virou para ele com um sorriso cortês em seus lábios finos.

— Ah, não? E você conhece a verdade?

Alfred avermelhou do pescoço até a calva.

— Eu... fiz um estudo dos gegs e... — Incomodado, puxou e retorceu a borda da toalha. — Bem, eu... creio que os sartan pretendiam... isso que disse a respeito de protegê-los. Não era exatamente que os an... que os gegs fossem mais baixos e por isso corresse perigo frente as raças de maior porte, mas porque seu número era escasso... depois da Separação. Além disso, os an... os gegs são um povo de mentalidade muito mecânica e os sartan necessitavam dessa característica para a máquina. Mas nunca pretenderam... Quer dizer, os sartan sempre pretenderam...

A cabeça de Hugh caiu para frente e golpeou a mesa com um ruído surdo. Iridal saltou da cadeira com um grito de alarme. Haplo se levantou imediatamente e se aproximou de Hugh.

— Não é nada — disse, tomando Hugh pela cintura. Passando o braço flácido do assassino em torno do pescoço, Haplo levantou da cadeira o corpo pesado. A mão

exânime de Hugh arrastou a toalha, derrubou várias taças e mandou um prato ao chão.

— Um bom sujeito, mas sem resistência para o vinho. Vou levá-lo para seu quarto. Não é preciso que se incomodem.

— Tem certeza de que não lhe aconteceu nada? — Iridal olhou para eles com ansiedade. — Creio que deveria acompanhá-los...

— Um bêbado caiu inconsciente em sua mesa, querida. Não é preciso se incomodar — declarou Sinistrad. — Leve-o se é isso que deseja — acrescentou, dirigindo-se a Haplo.

— Posso ficar com o cão? — Bane perguntou acariciando o animal que, ao ver seu amo disposto para partir, levantou-se de um salto.

— Claro — respondeu Haplo imediatamente. — Cão, fique!

O cão se instalou outra vez ao lado de Bane, satisfeito.

Haplo pôs Hugh em pé. Ébrio e cambaleando, o homem conseguiu arrastar-se — com ajuda — para a porta. Os outros voltaram a se sentar. Os balbuícios de Alfred foram esquecidos e Sinistrad olhou de novo para Limbeck.

— Essa sua Máquina Viva me fascina. Acredito que, agora que tenho uma nave a minha disposição, viajarei ao seu reino para dar uma olhada. É claro, também me alegrarei muito em fazer o que puder para ajudar sua gente a preparar-se para a guerra...

— Guerra! — A palavra ressoou na sala. Haplo, voltando a cabeça, viu o rosto de Limbeck preocupado e muito pálido.

— Meu querido geg, não pensei que se surpreendesse. — Com um amável sorriso, Sinistrad acrescentou: — Sendo a guerra o próximo passo lógico, imaginei que tinha vindo aqui com esse propósito: me pedir apóio. Asseguro-lhe que os gegs terão a plena colaboração de minha gente.

Através dos ouvidos do cão, as palavras do Sinistrad chegaram a Haplo enquanto transportava um vacilante Hugh por um corredor escuro e gelado. Começava a se perguntar em que direção ficavam os aposentos dos convidados quando se materializou a sua frente um corredor com várias portas tentadoramente abertas.

— Espero que não haja nenhum sonâmbulo — murmurou ao seu embotado companheiro.

Haplo captou na sala de jantar o ranger da túnica de seda de Iridal e o ruído da cadeira ao arrastar-se sobre o chão de pedra. A voz da mulher, quando falou, estava tensa de cólera contida.

— Se me desculparem, vou me retirar para meus aposentos.

— Não se sente bem, minha querida?

— Obrigado, mas estou bem. — Depois de uma pausa, Iridal acrescentou: — É tarde, o menino já deveria estar na cama.

— Sim, esposa, cuidarei disso. Não se preocupe. Bane, dê boa noite a sua mãe.

“Bem”, disse-se Haplo. “foi um jantar interessante: comida falsa, palavras falsas...” Haplo deixou Hugh sobre a cama e o cobriu com uma manta: Hugh não despertaria do feitiço até de manhã.

Depois se retirou para seu quarto. Ao entrar, fechou a porta e passou o ferrolho. Necessitava de tempo para descansar e pensar sem distrações, para assimilar tudo o que tinha ouvido durante o dia.

As vozes continuaram chegando através do cão, mas não diziam nada interessante; todos se despediam para ir para seus quartos. Deitado no leito, o patryn enviou uma

ordem silenciosa ao animal e ficou organizando seus pensamentos.

A Máquina Viva. Tinha deduzido sua função graças às imagens que surgiam no globo ocular sustentado pela mão do dictor, do sartan que exibia seu poder, que anunciava com orgulho seu grandioso plano. Haplo voltou a ver as imagens em sua mente. Voltou a ver a representação do mundo, do Reino do Ar. Viu as ilhas espalhadas em desordem, a furiosa tormenta que era ao mesmo tempo mortífera e criadora de vida; viu o conjunto do mundo movendo-se de uma maneira caótica que era detestável para os sartan, tão amantes da ordem.

Quando tinham descoberto seu erro? Quando tinham percebido que o mundo que tinham criado para o transporte de um povo depois da Separação era imperfeito? Depois de havê-lo povoado? Teria sido então que tinham percebido que as formosas ilhas flutuantes do céu eram áridas e ermas e não poderiam alimentar a vida que tinham enviado?

Os sartan corrigiriam a situação, como tinham corrigido todo o resto; até tinham separado um mundo antes que permitissem que o governasse aqueles que consideravam indignos de fazê-lo. Os sartan construiriam uma máquina que, com a ajuda de sua magia, alinharia e ordenaria as ilhas. Haplo, com os olhos fechados, voltou a ver com clareza as imagens: uma força tremenda irradiada da Máquina Viva que se apropriaria das terras flutuantes, as arrastaria pelos céus e as alinharia, uma acima de outra; um geiser de água, procedente da tormenta perpétua, que se elevaria constantemente proporcionando a todos a substância doadora de vida.

Haplo havia resolvido o quebra-cabeças e se surpreendeu bastante que Bane também tivesse encontrado a solução. Agora, Sinistrad a conhecia também e tinha feito a gentileza de explicar seus planos ao filho... e ao cão que o acompanhava.

Um movimento do interruptor da Máquina Viva e o misteriarca dominaria um mundo realinhado.

O cão saltou sobre a cama junto a Haplo. Relaxado e a ponto de adormecer, o patryn acariciou o animal. Com um suspiro de satisfação o cão apoiou a cabeça no peito de Haplo e fechou os olhos.

“Uma loucura assassina”, pensou Haplo enquanto acariciava o pelo suave do animal. “Construir algo tão poderoso e, em seguida, partir e abandoná-lo para que caísse na mãos de algum mensch^{24} ambicioso.” Haplo não conseguia imaginar por que tinham feito isso. Apesar de todos os seus defeitos, os sartan não eram estúpidos. Devia ter lhes acontecido algo antes de terminar seu projeto. Quem dera soubesse o que, refletiu. Mas, ao mesmo tempo, aquela era a demonstração mais evidente que podia imaginar de que os sartan já não estavam naquele mundo.

Sua mente evocou então o eco de algumas palavras pronunciadas por Alfred durante a confusão que seguiu ao desmaio alcoólico de Hugh, palavras que provavelmente só o cão tinha escutado, e que se apressou a transferir para seu amo:

“Pensaram que eram deuses. Pretendiam fazer o bem mas, por alguma razão, tudo saiu errado.”

CAPÍTULO 51



CASTELO SINISTRO, REINO SUPERIOR

Irei para Drevlin com você, pai...

— Não, e pare de discutir comigo, Bane! Deve retornar ao Reino Médio e ocupar seu posto no trono.

— Mas não posso voltar! Stephen quer me matar!

— Não seja estúpido, filho. Não tenho tempo para tolices. Para que herde o trono, é preciso que Stephen e a rainha morram, e isso pode ser arrumado. Naturalmente, no fundo sei eu quem governará de verdade o Reino Médio, mas não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo e terei que ficar no Reino Inferior, preparando a máquina. Pare de choramingar! Não suporto isso.

As palavras de seu pai novamente na cabeça de Bane como o zumbido de algum inseto noturno irritante que não o deixava dormir.

“No fundo sei eu quem governará de verdade o Reino Médio.”

“Sim, mas onde estaria agora, pai, se eu não tivesse revelado o modo de conseguir isso?”

Estendido de costas, tenso e rígido na cama, Bane apertou entre as mãos a manta peluda que o cobria. O menino não chorou. As lágrimas eram uma arma valiosa em sua luta com os adultos e frequentemente tinham sido muito úteis com Stephen e a rainha. Ao contrário, chorar sozinho, na escuridão, era uma demonstração de fraqueza. Ao menos, assim diria seu pai.

Mas o que importava o que seu pai pensasse?

Bane agarrou com força a manta, mas as lágrimas estavam a ponto de saltar dos olhos, de qualquer modo. Sim, importava. Importava tanto que doía por dentro.

O menino lembrava com clareza o dia em que percebeu que as pessoas que considerava seus pais só o adoravam, mas não o queriam. Nesse dia escapou da vigilância de Alfred e estava revolvendo a cozinha, enrolando o cozinheiro para que lhe desse um pouco de massa de doce, quando entrou correndo um dos filhos dos servos, chorando e queixando-se do arranhão que tinha feito na garra de um dragão. Era o

filho do cozinheiro, um menino não muito maior que Bane, que tinha sido posto a trabalhar com seu irmão maior, um dos tratadores de dragões. A ferida não era grave. O cozinheiro a limpou e a enfaixou com um pedaço de tecido; logo, tomando o menino nos braços, beijou-o repetidamente, abraçou-o e o mandou de novo para suas tarefas. O menino partiu correndo com o rosto resplandecente, sem se lembrar da dor e do susto.

Bane tinha presenciado a cena de um canto. No dia anterior, precisamente, ele também tinha feito um corte na mão com um copo de cristal quebrado. O acidente tinha desencadeado uma tormenta de excitação. O rei tinha mandado chamar Triano, que havia trazido consigo uma faca de prata maciça passado pelas chamas, ervas curativas e gaze para estancar a hemorragia. O copo causador da ferida foi feito em pedacinhos e Alfred quase fora despedido de seu cargo por causa do incidente; o rei Stephen gritou com o chambelan por vinte minutos seguidos. A rainha Ana quase desmaiou ao ver o sangue e tivera que sair da sala. Mas sua “mãe” não o tinha beijado. Não o tinha pego em seus braços nem o tinha feito rir para que esquecesse da dor.

Bane tinha experimentado certa satisfação ao moer de pauladas o menino; uma satisfação aumentada pelo fato de que o menino fora severamente castigado por brigar com o príncipe. Nessa noite, Bane tinha pedido à voz do amuleto, aquela voz suave e sussurrante que costumava lhe falar durante a noite, que explicasse por que seus pais não o queriam.

A voz tinha revelado a verdade: Stephen e Ana não eram seus pais. Bane só estava usando-os por um tempo. Seu verdadeiro pai era um poderoso misteriarca. Seu verdadeiro pai vivia em um esplêndido castelo de um reino fabuloso. Seu verdadeiro pai estava orgulhoso do seu filho e chegaria o dia em que o faria voltar para seu lado e ficariam juntos para sempre.

A última parte da frase era uma invenção de Bane, em vez de ser eu quem governa o Reino Médio de verdade.

Bane soltou a manta, tomou entre seus dedos o amuleto que usava em torno do pescoço e puxou com força a correia de couro. Não se rompeu. Zangado, resmungando palavras que tinha aprendido com o filho do cozinheiro, puxou de novo com força, mas só conseguiu se machucar. Por fim seus olhos verteram lágrimas de dor e frustração. Sentado sobre a cama, prosseguiu seus esforços até que por fim, depois de lhe custar novas dores ao enroscar a correia no cabelo, conseguiu tirá-la passando-a pela cabeça.

Alfred entrou no corredor, procurando seu quarto naquele palácio detestável e desconcertante. Sua cabeça fervia em reflexões.

“Limbeck está caindo sob a influência do misteriarca. Vejo o conflito sangrento para onde os gegs serão arrastados. Milhares deles morrerão e, para que? Para que um homem mal tome o controle do mundo! Deveria impedi-lo, mas como? O que eu posso fazer sozinho? Ou talvez não devesse detê-lo. Afinal, a intenção de controlar o que deveria ter sido deixado em paz foi a causa de nossa tragédia. E, por outro lado, há Haplo. Sei perfeitamente quem e o que é mas, de novo, o que posso fazer? Devo fazer algo? Não sei! Por que fiquei sozinho? É um erro, ou se supõe que devo agir de algum jeito? E, neste último caso, qual?”

Em seu perambular sem rumo, o chambelan se encontrou perto da porta de Bane. Imerso em sua agitação interior, o corredor sombrio ficou impreciso diante dos olhos. Parou até que a vista clareasse, ansiando que acontecesse o mesmo com seus

pensamentos, e chegou a seus ouvidos o murmúrio de lençóis e a voz do menino chorando e amaldiçoando. Depois de olhar para os dois lados do corredor para se certificar que ninguém o via, Alfred ergueu dois dedos da mão direita e riscou um signo mágico sobre a porta. A madeira pareceu desaparecer sob suas ordens e lhe permitiu ver o interior como se a porta não existisse.

Bane lançou o amuleto a um canto do quarto.

— Ninguém me quer e me alegro com isso! Eu também não os quero! Eu os odeio! Odeio a todos!

O menino se deixou cair no leito e afundou o rosto no travesseiro. Alfred exalou um suspiro profundo e agitado. Por fim! Por fim tinha acontecido, e justo quando seu coração começava a se desesperar!

Tinha chegado o momento de afastar o menino da armadilha de Sinistrad. Alfred deu um passo adiante, sem se lembrar da porta, e esteve a ponto de chocar-se de frente contra a madeira, pois o feitiço não a tinha tirado de seu lugar, mas simplesmente, permitia-lhe ver através dela.

O chambelan se dominou e, ao mesmo tempo, pensou: “Não; eu, não. O que sou eu? Um criado, nada mais. Sua mãe. Sim, sua mãe!”

Bane escutou um ruído no quarto. Apressou-se a fechar os olhos e permaneceu imóvel. Havia coberto a cabeça com a manta e enxugou as lágrimas com um rápido movimento da mão.

Era Sinistrad, que vinha dizer que tinha mudado de ideia?

— Bane?

A voz era suave e delicada. Sua mãe.

O moço fingiu estar dormido. “O que ela pode querer?” pensou. “Quero falar com ela?” Sim, decidiu, escutando de novo as palavras de seu pai; gostaria de conversar com sua mãe. Toda sua vida, pensou, outros o tinham utilizado para seus propósitos. Era hora de que ele começasse a fazer o mesmo.

Com um piscar sonolento, Bane ergueu sua cabeça despenteada de debaixo dos lençóis. Iridal tinha se materializado no quarto e se encontrava próximo da cama. Pouco a pouco, uma luz que surgia de seu interior começou a iluminar à mulher e banhou o moço com um resplendor quente e delicioso enquanto o resto do quarto permanecia nas sombras. Bane olhou para sua mãe e soube, pela expressão de seu rosto, que tinha visto seus olhos chorosos. “Grande”, pensou. Uma vez mais, podia recorrer a seu arsenal.

— Oh, meu filho! — Iridal se aproximou dele e se sentou na cama. Passando o braço pelos seus ombros, estreitou-o contra si e o encheu de carícias.

Uma sensação deliciosa de calor envolveu o menino. Encolhido naqueles braços acolhedores, disse a si mesmo: “Dei a meu pai o que ele queria. Agora é a vez dela. O que quer de mim?”

Nada ao que parecia. Iridal rompeu a chorar e a lhe dizer com murmúrios incoerentes como tinha sentido saudades e quanto tinha desejado tê-lo junto a ela. Isto deu uma ideia a Bane.

— Mãe! — Interrompeu-a, olhando para ela com seus olhos azuis cheios de lágrimas. — Eu quero ficar aqui, mas meu pai diz que vai me mandar de volta!

— Mandá-lo de volta! Para onde? Por quê?

— Ao Reino Médio, com essa gente que não me quer! — Tomou sua mão e a

apertou com força entre as suas. — Quero ficar com você! Com você e com meu pai!

— Sim — murmurou Iridal. Atraiu Bane contra seu peito e o beijou na testa. — Sim... Uma família, como sempre sonhei. Talvez exista uma chance. Possivelmente eu não possa salvá-lo, mas posso salvar seu filho. Não poderá trair um amor e uma confiança tão inocentes. Esta mão — beijou os dedos do menino, banhando-os de lágrimas, — esta mão pode afastá-lo do caminho escuro que trilhou.

Bane não entendeu nada do que falava. Para ele, todos os caminhos eram um, nem luminoso nem escuro, e todos conduziam ao mesmo objetivo: que todos fizessem o que ele queria.

— Você vai falar com meu pai — pediu enquanto escapulia do abraço da mulher, considerando que, depois de tudo, os beijos e abraços podiam ser um aborrecimento.

— Sim, falei com ele de manhã.

— Obrigado, mãe. — Bane bocejou.

— Você deveria estar dormindo — disse Iridal, levantando-se. — Boa noite, meu filho. — Com ternura, arrumou as roupas em torno de Bane e se inclinou para pousar um beijo em sua bochecha. — Boa noite.

O resplendor mágico começou a se apagar. Iridal levantou as mãos, concentrou-se com os olhos fechados e desapareceu do quarto.

Bane sorriu na escuridão. Não tinha ideia de que influência poderia exercer sua mãe; só podia tomar como referência à rainha Ana, que normalmente conseguia o que queria de Stephen.

Mas, se aquilo não funcionasse, sempre havia outro plano. Para que este último funcionasse, teria que revelar de graça algo que supunha de inestimável valor. Seria discreto, certamente, mas seu pai era bem preparado. Sinistrad podia adivinhar e roubar-lhe. De qualquer modo, pensou o menino, quem nada arrisca, nada tem.

Provavelmente não teria que resignar-se. Ainda não. Não o mandariam para longe. Sua mãe se encarregaria disso. Bane, satisfeito, afastou a roupa da cama aos chutes.

CAPÍTULO 52



CASTELO SINISTRO,
REINO SUPERIOR

Na manhã seguinte, Iridal penetrou no estúdio de seu marido. Encontrou ali seu filho com o Sinistrad, ambos sentados em frente a mesa de seu marido, repassando alguns desenhos realizados por Bane. O cão, deitado aos pés do menino, levantou a cabeça ao vê-la e bateu o chão com a cauda.

Iridal fez uma pausa na soleira. Todas as suas fantasias tinham se tornado realidade. Um pai amoroso, um filho adorável; Sinistrad dedicando pacientemente seu tempo a Bane, estudando o resultado do trabalho do menino com uma fingida seriedade que era enternecedora. Naquele instante, vendo a cabeça coberta tão perto da cabeça loira, ouvindo o murmúrio das vozes — uma jovem, velha — cheias de excitação pelo que só podia ser algum projeto infantil de seu filho, Iridal perdoou Sinistrad. Com gosto teria varrido e banido de sua lembrança todos os anos de horror e sofrimento, se lhe tivesse pedido.

Entrando na sala quase com acanhamento — fazia muitos anos que não pisava no santuário do seu marido, — Iridal tentou falar, mas as palavras não saíram. Entretanto, o som afogado chamou a atenção de pai e filho. Um olhou para ela com um sorriso radiante, cativante. O outro pareceu incomodado com sua presença.

— Bem, esposa, o que quer?

As fantasias de Iridal cambalearam, desvanecida a brilhante névoa pela voz fria e o olhar gelado dos olhos sem pestanas.

— Bom dia, mãe — disse Bane. — Quer ver meus desenhos? Eu mesmo os fiz.

— Se eu não incomodar... — A mulher olhou para Sinistrad, em dúvida.

— Aproxime-se — concedeu-o com displicência.

— Bane, são magníficos. — Iridal pegou várias folhas e as virou para a luz do sol.

— Usei a magia. Meu pai me ensinou. pensei o que queria desenhar, e a mão se encarregou do resto. Aprendo magia muito depressa — assegurou o menino, olhando para sua mãe com uma expressão encantadora. — Você e meu pai poderiam me ensinar

nas horas livres. Não os incomodaria.

Sinistrad se sentou. A túnica de tecido grosso rugeu com um ruído seco, como o bater das asas de um morcego. Entreabriu os lábios em um sorriso gelado que dissipou os últimos farrapos das fantasias de Iridal. A mulher teria fugido para seus aposentos se Bane não estivesse ali, olhando esperançoso e rogando em silêncio que continuasse. O cão voltou a apoiar a cabeça entre as patas e seus olhos se moveram de um lado a outro, atentos a quem falava.

— O que... o que são esses desenhos? — Perguntou Iridal com um hesitação. — A grande máquina?

— Sim — respondeu Bane. — Olhe, essa é a parte que os gegs chamam o outro. Meu pai diz que isso quer dizer o “útero” e é onde a Máquina Viva nasceu. E esta parte põe em ação uma grande força que fará todas as ilhas...

— Já basta, Bane — Sinistrad o interrompeu. — Não devemos incomodar sua mãe; ela tem que atender aos... convidados. — Demorou para dizer a palavra e dedicou a Iridal um olhar que a fez avermelhar e que causou confusão em seus pensamentos. — Suponho que veio aqui com algum propósito, esposa. Ou talvez só para se assegurar-me que tinha o tempo ocupado, de modo que você e o assassino atraente...

— Como se atreve... O que? Como o chamou?

As mãos de Iridal começaram atremeter e se apressou a deixar de novo sobre a mesa as folhas que segurava.

— Não sabia, querida? Um de nossos convidados é um assassino profissional. Hugh a Mão, é seu apelido; uma mão manchada de sangue, se me perdoa a pequena brincadeira. Seu galante campeão foi contratado para matar o menino. — Sinistrad desordenou o cabelo de Bane. — Se não fosse por mim, esposa, este menino não teria retornado para casa. Eu desbaratei os planos de Hugh...

— Não acredito! Não é possível!

— Sei que se surpreende, querida, descobrir que temos em casa um convidado que assassinaria todos nós em nossos leitos. Mas não tema: adotei todas as precauções. Ele me fez um favor ontem à noite ao beber em excesso e cair nessa cega letargia. Foi muito fácil transportar seu corpo embriagado para um lugar sob custódia. Bane diz que há uma recompensa por esse homem, assim como pelo criado. Esse dinheiro servirá para financiar meus planos no Reino Médio. Bem, querida, o que você queria?

— Que não tire meu filho! — Iridal ofegou procurando ar, como se acabassem de lhe jogar em cima um balde de água fria. — Faça o que quiser, não me oponha, mas deixe meu filho aqui!

— Faz apenas alguns dias, você o renegava. Agora diz que o quer aqui. — Sinistrad encolheu os ombros. — Querida esposa, não posso submeter o menino a seus caprichos, que mudam a cada dia. Bane deve retornar ao Reino Médio e assumir suas obrigações. E, agora, é melhor que você vá. Fico satisfeito por termos essa pequena conversa. Deveríamos fazer isso com mais frequência.

— Mãe — interveio Bane, — acho que deveria ter falado comigo antes. Eu quero voltar! Tenho certeza que meu pai sabe o que é melhor para mim.

— Eu também — murmurou Iridal.

Dando meia volta, a mulher saiu do estúdio com porte digno e sereno, e conseguiu afastar-se pelo corredor gelado e tenebroso antes de começar a chorar por seu filho perdido.

— Quanto a você, Bane — declarou Sinistrad, devolvendo ao seu lugar os desenhos que Iridal tinha desarrumado, — não volte a tentar nada parecido comigo. Desta vez castiguei sua mãe, que deveria ter sido mais prudente. Na próxima, você será castigado.

Bane aceitou em silêncio a reprimenda. Era estimulante que, para variar, seu oponente fosse tão habilidoso como ele mesmo. Começou a preparar a próxima mão, com movimentos rápidos para que seu pai não percebesse que as cartas saíam do fundo de um baralho marcado.

— Pai — disse Bane, — quero perguntar uma coisa sobre magia.

— Sim? — Uma vez restaurada a disciplina, Sinistrad ficou satisfeito com o interesse do moço.

— Um dia vi Triano desenhando algo em uma folha de papel. Era como uma letra do alfabeto, mas não exatamente. Quando perguntei, amassou o papel e o jogou no fogo com um gesto nervoso. Disse que era magia e que não devia incomodá-lo com perguntas a respeito.

Sinistrad levantou a cabeça dos desenhos que estava estudando e voltou a atenção para seu filho. Bane respondeu ao olhar curioso de seus olhos penetrantes com a expressão ingênua que o menino sabia utilizar tão bem. O cão se sentou sobre as patas traseiras e empurrou com o focinho a mão de Bane, pedindo que o acariciasse.

— Como era esse símbolo?

Bane riscou uma runa no reverso de um dos desenhos.

— Isso? — Sinistrad soltou um resmungo. — É um signo esotérico, utilizado na magia rúnica. Esse Triano deve ser mais estúpido do que eu pensava, para andar brincando com essa arte oculta.

— Por quê?

— Porque só os sartan eram peritos em runas.

— Os sartan! — O menino pareceu assustado. — Só eles?

— Bom, diz-se que no mundo que existia antes da Separação, os sartan tinham um inimigo mortal, um grupo tão poderoso como eles e mais ambicioso; um grupo que queria usar seus poderes quase divinos para governar, e não para guiar. Eram conhecidos como patryn.

— Tem certeza que ninguém mais pode utilizar essa magia?

— Não acabei de dizer isso? Quando digo alguma coisa, falo sério!

— Sinto muito, pai.

Agora que estava seguro, Bane podia se permitir ser magnânimo com um oponente perdedor.

— O que faz essa runa, pai?

Sinistrad observou o desenho.

— É uma runa curativa, creio — respondeu sem interesse.

Bane sorriu e deu alguns tapinhas no cão, que lhe lambeu os dedos em agradecimento.

CAPÍTULO 53



CASTELO SINISTRO, REINO SUPERIOR

Os efeitos do feitiço demoraram para se dissipar. Hugh não podia distinguir entre sonho e realidade. Em certo momento, viu o monge negro de pé a seu lado, zombando dele.

— Senhor da morte? Não, nós somos seus senhores. Você nos serviu durante toda a sua vida.

E, depois, o monge negro era Sinistrad.

— Por que não trabalha para mim? Preciso de um homem com seus talentos. Preciso me livrar do rei Stephen e da rainha Ana. Meu filho precisa se sentar no trono de Ulyandia e Volkaran, e esse casal está em seu caminho. Um homem preparado como você pode encontrar o modo de eliminá-los. Agora tenho coisas para fazer, mas retornarei mais tarde. Fique aqui e pense a respeito.

“Aqui” era uma masmorra úmida criada do nada. Sinistrad tinha levado Hugh para aquele lugar, fosse onde fosse. O assassino resistiu, mas não muito. Era difícil fazer isso, quando não se pode distinguir o teto do chão, os pés se multiplicavam e as pernas pareciam ter perdido os ossos.

É óbvio, era Sinistrad quem o tinha enfeitado.

Hugh tinha uma vaga lembrança de ter tentado dizer a Haplo que não estava bêbado, que aquilo era produto de alguma magia terrível, mas Haplo só tinha dado aquele sorriso irritante e havia dito que se sentiria melhor depois de dormir e curar a bebedeira.

Quando Haplo despertasse e visse que tinha desaparecido, talvez tentasse resgatá-lo.

Hugh levou as mãos à cabeça, que pulsava dolorosamente, e amaldiçoou sua estupidez. “Mesmo que Haplo vá me buscar — pensou, — nunca vai me encontrar. Esta cela não se encontra dentro do castelo, evidentemente situado perto de uma escada larga e retorcida. Eu vi o vazio do qual surgiram as paredes. A masmorra está no meio de parte alguma. Ninguém me encontrará. Ficarei aqui até morrer...”

... ou até que aceite Sinistrad como senhor.

E por que não? Servi a muitos homens; o que seria mais um? Ou, melhor ainda, posso ficar onde estou. Esta cela não é muito diferente de minha vida: um cárcere frio, vazio e desolado. Eu mesmo construí suas paredes... levantei-as com dinheiro. Entrei nelas e fechei a porta. Eu era meu próprio guardião, meu próprio carcereiro. E deu certo. Nada me afetou. A dor, a compaixão, a pena, o remorso: nenhum deles podia passar pelos muros. Até decidi matar uma criança por dinheiro.

E essa criança se apoderou da chave.

Mas isso foi coisa do encantamento. Foi a magia o que me fez ter piedade dele. Ou essa era minha desculpa? Uma coisa é certa: o encantamento não conjurou essas lembranças... lembranças de mim mesmo antes desta cela.

“O feitiço só funciona porque você quer que o faça. Sua vontade o reforça. Se tivesse desejado de verdade, já o teria quebrado a muito. Você se preocupa com o menino, entende? E essa preocupação é uma prisão invisível.”

Talvez não. Talvez fosse a liberdade.

Confuso, meio acordado e meio em sonho, Hugh se levantou do chão de pedra onde estava sentado e se aproximou da porta da cela. Estendeu o braço... e deteve o gesto. Tinha a mão coberta de sangue, e o punho, o antebraço... Estava empapado até o cotovelo.

E, tal como ele se via, ela também devia vê-lo.

— Maese Hugh...

Hugh deu um salto e virou a cabeça. Aquela presença era real, ou só um truque de sua mente que se pôs a pensar nela? Piscou, mas a figura não desapareceu.

— Iridal?

Quando viu em seus olhos que ela sabia a verdade a seu respeito, Hugh baixou a vista para suas mãos, envergonhado.

— Então Sinistrad tinha razão — murmurou ela. — Você é um assassino.

Os olhos irisados estavam descoloridos, cinzas. Neles não brilhava luz alguma.

O que podia dizer? O que acabava de ouvir era verdade. Poderia ter se desculpado, ter falado de Nick Três Golpes. Podia explicar que tinha decidido que não faria mal ao menino, que tinha planejado devolvê-lo à rainha Ana, mas nada daquilo mudaria o fato de que tinha aceitado o contrato, de que tinha aceitado o dinheiro; de que, no fundo de seu coração, sabia que era capaz de matar um menino.

Por isso se limitou a dizer simples e sinceramente:

— Sim.

— Não entendo! É uma coisa perversa e monstruosa! Como pode dedicar sua vida a matar pessoas?

Hugh poderia dizer que a maioria dos homens que tinha matado mereciam morrer. Poderia ter dito que, provavelmente, tinha salvado a vida dos que teriam se transformado em suas próximas vítimas.

Mas Iridal perguntaria: Quem é você para julgar? E ele responderia: Quem é? Quem é o rei Stephen, que pode proclamar, “esse homem é um elfo e, portanto, deve morrer”? Quem são os nobres, que podem dizer, “esse homem tem terras que quero e que não quer me dar; portanto, deve morrer”?

Bons argumentos, pensou, mas tinha concordado. Tinha aceitado o dinheiro. Sabia, no fundo de seu coração, que era capaz de matar um menino. Por isso respondeu:

— Agora não tem importância.

— Não, exceto porque volto a estar sozinha. Outra vez.

Iridal murmurou essas palavras em voz muito baixa. Hugh compreendeu que não as havia dito para que ele as ouvisse. A mulher estava no centro da cela com a cabeça inclinada e seus longos cabelos brancos caídos para frente, cobrindo seu rosto. Iridal tinha se preocupado com ele. Tinha acreditado nele. Talvez tivesse ido vê-lo com a intenção de lhe pedir ajuda. A porta de sua cela interior se abriu lentamente e banhou sua alma com a luz do sol.

— Você não está sozinha, Iridal. Há alguém em quem pode confiar. Alfred é um bom homem, e é dedicado a seu filho. — “Muito mais do que Bane merece”, pensou, mas não disse. Em voz alta, acrescentou: — Salvou a vida do menino em uma ocasião, quando uma árvore lhe caiu em cima. Se quer escapar, se você e seu filho querem fazê-lo, Alfred poderia ajudá-los. Poderia levá-los a nave elfa. O capitão da nave precisa de dinheiro. Em troca disso e de uma rota segura para escapar do Firmamento, poderá levá-los.

— Escapar? — Iridal dirigiu um olhar desesperado em torno dos muros da cela e afundou o rosto nas mãos. Mas não eram as paredes da cela de Hugh o que via, mas as suas.

“Ela também é prisioneira”, pensou Hugh. “Eu abri a porta da cela, ofereci uma visão fugaz da luz e do ar livre. E agora vê como essa porta volta a se fechar.”

— Você está certa, Iridal, sou um assassino. Pior ainda, matei por dinheiro. Não pretendo me desculpar. Mas o que fiz não é nada comparado com o que seu marido planejou!

— Você está errado! Ele não matou ninguém. Seria incapaz de uma coisa assim.

— Sinistrad fala de uma guerra em todos os mundos! De sacrificar milhares de vidas para se instalar no poder!

— Você não entendeu. É nossa vida o que tenta salvar. A vida de seu povo.

Ao ver sua expressão desconcertada, Iridal fez um gesto de impaciência, irritada por se ver obrigada a explicar o que tinha considerado evidente.

— Sem dúvida, já deve ter se perguntado por que os misteriarcas abandonaram o Reino Médio, uma terra onde tinham de tudo: poder, riqueza... Ah, sei o que se fala de nós! Sei porque fomos nós mesmos que espalhamos a história que tínhamos nos cansado daquela vida bárbara e das guerras constantes contra os elfos. O certo é que partimos porque nos vimos obrigados a isso, porque não tínhamos outra possibilidade. Nossa magia estava decaindo. Os matrimônios com humanos normais a tinham diluído. Por isso existem tantos feitiçeiros em seu reino. Muitos, mas fracos. Os que possuíam sangue puro eram poucos, mas poderosos. Para assegurar a continuidade de nossa raça, fugimos para algum lugar onde não pudessemos ser...

— Poluídos? — sugeriu Hugh.

Iridal ruborizou e mordeu o lábio. Logo, erguendo a cabeça, olhou-o com orgulho.

— Sei que diz isso com desprezo, mas sim, é verdade. Pode nos culpar por isso?

— Mas não deu certo, não é?

— A viagem foi difícil e muitos morreram. Outros sucumbiram antes que pudessemos estabilizar a cúpula mágica que nos protege do frio e nos proporciona o ar que respiramos. Por fim, tudo parecia estar bem e nossos filhos nasceram, mas não em

abundância e a maioria deles morreu. — O olhar altivo desapareceu de seu rosto e baixou de novo a cabeça. — Bane é o único de sua geração que está vivo. E agora, a cúpula está caindo. Esse leve resplendor do céu que parece tão belo é mortal para nós.

“Os edifícios não são reais e nossa gente finge ser uma população numerosa para que não descubram a verdade.

— Quer dizer, que são obrigados a retornar ao mundo de baixo mas têm medo de revelar a debilidade em que se acham — disse Hugh. — O bebê trocado se transformou em príncipe de Volkaran, e agora vai voltar como rei!

— Rei? Impossível. Já existe um rei.

— Não tão impossível. Seu marido pretende me contratar para se livrar do rei e da rainha; então Bane, seu filho, herdará o trono.

— Não acredito! Isso é mentira!

— Você acredita. Veja em seu rosto. Não é o seu marido que defende, defende a si mesma. Sabe muito bem do que ele é capaz. Sabe muito bem o que tem feito e o que você deixou de fazer! Talvez não um assassinato, mas teria causado menos dor a esses pais do Reino Médio se os tivessem apunhalado em vez de levar seu filho.

Os olhos sombrios, descoloridos, tentaram sustentar seu olhar, mas titubearam e voltaram a se cravar no chão.

— Chorei por eles. Tentei salvar seu menino... teria dado minha vida para que o pequeno vivesse, mas...

— Eu agi errado, mas me parece, Iridal, que o mesmo mal pode ser causado ao abster-se de agir. Sinistrad vai voltar para fechar o acordo comigo. Escute o que planejei e julgue por si mesma.

Iridal olhou para ele e começou a dizer algo. Depois sacudiu a cabeça, fechou os olhos e, em um instante, desapareceu. As correntes eram muito pesadas e Iridal não podia libertar-se delas.

Hugh se deixou cair ao chão, de novo sozinho na cela dentro de outra cela. Tirou o cachimbo, colocou-o entre os dentes e olhou com raiva os muros de sua prisão.

Passando pela asa do dragão.

Se Sinistrad pretendia assustá-lo com sua repentina aparição, teve uma decepção. Hugh ergueu a vista, mas não se moveu nem disse nada.

— Bem, Hugh a Mão, o que decidiu?

— Não há muito o que decidir. — Hugh se levantou com esforço, envolveu cuidadosamente o cachimbo no pano e guardou-o no bolso do peito. — Não quero passar o resto da vida neste lugar, assim trabalharei para você. Trabalhei para outros piores. Afinal, já aceitei dinheiro até para matar um menino.

CAPÍTULO 54



CASTELO SINISTRO,
REINO SUPERIOR

Haplo vagava pelos corredores do castelo, perdendo o tempo ociosamente — ou assim parecia quando alguém lhe dedicava alguma atenção. — Quando não tinha ninguém por perto, continuava procurando, seguindo o rastro dos todos os outros o melhor que podia.

O cão estava com Bane. Haplo tinha escutado até a última palavra da conversa entre pai e filho. A estranha pergunta sobre o signo mágico tinha pego o patryn despreparado. Arranhando a pele sob as ataduras, Haplo se perguntou se o menino teria visto suas runas tatuadas e tentou recordar algum momento em que tivesse cometido um deslize, um erro. Por fim, decidiu que não tinha cometido nenhum. Teria sido impossível. Então, do que o menino estava falando? Certamente, não de um feiticeiro mensch tentando jogar com as runas. Nem sequer um mensch seria tão estúpido.

Bom, não valia a pena perder tempo em conjeturas. Logo descobriria.

Bane — com o cão trotando fielmente a seu lado — cruzou por ele pelo corredor um momento atrás, em busca de Alfred. Talvez essa conversa lhe desse a chave. Enquanto isso, tinha que espiar Limbeck.

Parou em frente a porta da habitação do geg e olhou de um lado a outro do corredor. Não havia ninguém à vista. Haplo riscou um signo mágico sobre a porta e a madeira desapareceu... ao menos para seus olhos. Para o geg, sentado com ar desconsolado, a porta continuava tão sólida como sempre. Limbeck tinha pedido instrumentos de escritura a seu anfitrião e parecia absorto em seu passatempo favorito: redigir discursos. Entretanto, Haplo percebeu que não escrevia grande coisa. Com os óculos levantados sobre a testa, o geg permanecia com o rosto apoiado na mão e a vista fixa em uma parede de pedra coberta de tapeçarias que, para ele, era uma confusa massa multicolorida.

— “Colegas da União...” Não, isso é muito restritivo. “Companheiros da UAPP e demais gegs...” Mas talvez o survisor chefe esteja presente. “Survisor chefe, ofinista chefe, companheiros da UAPP, irmãos gegs... irmãos e irmãs gegs, vi o mundo

superior e é muito belo” — a voz de Limbeck suavizou, — “mais belo e maravilhoso do que possam imaginar. E eu... eu...” Não! — deu um enérgico puxão na barba. — Assim — acrescentou, encolhendo-se de dor e piscando para que não lhe saltassem as lágrimas. — Como diria Jarre, divago muito. Vamos ver se agora posso pensar melhor. “Meus queridos membros da União...” Não. Já estamos aqui outra vez. Deixei o supervisor chefe...

Haplo riscou um novo signo mágico e a porta voltou a ficar visível. Quando começou seu percurso pelo corredor, a voz de Limbeck continuou chegando, recitando o discurso em voz alta para ele mesmo. “O geg sabe o que tem que dizer”, pensou Haplo, “mas resiste a fazê-lo.”

— Ah, Alfred, aí está você! — Era a voz de Bane, que chegava a Haplo através do cão. — Não o encontrava em parte alguma.

O menino parecia mal-humorado, irritado.

— Sinto muito, Alteza. Estava procurando maese Hugh...

Não era o único.

Haplo parou em frente a próxima porta e olhou para o interior. A habitação estava vazia; Hugh tinha desaparecido. O patryn não se surpreendia muito que isso tivesse acontecido. Se Hugh estivesse vivo, seria só porque Sinistrad tinha intenção de fazê-lo sofrer. Ou, melhor ainda, de utilizá-lo para fazer Iridal sofrer. O ciúme que o feiticeiro demonstrava a respeito da sua esposa era estranho, considerando que não lhe tinha o menor afeto.

“Iridal é uma posse”, pensou Haplo enquanto dava meia volta e retrocedia seus passos pelo corredor, em direção ao quarto de Limbeck. Sinistrad teria se enfurecido da mesma forma, se tivesse pilhado Hugh furtando o faqueiro. “Enfim, tentei protegê-lo. Uma pena. Era um sujeito ousado e poderia me ser útil. De qualquer modo, agora que Sinistrad está ocupado com ele, seria uma ocasião excelente para que nós partíssemos.”

— Alfred... — Bane tinha adotado um tom meloso, — quero falar com você.

— Certamente, Alteza.

O cão se deitou no chão entre os dois.

“Esse é o momento de partir”, repetiu Haplo. “Sim, pegarei Limbeck, voltaremos para a nave elfa e me apropriarei dela. E deixarei esse feiticeiro mensch abandonado em seu reino. Não tenho por que continuar suportando esse introneto. Levarei o geg de volta a Drevlin e, com isso, terei completado os objetivos de meu amo, exceto levar alguém deste mundo para que o instrua como discípulo. Tinha pensado em Hugh mas, ao que parece, posso descartá-lo.

“Entretanto, meu amo e senhor terá que sentir-se satisfeito. Este mundo está cambaleando a beira do desastre. Se tudo sair bem, poderei dar o empurrão definitivo. E acredito que poderei assegurar que não mais nenhum sartan...”

— Alfred — disse Bane, — sei que você é um sartan.

Haplo parou bruscamente.

Devia ter se enganado. Não escutara bem. Como tinha aquela palavra na cabeça, parecia tê-la ouvido quando, na realidade, o menino havia dito outra coisa. Contendo o fôlego e quase desejando com impaciência poder acalmar os batimentos do coração de seu coração para escutar com mais clareza, Haplo prestou atenção.

Alfred notou que o mundo se abria sob seus pés. As paredes aumentaram, o teto pareceu cair em cima dele e, durante alguns benditos e terríveis instantes, pensou que ia

desmaiar. Mas desta vez seu cérebro se negou a parar de funcionar. Desta vez teria que enfrentar o perigo da melhor forma que pudesse. Sabia que devia dizer algo, rechaçar a afirmação do menino, é claro, mas a verdade é que não sabia se seria capaz de falar. Tinha os músculos faciais paralisados.

— Vamos, Alfred — insistiu Bane enquanto o contemplava, — não tem como negar. Sei que é verdade. Quer saber por que sei?

O menino estava se divertindo imensamente com a situação. E Alfred percebeu que o cão estava ali, com a cabeça levantada e os olhos fixos nele, como se tivesse entendido cada palavra e também aguardasse sua reação. O cão! É óbvio que entendia cada palavra! E seu amo também...

— Lembra do dia em que a árvore caiu em cima de mim? Eu estava morto. E sei que estava morto porque me vi flutuando e olhei para trás e vi meu corpo estendido no chão, atravessado pelas pontas de cristal. Mas, de repente, foi como se uma grande boca se abrisse e me puxasse para trás. Então despertei e não tinha mais nenhuma ferida. E, quando me olhei, vi que tinha isto no peito. — Bane mostrou o papel que tinha pego do escritório de seu pai. — Perguntei a meu pai o que era e ele me disse que se tratava de um signo mágico, uma runa curativa.

“Negue”, pensou Alfred. “Tome suas palavras como brincadeira. Que imaginação, Alteza! Sonhou tudo isso, é claro! Com certeza foi coisa do golpe que recebeu na cabeça.”

— E depois o que houve com Hugh — continuou Bane. — Sei que dei veneno suficiente para acabar com ele. Quando caiu ao chão feito um trapo, estava morto. Igual a mim. E você o reviveu!

“Vamos, vamos, Alteza. Se eu fosse um sardanista, por que teria que ganhar a vida como criado? Não; se o fosse, viveria em um esplêndido palácio e vocês, menschen, correriam a se apresentar a mim, se prostrariam a meus pés e suplicariam que lhes concedesse isto e aquilo, que lhes ajudasse a derrotar seus inimigos, e me ofereciam tudo o que quisesse, exceto a paz.”

— E agora que sei que é um sardanista, tem que me ajudar. A primeira coisa que vamos fazer é matar meu pai. — Bane levou a mão sob a túnica e tirou uma adaga que Alfred reconheceu como pertencente a Hugh. — Olhe, encontrei isto no escritório de meu pai. Sinistrad quer descer ao Reino Inferior e mandar os gegs à guerra e reparar a Máquina Viva para alinhar todas as ilhas e controlar assim o fornecimento de água. Ele ficará com toda a riqueza e todo o poder, e isso não é justo, porque a ideia é minha! Fui eu que descobri como a máquina funciona! E, é óbvio, você também pode me ajudar nisso, Alfred; já que foi sua gente que a construiu, estou certo de que conhece seu funcionamento.

O cão olhava para Alfred com sua expressão excessivamente inteligente. Olhava-o diretamente nos olhos. Era muito tarde para negar, tinha deixado escapar a oportunidade. Nunca tinha sido rápido de pensamento e de reações. Por isso seu cérebro tinha adquirido o costume de fechar-se quando se encontrava frente a um perigo. Era incapaz de enfrentar a batalha constante que rugia em seu interior, de dominar o impulso instintivo de utilizar seus poderes prodigiosos para proteger a si mesmo e aos outros, frente à terrível certeza de que, se o fizesse, seria desmascarado como o semideus que era... e que não era.

— Não posso ajudá-lo Alteza. Não posso tirar uma vida.

— Vá ter que fazê-lo, Alfred. Não tem alternativa. Se não o fizer, direi a meu pai quem você é e, quando meu pai souber, ele também tentará utilizá-lo.

— E eu, Alteza, me negarei.

— Não poderá! Se não o obedecer, ele vai matá-lo. Então terá que lutar com ele, e o derrotará porque é mais forte!

— Não, Alteza. Perderei. Morrerei.

Bane reagiu com surpresa, perplexo. Era evidente que não lhe tinha passado pela cabeça tal possibilidade.

— Como! Você é um sardan!

— Não somos imortais... algo que esquecemos uma vez, acredito.

Tinha sido a desesperança o que os tinha matado. A mesma desesperança que Alfred sentia agora. Uma enorme tristeza. Tinham ousado pensar e agir como deuses e tinham deixado de escutar os verdadeiros deuses. As coisas tinham começado a torcer-se, do ponto de vista dos sardan, e estes tinham tomado a responsabilidade de decidir o que era melhor para o mundo e agir em consequência disso. Mas, então, outras coisas começaram a sair erradas e eles tiveram que se dedicar a consertá-las. E cada vez que arrumavam algo, o conserto danificava outra coisa. Logo, a tarefa se tornou muito grande e os sardan eram poucos. E, por fim, perceberam que tinham manipulado indevidamente o que deveriam ter deixado intacto. Mas, então, já era muito tarde.

— Morrerei — repetiu Alfred.

O cão se levantou, aproximou-se dele e apoiou a cabeça em seu joelho. Com um gesto lento, hesitante, Alfred tocou ao animal, notou seu calor e a solidez de seus bem formados ossos da cabeça sob a pelagem sedosa.

“O que está fazendo seu amo neste momento?”, perguntou-lhe em silêncio. “O que Haplo estará pensando, ao saber que ainda tem ao alcance um de seus inimigos ancestrais? Não posso me pôr a imaginar. Tudo depende, suponho, do que Haplo tenha vindo fazer neste mundo.”

Para frustração e cólera de Bane, Alfred sorriu. O chambelan se perguntava o que Sinistrad faria se soubesse que tinha, não só um, mas dois semideuses sob seu teto.

— Talvez você esteja disposto a morrer, Alfred — murmurou Bane com inesperada e maliciosa astúcia, — mas o que me diz de nossos amigos, o geg, Hugh e Haplo?

Ao ouvir o nome de seu dono, o cão meneou lentamente de um lado a outro o rabo despenteado.

Bane deu alguns passos até colocar-se ao lado do chambelan e suas mãos se apoiaram com força no ombro dele.

— Quando disser a meu pai quem é e quando lhe demonstrar como sei o que é, ele perceberá, assim como eu agora, que não precisamos de nenhum dos outros. Não necessitamos dos elfos nem de sua nave, porque nossa magia pode nos levar onde quisermos. Não necessitamos de Limbeck porque você poderá falar com os gegs e convencê-los a ir à guerra. Tampouco necessitaremos de Haplo; na realidade, nunca necessitamos dele. Eu cuidarei do cão. E não precisaremos sequer de Hugh. Meu pai não te matará, Alfred. Vá controlá-lo com a ameaça de matá-lo! Assim, você não pode morrer.

“O que ele diz está certo”, pensou Alfred. “E Sinistrad entenderá assim, sem dúvida. Transformei todos em reféns. Mas, o que posso fazer para salvá-los, a não ser

matar?”

— E o autenticamente magnífico — acrescentou Bane com uma risada — é que nem sequer precisaremos de meu pai!

“É a velha maldição dos sartan que volta para mim, finalmente. Se tivesse deixado o menino morrer como, talvez, era seu destino, nada disto teria acontecido. Mas tive que me intrometer. Tive que brincar de deus. Pensei que havia bondade no menino, que mudaria... Pensei que eu poderia salvá-lo! Eu, eu, eu! É só nisso que pensam os sartan, em nós mesmos. Quisemos moldar o mundo a nossa imagem. Embora talvez não fosse isso o que pretendíamos.”

Alfred ficou em pé muito devagar, afastando com suavidade o cão. Deu alguns passos até o centro da sala, elevou os braços ao ar e começou a mover-se em uma dança solene e estranhamente elegante para sua habitual estupidez.

— Alfred, que diabos está fazendo?

— Vou embora, Alteza — respondeu o sartan.

O ar ao seu redor começou a brilhar tenuemente enquanto prosseguia seu baile. Estava riscando as runas no ar com as mãos e as escrevendo no chão com os pés. Bane abriu a boca.

— Você não pode! — exclamou. Correu para ele e tentou agarrá-lo, mas o muro mágico que Alfred tinha construído a seu redor já era muito poderoso. Quando Bane o tocou, produziu-se uma faísca e o menino, com um gemido, retirou a mão com os dedos chamuscados e doloridos. — Não pode me deixar! Ninguém pode me abandonar se eu não quiser que o faça!

— Seu feitiço não me afeta, Bane — respondeu Alfred quase com tristeza, enquanto seu corpo começava a se dissolver. — Nunca afetou.

Uma grande silhueta peluda saltou por trás de Bane. O cão atravessou a tela brilhante e aterrissou com agilidade ao lado de Alfred. Com a boca aberta, o cão saltou e mordeu-lhe o tornozelo, segurando-o com força.

Uma expressão de surpresa apareceu no rosto já fantasmagórico de Alfred. Com gestos frenéticos, tentou soltar-se da boca do cão.

O cão sorriu, como se considerasse aquilo um grande jogo. Segurou com mais força e começou a puxar o tornozelo com rosnados festivos. Alfred puxou com mais força. Seu corpo tinha parado de desaparecer e começava a recuperar a solidez progressivamente. Dando voltas e voltas em círculo, o chambelan rogou e suplicou, ameaçou e repreendeu o cão para que o soltasse. O animal o seguiu, girando também; suas patas escorregavam sobre o chão de lajes, sem apoio para as unhas, mas suas mandíbulas continuaram fechadas com firmeza em torno da perna de Alfred.

A porta da sala se abriu de par em par. O cão olhou em direção para ela e meneou com fúria a cauda, mas não soltou Alfred.

— Pensa que vai nos deixar para trás, sartan? — Disse a voz de Haplo. — Como nos velhos tempos, não é?

CAPÍTULO 55



CASTELO SINISTRO, REINO SUPERIOR

Em outra habitação, um corredor a frente, Limbeck levou por fim a pluma ao papel. “Meu povo...”, começou a escrever.

Haplo tinha imaginado muitas vezes o encontro com um sartan, com alguém que tinha encerrado para sempre seu povo naquele labirinto infernal. Imaginou-se furioso, mas agora nem ele podia acreditar na raiva que sentia. Olhou para aquele homem, aquele Alfred, aquele sartan, e viu o caodin atacando-o, viu o corpo do cão estendido no chão, quebrado e sangrando. Sentiu que afogava. As veias, vermelhas contra um intenso amarelo, nublaram sua visão e teve que fechar os olhos e concentrar-se para recuperar o fôlego.

— Vai nos abandonar outra vez! — Ofegou. — Assim como nossos carcereiros nos abandonaram para que morrêssemos na prisão!

Haplo resmungou as últimas palavras entre dentes. Erguendo as mãos enfaixadas como se fossem esporões ao ataque, aproximou-se de Alfred e observando fixamente o rosto do sartan, que parecia rodeado por um halo de chamas. Se aquele sartan sorrisse, se seus lábios fizessem o menor movimento, Haplo o mataria. Seu senhor, seu objetivo, suas instruções... tudo desapareceu depois do violento pulsar das ondas de ódio em sua mente.

Mas Alfred não sorriu. Não empalideceu de medo nem retrocedeu; nem sequer se moveu para se defender. As rugas de seu rosto envelhecido, consumido pelas preocupações, ficaram mais profundas. Seus olhos mansos estavam apagados e avermelhados, trêmulos de pena.

— O carcereiro não os abandonou — respondeu. — O carcereiro morreu.

Haplo notou a cabeça do cão contra seu joelho e, agarrou sua suave pelagem e o puxou com força. O cão ergueu a vista com olhos preocupados e se chegou mais ao seu amo, choramingando. O patryn foi recuperando a respiração, sua visão clareou e a clareza voltou também para sua mente.

— Já estou bem — disse Haplo, exalando um suspiro. — Já estou bem.

— Isso significa que Alfred não vai embora? — perguntou Bane.

— Não, não vai. Pelo menos, não agora. Não irá até que eu esteja preparado.

Dono de si mesmo outra vez, o patryn encarou o sartan. A expressão de Haplo era agora tranqüila, com um leve sorriso. Esfregando as mãos com gestos lentos, deslocou ligeiramente as ataduras que cobriam sua pele.

— O carcereiro morreu? Não acredito!

Alfred titubeou e umedeceu os lábios.

— Seu povo esteve... preso nesse lugar todo este tempo?

— Sim. Mas já sabia disso, não é? Essa foi sua intenção!

Limbeck, sem ouvir nada do que estava acontecendo a duas portas de seu quarto, continuou escrevendo:

“Meu povo, estive nos reinos superiores. Visitei os reinos que nossas lendas dizem que são o céu. E realmente são. E não são. São belos e são ricos, mais do que é possível imaginar. O sol os ilumina todo o dia. O Firmamento reluz em seu céu. A chuva cai mansa, não com violência. As sombras dos Senhores da Noite os convidam ao sono. Vivem em casas, não em peças de refugio de uma máquina ou em um edifício que a Máquina Viva decide que não necessita no momento. Têm naves aladas que voam pelos ares. Têm bestas aladas amestradas que os conduzem aonde querem ir. E têm tudo isso graças a nós.

“Mentiram. Disseram que eram deuses e que devíamos trabalhar para eles. Prometeram que, se trabalhássemos bem, e fôssemos julgados dignos nos levariam para viver no paraíso. Mas nunca tiveram intenção de cumprir essa promessa.”

— Não! Nunca tivemos tal intenção! — Respondeu Alfred. — Tem que acreditar. E tem que acreditar que eu... que nós não sabíamos que ainda estavam ali. Imaginávamos que ficaríamos ali por pouco tempo, alguns ciclos, várias gerações...

— Um milhar de ciclos! Cem gerações... os que sobreviveram! E onde vocês estavam? O que aconteceu?

— Nós... tínhamos nossos próprios problemas. — Alfred baixou os olhos e inclinou a cabeça.

— Tem toda minha compreensão.

Alfred elevou rapidamente os olhos, viu a careta nos lábios do patryn e, com seu suspiro, afastou-os de novo.

— Você vai comigo — disse Haplo. — Vou levá-lo para que veja por si mesmo o inferno que vocês criaram! E meu senhor o interrogará. Como eu, custará a acreditar que “o carcereiro morreu”.

— Seu senhor?

— Um grande homem, o mais poderoso de nossa estirpe. Meu amo tem planos, muitos planos, dos quais não duvido que lhe informará.

— E esta é a razão de você estar aqui... — murmurou Alfred. — Seus planos? Não. Não vou com você. Não o acompanharei voluntariamente. — O sartan moveu a cabeça acompanhando suas palavras. No fundo de seus olhos mansos brilhou uma faísca.

— Então, usarei a força. E adorarei fazer isso!

— Não duvido. Mas se pretende ocultar sua presença neste mundo — seu olhar se cravou nas mãos enfaixadas do patryn, — sabe que um combate entre nós, um duelo de tal magnitude e ferocidade mágica, não poderia passar despercebido e seria desastroso para você. Os feiticeiros deste mundo são poderosos e inteligentes. Existem lendas sobre a Porta da Morte. Muitos, como Sinistrad ou até este menino — Alfred acariciou os cabelos loiros de Bane, — encontrariam a explicação e começariam a procurar ansiosamente a entrada do que se supõe um mundo maravilhoso. Seu senhor está disposto a isso?

— Senhor? Que senhor? Olhe para mim, Alfred! — gritou Bane, farto. — Ninguém irá a parte nenhuma enquanto meu pai viver!

Nenhum dos dois homens respondeu, nem sequer olhou para ele. O menino lhes dirigiu um olhar de ódio. Como de costume, os adultos, absortos em suas próprias preocupações, tinham esquecido dele.

“Por fim, nossos olhos se abriram. Por fim vemos a verdade.” Os óculos incomodavam Limbeck e os colocou no alto da cabeça. “E a verdade é que já não necessitamos...”

— Não preciso de vocês! — Exclamou Bane. — Vão colaborar de qualquer forma. Eu mesmo o farei. — Levou a mão sob a túnica, tirou a adaga de Hugh e a contemplou com admiração, passando o dedo com cuidado pelo fio da folha esculpida de runas. — Vamos — disse ao cão, que continuava quieto ao lado de Haplo. — Você vem comigo. — O cão olhou para o menino e meneou a cauda, mas não se moveu.

— Vamos! — Insistiu Bane. — Vamos rapaz!

O cão inclinou a cabeça e se virou para Haplo, gemendo e levantando a pata. O patryn, concentrado em seu inimigo, afastou o animal com um empurrão. Com um ganido e um último olhar suplicante para seu amo, o cão foi para o lado de Bane com a cabeça curvada e as orelhas caídas.

O menino guardou a adaga no cinto e deu alguns tapinhas na cabeça do cão.

— Bom menino. Vamos.

“Por isso, em resumo...”

Limbeck fez uma pausa. Sua mão tremia e uma névoa lhe cobria os olhos. Uma gota de tinta caiu sobre o papel. Colocando de novo os óculos, sujeitou-os no nariz e permaneceu sentado e imóvel, contemplando a linha em branco onde escreveria as palavras finais.

— Realmente pode se permitir um enfrentamento comigo? — insistiu Alfred.

— Não acredito que vá lutar — respondeu Haplo. — Acredito que está muito fraco, muito cansado. Esse menino tão mimado é mais...

Alfred lembrou-se de Bane e olhou a seu redor.

— Onde ele está?

— Foi para algum lugar — Haplo fez um gesto de impaciência. — Não tente...

— Não vou tentar nada! Você ouviu o que me pedia, e tem uma adaga. Vai matar seu pai! Tenho que impedir...

— Não. — Haplo segurou o sartan pelo braço. — Deixe que os mensch se

matem entre eles. Não importa.

— Você realmente não se importa? — Alfred lançou um olhar estranho, inquisitivo ao patryn.

— Não, claro que não. Só o que me interessa é o líder da revolta geg, e Limbeck está a salvo em seu quarto.

— E onde está o cão? — perguntou Alfred.

“Meu povo...” A pluma de Limbeck riscou lenta e meticulosamente cada palavra, “...vamos à guerra.”

Ali estava. Tinha terminado. Tirou os óculos e os jogou sobre a mesa. Logo, afundou a cabeça entre as mãos e começou a chorar.

CAPÍTULO 56



CASTELO SINISTRO, REINO SUPERIOR

Sinistrad e Hugh estavam sentados no estúdio do misteriarca. Era quase meio-dia e a luz do sol entrava por uma janela acristalada. Entre a névoa do exterior, como se flutuassem sobre ela, elevavam-se as torres resplandecentes da cidade de Nova Esperança; de uma cidade que, pelo que Iridal tinha lhe contado, poderia ter se chamado Sem Esperança. Hugh se perguntou se os edifícios teriam sido postos ali para que ele os visse. Perto dos muros do castelo, enroscado em torno dele e aquecendo-se ao sol, distinguiu o dragão de azougue.

— Vejamos, o que será melhor? — Sinistrad deu alguns golpes na mesa com seus dedos longos e finos. — Levaremos o menino a Djern Volkain na nave elfa... nos assegurando, é obvio, de que a nave seja vista pelos humanos. Assim, quando descobrirem Stephen e Ana assassinados, acusarão os elfos pelo atentado. Bane pode contar uma história fantástica: que foi capturado e conseguiu escapar, e que os elfos o seguiram e mataram seus pais quando estes tentavam resgatá-lo. Creio que poderá fazer que as mortes pareçam cometidas pelos elfos, não é?

O ar em torno de Hugh se agitou, uma brisa fria o envolveu e dedos gelados pareceram roçar seu ombro, Iridal estava usando sua magia contra o marido. A mulher estava ali, atenta à conversa.

— Certamente. Será fácil. E o menino? Vai colaborar? — perguntou Hugh, tenso mas fazendo o possível para parecer relaxado. Agora que Iridal descobria a verdade, qual seria sua reação? — Seu filho não parece nada entusiasmado.

— Ele vai colaborar. Só tenho que fazê-lo compreender que tudo isto é em benefício dele. Quando souber o proveito que pode obter, ficará impaciente por colaborar. O menino é ambicioso e assim deve ser pois, afinal, é meu filho.

Invisível a qualquer olho, Iridal permaneceu atrás de Hugh, observando a cena e escutando. Não sentiu nada ao escutar Sinistrad tramando um assassinato; tinha a mente e os sentidos amortecidos, insensíveis. “Por que me incomodei em vir?”, perguntou-se. “Não há nada que eu possa fazer. É muito tarde para ele e para mim. Mas não é muito

tarde para Bane. Como dizia o antigo lema? “Um menino os conduzirá.” Sim, para ele ainda há esperanças. Bane ainda é inocente, não está corrompido. Algum dia nos salvará.”

— Ah! Aqui está você, pai.

Bane penetrou no estúdio ignorando o olhar carrancudo de Sinistrad. O menino estava muito corado e parecia irradiar uma luz interior. Seus olhos brilhavam com energia febril. Atrás do menino, o cão parecia triste e preocupado. Seus olhos se voltaram para Hugh com ar suplicante; depois, seu olhar se desviou para um ponto às costas do assassino, contemplando Iridal com tal atenção que a mulher sentiu uma onda de pânico e se perguntou se o feitiço de invisibilidade teria deixado de funcionar.

Hugh se moveu inquieto em seu assento. Bane estava tramando algo. Provavelmente, nada de bom, a julgar pela expressão beatífica de seu rosto.

— Estou ocupado, Bane. Deixe-nos — disse Sinistrad.

— Não, pai. Sei do que estão falando. Quer me enviar de volta à Volkaran, não é? Não faça isso, pai! — de repente, a voz do menino se tornou doce e suave. — Não me faça voltar para aquele lugar. Não gosto de ninguém ali e me sinto sozinho. Quero ficar com você. Pode me ensinar magia, assim como me ensinou a voar. Mostrarei tudo o que sei da grande máquina e o apresentarei ao sobrevivente chefe...

— Pare de choramingar! — Sinistrad ficou em pé. Suas roupas finas sussurraram em torno de seu corpo quando saiu de trás da mesa para plantar-se frente ao seu filho. — Você quer me agradar, não é, Bane?

— Sim, pai... — titubeou. — Isso é o que desejo, acima de tudo. Por isso desejo ficar aqui! E você? Não me quer a seu lado? Não foi para isso que me trouxe?

— Ora! Quanta tolice. Trouxe-o aqui para poder pôr em marcha a segunda fase de nosso plano. Desde sua chegada, algumas coisas mudaram, mas só para melhor. Quanto a você, enquanto eu for seu pai irradia onde eu disser e fará o que ordenar. Agora, deixe-nos. Mandarei chamá-lo mais tarde.

Sinistrad voltou as costas ao menino. Bane, com um estranho sorriso nos lábios, levou uma mão ao interior da túnica. Quando a tirou, empunhava a adaga de Hugh.

— Então, acredito que não será meu pai por muito tempo!

— Como se atreve...? — Sinistrad virou-se, viu a adaga na mão do menino e soltou uma exclamação de surpresa. Pálido de fúria, o misteriarca levantou a mão direita dispondo-se a efetuar o feitiço que dissolveria o corpo do menino em um instante. — Posso fazer mais filhos!

O cão deu um salto, golpeou Bane no meio das costas e o derrubou ao chão. A adaga voou da mão do menino.

Algo invisível sacudiu Sinistrad, e mãos fantasmas agarraram as do misteriarca. Furioso, este se virou contra sua esposa, cujo feitiço se desfez durante a resistência deixando-a à vista de seu marido.

Hugh ficou em pé, apoderou-se da adaga caída no chão e esperou sua oportunidade. Estava disposto a liberar a mulher e a salvar seu filho.

O corpo do feiticeiro crepitou com um chiado azulado e Iridal foi repelida por uma ensurdecadora onda de choque que a lançou, aturdida, contra a parede. Sinistrad se virou para seu filho e encontrou o cão em cima do menino.

Com os dentes arreganhados e preparado para a luta, o animal emitiu um rosnado rouco.

Hugh lançou uma estocada e afundou a adaga no corpo do feiticeiro. Sinistrad soltou um grito de fúria e dor. O assassino tirou a adaga. O corpo do misteriarca brilhou tenuemente e se esfumou, e Hugh pensou que tinha morto seu inimigo, mas de repente, Sinistrad voltou, só que desta vez seu corpo era o de uma serpente enorme.

Como um dardo, a cabeça do réptil procurou Hugh. O assassino afundou de novo a adaga no corpo, mas era muito tarde. A serpente cravou suas presas na nuca de Hugh. Este lançou um grito de agonia enquanto o veneno se estendia por seu corpo. Conseguiu continuar empunhando com força a arma e a serpente, em seus agitados esforços, só fez aumentar a ferida. Atacando com sanha em seus estertores de morte, enroscou a cauda em torno das pernas de Hugh e ambos rolaram pelo chão.

A serpente desapareceu. Sinistrad jazia morto, com as pernas enroscadas ao redor dos pés de Hugh.

Hugh contemplou o cadáver e fez um esforço fraco para levantar-se. Não sentia a menor dor, mas tinha perdido as forças e caiu de novo.

— Hugh.

Com muita dificuldade conseguiu virar a cabeça. A cela estava negra como o breu. Não podia ver nada.

— Hugh! Tinha razão. Meu erro foi pecar por omissão. E agora é muito tarde... muito tarde!

Estava se abrindo uma rachadura nos muros. Um fino raio de luz brilhava, ofuscante passava por ela. Hugh aspirou o aroma de ar puro, perfumado com o aroma da lavanda. Passando as mãos entre os barrotes de sua cela interior, Hugh ergueu-as para ela. Iridal, estendendo as suas atrás dos muros de sua própria prisão, conseguiu roçar as pontas de seus dedos.

E então o monge negro se apresentou e libertou Hugh finalmente.

CAPÍTULO 57



CASTELO SINISTRO, REINO SUPERIOR

Um som grave, ensurdecedor, fez as pedras do castelo estremecerem até os alicerces. O som cresceu em intensidade como um trovão longínquo que avançasse para eles fazendo tremer o chão. O castelo vibrou como se uma força terrível o agitasse. Um uivo triunfal fendeu os ares.

— Que diab...? — Haplo olhou ao seu redor.

— O dragão se soltou! — Murmurou Alfred, abrindo os olhos com surpresa e temor. — Algo aconteceu a Sinistrad!

— A besta matará a todos no castelo. Eu já enfrentei dragões outras vezes, pois são numerosos no Labirinto. E você?

— Não, nunca. — Alfred olhou para o patryn e percebeu seu sorriso.

— Seremos necessários nós dois para lutar contra essa besta, e empregar todos os nossos poderes.

— Não — replicou Haplo, dando de ombros. — Tinha razão. Não me atrevo a revelar minha identidade. Não posso lutar, nem sequer para salvar minha própria vida. Assim, suponho que tudo depende de você, sartan.

O solo tremeu. No passadiço se abriu uma porta e Limbeck colocou a cabeça por ela.

— Isto se parece mais com a minha pátria — comentou com alegres gritos por cima do estrondo. Avançando com facilidade pelo chão em movimento, trazia na mão um punhado de papéis que agitava com excitação — Querem escutar meu discurs...

Os muros exteriores caíram. Alfred e Limbeck perderam o equilíbrio enquanto Haplo se chocava com uma porta que cedeu sob seu peso com um rangido. Um cintilante olho encarnado do tamanho do sol olhou entre os restos da muralha para as vítimas apanhadas no interior. O trovão se transformou em um rugido. O dragão ergueu a cabeça e abriu as maxilares, descobrindo suas brancas presas.

Haplo se levantou cambaleando. Limbeck jazia de costas, com os olhos quebrados junto a ele. Enquanto procurava os papéis, o geg olhou impotente, para a

imprecisa silhueta chapeada de olhos chamejantes que era o dragão. Perto de Limbeck estava o corpo inconsciente de Alfred.

Um novo rugido sacudiu o edifício. Uma língua de prata cintilou como um raio. Se o dragão acabasse com eles, Haplo não só perderia a vida, mas também o objetivo de sua viagem até ali. Perderia um Limbeck que devia conduzir a revolução entre os gegs. Um Limbeck que devia iniciar a guerra que provocaria o caos naquele mundo.

Haplo tirou as ataduras das mãos. Plantado entre o geg e o sartan, cruzou os braços e levantou por cima da cabeça os punhos tatuados com os signos mágicos. Por um instante, perguntou-se onde estaria o cão. Não ouvia nada procedente do animal mas, por outro lado, os rugidos do dragão lhe impediam de ouvir qualquer outra coisa.

A besta se equilibrou sobre ele com a boca aberta para capturar sua presa.

Haplo não mentira: tinha combatido em outras ocasiões contra dragões... dragões do Labirinto, perto deles aquele dragão de azogue era um verme. O mais difícil era manter-se firme, disposto a receber o golpe, quando todos os instintos de seu corpo gritavam para que se pusesse a correr.

No último instante, a cabeça chapeada se desviou para um lado e suas mandíbulas se fecharam no ar. O dragão se afastou e contemplou o patryn com suspeita.

Os dragões são seres inteligentes e, quando saem de um encantamento, reagem com fúria e confusão. Seu primeiro impulso é revoltar-se contra o mago que os enfeitiçou mas, até enfurecidos, não atacam descontroladamente. Aquela besta tinha experimentado forças mágicas de muitos tipos em sua vida, mas nenhuma como a que tinha a sua frente naquele momento. Até sem ver, notava o poder que envolvia aquele homem como um poderoso escudo.

Não havia aço que resistisse à besta. Até teria sido capaz de fazer em pedaços aquela magia, se tivesse o tempo necessário para enfrentá-la, mas para que se incomodar? Havia outras vítimas. Podia cheirar o sangue quente. O dragão dirigiu um último olhar, curioso e malévolo a Haplo e desapareceu de sua vista.

— Mas retornará, sobretudo se provar o sabor da carne fresca — murmurou Haplo enquanto baixava as mãos. — O que posso fazer? Só pegar meu amiguinho e tirá-lo daqui. Meu trabalho neste reino já está terminado... ou quase.

Por fim, escutou algo, e o que captou foi o queo cão estava ouvindo. Franziu o cenho e esfregou a pele das mãos com gesto ausente. A julgar pelo estrondo, o dragão estava derrubando outra parte do castelo. Iridal e o menino ainda estavam vivos, mas não por muito tempo.

Haplo olhou para o sartan inconsciente.

— Poderia mantê-lo inconsciente durasse o tempo necessário para levá-lo ao meu amo, mas tenho uma ideia melhor. Agora sabe para onde vou. Vai descobrir o modo de encontrá-lo e virá até mim por sua própria vontade. Afinal, temos o mesmo objetivo: nós dois queremos descobrir o que aconteceu ao seu povo. Assim, velho inimigo, deixarei você aqui para que me cubra a retirada.

Ajoelhou ao lado de Alfred, agarrou-o pela roupa e lhe deu uma enérgica sacudida.

— Acorde, escória pusilânime.

Alfred piscou e se sentou, com ar confuso.

— Desmaiei, não é? Sinto muito. Não posso controlar...

— Não quero ouvir uma palavra mais sobre isso — interrompeu Haplo. —

Afugentei o dragão, mas a besta só foi procurar outra comida que não resistia.

— Você... salvou minha vida! — Alfred olhou para o patryn.

— A sua, não, a de Limbeck. Você só estava no meio.

Um agudo grito infantil de terror surgiu no ar. O uivo do dragão rachou as sólidas pedras.

Haplo apontou em direção ao dragão.

— O menino e sua mãe ainda estão vivos. É melhor que se apresse.

Alfred engoliu com esforço e o suor molhou sua face. Ficou em pé e, com mão trêmula, riscou um signo mágico sobre seu peito. Seu corpo começou a desaparecer.

— Adeus, sartan! — Exclamou Haplo. — Por enquanto! — virou-se para Limbeck e perguntou: — Você está bem? Pode andar?

— Meus... meus olhos! — O geg ergueu do chão uma perna torcida e passou os dedos por seus aros vazios.

— Não se preocupe — disse o patryn, ajudando-o a ficar em pé. — Creio que, de qualquer modo, não vai querer ver para onde vamos.

Haplo fez uma breve pausa para repassar tudo mentalmente.

Fomentar o caos no reino.

Sua mão coberta de runas se fechou com força sobre a de Limbeck. “Isso jáfiz, mestre. Agora transportarei o anão para Drevlin. Ali será o líder da revolta de seu povo, que lançará este mundo à guerra.”

“Traga-me alguém desse mundo que me sirva como discípulo. Alguém que depois retorne para ensinar a palavra, minha palavra, ao povo. Alguém que conduza às pessoas como ovelhas a meu redil. Deve ser alguém inteligente, ambicioso... e dócil.

Haplo, com seu sorriso calmo, chamou o cão com um assobio.

Iridal tinha domado dragões em sua infância, mas só algumas bestas dóceis que quase teriam obedecido suas ordens sem necessidade de feitiços. O dragão que tinha a sua frente naquele momento sempre a tinha aterrorizado, e a mulher desejou poder se refugiar no canto da segura e acolhedora cela onde tinha permanecido oculta, mas a prisão tinha desaparecido. Os muros tinham sido derrubados, a porta estava totalmente aberta e os barrotes tinham caído das janelas. Um vento gelado a atravessou e a luz era ofuscante para seus olhos acostumados às sombras.

O pecado da inação. E agora era muito tarde para ela e para o menino. A morte era sua única libertação.

Os rugidos do dragão troaram sobre ela e Iridal observou impassível como o teto se partia em dois. Pó e rochas caíram em torno dela como uma cascata. Um feroz olho chamejante olhou para os dois humanos; uma língua cintilante se lambeu de gula. A mulher continuou imóvel.

Muito tarde. Muito tarde.

Encolhido atrás de sua mãe, com o braço fechado com força em torno do pescoço do cão, Bane olhou a cena com os olhos arregalados. Depois de um primeiro grito de medo, tinha guardado silêncio, observando o que acontecia e esperando. O dragão ainda não podia alcançá-los. Não podia passar sua enorme cabeça pelo pequeno buraco que tinha aberto e se via forçado a derrubar novos blocos de pedra dos muros do castelo. Impulsionada pela raiva e pela ânsia do sangue que farejava, a besta se apressava a abrir

a brecha.

De repente, o cão virou a cabeça para a porta da sala e lançou um ganido.

Bane seguiu o olhar do cão e viu Haplo; este, da soleira, fazia gestos para que se aproximasse. Junto a Haplo estava Limbeck; o geg, quase às cegas entre o pó e os entulhos, contemplava tranqüilamente um horror que não conseguia ver.

O menino olhou para sua mãe. Iridal tinha os olhos fixos no dragão. Bane lhe puxou a saia.

— Temos que ir, mãe. Podemos nos ocultar em alguma parte. Eles nos ajudarão!

Iridal não mexeu a cabeça. Talvez nem sequer o ouviu.

O cão emitiu outro quixume e, puxando Bane pela túnica com os dentes, tratou de trazer o menino para a porta.

— Mãe! — insistiu com um grito.

— Vá, filho — respondeu ela. — Esconda-se em algum lugar. Sim, é uma boa ideia.

Bane a puxou pela mão.

— Mas... você não vem, mãe?

— Não me chame assim. Você não é meu filho. — Iridal olhou-o com uma calma estranha, irreal. — Quando nasceu, alguém trocou aos bebês. Vá, pequeno — era como se falasse com filho de outra. — Corra se esconder. Não deixarei que o dragão te faça mal.

O menino olhou para ela.

— Mãe! — exclamou de novo, mas ela lhe voltou as costas.

Bane levou a mão ao amuleto, mas não o encontrou. Em seguida recordou que o tinha tirado.

— Traga-o! — gritou Haplo.

O cão mordeu a camisa do menino e o puxou. Bane viu como o dragão introduzia uma de suas garras pelo buraco que tinha aberto no teto e a alargava para sua alcançar sua presa. Os muros de pedra caíram e se elevou uma nuvem de pó que ocultou Iridal.

A garra procurou a cálida carne cujo aroma sentia. Um olho aceso apareceu no buraco, procurando a sua presa. Iridal retrocedeu, mas não havia onde se esconder na câmara semidestruída e semeada de escombros. Estava presa em uma pequena zona sob o buraco do teto; quando o pó baixasse e a criatura voltasse a ver, poderia apanhá-la.

Tratou desesperadamente de concentrar-se na magia. Com os olhos fechados para evitar aquela visão terrível, deu forma em sua mente a rédeas e as jogou no pescoço do dragão.

Com um rugido, a enfurecida criatura afastou a cabeça. A resposta do dragão arrancou as rédeas da mão mental que as segurava e esteve perto de perturbar definitivamente a razão de Iridal. Uma garra atingiu seu braço e lhe abriu uma ferida.

O teto afundou, fragmentos de pedra a golpearam e a derrubaram ao chão. O dragão, com um alarido de triunfo, equilibrou-se sobre ela. Com um gemido, tossindo devido ao pó, Iridal se encolheu e afastou a vista da morte que lhe vinha em cima.

Aguardou quase com impaciência a dor aguda e lacerante das garras rasgando sua carne, mas em vez disso, notou uma mão suave que a segurava pelo braço.

— Não tenha medo, filha.

Iridal levantou a cabeça, incrédula. A sua frente estava o criado de Bane. Com os

ombros caídos, a calva coberta de pó de mármore e seus cabelos grisalhos ridiculamente em pé, o homem lhe dirigiu um sorriso tranquilizador e se virou para o dragão.

Lentamente, solene e garboso, Alfred começou a dançar.

Sua voz se elevou em uma cantilena aguda e tênue de acompanhamento. Suas mãos e pés riscaram signos invisíveis, sua voz lhes deu nomes e poder, sua mente os potencializou e seu corpo lhes deu vigor.

Da língua cintilante do dragão gotejava um ácido ardente. Desconcertada por um instante ao perceber a magia do homem e não saber do que se tratava, a besta retrocedeu para estudar a questão. Mas já o tinham detido uma vez com aquele truque; a ânsia de carne e a lembrança do que já tinha suportado à mãos do detestado feiticeiro o impulsivaram a lançar-se adiante. Maxilares abertas desceram pela abertura do teto e Iridal estremeceu de pavor, convencida de que o homem seria despedaçado.

— Fuja! — gritou-lhe.

Alfred elevou a cabeça e viu o perigo, mas se limitou a sorrir e assentir quase distraidamente, concentrado em sua magia. A dança aumentou de ritmo e a cantilena subiu um pouco de volume; nada mais.

O dragão titubeou. As mandíbulas não se fecharam, mas continuaram abertas acima de sua vítima. A besta inclinou ligeiramente a cabeça, ao compasso da voz de homen. E, de repente, os olhos do dragão se arregalaram e começaram a olhar a seu redor com ar de assombro.

A dança de Alfred ficou cada vez mais lenta e seu cântico se tornou inaudível. Aos poucos se deteve, fatigado e ofegante, e contemplou com fixamente o dragão. A besta não parecia perceber sua presença. Seus olhos, introduzidos pela brecha aberta no muro do castelo olhavam para algo que só eles podiam ver.

Alfred se virou para Iridal e se ajoelhou ao seu lado.

— Ele não fará mais nenhum mal — assegurou-lhe. — Está ferida?

— Não. — Sem afastar seu olhar do dragão, Iridal agarrou a mão de Alfred e a apertou com força. — O que você lhe fez? — perguntou.

— O dragão acredita que está de novo em seu lar, em sua antiga casa; um mundo que só ele pode recordar. Neste instante vê a terra abaixo, o céu acima, a água no centro e o fogo do sol dando vida a tudo isso.

— Quanto tempo durará o feitiço? Eternamente?

— Nada dura para sempre. Um dia, dois, um mês talvez. Em algum momento piscará e a ilusão desaparecerá e seus olhos só verão a destruição que causou. Talvez então apaziguem sua cólera e sua dor. Agora, ao menos, está em paz.

Iridal contemplou com respeito e temor o dragão, cuja enorme cabeça balançava para frente e para trás como se escutasse um arrulho tranquilizador.

— Você o prendeu em sua própria mente — murmurou.

— Exato — assentiu Alfred — é a prisão mais sólida que se pode construir.

— E eu estou livre — acrescentou ela com assombro. — E não é muito tarde. Ainda há esperança! Bane, meu filho! Bane!

Iridal correu para a porta onde tinha visto o menino pela última vez. A porta não estava lá. Os muros de sua prisão caíram, mas os entulhos impediavam seu caminho.

— Mãe! Sou seu filho! Sou...

Bane tentou chamá-la aos gritos uma vez mais, mas um soluço lhe encheu a garganta e lhe quebrou a voz. A mulher tinha desaparecido atrás do pó do

desmoronamento.

O cão, entre frenéticos latidos, dava círculos em torno dele mordiscando os seus tornozelos tentando afastá-lo do lugar. O dragão soltou um espantoso alarido e Bane, apavorado, virou-se para escapar. Caminhou até a porta, esteve a ponto de cair ao tropeçar no corpo de Sinistrad.

— Pai! — murmurou o menino, erguendo uma mão tremula. — Pai, sinto muito...

Os olhos sem vida o fitavam sem ver, sem responder.

Bane retrocedeu e tropeçou em Hugh, o assassino contratado para matá-lo e que tinha morrido para salvar-lhe a vida.

— Sinto muito! — soluçou. — Sinto mesmo! Não me deixe sozinho! Por favor! Não me deixem sozinho!

Mãos fortes, com signos mágicos tatuados em azul nas costas, agarraram Bane e o puxaram dentre os escombros. Depois de cruzar a soleira, Haplo depositou o menino, assustado e confuso, junto a Limbeck.

— Fiquem ao meu lado os dois — ordenou o patryn.

Levantou os braços e cruzou os punhos. Runas flamejantes começaram a queimar no ar. Apareciam uma atrás da outra, tocando-se, mas sem sobrepor-se em nenhum momento. Os signos mágicos formaram um círculo de chamas que rodeava por completo ao trio e os cegava com seu resplendor, mas não os queimava.

— Cão, aqui! — Haplo lançou um assobio. O cão, sorrindo, saltou com agilidade o círculo de chamas e se postou ao lado de seu amo. — Vamos voltar para casa.

EPILOGO



E assim, Senhor do Elo, essa foi a última vez que vi o sartan. Sei que está aborrecido, talvez até zangado, porque não o trouxe comigo, mas eu estava certo de que Alfred não me permitiria nunca trazer o menino e o geg. E, como ele mesmo disse, não podia me arriscar a um enfrentamento. Pareceu-me uma esplêndida ironia que fosse ele quem devesse cobrir minha retirada. Alfred virá a nós por vontade própria, senhor. Não pode evitar, agora que sabe que a Porta da Morte pode ser aberta.

Sim, meu senhor, tem razão. O sartan tem outro estímulo: encontrar o menino. Alfred sabe que o trouxe e, antes de abandonar Drevlin, chegou a notícia de que o sartan e a mãe do menino, Iridal, haviam se aliado para procurar Bane.

Quanto a este, acredito que o agradecerá, senhor. Tem muitas possibilidades. É obvio, está afetado pelo que aconteceu no castelo: a morte de seu pai, o terror do dragão... Tudo isso o tornou desconfiado, de modo que deve ter paciência com ele se o encontrar calado e deprimido. É um menino inteligente e logo aprenderá a honrá-lo, meu amo, como todos nós fazemos.

E agora, para terminar minha história direi que, ao abandonar o castelo, levei o menino e o geg até a nave elfa. Ali descobrimos que o capitão elfo e sua tripulação eram prisioneiros dos misteriarcas. Fiz um trato com Bothar'o: em troca de sua liberdade, ele nos levaria a Drevlin. Uma vez na terra dos gegs, cederia sua nave.

Bothar'o não tinha outra opção além de aceitar. Ou aceitava meus termos ou encontrava a morte nas mãos dos misteriarcas, que são poderosos e estão desesperados para escapar de seu reino agonizante. É obvio, fui obrigado a utilizar a magia para nos libertar, pois sem ela não poderíamos enfrentar com êxito os feiticeiros. De qualquer modo, consegui fazer meus feitiços sem que os elfos me vissem, assim não sabem nada das runas. Na realidade, agora acreditam que sou um desses misteriarcas.

Hugh, o assassino, tinha razão ao julgar os elfos, meu senhor. Descobrirá que são gente de honra, como também são os humanos a sua curiosa maneira. Cumprindo a palavra empenhada, Bothar'o nos conduziu ao Reino Inferior. O geg, Limbeck, foi recebido por seu povo como um herói e é agora seu novo supervisor chefe. Seu primeiro ato como tal foi lançar um ataque contra uma nave elfa que pretendia atracar para carregar água. "Ajudaram-no nesta ação o capitão Bothar'o e sua tripulação". Uma força combinada de elfos e anões abordou a nave e, entoando essa estranha canção da qual

falei, consegui derrotar todos os elfos que estavam nela. Antes de partir, Bothar'ô me disse que pretendia levar a nave a esse tal príncipe Reesh'ahn, o líder da rebelião. Espera formar uma aliança entre os elfos rebeldes e os anões contra o império de Tribos. Há rumores que o rei Stephen, do conglomerado de Ulyndia, se unirá a eles.

Seja qual for o resultado, a guerra agita o mundo de Ariano, meu senhor. O caminho para sua chegada está preparado. Quando entrar no Reino do Ar, as pessoas cansadas de guerra o verão como um salvador.

Quanto a Limbeck, como eu havia previsto, transformou-se em um líder poderoso. Graças a ele, os anões descobriram de novo a dignidade, o valor e o espírito combativo. É um dirigente desumano, decidido, que não tem medo de nada. Seu idealismo sonhador se quebrou junto com seus óculos e agora vê tudo com mais nitidez que nunca. Temo que perdeu uma noiva, mas Jarre esteve um tempo a sós com o sartan, de modo que quem sabe que estranhas ideias este lhe colocou na cabeça.

Como pode imaginar, meu amo, levei certo tempo preparar a nave elfa para a viagem até a Porta da Morte. Transporteí a nave e Bane aos Degraus de Terrel Fen, perto de onde meu próprio veículo caiu, para poder trabalhar sem ser incomodado. Enquanto realizava as modificações necessárias — utilizando a ajuda da Máquina Viva, — soube da sorte do sartan e da mãe do menino, e da busca que tinham empreendido. Já tinham chegado até Drevlin, mas por sorte, já estava a ponto de zarpar.

Coloquei ao menino em uma profunda letargia e empreendi a viagem através da Porta da Morte. Desta vez conhecia os perigos que enfrentaria e estava preparado para eles. A nave só sofreu alguns danos sem importância e posso tê-la reparada e pronta a tempo para a próxima viagem. Quer dizer, meu senhor, se considerar que ganhei o direito a ser enviado em outra missão.

Obrigado, meu amo. Seus elogios são minha maior recompensa. E agora serei eu quem propõe um brinde. Isto é vinho de buá, presente do capitão Bothar'ô. Acredito que achará seu sabor muito interessante, e me pareceu adequado que bebêssemos pelo êxito de nossa próxima missão que poderíamos chamar de sangue de Ariano.

Pela Porta da Morte, meu senhor, e por nosso próximo destino: o Reino do Fogo.

APÊNDICE



A MAGIA NOS MUNDOS SEPARADOS, EXTRATO DAS MEDITAÇÕES DE UM SARTAN

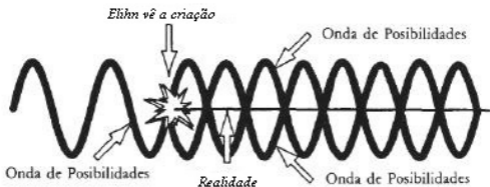
A magia é um trovão que se escuta em cada um dos Mundos Separados. Seu poder ressoa através dos alicerces de toda a Existência. É o eco do próprio raio da criação. Em sua voz se ouve a promessa da vida e da morte. É um poder a cobiçar e a temer.

Os teóricos nos dizem que a magia extrai seu poder da criação original do Omniverso. No princípio, Elihn, deus em Um, estendeu sua mão no Caos. Este movimento da mão ordenou o caos em infinitas possibilidades de criação. Este movimento foi a primeira Ordem no Caos e é denominado a Primeira Onda ou, com mais frequência, simplesmente a Prima.

Elihn viu na Prima a criação do etéreo e do físico, e a visão criou ambos. Na criação do espiritual e do físico, a Prima se dividiu em dois jogos de ondas, cada uma delas infinita em suas possibilidades. As duas ondas se curvaram afastando-se uma de outra e voltando a encontrar-se, cruzando-se. E, onde o fizeram, criaram o tempo e o espaço. Assim, a partir das forças de todas as possibilidades, teceu-se a Realidade.

Satisfeito e maravilhado, Elihn voltou a dirigir seu olhar para as ondas. No etéreo viu a criação do Ar e do Fogo; no físico viu a Água e a Pedra... e a visão do Único os criou. De novo, em sua criação, as ondas de possibilidades do etéreo e do físico se dividiram respectivamente em quatro novas ondas, cada uma com infinitas possibilidades de nova criação. Outra vez, Elihn tecu juntas estas novas possibilidades. Na intercessão das ondas nasceram a Vida, a Morte, o Poder e a Mente.

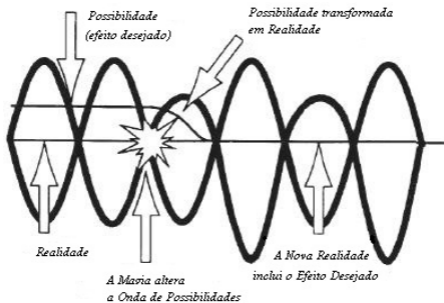
Quanto mais Elihn olhava a onda de Realidade, mais possibilidades passavam a existir. Estrelas, mundos, vida — em resumo, toda a criação — foram tecidas, pois, dentre infinitas possibilidades. Assim foi no princípio e assim continua sendo hoje.



A realidade é, simplesmente, a manifestação de ondas de possibilidade que se cruzam. É uma vasta e quase incompreensível onda de tangibilidade física em meio de um sem número de possibilidades infinitas. A ciência, a tecnologia e a biologia utilizam todas elas para urdirem a realidade.

A magia, por sua vez, age voltando a tecer essa tela da realidade. O feiticeiro começa concentrando-se mais na onda de possibilidades que na própria realidade. Através da aprendizagem e de seus poderes, procura entre as incontáveis ondas de possibilidades até encontrar a parte da onda onde se cumpriria a realidade que deseja. Então, o feiticeiro cria uma onda de possibilidade para modificar a onda existente, de modo que o que antes era só possível passe a fazer parte do que é real. Deste modo, o feiticeiro incorpora seu desejo à malha da existência.

Por exemplo, um feiticeiro enfrenta em um campo de batalha um grande cavaleiro. O mago, armado só com suas roupas, está a mercê do cavaleiro mais poderoso e protegido por sua armadura. Entretanto, o mago conhece seus protetores em algumas das incontáveis ondas de possibilidades. O feiticeiro produz uma onda de possibilidades mediante seus movimentos, pensamentos, palavras, signos e outros recursos. A magia altera a onda de possibilidades de modo que o que antes era a possibilidade de um escudo mágico fique real na trama da realidade. A nova realidade inclui o efeito desejado e, deste modo, o escudo mágico passa a proteger o bruxo.

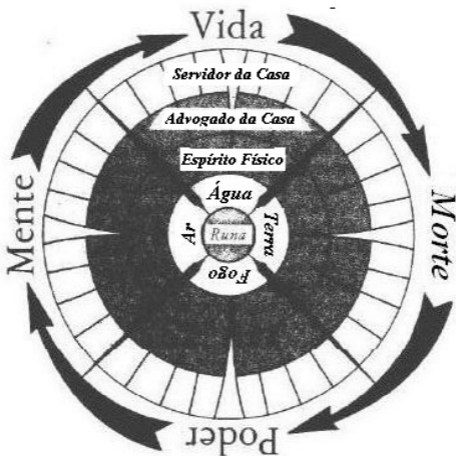


Embora para um observador externo o escudo protetor pareça surgir do nada em torno do feitiço, seria mais exato dizer que a possibilidade de tal escudo foi incorporada à realidade dentre as infinitas possibilidades da Onda Total.

Para utilizar a magia, alguém deve ser capaz de encontrar e tecer em alguma medida a porção adequada da Onda Total. Isto fica longe da onipotência e da onisciência, até para aqueles que vêm uma grande porção da Onda. A capacidade de atuar nas disciplinas mágicas não explica a razão da existência da magia, nem suas origens. Essa capacidade de ação não explica a razão da existência. Assim como o conhecimento de que uma rocha cairá se a soltamos no ar não nos diz por que existe a gravidade nem que inteligência estabeleceu tal ordem a partir do caos, o mesmo acontece com a magia.

Só os sardan e os patryn compreenderam a magia em toda sua complexidade. Tendo visto a magia do centro da Onda Total, dominamos essa arte em sua forma mais elementar e poderosa. Ninguém mais viu tanto da Onda Total como nossos dois povos.

As relações fundamentais da magia se observam neste relato. Quanto mais perto do centro está a magia, maior é seu poder. A magia das runas, a mais fundamental e concentrada de todas as magias, é portanto a mais poderosa e consegue os efeitos de maior alcance.



Cada grande nível de compreensão é denominado uma Casa. Estas casas devem entender-se como a quantidade da Onda Total que percebe o usuário de tal nível de magia. Quanto mais próxima do centro está a Casa, mais longe seu usuário pode perceber e utilizar a Primeira Onda.

A maior de todas as forças é a magia da Runa da Casa, que combina as ondas da Vida, o Poder, a Mente e a Morte para proporcionar uma compreensão da trama central da realidade e uma clara imagem das infinitas possibilidades da Onda Total. Entre aqueles que dominam a magia das runas se diz que alcançaram o Nono Poder, ou Último Poder. O conhecimento e a potência das Disciplinas Rúnicas estão diretamente vinculados aos signos mágicos ou runas que se utilizam na realização de tais feitiços. Entretanto, com a Separação do Tempo, só nós (os sartan) e os patryn (se ainda existir algum) possuímos o conhecimento da magia das runas.

A magia unificada da Runa da Casa se divide, pois, nas quatro Casas Menores: o Firmamento (Ar), o Sol (Fogo), a Fonte (Água) e a Escuridão (Terra). Em conjunto, são conhecidas como os Poderes Soberanos. Estes Poderes Soberanos representam o Oitavo Poder e só os supera em poder a magia das runas. Cada um dos Poderes Soberanos se divide por sua vez, igualmente, em Poderes Espirituais e Poderes Físicos. Os Poderes Espirituais tendem à manipulação mental e emocional do mundo que rodeia

ao mago. Os Poderes Físicos tendem a utilizar os objetos físicos do mundo que rodeia o feitiçeiro.

Tanto os Poderes Espirituais como os Poderes Físicos se dividem nas Disciplinas Maiores e Menores de cada Casa. As Disciplinas Maiores são conhecidas como o Advogado da Casa, enquanto que as Disciplinas Menores recebem o apelativo do Servidor da Casa. O Advogado da Casa vai do Quinto ao Sétimo Poderes, enquanto que o Servidor da Casa abrange do Primeiro ao Quarto Poderes. Os termos “maiores” e “menores” são um tanto enganosos, por que as Disciplinas Menores constituem a magia de efeitos mais amplos e a mais utilizada. As Disciplinas Maiores, embora mais poderosas, também tendem a ser mais especializadas.

Depois da Separação do Tempo, os patryn desapareceram e os sartan guardaram zelosamente a magia das runas, impedindo sua difusão entre os mortais. Isto provocou o desaparecimento de qualquer magia superior ao Sétimo Poder nos reinos tal como estão agora constituídos. A magia das runas é hoje desconhecida para todos os povos mortais de qualquer um dos reinos. E continua sendo um segredo minuciosamente protegido.

A MAGIA DAS RUNAS

A magia das runas é a manifestação mais poderosa de todas as magias presentes nos reinos. A magia das runas usa todos os elementos dos Poderes Soberanos em um único conjunto mágico. Como tal, está em contato com a malha de toda a criação. Foi esta magia das runas o instrumento para a Separação da criação unificada em suas partes atuais.

A chave da magia das runas (ou magia rúnica) é que a onda harmônica que tece uma possibilidade na existência real deve ser criada com a máxima simultaneidade possível. Isto significa que os diversos movimentos, signos, palavras, pensamentos e elementos que participam da elaboração da onda harmônica devem ser executados simultaneamente. Quanto mais simultaneamente se estrutura a onda harmônica, mais equilíbrio e harmonia se conseguem na onda e mais potente é a magia.

É bastante semelhante à diferença entre lançar uma bola de guerra ^[25] direta e outra com efeito de rotação. Um aro que se lança reto chega mais longe que um em rotação.

Para conseguir esta simultaneidade, tanto os sartan como os patryn desenvolveram linguagens mágicas e estruturas que abrigassem a sua magia. Esta linguagem, utilizada só para a magia, é diferente de todos os meios empregados em qualquer um dos reinos. Uma segunda linguagem mais tradicional se utiliza para a comunicação normal por ambas as raças. A linguagem das runas, mais que falada (embora a expressão oral é um de seus elementos), é realizada com gestos.

O elemento comum a ambas as linguagens é sua simultaneidade. Os idiomas tradicionais têm uma estrutura sequencial que segue pautas lineares ao longo de um único canal. Quando alguém lê um texto, lê uma letra após outra, uma palavra após outra, uma frase a seguir da anterior, até obter o sentido completo do texto. Isto

significa que se está assimilando a mensagem através de um único canal ou fonte de experiência em cada momento. Ao contrário, os espectadores de uma peça teatral assimilam a mensagem por vários canais de uma única vez (as palavras faladas, os gestos e atitudes do ator, a iluminação do cenário). As pessoas também podem receber de uma vez múltiplas mensagens por um único canal (ver o ator, a cadeira deste e a cortina de fundo do cenário, tudo ao mesmo tempo). Todas as mensagens da obra incidem sobre o público simultaneamente. Por esta razão se diz que a peça de teatro possui simultaneidade em sua comunicação de ideias.

A complexidade, o equilíbrio e a harmonia da magia requer a perfeição na comunicação simultânea das ondas harmônicas do bruxo. Normalmente, isto se obtém mediante a realização da magia através das palavras, tons, gestos e movimentos do feiticeiro. Na magia rúnica, a simultaneidade se vincula ao conceito de uma linguagem escrita não linear.

As linguagens rúnicas evoluíram em dois ramos distintos seguindo o padrão das culturas sartan e patryn. Ambas se apoiam nos princípios rúnicos do universo, mas a estrutura e os métodos de cada uma são muito distintas.

A MAGIA RÚNICA DOS SARTAN

Os sartan utilizam uma estrutura hexagonal que geralmente se transmite através de seis canais de comunicação ao mesmo tempo. Isto implica o uso de runas que, ou são desenhadas no objeto, ou se criam no ar mediante a arte da atuação. Neste último caso, o feiticeiro que realiza o encantamento está limitado a três canais que são o som (auditivo com harmônicos complexos), a forma (gestos e posições de dança) e a mente (projeções telepáticas). O uso simultâneo de runas estruturadas (signos mágicos representados em objetos como fortificações, varinhas, anéis, roupas ou qualquer outro adequadamente disposto) pode comunicar os três elementos restantes do modelo.

Todas as estruturas rúnicas dos sartan estão construídas em um modelo hexagonal procedente da Runa Fonte, ou Raiz. Esta runa é a origem da magia que se utiliza e o ponto de que surge toda a estrutura mágica. A Runa Fonte determina a energia da estrutura do feitiço. Na magia rúnica, esta Runa Fonte pode ser de qualquer tipo e proceder de qualquer das Casas da magia. Por isso, nos feitiços complexos, é fundamental que alguém identifique em sua leitura qual das runas está a Runa Fonte. Dois encantamentos distintos que empreguem runas idênticas em posições idênticas podem ter efeitos muito diferentes se tiverem Runas Fonte distintas.

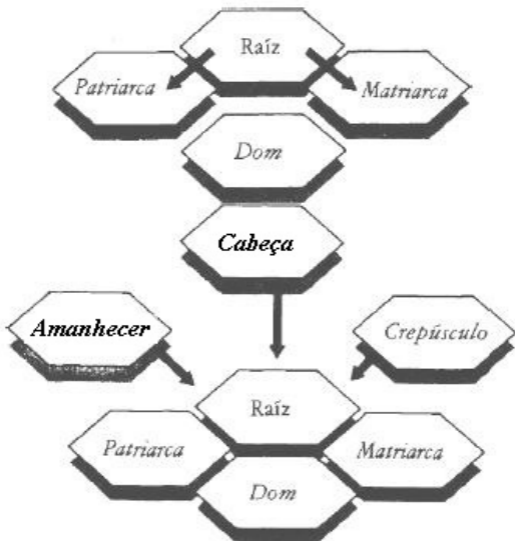
ESTRUTURAS RADICAIS

As estruturas radicais contribuem o poder da magia ao complexo de um feitiço rúnico. Estas estruturas começam na própria Raiz, uma runa indica se a fonte da magia procede do Poder, da Mente, da Vida ou da Morte.

Esta Runa Raiz — ou Runa Fonte, como é denominada na maioria das vezes, —

está flanqueada abaixo e à esquerda por seu Patriarca (a runa precedente como se observa na ilustração). Abaixo e à direita, flanqueia-a sua Matriarca (a runa que segue o Patriarca nessa raiz). Estes dois sustentam a raiz e proporcionam uma direção e um propósito ao poder que transborda das runas que tem abaixo.

Exatamente abaixo da Raiz está o Dom, ou Amo. A parte superior do Dom toca a linha inferior da Raiz e toca tanto o Patriarca como a Matriarca. Esta runa determina se a natureza do poder que se invoca será de natureza Espiritual ou Física, e completa a Estrutura Radical. Quase sempre, pela parte inferior do Dom se conectam a estas novas runas para definir melhor e ampliar o poder da magia que se emprega.



A Runa Fonte está flanqueada em sua parte superior esquerda pelo Amanhecer, e no lado superior direito pelo Crepúsculo. Estas runas determinam a amplitude (a energia) e o vetor (a direção) a que se aplicará a onda harmônica no complexo onde se

encontra a Estrutura Radical.

Entre as runas do Amanhecer e do Crepúsculo, está a Cabeça que completa a estrutura radical. A Cabeça é parte de outro complexo de runas que transporta os elementos da estrutura radical ao harmônico geral da magia cuja existência se invoca.



A RUNA FONTE, CENTRO DE MAGIA

Eis aqui, como exemplo, uma estrutura rúnica muito simples.

Não existe indicação da Runa Fonte. Qual escolher então? Por onde começar? Vejamos duas possíveis interpretações desta estrutura rúnica.



*Possível runa mágica.
Interpretação que sugere a
cura de um dano físico
na mente*

*Runa Fonte
Centro da Magia*



*Segunda possível runa mágica.
Interpretação que sugere um sutil
ataque físico dirigido a pontos específicos*

*Runa Fonte
Centro de Magia*

A Runa Fonte é, ao mesmo tempo, o centro do conceito mágico que se cria ao efetuar o feitiço e o ponto de perspectiva essencial do qual se lê e se compreende a magia rúnica. Para a adequada leitura das runas é fundamental que a Runa Fonte seja reconhecida e localizada na estrutura. Estruturas rúnicas semelhantes têm sentidos completamente diferentes quando se escolhem Runas Fontes diferentes.

Este é o grande segredo da magia rúnica. Só conhecem a localização da Runa Fonte quem a aprende de seu autor. Grande parte da preparação de um feitiço consiste em aprender a determinar a Runa Fonte, assim como na simples memorização da localização de tais runas. Sem um sartan que indique a situação destas Runas Fontes, as chances de compreender nossos escritos mágicos são mínimas.

A MAGIA RÚNICA DOS PATRYN

Pouco se conhece da magia dos patryn, exceto aquilo que pode servir para identificá-los. Podem ser reconhecidos por suas runas mágicas se entrarem nos Reinos Separados. Ninguém, exceto os próprios patryn, sabe algo mais.

Assim como a magia dos sartan, a magia rúnica dos patryn procura também o equilíbrio perfeito na onda harmônica. Entretanto, não encontra seu equilíbrio através da simetria de estrutura. A magia rúnica dos patryn procura o equilíbrio na oposição de pesos.

Para formar o esquema de sua magia, os patryn utilizam uma série de octógonos e quadrados interconectados. Os octógonos formam a Fonte, o Curso e o Destino da magia patryn. Os quadrados formam a Bifurcação, a União e a Cascata da magia. As combinações destes elementos criam a magia através de oito canais simultâneos de pensamento.

Como acontece na magia sartan, a Runa Fonte é fundamental para a compreensão e o emprego desta magia.

A magia patryn utiliza substruções, uma espécie de runas dentro de outras runas. As runas formadas com outras runas imitam então os conceitos da Raiz, o Tronco e outras estruturas que se encontram na magia sartan, de uma maneira muito mais concisa. Não obstante, sua natureza é um tanto instável e seu uso, salvo que se mantenha um escrupuloso equilíbrio, pode levar a uma grande diminuição no efeito desejado.

A MAGIA POR REINO

A Runa da Casa funciona da mesma maneira em todos os Reinos. Cada reino, entretanto, especializa-se em uma magia concreta dos Poderes Soberanos. Normalmente, isto é uma amostra da divisão geral da magia que se realizou na Separação dos Reinos. A magia da Casa Firmamento, por exemplo, seria a magia principal que governa os reinos do Ar, enquanto que a Casa Vida regeria principalmente nos reinos da Água. Aqui só trataremos a magia da Casa Vida (a de Ariano).

A DAMA DO FIRMAMENTO (DISCIPLINAS DOS PODERES FÍSICOS)

A Dama da Casa Firmamento (Poderes Físicos/Domínio do Transporte e o Movimento) está atualmente sob o controle dos elfos kenkari do império de Tribos. Estas criaturas de cabelos brancos, altas e magras, formaram o império de Tribos no continente de Aristagon. subjugaram todo seu continente a base de conquistas e estão liberando guerras de expansão em outras terras. Sua poderosa magia é de natureza física e requer o uso de objetos para canalizar, conter e dirigir seus poderes mágicos. Apesar de sua Casa, carecem de poderes telepáticos embora manifestem capacidades telecinéticas através de sua magia.

Um dos poderes dos elfos kenkari é a capacidade de integrar complexas mensagens em canções. Isto é uma evocação das linguagens rúnicas perdidas e uma aplicação prática de outras linguagens mágicas mais conhecidas, que criam feitiços mais fracos (desequilibrados) nas magias dos Poderes Soberanos e inferiores. O risco destas é que qualquer um pode entoar a canção. Os humanos podem se sentir levemente inspirados por estas canções mas, aos elfos, esta música lhes comunica profundos e intensos sentimentos e mensagens. Para conseguir a comunicação plena, a mensagem da canção desperta lembranças genéticas comuns entre os elfos que os humanos não possuem.

Estas disciplinas utilizam dois canais para comunicar a estrutura de sua magia: um verbal/tonal (pronunciando a magia em harmônicos audíveis) e outro somático (gestos físicos que se fundem com os harmônicos). Se um feiticheiro elfo não puder falar ou mover-se com liberdade, sua magia será fraca.

SENHOR DO FIRMAMENTO (DISCIPLINAS DOS PODERES ESPIRITUAIS)

Os humanos vondekar conhecem sua magia como “Vond” — a Luz — e, mais formalmente, como “Vondreth”, o Poder Outorgado. Seus adeptos são conhecidos como os kyr-Vondreth (“Os que vêem a Luz”), embora quando alguém se dirige a eles costume lhes dar o tratamento do Vokar (homem Luz) ou kyr (Vidente). Há humanos mais adeptos que outros ao Vond, cujas faculdades parecem distribuir-se aleatoriamente entre sua gente.

A magia Vondreth é de natureza principalmente espiritual e obtém suas faculdades da manipulação da natureza e do espírito natural. A Vondreth pode afetar os animais naturais e invocar os elementos atmosféricos em sua ajuda. Seus conhecedores podem comunicar-se e manipular os animais (é assim que dominam os dragões). Embora tenham a capacidade para elaborar uma magia que permitiria a telepatia, as complexidades de tal magia a tempos se apagaram de sua compreensão.

Os Vokar não têm escolas formais; os ensinamentos passam de professor para

aprendiz. Os Vokar foram agressivos em sua magia da ameaça de dominação por parte dos elfos kenkari, e estão acostumados a invocar pragas naturais (epidemias, ratos voadores, furacões, relâmpagos e etc) durante o combate. Os Vokar vivem dependentes do momento presente, e gozam a vida e de seus prazeres.

Os kyr são muito diferentes de seus irmãos Vokar. Esta ordem, muito disciplinada, ocupa-se sobretudo da morte. Consideram a vida como um castigo que devem cumprir para conseguir sua recompensa final no Hvani (paraíso). Desenvolveram faculdades mágicas de telepatia, mas consideram um pecado sentir alegria e felicidade. Também desenvolveram uma magia natural de transporte que os ajuda em seu trabalho de recolher os mortos, assim como proteções contra os venenos e as enfermidades.

Esta magia utiliza dois canais para comunicar sua estrutura: gestos somáticos e projeções mentais do conceito. Nela não é necessário falar para realizar um feitiço. Esta característica lhe valeu o nome de “Morte Silenciosa” entre os elfos, que aprenderam em sua própria pele quão eficaz pode ser em combate uma magia que não precisa ser expressada. Um kyr imobilizado se vê debilitado em sua magia, mas pode elaborar um mínimo de construções mentais que lhe sirvam para escapar.

[1] Em estado selvagem, estas enormes aves são uma das presas favoritas dos dragões. Os térios possuem asas grandes e cobertas de suave plumagem que não lhes são de quase nenhuma utilidade. Em compensação, podem deslocar-se a extraordinária velocidade sobre suas poderosas patas. Constituem excelentes animais de carga e são muito utilizados como tais nas terras dos humanos. Os elfos consideram o tiero um ser repulsivo e sujo. (N. do A.)

[2] O barl é a principal medida de mudança, tanto nas terras dos humanos como nas dos elfos. Seu padrão é o tradicional barril de água. Uma troca equivalente a um barril de água vale um barl. (N. do A.)

[3] Todas as ilhas flutuantes do Reino do Céu são compostas de coralita. Este material, formado pelas excreções de uma pequena criatura inofensiva parecida com uma serpente e denominada verme de coral, tem um aspecto esponjoso. Quando endurece, é sólido como o granito, embora não possa ser talhado nem polido. A coralita se forma muito depressa e os edifícios feitos com este material, ao invés de serem construídos, crescem. Os vermes de coral despedem também um gás mais leve que o ar. Este gás mantém as ilhas suspensas no céu, mas pode causar uma moléstia quando se pretende construir um edifício, por isso é necessário recorrer às artes dos magos de terra da primeira casa para eliminá-lo. Em algumas ocasiões é descoberto algum depósito de ferro e de outros minerais encravado na coralita. Desconhece-se como apareceram, mas se supõe que são consequência de um fenómeno acontecido durante a Separação dos Mundos. (N. do A.)

[4] Termo de navegação empregado como patrão em Tribos. O centro de todas as referências é o Palácio Imperial de Tribos, em relação ao qual se medem todas as distâncias e posições para a navegação no Reino Médio desde os primeiros tempos, quando as raças conviviam em paz. Um rydai negativo expressa um movimento de aproximação para a localização presente de Tribos, enquanto que um rydai positivo indica um movimento na direção contrária. (N. do A.)

[5] O esterego é um cogumelo que cresce na ilha Tytan. Os humanos dessa terra utilizam desde a antiguidade o esterego amassado como bálsamo curativo. Durante a Primeira Expansão, os exploradores elfos perceberam que, por seu sabor intenso e combustão lenta, era muito superior ao seu tabaco favorito, e menos trabalhoso de cultivar. Transportaram o cogumelo para suas plantações mas, ao que parece, existe algo especial em Tytan, e nenhuma outra variedade pode igualar o original em aroma e sabor. (N. do A.)

[6] No Reino Inferior, nas ilhas que se encontram no centro da tormenta perpétua conhecida por Torvelinho, existe abundância de água. Entretanto, ainda não se encontrou um dragão capaz de voar no Torvelinho. Os elfos, com suas naves dragão, conseguem sulcar a rota agitada pela grande tormenta e, em consequência, mantêm um monopólio quase absoluto sobre a água. Os preços a que a vendem (quando concordam a comercializar) são exorbitantes. Por isso, as abordagens às naves de transporte élficas e os ataques a seus portos de

armazenamento não só são economicamente lucrativos para os humanos, mas são também verdadeira questão de vida ou morte. (N. do A.)

[7] O menka (ou, mais exatamente, o menkarias rydai) é a unidade de longitude entre os elfos. Em sua origem, definia-se como “a altura de mil caçadores elfos”. Modernamente, a medida se normalizou determinando que os caçadores elfos medem nove palmos de altura, com o qual o menka fica estabelecido em nove mil palmos. Isto provocou consideráveis confusões entre as raças, dado que os palmos élficos são ligeiramente menores que os humanos. (N. do A.)

[8] As mulheres geg só usavam saias (sua roupa tradicional) em ocasiões especiais, e unicamente quando as seções móveis da Máquina Viva estão a considerável distancia. O resto de sua vida, as gegs vestem calças largas, ajustadas por cintas de cores brilhantes. (N. do A.)

[9] A escassez de água no Reino Médio faz com que grande parte da água empregada seja extraída dos vegetais. Os cultivadores de água se ocupam de cuidar das plantas aquíferas; os coletores de água são os encarregados de extrair o líquido. (N. do A.)

[10] Contracurso, procurso, kiracurso, e kanacurso são termos utilizados na ilha para indicar direções. “Curso” se refere ao curso médio do Conglomerado, ou trajetória que segue um conglomerado em sua órbita através do ar. Avançar prócurso é viajar na mesma direção; “contracurso” indica a direção oposta. Kiracurso e kanacurso fazem referência a movimentos em ângulo reto em relação à trajetória do conglomerado. (N. do A.)

[11] Trata-se de uma explicação um tanto tosca da linguagem rúnica dos patryn, capazes de produzir uma ampla gama de efeitos mágicos combinando os signos cabalísticos entre si. (N. do A.)

[12] Os patryn do labirinto medem o tempo em “portas”. Provavelmente, este padrão data dos primeiros dias de seu encarceramento, quando a idade de uma pessoa era determinada pelo número de portas que tinha atravessado, sendo este trânsito o símbolo mais importante de sua sociedade. Quando o Senhor do Elo retornou finalmente ao Labirinto para recuperar parte do controle sobre ele com sua magia, estabeleceu um sistema normalizado de medição do tempo (apoiado nos ciclos regulares do sol no Elo) ao que se aplica hoje o termo “porta”. (N. do A.)

[13] Termo élfico para eles mesmos. (N. do A.)

[14] As árvores epsol crescem nos bosques de Aristagon e de várias ilhas de Tribos e podem alcançar mais de quatrocentos e cinquenta palmos de altura. São parecidos com os hargast e pertencem à classe dos vegetais metálico-orgânicos, que absorvem os minerais naturais do solo e utilizam um processo termoquímico para seu crescimento. Diferenciam-se deles, entretanto, porque são flexíveis e

seus troncos crescem retos e redondos, com um núcleo oco. Isto os torna ideais para a construção de aeronaves. (N. do A.)

[15] *Um bebida quente preparada fervendo em água por cerca de meia hora a casca de certo arbusto chamado ferben. Para os elfos, a bebida tem um ligeiro efeito narcótico e atua como sedativo; em compensação, para os humanos e anões proporciona uma sensação de tranquilidade e relaxamento. (N. do A.)*

[16] *Em harmonia com os elementos. (N. do A.)*

[17] *Algumas opiniões consideram que a ordem dos monges kir surgiu entre os humanos como uma forma corrupta das Sombras Élficas. Os monges kir constituem uma organização fechada e secreta, por isso se negam a falar de suas origens. A lenda, por sua parte, diz que a organização foi fundada por um grupo de magos humanos que se propunha a descobrir o segredo da captura de almas. Os magos não conseguiram seu propósito, mas a ordem que fundaram se manteve. Permitiu-se o acesso a ela aos humanos normais — que não possuem faculdades mágicas — e, com o passar do tempo, os monges passaram da intenção de burlar à morte, a lhe render adoração. (N. do A.)*

[18] *A cada mês todo o lixo e entulho acumulados pelos elfos são transportados até o porto por carretas puxadas por tieros. Uma vez ali, são levados para bordo da nave e enviados como recompensa aos fiéis e resignados gegas, sem os quais o Reino Médio não sobreviveria muito tempo. (N. do A.)*

[19] *Conhecido entre os humanos como gaita. (N. do A.)*

[20] *Difíceis de encontrar os genkos são animais de grande tamanho, muito apreciados por seus dentes. Dado seu escasso número, estão protegidos da caça por uma lei elfa. Os grenkos trocam os dentes a cada ano e as peças descartadas ficam caídas pelo chão da toca do animal. A dificuldade de obtê-las reside no fato que o grenko só abandona a toca — geralmente uma cova — uma vez ao ano para se acasalar, e costuma retornar no prazo de um dia. Dotado de uma grande inteligência e um agudo sentido do olfato, o grenko ataca imediatamente qualquer ser que encontre em sua cova. (N. do A.)*

[21] *Os sufixos acrescentados a um nome próprio indicam a patente. O nome de um capitão termina “o”. Um tenente termina em “in”. Um príncipe, como o príncipe Reesh, acrescenta a seu nome o sufixo “ahn”. (N. do A.)*

[22] *Uma caixa de ferro que contém brasas mágicas, utilizadas para proporcionar luz e calor. (N. do A.)*

[23] *Uma fruta especialmente apreciada pelos humanos. Com casca púrpura e polpa rosada quase embriagadoramente doce. Os paladares mais refinados consideram que não há nada comparável a sutil mescla de sabores quando pele e polpa são consumidas ao mesmo tempo. O vinho elaborado com esta fruta é muito cobiçado pelos elfos, que se recusam a comer o buá natural. (N. do A.)*

[24] *Palavra utilizada pelos patryn e pelos sartan para se referir aos menos*

dotados de poderes, e que aplicam para elfos, humanos e anões. (N. do A.)

1251 *A bola de guerra é um jogo popularizado em tempos antigos e que se joga de várias formas em todos os reinos. As bolas de guerra podem ser cilíndricas e oblongas; geralmente, quando são lançadas, são lastreadas e equilibradas para conseguir o melhor vôo aerodinâmico. (N. do A.)*